

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
CIÊNCIA POLÍTICA**

**THAIS JOI MARTINS**

**DESEJO, NECESSIDADE E REALIDADE: OS MARCADORES CULTURAIS E  
ECONÔMICOS E SUAS IMPLICAÇÕES OCUPACIONAIS PARA O GRUPO  
PROFISSIONAL DE ENGENHEIROS DE PRODUÇÃO NO BRASIL**

**SÃO CARLOS**

**2015**

**THAIS JOI MARTINS**

**DESEJO, NECESSIDADE E REALIDADE: OS MARCADORES CULTURAIS E  
ECONÔMICOS E SUAS IMPLICAÇÕES OCUPACIONAIS PARA O GRUPO  
PROFISSIONAL DE ENGENHEIROS DE PRODUÇÃO NO BRASIL**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Ciência política.**

**Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Donadone**

**SÃO CARLOS**

**2015**

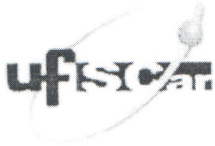
**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

M386dn Martins, Thais Joi.  
Desejo, necessidade e realidade : os marcadores culturais e econômicos e suas implicações ocupacionais para o grupo profissional de engenheiros de produção no Brasil / Thais Joi Martins. -- São Carlos : UFSCar, 2015.  
446 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.

1. Profissões. 2. Engenheiros. 3. Financeirização. 4. Poder. 5. Dominação. 6. Análise de correspondência. I. Título.

CDD: 331.712 (20<sup>a</sup>)

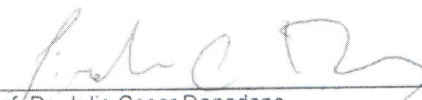


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

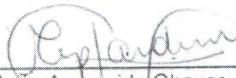
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

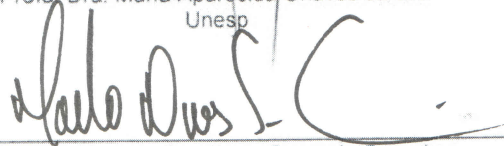
Folha de Aprovação

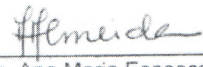
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Thais Joi Martins, realizada em 27/10/2015:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Julio Cesar Donadone  
UFSCar

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Thales Haddad Novaes de Andrade  
UFSCar

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Aparecida Chaves Jardim  
Unesp

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Marcelo Domingos Sampaio Carneiro  
UFMA

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida  
UNICAMP

*Aos meus avós:*

*Maria Aparecida Martins, Sebastião Martins*

*Martha Ap. Neubern, Arício Joi,*

*Grandes pilares da mistura entre Alemães, Italianos e negros brasileiros.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Waldir e Ismália por terem compreendido os longos momentos de ausência nesses quatro anos por conta da escrita da tese. Aos meus irmãos, Tássia e Thales, pelo companheirismo e pelas discussões e reflexões sobre carreira acadêmica nos finais de semana. Agradeço a Dona Iraídes e Dona Lourdes que, mesmo durante seus trabalhos, me proporcionaram conversas e risadas em momentos de distração em que sentia o peso e a tensão da tese. Agradeço aos meus três pequenos companheiros caninos de escrita, que sempre estiveram presentes juntos aos meus pés. Agradeço também ao companheiro sonoro Gioachino Rossini e, principalmente, a sua obra “L’Italiana in Algeri” que se tornou a trilha sonora da tese ao sempre me trazer fôlego para continuar.

As minhas amigas de infância pela compreensão e companheirismo: Maria Fernanda, Fernanda, Verônica, Talita, Raquel.

Agradeço aos meus amigos e colegas do Neseфи e Nespom, pois, eles estão presentes diretamente no processo de construção da tese: aas minhas grandes amigas, Prof. Dra. Maria Chaves Jardim e Antônia Celene Miguel, pela paciência, pela amizade, pelas horas de conversa, pelos momentos de companheirismo, também seus empenhos dedicados a essa pesquisa e sugestões que muito colaboraram para o desenvolvimento. Carolina Bischoffe pelas conversas acadêmicas e por ter me apresentado o Neseфи. Aos amigos engenheiros-sociólogos, Márcio Rogério da Silva, Felipe Cavenaghi, Wellington Desidério, Martin Edmundo Neto pelas conversas pessoais, pelas trocas acadêmicas diárias, pela presença em todo o processo de desenvolvimento da tese, por lerem a pesquisa sugerirem mesmo quando era somente um projeto.

À Erica Julian, Patricia Mari Matsuda, Fernanda Veríssimo Soulé e Silvio Alvarez Cândido pela companhia semanal no Neseфи, pelas longas discussões, pelas risadas e por nossas saídas noturnas nas quais continuávamos falando das teses.

À Ana Paula Mondadore pelas conversas e ajudas com os dados quantitativos, ao Antonio Pedroso pela ajuda intensa com as bibliografias, com a parte estatística da tese, aos estatísticos Alexandre Maiorano e Bárbara Beltrame Bettim pelo aprendizado estatístico e pela companhia na busca de soluções para os problemas quantitativos. À Karina Gomes Assis, Elaine Leite e Marina Sartore, pela amizade, conversas e trocas acadêmicas no início de meu doutorado. À Elisa Nogueira Novaes Botta e Mariana Seno pela companhia e diálogos acadêmicos em minhas estadias na França.

Ao Professor Frédéric Lebaron por me receber como orientador na França e auxiliar grandemente na metodologia estatística. Eu agradeço a André Grelon pelas conversas e o vasto cuidado com o material que me forneceu, à professora Monique de Saint Martin pelas sugestões à tese, ao Frederico Lorenc pelas sugestões ao projeto de tese. À Marie France Gracia Parpet, pelos ensinamentos de Phillippe Steiner sobre sociologia econômica em seus cursos, a Luis Miguel Donatello pelas sugestões na tese, a Gérard Mauger por seus ensinamentos sobre as questões geracionais e aos Prof. Roberto Grun e Ana Maria Fonseca de Almeida pelas sugestões, leituras e conversas.<sup>1</sup>

Ao meu orientador Julio César Donadone, pelas conversas, pelas trocas de e-mails semanais, por me tranquilizar em momentos de nervosismo, por achar alternativas e soluções para os problemas, por estar sempre disposto a discutir ideias, por estar sempre presente ao meu lado nessa jornada de quatro anos, pois sem o seu respaldo, respeito à individualidade autoral do orientando e presença constante esta tese não teria sido bem sucedida.

Ao meu companheiro Cleber Lambert, pela amizade, companheirismo diário e pelas trocas acadêmicas e reflexões.

À FAPESP, pois sem seu financiamento, esse projeto jamais poderia ter sido concretizado.

---

<sup>1</sup> Esses encontros foram frutos de projetos aceitos pela FAPESP por Maria Chaves Jardim:  
JARDIM, Maria Chaves. A sociologia econômica de Max Weber e outras sociologias. Projeto de Pesquisador Visitante submetido e aprovado pela FAPESP (processo 2009/2009/14136-6) (Visita de Hinnerk Bruhns).  
JARDIM, Maria Chaves. Metodologia quantitativa aplicada em estudos de sociologia econômica e outras sociologias. Projeto Pesquisador Visitante submetido e aprovado pela FAPESP- Processo FAPESP 2010/08088-6. (Visita de Frédéric Lebaron).  
JARDIM, Maria Chaves. Projeto Sociologia francesa: a contribuição de Emile Durkheim, Pesquisador Visitante submetido e aprovado pela FAPESP – Processo 2012/2012/03339-6. (vinda de Philippe Steiner).  
JARDIM, Maria Chaves. Sociologia das elites e do poder, organizado por mim. Projeto Pesquisador Visitante submetido e aprovado pela FAPESP – Processo 2011/00682-9. (vinda de Monique de Saint Martin).  
JARDIM, Maria Chaves. Sociologia econômica francesa: a contribuição de Pierre Bourdieu. Projeto Pesquisador Visitante submetido e aprovado pela FAPESP – Processo 2011/22307-5. (vinda de Frédéric Lebaron).  
JARDIM, Maria, Chaves. Domesticação e/ou moralização do capitalismo no governo Lula. Projeto Jovem Pesquisador em centro emergente (Processo 2008/54-113-2).

## RESUMO

Com o intuito de buscarmos respostas sobre as transformações que acontecem, atualmente, na organização do trabalho dentro das empresas, acerca das modificações no papel profissional dos agentes alocados no campo organizacional e ainda para que possamos compreender os processos e dinâmicas que ocorrem entre os agentes sociais e essa nova lógica organizacional<sup>2</sup> é que abriremos espaço para o estudo dos marcadores culturais, econômicos e simbólicos de vida dos engenheiros de produção no Estado de São Paulo. Ou seja, é a partir do estudo de suas formações educacionais e profissionais e, também, da conformação de seus gostos e estilos de vida bem como seus diferentes capitais, que buscaremos compreender como se dá o dinamismo organizacional no século XXI e a relação de uma nova atuação “financeira” do engenheiro em contrapartida com a antiga atuação “produtiva” ocupada pelo engenheiro.

Vale ressaltar que as posições e escolhas da carreira de engenheiros(as) constituem objeto de análise e terão como intuito abrir um espaço para refletir sobre as ações e as performances que ocorrem dentro desse grupo profissional, no que diz respeito ao direcionamento de sua área de atuação. Isto é, analisaremos se o desejo de ocupar um determinado setor corresponde a real ocupação obtida por esses engenheiros e quais são as forças “motrizes” que direcionarão suas opções. Elas se darão através de seu desejo, de circunstâncias e vicissitudes da necessidade? Qual será a real ocupação desses engenheiros atualmente e por quê?

Sabe-se que entre esses profissionais da engenharia as opções são as mais interessantes nos setores financeiros, pois, geram grandes ganhos financeiros e altos salários. Uma vez dada essa afirmação, podemos nos perguntar: as preferências desses engenheiros se dão sempre no sentido do custo-benefício, ou existe outra lógica por trás desses direcionamentos? Qual seria o real papel dos capitais econômicos, culturais e simbólicos desses indivíduos nessa tomada de decisão?

A metodologia mais adequada para a pesquisa é a análise bibliográfica e prosopográfica, além da análise de correspondência múltipla inspirada por Pierre Bourdieu. Analisaremos, portanto, através de entrevistas e do uso do questionário aos alunos do curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos, da Universidade Politécnica de São Paulo e de uma universidade particular. Essas metodologias nos ajudaram, tanto de forma qualitativa como quantitativa, a aprofundar a reflexão sobre os posicionamentos desejados e as ocupações reais dos engenheiros de produção bem como a relação dessas ocupações com os marcadores econômicos, simbólicos e culturais de cada grupo profissional estudado.

Como resultado, verificamos que existe realmente uma homologia entre os capitais simbólicos dos agentes e suas tomadas de posição quando ao direcionamento de suas profissões. Essa lógica de reprodução social coloca a Universidade Politécnica de São Paulo no topo da hierarquia se aproximando dos setores de finanças e consultorias. Coloca a Universidade Federal de São Carlos numa posição secundária quanto aos capitais simbólicos homólogos em maior porcentagem das escolhas na área industrial e a universidade particular estudada ao fim da hierarquia cujos alunos não possuem sequer a possibilidade de prestar os processos seletivos em organizações na área de finanças ou consultorias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Financeirização; Marcadores econômicos e culturais; poder simbólico; dominação.

---

<sup>2</sup> Dentre essas mudanças, Boltanski e Chiapello (2009) apontam a concorrência entre os capitalistas, que os obriga a buscar, incessantemente, vantagens com relação aos seus concorrentes, meios de inovação tecnológica e, conseqüentemente, a modificação dos modos de organização do trabalho.



## ABSTRACT

In order to seek answers to the changes currently taking place in the organization of work within companies, the modifications in the professional role of agents allocated in the organizational field and to understand the processes and dynamics that occur between social agents and this new organizational logic<sup>3</sup> is that we will open space for the study of the cultural, economic and symbolic markers of life of the production engineers in the State of São Paulo. That is, from the study of their educational and vocational training, which results in their tastes and lifestyles and their different capitals, we seek to comprehend how the organizational dynamism in the 21th century and the relationship of a new "financial" operation engineer occur in contrast with the former acting "productive" occupied by the engineer.

Will be analyzed to reflect on the actions and performances that occur within this professional group with regard. In other words, we if the desire to occupy a particular sector corresponds to the real occupation obtained by these engineers and what are the "driving" forces which will conduct their choices? What is the real occupation of these engineers currently and why?

It is known among these professionals of the engineering that the options in the financial sectors are the most interesting because they are the entrance door to large financial gains and higher wages. Once given this statement, we can ask ourselves: do the choices of these engineers always give the sense of value for money or is there a different logic behind these choices? What is the real role of the economic, cultural and symbolic capital of these individuals in decision-making?

The most appropriate methodology for the research is the bibliographical and prosopographical analysis, besides the multiple correspondence analyses inspired by Pierre Bourdieu. We will analyze, thus, through interviews and the usage of questionnaires to the students of Production Engineering from Federal University of São Carlos, from the Polytechnic University of São Paulo and from a private university. These methodologies will help us both qualitatively and quantitatively to delve deeper into the desired positions and the actual occupations of the production engineers, as well as into the relationship of these occupations with the economic, symbolic and cultural markers of each professional group studied.

As a result, we found that there really is a homology between the symbolic capital of the agents and their statements when the direction of their professions. This social reproduction logic puts the Polytechnic University of São Paulo at the head of approaching the finance and consulting sectors. Place the Federal University of São Carlos in a secondary position as the symbolic capital counterparts in larger percentage of the choices in the industrial area and the private university studied the end of the hierarchy whose students do not even have the possibility of providing the selection processes in organizations in finance or consultants.

**KEYWORDS:** Financialization; Economic and cultural markers; symbolic power; domination.

---

<sup>3</sup>Within these changes, Boltanski and Chiappelo (2009) point the competition among capitalists out, which obligates them to look for advantages over their competitors, technological means of innovation incessantly and, consequently, the change of the organization ways of work.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trajetória conceitual da tese .....	15
Figura 2 - Trajetória macrossociológica da tese .....	16
Figura 3 – Gráfico da porcentagem de companhias downsizing, 1990-1995 .....	45
Figura 4 - Pagamentos dos grandes chefes executivos e dos empregados .....	49
Figura 5 - Gráfico do número de propostas votadas pelos shareholders em governança corporativa e em questões sociais, 1985-95 .....	52
Figura 6 - Evolução dos cursos de engenharia no Brasil.....	62
Figura 7 - Estilo de gosto, trajetória escolar e profissional (ex-aluno da Poli-USP, ingresso em 1965).....	80
Figura 8 - Gráfico do número de cursos de engenharia.....	88
Figura 9 - Disposição espacial dos cursos de engenharia de produção no Brasil .....	91
Figura 10 - Relato de professor 1 .....	101
Figura 11- Quadro com as opções e áreas profissionais para os engenheiros de produção no Brasil.....	103
Figura 12 - Quadro de opções ocupacionais da Engenharia de Produção.....	105
Figura 13 - Acréscimo de ocupações da engenharia de produção.....	106
Figura 14 - Recodificação das ocupações da engenharia de produção.....	106
Figura 15 - Relato de professor 2 .....	109
Figura 16 - Relato de profissional 1 .....	130
Figura 17 - Relato profissional 2 .....	130
Figura 18 - Relato profissional 3 .....	130
Figura 19 - relato profissional 4 .....	131
Figura 20 - Relato profissional 5 .....	131
Figura 21 - Relato profissional 6 .....	131
Figura 22 - Relato profissional 7 .....	131
Figura 23 - Posse de automóvel pelas famílias por faixa de renda.....	142
Figura 24 – Habitus e o modo de se vestir na Poli .....	231
Figura 25– Trajetória de ex-aluno da Poli 1960.....	258
Figura 27 – Trajetória ex-aluno da Poli 1980-2 .....	261
Figura 28 – Trajetória ex-aluno da Poli 1970.....	262
Figura 29 – Trajetória ex-aluno da Poli 1970-2 .....	263
Figura 31 – Trajetória ex-aluna da Poli 2000 .....	265

Figura 32 – Marcadores de econômicos e culturais .....	267
Figura 33 – Entrevista com aluno ingressante na primeira turma da UFSCar (1976).....	270
Figura 34 - Entrevista com professor ex-aluno da UFSCar (ingresso em 1978).....	271
Figura 35 – Entrevista com professora e ex-aluna da UFSCar (ingressante de 1982) .....	271
Figura 37 – Entrevista com ex-professor da UFSCar (ingresso em 1999).....	273
Figura 38 – Extrato da Revista Exame (2013) .....	275
Figura 40 – Depoimento colhido na entrevista de ex-aluna da UFSCar que atuou na área de consultoria (ingresso em 2007).....	277
Figura 41 – Capital cultural .....	280
Figura 42 – Instrumento musical .....	281
Figura 44 – Capital escolar .....	281
Figura 45 – Capital econômico.....	282
Figura 46 – Entrevista com ex-aluno da Poli que atua como professor e consultor (1992)...	284
Figura 47 – Entrevista com ex-aluno, microempresário e professor da turma da Poli de.....	286
Figura 48 – Entrevista com ex-aluna da Poli que trabalha no mercado financeiro (ingressante de 2007).....	290
Figura 49 – Uma trajetória que foge de todos os ditames da cultura legítima .....	296
Figura 50 – Resumo dos capitais das três universidades.....	299
Figura 51 – Análise de correspondência múltipla sem rigor estatístico .....	319
Figura 52- Análise de correspondência múltipla sobre afinidade com a escolha profissional das consultorias (UFSCar).....	320
Figura 53 - Análise de correspondência múltipla com a denominação dos alunos da UFSCar .....	321
Figura 54 – Aluna 1 Capitais econômico e cultural mais modestos (quadrante superior direito) .....	322
Figura 55 – Aluna 2 Aluna com capital econômico mediano e capital cultural médio (quadrante inferior esquerdo).....	332
Figura 56 – Aluna 3 Aluna com capital econômico mediano e capital cultural baixo (quadrante inferior esquerdo).....	322
Figura 57 – Aluno 4 Aluno com capital cultural e econômico alto (quadrante superior esquerdo).....	333
Figura 58 – Análise de correspondência Múltipla macro da UFSCar.....	328
Figura 59 – Análise de correspondência múltipla micro UFSCar.....	334

Figura 60 - Análise de correspondência da USP .....	341
---	-----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Áreas que empregam engenheiros.....	81
Tabela 2 - Engenheiros contratados .....	82
Tabela 3 - Engenheiros contratados .....	83
Tabela 4 - Cursos de EP, vagas ofertadas, PIB e população dos estados brasileiros .....	89
Tabela 5 - Sexo x ocupação UFSCar.....	133
Tabela 6 - Sexo x ocupação USP .....	133
Tabela 7 - Cor/raça dos alunos da UFSCar .....	135
Tabela 8 - Cor/raça dos alunos da USP .....	135
Tabela 9 - Cor/raça dos alunos da universidade particular.....	136
Tabela 10 - Famílias ocupacionais e raça.....	136
Tabela 11 - Casa de veraneio, passeio, sitio sítio ou fazenda alunos da UFSCar .....	140
Tabela 12 - Casa de veraneio, passeio, sitio sítio ou fazenda alunos da USP .....	140
Tabela 13 - Casa de veraneio, passeio, sitio sítio ou fazenda alunos da universidade particular .....	140
Tabela 14 - Quantos automóveis a família possuias famílias dos alunos da UFSCar possuem .....	141
Tabela 15 - Quantos automoveis automóveis a familia possui alunos Uspas famílias dos alunos da USP possuem.....	141
Tabela 16 - Quantos automoveis automóveis as famílias possui dos alunos da universidade particular possuem.....	141
Tabela 17 - Se os alunos da UFSCar possuem/possuíam área de lazer em casa.....	143
Tabela 18 - Se os alunos da USP possuem área de lazer em casa.....	143
Tabela 19 - Se os alunos da universidade particular possuem área de lazer em casa .....	143
Tabela 20 - Classe, salários e renda.....	144
Tabela 21 - Renda dos pais dos alunos da UFSCar .....	145
Tabela 22 - Renda das mães dos alunos da UFScarUFSCar .....	145
Tabela 23 - Renda dos pais dos alunos da USP.....	146
Tabela 24 - Renda das mães dos alunos da USP .....	147
Tabela 25 - Renda dos pais dos alunos da universidade particular .....	147
Tabela 26 - Renda das mães dos alunos da universidade particular.....	148
Tabela 27 - Classe social dos pais dos alunos da UFSCar .....	149
Tabela 28 - Classe social dos alunos da USP .....	149

Tabela 29 - Classe social dos alunos da universidade particular.....	150
Tabela 30 - Trajetória financeira dos pais dos alunos da UFSCar .....	151
Tabela 31 - Trajetória financeira dos pais dos alunos da USP .....	151
Tabela 32 - Trajetória financeira dos pais dos alunos da universidade particular.....	152
Tabela 33 - Profissão dos avôs paternos dos alunos da UFSCar.....	153
Tabela 34 - Pprofissão dos avôs paternos dos alunos da USP .....	154
Tabela 35 - Profissão dos avôs paternos dos alunos da universidade particular .....	155
Tabela 36 - Tipo de trabalho dos pais dos alunos da UFSCar.....	155
Tabela 37 - Trabalho dos pais dos alunos da USP .....	157
Tabela 38 - Trabalho dos pais dos alunos da universidade particular .....	159
Tabela 39 - Trabalho das mães dos alunos da UFSCar .....	160
Tabela 40 - Trabalho das mães dos alunos da USP.....	161
Tabela 41 - Trabalho das mães dos alunos da universidade particular .....	164
Tabela 42 - Escolaridade do avô paterno dos alunos da UFSCar.....	166
Tabela 43 - Escolaridade dos avós paternos dos alunos da USP.....	167
Tabela 44 - Escolaridade dos pais dos alunos da UFSCar .....	168
Tabela 45 - Escolaridade dos pais dos alunos da USP .....	169
Tabela 46 - Tipo de instituição que os pais dos alunos da UFSCar estudou no ensino médio alunos da UFSCar estudaram no ensino médio .....	169
Tabela 47 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da UFSCar estudou estudaram na graduação alunos UFSCar .....	170
Tabela 48- Tipo de instituição em que os pais dos alunos da UFSCar estudou estudaram na pós-graduação.....	171
Tabela 49 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da USP estudaram estudou no ensino medio médio.....	171
Tabela 50 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da USP estudou estudaram na graduação.....	171
Tabela 51 - Tipos de instituição em que os pais dos alunos da USP estudou na pósgraduação .....	172
Tabela 52 - Escolaridade dos pais dos alunos da universidade particular.....	173
Tabela 53 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da universidade particular estudaram no ensino médio .....	174
Tabela 54 - Escolaridade das mães dos alunos da UFSCar.....	174
Tabela 55 - Escolaridade das mães dos alunos da USP.....	175

Tabela 56 - Tipo de instituição em que a mães dos alunos da UFSCar estudaram no ensino médio .....	176
Tabela 57 – Tipo de instituição em que as mães dos alunos da UFSCar estudaram na graduação.....	176
Tabela 58 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da UFSCar estudaram na pós-graduação.....	177
Tabela 59 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da USP fizeram ensino médio .	178
Tabela 60 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da USP fizeram graduação .....	178
Tabela 61 - Tipo de instituição em que as mães da USP fizeram a pós-graduação .....	179
Tabela 62 - Escolaridade das mães dos alunos da universidade particular .....	179
Tabela 63 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da universidade particular estudaram no ensino médio alunos da particular.....	179
Tabela 64 - Em que tipo de instituição foi a formação educacional dos alunos da UFSCar..	180
Tabela 65 - Em que tipo de instituição foi a formação educacional dos alunos da USP .....	180
Tabela 66 - Em que tipo de instituição foi a formação educacional dos alunos da universidade particular.....	181
Tabela 67 - Origem dos recursos financeiros que os alunos da UFSCar utilizam .....	183
Tabela 68 - Origem dos recursos financeiros que os alunos da USP utilizam .....	183
Tabela 69 - Origem dos recursos financeiros que os alunos da universidade particular utilizam alunos da particular.....	184
Tabela 70 – Se os alunos da UFSCar vão seguir carreira em engenharia de operações e processos da produção.....	185
Tabela 71 - Se os alunos da UFSCar vão seguir carreira em engenharia econômica.....	186
Tabela 72– Se os alunos da UFSCar vão carreira em consultorias .....	187
Tabela 73 - Se os alunos da USP vão seguir carreira em engenharia econômica .....	188
Tabela 74 - Se os alunos da USP vão seguir carreira em consultorias .....	188
Tabela 75 - Se os alunos da universidade particular vão seguir carreira em engenharia de operações e processos de produção .....	189
Tabela 76 - Se os alunos da universidade particular vão seguir carreira em engenharia logística.....	189
Tabela 77- Setores ocupados pelos alunos da UFSCar .....	191
Tabela 78 - Setores ocupados pelos alunos da UFSCar .....	191
Tabela 79- Tipo de empresa ocupada pelos alunos da UFSCar .....	192
Tabela 80 – Setor ocupado pelos alunos da USP .....	193

Tabela 81 – Setores ocupados pelos alunos da USP .....	193
Tabela 82- Tipo de empresa ocupada por alunos da USP .....	193
Tabela 83- Setores ocupados pelos alunos da universidade particular.....	194
Tabela 84- Setores ocupados pelos alunos da universidade particular.....	194
Tabela 85 – Que área seguiram os alunos da UFSCar depois de formados .....	195
Tabela 86– Onde trabalharam os antigos alunos da UFSCar depois de cinco anos de formados .....	196
Tabela 87 – Onde trabalham os antigos alunos UFSCar atualmente .....	196
Tabela 88 – Com que frequência os alunos da UFSCar costumam viajar .....	209
Tabela 89- Com que frequência os alunos da USP costumam viajar .....	209
Tabela 90- Com que frequência os alunos da universidade particular costumam viajar .....	210
Tabela 91 – Se os alunos da UFSCar costumam frequentar algum clube ou associações da cidade.....	211
Tabela 92 – Se os alunos da USP costumam frequentar algum clube ou associações da cidade .....	211
Tabela 93– Se os alunos da universidade particular costumam frequentar algum clube ou associações da cidade .....	211
Tabela 94 – Com que frequência os alunos da UFSCar comparecem às festas na casa de amigos.....	212
Tabela 95 – Com que frequência os alunos da USP comparecem às festas na casa de amigos .....	212
Tabela 96 – Com que frequência os alunos da universidade particular comparecem às festas na casa de amigos .....	212
Tabela 97 – Com que frequência os alunos da UFSCar assistem documentários.....	215
Tabela 98 – Com que frequência os alunos da USP assistem documentários.....	215
Tabela 99 – Com que frequência os alunos da universidade particular assistem documentários .....	215
Tabela 100 – Que tipo de esporte os alunos da UFSCar praticam .....	220
Tabela 101 – Que tipo de esporte os alunos da USP praticam .....	221
Tabela 102 – Que tipo de esporte os alunos da universidade particular praticam .....	221
Tabela 103 – Com que frequência os alunos da UFSCar vão à academia .....	222
Tabela 104– Com que frequência os alunos da USP vão à academia .....	222
Tabela 105– Com que frequência vão à academia os alunos da universidade particular.....	222
Tabela 106 – Com que frequência os alunos da UFSCar comem alimentos saudáveis .....	224



Tabela 107 – Com que frequência os alunos da UFSCar comem alimentos gordurosos.....	224
Tabela 108– Com que frequência os alunos da USP comem alimentos saudáveis.....	225
Tabela 109 – Com que frequência os alunos da USP comem alimentos gordurosos.....	225
Tabela 110– Com que frequência os alunos da universidade particular comem alimentos saudáveis.....	226
Tabela 111 – Com que frequência os alunos da universidade particular comem alimentos gordurosos .....	226
Tabela 112 – Com que frequência os alunos da UFSCar usam vestimentas de grife .....	227
Tabela 113–Com que frequência os alunos da UFSCar usam vestimentas sóbrias e adequadas .....	228
Tabela 114 – Com que frequência os alunos da UFSCar usam vestimentas à vontade .....	228
Tabela 115 – Com que frequência os alunos da USP usam vestimentas de grife .....	228
Tabela 116 – Com que frequência os alunos da USP usam vestimentas sóbrias e adequadas .....	229
Tabela 117 – Com que frequência os alunos da USP usam vestimentas à vontade .....	229
Tabela 118 – Com que frequência os alunos da universidade particular usam vestimentas de grife.....	230
Tabela 119 – Com que frequência os alunos da universidade particular usam vestimentas sóbrias e adequadas .....	230
Tabela 120 – Com que frequência os alunos da universidade particular usam vestimentas à vontade .....	230
Tabela 121 – Que tipo de móveis os alunos da UFSCar possuem em casa .....	233
Tabela 122 – Que tipo de móveis os alunos da USP possuem em casa .....	234
Tabela 123 – Que tipo de móveis os alunos da universidade particular possuem em casa....	234
Tabela 124 – Opção partidária dos alunos da UFSCar.....	236
Tabela 125 – Opção partidária dos alunos da USP .....	236
Tabela 126 – Opção partidária dos alunos da universidade particular .....	236
Tabela 127 – Que tipo de instrumento musical os alunos da UFSCar tocam .....	239
Tabela 128 – Que tipo de músicas os alunos da UFSCar ouvem no rádio.....	239
Tabela 129 – Que tipo de música os alunos da UFSCar escutam .....	240
Tabela 130 – Se os alunos da UFSCar costumam ouvir música clássica.....	241
Tabela 131 – Que tipo de instrumento musical os alunos da USP tocam .....	241
Tabela 132 – Que tipo de músicas os alunos da USP ouvem no rádio.....	241
Tabela 133 – Que tipo de música os alunos da USP escutam .....	242

Tabela 134 – Se os alunos da USP costumam ouvir música clássica .....	242
Tabela 135 – Que tipo de instrumento musical os alunos da universidade particular tocam.....	242
Tabela 136 – Que tipo de música os alunos da universidade particular escutam.....	243
Tabela 137 – Se os alunos da universidade particular costumam ouvir música clássica .....	243
Tabela 138 – Se os alunos da UFSCar costumam ler livros cotidianos .....	245
Tabela 139 – Se os alunos da UFSCar costumam ler livros técnicos.....	245
Tabela 140 – Se os alunos da USP costumam ler livros cotidianos .....	246
Tabela 141 – Se os alunos da USP costumam ler livros de negócios .....	246
Tabela 142 – Se os alunos da universidade particular costumam ler livros cotidianos.....	247
Tabela 143 – Se os alunos da universidade particular costumam ler livros técnicos .....	247
Tabela 144– A que tipo de peças os alunos da UFSCar assistem .....	250
Tabela 145– A que tipo de peças os alunos da USP assistem .....	250
Tabela 146 – Tipo de pintores que os alunos da UFSCar gostam.....	252
Tabela 147 – Tipo de pintores que os alunos da USP gostam.....	252
Tabela 148 – Tipo de pintores que os alunos da universidade particular gostam .....	253
Tabela 149 – Quantos compositores eruditos os alunos da UFSCar acertaram .....	254
Tabela 150 – Quantos compositores eruditos os alunos da USP acertaram.....	254
Tabela 151 – Música de preferência erudita dos alunos da UFSCar.....	255
Tabela 152 – Música de preferência erudita dos alunos da USP.....	255

## **LISTA DE SIGLAS**

Abepro – Associação Brasileira de Engenharia de Produção

AEP- Associação de Engenheiros Politécnicos

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Poli- Universidade Politécnica de São Paulo

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA DE UMA TESE .....</b>	<b>1</b>
---	----------

### **PARTE I**

#### **1. A SOCIOLOGIA ECONÔMICA, A EMERGÊNCIA DO CAPITALISMO**

<b>FINANCEIRO E A RECONFIGURAÇÃO DE SEUS AGENTES .....</b>	<b>19</b>
--	-----------

1.1 A influência da sociologia econômica em um tema de pesquisa.....	19
1.2 Estudando as estruturas de poder através de um grupo denominado elite.....	29
1.3 A nova elite financeira no Brasil: jogos, estratégias e disputas entre os “gerentes- engenheiros” e os acionistas .....	34
1.4 A relação existente entre taylorismo, fordismo e a legitimação de elites dirigentes .....	35
1.5 O agente social em questão: o gerente-engenheiro, o dirigente, a nova elite financeira	39
1.6 A transformação dos movimentos produtivos em movimentos financeiros.....	41
1.7 Compreendendo a dinâmica histórica: como se dá a configuração do jogo entre gerentes-engenheiros (stakeholders) e investidores (shareholders).....	42
1.8 Deslocando as estruturas de poder estabelecidas na profissão do gerente-engenheiro: a transformação dos movimentos capitalistas e a criação de novos mundos .....	46
1.9 A burocracia versus a governança corporativa: a queda de um modelo de mundo e a ascensão de um novo modelo .....	48
1.10 O processo de financeirização no Brasil.....	54
1.11 Conclusão.....	59

<b>2. FORMAÇÃO E PROFISSÃO DO ENGENHEIRO.....</b>	<b>60</b>
---	-----------

2.1 Pensando de forma global: a profissão de engenharia e a formação e atuação profissional dos engenheiros no mundo.....	61
2.3 O surgimento das indústrias no Brasil .....	76
2.4 Mercado de trabalho para a profissão de engenharia no Brasil .....	80
2.5 Um pouco antes da engenharia de produção .....	85
2.6 A engenharia de produção no Brasil.....	87
<u>2.7.1 A Universidade Politécnica de São Paulo (USP) .....</u>	<u>92</u>
<u>2.7.2 Estilo de vida estudantil e capitais simbólicos dos politécnicos .....</u>	<u>95</u>
2.8 A engenharia de produção na Escola Politécnica da USP .....	97

2.9 A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e o curso de engenharia de produção .....	98
2.10 A universidade particular estudada.....	100
2.11 Características, funções e escolhas dos engenheiros de produção no Brasil.....	101
2.12 As possíveis ocupações do engenheiro de produção: um estudo de especificação das opções de trabalho .....	105
2.13 Grade curricular do curso de engenharia de produção e suas implicações para as escolhas das áreas de atuação .....	107
2.14 Conclusão.....	110

## **PARTE II**

### **3. EM BUSCA DA CULTURA AUTÊNTICA: REFLEXÕES SOBRE ESCOLHAS E DIRECIONAMENTOS, DIFERENCIAÇÕES INTERNAS, AFINIDADES ELETIVAS E OS MARCADORES DE LEGITIMIDADE ..... 113**

3.1 Como se configuram os mecanismos de dominação e legitimação da cultura autêntica no espaço social .....	114
3.2 Os instrumentos econômico-políticos de dominação simbólica.....	117
3.3 A reprodução social: origem social e destino das posições sociais ocupadas .....	121
3.4 Trabalhando com dados descritivos: a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Politécnica de São Paulo e uma universidade particular do interior do estado de São Paulo.....	127
3.5 Sexo, raça e opção sexual: as variáveis de constrangimento social .....	127
3.6 Variável raça/cor.....	134
3.7 Variável opção sexual .....	137
3.8 Capital econômico: variáveis materiais e suas implicações no universo estudado .....	138
3.9 Origem social: variáveis para o aprofundamento da caracterização do grupo social estudado .....	152
3.10 Os profissionais liberais para Pierre Bourdieu.....	165
3.11 O capital escolar: ainda trabalhando com as variáveis de origem social.....	166
3.12 Os direcionamentos ocupacionais dos engenheiros de produção: trabalhando com capital profissional de chegada (entre sonhos e realidade).....	184
<b>3.13 Ocupação dos sonhos na UFSCar.....</b>	<b>185</b>
3.14 Ocupação dos sonhos na USP.....	187
3.15 Ocupações dos sonhos dos alunos da universidade particular.....	189
3.16 Opções de escolhas reais.....	191
3.17 A trajetória profissional dos alunos antigos.....	195

3.18 Conclusão.....	197
<b>4. MARCADORES CULTURAIS, GOSTOS E ESTILOS DE VIDA: APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE AS DISPOSIÇÕES DOS AGENTES ENTRE OS DADOS ESTATÍSTICOS, HISTÓRIAS DE VIDA E RELATOS COTIDIANOS.....</b>	<b>203</b>
4.1 Alguns apontamentos e justificativa dos conceitos trabalhados .....	204
4.2 Refletindo sobre os conceitos principais: capital cultural, gostos e estilos de vida.....	205
4.3 O capital social: festas e frequência em clubes privados e de viagens .....	208
4.4 O lazer: esportes e televisão.....	213
4.5 A representação estética: alimentação vestuário e mobiliário .....	223
4.6 A proximidade com a cultura média: música e leituras .....	237
4.7 A proximidade com a cultura legítima: teatro, centros culturais, museus, exposições, artes, pinturas e composições.....	248
4.8 Entre histórias de vida e falas sobre apreciações profissionais .....	256
4.9 Reflexão sobre os estilos de vida dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo .....	266
4.10 As falas e apreciações profissionais dos alunos da UFSCar.....	269
4.11 Algumas constatações sobre os alunos da universidade particular.....	280
4.12 A diferenciação dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo quanto aos marcadores de legitimidade e seus direcionamentos profissionais.....	282
4.13 A doxa institucional universitária e a magia social do universo dominante.....	291
4.14 Conclusão.....	298

### **PARTE III**

<b>5. TEORIA E PRÁTICA: METODOLOGIA, DEFINIÇÕES ESTATÍSTICAS E REFLEXÕES FINAIS SOBRE OS DADOS.....</b>	<b>305</b>
5.1 Entre elite, classe média e os batalhadores: como delimitar nossos agentes sociais ....	305
5.2 Pensando na análise prosopográfica .....	307
5.3 A construção do questionário de pesquisa .....	308
5.4 O princípio das práticas de pesquisa: os questionários e as entrevistas.....	312
5.5 Estatística descritiva e a análise de correspondência múltipla.....	313
5.6 Análise de correspondência múltipla e os fatores.....	314
5.7 Método de análise geométrica de dados .....	315

5.8 Análises de correspondência múltipla: tirando a prova dos “nove” sobre os alunos da UFSCar .....	317
5.9 As análises de correspondência múltipla estatisticamente viáveis sobre a UFSCar.....	323
5.10 Analisando o gráfico sociologicamente .....	328
5.11 Uma segunda análise de correspondência da UFSCar.....	331
5.12 Analisando o gráfico sociologicamente .....	334
5.13 Breves apontamentos sobre a questão partidária .....	336
5.14 Análise de correspondência múltipla da Universidade Politécnica de São Paulo .....	338
5.15 Analisando o gráfico sociologicamente .....	343
5.16 Os três pólos institucionais com múltiplas polarizações .....	344
5.17 Considerações finais .....	349
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>356</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>370</b>
<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>413</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>437</b>

## **PARTE I**



## INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA DE UMA TESE

A história dessa tese inicia-se com a ideia de dar continuidade a um projeto de mestrado no qual as elites foram estudadas. Um pouco diferente do projeto anterior, que se focava no estudo de elites negras, surgiu a proposta de nosso orientador de estudar outro tipo de elite, um grupo profissional<sup>4</sup> que nos cerca, diariamente, nos corredores de nosso núcleo de Estudos (o Nesefti, Núcleo de Estudos de Sociologia Econômica e das Finanças): os engenheiros de produção.

Logo de início, tive a ideia ingênua de que, talvez, dessa vez, a pesquisa seria mais fácil, ou melhor, que o acesso a esse grupo profissional seria maior. Afinal, eu olhava através das portas físicas de nosso núcleo de estudos e via que meus entrevistados estavam todos por lá: correndo para não perder as aulas, entrando e saindo da empresa Junior, do PET e de outros núcleos de estudo ao lado do nosso. Tive esse tipo de reflexão, pois encontrar negros em postos de dirigência realmente não era uma tarefa fácil na a pesquisa de mestrado, são raros os homens e mulheres negras que conseguem galgar tais cargos. Nesse sentido, estudar uma possível elite das finanças seria mais fácil, pois eles estão em todos os lugares.

O objetivo central da pesquisa seria o de estudar duas grandes escolas de engenharia de produção, ou seja, escolas que se destacam como formadoras de profissionais de primeira linha no Brasil. Por esse motivo, escolhi estudar os engenheiros de produção formados na UFSCar e os engenheiros de produção formados na Escola Politécnica de São Paulo (USP). Depois disso, surgiu a ideia de estudar também uma universidade particular, a fim de localizar as diferenças entre a formação desse grupo nas universidades públicas e em uma universidade privada. Em um primeiro momento, pensei em universidades como a PUC ou Mackenzie. Mas depois de um longo processo de reflexão e leitura, pensei ser melhor escolher uma universidade particular de segunda linha, pois encontraria um perfil muito parecido ou próximo aos dos alunos das universidades públicas nas universidades particulares mais reconhecidas e ditas de primeira linha. Por isso, decidi escolher alguma universidade particular de segunda linha no Estado de São Paulo.

---

<sup>4</sup> Trataremos do conceito de grupo profissional e não de falaremos de profissão. A escolha de usar essa noção está vinculada ao processo histórico de transformação conceitual que, segundo André Grelon (em seus seminários de tese em 2013 em Paris), considera a noção de grupo profissional como mais relevante do que o termo profissão atualmente.

Através das conversas com meu orientador de tese, chegamos à conclusão de que não seria um caminho fácil a trilhar, pois, eu teria que me preocupar com a parte teórica da tese juntamente com a parte prática. Teria que fazer isso, pois, os entrevistados seriam alunos dos quartos e quintos anos da engenharia de produção. Portanto, seria necessário iniciar as entrevistas e a parte prática o quanto antes para que não corrêssemos o risco desses alunos se formarem e ingressarem no mercado de trabalho. A ideia era de que, para que conseguisse um maior número de entrevistas, faria as entrevistas em sala de aula com esses alunos e, depois que eles se formassem, buscaria seus contatos novamente para saber em qual área do mercado de trabalho eles se localizariam.

Nesse sentido, Kaufmann (2013, p. 38-39) afirma que:

*Il faut entrer dans le vif du sujet le plus vite possible et combattre le temps morts et le longueurs des débuts. La lenteur sera plus utile par la suite (prendre les temps d'interpréter le matériau notamment). Pour le moment le rythme idéal est soutenu, et il faut attaquer le travail de terrain le plus vite possible.<sup>5</sup>*

O segundo momento da tese seria buscar os ex-alunos formados, desde o início do curso de engenharia de produção, para que pudesse traçar um panorama cronológico de como as escolhas desses alunos iriam mudar desde os anos 1970 até os dias atuais.

Logo, no primeiro semestre do ano de 2012, fiz muitas leituras de autores que pudessem colaborar com a elaboração de um bom questionário, que não incorresse em falhas. Li grande parte das obras de Pierre Bourdieu, como *La noblesse d'État*, *La distinction*, *Homo academicus*, *Les héritiers*, e outras obras que contemplam a nossa ideia inicial de estudar um curso de engenharia dentro de duas grandes escolas que, possivelmente, pudesse formar parte dos grandes dirigentes no Brasil.

No segundo semestre de 2012, com os questionários prontos, iniciei as entrevistas em sala de aula. Esse processo foi muito tranquilo, uma vez que, todos os professores que entrei em contato foram muito solícitos para que entrássemos em sala de aula e entregasse o questionário. Ao final desse período, finalizei o ano com 119 entrevistas: um número razoável de entrevistas que agrupavam o tema de gosto, estilos de vida, trajetória escolar e trajetória profissional dos agentes, bem como questões acerca da origem social, sobre capital econômico, cultural e social dos alunos.

---

<sup>5</sup> Devemos chegar ao cerne da questão o mais rapidamente possível e lutar contra o tempo perdido e a demora de se começar o trabalho. A lentidão será mais útil posteriormente (reserve um tempo para interpretar o material particular). Para o ritmo ideal o trabalho deve ser iniciado o mais cedo possível através do trabalho de campo. (Tradução nossa)

Posteriormente às entrevistas, um funcionário da graduação do curso de engenharia de produção da UFSCar também foi muito solícito com a pesquisa, pois forneceu todos os e-mails dos alunos entrevistados para que eu entrasse em contato depois que se formassem.

No início de 2013, decidi que seria o momento mais propício para fazer um programa de doutorado sanduíche na França junto ao professor Frédéric Lebaron, um herdeiro e antigo aluno de Pierre Bourdieu, que trabalha justamente com as técnicas estatísticas usadas pelo último autor, ou seja, a técnica usada por Bourdieu em grande parte de suas obras, denominada Análise de correspondência múltipla. Como seria uma técnica de estatística avançada, cujo melhor software a ser utilizado foi criado na França, optei por realizar cursos sobre o software e sobre essa metodologia de pesquisa o quanto antes, para que tivesse tempo hábil para absorver uma técnica estatística mais avançada.

Os cinco meses em que estive na cidade de Amiens, junto a Université de Picardie Jules Verne, foram muito produtivos para a tese. Além de acompanhar o curso de estatística do Professor Frédéric Lebaron, contei com a colaboração e assisti ao seminário do Professor André Grelon, grande especialista em estudos dos engenheiros e de profissões técnicas na França. Além disso, participei de muitos seminários realizados na universidade de Amiens e nas escolas de Paris. Ao mesmo tempo, ao longo desse período, passei a maior parte do tempo nas bibliotecas da Universidade de Picardie Jules Verne e na biblioteca da *École Supérieure des Hautes Études*, a fim de realizar um mapeamento bibliográfico sobre o tema de pesquisa.

Após o retorno ao Brasil, em meados de 2013, iniciei as entrevistas da Poli. O primeiro contato com a universidade não foi muito complicado, pois, nosso orientador de tese estudou nessa universidade e possui contato com o seu antigo orientador e alguns professores. Como tive esse tipo de indicação para realizar a pesquisa, as portas da universidade politécnica foram abertas com grande facilidade. Todavia, encontrei alguns processos burocráticos para realizar as entrevistas, tive que marcar e remarcar as entrevistas várias vezes. Depois de realmente marcadas, consegui entrar em sala de aula.

Meu espanto de pesquisadora foi grande, pois, ao contrário da UFSCar, quando os professores anunciavam a minha chegada e a realização da pesquisa, os alunos começavam a sair sem nenhum pudor da sala, mesmo quando eu tomava a palavra para explicar a pesquisa. Portanto, percebi que a abertura para conversa, diálogo e a aceitação do grupo é muito mais forte na UFSCar do que na universidade Politécnica, onde os alunos são mais fechados e não estão abertos a conversas. Na UFSCar grande parte dos alunos se interessou pela pesquisa e

quis saber o resultado final, pediu o meu contato e comentaram algumas questões do questionário curiosamente, querendo saber o motivo de algumas perguntas mais pessoais.

Outra coisa muito interessante que me chamou atenção foi o perfil dos alunos, o modo de se portar e de se vestir. A grande maioria dos alunos se vestia com camisa, gravata, sapatos muito bem alinhados e polidos e cabelos impecáveis. Já as mulheres se vestiam de forma comum, mas um pouco mais arrumadas e mais bem vestidas que as mulheres que encontramos na UFSCar. É importante mencionar que, entrando em sala de aula, observei um número muito pequeno de mulheres. Já na UFSCar, visualmente, parecia que a sala se dividia igualmente entre homens e mulheres.

Ainda pensando sobre a pesquisa na Universidade Politécnica de São Paulo, aproveitei os dias que estive em São Paulo para fazer uma busca na biblioteca da Poli. Eis que me deparei com outra situação inusitada. Nessa biblioteca, eu não podia procurar os livros por conta própria, um técnico da biblioteca teria que buscar os livros que eu requisitava. O material era todo guardado cuidadosamente, seguindo os mais altos padrões de manutenção de conservação. Como eu não sabia quais eram os livros disponíveis, fui pedindo todos os livros que continham a história da universidade e histórias que envolvessem a Poli e a engenharia de produção. Foi um momento de garimpagem bem intenso, sendo que houve a necessidade de passar mais dias em São Paulo para dar continuidade ao trabalho. Posteriormente, descobri que pelo fato de não ser aluna da USP não poderia retirar os livros, mas consegui que uma amiga, aluna da USP, os retirasse. Desde então, tais bibliografias foram retiradas por terceiros em caso de necessidade.

Já na segunda parte da pesquisa, quando chegaria o momento de recorrer aos ex-alunos das duas universidades, na UFSCar, conversei com o professor Camarotto e ele nos forneceu dados de uma festa de 35 anos da engenharia de produção, que havia ocorrido no ano de 2012. Nessa festa, os alunos responderam a um questionário com seus dados pessoais e também me informaram qual era a empresa e a área em que estavam trabalhando. Juntamente a esses questionários, me foi fornecido uma lista de e-mails dos demais ex-alunos. Assim, entrei em contato com os ex-alunos dessas duas listas e 37 deles responderam de forma favorável na participação da pesquisa. Nesse momento, me encontrava em uma situação contrária: conhecia as áreas que os ex-alunos trabalhavam, mas não sabia nada sobre suas trajetórias escolares, seus gostos, estilos de vida e capitais. Para isso, seria necessário repassar o primeiro questionário aos ex-alunos mais antigos que aceitaram participar da pesquisa.

Na Universidade Politécnica de São Paulo, houve uma situação adversa também: tive impasses somente para encontrar os ex-alunos. Os professores do curso de engenharia de produção da Poli dizem não ter contato com qualquer ex-aluno. Um deles me indicou um aluno de mestrado e, através desse aluno, consegui poucos outros contatos. Porém, na Poli existe uma associação de ex-alunos e, nesse local, existem todos os dados referentes aos ex-alunos, apesar da Poli proibir que qualquer contato ou dado dos ex-alunos fossem divulgados, até mesmo para finalidades de pesquisa.

Foram muitas as tentativas e ligações para essa associação tentando alguma forma de encontrar esses ex-alunos, até que obtive contato com o atual diretor da Poli. Este, por sua vez, alegou que eles não possuem dados sobre os ex-alunos e que estava sendo feita uma categorização dos dados de ex-alunos ao longo daquele ano e que, talvez, ela ficasse pronta naquele ano. Nesse sentido, tenho escrito ao diretor da Poli frequentemente para obter tais dados.

Outra via pela qual tentamos encontrar informações foi através do acesso ao grupo de e-mails dos ex-alunos e também por meio das redes sociais. Para os endereços eletrônicos dos ex-alunos, entrei em contato pessoalmente e posteriormente por e-mail e por telefone com o centro acadêmico de engenharia de produção (CAEP). Mas o líder do grupo disse que eles apenas se comunicam entre si, ou seja, que poderia mandar os e-mails para os estudantes, no entanto, qualquer pessoa de fora da Poli não conseguiria se comunicar diretamente com os alunos ou ex-alunos. Já através das redes sociais ou de sites de currículo profissional, os ex-alunos da Poli costumavam ler os pedidos de contato e a explicação da pesquisa, mas dos 30 pedidos enviados, somente dois eram respondidos de forma positiva aceitando participar da pesquisa. Depois desse processo em que alguns responderam, no momento de enviar o questionário, os indivíduos deixavam de responder aos e-mails.

Depois de tantas tentativas frustradas para encontrar os ex-alunos da Poli e, após nosso exame de qualificação, decidi não mais insistir na busca dos ex-alunos da Poli, pois, seria uma busca em vão. Fiquei apenas com algumas entrevistas mais pontuais de poucos ex-alunos que aceitaram responder ao questionário ou participar de uma conversa por e-mail.

Cheguei, então, ao ponto em que a suposta “amostra”<sup>6</sup> pensada para a UFSCar foi totalmente contemplada com alunos dos quartos e quintos anos que responderam ao

---

<sup>6</sup> É importante relatar que, no início da pesquisa, pensamos em fechar uma amostra de indivíduos, pensando nos alunos dos quartos e quintos anos. Nós conseguimos obter uma amostra aleatória simples. Foi calculado um número de 120 alunos e conseguimos entrevistar 119 alunos. No que diz respeito à amostra de ex-alunos, era necessário um montante de alunos para cada década (1981-1990, 1991-2000 e 2001-2011). Todavia, não

questionário e que, depois de formados, responderam aos e-mails e contatos nas redes sociais e nos informaram onde estão trabalhando atualmente. Encontrei também os ex- alunos que responderam os questionários na própria festa de 35 anos da engenharia de produção na UFSCar. Obtive, então, dados sobre suas carreiras e profissões e, posteriormente, uma parte desses ex-alunos que compareceu à festa de 35 anos, depois de contatada, aceitou participar da pesquisa respondendo aos questionários completos. Após esses ex-alunos responderem os questionários, ainda escolhi alguns mais importantes de cada área (os que escolheram a área de consultoria e alguns que optaram pela área do mercado financeiro) e realizei algumas entrevistas qualitativas.

Contente com nossa amostra pude iniciar outras entrevistas qualitativas com os professores do departamento de engenharia de produção (os possíveis desviantes das escolhas e áreas mais recorrentes na engenharia de produção). Essa amostra suplementar traria algumas informações importantes que não foram coletadas nos questionários. Todos os pedidos de entrevistas solicitados aos professores foram atendidos e contemplados na pesquisa.

Nesse sentido, Rabinow (1988) afirma que:

*Au niveau de la progression de l'objet, des changements importants peuvent nécessiter une reformulation des échantillon en cours d'enquete: il faut en effet toujours essayer de trouver les personnes susceptibles d'apporter le plus par rapport aux questions posées.<sup>7</sup>*

Quanto a Universidade Politécnica de São Paulo, obtive a possibilidade de fazer as entrevistas em sala de aula com cerca de 80 alunos entre o quarto e quinto ano (o número de alunos em sala da Poli é menor e muitos deles não quiseram responder aos questionários, saindo da sala no momento da entrevista). Quanto ao contato com ex-alunos da Poli, não obtive nenhuma lista de contatos tanto da Associação de ex- alunos quanto da parte dos professores do Centro Acadêmico. As poucas entrevistas que obtive dos ex-alunos foram frutos da minha insistência, buscando esses contatos nas redes sociais e profissionais da

---

conseguimos obter um número razoável de entrevistas dos ex-alunos para cada década. Entretanto, para o número de 100 ex- alunos que obtivemos na lista da festa dos 35 anos, obtivemos a resposta favorável ao preenchimento do questionário de 33 deles. De acordo com os parâmetros estatísticos, o número de respostas para cada 100 e-mails enviados deveria estar em 20%, o que nos favoreceu, pois alcançamos um número de respostas superior aos 20%. Devido ao número reduzido de ex-alunos, quando realizarmos a análise de correspondência múltipla eles serão colocados em categoria suplementar, ou seja, não incorrerão no cálculo estatístico para não distorcer a amostra.

<sup>7</sup> Na progressão do objeto, mudanças significativas podem exigir um repensar da amostra atual de investigação: é necessário sempre tentar encontrar pessoas que possam contribuir mais com as perguntas.

Internet. Por esse fato e devido às poucas entrevistas obtidas, no que diz respeito aos ex-alunos da Poli não poderei fazer especulações estatísticas. Farei somente algumas abordagens qualitativas sobre as entrevistas conseguidas. Nesse aspecto, Norbert Elias mostra como “L’individu peut être considéré comme un concentrateur du monde social il y a en lui, structurée de façon particulière, tout la société de son époque.” (ELIAS apud KAUFMANN, 2013, p. 59)<sup>8</sup>

É interessante mencionar que, em alguns casos, conseguimos alguns nomes importantes de ex-alunos da Poli com indicações de uma aluna da UFSCar do ano de 1976. Um dos indicados respondeu ao questionário, mas, depois disso, nunca mais se preocupou em responder aos nossos e-mails que questionavam o fato do aluno poder indicar mais colegas de sua turma para participar da pesquisa. Outro caso similar foi a indicação de um ex-aluno formado nos anos 70 que estava muito entusiasmado com a pesquisa. Ele afirmou que iria colaborar indicando várias pessoas de sua turma, que possuía um grupo de e-mails da antiga turma, através do qual todos eles mantinham contato até hoje. Fiquei muito entusiasmada com a ideia de ter um grupo dos anos 70 que responderia a pesquisa. Esse aluno disse que iria consultar os colegas e depois repassaria meu questionário a todos eles. Posteriormente, em função da demora da resposta, entrei em contato novamente com o ex- aluno, questionando sobre as suas indicações e ele nunca mais respondeu os meus e-mails. Acredito que exista certo receio por parte dos alunos da Poli de exporem suas vidas particulares no que diz respeito as suas trajetórias profissionais e, principalmente, acerca de seus bens, questões sobre renda e classe social, que possivelmente os constrange. Mesmo com a confirmação do anonimato na pesquisa, grande parte não se coloca à disposição para colaborar em razão do receio de sua exposição.

Outro caso parecido foi de uma ex-aluna da Poli formada nos anos 90 e encontrada em uma rede social. Quando propus uma entrevista por Skype, a respondente disse que esse tipo de coisa ela não faria, pois não poderia se expor. Em virtude de tais circunstâncias, acredito que os ex-alunos da Poli ocupam cargos de dirigência de grande importância como presidência de bancos, cargos de alto escalão em secretarias do governo federal, diretores e sócios de grandes empresas no mercado financeiro e em bancos, motivos pelos quais cremos que eles temem que a pesquisa gere visibilidade aos seus nomes.

Já no caso da UFSCar, percebi que os cargos de dirigência ocupados pelos ex-alunos não são cargos de tamanha importância econômica e política quanto os cargos

---

<sup>8</sup> O indivíduo pode ser considerado como um dos focos do mundo social existe nele, estruturado de uma forma particular, toda a sociedade do seu tempo. (Tradução nossa)

ocupados pelos ex- alunos dirigentes da Poli. Nesse sentido, eles sempre se colocam abertos a participar de entrevistas, responder os questionários e, por mais que não tenham tempo livre em suas agendas, buscam horários alternativos para tentar participar da pesquisa.

No que diz respeito à universidade particular, passei mais de um ano entrando em contato com coordenadores e diretores de muitas universidades particulares e não obtive nenhum êxito. Depois de algum tempo, uma aluna da pós-graduação do departamento de Engenharia de Produção da UFSCar aceitou a proposta de entregar os questionários em sala de aula da universidade particular da qual ela integra o corpo docente. Desse modo, obtive 17 questionários respondidos dentro de uma universidade particular do interior do Estado de São Paulo.<sup>9</sup>

### **Sobre o teor das questões dos questionários**

Realizar entrevistas com questionário fechado, talvez, não pareça ser uma tarefa tão difícil, no entanto, quando suas questões se referem à trajetória pessoal escolar, profissional, aos gostos e estilos de vida pode-se implicar em alguns constrangimentos para os entrevistados. Um exemplo disso é o fato de que quando os questionários eram passados em sala de aula, os alunos instintivamente começavam a competir para ver quem tinha o maior capital cultural: quem reconhecia o maior número de compositores das músicas clássicas, quem conhecia os nomes de pintores mais distintos e reconhecidos, quem se lembrava da última peça de teatro assistida ou não e, muitas vezes, caçoavam dos alunos que não sabiam o nome de nenhum compositor referente às músicas clássicas.

Nesse sentido, surgiu um fato inusitado, dentro da sala de aula da UFSCar, quando um aluno me questionou se a música intitulada “As quatro estações” seria uma música composta pelos artistas “Sandy & Junior”. Esse aluno foi motivo de chacota e constrangimento diante da sala, uma vez que, todos respondiam a ele que a música seria uma música clássica e não um clássico do sertanejo brasileiro.

Situações como essas me mostrava que, apesar de lidar com alunos de classe média ou classe média alta e da engenharia se tratar de uma profissão nominalmente elitizada desde o Brasil colonial, muitas transformações tinham ocorrido até então. Percebia-se que os alunos não possuíam um capital cultural elevado, pelo contrário, possuíam um capital técnico expressivo em sua grande maioria.

---

<sup>9</sup> Como não obtivemos autorização da universidade para divulgar seu nome, ela será mantida em anonimato



Outro fato interessante que surgiu, no questionário, é o que diz respeito à questão da renda. Uma aluna da Poli me mandou um e-mail dizendo que se sentia constrangida em colocar a real renda de seus pais e a faixa de salário que ela recebe, e que, portanto, ela colocou a menor faixa salarial. Já tinha em mente que essa questão poderia constranger algumas pessoas e por, esse motivo, escolhi faixas salariais mais espaçadas numericamente para não implicar diretamente no constrangimento de questionar a renda exata da pessoa entrevistada. No mesmo sentido, existem pessoas que se constrangeram em colocar rendas menores e escolheram rendas maiores das que possuem realmente. Outros, por sua vez, escolheram a renda mais baixa e se assumiram como classe média ou alta. Muitas dessas questões merecem ser relativizadas e mencionadas para não incorrer em erros no momento em que formos analisar e tratar os dados. Mas, ao mesmo tempo, devo me lembrar que “L’homme ordinaire ne ment délibérément que dans certains cas. Il déforme moins qu’il donne forme à sa manière, pour produire du sens, et même de la vérité, sa vérité.” (KAUFMANN, 2013, p.63)<sup>10</sup>

Portanto, cheguei à conclusão de que, possivelmente, estava lidando com indivíduos que se identificam com as classes A (mais de 10 mil reais) e B (5 a 10 mil reais) segundo o IBGE, mas para distingui-los dentre essas duas classes, criei novos indicadores econômicos tais como: viagem dos pais ao exterior, casa de veraneio, tipos de conta no banco, aplicações ações, número de carros, tipo de trajetória financeira, etc. Logo, esses outros indicadores acrescentados ao questionário seriam importantes para não ficar circunscrita à questão da renda para localizar os indivíduos no espaço social.

Distante do que a pesquisadora Pulici (2010) chama de “classes altas paulistas”, em sua tese O charme (in) discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção em São Paulo a pesquisa está circunscrita a um possível “*Ethos* emergente” e não a uma “Elite Tradicional”, já que a população estudada advém de “grupos médios profissionalizados”. Esse fato me chamou a atenção para a existência de diversas “Elites” dentro de um mesmo espaço social no Brasil. E a “Elite” profissional desse estudo se torna ainda mais fluída quando se dá início as ações afirmativas, e\ou implantação do processo de cotas na Universidade Federal de São Carlos.

## A estrutura da tese

---

<sup>10</sup> O homem comum só mente deliberadamente em alguns casos. Ele distorce e dá forma à sua própria maneira, para produzir sentido, e até mesmo a verdade, a sua verdade. (Tradução nossa).

Ao pensar na estrutura da tese, posso dizer que, na primeira seção, o primeiro movimento de cadência diz respeito às conexões entre a nossa área de pesquisa – a sociologia econômica – e o presente tema aqui desenvolvido.

Em um segundo movimento, redigi um texto mais extenso com vários sub-temas buscando discutir a problemática central de pesquisa, ou seja, a passagem do momento histórico inicial no qual nosso problema de pesquisa se localiza, justamente, na crise pós-fordista, circunstância em que surgiram pistas que nos colocam na trilha da emergência de um capitalismo financeiro. É a partir do desenrolar desses acontecimentos, nos seios das empresas/organizações, e de algumas profissões (em nosso caso escolhemos a profissão do engenheiro de produção) que averigui as transformações, lutas e disputas que virão a caracterizar esse capitalismo propriamente financeiro. Encontrei também, nesse segundo movimento, algumas indicações de quem seriam esses agentes sociais sobre os quais estava estudando, ou melhor, surgiam vestígios para caracterizá-los como uma possível elite financeira no Brasil devido aos seus atributos de distinção social, os quais estão caracterizados nas obras de Pierre Bourdieu. Incorri também em discutir o conceito de elite à luz de alguns autores franceses e norte-americanos e pontuei que esse conceito fluído era somente uma parte dos meus questionamentos, pois daria real importância para as estruturas de capitais e poder que esses agentes carrega. Por fim, fechei as discussões com uma seleção de trabalhos que mostra rapidamente como o capitalismo financeiro pode ser pensado no Brasil.

Na segunda seção, o movimento vai no sentido de caracterizar os primeiros momentos e os primeiros indícios da discussão sobre a temática da formação e profissão da engenharia de forma geral e a relação desses dois aspectos com a relevância dos marcadores culturais e econômicos e culturais dos agentes desse curso para a ocupação de determinados setores. Nesse sentido incorri em discorrer sobre a situação do engenheiro em quatro países distintos a fim de averiguar qual era o peso histórico, político e social na adequação da carreira de engenharia e qual seria o real peso dos capitais simbólicos nesse processo. Depois disso, passei a analisar a profissão da engenharia no Brasil com o mesmo intuito que realizei com os países anteriores. Em seguida analisei a situação do mercado de trabalho para os engenheiros no Brasil e em continuidade, a importância do curso de engenharia de produção e sua marca diferencial para o setor de gestão dentro das empresas. Descrevi também o perfil das três universidades estudadas e seus respectivos cursos de engenharia de produção. Dei prosseguimento com a análise sobre as escolhas de trabalho que os engenheiros de produção

possuíam no Brasil desde o surgimento do curso e fechei o estudo da engenharia de produção com a sistematização das opções dos setores de trabalho que trabalharemos na tese levando em conta a análise estatística que foi realizada. Encerrei esta seção tentando analisar nossa primeira e mais simples pista: se os currículos das universidades estudadas teriam algum potencial de direcionar os engenheiros formados para determinados setores do mercado de trabalho. Depois de analisar esta pista, dei continuidade na seção seguinte para as proposições de mais peso, que seria a significância dos capitais simbólicos dos indivíduos para suas tomadas de decisão sobre suas carreiras.

Na terceira seção, comecei a trabalhar com algumas questões teóricas que dizem respeito à aproximação ou ao distanciamento de uma cultura legítima, razão pela qual trabalharei com alguns conceitos de Pierre Bourdieu e Raymond Boudon que levantam os nossos questionamentos principais. Após o levantamento de conceito, trabalhei com os marcadores econômicos dos entrevistados comparando-os entre os alunos das três universidades estudadas, a fim de verificar os marcadores econômicos e outros que se associam a ele como a origem social, para averiguar o posicionamento dos engenheiros entrevistados no espaço social. Por último, busquei averiguar quais seriam as escolhas profissionais dos sonhos e as escolhas profissionais reais dos alunos das três universidades, bem como analisar a diferenças e as semelhanças entre esses posicionamentos.

Na quarta sessão, continuei com uma questão que foi colocada na seção anterior. Mapeado o capital econômico, gostaria de testar os marcadores culturais para averiguar a sua real importância nas decisões profissionais dos engenheiros de produção das três universidades estudadas. Por isso, trabalharei com os marcadores culturais, tentando mostrar a proximidade ou a distância entre os indivíduos estudados e uma cultura legítima, média ou um marcador cultural mais baixo. Nessa mesma seção, dei prosseguimento à mostra e análise de algumas entrevistas qualitativas e de quadros nos quais analisarei o perfil de alguns dos ex-alunos que participaram da pesquisa, a fim de obter algumas respostas que a análise quantitativa não respondeu por si só.

No quinto e último movimento, comecei a esboçar os principais passos metodológicos. A escolha metodológica foi pela análise quantitativa, baseada na técnica estatística de análise de correspondência múltipla. Esse procedimento foi muito usado em alguns estudos de Pierre Bourdieu, principalmente em *La noblesse d'État, Les Héritiers*, e em *La Distinction*. Em um de seus artigos, denominado classificação e desclassificação (contido na obra “Escritos de Educação”), o autor argumenta que não importa conceber as atitudes dos indivíduos como dominadoras ou dominadas, como conservadoras ou inovadoras, pois,

esquece-se, na verdade, a luta e a disputa que ocorrem no campo no qual as posições se dão relacionalmente. Portanto, é somente com relação ao espaço de disputa que se pode compreender as estratégias<sup>11</sup> individuais ou coletivas.

A análise de correspondência múltipla deu sentido à reflexão anterior, uma vez que ela trouxe consigo a simulação gráfica de um espaço social de lutas, onde os indivíduos são posicionados no espaço gráfico bem como as suas características, sua trajetória pessoal e profissional. Nesse sentido, pude mostrar e demonstrar, graficamente, como se forma e se conforma um possível mundo social desses engenheiros de produção. Pode-se observar, também, não somente os engenheiros que ainda estão nas universidades, mas também os que já se formaram e já estão situados no mercado de trabalho. Juntamente com esses dados pode-se visualizar todo o processo cronológico e histórico que abarca as escolhas e trajetórias dos indivíduos.

Em suma, nosso intuito principal com este trabalho era de, através do mapeamento das trajetórias de vida de um grupo profissional, refletir melhor sobre questões macro, desvendando o que está por trás desse novo capitalismo financeiro e, ao mesmo tempo, caracterizar como ocorrem as lutas intra e extra campo, as disputas dentro do sistema de dominação. Por fim, objetivei adquirir elementos para não só mapear o quadro de disputas no Brasil, mas também para como abrir um espaço para refletir, futuramente, sobre as possibilidades e possíveis soluções - através de políticas públicas de Estado - para a não manutenção desse *status quo*.

### **Proposições e objetivo da pesquisa**

Este trabalho não é um fruto dos estudos de sociologia das profissões, não é um trabalho que se baseia na sociologia da educação e ao mesmo tempo não se identifica como um trabalho interdisciplinar. A dialética contida na ideia do presente tema está alicerçada na transdisciplinaridade<sup>12</sup>, uma vez que, nosso objetivo fundamental é estudar um tema que

---

<sup>11</sup> É importante mencionar que a noção de estratégia que nos referimos compreende uma mobilidade para os indivíduos, em que esses não são fixos e se movimentam no espaço social a partir de suas diferentes decisões. Ou melhor, usaremos o conceito de estratégia, não a partir de uma dada racionalidade, antes, como um processo de escolhas que usa as convenções sociais e disposições sociais.

<sup>12</sup> A transdisciplinaridade procura estimular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade diferente da interdisciplinaridade que concilia conceitos de diversas áreas do conhecimento. Ou seja, na transdisciplinaridade existe uma espécie de pensamento que ultrapassa as próprias disciplinas, ou seja, através do confronto entre

aborda a temática das profissões e carreiras e da formação educacional de um grupo de indivíduos que, possivelmente, insere-se dentro do chamado capitalismo financeiro.

O estudo da profissão da engenharia, profissão bastante renomada em muitos países do mundo e no Brasil (incluída no grande tripé das profissões mais promissoras como medicina e direito), tem grande destaque afirmando-se sempre como uma profissão escolhida pelas classes mais altas, pela elite no caso do Brasil. Pois bem, essa profissão de grande sucesso, que apresenta não somente um grande status como também faz a honra dos homens endinheirados<sup>13</sup> no Brasil, sofre ramificações e especializações de acordo com as demandas do sistema capitalista e com as transformações incorridas nesse sistema.

A emergência da engenharia de produção é um exemplo de um tipo de arranjo, dentro da engenharia, que tomará conta principalmente do complexo industrial, que é criado e alicerçado com as duas grandes revoluções industriais. A modificação tanto no quadro de formação dessa especialidade quanto no destino em que esses indivíduos ocuparão no mercado de trabalho irá ocorrer sucessivamente até que essa elite adentre os muros do mais novo tipo de capitalismo, o das finanças. Pode-se dizer, portanto, que essa possível elite financeira, ou melhor, elite que está inserida no contexto e no mundo das finanças irá traçar e retraçar suas escolhas, direcionamentos e condutas de acordo com as mudanças na história política e econômica de diversos países no mundo.

É muito importante ressaltar que essas escolhas foram analisadas a partir da teoria da ação de Pierre Bourdieu e da contribuição que o autor oferece à sociologia econômica. Nesse aspecto, o que quero dizer é que me apoiei na ideia de que as escolhas desses agentes e suas trajetórias escolares e profissionais não são dadas pelo cálculo racional, ou seja, não são feitas maximizações para se obter o maior lucro a partir de suas escolhas e atitudes. Ou melhor, afirma-se que os agentes sociais são dotados de razão e do que os filósofos clássicos denominavam de “princípio de razão suficiente” e dirigem suas escolhas racionalmente, todavia, elas não implicam diretamente no cálculo.

Pierre Bourdieu substitui a palavra interesse pela noção de *Ilusio*, que tem sua raiz em *ludus* (jogo), portanto, a *Ilusio* é “estar preso ao jogo”, é “acreditar que este jogo vale a pena”, é um tipo de encantamento que se dá pela cumplicidade incorporada nas estruturas mentais dos indivíduos e objetivada no mundo social. Dessa forma, os agentes sociais acham

---

diversas disciplinas surgem novos dados mais complexos que organizam uma nova lógica de se pensar um fenômeno.

<sup>13</sup> Jargão usado por Jessé Souza em suas entrevistas.

interessantes os jogos que fazem sentido para eles, pois, foram postos e impostos em suas mentes e corpos através do que podemos chamar de jogo social.

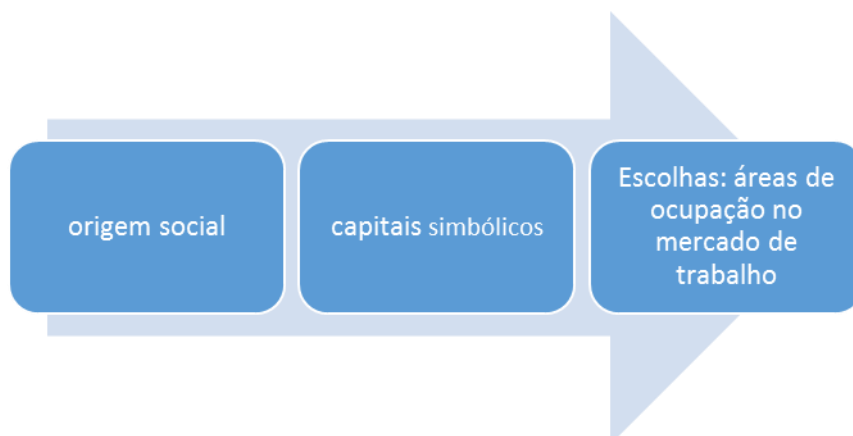
Em vez de reduzir as escolhas ao cálculo, o autor pensa nelas através da cumplicidade ontológica existente entre *habitus* e campo<sup>14</sup>. Os agentes sociais incorporam esquemas práticos de percepção e de visão de mundo e passam a agir a partir desses esquemas incorporados, motivo pelo qual suas ações não partem do cálculo. Portanto, o objetivo fundamental é o de analisar e estudar os capitais simbólicos inseridos nas distintas trajetórias de vida<sup>15</sup>, ou melhor, “[...] uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (BOURDIEU, 1996, p.74) Esses deslocamentos, no espaço social, se deram através das trajetórias e de forma distinta, de acordo com a distribuição dos diferentes tipos de capitais entre os indivíduos. Portanto, o esquema abaixo resume a grande hipótese da tese: posso afirmar que a origem social, carregada de seus capitais simbólicos, poderia destinar as escolhas que os indivíduos farão no que diz respeito as suas áreas de ocupação no mercado de trabalho?

---

<sup>14</sup> É importante mencionar, logo de início, que não trataremos nossos agentes sociais inscritos dentro de um campo e sim dentro de um espaço social. Primeiramente, poderíamos tratar a universidade e a relação entre as três universidades como um campo, de acordo com as afirmações de Monique de Saint Martin em visita ao Brasil em 2011. Contudo, seguindo o raciocínio da socióloga, um campo necessita de autonomia e nossos agentes antes ou depois de se formarem dependem do Estado e do mercado, portanto, podemos assinalar a ausência de autonomia desses agentes com relação a outros espaços. Devido a essa reflexão, pensaremos nossos agentes inscritos num espaço social. Por isso veremos esse espaço como “um lugar relativamente estável produzido por meio de *habitus* estruturado” (BOURDIEU, 2003, p.164)

<sup>15</sup> Gostaríamos de ressaltar que não faremos um estudo de trajetória e sim de momentos contidos na trajetória dos indivíduos que serão analisados a partir de seus capitais simbólicos.

**Figura 1 - Trajetória conceitual da tese**



Fonte: Elaboração da autora.

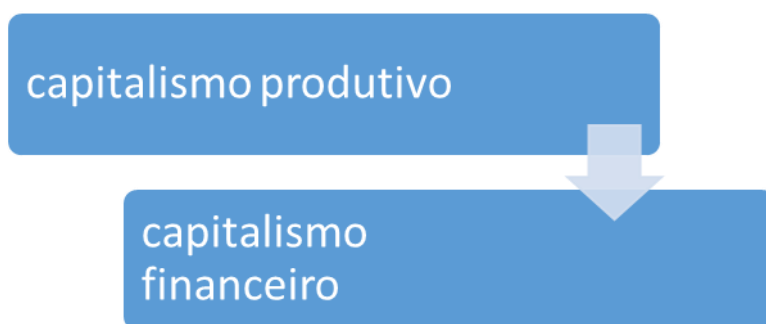
Desse modo, levei em conta a aquisição de capitais e a perda de capitais entre os indivíduos estudados bem como a noção de *habitus* carregada não somente de “regularidades objetivas de comportamento”, mas também, a “modalidade de práticas baseadas na improvisação, e não na execução de regras” (PINTO, 2000, p.38) O argumento provisório é o de que as escolhas profissionais dos estudantes do curso de engenharia de produção estão diretamente relacionadas aos seus capitais sociais dentro de novas perspectivas do capitalismo financeiro, que pode ser expresso através da lógica das empresas ou organizações ditas financeirizadas. Parte dos profissionais analisados e formados caracteriza a elite financeira do Brasil e outra parte os ditos entrantes (emergentes), que estão dispostos em uma luta de forças e dominação inscrita no campo social.

É nesse sentido que a tese toda demonstra um movimento por parte dos agentes que emerge através do desejo de ser elite, da busca em se tornar elite. Essa categoria não foi marcada como um conceito fixo na tese e sim como um conceito fluído que, constantemente, passa pela noção de classe média (inseridos na UFSCar) e retorna à questão da elite (os engenheiros do Império). Ou explica-se, por exemplo, na França, através de um processo histórico em que o termo elite desloca-se entre os demais termos como burguesia, pequena burguesia, classe dominante, classes altas e classes médias. Essa fluidez está diretamente ligada a metodologia de pesquisa usada, que marca um campo em que esse grupo profissional, jamais está fixo, antes, coloca-se em luta e disputa constante, ora se comportando como vanguardistas e ora através da tradição.

Ao mesmo tempo em que coloco como objetivo principal a análise dos capitais simbólicos e sua interferência na posição ocupada pelos agentes sociais no mercado de trabalho opto por ter como pano de fundo, como fio condutor, a conduta histórica dos agentes.

Ou seja, a opção inclui também o mapeamento de vários acontecimentos com a profissão da engenharia, as transformações de atuação dos indivíduos e “modalidades de práticas de improvisação” através da análise do processo da dita revolução dos gerentes, da futura queda da gerência acompanhada dos movimentos de governança corporativa nos seios das empresas, e de maneira mais “macro”, da passagem do capitalismo produtivo para o capitalismo financeiro.

**Figura 2 - Trajetória macrossociológica da tese**



Fonte: Elaboração da autora.

Essas mudanças, nesse processo histórico, tanto no perfil dos agentes como no das organizações eram decisivos no processo das escolhas profissionais dos indivíduos quando se tinha um modelo de empresa mais tradicional, como ressalta Grun (1992). Todavia, esse peso das mudanças históricas acaba se transformando, uma vez que os capitais simbólicos adquiridos ou herdados pelos indivíduos passam a ter papel preponderante nesse processo de decisões e escolhas pelas ocupações e carreiras. É por esse motivo que gostaria de justificar o peso maior dado aos estudos dos capitais simbólicos, mas, ao mesmo tempo, não gostaria de deslegitimar o papel das mudanças históricas dentro das organizações e a própria mudança no capitalismo, que também foram fatores possivelmente muito importantes para o posicionamento dos agentes e que terão o seu papel reconhecido na parte das entrevistas qualitativas.

Outro processo que deve ser considerado para além do processo de reprodução social, (da implicação da origem social nas escolhas, posicionamentos e tomadas de decisão por determinadas carreiras) é a primeira pista de se pensar na adequação dos currículos de cada universidade estudada indagando se esses poderiam ter algum potencial de direcionar os encaminhamentos profissionais dos engenheiros de produção. Outro fator importante seria averiguar se a posição ocupada pelos profissionais no futuro talvez seja fruto de um processo



histórico que coloca em questão: Qual o papel da escola (universidade) para a sociedade brasileira? Quais os tipos de diplomas são valorizados pelo mercado de trabalho brasileiro? É importante refletir sobre o fato da atribuição do valor que é dado, por exemplo, aos cursos de engenharia no Brasil e aos diplomas do engenheiro, que é diferente, por exemplo, do valor atribuído ao diploma de cursos de humanas como pedagogia e letras. Posso ir um pouco além desse argumento se pensar que o valor simbólico que é agregado a esses diplomas carrega consigo a recompensa de um valor material, que é o salário recebido por esses engenheiros.

Na obra *Les sociétés et leur école*, os autores Dubet, Bellat e Véréttout (2010) ressaltam que quanto maior a influência do diploma, mais fortes serão as desigualdades sociais e mais intensa a reprodução social. Contudo, ainda afirmam que não existe uma relação direta entre o aumento das desigualdades escolares com a desigualdade social. Portanto, concluímos que não basta reduzir as desigualdades escolares (universitárias) para que se reduzam as desigualdades sociais. A questão, muitas vezes, está justamente no tocante aos valores sociais e simbólicos atribuídos às coisas, como por exemplo, o valor social atribuído ao diploma.

Fecho esta nota introdutória levando em conta as palavras e os conceitos chaves que serão averiguados na tese: a pista da eficácia do currículo para direcionar a ocupação dos agentes estudados, a proposição maior de averiguar a influência de seus capitais ou marcadores econômicos e simbólicos para a ocupação dos cargos financeiros e o valor social não só atribuído aos diplomas, mas também a legitimidade ou deslegitimidade das instituições universitárias estudadas.

## **PARTE I**

# 1. A SOCIOLOGIA ECONÔMICA, A EMERGÊNCIA DO CAPITALISMO FINANCEIRO E A RECONFIGURAÇÃO DE SEUS AGENTES

## Introdução

Nosso intuito principal, neste capítulo, é o de mostrar como alguns conceitos da sociologia econômica poderão nos ajudar a tecer uma linha de raciocínio e respaldar nossos argumentos dentro do tema de pesquisa escolhido. Discutiremos algumas questões referentes à fluidez do conceito de elites e mapearemos a nossa verdadeira intenção dentro da pesquisa, que não seriam as elites propriamente ditas, antes, o estudo dos capitais simbólicos de uma possível elite profissional. Posteriormente, discutiremos a passagem do processo de um capitalismo produtivo para as recorrentes mudanças do capitalismo financeiro. Dentro dessa passagem, serão acentuadas as lutas entre os agentes envolvidos nesse processo bem como a reconfiguração da profissão do engenheiro de produção. Fecharemos o nosso texto com algumas ressalvas rápidas sobre a inserção desse capitalismo financeiro no Brasil através dos apontamentos de algumas pesquisas sobre a sociologia econômica e das finanças.

### 1.1 A influência da sociologia econômica em um tema de pesquisa

Um achado bem estabelecido da economia experimental é que as instituições importam porque as regras importam, e as regras importam porque os incentivos importam. Mas os incentivos aos quais as pessoas respondem às vezes não são aqueles que se poderia esperar com base nos cânones da teoria econômica ou da teoria dos jogos. Acontece que as pessoas estão às vezes melhor, às vezes pior – ao alcançarem ganhos para si próprias e para outros – do que o previsto pelas formas padronizadas de análise racional (Smith, 1991).

A sociologia econômica é um ramo das ciências sociais que tenta unir duas disciplinas que davam as costas uma para a outra: a sociologia e a economia. Um dos estudiosos do tema, Philippe Steiner (2006), realizou um dos mais profundos estudos, buscando abordar os principais temas dentro da sociologia econômica.<sup>16</sup> De acordo com o

---

<sup>16</sup> É importante mencionar que não estamos buscando construir um texto sobre o que seria a sociologia econômica e como ela trabalha, por isso mesmo, não usamos todos os autores engajados nessa linha de pesquisa. O nosso intuito é mostrar alguns aspectos da sociologia econômica que são importantes para esse trabalho. A saber, as noções de *rational choice*, de interesse, das escolhas, das preferências auto-interessadas e reveladas, do conceito de redes sociais, comportamentos marcados pelas paixões e o conceito de *habitus*. Ou seja, todos os

autor, a sociologia econômica pode ser definida como uma ciência que tem como objeto de pesquisa os fatos econômicos, todavia, o olhar dado a esses fatos últimos é o olhar mais profundo e apurado da sociologia. Seu objeto central seria o de estudar a construção social das relações de mercado e a origem social dos fenômenos econômicos. Ou seja, dentro dos próprios mecanismos mercadológicos, são observadas as facetas de teor moral, axiológico, religioso ou mesmo legal. Ou nas palavras de Dequech:

O trabalho interdisciplinar que envolve a economia e outras ciências sociais aumentou de maneira significativa nas últimas duas décadas. Os economistas invadiram o território usualmente ocupado por outros cientistas sociais e – como reação a esse “imperialismo econômico”, ou não – alguns desses outros cientistas devotaram sua atenção a assuntos econômicos (Dequech, 2003, p. 510).

De acordo com Abramovay (2004), com o passar do tempo, a interdisciplinaridade entre economia e sociologia passou a ser algo importante e ambas deixaram de participar de uma disputa de campos, logo, a sociologia econômica é agregada temas diversos como confiança, instituições, organizações formais e informais, representações mentais dos atores sociais, tendo como base suas interações sociais, etc. Nesse sentido, para dar concretude às afirmações do autor, o mesmo cita Gary Becker (1976, p.8):

...a abordagem econômica é global, aplicável a todo o comportamento humano, envolva ele preços de mercado ou preços sombra imputados, decisões repetidas ou pouco frequentes, decisões maiores ou menores, fins emocionais ou mecânicos, pessoas ricas ou pobres, homens ou mulheres, adultos ou crianças, pessoas brilhantes ou estúpidas, terapeutas ou pacientes, políticos ou homens de negócios, professores ou estudantes.

Para dar embasamento teórico à definição da sociologia econômica, Steiner (2006) chama atenção para a tematização da sociologia econômica em alguns autores clássicos como Pareto, Durkheim e Weber<sup>17</sup>. Dando sequência ao arcabouço estudado pelos autores supracitados, Pareto contribui discutindo questões econômicas de forma mais complexa, ou melhor, traz à tona a importância da dimensão social aplicada à economia. Já Durkheim faz a tentativa de sugerir uma substituição da economia política (bastante criticada

---

conceitos discutidos concernem diretamente às discussões que serão feitas no presente trabalho, sendo que não há o interesse em se fazer uma revisão das teorias inseridas no tema da sociologia econômica como um todo.

<sup>17</sup> É importante pontuar que a diferença entre a sociologia econômica francesa e a sociologia econômica alemã é a de que os pressupostos da última encaminham-se de forma que a sociologia completaria o que falta à economia. Já para sociologia francesa, a sociologia econômica deveria substituir os pressupostos colocados pela economia.

no fim do século XIX) pela sociologia econômica. Weber e seu aluno Schumpeter colaboram assinalando o fato de que a sociologia econômica poderia dar maior completude aos pressupostos da economia política.

Atribuindo mais sofisticação às palavras anteriores, Pareto (1981) aponta em seus estudos que, embora o homem seja movido por considerações econômicas, o *homo economicus* possui paixões. Ou seja, existem outras ações que não somente as econômicas guiando a conduta dos homens, a saber, a corrupção, o lobby e várias outras dimensões da vida social como a política, religião, etc. Para o autor, as ações racionais (lógicas) constituem apenas um tipo de ação e caminham ao lado de ações não lógicas e estas, por sua vez, são mais importantes quando se tratam de explicar fenômenos sociais.

Em Durkheim (1893), a sociologia econômica deveria substituir a economia positivista, pois, a sociologia econômica demonstra que o comportamento egoísta propriamente dito é acompanhado de outras formas de comportamento que podem variar de acordo com momentos históricos e contextos distintos. Já a economia estuda as consequências de comportamentos essencialmente racionais sem considerar o meio social ou preocupações históricas. Para o autor, os estudos sobre funcionamento do mercado devem refletir sobre as instituições e representações sociais. Por isso, o autor se interessa por temas que tracem comportamentos egoístas e justificados por normas sociais ou mesmo pelas estruturas cognitivas dos indivíduos. Para melhor compreensão desse processo, recorremos a Mauss (1980), seu sobrinho, quando esse define melhor o que são as instituições. Essas, por sua vez, estão repletas de atos e ideias, ou seja, elas nada mais são do que fatos sociais durkheimianos. Ou melhor, como cita Vleben, “as instituições são hábitos mentais predominantes, são modos muito difundidos de pensar as relações particulares e as funções particulares do indivíduo e da sociedade.” (VLEBEN, 1899, p. 125). Já as representações sociais medem as dimensões dos comportamentos cognitivos, que se consubstanciam em noções como as de valor, moeda, preço, etc. As representações, para Durkheim (1893), são instituições propriamente ditas e são consideradas instituições também nos espaços marcados pela economia moderna, quando, por exemplo, J.K. Arrow (1974) atribuiu grande importância às instituições invisíveis como: a confiança, os princípios éticos ou morais (quando se trata de estudar organizações imersas ou não dentro dos mecanismos de mercado).

Max Weber, por sua vez, considera a existência de ações individuais carregadas de sentido e de motivações, as quais o sociólogo deve compreender através de diversas análises como estatísticas, psicológicas, etc. Nesse sentido, o autor considera os fatos econômicos como fatos sociais “na medida em que a procura de bens escassos obriga o agente

a levar em conta os comportamentos dos outros agentes econômicos e o sentido que eles dão a sua ação.” (STEINER, 2006, p.13) Um exemplo disso é o fato de que, em sua obra *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*, Weber (1995) demonstra que o comportamento racional econômico em toda a civilização moderna não deixa de ser uma construção social. Dessa forma, o autor considera uma racionalidade instrumental como a do homo economicus, mas, ao mesmo tempo, assinala a existência de uma racionalidade axiológica<sup>18</sup>, ou seja, uma racionalidade regida por valores. Para atribuir concretude maior a esse último conceito, Amartya Sen assinala que “a teoria econômica pode integrar os comportamentos altruístas com bastante facilidade, mas o mesmo não acontece com os comportamentos axiológicos em que, em nome de seus valores, o agente age racionalmente contra seu valor econômico” (SEN, 1987 apud STEINER, 2006, p. 25).

Max Weber (1965), por sua vez, propõe três aspectos importantes para serem considerados dentro dos estudos da sociologia econômica: 1) a análise das estruturas das relações socioeconômicas, 2) análise da formação histórica dessas relações, 3) análise da significação cultural que comporta as três dimensões mencionadas: analítica, histórica, cognitiva. Portanto, o autor acaba por atribuir importância a temas da sociologia econômica que enfatizem as instituições e ações econômicas.

Refletindo sobre as considerações dos autores sobreditos, percebemos que a sociologia econômica não recusa a teoria econômica propriamente dita e nem mesmo os comportamentos egoístas baseados no cálculo, do contrário, ela busca explorar os fatos econômicos e de mercado e, dentro deles, buscar comportamentos que ultrapassem essa lógica racional instrumental weberiana. No entanto, é importante buscar um equilíbrio em que não se exclua a existência de comportamentos racionais, como indica a batalha sociológica de Willian H. Swell, além de não se reter, simultaneamente, à racionalidade exacerbada de James S. Coleman<sup>19</sup>. Quer dizer, faz-se necessário ultrapassar a batalha entre *homo rationalis* versus *homo culturalis*. É preciso enxergar as múltiplas racionalidades e entender o interesse como um dado arbitrário, ou seja, visualizar a possibilidade da existência de múltiplos interesses sempre determinados pela construção social no tempo e espaço específico, como assinalam Wacquant e Calhoun (1989).

---

<sup>18</sup> É importante mencionar que essa terminologia é de Raymond Boudon (1988).

<sup>19</sup> Essa discussão pode ser encontrada no artigo denominado Intérêt, rationalité et culture – A propôs d'un récent débat sur la théorie de l'action, 1989, na revista Actes de la Recherche.

Tendo como ponto de partida as discussões supraditas pelos teóricos em estudo, iremos refletir sobre a presente pesquisa nos moldes da sociologia econômica e, em correspondência com as indicações de Pareto (1981), analisaremos comportamentos não estritamente racionais, antes, comportamentos marcados por paixões. Estudaremos a profissão do engenheiro, que por sua vez, nasce no seio do capitalismo produtivista com a revolução industrial e que, atualmente, se encaminha para posições mais econômicas e financeirizadas. Trabalharemos com a proposição de que as escolhas profissionais desses agentes não são estritamente marcadas pela maximização dos lucros, antes disso, se modelam de acordo com diferentes contextos históricos e sociais, como afirma Émile Durkheim.

Adentraremos, portanto, em um espaço de estudos no qual a teoria econômica não alcança, isto é, por trás das escolhas profissionais desses indivíduos visualiza-se uma gama de fatores de conteúdo valorativo que, talvez, seja inserida dentro do contexto de uma racionalidade axiológica, apontada por Raymond Boldo (1988).

Essa substância valorativa poderá ser observada a partir da trajetória de vida dos agentes sociais estudados e de suas representações sociais, ou melhor, provém do resultado de experiências que passam pelo filtro cognitivo dos indivíduos e dos grupos sociais. A saber, pelo mecanismo de transferência de herança (capital econômico), pelo arcabouço cultural dos indivíduos (capital cultural) e por suas relações pessoais com seus pares (capital social). Para isso, metodologicamente, perpassaremos pelos três aspectos importantes nos estudos de sociologia econômica que foram ressaltados por Weber. Buscaremos 1) uma análise das estruturas das relações socioeconômicas através das especificidades do capitalismo produtivo, da alocação dos profissionais estudados (engenheiros), dentro desse universo, e a transferência desses agentes para um capitalismo tipicamente financeiro, no qual poderemos vislumbrar as mudanças de suas escolhas e posicionamentos profissionais; 2) analisaremos a formação histórica<sup>20</sup> dessas relações de forma macro a partir da história do capitalismo (produtivista-financeiro), em contextos mundiais, e posteriormente focaremos na história dessas relações no Brasil, voltando ao Brasil imperial e apontando rapidamente como a história social transforma as escolhas e os posicionamentos dos agentes estudados;<sup>21</sup> 3)

---

<sup>20</sup> É válido ressaltar que devemos ter cuidado com a análise puramente histórica pelo mesmo motivo que Karl Polanyi sofreu críticas em seus trabalhos ao usar o conceito de imersão social (*embedded*), pautado em uma interpretação puramente histórica. Tem-se que supor, como assinala Granovetter (2000), uma descrição mais original da sociedade e das relações mercantis.

<sup>21</sup> Cécile Raud (2009) aponta uma questão ponderosa nos estudos da nova sociologia econômica (NSE): o resgate das análises clássicas dos cientistas políticos brasileiros a respeito das relações históricas entre o empresariado nacional, internacional e o Estado brasileiro. É nesse intuito que faremos nosso resgate histórico posteriormente.

Analisaremos a significação cultural dos indivíduos, ou seja, a construção social de seus filtros cognitivos através de suas representações sociais e de suas formas de pensar o mundo (instituições invisíveis)<sup>22</sup> nos apoiando na teoria de Pierre Bourdieu (2008).

De acordo com Frédéric Lebaron (2001), Pierre Bourdieu avançou em relação aos seus parceiros na pesquisa francesa, já que os últimos ainda pontuam que a sociologia econômica deveria substituir os pressupostos da teoria econômica. Bourdieu (1968), porém, lançou suas ideias no sentido de pensar a ciência econômica a partir de uma sociologia do conhecimento. De acordo com o autor, o cientista deve deixar de lado as categorias sociais pré-existentes, romper com as pré-noções do senso comum através do processo de ruptura epistemológica e se esforçar para pensar em novos conceitos como os propostos pelo autor: *habitus*<sup>23</sup> e campo. Dessa forma, Bourdieu (2005, p.17) afirma sobre a sociologia econômica que “[...] tudo o que a ortodoxia econômica considera como um puro dado, a oferta, a demanda, o mercado, é produto de uma construção social, é um tipo de artefato histórico, do qual somente a história pode dar conta.”.

Pierre Bourdieu (2000) também é um dos autores que faz uma forte crítica à teoria econômica e à noção de *homo economicus*, quer dizer, é contra as afirmações de que os indivíduos agem somente em função de uma ação econômica racional e, nesse aspecto, reivindica que os estudos culturais abrem portas para análises ainda não dimensionadas pela teoria econômica. A partir de seus conceitos e teorias, Bourdieu buscou reinserir o econômico no social. Logo, o autor afirma que “o cálculo estritamente utilitarista não pode dar conta completamente de práticas que permanecem imersas no não-econômico” (BOURDIEU, 2000, p.21).

Uma das dimensões estudadas pelo autor, que contribuiu muito para a presente pesquisa, é a noção de interesse. O autor assinala que “[...] há tantas formas de libido, tantos tipos de ‘interesse’, quanto há campos. Cada campo, ao se produzir, produz uma forma de interesse que, do ponto de vista de outro campo, pode parecer desinteresse (ou absurdo, falta de realismo, loucura etc.)” (Bourdieu, 1996, p. 149). Mas, simultaneamente, é válido reportar que o interesse mencionado pelo o autor é diferente do interesse estudado pela teoria

---

<sup>22</sup> J. K. Arrow (1974)

<sup>23</sup> O *habitus* pode ser pensado como um conceito que carrega em si uma noção menor de racionalidade, contemplando questões simbólicas e a noção de *ethos* moral, que alicerçam a ideia da teoria do *habitus*. A ideia de *ethos*, advinda de Max Weber, toma outra roupagem a partir da noção de *ethos* de classe em Pierre Bourdieu, noção que contém toda a moralidade do cotidiano, toda uma ética incorporada, que é exteriorizada na forma de disposições práticas e cotidianas. Contudo, Phillipe Steiner assinalou, em palestra no Brasil, que o *ethos*, quando reportado ao corpo, não está mais presente nos estudos de Weber e sim nos de Bourdieu e Foucault.



econômica, esse último, por sua vez, é visto de forma a-histórica, enquanto Bourdieu (1980) menciona que existe um lado social voltado para a noção de interesse. Essa afirmação pode ser confirmada quando o autor menciona as trocas, declarando que essas não possuem conteúdos estritamente econômicos. É dentro deste mesmo viés, que Swedberg (2004, p.26) pontua a importância de se estudar a noção de interesse dentro da sociologia econômica, uma vez que,

Vale lembrar, os interesses são sempre socialmente construídos e podem apenas se concretizar tipicamente por meio de relações sociais. Como sempre, a compreensão subjetiva dos atores é também central; e por nossa própria experiência todos sabemos o quão árduo é decidir em que consiste nosso interesse, seja em termos emocionais, políticos ou econômicos.

É meritório reproduzir também o pronunciamento que Max Weber sobre a discussão, em sua obra *The methodology in social science*, acerca da noção de interesse:

São interesses materiais e ideais, e não ideias, que governam diretamente a conduta dos homens. Não obstante, com certa frequência as ‘imagens de mundo’ criadas por ‘idéias’ têm, como chicotadas, determinado as sendas pelas quais a ação foi sendo empurrada pela dinâmica do interesse (SWEDBERG, 2004, p. 27 apud WEBER, 1946, p. 280).

Voltando a Pierre Bourdieu (2005), devemos assinalar também que o autor rompe com a teoria econômica, uma vez que, para ele, os agentes que interagem entre si não são iguais, ou seja, eles possuem diferentes tipos de capitais, o que implica na ocupação de diferentes posições, no espaço social, que levam alguns indivíduos a dominarem e outros a obedecerem. Dentro desse contexto, é importante indicar que as estratégias de ação dos agentes sociais não se dão por si só, mas estão estruturadas dentro de um campo. Todavia, de acordo com a leitura de Boyer (2003), Bourdieu não pensa na reprodução do mundo social de forma completamente estática, pensa também em suas transformações e mudanças. Bourdieu (2005, p.38) afirma que “visto que as forças do campo tendem a reforçar as posições dominantes, podemos nos perguntar como verdadeiras transformações das relações de força no seio do campo são possíveis.”

Dentro dos conceitos do autor, que exploram a perspectiva do agente econômico também, está o conceito de *habitus*. Esse último não depende somente da posição social do agente, antes, de sua trajetória pessoal. Ou seja, o comportamento dos agentes sociais se dá menos pelas estratégias e pelo cálculo e mais por um jogo estabelecido entre diversos agentes

sociais. O *habitus* marcará traços das ações cotidianas e, muitas vezes, tradicionais dos indivíduos em seu dia a dia (ações e costumes), e por isso, grande maioria das vezes, não são contidos no cálculo.<sup>24</sup>

Cabe mencionarmos também outros autores, dentro da nova sociologia econômica, (NSE) que contribuem significadamente para a presente pesquisa. Cabe lembrar que a NSE surgiu, em meados de 1980, como uma crítica à tradição neoclássica. Anteriormente a esse momento, a economia parecia cindida de outras disciplinas. Era muito forte a premissa de autores, como John Stuart Mill (1988), em assinalar que a economia era uma ciência separada que empregava o método dedutivo e se baseava no pressuposto de que os homens preferem uma quantidade de riqueza maior a uma menor. Nessa mesma linha de raciocínio, afirma John Nevilles Keynes (1999, p.14), e itera Abramovay (2004): “outros motivos além do desejo de riqueza operam em várias ocasiões, determinando as atividades econômicas do homem. Eles devem, entretanto, ser negligenciados [...] uma vez que sua influência é irregular, incerta e caprichosa”. Ou seja, essas afirmações apontam o fato de que os indivíduos agem de acordo com seus próprios interesses e esses se baseiam na maximização de seus resultados. Logo, o comportamento dos agentes sociais é totalmente previsível.

Essa abordagem pode se tornar ainda mais forte a partir de análises que se baseiam no conceito das preferências reveladas. Essas últimas carregam asserções bastante contundentes, a saber, as de que não importam de onde vêm e como se formam os gostos dos indivíduos. Ou seja, seus comportamentos devem ser explicados em concordância com seus comportamentos individuais e não em função de outras extrapolações explicativas de qualquer origem. Detalhamos ainda mais, segundo os apontamentos de Bianchi e Muramatsu (2004, p.34)

[...] a escolha da pessoa revela sua preferência, e qualquer elemento que possa desencadear ou manter certos cursos de ação é redutível ao denominador comum da utilidade. Torna-se assim possível prescindir de uma descrição acurada dos mecanismos e processos geradores do comportamento. O importante seria a consistência de escolha que se revela na hipótese de utilidade, manifesta nas alternativas efetivamente selecionadas pelos agentes, independentemente dos mecanismos psicológicos que as desencadeiam.

---

<sup>24</sup> Não podemos esquecer que o *habitus* não está contido somente de ações rotineiras, mas também de inovações e ações criadas pelos indivíduos.

Dessa forma, a economia não necessita estudar a origem ou como se formam os gostos, pois, eles seriam advindos de escolhas racionais e essas se dariam de acordo com as curvas de preferências de cada indivíduo. Tais curvas obedeceriam regras invariáveis de comportamento, ou seja, não haveria espaço para a sociologia ou para a psicologia nas explicações de fenômenos econômicos pautados na ação dos indivíduos. Bianchi e Muramatsu (2004) assinalam que seria importante refletir sobre - um aspecto que a economia tem dificuldade de explicar - as escolhas que advêm de compromissos e planos. Esses últimos podem se referir a escolhas contrapreferenciais, pois, existe uma lacuna entre o que os indivíduos preferem e entre o que eles realmente escolhem, ou seja, muitos planos podem ir contra a perspectiva das preferências auto-interessadas.<sup>25</sup>

É seguindo essa lógica de pensamento, que David Gautier (1996) aponta que para além das escolhas determinadas pela razão, existem situações que ultrapassam as preferências auto-interessadas dos agentes. Em outras palavras, o autor relata que, muitas vezes, os agentes sociais traçam um plano que pode ser diferente de suas preferências reais. A saber, temos a ilustre frase de Homero em *Ilíada* e *Odisseia*, obras nas quais Ulisses opta por um plano, ao invés de seguir o seu real desejo e acaba por confirmar a asserção anterior: “Honre sua obrigação de obter glória para o povo grego independentemente de seu desejo pessoal de navegar em direção às sereias”.<sup>26</sup> (BIANCHI & MURAMATSU, 2004, p.34)

O que podemos perceber, respaldados, sobretudo na nova sociologia econômica, é que, atualmente, as mesmas discussões são visualizadas a partir de outro viés, ou melhor, a sociologia, a psicologia e seus aparatos simbólicos e cognitivos são considerados como preocupação fundamental das pesquisas atuais. É nesse sentido que Abramovay (2004, p. 43) assinala que:

A economia dos últimos vinte ou trinta anos evoluiu numa direção bem diferente da sugerida pela idéia walrasiana de equilíbrio geral. A idéia de que a economia consiste num conjunto atomizado de sujeitos egoístas interagindo ocasionalmente com base num mecanismo automático e tendente ao equilíbrio corresponde apenas a uma parte da formação da disciplina.

---

<sup>25</sup> Nesse sentido, temos duas questões muito importantes em nossos questionários, a primeira se pauta na preferência da área de atuação que poderia ser escolhida pelos graduandos em engenharia. Depois que esses engenheiros ingressam no mercado de trabalho, poderemos averiguar se suas preferências na graduação coincidem com suas áreas de atuação.

<sup>26</sup> Para entender melhor as hipóteses sobre as escolhas baseadas em planos, ler Gautier (1996).

Vem à tona, então, o que David Dequech (2003) chama de “virada cognitiva”, que trata exatamente de questionar o que a economia tradicional via como princípios universais da conduta humana. Outros pensadores, como Paul Dimmagio (1994), vão um pouco mais longe dizendo que os modelos mentais não devem ser buscados nas ciências da cognição e sim na cultura (da sociologia e antropologia cultural). O autor pontua que a cultura, por sua vez, pode moldar as instituições econômicas e os negócios. É nesse sentido que Swedberg (2003, p.12) assinala que “as instituições, sob essa perspectiva, não devem ser entendidas como regras (que é a definição popular hoje), mas como configurações distintas de interesses e relações sociais”.

Outro estudo importante dentro do debate da nova sociologia econômica, que poderá respaldar a presente pesquisa, é o de Mark Granovetter sobre as redes sociais. O autor nos mostra como os indivíduos podem se ligar através de vínculos diretos e indiretos para a obtenção de bons cargos e o posicionamento no mercado de trabalho. Esses objetivos individuais são atingidos quando se tem um capital social constituído, ou seja, uma rede de amigos e pessoas conhecidas que pode influenciar escolhas profissionais. Esse mecanismo é descrito por Max Weber (1995), quando o autor aponta que o pertencimento a uma comunidade religiosa constituía uma vantagem nas carreiras comerciais nos Estados Unidos no início do século XX.

No caso do presente tema, como temos o intuito de estudar a trajetória de engenheiros que podem ocupar postos e se tornarem a grande elite financeira do país<sup>27</sup>, devemos ponderar que os estudos de capital social<sup>28</sup> mostram que, quando se trata de buscar um emprego, o capital social funciona como um forte mecanismo de legitimação para pessoas mais abastadas, no entanto, para pessoas de classes sociais mais baixas ele não é tão relevante. Em outros casos, a saber, em uma catástrofe natural de um furacão, percebe-se que as pessoas de classes sociais mais baixas possuem um capital social superior ao das classes abastadas.<sup>29</sup>.

Outro autor de destaque, dentro da corrente da nova sociologia, que merece menção é Neil Fligstein. Encarregado por estudos sobre fenômenos políticos da nova sociologia econômica (NSE), o teórico faz uma análise cronológica sobre a construção histórica dos mecanismos de concorrências entre as firmas nos Estados Unidos. Essa análise

---

<sup>27</sup> Nesse caso, estamos nos referindo à potência de se tornar elite.No presente trabalho, averiguaremos até que ponto essa potência se relaciona ou não com a realidade.

<sup>28</sup> Estudo realizado em um estado do sul dos Estados Unidos por Hurlbert; Beggs; Haines (2001).

<sup>29</sup> Dentro desse aspecto, poderemos avaliar se a rede social construída é um caminho para obtenção do sucesso econômico ou se seria um entrave para as relações econômicas individuais

processual nos será útil para visualizarmos a ação social e as escolhas dos agentes sociais, dentro de um contexto de mudanças internacionais, que repercutirão em transformações tanto dentro das empresas brasileiras como também no posicionamento profissional dos agentes sociais estudados (os engenheiros, em nosso caso). Ademais, sua análise é de extrema relevância para compreendermos como chegamos, desde os anos 80, à forma de controle *shareholder value*. Nesse momento, os agentes ascendentes são os acionistas e os pilares estruturais consolidados abrem portas para o desenvolvimento de um capitalismo financeiro.

Em suma, são nas bases desenvolvidas pela sociologia econômica clássica, com o respaldo da nova sociologia econômica, que nos inspiraremos prosseguir com esta pesquisa, ponderando os seguintes pressupostos: se as escolhas, os interesses e os posicionamentos dos engenheiros de produção estudados adentram a proposta de escolhas razoáveis e não puramente racionais, a partir do momento em que nos atentamos para o pressuposto de que os diversos tipos de capitais (contidos de posicionamentos de razão axiológica) dos indivíduos podem orientar suas escolhas pessoais e de formação educacional e profissional. Em um sentido mais macro podemos levantar a seguinte questão de pesquisa: nossos agentes sociais encaminham-se para escolhas profissionais que estão inseridas dentro de um capitalismo financeirizado? Os pressupostos indicados e essa ampla pergunta de pesquisa (e outras questões não menos importantes) é que orientarão o estudo que se segue.

## 1.2 Estudando as estruturas de poder através de um grupo denominado elite

*À la opposition entre "le capitalisme et l'ouvrier" se substitue l'opposition entre "le capitalisme et l'ensemble de la collectivité". "L'intérêt général qui mène à l'intérêt national, est ainsi constitué contre l'intérêt de classe. L'unité primaire de mobilisation n'est plus la classe mais la nation. (Henri de Man, 1928)<sup>30</sup>*

Um autor eminente, dentro do debate sobre a definição das elites, é Raymond Aron (*Études sociologiques*, 1988) critica a teoria das elites, apontando a necessidade de outra categoria analítica, a categoria dirigente: minorias que ocupam posições ou funções que não podem deixar de ter influência sobre o governo. Para o autor, esse conceito substitui o de classe dirigente se sobressai ao evitar ressonâncias ou implicações ideológicas ao conceito de classe e, conseqüentemente, não pressupor uma ideia de classe dirigente unificada, uma vez

---

<sup>30</sup> Para a oposição entre "o capitalista e os trabalhadores se substitui a oposição entre" o capitalismo e todo o coletivo. "O interesse geral que leva ao Nacional assim, se constitui contra o interesse de classe. A unidade primária de mobilização não é mais a classe, mas a nação." (Henri de Man, 1928)

que há uma pluralidade de elites, dentre as quais mencionamos as intelectuais, econômicas, políticas, etc.

Podemos citar também a reflexão de Pierre Bourdieu (*Distinction, critique sociale du jugement*, 2008), nossa inspiração teórica neste estudo. Ela fará outra análise do poder, afirmando que a chance de sucesso de alguns indivíduos é determinada por leis que direcionam o funcionamento de diferentes campos dentro do sistema social. Por isso, cabe evidenciarmos o sistema de relações que direciona o sucesso ou o fracasso dos indivíduos, bem como as estruturas hierárquicas ou de dominação, que estão envolvidas nessa relação entre diferentes frações da classe dominante. Essa teoria rejeitaria os estudos da teoria das elites, pois, existem conflitos entre as diferentes frações da classe dominante e não uma classe dominante unívoca e homogênea, caracterizada pela ausência de conflitos e disputas.

Em suma, podemos dizer, apoiando-nos na leitura de Giovani Busino (1992), que o termo elite passou e passa ainda por muitas discussões e dissensos, pondendo caracterizar a posição ou a ação de uma classe ou fração de classe que exerce função de direção intelectual, moral ou econômica. Já a classe dirigente corresponde ao conjunto daqueles que pertencem a diferentes classes, ocupadas dentro de diversos setores sociais uma função de dirigente. Todas as minorias, (política, religiosa, econômica, social, intelectual, tecnológica, militar, etc) são consideradas elites dirigentes e dominantes e a classe dirigente não coincide necessariamente e sempre com a classe dominante.<sup>31</sup> Não existe um acordo geral sobre essas terminologias, uma vez que, essas ambiguidades estão desaparecendo. Para a maioria dos pesquisadores, o termo elite designa tudo o que se encontra em torno da hierarquia social e que exerce funções importantes, que são valorizadas e reconhecidas publicamente por suas rendas, diferentes formas de privilégio e prestígio.

Alguns pesquisadores ainda concebem que classes políticas designam aqueles que detêm um poder no governo e classe dirigente para os influenciadores sobre os governantes e os governados, ou seja, que possuem influências financeiras e/ou econômicas. Todavia, a corrente dominante utiliza o termo elite ou elites como um termo generalista para todas essas ocupações hierárquicas. As pesquisas se dividem em dois grupos, um anterior voltado para a lógica Marxista e outro voltado para a lógica plural dos estudos sobre elites. Atualmente, os estudos sobre elites dão ênfase para: a maneira como as elites nascem, transmitem as suas posições, declinam, como organizam e exercem o poder, a composição interna dos grupos, as

---

<sup>31</sup> Por exemplo, podemos ter uma classe dirigente que não é classe dominante, mas que pode ser considerada como classe média. Veremos essas questões-no próximo tópico.

questões entre as diferentes frações de um grupo, a coesão social e os conflitos entre elites. Por isso, é importante considerar as pesquisas sobre origem social, os tipos de recrutamento ou formação, qualidades que asseguram o sucesso, mobilidade na carreira, maneiras de pensar, etc.

Busino (1992) assinala que parte expressiva dos estudos sobre as elites, atualmente, demonstra que não se pode concluir através da ação de uma elite se ela possui uma posição dominante. Essa afirmação se justifica em função da complexidade interna entre as elites e entre diversas frações de classe de um mesmo grupo. Dessa forma, pode-se afirmar que os grupos de elite não são homogêneos e nem unitários, como se mencionava anteriormente com embasamentos de perspectiva marxista, que marcava dominantes versus dominados. Nesse sentido, não se pode afirmar que banqueiros, financistas e industriais possuem interesses unívocos, que definem as transformações sociais, que fundam os modelos culturais e de inovação. Uma possível pluralidade e diversidade de elites mostra uma distinção de interesses, cujos papéis individuais se complexificam.

Pensando além dessa pluralidade de elites, é importante mencionar que, dentro de um determinado grupo profissional, como se é configurada esta pesquisa, podemos encontrar diferentes frações de classes, que podem se modificar de acordo com diferentes momentos históricos e até mesmo se distinguirem uma das outras, dentro de um mesmo grupo, em um mesmo espaço e tempo. No caso de nosso estudo, os engenheiros de produção se distinguem não só de uma instituição para outra, como também entre si mesmos dentro de uma mesma instituição. Podemos, portanto, encontrar frações de classe que se apresentam ora como elites mais intelectualizadas, ora como elites mais econômicas, ora como até mesmo classes médias com gostos medianos, e, finalmente, ora como uma classes médias baixas de trabalhadores.

Pensando na fluidez supradita, resgatamos o autor Serge Bosc (2008), estudioso francês das classes médias, que nos apresenta uma discussão um tanto quanto interessante sobre o surgimento da classe média e suas diversas etapas e transformações dentro de uma cronologia histórica. Essa classificação pode situar melhor este trabalho, a fim de refletirmos posteriormente sobre a posição social que foi ocupada historicamente pelos agentes estudados. O autor afirma que, após a tentativa de Karl Marx de definir duas classes sociais antagônicas, no século XIX, algumas transformações abrem espaço para novas inserções classistas dentro desse debate. Ou melhor, podemos delimitar as classes sociais a partir de novos elementos como o de autoridade, o de função de gestão e o proveniente do surgimento de posições intermediárias.

O autor ainda ressalta que existe um momento histórico em que o termo burguesia é relacionado ao termo classe média. No início do século XIX, após 1830, quando se lutou para acabar com o poder monárquico e quando emergiu uma nova classe para dar conta de uma nova ordem que seria estabelecida foi justamente o momento em que essa classe emergente foi denominada classe média ou *middle class* na Inglaterra. Sobre essa época, Eric Hobsbawm (1997, p.122) afirma que essa nova burguesia buscava se diferenciar da aristocracia que havia saído do poder.

Com esse crescimento das ocupações e das profissões, no século XX, a chamada classe média passou a se referir àqueles que não são assalariados, como por exemplo, comerciantes, pequenos industriais, e profissionais liberais. Nesse mesmo século, mas nos anos 30, profissões assalariadas adentraram o grupo da classe média e surgiram organizações representativas desses assalariados, tais como associações de engenheiros, gestores (*cadres*) e agentes com posições dominantes.

Em segunda obra, *L'élite au pouvoir*, Mills (2012) assinala que o poder é distribuído de forma desigual e os detentores do poder agem conjuntamente para tomarem as suas decisões. Essa elite existe, pois, a sociedade é composta de indivíduos apáticos que são manipulados pela última. Para o autor, há três níveis de exercício do poder nos Estados Unidos: o superior, a de nível médio e a inferior (que é a submissão aos outros dois níveis). No superior, há o estrato dos dirigentes das empresas, os dirigentes políticos que representam o Estado e os dirigentes militares. De acordo com o autor, há uma solidariedade entre esses três níveis, que se unem para tomarem as decisões, vivem e trocam funções conjuntamente. Portanto, para ele há uma unicidade relativa à elite do poder, em que o poder não advém somente dos dirigentes produtivos ou de uma autonomia das elites políticas, antes, ele está em consonância em uma experiência de dominação.

Além da questão da unicidade supramencionada, Mills (1951) confirma também o surgimento de uma classe mediana, ao assinalar que o número de trabalhadores manuais cresceu de 750.000 em 1870 para 12 milhões em 1940 nos Estados Unidos. Nesse período, devido à segunda revolução industrial e a urbanização, cresceu o comércio, o número de profissionais em diversas áreas como funcionários públicos, bancários e escritórios onde trabalhavam as grandes *cadres* (dirigentes). Nesse momento, podemos observar uma diferenciação muito grande entre a nova classe média, o proletariado e a burguesia.

Nesse sentido, existem alguns autores que estudaram justamente essa fração da classe média, a fim de delimitar conceitualmente a emergência desse novo grupo social. O primeiro deles é Schmoller (1989) que inaugura a distinção entre altas e baixas classes



médias: na qual os agricultores, artesãos e comerciantes versus empregados do Estado de comunas e sociedade anônimas. Ou seja, dentro da nova classe média, ele opõe altos funcionários e profissionais intelectuais (engenheiros) aos funcionários e empregados dentro de escala mais modesta.

Já Poulantzas (1974) desassocia a burguesia tradicional da pequena nova burguesia. A última classifica-se em: 1) assalariados não produtivos do setor comercial (são uma polarização do trabalho manual), 2) agentes subalternos dos setores burocráticos público e privado (pequenos funcionários, *cadres*) que fazem uma parte do trabalho manual, 3) técnicos e engenheiros subalternos imbricados dentro do trabalho produtivo. Nesse sentido, Poulantzas separa *cadres* e engenheiros, afirmando que os últimos posicionam-se como uma profissão subalterna assim como os técnicos e que esse fato explica um posicionamento contraditório, a saber, quando, muitas vezes, endossam seu papel dentro das organizações e outras vezes o contestam nesses espaços. Entretanto, apesar de ter uma posição subalterna, a classe operária deve subordinação às suas decisões.<sup>32</sup>

Como previamente reportado, existe um problema em distinguir elites, grandes dirigentes e a burguesia, classes médias e pequenas burguesias. Por esse fato, tanto no senso comum como para o senso douto busca-se classificá-los como classes superiores. O mesmo pode ocorrer quando tentamos classificar profissões mais populares dentro das camadas médias. Todavia, existem algumas diferenças de estilos de vida, de cronologia e de comportamento social que colaboram para a melhor localizarmos algumas profissões e ocupações, no espaço social, para que possamos compreender com mais apreço a sua dinâmica.

Autores como Pierre Bourdieu (2008), Boudelot (1974), Establet (1974) e Poulantzas (1974) definem a classe média ou uma possível pequena burguesia como os detentores de capital cultural (diplomas), mas dominados economicamente. Ao refletirmos sobre a questão dos diversos tipos de capitais (cultural, econômico), podemos perceber algumas divergências entre as teorias que afirmam uma possível desclassificação das classes superiores e uma consequente *moyenização* das classes (as classes superiores quando desclassificadas se tornariam classe média) com a teoria de Pierre Bourdieu (ano?).

Quando mencionamos a desclassificação da classe média, ela não se refere somente ao seu trabalho (benefícios relacionados ao trabalho, antes, a sua formação e seus

---

<sup>32</sup> De acordo com Poulantzas (1974) podemos afirmar que essa separação entre *cadres* e os próprios engenheiros, apontada por Poulantzas, irá se modificar posteriormente, quando esses engenheiros irão se especializar em tarefas de *management* se tornando gestores.

diplomas), mas também à formação dos indivíduos, que passa por um processo de desclassificação: os diplomas perdem validade anterior e passa-se a exigir cada vez mais qualificação (como é o caso dos alunos da universidade particular estudado nesta pesquisa). Ou seja, os diplomas que eram avaliados por NOGUEIRA & CATTANI (2007) como um elemento de distinção, passam a ser questionados com o processo de desclassificação das profissões superiores. Cria-se, portanto, uma grande lacuna entre o diploma ser o direcionador de seu detentor a algum tipo de status social.

Portanto, dada à multiplicidade de posições supradita por diversos autores e constatadas essas multipolaridades históricas e em outros momentos circunstanciais, afirmamos que são os múltiplos posicionamentos dos agentes estudados que nos interessam dentro do estudo de elites e não sua exata definição conceitual. Quando nos centramos no estudo de elites, estamos pensando precisamente nos mecanismos de dominação que são estabelecidos por elas, ou melhor, nas posições dominantes ocupadas por grupos (que podem ser ou não considerados como elite) superiores.

Por isso, é a partir da multidimensionalidade, pensada por Bourdieu através da teoria dos campos, que concordamos com Coradini (2014), em afirmar que para além dos estudos de elite, nos interessam “as estruturas de capital e de poder e de dominação [...]”, que podem ser estudadas por meio de práticas sociais dos agentes, ou seja, dos grupos dirigentes. Em nosso caso, nos retemos aos grupos que se formam para se tornarem dirigentes. Portanto, é cabível afirmarmos que não é o grupo em si que nos interessa como objeto de estudo, antes, os seus capitais, “os recursos e princípios de legitimação que estruturam suas práticas”. (CORADINI, 2014, p.7)

### **1.3 A nova elite financeira no Brasil: jogos, estratégias e disputas entre os “gerentes-engenheiros” e os acionistas**

Este trabalho faz parte de um movimento do pensamento, quer dizer, um movimento teórico que introduzirá algumas questões iniciais, a fim de que possamos discutir o tema das disputas entre algumas elites profissionais, bem como suas consequências para aqueles que são dominados, isto é, explorados prática e simbolicamente por esses grandes profissionais.

Para essas finalidades, intencionamos fazer uma breve passagem pelo capitalismo produtivista (taylorismo, fordismo, toyotismo), mostrando suas principais mudanças concernentes às questões do trabalho e às profissões-carreiras que se desenvolvem, emergem e se transformam dentro desse ciclo capitalista. O foco central é o de concentrar nosso campo óptico não nos trabalhadores do chão de fábrica, mas na emergência e no desenvolvimento da carreira dos grandes dirigentes dessas empresas e organizações.

Buscaremos observar, na transição entre fordismo e toyotismo, as representações não somente práticas dos agentes em jogo, mas também suas representações simbólicas. Assim, há muitos apontamentos teóricos de Pierre Bourdieu no texto ou eles são diretamente citados ou inscritos na elaboração da linha de pensamento que gostaríamos de explorar.

Acompanhados das ideias de Luc Boltanski (2009), impelimo-nos a dizer que a crise ou a erosão do sistema fordista será um momento histórico de inflexão, em que muitas mudanças marcarão um novo período, dentro do sistema capitalista, para as carreiras e profissões de elite no mundo todo.

Em circunstâncias de crise do sistema produtivo capitalista fordista, não resta mais investir no capital produtivo, pois esse deixa de gerar tantos lucros, razão pela qual se investe em um capital fictício. Nesse momento, surge a “ilustre” figura do investidor, que transformará as regras do jogo capitalista dentro das empresas e organizações.

É dentro desse novo capitalismo dito financeirizado, que tem como pano de fundo as grandes fusões, aquisições, terceirizações, downsizing e o processo de re-engenharia, é que ocorrerá uma disputa entre esses investidores emergentes e antigos gerentes (grandes dirigentes de empresas e organizações, em sua maior parte gerentes formados em engenharia), embate que transformará o campo profissional dentro desse “novo” capitalismo financeiro.

#### **1.4 A relação existente entre taylorismo, fordismo e a legitimação de elites dirigentes**

Os processos de reestruturações produtivas, juntamente com as transformações nos perfis da força de trabalho, abrem espaço para intensas mudanças dentro das empresas e, justamente devido a essas alterações do paradigma de produção taylorista-fordista, podemos assistir ao surgimento de novas exigências no interior das organizações. Todavia, antes de visualizarmos essas mudanças, é apropriado retomarmos algumas asserções e conceitos sobre o modo de produção fordista. Podemos dizer que esse modelo de desenvolvimento do pós-guerra continha uma padronização rigorosa em suas operações: trazia consigo a idéia de

separação entre a concepção de fábrica e a execução manual, além de ter buscado uma racionalização que visava generalizar mais rápido o método mais eficaz e eliminar as hesitações sobre a distribuição das seções e suas possíveis disfunções.

O fordismo, na acepção de José Eli da Veiga (1997), é uma fase avançada de racionalização do trabalho industrial e evoca uma etapa do Taylorismo. O controle de cada etapa da divisão técnica do trabalho, executada no tempo socialmente necessário, é o que se denomina Taylorismo. Esse Taylorismo da manufatura coloca o taylorismo administrativo como meio de elevar ao máximo a exploração do trabalho. Taylor é a expressão científica de que o indivíduo deve trabalhar com a regularidade de uma peça de máquina. Ou seja, expressa um tipo de manufatura que racionaliza os tempos e movimentos, isto é, “realiza com a obsessão de uma neurose o que o sistema tende a produzir por sua própria natureza” (CIPOLA, 2003, p. 72).

Na manufatura, a aplicação do Taylorismo advinha do fato de que o princípio dominante do processo era o trabalho. A transformação da manufatura em esteira transforma o Taylorismo em uma imposição da prática tecnológica. Os tempos e movimentos adequados não são mais uma determinação externa ao trabalhador, mas uma necessidade de adaptação do próprio trabalho coletivo pela velocidade de transporte do produto em processo através dos trabalhadores da fábrica. Logo, quando o Taylorismo advém de um sistema mecânico, temos, portanto, o fordismo. A esteira se torna a mecanização do Taylorismo. Nesse momento, a esteira separa a prática do trabalhador do trabalho da gerência, ou seja, o primeiro plano de coerção se dá pela esteira. Por isso, caracteriza-se como um macrossistema de acumulação intensiva com regulação monopolista, sendo uma das características centrais das economias da década de 1950 e 1960.

Nesse sentido, Harvey (1989) afirma que o fordismo não é um conceito teórico e sim uma caracterização do modo de vida total do último auge cíclico do capitalismo. Esse, por sua vez, é um novo estágio de acumulação, no qual a classe capitalista procura gerir a reprodução da força de trabalho assalariada através de uma articulação estreita entre relações de produção mercantil por meio das quais os assalariados compram seus produtos.

Logo, o fordismo articula o processo de produção e o modo de consumo caracterizado pela produção em massa, que é conteúdo da universalização do assalariamento. De acordo com Druck (1999), o modelo fordista não se manteve por muito tempo e acabou entrando em crise. As principais razões para esse acontecimento foram a queda da produtividade no trabalho; a perda de competitividade econômica no mercado internacional; lutas e resistências nos locais de trabalho; o poder dos sindicatos de exigir a continuação nos

ganhos de produtividade incorporados aos salários; há também uma rigidez na totalidade do padrão de acumulação, nos investimentos, no sistema de produção em massa, nos mercados de consumo e de trabalho e no estado de bem-estar-social, que exige uma forte arrecadação para manter políticas sociais. Esse por sua vez, passa a não responder mais as demandas sociais, razão pela qual há o esgotamento da forma de controle do capital sobre o trabalho.

Pontuava-se, portanto, duas saídas para a crise. A primeira delas seria através do Keynesianismo, que compactuava com a ideia do pleno emprego e altos salários que possibilitariam alto consumo. A outra seria a solução neoliberal que se afirmava através da ideia do livre mercado e da redução da participação do Estado como os principais objetivos para solucionar essa crise.

Nessa disputa prático-ideológica, vence a doutrina neoliberal, personificada na Inglaterra por Margareth Thatcher (1979) e por Ronald Reagan nos Estados Unidos (1980) simultaneamente. Ressaltamos, no entanto, que apesar do discurso da intervenção mínima do Estado na economia, o Estado adquire fortes influências que alicerçam os novos mercados emergentes. Juntamente a essa nova ideologia, que alavanca os mercados, surge também um novo modelo de empresa, a Toyotista. Nesse modelo, a forma de produção deveria ser mais flexível e isso implicaria até mesmo na maior flexibilidade do trabalhador dentro da empresa, na maior iniciativa do trabalhador nas decisões.<sup>33</sup>

É nesse sentido que um novo modelo aparecerá, o modelo japonês assumirá o lugar do fordismo, sendo composto pelas seguintes características: 1) estabilidade no emprego; 2) promoção por tempo de serviço em que a antiguidade é importante na remuneração dos trabalhadores; 3) a administração não é atribuída a um posto de trabalho e sim para a empresa no geral; 4) é usado o sistema de organização Just in time, o sistema Kaban (sistema de informação de vários estágios da produção e dos estoques), é usada a qualidade total (QT) envolvendo os trabalhadores para melhorar a produção a fim de obter melhor produtividade, redução de custos e o trabalho em equipe com múltiplas funções.

O fordismo, anteriormente, inaugurou uma lógica de racionalidade econômica, social e política, que se difundiu internacionalmente até tornar-se hegemônica. Com as mudanças internacionais e com o advento da crise do fordismo, ocorreram alterações no campo do trabalho e das identidades coletivas dos trabalhadores, na representação da organização sindical e no papel dos dirigentes das empresas.

---

<sup>33</sup> Não devemos esquecer que, dentro desse novo modelo, há um novo modelo de controle dentro das fábricas – empresas onde o capataz que vigia os trabalhadores é substituído pelas câmeras de vigilância, pelos seus colegas de equipe e por si próprios.

Essa passagem do modelo fordista para o modelo japonês é bastante apontado por Zilbovicius (1999). O autor afirma que tanto o modelo fordista quanto o japonês são representações da eficiência para lidar com situações dinâmicas e práticas. Os modelos apontam um rumo a ser seguido e oferecem legitimidade para algumas ações dos agentes que participam do processo de mudança.

Nesse caso, um modelo entra em crise ao ser confrontado com resultados melhores de práticas, que advêm de outro referencial e de outra representação de eficiência. Zilbovicius (1999) cita Segrestin (1993) e esse assinala que se há uma mudança real, também há uma mudança simbólica, ou seja, se ocorre uma transformação na eficiência produtiva real para outro tipo de modelo, há uma mudança na representação dessa eficiência produtiva por parte dos agentes, que intervêm no mundo real munidos de um modelo que representa esse real.

Para percebermos essa metamorfose na representação simbólica dos agentes, devemos, primeiramente, acompanhar as modificações práticas e reais na passagem do modelo fordista para o modelo japonês. As novas práticas apontadas anteriormente pelo modelo japonês foram acompanhadas de mudanças macro, na tentativa de sanar a crise do sistema produtivo: a concorrência em escala mundial reverte o decréscimo da taxa de lucro (acompanha a queda do valor da força de trabalho devido ao excesso do exército da indústria de reserva), rebaixa o valor do capital constante<sup>34</sup>, contudo, não alcança bons resultados finais no aumento da taxa de lucro.

Devido a esse fato, resta não investir mais parte desses lucros na produção, buscando enrustar, portanto, em operações virtuais de capital fictício (Chesnais, 1996). O interesse dos capitalistas em investir para receber dinheiro acaba prevalecendo sobre as condutas do capital produtivo, de modo que, se caracteriza, portanto, um capitalismo que se denomina propriamente financeiro. O último, por sua vez, tem como foz ou embocadura a centralização de capitais, a formação de oligopólios, as fusões (micro, pequenas e médias empresas), as redes de subcontratação, a terceirização, ou seja, é acompanhado por todo um contexto de dispersão de capitais.

Dentro dessa ideologia neoliberal, o Estado adquire um novo papel: o de dar sustentáculo para a lógica financeira de mercado. Pensando sobre o grande colaborador e legitimador dessa lógica financeira, nos Estados Unidos, Willian (2000) afirma que a

---

<sup>34</sup> Karl Marx (1980), em sua obra “O capital”, assinala que capital constante é a parte do capital que se transforma em matérias primas, em matérias auxiliares, em suma, em meios de produção.

transição histórica, que ocorre após os anos 80, passa dos preceitos que anteriormente vigoravam: “reter e reinvestir” (reter capital e reinvestir na produção) para novos preceitos corporativos, como os de “reduzir e distribuir” (reduzir a força de trabalho e distribuir as receitas para os acionistas), o que define a nova era da financeirização.

A nova atuação das empresas e dos bancos passa a impor uma nova dinâmica aos mercados e, conseqüentemente, também ocorrem mudanças nas formas de gestão e organização do trabalho. O espaço industrial sempre foi um espaço marcado pela lógica da dominação e do controle, local no qual se confrontam diferentes visões de mundo. Nesse sentido, o papel dos sindicatos foi imprescindível no percurso dessas mudanças. Logo, percebe-se uma mudança na identidade coletiva desses trabalhadores.<sup>35</sup> Todavia, vamos caminhar um pouco além dessas questões, refletindo sobre o fato de que as mudanças coletivas não se dão somente no nível dos trabalhadores fabris e operários, mas também para a classe dirigente dessas organizações industriais.

O movimento que modifica o espaço profissional de muitos trabalhadores fabris advém do processo de terceirização, que mantém contratos precários, reforçando a lógica do “mercado informal” de trabalho e que, por sua vez, também é aplicado (com formato diferenciado) às profissões de mando e gerência dentro das indústrias.<sup>36</sup>

Vamos verificar, a seguir, como esses gerentes (engenheiros) vão lidar com esse momento em que seus postos de trabalho serão colocados em suspenso e suas práticas cotidianas nas empresas sofrerão fortes suspeitas por parte dos investidores acionistas, os novos agentes sociais do capital fictício.

### **1.5 O agente social em questão: o gerente-engenheiro, o dirigente, a nova elite financeira**

Desde a cristalização do sistema industrial, no século XIX, o carro chefe das profissões, no interior das fábricas, empresas e organizações, é a engenharia. O sistema produtivo necessitava de uma “personagem” com uma formação educacional especializada

---

<sup>35</sup> Trabalho feito pela Profa. Doutora da Unesp (Maria Aparecida Chaves Jardim) denominado: Entre a solidariedade e o risco: sindicatos e fundos de pensão em tempos de governo Lula (2007)

<sup>36</sup> Nesse sentido os estudos de Helena Hirata (2002) demonstram que mesmo o trabalho estável pode sofrer uma espécie de precarização, ela cita o caso das mulheres que trabalham em empregos estáveis, a saber, em repartições públicas. Mesmo possuindo trabalhos estáveis, essas mulheres adquirem algumas características de precariedade em suas carreiras, tais como, restrições na formação profissional, redução salarial, falta de perspectiva na carreira, etc. Posteriormente pode-se observar em nosso texto que algo semelhante acontecerá com os dirigentes das empresas e organizações no período pós-fordista.

para liderar e direcionar a produção. A maioria das escolas de engenharia foi criada na Europa e nos Estados Unidos, a partir do século XIX, e tinha como função principal formar profissionais qualificados para liderar o sistema produtivo.

A partir do século XX, com o advento da administração científica, por volta dos anos 20, e do desenvolvimento do sistema taylorista propriamente dito, coloca-se a exigência de especializações dentro da profissão da engenharia. Leme (1983) afirma que entre o ano de 1882 e 1912 surgiu nos Estados Unidos o *scientific management*, obra dos engenheiros F.W. Taylor, Frank e Lillian Gilbreth, H. L. Gantt que, posteriormente, passou a ser disseminado, nas fábricas, por um grupo de consultores que se intitulavam *industrial engineers*.

Crivellari (2000) afirma que, já nos anos 30, rompeu-se com a ideia do engenheiro como *expert* universal, ou seja, a exigência de especializações no ramo é cada vez mais crescente. Posteriormente, no pós-guerra, a planificação da educação e da profissão ganha mais força e, nesse contexto, a ideia da criação dos *industrial engineers* nos Estados Unidos se metamorfoseia na nova profissão dos engenheiros de produção no Brasil, a partir de 1957, com a criação da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Essas mudanças profissionais ocorrem, pois, a preocupação das empresas envolvidas no sistema produtivo como um todo passa a não ser somente produzir mais e com mais qualidade, antes, preocupa-se em como otimizar os usos e recursos materiais. É nesse sentido que a engenharia de produção ganha espaço, uma vez que tem exatamente como preocupação premente a habilidade de solucionar problemas e gerenciar sistemas produtivos. O foco central dessa formação profissional é na gestão dos sistemas produtivos.

Acredita-se, dessa forma, que esse gerente-engenheiro, que surge nesse contexto e que possui como especialidade a gestão da produção no Brasil, seja o engenheiro de produção. Esse, por sua vez, possui uma função muito semelhante a do economista para os franceses, como assinala Frédéric Lebaron (2012). O autor estuda os economistas na França e acredita que a ciência econômica possui elementos que desencadeiam uma formação voltada para o mercado, ou seja, a economia aparece como uma vanguarda ao lado da gestão de mercado (*master in bussiness administration*).

Assim como Lebaron (2012) aposta na ciência econômica como uma formação que contribui para formatar uma ordem simbólica centrada no mercado, acreditamos que a engenharia de produção no Brasil sinaliza a socialização de agentes dominantes, que servirão de referência para o mercado através de suas atuações profissionais, tais como consultores de gestão, e de finanças, diretores de grandes multinacionais e, ainda, na gestão de empresas de grande porte.



Esse desiderato se dará por volta dos anos 80, com o advento do movimento de inflexão da crise do fordismo e do pós-fordismo, com as desregulamentações, com o processo de flexibilização do trabalho nos sistemas de produção, em que as mudanças se dão também nas formações profissionais em geral e, conseqüentemente, na profissão do engenheiro. Em suma, o engenheiro fabril deixa de ser apenas um engenheiro, tornando-se um gerente-engenheiro, ou seja, uma pessoa responsável pela gestão e pelo controle das operações.

### **1.6 A transformação dos movimentos produtivos em movimentos financeiros**

De acordo com Silva (2004), as práticas de gerenciamento e de organização do trabalho tradicionais estavam voltadas para baixos índices de produtividade, não aumentavam as qualificações, implicavam na ausência de envolvimento e compromisso dos agentes envolvidos, além de estar relacionada a um alto custo de produção e perdas gerais em competitividade. Nesse sentido, estudos de caso<sup>37</sup> mostram que as empresas reduziram a hierarquia gerencial, eliminando as funções de supervisão.

De acordo com Grün (1999), “o mundo virou de ponta cabeça” para os engenheiros e técnicos envolvidos com a modernização industrial a partir de 1980. É importante lembrar que desde o final da década de 1960 a base fordista é erodida. Essa ocorrência surge porque a produtividade diminui, enquanto o capital fixo per capita cresce. Esse processo acarreta uma queda na lucratividade e a taxa de acumulação. (Lipietz & Leborgne, 1988).

Enquanto isso, as empresas contam com o aumento líquido das ações e o fundamental é o retorno máximo em curto prazo. De acordo com Grun (1999), na linguagem de mercado, estaríamos diante de uma revolução dos *shareholders* (acionistas e debenturistas), que se faz em detrimento da outra parte, os *stakeholders* (comunidade que se forma dentro e em torno da fábrica ou das empresas). Muitos autores, como Zilbovicius (1999), assinalam que, junto aos processos anteriormente mencionados, a maioria da massa de trabalhadores encontra-se excluída da batalha pela produtividade e qualidade. A lógica das indústrias estaria sempre voltada para a maximização dos lucros e para a produtividade.

A partir dos anos 90, o processo anterior solidifica-se com a ocorrência de privatizações, de abertura de capitais, da desregulamentação, da ausência de proprietários nas

---

<sup>37</sup> Estudos como os de Fligstein (1990) em sua obra *The transformation of corporate control*.

empresas, ou melhor, a abertura de capitais permite que qualquer indivíduo adquira ações de uma ou de várias empresas. Esse processo pode ser denominado desintermediação bancária.

A vaga de desregulação financeira iniciada pelos Estados Unidos no início dos anos 80, que desde então alastrou à maior parte dos grandes países industrializados, está na origem da mutação profunda dos circuitos de financiamento e dos ambientes financeiros nacionais e internacionais. Conjugados, a descompartimentação dos mercados monetários e financeiros, a imposição de controlos de câmbios e desenvolvimento de inovações financeiras favoreceram um ascenso da finança directa que põe em causa a função tradicional de intermediação dos bancos. (Adda, 1997, p. 154).

### **1.7 Compreendendo a dinâmica histórica: como se dá a configuração do jogo entre gerentes-engenheiros (stakeholders) e investidores (shareholders)**

Para bem compreendermos como as transformações que ocorrem no capitalismo produtivo podem atingir os agentes sociais, ou melhor, os profissionais envolvidos nesse contexto, Fligstein (1990) mostra, através de dados históricos, como essas modificações ocorreram gradativamente dentro das organizações capitalistas. Para isso, o autor aponta como são estabelecidas as relações entre o Estado, o campo organizacional e os agentes sociais.

O autor relata que, primeiramente, a lógica competitiva entre as empresas se dava pela “morte” da empresa concorrente, ou seja, pela compra da empresa concorrente. Dessa forma, a primeira empresa poderia controlar o mercado. Essa noção de controle entre competidores, em meados do século XIX, pode se explicar através do fato de que não havia regras para os concorrentes e nem campos organizacionais estáveis. Nesse sentido, gerentes e competidores atacavam seus competidores mais importantes e só havia uma maneira de proteger a sua empresa: atacando as outras empresas ou sucumbindo e tendo que fechar a sua própria empresa devido à concorrência. Logo, três estratégias eram evidentes: prática predatória, cartelização<sup>38</sup> e monopolização<sup>39</sup>.

No início do século XX, alguns acontecimentos, nos Estados Unidos, começam a barrar a dinâmica anteriormente mencionada. O Estado passa a interferir nesse processo, uma

---

<sup>38</sup> De forma muito simplória, poderíamos dizer que é o acordo entre concorrentes para fixar preços ou cotas para a produção.

<sup>39</sup> Situação na qual uma determinada empresa impõe seu domínio sobre as demais impondo preços àqueles que comercializam.

vez que, são colocadas em voga as chamadas Leis anti-trust<sup>40</sup>. Essas, por sua vez, faziam com que as empresas tivessem um controle limitado quando as mudanças nas leis de impostos de renda se referiam à compra de outras empresas.

Perante essas novas leis do Estado (como as mudanças nas leis de impostos de renda, etc), o modelo de manufatura, descrito por Fligstein (1990), será aquele cuja concepção central de controle será o custo e cujo agente que intermediará as relações dentro das empresas será o engenheiro. Essa concepção de controle possui como principais estratégias fusões para aumentar as cotas de mercados e oligopólios<sup>41</sup>. Nesse sentido, os gerentes (engenheiros) e empreendedores tentam atrair fornecedores e funções de mercado para as organizações. Esse comportamento os protege de atos predatórios, que tentam romper com seus fornecedores e clientes. Esse processo diminui o custo global da produção e permite que as pequenas firmas passem a competir com as grandes firmas.

Dessa forma, de acordo com Zilbovicius (1999), o papel fundamental do engenheiro é o de aplicar um método e conhecimentos cientificamente válidos às condições concretas para a produção de mercadorias e serviços. O trabalho do engenheiro se daria através de um processo de controle e de eliminação de incertezas e seria resolvido por meio de um método. Desse modo, a administração científica e a engenharia de produção se desenvolveram, aplicando métodos das ciências exatas à organização da produção do trabalho.

Logo em seguida, o segundo modelo de manufatura apresentado pelo autor será o que centrará as suas preocupações fundamentais na dinâmica das vendas. Nesse momento, as empresas passam a competir pelo valor de venda e não mais pelo valor de custo. Os fatores precípuos, dentro desse novo modelo de empresa, são as inovações e as vendas (*marketing*). Dentro desse processo, os agentes que se posicionam no topo da empresa são os administradores. Esses, por sua vez, possuem um capital social e cultural mais aprimorado.<sup>42</sup>

Nesse modelo, a solução principal é a de expandir as vendas e seguir uma estratégia não predatória, voltando-se para a qualidade do produto e preços. Logo, a expansão dos mercados nacionais e internacionais permite que as firmas continuem crescendo sem “canibalizar” seus competidores. Dessa forma, a diferenciação entre as firmas promove uma

---

<sup>40</sup> Estudos sobre o *trust* foram realizados pela pesquisadora francesa Sabine Montagne.

<sup>41</sup> Movimento no qual um grupo de empresas promove o domínio de determinada oferta de produtos e serviços.

<sup>42</sup> No caso do Brasil, percebemos que essa etapa não é preponderante, o engenheiro ainda ocupa um espaço mais importante que o administrador dentro da empresa e será o agente que deverá aprimorar os seus capitais simbólicos e não o administrador. Esse fato poderá ser percebido ao longo da reflexão deste trabalho.

segurança, que quando deparada com a ausência de um produto na linha, outra empresa emerge para tomar o seu lugar.

Já na década de 1970, com o surgimento e fortalecimento dos investidores institucionais, passa-se a um novo debate sobre o gerenciamento e a propriedade da empresa. Nesse contexto, surge um novo agente dentro das empresas: os investidores institucionais. (USEEM, 1996). Nesse âmbito, a transferência das ações dos proprietários individuais<sup>43</sup> para as instituições possibilita o processo de *takeover*, ou seja, de assumir a direção em algumas empresas nas quais esses investidores possuíam ações. Entre os acontecimentos, na década de 1960, que deram suporte aos investidores, destacamos as mudanças na legislação e o fim da diferenciação quanto às possibilidades de investir em bancos comerciais e de poupança. A primeira mudança “[...] permitia aos fundos de pensão e às companhias de seguro investir proporções consideráveis de seus portfólios em ações de companhias. Tal posicionamento dos investidores era fortemente influenciado pelo período inflacionário, que levava os fundos a buscarem novas formas de ganhos para compensar seus investidores”. Já a segunda mudança foi o momento em que “[...] investidores de longo prazo buscassem rentabilidades compatíveis com outras aplicações financeiras mais rentáveis, como as operações de curto prazo.” (FLIGSTEIN, 1990 apud DONADONE, 2004).

Essa tomada dos investidores viabiliza o processo de fusões, aquisições nas empresas norte-americanas e, em meados dos anos 90, o processo de privatização no Brasil. Nesse momento de reestruturação, dentro das empresas, a reengenharia<sup>44</sup> e o *downsizing*<sup>45</sup> vão ser instrumentos que irão atualizar a dinâmica organizacional. Dentro desse novo modelo de empresa, o foco é sempre contemplar os interesses dos acionistas.

Podemos visualizar melhor como esse processo ocorre, nas firmas dos Estados Unidos, com o decorrer dos anos, visualizando o gráfico abaixo e percebendo que, a partir dos anos 90, a alavancagem das companhias que realizam o *downsizing* é crescente e estabiliza-se em taxas muito altas a partir do ano de 1992:

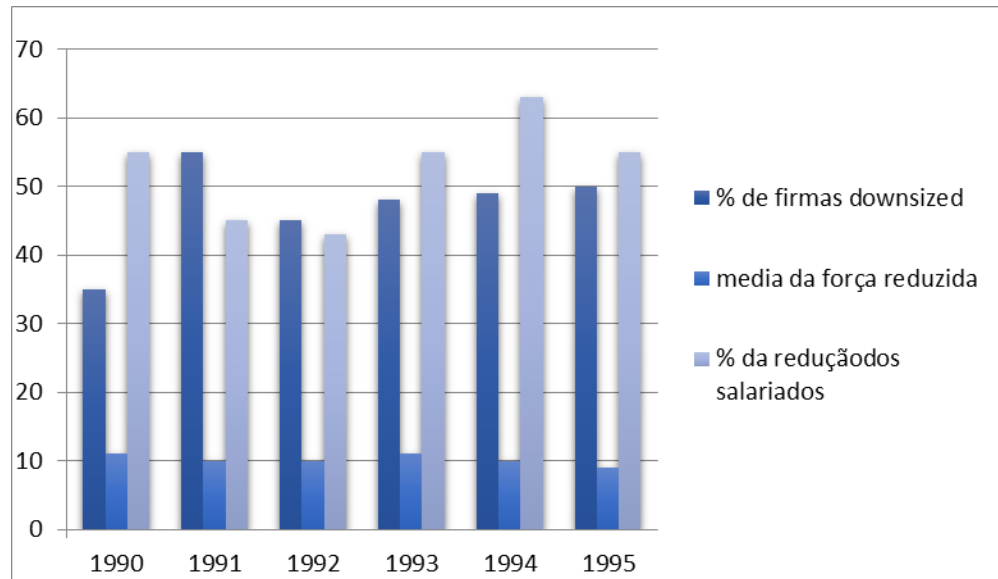
---

<sup>43</sup> Como fundos de pensões e investimentos em companhias de seguro.

<sup>44</sup> Este termo se refere a um modelo mais ágil e menos burocrático de empresa que acompanham mudanças operacionais, gestão de processos e gestão de negócios. A empresa, nesse caso, deve se adequar às novas exigências do mercado e desenvolver um processo de mudanças contínuas.

<sup>45</sup> Técnicas de administração contemporânea que têm como objetivo eliminar a burocracia corporativa.

**Figura 1 – Gráfico da porcentagem de companhias downsizing, 1990-1995**



Fonte: *American management association*, 1995. Encontrado na obra *Investor Capitalism* de Michael Useem (gráfico adaptado pela autora).

É dentro desse processo de perda do poder dos gerentes e da transformação de seu relacionamento com a empresa (que agora se dá a partir dos processos financeiros), que iremos refletir sobre a atuação dos agentes sociais no campo organizacional. Pode-se visualizar a seguinte situação: de um lado está a visão financeira, cercada por um individualismo ativo, no qual os agentes buscam a maximização de seus investimentos e, no outro polo, estão os gerentes com suas expectativas alicerçadas na burocracia, na hierarquia e, também, voltados para um modelo mais tradicional de gerir a empresa. Em um dado momento, a forma de poder que resultava de uma hierarquização burocrática começa a se esfacelar. Portanto, surge a necessidade de se pensar a empresa em termos financeiros e em curto prazo. Nesse momento histórico, é expressivamente apropriada a importante frase da obra *Financiarization and strategy*: “Managerial capitalism permitted executives to ignore their shareholders; investor capitalism does not” (Useem; 1999, p. 233)<sup>46</sup>

Com os cortes de funções e com o processo das terceirizações, um contingente grande de gerentes (possivelmente engenheiros) é deslocado de seus antigos empregos. A mídia estadunidense é agitada, nesse momento, com muitas frases de efeito que acabam mostrando a indignação da população no geral (através do reflexo e posicionamento midiático) com o excesso de demissões. Anúncios e chamadas como as da Newsweek e Wall

<sup>46</sup> Tradução nossa: “O capitalismo gerencial permitiu que os executivos ignorassem seus acionistas; já o capitalismo acionário não o permitiu”

Street Journal (respectivamente) são bastante impactantes: “Corporate killers: Wall Street loves layoffs. But the public is scared as hell”<sup>47</sup>; “Jobless males proliferate in suburbs”, “Survivors of layoff’s battle against, hurting productivity”<sup>48</sup> (Useem, 1999, p.166)

Desse modo, os executivos e gerentes demitidos buscam algumas estratégias de reconversão<sup>49</sup> para serem realocados no mercado de trabalho (CHANDLER, 1999). Ou seja, dentro desse processo de mudanças organizacionais, podemos visualizar uma intensa mudança nas trajetórias profissionais e na inserção profissional de inúmeros agentes ligados ao contexto das empresas, como é o caso dos “gerentes-engenheiros.” É nesse sentido que o estudioso Roberto Grün expressa em elogiáveis palavras esse momento histórico de transformação e reestruturação do capitalismo produtivo, que, por sua vez, redireciona algumas carreiras e profissões:

Gerentes leais, os grandes prosélitos do novo credo, estão sendo despedidos. Setores de pesquisa, há pouco tempo atrás considerados os ativos mais estratégicos das empresas, estão sendo desativados. Linhas de autoridade firmemente estabelecidas, que deixavam claras as rotinas empresariais e estabilizavam as expectativas dos membros do mundo fabril, estão sendo questionadas. Relações cultivadas há muito tempo com as comunidades onde as empresas estão estabelecidas também estão sendo revistas, e por aí vai. (GRUN, p. 122, 1999)

### **1.8 Deslocando as estruturas de poder estabelecidas na profissão do gerente-engenheiro: a transformação dos movimentos capitalistas e a criação de novos mundos**

Mostrar-se-á, na sequência do texto, como os deslocamentos apontados, dentro do próprio capitalismo, correspondem a uma mudança de um estilo de mundo tradicional, acompanhado de um modelo de empresa tradicional e familiar para outro mundo mais moderno, com um modelo de empresa que acompanha essa modernidade. Grun (1999) nos traz um respaldo teórico contido de todas as especificidades desse momento histórico, que remodela os sistemas cognitivos da sociedade como um todo.

O autor assinala que o modelo mais tradicional seria aquele que caracteriza a empresa como uma grande família, uma comunidade onde um indivíduo se solidariza com o outro, onde as relações familiares são estabelecidas pela confiança e a ele é adequada uma visão mais hierárquica (momento que invoca ordem doméstica) de empresa. Já o segundo

---

<sup>47</sup> Tradução nossa: “Assassinos corporativos: Wall Street ama demissões. Mas o público assusta-se com o inferno”

<sup>48</sup> Tradução nossa: “Homens desempregados proliferam na periferia; “sobreviventes da batalha de demissões uns contra os outros prejudicando a produtividade”

<sup>49</sup> Referimos-nos ao conceito de reconversão a partir do momento em que há a transição de um estágio a outro, contendo uma real ruptura de um estágio ou estado para outro.

modelo de empresa que emerge seria aquele em que a preocupação central é a individual e os interesses mais importantes, que se colocam à tona, são os dos acionistas. Ou seja, as relações internas estabelecidas, dentro desse novo modelo de empresa, são semelhantes às relações de mercado, nas quais as relações competitivas, a melhor eficiência e o ganho, a curto prazo, são qualidades atribuídas, até mesmo nas relações pessoais (momento que invoca uma ordem industrial).

Nas circunstâncias em que o primeiro modelo de empresa era legítimo (quando as organizações se consolidavam em grandes ou pequenas empresas), o mundo era dos gerentes (revolução dos gerentes). O “reinado” desses profissionais era marcado pela competência e pela eficiência econômica, logo, eles eram vistos como grandes administradores profissionais.<sup>50</sup>

Após o momento de “reinado” dos gerentes, cristaliza-se, aos poucos, a conjuntura em que o capitalismo financeiro começa a se institucionalizar. Esse instante é marcado pelo governo de Margaret Thatcher e Reagan (1979-1990) e por uma nova maneira de se pensar o mundo. Grun (1999) acrescenta a essa situação política o dado de que existem cinco fatores que são responsáveis pela queda das taxas de lucro em conglomerados empresariais nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, que engendram uma “reviravolta” no mundo. Acreditamos que as circunstâncias desses acontecimentos históricos coincidem com o momento da crise fordista<sup>51</sup>.

Os fatores mencionados pelo autor, sinteticamente, são: 1) um movimento de consumidores que protesta contra a qualidade da produção e os serviços das empresas; 2) a emergência do movimento ambientalista contra o aumento dos lixos industriais; 3) a desconfiança quanto à ética das grandes corporações com relação à sociedade e com as relações internas às organizações;<sup>52</sup> 4) intervenções do governo dos Estados Unidos sobre as grandes corporações (exigindo higiene nas empresas, igualdade entre os funcionários, etc) e 5) movimentações dos sindicatos, na Inglaterra, com um discurso anti-capitalista, exigindo democratização do trabalho, assentos nos cadeiras das empresas, etc.

É nesse momento que vários fatores inviabilizam o desenvolvimento dos negócios para as grandes corporações e também ameaçam a atingir diretamente a concorrência capitalista: diretores e presidentes de outras empresas (investidores) passam a ocupar assentos

---

<sup>50</sup> No Brasil, esse período é marcado pelo milagre econômico, pela reforma universitária e a chegada das grandes multinacionais.

<sup>51</sup> Nossa afirmação alicerça-se no fato de que entre os feitos de Margaret Thatcher estavam a desregulamentação do setor financeiro, a flexibilização do mercado de trabalho e as privatizações das empresas estatais.

<sup>52</sup> Nesse caso, entra justamente o descontentamento dos grandes investidores com a dita “classe dirigente”, isto é, com os cargos de gerência (profissional).

nas grandes corporações, a fim de controlar esse estado de coisas. Dentre as ações sugeridas pelos investidores, está a condenação do excesso de hierarquia dentro das empresas, pois, todo arranjo social que não é baseado na concorrência é banido e a burocracia gerencial é acriminada; devido a este último feito: “sempre sobrá um gerente médio para ser culpado pelas gorduras e pelo excesso de burocracia” (GRUN, 1999, p.132).

### **1.9 A burocracia versus a governança corporativa: a queda de um modelo de mundo e a ascensão de um novo modelo**

Como podemos observar nos parágrafos antecedentes, e de acordo com Harvey (1989), a lógica anteriormente estabelecida, dentro das atuações do modelo fordista, era de coordenação, inspeção e avaliação dentro de um espaço no qual reinavam as hierarquias e a burocracia. Essa lógica burocrática organizacional e tradicional pode ser muito bem explicitada pela teoria de Max Weber. A burocracia possui algumas características importantes, que podem clarear nosso entendimento sobre a situação organizacional no momento estudado. De acordo com o autor, a burocracia, por sua vez, coloca o trabalho profissional em substituição a uma administração herdada pelos notáveis e, por isso, atribui igualdade perante a lei no sentido pessoal e funcional, garantindo o distanciamento dos privilégios. Todavia, o processo de burocratização ocorre em consonância com os interesses capitalistas, ou seja, em algumas organizações, legítimam-se os indivíduos que possuem funções de controle e que, com frequência, ocuparão funções dominantes dentro dessas organizações/empresas.

As características principais de um funcionário burocrata seriam: 1) fazer exames formais para adentrar a algum cargo; 2) ter um treinamento rígido para ocupar seu cargo; 3) impessoalidade e 4) ser especialista e possuir diplomas.

De acordo com Fligstein (2001), a burocracia em si eliminará todas as práticas que fugirem ao cálculo, tais como amor, ódio e todos os elementos pessoais e irracionais. A lógica imperativa (a burocrática), será a lógica da eficiência nesse momento. É nesse sentido que as empresas, os agentes sociais e mesmo o Estado promoverão regras e leis para garantir essa racionalidade e eficiência dentro das empresas.

Ao mesmo tempo, Weber (1999) menciona que, apesar dessa eficiência dentro das empresas, existe um sistema político que guia a própria eficiência e as condutas dos atores em si. Devido à esse fato não se deve esquecer que as organizações funcionam não só como ferramentas, mas também como instrumentos de poder. Desse modo, podemos dizer que o



que aconteceu no caso dos gerentes-engenheiros foi que esses atores organizacionais procuravam poder para si próprios as custas de outros atores sociais.

Nesse raciocínio, o movimento da governança corporativa, ou seja, o monitoramento dos gerentes por parte dos acionistas, alicerçada no sentido de fiscalizar as práticas gerenciais, uma vez que, os gerentes, imbuídos de poder e de sua posição hierárquica dentro da empresa, colocam sob suspeita as suas próprias práticas corporativas.

Na verdade, ocorre um mecanismo de controle social por parte desses acionistas que se colocam em posição panóptica (no sentido do conceito de Michel Foucault, 2007), vigiando os administradores profissionais da empresa que, a qualquer momento, podem usar de seu poder hierárquico para usurpar o espaço simbólico e material ocupado pelos acionistas. Desse modo, surge o princípio da “boa governança corporativa”, que seria uma discussão a respeito da eficiência de um tipo de capitalismo que se denominaria financeiro. Nesse viés, nossa tentativa seria a de enxergar os meandros sociais inseridos dentro dessa formatação e agenda econômica na sociedade.

Sendo assim, nos remetemos a Granovetter (2007) quando o autor discute a questão da importância das relações sociais dentro do contexto de uma agenda econômica. Podemos observar esse fato de forma bastante contundente no exemplo da “boa governança corporativa”. Ou seja, há um momento em que a eficácia da hierarquia interna das empresas é posta em cheque devido à algumas decisões, coalizações coletivas e pessoais que extrapolam a eficiência econômica. Nessa direção, de acordo com Useem (1999), um dos maiores motivos para a demissão dos gerentes era suas condutas ou lideranças financeiras inapropriadas. Dentro dessas inapropriações, pode-se observar a diferença de salários que existiam entre esses chefes executivos e os próprios empregados das empresas. O quadro abaixo evidencia essa disparidade de salários, observada tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido no período entre 1980 e 2002.

**Figura 2 - Pagamentos dos grandes chefes executivos e dos empregados**

	Pagamento do chefe executivo	Pagamento do empregado	Diferença entre pagamento do chefe executivo/empregado
<b>350 Empresas de business –US (semanal)</b>	\$	\$	

<b>1980</b>	1,392,857	27,946	50
<b>1990</b>	2,814,084	25,599	109
<b>2000</b>	14,010,695	26,705	525
<b>2002</b>	7,400,000	26,354	281
<b>100 Componente UK</b>	£	£	
<b>2002</b>	1,130,000	26,737	42

Fonte: Ertuk, I. Froud, J. Johal, S. Willians, K. (parte dos dados retirados da tabela original e adaptado pela autora).

Refletindo, dentro desse viés, J. Licoln (1982) afirma que a burocracia, idealmente weberiana, funciona independente das ações coletivas que, às vezes, podem ser mobilizadas por redes interpessoais internas. A burocracia prescreveria algo fixo, ou seja, os protagonistas se posicionam sem afetar a lógica das operações organizacionais. É exatamente nesse sentido que Granovetter (2007) critica esse posicionamento teórico, uma vez que compactua com o fato de que as relações de poder não podem ser ignoradas, isto é, duvida-se que a complexidade de relações, dentro de um determinado espaço social, no caso das empresas, seja resolvida através da assimilação de uma determinada hierarquia. Boa parte dessas complexidades é resolvida nas relações de poder.

As relações de poder e as disputas que se dão entre os gerentes e os *shareholders* são relações de luta e de combate social, ou seja, uma vez que inicia-se o processo de governança corporativa, dentro das empresas, os próprios gerentes não a recebem de forma passiva, muito pelo contrário, tentam criar mecanismos para reagir a essa governança e não perder o seu posto de trabalho. Nesse sentido, pode-se observar que as opiniões dos gerentes sobre os investidores contém um “tom” de desdém, que intenciona deslegitimar sua expertise e sua atuação dentro das empresas. A saber, Useem (1999) relata um exemplo de fala proferido por um chefe executivo da Champion Internacional (empresa que trabalha com produtos florestais), no qual o executivo considera a preferência pela equidade de mercado como uma prescrição de um desastre em oposição a um bom gerenciamento, como lemos em “há uma pressão intensa para ganhos atuais, então a mensagem é: não seja pego com grandes investimentos” (investimentos a longo prazo). Em outras palavras, aconselhamos executivos a fazerem todas as coisas que costumávamos considerar uma má administração” (USEEM, 1999, p.79)

Portanto, podemos concluir que a relação existente entre os investidores (com o processo de governança corporativa) e os gerentes é uma relação de poder e disputa e não de

submissão aos outros, já que, os gerentes também criticam fortemente a gestão dos investidores, a ponto de sequer considerarem a maioria de seus conselhos. Cria-se, à vista disso, um sistema de crenças entre os próprios gerentes, no qual é imposta indiretamente uma cultura que justifica e isola as crenças gerenciais da interferência de uma fiscalização.

Ussem (1999) assinala que existem três pontos fundamentais dentro da crítica referenciada aos investidores: 1) uma crítica ao tempo em que os investidores farão as suas avaliações, 2) uma crítica ao tipo de qualificação que os investidores têm para interpretar questões de cunho gerencial e 3) uma crítica em relação à autoridade que os investidores possuem para falarem a favor dos donos da empresa.

De outro lado, encontramos a “boa governança corporativa” que, de acordo com Grun (1999), é imposta aos agentes sociais através de pressões institucionais. Nesse sentido, o autor pontua que esse instrumento ideológico só foi possível nos Estados Unidos a partir da década de 1980, quando foi criado um ambiente de indignação popular contra os altos salários e excessos de benefícios dos altos executivos. Ou seja, ela surge como solução para problemas relacionados à questão da tomada de poder por alguns agentes sociais naquele país.

Um exemplo muito claro dos mecanismos de governança corporativa no referido país é citado por Ussem (1996). O autor aponta que a empresa Pepsi-Co tinha vendas de aproximadamente \$ 25 bilhões de dólares e um mercado de capitalização de \$30 bilhões de dólares em (1993) passa a ter 35 analistas de vendas e 115 analistas de compra. Esses analistas colocados na empresa constituem, portanto, uma voz ativa dos investidores financeiros da empresa, que passam a fiscalizar o sistema de compras e vendas.

Já na Alemanha, esse movimento de inflexão para o uso da “boa governança corporativa” ocorreu quando a empresa Mannesmann foi incorporada pela empresa Voda Fone no ano de 2000. Nesse processo, dirigentes, banqueiros, acionistas e até mesmo os trabalhadores dessas empresas se posicionaram de forma tolerante à “boa governança corporativa”. Ocorre a transigência pelos agentes, nesse caso, porque há um processo de valorização de suas ações após o *takeover*<sup>53</sup> e, ao mesmo tempo, as transações contábeis da empresa seriam mais transparentes para esses trabalhadores envolvidos<sup>54</sup>. Simultaneamente, essa situação é paradoxal, pois, rompe-se com o equilíbrio tradicional dentro dessas indústrias.

---

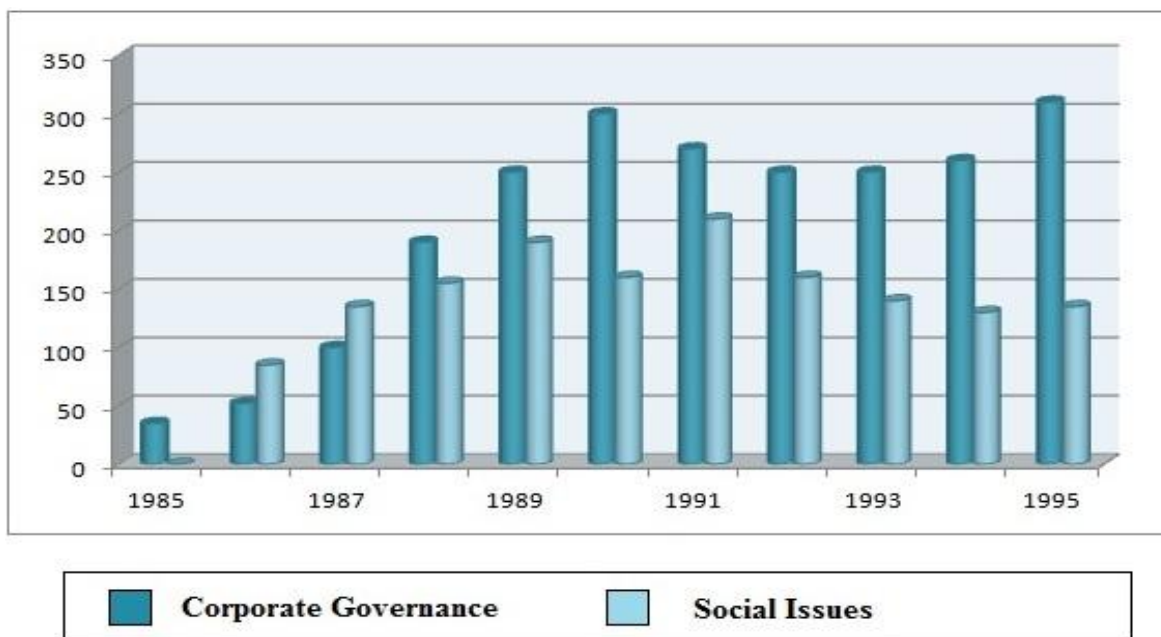
<sup>53</sup> Mudança no controle societário de uma empresa através da compra de ações de uma empresa por outra ou mais empresas.

<sup>54</sup> A transparência é algo de extrema importância para os trabalhadores, uma vez que se pode mensurar seus dividendos e o que realmente lhes cabe por direito.

Pelos motivos supraditos, podemos nos apoiar em (Froud, Johal et al 2006, p.50) e afirmar que a governança corporativa, a partir dos anos 90, tem como objetivo contrabalançar essa concentração de poder, o empoderamento dos gerentes (aumento de pagamentos e enriquecimento dos gerentes na década de 1980), estabelecendo alguns procedimentos no momento em que positivamente motiva e negativamente policia e disciplina os gerentes corporativos e serve-se aos interesses dos acionistas e donos das empresas.

Logo abaixo, podemos visualizar um gráfico retirado da obra *Investor Capitalism*, de Michael Useem (1999), que demonstra, entre os anos de 1985 e 1995, como cresceram o número de propostas feitas pelos *shareholders* a favor da implantação do mecanismo de governança corporativa dentro das empresas. Pode-se observar, no gráfico, que a aceitação dessas propostas atinge seu número *record* por volta dos anos 90 e, por outro lado, as resoluções voltadas às questões sociais dentro das empresas (proteção ambiental, contratação de minorias) atinge seu pico nos anos 90 e, após esse período, segue declinando:

**Figura 3 - Gráfico do número de propostas votadas pelos shareholders em governança corporativa e em questões sociais, 1985-95**



Fonte: Fortune, various issues (obra *Investor Capitalism* de Michael Useem). Tabela com dados originais.

Para melhor elucidar o processo de “boa governança corporativa”, é oportuno mencionar que o papel fundamental dos gerentes (anteriormente ao processo de governança corporativa), nas empresas, era ter a habilidade social de lidar com pessoas cujos interesses

eram diferentes e, então, promover uma cooperação na firma que geraria uma produção de bens mais confiável.

Todavia, Weber (1999) ainda afirma que os atores que dirigirão as organizações possuem interesses próprios, ou seja, trabalham para a produção do próprio poder, logo, no caso dos gerentes, os instrumentos políticos organizacionais ditados pelos agentes sociais (instrumentalizados com a governança corporativa) irão contra essa lógica de gestão do próprio “eu” e, portanto, algumas regras serão estabelecidas entre gestores e acionistas.

Essas atitudes, regras políticas tomadas dentro das organizações, acabaram sendo disseminadas para outros espaços organizacionais. Nesse sentido, podemos nos apoiar em conceitos de Meyer (1977) e afirmar que alguns elementos da estrutura formal das empresas, quando institucionalizados, funcionam como mitos. O autor afirma que os mitos institucionais definem novos domínios e atividades racionais. Esses mitos adquirem legitimidade, pois se supõe que serão racionalmente legítimos. Cria-se, portanto, o mito de que a gerência deva ser controlada e eliminada posteriormente. A medida de eficiência, por conseguinte, será o controle e monitoramento pelas próprias elites financeiras. Ou melhor, a força contida na liderança das elites organizacionais se disseminará através de um mito e, assim, ganharão legitimidade, estabilidade e recursos.

Em suma, a inspeção e avaliação do ambiente de gerência irão violar a assunção de que todos agem através da competência e boa fé. De alguma forma, são minados alguns cerimoniais que já estavam institucionalizados dentro das organizações e, no lugar desses, surgem outros mitos e cerimônias que conduzirão uma elite financeira a se dedicar às organizações.

A partir do momento em que a hierarquia anterior e a burocracia direcionada à gerência são colocadas em suspensão, os gerentes são eliminados de seus espaços de trabalho e um grande contingente de gerentes (no Brasil sua grande maioria engenheiros) fica à deriva em busca de outros espaços de trabalho. Como a lógica ditada, no momento, é dada pela elite financeira, ou seja, a partir do momento em que esses agentes se colocam como dirigentes do próprio jogo, conseqüentemente, legitima-se e autonomiza-se um campo que antes era restrito aos grandes “leões” das ações: o campo das finanças.

Esses gerentes, a partir desse momento histórico, são excluídos de seus cargos e buscarão inserir-se na lógica das finanças e seus correspondentes, como, por exemplo, cargos

e ocupações de consultores de grandes multinacionais, diretores de bancos, entre outros cargos econômico-financeiros.<sup>55</sup>

Acredita-se, nesse caso, que com a eliminação dos gerentes de seus respectivos cargos, pode-se trabalhar com a ideia de isomorfismo profissional ou isomorfismo normativo (DIMMAGIO, 1983) para explicar a adesão e a proliferação de condutas profissionais (dessa busca de outras ocupações) na área financeira por parte desses atores sociais. Nesse caso, o isomorfismo, para Dimmagio<sup>56</sup> (1983), é o mecanismo no qual as profissões ou ocupações são sujeitas à coerção e pressões miméticas de outras organizações. O autor ressalta que esse isomorfismo criado pelas atividades profissionais pode se dar de dois modos: o primeiro pela educação formal e pelos especialistas universitários, em segundo lugar, pelo crescimento das relações de rede entre os profissionais. Logo, a carreira dos consultores e de grandes dirigentes econômico-financeiros pode ter ganhado concretude a partir das possíveis consequências advindas da crise da gerência nas organizações mundiais. Por fim, formata-se de forma mais pujante pelo isomorfismo educacional (a partir da busca e luta da/ pela distinção conceituada por Pierre Bourdieu, 2008F) e de rede sociais (no sentido que conceitua Mark Granovetter, 2007).

Pode-se dizer, portanto, que as elites financeiras controlam o sistema social através de seu comando e posicionamentos frente às organizações. Dessa forma, criam e recriam cerimônias e mitos que podem dirigir condutas profissionais em benefício de seus interesses. Nesse caso, os mecanismos de legitimação de uma grande elite financeira abriram portas para a criação de um “estrato” de dirigentes que antes era excluído de seu espaço social e, posteriormente, iria trabalhar para e pelo capitalismo financeiro.

### **1.10 O processo de financeirização no Brasil**

De acordo com Grun (2003, p. 141), o processo de financeirização, que ocorre no interior das empresas, pode ser visto como “a prevalência absoluta do ponto de vista financeiro sobre considerações na estratégia da empresa e a focalização deste na valorização do retorno dos investimentos do acionista”. O autor ainda afirma que uma forma de verificar a influência das finanças, no Brasil, poderia se dar sobre a análise das “difusões das inovações

---

<sup>55</sup> A ocupação de cargos econômico-financeiros e administrativos se dá principalmente devido as suas formações no ensino superior.

<sup>56</sup> O autor sugere que essa discussão teórica sobre o isomorfismo seja suscetível a testes empíricos para assim guiar futuras análises.

financeiras, que as pratocina e as inflexões que elas sofrem ao se enraizarem no Brasil” (Grun, 2007, p.5)

Grun (2008) afirma que os mecanismos financeiros, no Brasil, são importados e que criam uma roupagem brasileira são: a governança corporativa, denominada como “o coroamento de todos os instrumentos pontuais de imposição da lógica financeira nas sociedades modernas” (Grun, 2005, p.68) e os fundos privados de ações como *private equities*. A governança chega ao Brasil através dos elementos inscritos no processo de mercados de capitais abertos. O autor ainda afirma que os investimentos de fundos de capital privado começam a surgir na década de 1990 a “fim de viabilizar os consórcios de empresas que participam do processo de privatização”.

É nesse sentido que o autor norteará suas pesquisas e reflexões demonstrando que o processo de financeirização, no Brasil, se dá a partir da incorporação de elementos do mundo financeiro externo, mas, ao mesmo tempo, esses elementos são incorporados com roupagens muito específicas, devido à configuração cultural do Brasil. Um exemplo disso é o fato de como o processo de governança corporativa, no seio das empresas, é absorvido pelo discurso das centrais sindicais dos trabalhadores e como esses trabalhadores passam a se converter e a resignificar seu papel na sociedade a partir de um discurso que não se posicionará contra o mundo das finanças. Ao contrário, a partir de elementos constitutivos do mundo das finanças, a antiga luta sindical contra os “patrões” capitalistas passa por um processo de transformação e ressignificação no país.

Nesse mesmo sentido, Jardim (2009) mostra como se caracterizam os fundos de pensão no Brasil, bem como traz consigo o cenário de um capitalismo diferenciado que tende a se moralizar e a se domesticar, o que a autora entende pela regulamentação rígida dos mercados financeiros. Ela descreve o processo de (re) conversão, no Brasil, por parte de sindicalistas oriundos da CUT, em direção ao mercado financeiro. Uma (re) conversão que não se limita ao mundo do trabalho, mas alcança as fronteiras “dos modos de vida, das maneiras de ser e pensar e de fazer o sindicalismo” (JARDIM, 2009, p.18) e que foi impulsionada pela chegada do presidente Lula ao poder.

A autora aposta na conjectura de que o Brasil faz a “domesticação do capitalismo”. Essa asserção se justifica porque as centrais sindicais brasileiras e os próprios sindicalistas passam a conceber uma relação próxima com as elites financeiras, através da gestão sindical dos fundos de pensão que, por sua vez, são utilizados como uma «alternativa na luta sindical». Em outras palavras, os fundos de pensão passam a servir como ponte para o desenvolvimento de projetos sociais e práticas de inclusão social. Assim, é através de

mecanismos, dados no universo das finanças, que surge a possibilidade de transformar o “capitalismo selvagem” em “capitalismo domesticado”, ou melhor, em um capitalismo moralizado, contexto possibilitado pela gestão sindical dos fundos. (MARTINS, 2014)

Outros estudiosos, como Donadone (2004, p.7), examinam o mercado das consultorias, no Brasil, como mais um traço do processo de financeirização. De acordo com o autor, “os processos de reorganização associados às novas configurações do controle das empresas, representados emblematicamente pelas fusões, aquisições e, em especial no caso brasileiro, a privatização abre um grande espaço de atuação às empresas de consultoria.” Os agentes brasileiros que trabalham na área de consultorias são ex-funcionários (principalmente engenheiros) de empresas que foram privatizadas e/ou multinacionais que perderam suas respectivas posições diante da reconfiguração no ambiente competitivo na década de 1990 quando, muitas vezes, trabalhavam em cargos de gerência.

Esses consultores se tornam os grandes arautos das finanças, uma vez que não possuem características técnicas como os pequenos engenheiros, antes, são “executivos flexíveis e paradigmáticos”, repletos de conteúdos e de capitais culturais. (Grun, 1992, p.73)

Pedroso (2005, p. 20) faz uma compilação dos conteúdos dos autores precedentes, quando aponta, como movimento do processo de financeirização no Brasil, as privatizações de muitas empresas nos anos 90 e suas conseqüentes transformações. Seu objetivo foi o de estudar “a dinâmica interna de reorganização e da privatização das empresas”. Logo, incorreu no estudo de uma empresa que fora privatizada e nas dinâmicas internas relacionadas a seus agentes. O autor mostra como se conformava o capitalismo correspondente aos anos 70 e 80, a partir de uma empresa regida pelos engenheiros. Em seguida, ele aponta como esse modelo da empresa de engenheiros foi questionado (principalmente “a rigidez da estrutura e do poder dos chefes”).

A partir de 1996, a empresa passa por uma reengenharia dos processos e mudanças organizacionais. Nesse sentido, alguns acontecimentos marcaram esse processo de “modernização” ou financeirização da empresa, tais como o desligamento de funcionários (engenheiros, gerentes e funcionários) pelo downsizing, degradação das condições de trabalho, a entrada da consultoria *Andersen Consulting* (e o poder de persuasão de seus consultores) atuando fortemente nas transformações da empresa, o processo de terceirização, mudanças relativas ao fundo de pensão dos funcionários, enfraquecimento do poder dos sindicatos de trabalhadores, treinamento para reconverter os gerentes e engenheiros para o conhecimento nas áreas de finanças, administração, economia e marketing, em suma, tomadas de decisão e de transformações, dentro da empresa, para enquadrá-la na lógica dos acionistas.



Dentro dos estudos das empresas de energia, destacamos o trabalho de Saltorato (2007, p.146). Ela se apoia em um novo modelo de empresa que surge no final do século XX. A autora observa medidas que estão em consonância com a lógica do capitalismo financeiro, tais como “automação e reposição dos postos de trabalho, plano de demissão voluntária, terceirizações, a implantação do processo de reengenharia e de downsizing, a redução do quadro de funcionários da Estatal estudada e do contingente de gerentes”. Dentro desse processo, a empresa passa de 7000 funcionários ao número de 3.300 funcionários e estrutura-se dentro de 4 níveis hierárquicos (conselho de administração diretoria, gerência e departamentos). Todos esses elementos somam-se à institucionalização da governança corporativa e ao encaixe do interesse dos executivos aos interesses dos acionistas.

Outro trabalho que dá seguimento à tese anterior é o trabalho de Matsuda (2013). A autora prossegue com o estudo das privatizações dentro da empresa Eletropaulo. Seu objetivo é o de mapear as transformações dessa empresa e de seus agentes no período pré e pós privatização. A autora conclui que a estrutura da empresa é modificada e, antes, tinha como representantes (1-Estado, 2-gerentes 3-trabalhadores) e, depois da privatização, reconfigura-se e seus agentes passam a ser (1-acionistas, 2-diretores, conselheiros e consultores 3- trabalhadores e funcionários terceirizados). Por fim, o grande trunfo do trabalho da autora é verificar como se conformou o processo de reconversão dos engenheiros para a categoria de financistas dentro da empresa no período pós-privatização.

Outro trabalho importante é o de Mundo Neto (2012), que estuda os processos de transformação dentro da indústria sucroalcooleira. Seu objetivo busca delinear as transformações de um modelo de empresa familiar para um modelo de empresa dos acionistas, cujas características acionam o capitalismo financeiro. A participação incessante dos investidores internacionais, o processo de fusões e aquisições bem como o processo de governança corporativa são elementos importantes mapeados pelo autor dentro desse processo de transformação da empresa. Ele assinala que esses dados estariam inscritos em um processo de financeirização da economia brasileira. Ele destaca a participação do capital de risco e o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e social), o que suscita uma nova concepção de controle dentro das indústrias.

Outro trabalho de igual relevância que analisa o processo de financeirização no Brasil é o de Desidério (2013). Esse estudo se desbrucha sobre a intervenção do Estado através da subsidiária do BNDESPAR, uma subsidiária do BNDES. Essa interferência por meio das indústrias de capital de risco (*ventury capital e private equities*) e, ainda, através da participação acionária em empresas com capital aberto. Seu objetivo principal é o de fomentar

o desenvolvimento das empresas nacionais. O autor caracteriza os agentes que trabalham nessa subsidiária através de sua experiência nas áreas de finanças e política. Esses agentes, que ocuparam cargos no BNDES, fundaram fundos de *privaty equities* ou, posteriormente, trabalharam como CEO em conselhos de administração de algumas empresas nacionais. O autor conclui que esse braço do Estado atua como acionista no mercado financeiro, ou seja, o Estado consegue ocupar espaços nas principais empresas através do papel de acionista.

Autoras como Sartori (2010) e Leite (2011) também caminham dentro da lógica de mapear o processo de financeirização no Brasil. A primeira estuda o índice de sustentabilidade empresarial na bolsa de valores do Estado de São Paulo e visualiza um novo modo de pensar o mundo financeiro, através da sustentabilidade, do meio ambiente e também da tentativa de inverter o jogo estabelecido pelos financistas do *mainstream* (que envolve os agentes financeiros ligados aos espaços sociais nos quais se observa esse índice). Todavia, o mercado financeiro não se enfraquece com esse novo discurso. Antes, acaba se empoderando mais a partir dessa lógica moralizante da responsabilidade social. A segunda autora irá mapear o mercado da autoajuda financeira, a fim de revelar como a lógica da financeirização se expande a partir desses “gurus” das finanças, que estimulam os indivíduos a se tornarem investidores.

Depois de mapear a diversidade de focos de alguns trabalhos brasileiros, porém, com o mesmo intuito de mostrar como se conforma o capitalismo financeiro no Brasil, podemos dizer que o presente trabalho também buscará contribuir para o mapeamento do capitalismo financeiro a partir de uma sociologia dos agentes marcada pelo estudo dos engenheiros. Os engenheiros são os agentes que permearam os trabalhos de Grun (1992), Pedrosa (2005), Matsuda (2013) e de Donadone (2004) que caracterizaram seus marcadores culturais e econômicos e buscaram vincular esses marcadores específicos de cada grupo de engenheiros e as suas respectivas instituições, posições, preferências ou direcionamentos dado as suas ocupações no mercado de trabalho.

Buscaremos entender como esses engenheiros, que fizeram parte do movimento histórico da revolução dos gerentes (bem como seus futuros herdeiros na engenharia) e foram retirados de seus postos de trabalho, resignificaram suas carreiras a partir de seus capitais simbólicos. Alguns deles foram trabalhar no setor industrial, outros no setor acadêmico e outros no setor financeiro, como é o caso das consultorias e do mercado financeiro. Logo, a lógica do capitalismo financeiro, os cargos financeiros estariam selecionando que tipos de indivíduos e que tipo de capitais simbólicos no Brasil?

## 1.11 Conclusão

Nessa seção, destacamos a importância de alguns conceitos da sociologia econômica que, posteriormente aparecerão no texto referente a esta pesquisa mesmo que de forma indireta, de modo que muitos subtemas tratados farão referência a esses conceitos da sociologia econômica e das finanças. Sem a intenção os retomarmos no corpo do texto, faremos somente menção a esses conceitos que já foram, preliminarmente, explicados nessa primeira seção. *A posteriori*, discutimos o termo “elites”, a fim de melhor delimitar o nosso objeto de pesquisa. Buscamos esclarecer a relativização e fluidez do termo em momentos históricos distintos, pois essa fluidez estará inscrita também em nossa pesquisa ao nos propomos a estudar uma profissão de elite, que pode ser composta por frações de classes distintas no Brasil.

Por fim, ressaltamos que, apesar de nosso objeto de estudo ser essa elite profissional das finanças, nosso real interesse são os agenciamentos dos capitais simbólicos por parte desses indivíduos: interessa-nos averiguar a existência de uma homologia de perfis e características dos profissionais que se direcionam para trabalhar nos setores das finanças. Atraímos-nos, ainda, por outros profissionais que acionam outras posições em outros setores que não o financeiro. Esses marcadores simbólicos, uma vez agenciados, não farão parte de um direcionamento estritamente racional, sendo que o agenciamento da racionalidade de um possível *homo economicus* será relativizado através da composição de comportamentos, tais agenciamentos poderão se dar através de marcadores simbólicos e de processos e atitudes relacionadas a um determinado *habitus* e um dado estilo de vida que, às vezes, foge à opção das preferências relevadas marcadas pelo economicismo ortodoxo.

## 2. FORMAÇÃO E PROFISSÃO DO ENGENHEIRO

### Introdução

Na presente seção, pretendemos mapear historicamente as escolhas relacionadas à formação e às áreas de atuação mais tradicionais das engenharias. Dessa forma, buscaremos delinear um histórico sobre as opções de atuação que o engenheiro tradicional possuía, ou seja, quais eram suas escolhas e como se circunscreviam a uma estrutura dada de opções. Primeiramente, mostraremos como as escolhas dos engenheiros, de forma geral, eram influenciadas por questões históricas e socioeconômicas relatando alguns momentos históricos sobre a formação e profissão dos engenheiros em quatro países (Alemanha, Rússia, Portugal e França). Sabe-se que, em seguida, esse quadro passa por mudanças com o surgimento de conhecimentos mais específicos em engenharia, como é o caso da engenharia de produção. Acompanhando o surgimento desse tipo de curso mais moderno, as escolhas dos indivíduos passam a depender fortemente de seus capitais simbólicos e não somente de outros fatores axiológicos presentes outrora.

Por isso, em um primeiro momento, refletiremos sobre o curso de engenharia de uma forma geral e das trajetórias de formação e profissionais dos engenheiros, bem como, de seus posicionamentos e escolhas de atuação. Depois, buscaremos fazer um histórico do surgimento das escolas de engenharia no Brasil, nunca perdendo de vista o processo de posicionamentos e as escolhas do grupo profissional estudado. Por fim, discorreremos sobre o surgimento do curso de engenharia de produção no Brasil e sobre a sua importância dentro do processo, cujo foco do capitalismo não é mais a produtividade e sim o processo de financeirização. Desse modo, tanto a formação (universidade) escolhida por esses engenheiros bem como as escolhas, dentro de um leque de possibilidades de atuação no mercado profissional, serão consideradas.

Posteriormente passaremos a descrição das Universidades Estudadas e seus respectivos cursos de engenharia de produção. Por fim, refletiremos sobre as diferentes opções dos distintos setores que abarcam a engenharia de produção desde seu surgimento no Brasil. Em seguida, levaremos em conta como foi realizada a sistematização das opções atuais das áreas de trabalho que os engenheiros de produção possuem na presente pesquisa levando em conta uma sistematização da nomenclatura desses diferentes setores para realizar a análise estatística. Por último incorremos em averiguar nossa primeira pista: para além das questões

mais complexas sobre os marcadores culturais e econômicos dos agentes estudados, o currículo das universidades estudadas teria o potencial de direcionar esses engenheiros formados para alguma área específica dentro do leque de possibilidades existente para o engenheiro de produção?

É importante mencionar que nessa seção sempre buscaremos nos pautar em dois pontos dicotômicos em nossa análise: a formação e a atuação profissional através da análise de momentos específicos da trajetória escolar dos indivíduos e da trajetória profissional. Nesse sentido, poderemos averiguar como se consubstanciam as escolhas referentes ao capital escolar (formação) e o consequente resultado da formação escolhida, que é justamente a opção de escolha da área de atuação após a formação.

## **2.1 Pensando de forma global: a profissão de engenharia e a formação e atuação profissional dos engenheiros no mundo**

O impulso das grandes escolas ligadas aos estudos de engenharia teve seu precursor na França, no século XVIII, com as chamadas *Grands Écoles*. Já em países como Inglaterra (1841), Escócia (1855) e Estados Unidos (1853) seu surgimento se deu no século XIX. Esse primeiro momento, destinado a desenvolver a formação nas engenharias, tinha como objetivo central formatar os quadros de gestão de um Estado moderno tanto nos países mais avançados como também em países do cone sul, como é o caso do Brasil. Já no século XX, com a expansão da grande indústria, abre-se espaço para uma nova formação diferenciada para os engenheiros, uma vez que, esses poderão desenvolver racionalmente as tarefas (a partir da administração científica) em um momento de reestruturação das profissões, não somente das de baixo escalão como as operárias do chão de fábrica, mas também de profissões como a do engenheiro.

De acordo com Crivellari (2000), a fragmentação das tarefas, no seio das fábricas, em função do processo taylorista-fordista, implica na transformação das escolas de engenharia e na formação do engenheiro, colocando em voga a especialização da profissão. No Brasil, de acordo com Carvalho (1995), as escolas emitem os diplomas nas seguintes especialidades: civil, industrial, mecânica, etc. No quadro abaixo, podemos ver a evolução quantitativa das escolas de engenharia no Brasil.

**Figura 4 - Evolução dos cursos de engenharia no Brasil**

ANO	Nº CURSOS
1957	1
1967	2
1993	17
1996	20
1998	35
2002	76
2004	110

Fonte: Adaptado da Revista Pesquisa e Tecnologia FEI, 2002, com alterações feitas pela autora.

Mas diferentemente das escolas francesas, cada uma delas operava várias especialidades. Já na Inglaterra, por exemplo, os engenheiros exerciam suas especializações, dentro das próprias firmas, desde a revolução industrial. Era uma aprendizagem não-universitária e, após esse processo, a associação dos engenheiros fazia um exame aplicado aos candidatos, de acordo com suas especialidades. Nas indústrias, essa mudança transformará a formação da engenharia, que passará da representação de uma profissão mais generalista a uma profissão mais especializada, de acordo com Grelon (1986).

Na França, existe uma diferença entre os engenheiros formados nas pequenas, médias e novas escolas e os engenheiros formados nas grandes escolas. Os primeiros não possuíam uma grande rede de relações sociais com antigos alunos para que lhe abrissem portas na entrada do mercado de trabalho e para que não sofressem com possíveis demissões. Dentro dessa discussão, a divisão entre velhos e novos títulos implicaria, na verdade, em uma divisão entre classes sociais distintas. Os engenheiros das novas escolas (recrutados na classe média) têm sua formação centrada no trabalho técnico em indústrias, já os engenheiros formados nas grandes escolas (recrutados nas classes mais abastadas), como a politécnica, têm sua formação destinada para o trabalho em altos cargos estatais. As novas escolas funcionam para os engenheiros formados como um trampolim para a ascensão social. As grandes escolas, por sua vez, conservam o título pelo privilégio garantido a seus candidatos, que afirma a sua distinção, seus diplomas os asseguram de serem vistos como melhores engenheiros em nível de formação, segurança não certificada aos piores engenheiros.

Existe um ramo de estudos, na França, que converge aos estudos do professor e pesquisador André Grelon na *École Supérieure de Hautes Études em Paris*: “sociologia dos

engenheiros” ou “história da engenharia”.<sup>57</sup> Alguns desses estudos podem nos orientar e esclarecer como eram feitas as escolhas e quais eram as opções de atuação dos engenheiros em distintos países. Podemos também desvendar as suas semelhanças e diferenças na cronologia de suas histórias. Nesse sentido, mencionaremos alguns trabalhos que irão nos ajudar a mapear, de forma global, o espaço social estudado sem dar ênfase a uma “história das engenharias”. Pensamos que o intuito central da tese centra-se nas escolhas profissionais e suas respectivas homologias.

Dadas tais explicações, mencionamos que, ao analisarmos diversos trabalhos sobre a história das engenharias, percebemos que as escolhas dos engenheiros eram bastante restritas no século XIX e um pouco mais abertas no século XX. Com o passar dos séculos, as opções de atuação para o engenheiro se multiplicam e, nesse sentido, vemos funcionar de maneira mais pujante o uso dos capitais simbólicos.

Konrad Hugo Jarausch (1990), em sua obra *The unfree professions*, irá nos mostrar que a maior parte dos engenheiros, na Alemanha, possuía uma alta origem social, advinda de famílias acadêmicas. Em contraste, outros engenheiros de classes mais baixas tinham origem social de pais artesãos, de empregados e de famílias de trabalhadores. Os engenheiros técnicos (muitas vezes associados aos movimentos de trabalhadores) ocupavam posições de liderança nas indústrias.

No entanto, a engenharia alemã sempre teve status prestigioso e foi consolidada com a criação da Associação Nacional de Engenheiros em 1856 (*The Verein Deutscher Ingenieure*). Posteriormente, ela se legitimou como uma profissão de liderança no país no final do império. Todavia, os engenheiros passaram por um processo de autenticação bastante complexo na Alemanha, devido a sua disputa constante com outras elites, burocráticas e industriais.

Outro momento muito complexo, que legitimou a desvalorização da profissão do engenheiro, foi o período nazista na Alemanha. Os engenheiros não arianos, por exemplo, eram condenados à marginalização e os judeus não poderiam atuar como engenheiros. No entanto, a outra parte dos engenheiros elogiava o terceiro Reich por sua atenção exacerbada aos investimentos em tecnologias. De certa forma, os engenheiros que realmente queriam

---

<sup>57</sup> No primeiro semestre de 2013, estivemos em junto ao Professor André Grelon em Paris, para recolhermos dados sobre diversos tipos de engenharia no mundo e suas respectivas histórias. Nosso intuito não era o de fazer uma análise comparativa entre a engenharia no Brasil e a de outros países, antes, mapear as especificidades de cada país quanto as suas escolhas profissionais, quanto a suas escolas de formação e mudanças cronológicas em suas profissões.

trabalhar e ocupar posições importantes nesse período, deveriam se submeter às ordens do Führer.

A partir de 1938, os engenheiros alemães se unem e formam um grupo distinto que irá discutir sobre os caminhos para a “unidade do ensino técnico”, esportes, e palestras sobre a ideologia alemã e tecnologia. Esses engenheiros não deixavam de ser grandes representantes do poder e do prestígio na Alemanha, logo, “Through his appearance, action and ingenuity the engineer shall enliven and galvanize war production so that he fully proves himself as leader of the inner front” (JARAUSSCH, 1990, p.177).<sup>58</sup>

Concluimos que o engenheiro na Alemanha, no período do entre guerras e mesmo no início do período pós-guerra, era considerado um “soldado da guerra”, cuidando sempre da economia armamentista do país e cooperando profissionalmente para o extermínio em massa no holocausto.

Quanto às posições ocupadas militarmente, os engenheiros técnicos, advindos de famílias com origem social mais baixa, ocupavam posições de “segunda classe” no universo militar, todavia, acreditamos que era uma forma para que eles ascendessem na hierarquia social. Justificamos nossa afirmativa pela nomeação do engenheiro Albert Speer's (engenheiro técnico) como ministro do armamento que "*placed the calling and the prestige of the engineer in a new level in the social order and more precisely in the hierarchy of occupations and professions.*" (JARAUSSCH, 1990, p.187).<sup>59</sup>

Pensando em outro país, os autores Barygin e Heifets (2009) discorrem sobre a história da engenharia na Rússia. Reiteramos que não nos prenderemos na história, essa ficará por conta dos autores, mas é importante mencionar fatos que podem nos auxiliar na presente reflexão. A história da engenharia na Rússia pode cindir-se em momentos anterior e posterior à Perestroika. Em um momento anterior, o Estado tinha o poder sobre as profissões e, principalmente, sobre as profissões dos engenheiros. A fala de Josef Stalin pode esclarecer esse aspecto: "*the engineer, the organizer of the productive process should work as he is told to do, and not as he would like to carry out his responsibilities [...] we should not think that*

---

<sup>58</sup> Por meio de sua aparência, trabalho e criatividade o engenheiro deve animar e estimular a produção de guerra de modo que possa provar que ele próprio se fez líder da frente interna"

<sup>59</sup> Colocado o chamado e o prestígio do engenheiro em um novo nível na ordem social e, mais precisamente na hierarquia de ocupações e profissões.



*the technical intellectuals have the right to play a independent hole*” (Barygin & Heifets, 2009, p. 242).<sup>60</sup>

Ao contrário, um engenheiro russo denominado Palchisky irá afirmar que, em meados dos anos 1920, *“the future belongs to engineers-managers and managers-engineers [...] the 20th century was not the epoch of internacional comunism but the epoch of technical internacionalization”*. (Barygin & Heifets, 2009, p. 242)<sup>61</sup>

Através dessa dicotomia, temos uma visão clara do que ocorre com relação à carreira dos engenheiros na Rússia. Esse cenário mais conservador mudou após a abertura econômica do mercado em 1985 (Perestroika). Entretanto, ele carrega, até os dias de hoje, as suas consequências. O grupo de engenheiros na Rússia com diversas especialidades (tecnologias, engenharia de transportes, engenheiros mecânicos) tem a sua educação financiada pelo Estado, mas não possuem muitas chances de conseguirem trabalhar na área. Somente com um diploma do ensino superior ou certificado especial de educação, em outras esferas próximas as suas áreas de atuação, é que conseguirão trabalhos altamente qualificados.

Comumente, os jovens que terão rendas mais baixas terão que optar por carreiras técnicas oferecidas pelo governo, por não disporem de meios para pagar uma boa universidade.<sup>62</sup> Alina Evstigneeva, jornalista do Gazeta Russa, indica que, no ano de 2013, a procura por engenheiros nas indústrias Russas foi muito grande, pois não se encontram engenheiros qualificados para trabalhar nos cargos disponíveis. A autora afirma que somente um a cada três engenheiros procura empregos em suas áreas, sendo que 2/3 dos formados pretende abrir seu próprio negócio e os demais buscam trabalhos em outras áreas.

Retomando aos autores Barygin & Heifets (2009), ambos afirmam que, antes da Perestroika, os estudantes buscavam na educação técnica elementos como a tradição e qualidade do treinamento. Posteriormente à Perestroika, a preocupação principal é a de escolher as especialidades de acordo com o prestígio da profissão. Após a abertura econômica, muitos grupos de técnicos especialistas abandonam a categoria das carreiras de

---

<sup>60</sup> O engenheiro, o organizador da obra do processo produtivo deve fazer o que lhe é dito, e não como ele gostaria de levar suas responsabilidades [...] a gente não deveria pensar que os intelectuais técnicos devem ter um papel independente.

<sup>61</sup> O futuro pertence aos engenheiros gerentes e aos gestores engenheiros [...] o século XX não foi a época do comunismo internacional mas da internacionalização técnica.

<sup>62</sup> De acordo com Kremlim (2012), o sistema de ensino na Rússia se divide entre instituições privadas denominadas comerciais, e as públicas, administradas pelo Estado. Nas universidades administradas pelo Estado, há vagas pagas e gratuitas. As vagas gratuitas são muito disputadas nas universidades, pois dependem do desempenho e das notas dos alunos. Site: <http://cafecomkremlin.com/2012/08/27/ensino-superior-russo-entre-a-modernizacao-e-velhos-entraves>. Acesso em 05/06/2014.

prestígio e seguem trabalhando em outras áreas. Todavia, as áreas de grande reconhecimento na engenharia russa, atualmente, são as ligadas à internet, especialistas em computadores, programações e telecomunicação.

As escolhas dos engenheiros russos, nos dias de hoje, passam a ser não trabalhar em áreas associadas à perspectiva militar, pois as universidades os treinam para esse tipo de serviço e um dos motivos das “fugas” para outros cursos (mesmo não interessantes para o mercado de trabalho) é uma alternativa para evitar o serviço militar.

Já dentro das empresas, os autores citam três áreas em que os engenheiros podem trabalhar: 1- área científica e teórica: área de pesquisa que inclui projeção técnica, construção, pesquisas e invenções; 2- a função de *expert*: controle sobre as tecnologias e sobre as máquinas e a gerência e a organização do processo de produção; 3-distribuição universal de tecnologias pelos computadores.

Essa última seria a área mais promissora para os engenheiros detentores de capital econômico, pois eles teriam condições de optar por ela. Do contrário, lhes restaria optar pelas universidades com vagas gratuitas do Estado. Grande parte deles, evitando o treinamento militar dessas universidades, opta por outras áreas de atuação que não a engenharia.

Outro país cujas escolhas profissionais dos engenheiros se assemelham mais às escolhas dos engenheiros brasileiros é Portugal. Silva (2009) descreve a importância dos engenheiros na companhia Real dos caminhos de ferro no período entre 1870 e 1885. O autor relata que as opções dos engenheiros não se circunscreviam a técnica, mas também a política, exercendo a função de “*opinion makers*,” assessorando com soluções para promover o desenvolvimento econômico e social.

A saber, já dentro dessa companhia, no século XIX, nos deparamos com alguns cargos de importante renome para os engenheiros de uma hierarquia empresarial. Eles podiam trabalhar como: consultores, *top-management* (gerente de alto escalão), *middle management* (gerente médio), todos assalariados fazendo parte das características modernas do gerenciamento.

Os consultores detinham uma posição de extremo poder na empresa, estando sempre junto ao comitê de Paris e seus salários eram correspondentes ao dos diretores executivos da empresa (15.000 francos no ano de 1882). A posição de *top management* era responsável por supervisionar os departamentos funcionais, fazer a contabilidade, “controle e estatística, tráfico, saúde manutenção e trabalho, estoque de rolamento e de locomotivas, compras”, etc, (SILVA, 2009). Seu pagamento era o mais expressivo de todos, devido a sua alta responsabilidade com todas as tarefas da empresa (em torno de 25.000 francos em 1882).

A função *middle management* era responsável por gerir os departamentos técnicos da empresa. É muito importante ressaltar que nenhum desses cargos altos de gerência era ocupado por portugueses e sim por franceses, formados em grandes escolas altamente prestigiadas.

Quando pensamos na França, nos referimos ao maior centro das reproduções das origens sociais e também ao berço do processo de distinção entre as elites. Um autor que explica esse processo e recorre à posição das *cadres* e dos engenheiros para essa finalidade é Luc Boltanski (1982) e seu grupo de estudiosos.

De acordo com o autor supracitado, os engenheiros e algumas frações da burguesia, inseridos na esfera do assalariado, mudarão a composição de renda e outros fenômenos, tais como o peso do sistema de ensino e o crescimento dos instrumentos de reprodução social. A partir do ensino superior, seus estilos de vida serão modificados principalmente no período dos anos 50. Nesse sentido, o orgulho de ser engenheiro aparece em colocações que denotam que, dentro das usinas, nas minas, a direção das coisas e o comando efetivo dos homens é deles e, portanto, eles exercem sozinhos a função patronal.

As formações para os engenheiros se dividiam entre uma instrução dentro das grandes escolas o aprendizado em escolas de menor relevância. Em outras palavras, existiam formações propriamente técnicas, como é o caso dos engenheiros de usina, que trabalham para a indústria privada, sendo que estas últimas, recrutavam os seus alunos das camadas inferiores e médias da sociedade, ou melhor, de famílias de *cadres* médias, pequenos funcionários ou dentro da pequena burguesia. Em suma, arregimentavam indivíduos em que a carreira de engenharia seria um meio de galgar posições mais elevadas na hierarquia social. Engenheiros tais, que já são afetados pela desvalorização patrimonial e possuem como único meio de elevar sua posição social a obtenção do diploma.

A engenharia, portanto, é uma profissão que irá direcionar os indivíduos que a partilham e escolhem as posições de elite. Aqueles que participam de associações e sindicatos usam desses meios para defender a sua profissão e lembram, constantemente, da dignidade e qualidade de seus títulos e da alta cultura que lhes fornecerá a longa formação. Mas, não podemos nos esquecer de que o diploma é mais usado como um princípio de divisão, do que como um princípio de unificação. Ou seja, o diploma não deixa de ser um objeto que marca a distinção de alguns engenheiros em detrimento da exclusão de outros *cadres* sem diploma ou engenheiros formados em escolas de nível mais baixo. Esses últimos ocupam posições de autoridade relativa, tais como agentes técnicos, representantes, chefes de serviço comercial, contabilidade, etc, ou melhor, todos aqueles que não são diplomados. É a esse agregado

heterogêneo, sem organização, sem identidade, e sem nome que se começa a designar sobre o termo vago de “*cadre*”.

É interessante percebermos como esse processo de distinção é construído nas falas e nos discursos do grupo. Enxergamos que esse grupo se impõe, nessa circunstância, como elite e não mais como classe média, e muito menos se igualam à massa das classes subalternas. Enquanto grupo, seu posicionamento e suas reivindicações justificadas oralmente constituem uma das formas pelas quais esse grupo social consegue transformar seu papel social na França. Esse grupo consegue, por fim, adquirir vantagens salariais, direitos de trabalho, segurança social e uma aposentadoria particular. Ao mesmo tempo, ele trabalha para que suas estratégias de reprodução se consolidem através do sistema de ensino e pela reconversão do patrimônio econômico em patrimônio escolar. Esse processo, por sua vez, acelera a separação e distinção entre trabalhadores independentes e assalariados burgueses.

Simultaneamente, é importante lembrar que esse grupo encontra apoio para sua existência no corporativismo empresarial (instituições onde trabalham), além de contarem com o apoio do governo Vichy para se consolidar e legítimar seu papel social. A partir dos anos 60, esse grupo acaba encarnando a modernidade e a renovação da burguesia. Boltanski (1982, p.153) reitera nossas afirmações anteriores, assinalando que, “a igreja, o armamentismo e o poder do chefe, o comandante do combate para a produção dentro da usina, são substituídos pela celebração da inteligência, do diploma, do sucesso, do dinamismo, da abertura econômica, técnica, e da competência”. A grande inspiração que destacará as características já mencionadas será justamente a fascinação pelas ideologias dos Estados Unidos.

A ideia de trazermos à tona os fatos pontuais e concretos da história da engenharia sobre os países supracitados e, cronologicamente, díspares tem o intuito de mostrar como através de encadeamentos históricos distintos podemos identificar pontos de convergência para nossa reflexão sobre a determinação da origem social acompanhada de seus capitais simbólicos, o processo de distinção bem como a determinação das escolhas frente às opções dadas.

Em suma, ao pensarmos na Alemanha, podemos perceber que existe uma divisão a partir da origem social, no que diz respeito à ocupação dos engenheiros em áreas distintas no período do Estudo de Jaraush (1990) referente à primeira metade do século XX. Podemos perceber esse dado, pois se constata que os engenheiros de classes mais baixas ocupavam áreas na indústria alemã e, com o advento de um elemento nacional, o nazismo, esse grupo mais subalternizado tem a chance de ascender economicamente. Observamos o mecanismo de

distinção dos alemães dentro dos espaços das associações entre os líderes engenheiros nesse período. E, por fim, quanto às escolhas, elas tiveram que ser feitas nesse período em que “*became instruments of a criminal system*”. Suas profissões eram reféns desse tipo de sistema e outras escolhas desse grupo se davam através da legitimação desse sistema. A via militar era o único modo da profissão do engenheiro existir e revelam consigo todo o prestígio e poder relativo à engenharia.

Na Rússia, a análise histórica aponta mudanças com a abertura econômica do país que, antes, se respalda na profissão do engenheiro através de um sistema de controle total de suas atividades. Hodiernamente, pode-se observar que também há uma tendência de que a origem social destine as ocupações dos engenheiros, uma vez que, somente os diplomas das universidades comerciais de renome levam o engenheiro a ocupar cargos de alta qualidade no mercado de trabalho. As escolhas mais recentes desses engenheiros estão ligadas às áreas fora de sua formação, a saber, como abrir seus próprios negócios e também investir nas áreas de computação, programação e telecomunicações que proporcionam posições de destaque e prestígio para grupos de engenheiros que possuem capital econômico para dispor de uma educação superior mais especializada.

Já no século XIX, temos o exemplo da construção das estradas de ferro de Portugal e da criação de cargos de destaque para os engenheiros dentro de uma companhia de estradas portuguesa. Essa companhia, por sua vez, só contrata engenheiros da alta elite francesa que tiveram suas formações em grandes escolas. No século XIX, observamos que as escolhas dos engenheiros, nesse período, já possuem uma abertura para as áreas de management importadas do modelo norte-americano. Contudo, no exemplo desse estudo, podemos averiguar o quão grande é o peso simbólico das grandes escolas, do processo de distinção e da origem social para a ocupação de cargos de distinção em Portugal pelos engenheiros.

A França, por sua vez, caracteriza todo o aparato de reprodução educacional e de origem social que foi destacado factualmente em outros países. As grandes *écoles* direcionando as *cadres* de alto escalão para posições de destaque no mercado de trabalho e as *cadres*, advindas das escolas de pouca referência ocupando cargos em usinas e indústrias privadas, como representantes, chefes de serviços comerciais, técnicos, etc.

No presente trabalho, pretendemos mostrar como se dão essas peculiaridades como o trato da origem social, da distribuição de capitais simbólicos, e das escolhas de atuação profissional por parte dos engenheiros de produção brasileiros. Queremos averiguar

se existe essa mesma tendência dos capitais simbólicos interferirem no posicionamento e na atuação desses grupos profissionais no mercado de trabalho.<sup>64</sup>

## **2.2 Refletindo sobre as escolhas e direcionamentos na profissão do engenheiro no Brasil: a passagem do técnico-burocrata para a o empreendedor-gestor**

De acordo com Kawamura (1981), a primeira escola de engenharia de que se tem notícia, no Brasil, é a Academia Real Militar criada em 1810. Essa escola era destinada a formar engenheiros que só tinham como escolha trabalhar na área militar no país.

As primeiras tentativas de se modernizar o ensino brasileiro ocorrem após 1870. Em 1873 os cursos de engenharia são separados da carreira militar, momento no qual é criada a Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Entretanto somente os diplomas foram modificados, a grade do curso continuou a mesma. A única escola que teve apoio técnico-científico do Estado, nesse período, foi a escola de Minas de Ouro Preto criada em 1876. O objetivo fundamental dessa escola, respaldado pelo professor Francês Henri Gorceix, era o de formar técnicos para trabalhar na indústria mineira de siderurgia.

O autor ainda afirma que, incumbências dos engenheiros como a construção de prédios, vias de transportes e mesmo a metalurgia, durante o período colonial e do império, sempre foram submetidas à marinha e ligadas ao exército e, raramente, tais oficiais advinham de famílias ilustres: a profissão militar tinha pouco prestígio naquele momento.<sup>65</sup>

Pode-se dizer que a primeira grande vitória dos engenheiros é no ano de 1861, com a criação da Secretaria de Estado nos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Foi criado um corpo de engenheiros, e para a admiti-lo, era necessário o diploma. Entretanto, esse corpo de engenheiros não possuía uma função consultiva, sendo verdadeiramente encarregados da construção, fiscalização e operação das estradas de ferro.

Alguns institutos do período, como o Politécnico Brasileiro e o Clube de Engenharia, eram um misto de agência técnica e consultiva, no qual se agremiavam

---

<sup>64</sup> É importante mencionar que apesar de darmos destaque para a origem social e para os capitais simbólicos que já se mostram presentes dentro dos países analisados, a condição histórica e a conformação política e social dos países é ainda muito importante e talvez sejam os principais direcionadores das condutas dos e escolhas profissionais dos indivíduos. Percebemos que com o passar dos anos as condições relacionadas as conjunturas históricas, políticas e sociais podem sofrer um “afrouxamento” e nesse sentido, os capitais simbólicos adquirem uma importância maior na conduta e no direcionamento das escolhas. Essa é uma proposição provisória que poderá ser averiguada em trabalhos futuros.

<sup>65</sup> Nesse ponto percebemos uma diferença no que diz respeito a escolha do trabalho militar na Alemanha, que por sua vez, acabava ocasionando a ascensão social dos engenheiros

engenheiros e industriais. No momento posterior à proclamação da república, devido à descentralização do controle na educação, são criadas as escolas de engenharia: a Politécnica de São Paulo em 1894, a Escola de Engenharia do Mackenzie em 1896, no Recife em 1895 e em Porto Alegre em 1897. Contudo, com problema da proteção legal da profissão emergiu o movimento para regulamentar a profissão, que só voltou a se concretizar em 1905, sendo obra do poder judiciário e de movimentos profissionais de engenharia. Em 1911, é firmada a necessidade do diploma para a atuação do engenheiro em cargos públicos. No entanto, os registros de diplomas de estrangeiros continuavam sem nenhuma restrição e aqueles indivíduos que não eram engenheiros, já alocados em algumas posições, continuavam possuindo respaldo da lei para manterem seus cargos.

Portanto, podemos dizer que existem alguns períodos importantes, nos quais as carreiras técnicas, como a do engenheiro, se mostram ativas no Estado. O primeiro deles é a partir de 1909 e vai até 1931, quando são regulamentadas as áreas do Ministério da Viação e Obras Públicas, bem como o Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio. Pode-se dizer que esse período foi mais um momento de ampliação das reflexões sobre o desenvolvimento econômico do país.

O autor continua pontuando que é a partir do governo de Nilo Peçanha (1910, quando alguns engenheiros passam a ocupar cargos ministeriais) que a abertura é dada para esta carreira, já que os órgãos que poderiam ser destinados aos engenheiros sobem para sete. Mesmo assim, não é possível se falar em exclusividade dessa carreira nesse momento histórico, pois poucos deles poderiam trabalhar como profissionais liberais. Por isso, podemos afirmar que, até esse período, a questão das escolhas das áreas de atuação por partes dos engenheiros era bastante restrita.

Após a metade do século XIX, consegue-se visualizar a abertura do mercado de trabalho para os engenheiros com a expansão das obras públicas, a urbanização e a construção das estradas de ferro. De toda forma, esses cargos criados pelo Estado eram temporários e esse aspecto dificultava o posicionamento dos engenheiros no mercado de trabalho. É somente no final desse século que os engenheiros são alocados em posições mais estáveis no mercado de trabalho. Todavia, dois fatores foram importantes para a não alocação desses engenheiros, principalmente, na esfera privada: a dificuldade de se importar novas tecnologias e capitais e a estrutura familiar das empresas brasileiras.<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Aqui podemos nos remeter ao primeiro modelo de empresa mencionado por Grun (2008) em nossa seção anterior. Este modelo se caracterizava por ser doméstico e tradicional.

Podemos dizer, portanto, que compactuamos com a ideia, da autora Ângela de Castro Gomes (1994), de que as carreiras dos engenheiros passaram pelo processo de cristalização e estabilidade, quando a proposta e o objetivo central do Estado brasileiro passou a ser o desenvolvimento e crescimento econômico do país.

Castro Gomes (1994) ainda aponta que, a partir de 1933, existe a obrigatoriedade da contratação dos engenheiros pelos setores privados. Surge o controle da profissão através de um Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura, composto por um representante do governo, três professores das escolas oficiais e seis engenheiros escolhidos pelos sindicatos de classe, que estavam incumbidos em cassar registros profissionais, fiscalizar o exercício profissional e expedir carteiras profissionais. Essa ação era bastante corporativa, uma vez que admitia que as sociedades de classe dessem seu aval às atribuições mencionadas anteriormente.

Portanto, o período da República, que almejava dar uma abertura para a liberdade das profissões, fechava os cercos profissionais com as regulamentações e restrições aos não diplomados. Essa regulamentação estava no cerne dos objetivos de uma reforma administrativa do Estado e, também, no regime corporativo momentâneo. Seu sucesso maior estava presente no aparato de fiscalização.

De acordo com a autora, em 1936, o quadro de atuação dos engenheiros no mercado de trabalho brasileiro era o seguinte: 80% no Ministério da Viação e das Obras Públicas, 7,7% no Ministério da Educação e Saúde, 7,9% no Ministério da Agricultura (hidroeletrecidade, irrigação, colonização e reflorestamento) e os demais ministérios estavam ocupados com obras, compras ou serviços de patrimônio.

A maioria deles, aproximadamente 68%, estava ligada à construção e à estruturação das estradas de ferro. O Departamento de Portos e Navegação e os cargos mais altos eram destinados aos que trabalhavam na central do Brasil. As novidades estavam no Departamento de Águas (hidroeletrecidade) e na Inspeção de Estradas (passavam a ser 70% dos engenheiros). Contudo, pelo país estar saindo de uma situação de depressão, o mercado de trabalho para o engenheiro encontrava-se em situação adversa.

No período entre 1930 e 1945, ocorreu o afastamento dos engenheiros dos cargos mais tradicionais do Estado, já que eles passaram a atuar nos cargos estatais mais modernos. Ilustrados pela Companhia Siderúrgica Nacional, pela Companhia Vale do Rio Doce e pelo Conselho Nacional do Petróleo. O modelo corporativo que teve problemas em se consolidar, na primeira república, agora se concretizou a partir das burocracias técnicas. A questão organizacional se dava através de uma política racional de controle aos departamentos de



administração do Estado, pelos quais os técnicos eram responsáveis. A eficiência desses gerentes criaria uma melhor administração para o Estado, uma vez que descentralizaria o excesso de burocracia.

Contudo, apesar de estratégias eficientes e não burocráticas terem sido implementadas, elas duraram pouco tempo. Logo após o governo Vargas (Estado Novo), a política clientelista voltou à tona mais fortificada e impediu que os instrumentos e ideias flexíveis pensados anteriormente fossem colocados em prática. O modelo, que era para ser baseado em uma gerência técnica, se transformou no mais puro controle burocrático. Nesse clima excessivamente burocrático, muitos engenheiros tiveram projetos inviabilizados, devido à tamanha burocracia estatal e ineficiência dada por essas circunstâncias.

Posteriormente, entre os anos de 1945-1965, surgem as grandes empresas estatais e os órgãos de planejamento. Ao fim desse período, as restrições à reprodução educacional à carreira dos engenheiros são bloqueadas e surgiram os cursos de pós-graduação. A partir desse momento, os engenheiros contratados colocam restrições severas para fazerem seus projetos. Lucas Lopes, futuro ministro de Juscelino, comenta:<sup>67</sup>

Quando me convocou para a Cemig, Juscelino realmente me deu a oportunidade, que eu desejava, de criar uma organização daquele tipo e contar com a liberdade de ação. Mas em minha conversa com ele impus uma condição: só iria trabalhar em Minas se tivesse a garantia de que haveria fundos adequados no ritmo certo. Ir para Belo Horizonte para ficar pedindo verbas na assembleia e disputar recursos pobres com vários deputados não interessava, ele deveria desistir, pois não era essa a nossa tarefa.

No período correspondente entre 1945 e o final do governo de Jânio Quadros, as condições políticas começaram a proporcionar cargos importantes aos profissionais da engenharia. Dos 13 titulares do Ministério de Viação e Obras Públicas, oito eram engenheiros. Casos notórios são dignos de destaque como os de Lucas Garcez (1950-54), Leonel Brizola (1958-62) e Ernesto Dornelles (1950-54). A área privada, a partir da construção civil, decorrente do crescimento das cidades e urbanização, surgiu espaço para uma grande gama de engenheiros no mercado de trabalho, pois, a partir da superação de problemas de gerência e tecnologia, essas empresas privadas se tornaram parceiras dos empreendimentos estatais.

---

<sup>67</sup> Castro Gomes (1994) apud historia oral, 1991, p. 109 (Depoimento de Lucas Lopes (1990) do Rio de Janeiro, da FGV-CPDOC, historia oral, 1991, p.109.)

Em meados dos anos 50, os alunos formados nas escolas de engenharia estavam divididos em: 520 filiados ao clube de engenharia no Rio de Janeiro, 25% na construção civil e 13,4% na administração pública. De 707 formados nas escolas de engenharia, 345 pretendiam trabalhar na construção civil, 147 na indústria, 142 nas estradas de rodagem, 45 em ferrovias e 37 na administração pública.

Nos anos pós 1950, os engenheiros, de uma forma geral, começam a participar de um mercado de trabalho bastante interessante em meio a muitos convites de trabalho. O engenheiro Mauro Thibau acrescenta a esse respeito:

[...] É isso aí. Então todo mundo saiu empregado. E durante os trinta anos que se sucederam o engenheiro foi privilegiado. Eu durante a minha vida todo funcionei na base do convite. Aceitava, ou não aceitava, mas eu nunca procurei emprego na minha vida<sup>68</sup>

Nesse período, portanto, a problemática era não repetir a gestão das autarquias e dos conselhos criados anteriormente. Buscava-se mais flexibilidade e eficiência no trabalho, os engenheiros, de forma geral, optavam pelo *holding*<sup>69</sup> e não por um conselho consultivo. Essas exigências dos engenheiros, nesse período, mostram a passagem histórica de um momento tradicional do Estado ao do recrutamento meritocrático e da formulação de ideias técnicas. Podemos conjecturar, portanto, que esse seria o período no qual os engenheiros se colocaram em uma posição em que lhes é permitido escolher de acordo com as áreas em que desejam atuar. Anteriormente a esse período, a profissão da engenharia se vinculava diretamente aos cargos do Estado, restringindo, portanto, suas escolhas e posicionamento no mercado de trabalho.

De 1967 em diante, devido ao momento de repressão do golpe militar, muitas empresas se afastaram do controle político do Estado e adquiriram mais autonomia gerencial, obtendo um caráter privado de administração. Entretanto, multiplica-se também o número de estatais nesse momento, a saber, se em 1954 existiam 14 empresas públicas, em 1972, o número cresceu para um total de 57.

Já nos anos 1960, devido à explosão escolar, a realidade começou a mudar para os engenheiros no Brasil. De acordo com Kawamura (1981), eles passaram de posições de

---

<sup>68</sup> Castro Gomes (1994) apud Historia oral, 1991, p.55 (Thibau, Mauro. Depoimento (1990). Rio de Janeiro, FGV-CPDOC, Historia oral, 1991, p.55.)

<sup>69</sup> De acordo com o economista Paulo Nunes (2001), *holding* é uma empresa que controla um grupo de outras empresas, ou o *holding* pode ser um gestor das participações sociais.

comando a postos de trabalho mais operativos. Setores como automobilístico, siderúrgico, petroquímico, mecânico e de aparelhos eletroeletrônicos eram ocupados por engenheiros em funções técnicas operativas agregadas à coordenação gerencial.

Nas empresas de capital nacional os engenheiros ocupavam postos de mando com maior autonomia, trabalhando nas áreas econômico-administrativas e na gestão pessoal. Mas a grande maioria ocupava cargos técnicos subalternos e operativos, mesmo que houvesse uma pressão hierárquica sobre os operários. O que ocorre, nesse período, é que com o advento das especializações, com a multiplicação das escolas de engenharia e as escolas do ensino privado, a relação educativa não é propriamente voltada para a construção do Estado e sim mais voltada para o capital estrangeiro.

Nesse sentido, o ensino privado se encarregou de encaminhar para cargos administrativos médios, a fim de formar engenheiros operacionais para trabalhar nas indústrias. Já o ensino universitário público, se voltou para formar cargos gerenciais e técnicos de maior relevância ou de melhor remuneração. Percebemos que, apesar da reforma universitária de 1968, abrir espaço para uma formação mais massificada da população perdura uma divisão simbólica e material (demonstrada pela diferença salarial) e de classes entre os engenheiros que se formam em universidades públicas e aqueles que se formam em universidades privadas. Por isso, podemos afirmar que esse talvez seja o período em que os capitais simbólicos passam a agir de forma mais determinante nas escolhas profissionais dos engenheiros no Brasil, pois ao mesmo tempo em que se tem uma abertura no mercado educacional as desigualdades de origem social se tornam mais nítidas e mais atuantes no processo de reprodução social.

Após os anos 70, e com o advento da crise do fordismo, os técnicos (engenheiros) passaram a assumir o posto de gerentes dentro das empresas, simultaneamente ao preenchimento da rotina empresarial diária, que continuou se dando por quadros burocráticos. É dentro dessa revolução dos gerentes, e da ocupação desses cargos, que grande parte dos engenheiros consolidará sua carreira e se manterá estável no mercado de trabalho. Até que, em um momento de crise vindoura, os engenheiros serão deslocados de seus postos de trabalho<sup>70</sup>, quando o capitalismo começou a se financeirizar.

---

<sup>70</sup> A discussão sobre a crise fordista e suas consequências para o capitalismo produtivo bem como a emergência do capitalismo financeiro já foram tratadas no capítulo anterior.

### 2.3 O surgimento das indústrias no Brasil

Faz-se necessário discorrermos sobre o período industrial no Brasil, pois foi justamente nesse período que os engenheiros passaram a ter uma liberdade maior para escolher as suas áreas de atuação. Anteriormente a esse período, as escolhas dos engenheiros se restringiam justamente às poucas opções que lhes eram dispostas: trabalho na área militar, trabalho em cargos ministeriais e, a partir da metade do século XIX, devido ao processo de urbanização, começam a ter a oportunidade de trabalhar nas ferrovias, em obras públicas.

Após o período de urbanização, o objetivo principal do Estado brasileiro deixa de ter como foco a defesa da colônia contra outros povos colonizadores e passa a centrar sua preocupação no desenvolvimento econômico do país. Devido a essa mudança de prioridades, no período pós 1880 e principalmente no período da primeira guerra mundial (1914-1918), o processo industrial tende a se consolidar no país de maneira intensa, sobretudo no mercado de carnes e frigorífico. Por esse motivo, novas escolas de engenharia são criadas, bem como novos cursos de engenharia voltados para outras especialidades, que passam a não ter mais como foco um tipo de ensino teórico-generalista.

Nesse sentido, Laudares afirma que “as mudanças progressivas no ensino de engenharia resultaram na maior divisão do trabalho do engenheiro e no crescente surgimento das novas especialidades, rompendo com a visão mítica do engenheiro-expert universal” (LAUDARES, RIBEIRO, 2000, p.493).

Após a primeira guerra mundial, muitas empresas estrangeiras montam subsidiárias no Brasil, principalmente nas áreas de “veículos motores, produtos farmacêuticos e químicos, produtos elétricos, alimentos, metalurgia do ferro e siderurgia” (PRADO JUNIOR, 1980). No período de 1945 a 1970 o processo de industrialização toma mais força. Devido à exigência de mão-de-obra, novas universidades com o curso de engenharia são criadas no país.

Nos anos 1980, ocorre o ponto de inflexão de nossa tese, com a crise do período fordista, em concordância com os dizeres supraditos em capítulos anteriores. Esse processo incentiva as mudanças nos próprios currículos dos cursos de engenharia, que passam a exigir a presença dos alunos formados no seio das indústrias.

Grun (1992) nos ajuda a refletir sobre o momento no qual os gerentes engenheiros passam por esse processo de inflexão no final dos anos 70 e início dos anos 80 no Brasil. Esse processo de inflexão na história do Brasil tende a coincidir com um momento de

inflexão na presente tese, pois esse período histórico relaciona-se diretamente com o processo de desenvolvimento e aquisição de capitais simbólicos por parte dos indivíduos. É nesse momento em que se pensa na substituição de um modelo americano baseado “nas finanças e no marketing da administração” por outro modelo, o japonês. No entanto, no Brasil existe uma adequação desse novo modelo japonês ao cenário já então existente. Nesse período, aprofunda-se o processo de substituição das importações, passa-se a produzir mais, as multinacionais ganham seu espaço e surge a necessidade do gerente nacional, e naturalmente, os engenheiros tomarão esses postos.

A partir do momento de implantação do modelo japonês no país, existe um processo de qualificação por parte dos gerentes. Anteriormente a esse momento, no pós-crise do milagre econômico, esses gerentes-engenheiros possuíam outro perfil: “eram pequenos gerentes industriais que emanavam seu *habitus* de classe média sem ter resistência”. (GRUN, 1992, p.69)

Nesse sentido, a mudança no processo industrial ocorre porque para implantar o modelo japonês, no Brasil, esses gerentes terão que se adequar a um novo perfil, precisarão reconverter suas trajetórias no sentido de adquirir capital simbólico. Aqueles que já possuem um determinado capital simbólico, saem em vantagem aos outros.

Nesse sentido, Grun (1992, p.69) assinala que os homens da área de controle de qualidade eram caracterizados, no Brasil, por possuírem baixo capital social, serem oriundos de famílias mais modestas e serem engenheiros formados em pequenas escolas. Mas existem outros provenientes de estratos mais altos da sociedade, que são mais ousados, que tentam ampliar a função que exercem.

Surge, portanto, o binômio afirmado por Boltanski (1982) entre o autodidata e do homem com titulação, sendo substituído, aqui no Brasil, pelo binômio do generalista versus especialista. Assim, para Grun (1992, p.70) “surge a divisão simbólica entre gerentes e técnicos” e “as habilidades gerenciais advêm de agentes que fizeram escolas importantes.” Ou melhor: “os grandes introdutores das ações de inovação gerencial no Brasil estão em posições opostas aos pequenos engenheiros encarregados da gestão rotineira da fábrica.” Esses pequenos engenheiros das empresas, por sua vez, se aproximam dos autodidas, esses agentes “são pouco flexíveis para com as inovações e desenvolvimento de suas especialidades e não possuem estratégias subversivas para contestar as definições legítimas do saber oficial.” (GRUN, 1992, p. 73).

No sentido oposto, os agentes que possuem conhecimento técnico somado ao gerencial e que possuem capital simbólico, ou seja, cultural e social, podem ter altas chances de ascender dentro das empresas. E de acordo com Grun (1992, p.73),

Esses agentes mais radicais que escolhiam esses filões mais arriscados nas organizações tinham um perfil: famílias classe média alta ou burguesa de São Paulo, estudavam em colégios renomados, e em universidades como a politécnica de São Paulo em cursos de engenharia de produção ou administração de empresas na FGV. Tinham modos de vestir-se de portar-se, famílias, e opiniões políticas moderadamente conservadoras. A mesma postura prudente era adotada nas empresas.

É exatamente nesse momento que surge a figura dos consultores<sup>71</sup>, engenheiros e administradores de novas gerações que são conduzidos a cargos superiores. Os consultores “são os executivos flexíveis e paradigmáticos que realizam com maior visibilidade a adaptação aos tempos e modas gerenciais” (GRUN, 1992, p.73). Na década de 1980, eram especialistas em processamentos de dados, viraram especialistas em qualidade, depois de microinformática e fecham a década como especialistas em produtividade.

Nesse sentido, um de nossos entrevistados na pesquisa tem exatamente o perfil mencionado por Grun (1992) anteriormente. Em suma pode-se observar um processo no qual os capitais simbólicos, antes dos anos 80, tinham um peso menor. Era importante que os gerentes-engenheiros possuíssem o conhecimento de estatística e cálculo, em seguida, passa a ser necessário o conhecimento da informática. Já nos anos 80, sofisticou-se o tipo de conhecimento exigido por parte desses gerentes, tendo os mesmos que possuir algum tipo de “competência linguística e social”. Logo, é nesse momento, no Brasil e no mundo empresarial, que nos deparamos com a forte influência dos capitais simbólicos no seio organizacional.

No quadro que se segue, podemos observar as suas características referentes a seus gostos e estilos de vida, bem como aos seus capitais simbólicos, a saber, o econômico e o cultural. Logo, ele é um exemplo de “carne e osso” do processo mencionado anteriormente na década de 1970 a 1980. (CAMPOS; JARDIM, 2012)

Nesse sentido, os consultores fazem investimentos em capital cultural e social, pois somente os que os detêm podem realmente se inserir no mundo das consultorias, um mundo “que é ligado à subversão dos modelos anteriores, aos riscos, e a ultrapassar os limites da tradição”. (GRUN, 1992, p.77)

---

<sup>71</sup> Para saber mais sobre o surgimento e desenvolvimento das consultorias no Brasil, ver Donadone (2001).

Já nos anos 90, devido à instabilidade econômica sofrida pelo país consequente da abertura de mercado, mudam-se novamente os cursos de engenharia em função as novas exigências do mercado. E é justamente devido a esse processo de reestruturação produtiva que surgem cursos para darem conta de uma nova demanda que o mercado exige: surgem os cursos de engenharia de produção.

### **Figura 5 - Estilo de gosto, trajetória escolar e profissional (ex-aluno da Poli-USP, ingresso em 1965)**

Sebastião Araújo mora na Rua das Nações Unidas, em São Paulo, no bairro de Interlagos na zona sul. É casado, branco, heterossexual, possui 5 filhos e sempre morou em São Paulo. Ingressou na Escola Politécnica de São Paulo no ano de 1965.

No que diz respeito a seu capital econômico, possui casa própria, casa de veraneio e mais que dois carros.

Quanto a sua origem social, seu pai trabalhava no setor privado e sua mãe não trabalhava, seu pai ganhava mais que R\$10.000 e sua mãe menos que R\$ 2.000. Assinala que seus pais estão localizados na classe alta ou média alta. Seus pais cursaram colégios particulares como os colégios Rio Branco e Mackenzie, ambos possuem ensino universitário com graduação na USP São Francisco. Seu avô paterno era dentista. O entrevistado acredita que a trajetória de seus pais afirma-se como reconvertida.

Sobre a sua trajetória educacional, estudou a maior parte do tempo em colégios privados, na graduação tinha como sonho a escolha da carreira de engenharia organizacional e é doutor em administração

Pensando em sua trajetória pessoal, com relação ao capital econômico, não possui casa própria (mas possui três pessoas que trabalham como servidores domésticos). Afirma receber mais de R\$ 20.000 e fazer parte da classe alta ou media alta. Sobre seu capital cultural e social, Sebastião sempre foi sócio de clubes e associações na cidade, sempre frequenta eventos culturais como museus, exposições ou cinema e vai ao teatro às vezes. Costuma fazer caminhadas e andar de bicicleta frequentemente.

Acerca de seus gostos alimentares, sua alimentação é mais regrada, prioriza ingerir alimentos saudáveis e a ingestão de alimentos gordurosos é ocasional. Quanto ao gosto pelas as vestimentas, busca sempre usar roupas com as quais ele se sinte à vontade. No que diz respeito aos móveis de sua casa, costuma comprá-los em lojas especializadas, tendo preferência pelos móveis modernos.

Sempre lê jornais (Folha de São Paulo, Estadão) e sempre assiste ao canal *Globo News* para se informar. Costuma usar sempre a internet para consultar sites de bancos, e-mails e sites de passagens aéreas. Possui como escolha partidária a rede sustentabilidade afirmando ser militante. Aprecia leituras de temas de sustentabilidade, romances e biografias. Gosta de ouvir rádios como a CBN e a Cultura. Suas músicas preferidas são popular brasileira e clássica. Gosta de pintores como Portinari, Di Cavalcanti, Van Gog, Picasso, Tomie Othake, Samico. Dentre suas músicas clássicas preferidas estão Carmina Burana, As Quatro Estações e *Rhapsody in blue*.

No que tange as empresas onde já trabalhou, logo que se formou trabalhou na IBM como analista de sistemas, depois de 5 anos foi diretor de sistemas e continuou trabalhando na área de consultorias. Atualmente ele é aposentado e consultor. Trabalhou durante toda a sua vida como consultor na mesma empresa.

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa.

## **2.4 Mercado de trabalho para a profissão de engenharia no Brasil**

De acordo com os dados da pesquisa “Mercado de trabalho dos engenheiros e tecnólogos no Brasil”, feita pelo órgão CONFEA-CREA no ano de 2008 (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia), no Brasil, o mercado de trabalho para o engenheiro está ligado a um pequeno número de empresas, a



saber, as empresas que empregam até cinco engenheiros representam pouco mais de 60% do mercado. As grandes empregadoras, que empregam mais de 100 engenheiros são apenas 2,8% do total de empresas. Do total de empresas que empregam engenheiros, apenas 6% empregam 50 ou mais empregados, no entanto, elas perfazem 51,8% dos postos de trabalho de engenheiros.

Podemos perceber que, segundo o estudo citado anteriormente e de acordo com as informações do CAGED (base RAIS de 2004), quase metade dos engenheiros contratados no Brasil se localiza em cinco ramos de atividade, sendo que dois desses ramos não se vinculam diretamente com a questão da produção. Esses ramos são “serviços prestados principalmente às empresas”, o que podemos traduzir como trabalhos de consultorias, projetos ou terceirização de serviços e o outro seria administração pública, defesa e seguridade social, ou seja, em órgãos do governo. A outra se resume em construção, eletricidade, gás e água e montagem de veículos automotores.

**Tabela 1 - Áreas que empregam engenheiros**

Áreas que empregam 49,2% dos engenheiros						
	Ate 49 (21.930)	49-249 (30.267)	250-499 (16.542)	500 ou mais (60.086)	Total (128.825)	Percentagem 49,2%
45-Construção	7.655	6.468	2.291	2.679	19.093	14,8%
74- Serviços primários para empresas	3.909	5.018	2.732	4.929	16.588	12,9%
75- Administração pública, defesa e segurança social	176	1652	1.414	10.365	13,607	10,6%
40-Eletrecidade, gás e água quente	450	1.421	598	5.218	7.687	6,0%
34-Manufatura e veiculos automotores	104	685	740	4.880	6.409	5,0%
<b>Total de engenheiros</b>	<b>34.224</b>	<b>45.511</b>	<b>24.317</b>	<b>88.157</b>	<b>192.209</b>	<b>49,2%</b>

Fonte: CAGED (base RAIS de 2004)

No quadro abaixo, estão dispostas as especializações do engenheiro no Brasil e a porcentagem de engenheiros que é empregada nas empresas de pequeno porte (2 a 5 engenheiros) e nas empresas de grande porte (com mais de 100 engenheiros).

Podemos observar que, segundo a classificação a seguir, dominam as especialidades do engenheiro eletricitista, elétrico, civil e mecânico, ou melhor, os ramos mais antigos da engenharia. Em quarto lugar estão os especialistas em pesquisa e tecnologia, em quinto lugar os engenheiros agrossilvipecuários e em sexto lugar os engenheiros de produção, qualidade e segurança, o que mostra a grande preocupação das pequenas empresas com a área de qualidade e processos.

**Tabela 2 - Engenheiros contratados**

Engenheiros contratados	1 engenheiro	2 or 5	6 to10	11 to 20	21 to 50	51 to 100	Mais de 100 engenheiros	total
Eletrônicos e relativos eletricitistas	4,1%	12,5 %	5,8%	9,6%	14,4%	6,2%	46,4%	100%
Civil	5,2%	19,3%	11,1%	10,7%	13,5%	6,7%	33,5%	100%
Mecânico	4,1%	13,8%	9,7%	12,8%	26,0%	5,2%	28,6%	100%
Pesquisadores em engenharia e tecnologia	3,9%	13%	9,3%	7,2%	16,4%	11,7%	38,6%	100%
Agricultura e fazenda	3,5%	14%	10,9%	6,5%	24,2%	27,7%	13,1%	100%
Produção, qualidade e segurança	9,6%	25,8%	8,0%	5,5%	12,6%	8,9%	29,5%	100%
Química	10,8%	32,8%	11,7%	12,1%	10,4%	22,1%	24,4%	124%
Computacional	8,2%	21,7%	13,3%	12,9%	16,9%	27,0%	29,8%	130%
Metalurgia e materiais	7,3%	22,3%	10,2%	2,5%	5,7%	12,1%	39,9%	100%
Cartografia	8,5%	18,6%	3,9%	00%	8,6%	00%	60,5%	100%
Minas	2,7%	6,1%	10,0%	0,0%	00%	18,8%	62,3%	100%
Professores de arquitetura Planejamento urbano, engenharia, geofísica, geologia	15,5%	31,5%	20,2%	5,6%	00%	27,2%	00%	100%

Fonte: CAGED (base RAIS de 2004).

Apesar dos engenheiros de produção estarem posicionados em sexto lugar no *ranking* de contratação, podemos observar, no próximo quadro, que é a especialização desse tipo de engenheiro que os faz ascender a altos e médios cargos executivos e de administração no Brasil. É nesse sentido que se mostra explícita a busca das pequenas e grandes empresas por engenheiros que tenham a formação voltada para a administração de empresas, finanças, habilidade com recursos humanos e gerenciamento de projetos. Ou melhor, buscam um profissional com a formação mais ampla, dinâmico e que possa se relacionar com outras empresas.

**Tabela 3 - Engenheiros contratados**

Engenheiros contratados	1 engenheiro	5 a 10	10 a 50	50 a 100	Mais de 100 engenheiros	Acima da média
<b>Número absoluto de engenheiros empregados ocupando:</b>						
<b>1-Posições administrativas e gestão como comerciais e presidencia, vice-presidência, relacionadas às atividades ou aos projetos de engenharia</b>	0,4	1,1	1,7	3,4	8,3	1,1
<b>2- Escritórios administrativos e comerciais, gerenciais, liderança, supervisão, não diretamente relacionado a projetos e atividades de engenharia</b>	0,5	1,4	2,6	6,8	22,3	1,7
<b>3- Posições de liderança ou gerência diretamente relacionadas a atividades e projetos em engenharia</b>	0,9	1,8	3,6	6,6	20,3	2,2
<b>4- Diretamente engajados em atividades de engenharia</b>	1,5	2,7	10,9	32,6	80,5	6,2

Fonte: CAGED (base RAIS de 2004).

Essas características estão diretamente relacionadas ao curso do ensino superior de engenharia de produção. Os demais cursos de engenharia possuem uma base mais tradicional, há um enfoque no ensino das exatas e alheamento quanto aos conhecimentos que, atualmente, são de imprescindível relevância para a atuação do engenheiro dentro das organizações sociais.

Há algumas décadas, antes da década de 1980, o engenheiro tinha como atividades principais as de exigências técnicas, tais como elaboração de projetos, cálculos,

logística de processos, etc. Atualmente, devido às mudanças dentro da organização e no próprio capitalismo financeiro, (as terceirizações, redução do número de trabalhadores, a eliminação de níveis hierárquicos intermediários) o profissional da engenharia passa a atuar dentro de outros espaços de atividades como a administrativa, marketing, técnicas gerenciais, liderança e estrutura de custos.

De acordo com Lucia Bruno (2000), a exigência é que eles possam trabalhar com a legislação trabalhista, refletindo sobre a questão dos sindicatos, segurança do trabalho, etc. Portanto, as capacidades de comunicação, de negociação e de tomada de decisões modificaram brutalmente a carreira dos engenheiros. Atualmente, espera-se que eles se voltem, dentro de uma empresa, para uma gestão que é qualificada através dos atributos do curso de engenharia de produção no Brasil.

Ou seja, suas atribuições não se limitam somente à técnica, mas antes de tudo, relacionam-se com questões políticas e sociais como o desemprego, fechamentos de empresas, etc. Todavia, além das decisões voltadas para as questões políticas e sociais, os engenheiros, nos dias de hoje, se deparam com situações em que sentem uma ambiguidade em sua posição ocupada no mercado de trabalho. Isso se explica porque, muitas vezes, esses engenheiros se situam no mesmo campo dos explorados. Embora ainda exista uma distância com relação aos operários e sua ocupação dentro das organizações, a sua posição, os salários e os benefícios recebidos por esse profissional encontram-se em crise, de maneira geral, no mundo internacional e em alguma escala no Brasil.<sup>72</sup>

De acordo com o estudo de Solange Simões (2000) e com a tabela abaixo em pesquisa realizada pelo CONFEA-CREA 2008, podemos afirmar que a probabilidade hipotética de nosso trabalho se concretiza positivamente. Quando podemos perceber que, devido às passagens de um tipo de capitalismo nos anos 1980 (caracterizado pelo assalariamento, grandes concentrações de trabalhadores nas organizações e o processo de proletarização) para o dos anos 1990 (caracterizado pelo desemprego, terceirizações, pelo processo de downsizing ou reestruturação das empresas e com o advento das novas tecnologias e novos meios de gestão, e também das privatizações estatais no setor elétrico, siderúrgico e de telecomunicações – que empregavam milhões de engenheiros), observamos o crescimento do número de engenheiros autônomos, a criação de um tipo de emprego sem

---

<sup>72</sup> Essas questões foram tratadas no artigo do congresso CRESC de 2013 (*Center for Research in Socio-Cultural Change*: <http://www.cresc.ac.uk/>) na universidade de Manchester. O tema tratado foi justamente a discussão sobre a precariedade do trabalho em algumas profissões de elite como a engenharia.

garantias trabalhistas e o crescimento dessa classe de prestadores de serviços, que acaba por ser afirmar como consultores.

Nos anos 80, observava-se a divisão da posição ocupada pelo engenheiro em: gerente (controle dos bens organizacionais e políticos das empresas), supervisores (controle do processo do trabalho), não gerentes (sem os controles anteriormente mencionados, porém com o controle do saber). Atualmente, nos pautamos nas afirmações de Simões (2000) de que os lugares das classes assalariadas se mantêm, mas acrescentamos que o mercado de trabalho para o engenheiro vem sendo radicalmente transformado. Uma boa porcentagem dos engenheiros desempregados trabalhará como autônomo em consultoria (12,9% segundo a pesquisa CONFEA-CREA, 2008), todavia o processo de privatizações das estatais no Brasil desempregou esses profissionais em um primeiro momento. Porém, as grandes empresas privadas do Brasil passaram a se preocupar com programas de qualidade total e reengenharia e tenderam a manter grandes diferenciais hierárquicos dentro das empresas.

Conclui-se, portanto, que o Brasil sofre um processo híbrido, sendo descoberto aos poucos, com o advento de novas pesquisas que indicam que a carreira dos profissionais de classe média/alta (como os engenheiros de produção) vêm sofrendo mudanças que incluem ora o processo de desproletarização e ora o processo de proletarização da profissão.<sup>73</sup> Esse momento de incertezas no Brasil é caracterizado, ao mesmo tempo, por uma ascensão econômica dos grupos populares à classe média e pela instabilidade e crise em alguns setores profissionais que já se encontravam legitimados na classe média. Essa massa, que se “moyenniza” cada vez mais, busca seus direitos e benefícios com relação ao trabalho e uma estilo de vida mais justo.

## **2.5 Um pouco antes da engenharia de produção**

Antes de adentrarmos o espaço que trará a reflexão sobre a formação dos engenheiros de produção no Brasil, é importante mencionar que a história da engenharia de produção não se inclina somente ao processo de criação do Taylorismo nos Estados Unidos. Thorstein Veblen já mencionava a engenharia de produção em sua obra *The enginners and The price System* escrita em 1921. Para o autor, os engenheiros de produção, nesse período,

---

<sup>73</sup> Esses dois processos merecem estudos mais aprofundados para esclarecer quais são os engenheiros que se proletarizam e se existe a possibilidade de que esses últimos tenham advindo de faculdades particulares ou públicas.

são “são especialistas cuja supervisão constante é indispensável para o trabalho do sistema industrial, constituindo a equipe geral da indústria cujo trabalho é controlar as estratégias da produção em larga escala e deter a fiscalização das táticas de produção em detalhes” (VEBLEN, 1921, p.34).

O autor se debruça sobre o processo de insindustrialização na Inglaterra e aponta que, no período em que surgiram as primeiras indústrias após a revolução industrial, não havia divisão entre peritos industriais e gerentes de negócios. Até mesmo os homens de negócios (proprietários) que não tinham conhecimento técnico faziam a supervisão nas indústrias. Com a complexidade do processo, foi necessária uma divisão hierárquica interna entre aqueles que cuidariam dos negócios e os que seriam detentores da expertise técnica.

A divisão entre gestão de negócios e gestão industrial continuou a se dar quanto mais crescia o processo de especialização, mas mesmo assim, o quadro técnico como (químicos, gerentes de produção engenheiros, especialistas de solo) continuava a trabalhar para os capitães das finanças ou donos das indústrias.

Devido ao processo de hierarquização dentro das organizações, Veblen (1921) afirma que os capitães das finanças não estavam a par do processo de redução de custos, eles estavam defasados para saber o que era necessário de equipamento novo, de pessoal, de como reduzir os custos da produção<sup>74</sup>. Em suma, não tinham domínio sobre o que ocorria dentro do próprio processo de produção. Nesse sentido, cria-se um clima de desconfiança entre os capitães das finanças (que nunca acreditam no que esses técnicos dizem sobre a inovação e revisão dos equipamentos) e os tecnólogos. Essa distância de tipos de conhecimento cria uma lacuna simbólica entre esses indivíduos dentro do ambiente industrial.

Por isso, o grande descaso dos capitães das finanças com a indústria, o uso antieconômico dos recursos materiais, o desperdício de equipamentos, o avanço da tecnologia e a não adequação de seu uso pelos patrões fez com que o processo industrial entrasse em crise, logo, os últimos ficam a mercê dos banqueiros de investimentos.

Sendo assim, muitos engenheiros de consultoria<sup>75</sup> foram postos em evidência nesse período, para aconselhar os banqueiros de investimentos sobre a solidez industrial e comercial. Nesse momento, o capitão das finanças deixa de ter tamanha importância e a

---

<sup>74</sup> Essa argumentação é bastante complexificada pelo autor, uma vez que ele coloca a postura do capitão da indústria não como um desconhecedor do processo de produção, mas como um indivíduo que entrará num processo de sabotagem, a fim de adquirir mais lucros no processo industrial.

<sup>75</sup> Esse consultor é um cruzamento entre o especialista em tecnologia e um agente comercial, ele é um empregado dos banqueiros. Os engenheiros de eficiência ou especialistas em gestão científica também tentavam mostrar as lacunas comerciais da gestão anterior.

supremacia da indústria passa para as mãos dos bancos de investimentos e escritórios contábeis, que tomarão as rédeas da indústria.

Percebe-se, nesse momento, que sem a expertise dos engenheiros de produção e técnicos, a indústria passa a não funcionar, razão pela qual esses trabalhadores passam para postos de direção. É justamente a partir desse momento em que os engenheiros tomam a frente para formar as associações de engenheiros “conselho de trabalhadores e tecnólogos” contra a “ditadura industrial do capitão das finanças” (VEBLEN, 1921, p.52)<sup>76</sup> Nesse período inglês, legitima-se o posicionamento do engenheiro através do respaldo das associações que dão concretude a sua identidade na Inglaterra, como também em outros como a França. Após esse breve adendo, sobre um momento importante na história em que se pode vislumbrar a figura do engenheiro de produção, passamos para a nossa temática propriamente dita, a engenharia de produção no Brasil.

## 2.6 A engenharia de produção no Brasil

Os cursos de engenharia de produção no Brasil surgem justamente partir do momento em que o mercado e todo o contexto organizacional e empresarial do país exigem a especialização das engenharias para sanar as demandas específicas do mercado e do próprio capitalismo. A exigência se dá por profissionais que sejam habilitados em solucionar problemas e gerenciar os sistemas produtivos dentro das indústrias no século XX. A engenharia de produção ou os *industrial engineers* surgiram de forma prática na Inglaterra. Sua eclosão é acompanhado processo de desenvolvimento da revolução industrial, mas seu nascimento é, historicamente, associado à criação do *scientific management* por Taylor, Gilbreth e Gantt nos Estados Unidos no período entre 1882 e 1912. O *scientific management*, por sua vez, é praticado justamente por consultores que se denominavam *industrial engineers*.

No Brasil, a criação dos cursos de engenharia de produção se dará na década de 1950, período em que as empresas multinacionais começam a se instalar com maior peso e os seus departamentos já possuíam cargos específicos para os *industrial engineers*. Portanto, foi

---

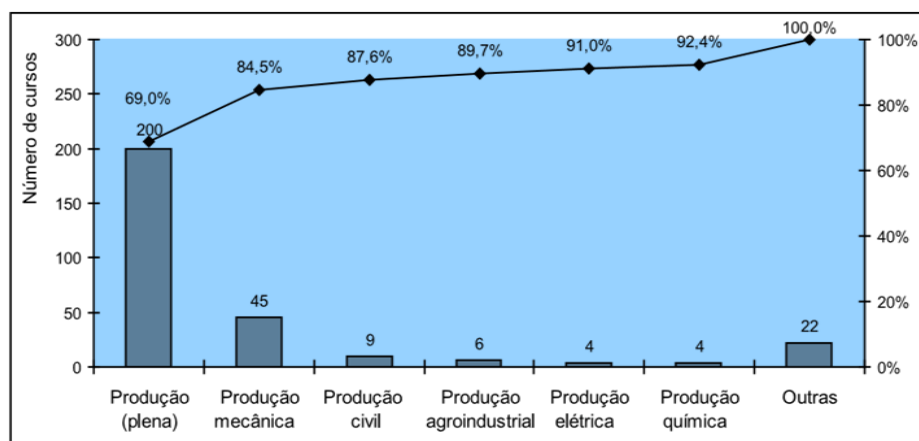
<sup>76</sup> Esse episódio é ilustrado de forma muito contundente por Boltanski (1982), quando o autor conta como se deu o surgimento das cadres (os executivos franceses, muitas vezes, engenheiros) e o processo de cristalização de uma identidade profissional desse grupo através da constituição das associações de classe média.

a partir desse momento, que surgiu a necessidade de se criar cursos para se formar justamente esse tipo de profissional que até então era ausente no país.

No Brasil, a sucessão de escolas de engenharia de produção se dá da seguinte forma de acordo com Faé e Ribeiro (2005): em 1957, a primeira escola criada é a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), em seguida, de acordo com Oliveira (2005), é criado o curso no Instituto de Tecnologia da Aeronáutica (ITA) no ano de 1959, a terceira escola criada é a Faculdade de Engenharia Industrial de São Bernardo dos Campos (FEI) em 1967 e, consecutivamente, algumas universidades passam a ter a disciplina de engenharia de produção, como é o caso da pós-graduação em engenharia econômica da UFRJ em 1957 e da pós-graduação em Engenharia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

É importante mencionar que até meados dos anos 70 não havia cursos plenos em engenharia de produção no Brasil, ou seja, os cursos se baseavam em outras engenharias mais tradicionais, considerando as ênfases dos cursos mais antigos, ou eram disciplinas/ênfases de outras modalidades de outras engenharias anteriormente consolidadas no país. Nesse sentido, os cursos plenos possuíam a diferença das grades voltadas para a “gestão de produção” (FAÉ; RIBEIRO, 2005), enquanto os cursos com outras ênfases eram voltados para a gestão, mas também para os sistemas técnicos. Como acentua Oliveira (2005), somente no final dos anos 1970 que são criados os primeiros cursos de engenharia plena na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e também na Universidade de São Paulo (USP-São Carlos). No quadro que se segue, podemos visualizar que, já no ano de 2008, o processo começa a se inverter, ou seja, a porcentagem de cursos em engenharia plena passa a ser maior do que os cursos de engenharia de produção com alguma outra ênfase.

**Figura 6 - Gráfico do número de cursos de engenharia**



Fonte: Portal SiedSup, Inep, 2008.



Outro aspecto importante sobre o curso é que, de acordo também com os autores supracitados, a maior parte dos cursos e vagas se concentra no estado de São Paulo, em seguida, no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul respectivamente. Os autores indicam a existência de uma forte relação do alto número de cursos de engenharia em regiões onde o PIB da população é mais alto. Podemos localizar esse processo nos atentando ao quadro abaixo:

**Tabela 4 - Cursos de EP, vagas ofertadas, PIB e população dos estados brasileiros**

Estados	Nº cursos	Vagas	PIB x 10 <sup>6</sup>	População x 10 <sup>6</sup>
SP	30	2950	370,8	37,03
RJ	17	1010	137,9	14,39
RS	10	770	106,2	10,19
MG	9	480	85,1	17,89
PR	9	340	42,4	9,56
SC	8	605	66,0	5,36
BA	6	460	48,2	13,07
ES	5	430	21,5	3,10
AM	3	240	18,9	2,81
CE	3	172	20,8	7,43
PE	2	260	29,1	7,92
AL	1	60	29,6	2,82
DF	1	120	21,7	2,05
GO	1	100	18,9	5,00
MT	1	50	13,4	2,50
PA	1	50	9,3	6,19
PB	1	40	9,2	3,44
RN	1	45	7,0	2,78
SE	1	120	5,9	1,78
<b>TOTAL</b>	<b>110</b>	<b>8302</b>	<b>1062,0</b>	<b>155,33</b>

Fonte: Faé; Ribeiro (2005), modificado pela autora.

A partir de 1980, o Brasil passa a possuir 18 cursos de engenharia de produção. Até o ano de 1997, são criados 2 cursos de engenharia de produção a cada 3 anos. Posteriormente a 1997, o Brasil possui o número de 37 cursos de engenharia de produção. No

ano de 2005, esse numero cresce para 200 cursos. Ou seja, são criados 20 cursos de engenharia de produção por ano. (OLIVEIRA, 2005)

Os motivos pelos quais o crescimento dos cursos de engenharia de produção se dá de forma tão intensa no Brasil se justificam pelo “conhecimento em processos de produção, qualidade da produção, estratégia de gestão aliada à resolução de problemas” e por ser “o curso que mais se adequa às organizações atuais (mercado, finanças, pessoas, produção) e que se tem maior conhecimento tecnológico e sistêmico” (CUNHA, 2002).

Em relação aos outros cursos de engenharia mais tradicionais (elétrica, mecânica e civil), o curso de engenharia de produção apresenta um alavancagem e um crescimento muito superior, uma vez que focaliza a gestão das empresas e organizações produtivas. Um exemplo disso é o fato de que, entre 2005 e 2008, os cursos de engenharia crescem aproximadamente 46% no Brasil, enquanto que os cursos de engenharia de produção crescem 70%. (BITENCURT, VIALI, BELTRAME, 2008).

É importante ressaltar que grande parte dos cursos começa a crescer a partir dos anos 90 e a maioria deles são em faculdade privadas. Justificamos nosso destaque apontando que nascem 7 cursos de engenharia de produção por ano nos anos 2000. Todavia, ainda assinala-se a concentração de cursos de engenharia de produção em algumas áreas específicas do país, ao mesmo tempo que existe a escassez desses cursos, e conseqüentemente desses profissionais, em outras áreas como norte, nordeste e centro-oeste. Essas afirmações podem ser visualizadas no próximo quadro.

**Figura 7 - Disposição espacial dos cursos de engenharia de produção no Brasil**



Fonte: Bittencourt, Viali, Beltrame, 2008.

Nesse sentido, em entrevista para a revista Exame, Carlos Cavalcante do IEL (Instituto Euvaldo Lodi) afirma que "os engenheiros brasileiros se formam maciçamente no sudeste, mas a maioria das obras de infraestrutura acontece em regiões onde essa mão de obra supostamente não está disponível".<sup>77</sup>

Em contrapartida, as empresas ligadas ao mercado das finanças estão mais presente justamente nos estados do sudeste, o que justifica o crescimento percentual de universidades e de engenheiros mais expressivo nessas regiões brasileiras. Todavia, nem todos os engenheiros de produção formados conseguirão ocupar cargos de destaque. Nas próximas seções, poderemos visualizar esse fato de forma mais concreta.

Finalizada a exposição sobre os cursos de engenharia de produção no país, refletiremos, no próximo tópico, sobre os cursos de engenharia de produção e as universidades estudadas no presente trabalho e suas especificidades.

---

<sup>77</sup> Matéria disponível no link: <http://www.exame.abril.com.br/revista-voce-sa/noticias/engenheiros-fora-de-obras>. Acesso em: 27 de setembro de 2012.

## 2.7 Refletindo sobre as características de duas grandes universidades brasileiras: a Universidade Politécnica de São Paulo (USP) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em evidência

### 2.7.1 A Universidade Politécnica de São Paulo (USP)

Com a leitura o livro “A escola politécnica - 100 anos”, criado pela associação de ex-alunos da Poli no ano de 1993, pudemos obter algumas informações históricas sobre a escola. A Universidade Politécnica de São Paulo foi criada no ano de 1893, momento em que a cidade de São Paulo ainda não estava em seu pleno desenvolvimento e sua população era de aproximadamente 240 mil habitantes. A ideia da criação de uma escola de engenheiros no Brasil advém da elite vanguardista de liberais, que luta por uma lógica republicana que insira a modernidade e o progresso no país. E nesse sentido que

A elite paulistana, afinada com os ideais da segunda revolução industrial, lançava assim o brado em favor da industrialização, guiada pelos engenheiros preparados por escolas aparelhadas nos moldes dos grandes centros europeus. (Huber & Souza, 1993, p.10.)

Paula Souza, idealizador e fundador da Escola Politécnica de São Paulo, afirma que o intuito da escola era que os alunos aprendessem a prática e a execução da engenharia. Nesse sentido, laboratórios foram criados e os trabalhos realizados entravam em consonância com a lógica da racionalização do trabalho científico, ligado ao crescente processo de industrialização. Dessa forma, é publicado no diário popular de 1894:

Instala-se finalmente, graças a iniciativa propriamente Estadual, uma escola superior de ensino técnico, que pode ter um brilhante futuro proporcionando ainda mais facilmente, conhecimentos da maior utilidade, pelo seu caráter prático e imprescindível. Uma Escola Polytechnica tal como delineada em São Paulo, há de ser um poderoso instituto em que se preparem as mentalidades para se lançarem as bases de uma rede de comunicações, que trazendo novos fatores de nosso Estado conduza-o mais rapidamente ao caminho progressivo tão orgulhosamente trilhado até aqui.

O vocábulo “politécnico” provém do item lexical francês *politechnicien* e se refere àqueles indivíduos que possuem o conhecimento técnico-científico voltado para a lógica industrial. O modelo da Escola Politécnica de São Paulo, idealizado por Paula Souza, era uma réplica do *polytrchnikum* de Zurique onde ele próprio havia estudado.

No que diz respeito à estrutura da escola, havia três prédios distintos. O primeiro deles, “A mansão do Marquês Três Rios” no Bom Retiro, era construído a em estilo colonial e barroco. Contudo o prédio, continha vários problemas em sua estrutura, razão de sua demolição em 1930. O segundo edifício, Noro, foi construído em estilo renascentista no mesmo terreno e possuía dois pavilhões térreos com um gabinete de resistência dos materiais e com uma oficina mecânica e de carpintaria, além de possuir uma ampla área endereçada ao plantio para os engenheiros agrônomos. Em 1920, acrescenta-se o edifício Ramos de Azevedo na esquina com a rua Bandeirantes.

Em 1943, visualiza-se não só a ampliação e renovação dos prédios, mas também o aumento do número de matrículas, que passou de 70 para 180. Em 1943, inicia-se a reconstrução de um novo edifício no solar do Marquês, demolido nos anos 30. A escola passa a ter um edifício no campus da Universidade de São Paulo somente em 1952, no denominado biênio, e posteriormente chamado de Edifício Jose Otavio Monteiro de Camargo. Em 1965, as aulas de cursos como engenharia mecânica, elétrica e naval são transferidas para a Cidade Universitária.

É interessante pensar que a Escola Politécnica de São Paulo é criada anteriormente ao período da demanda industrial no país, por isso, a aplicação dos conhecimentos científicos, obtidos em sala de aula, não ocorria diretamente nas indústrias. Muitas vezes, a Escola Politécnica estava a frente de seu tempo, com estudos avançados e técnicas em algumas áreas, enquanto as indústrias ainda sendo criadas. Um exemplo disso é que, em 1850, o Brasil tinha cerca de 50 estabelecimentos industriais, duas fabricas de tecido, dez de alimentação, duas de caixas e caixões, cinco de pequena metalurgia e sete de produtos químicos. (Huber&Souza, 1993)

Portanto, no período colonial, suas incumbências eram as de construir “fortificações, estradas, pontes, igrejas” (Huber&Souza, 1993, p.28) Outras áreas onde os politécnicos poderiam trabalhar era na construção das estradas de ferro, fornecendo as suas novas tecnologias e análise topográficas. Assim, pode-se afirmar que a principal ocupação dos engenheiros, no período de 1860 a 1930, era a engenharia ferroviária. A partir de 1865, a construção das ferrovias começou a aumentar, sendo que, no final do século XIX, havia 15 mil km de ferrovias. Em 1915 chega-se a 26 mil km e a 40 mil km em 1955. Outra importante área de ocupação dos engenheiros, naquele período, era a engenharia naval, destacando-se o primeiro navio a hélice construído em 1852, e o primeiro navio encouraçado em 1865.

A partir de 1908, surge a reflexão, por parte dos engenheiros e de Augusto C. da Silva Teles (ex-engenheiro da Universidade Politécnica de São Paulo), que defendia a ideia de

que a estrada de ferro era pouco flexível e seu custo muito maior e, por isso, seria mais interessante para o país dedicar-se à construção das estradas de rodagem. Assim, se dá um novo passo para a engenharia nessa área.

Logo nos anos 20, passa-se da formação enciclopédica dos engenheiros para a atuação em outras áreas especializadas, devido à demanda do crescimento econômico do país e de suas mudanças. Outra transformação significativa, nesse período, foi a desvinculação da tecnologia da engenharia, sendo que, a partir desse momento, são criados os institutos de tecnologia, que se encarregarão por essa área específica. Dessa forma, os engenheiros passam a se dedicar diretamente à indústria, à substituição de matérias primas, à fabricação local de meios de produção e à manutenção das máquinas e equipamentos.

Nos anos de 1920, um novo espaço de atuação para os engenheiros formados na politécnica são as indústrias automobilísticas como a Ford, que chega ao Brasil em 1921, a General Motors, que chega ao país em 1926 e a Fiat em 1928. Já os anos de 1930 são marcados pela influência do Estado na economia, através da implantação nacional de projetos direcionados à industrialização. Logo, muitos técnicos e engenheiros foram incorporados ao serviço público, como é o caso da empresa Votorantim. Nesse sentido, “promoveram importantes etapas do desenvolvimento industrial” (Huber & Souza, 1993, p.74)

Os anos de 1940 relacionam-se à atuação dos engenheiros na construção civil e ao processo de urbanização, assim como nas indústrias de bens de consumo que se expandiam e na indústria de base. Dentro desse viés, havia muito interesse por parte dos engenheiros nos setores de produção de ferro, de metais e de máquinas. As áreas desenvolvidas, nesse período, dentro da Universidade Politécnica, foram a de Hidráulica em 1947 e a de Engenharia de Transportes.

Já os anos 50 são marcados pelo desenvolvimento de muitas indústrias no país, mais uma área de trabalho para os engenheiros. Amplia-se também uma forte indústria de eletrodomésticos, a primeira indústria nacional de alumínio do grupo Votorantim, além de ter sido criada a comissão das indústrias petroquímicas para o setor de fertilizantes, plásticos e derivados do petróleo e a Eletrobrás. Funda-se também a companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) e importantes edifícios como Copan, Othon Palace e o prédio do Banco do Brasil.

Nos anos 60, o uso dos computadores, o desenvolvimento da microeletrônica e da computação digital são os marcos que sinalizam uma nova área de atuação para os engenheiros da Escola Politécnica de São Paulo. No ano de 1971, o laboratório de sistemas digitais da Escola Politécnica construiu o primeiro computador brasileiro, conhecido como

“patinho feio”. Entre 1973 e 1975, é desenvolvido o projeto de construção de microcomputadores.

Desde os anos 60 até os dias de hoje, a Escola Politécnica é conhecida, no Brasil, pelo poderio de seus grandes engenheiros que conseguiram desenvolver o país economicamente e tecnologicamente. Não nos faltam exemplos como o pioneirismo em fermentação alcoólica com melão de cana-de-açúcar pela engenharia química, cria-se o Projeto Radam na área de sensoriamento remoto, a engenharia hidráulica responsável pelo serviço de telemetria para prever cheias e enchentes, a construção das ferrovias de transportes para trens urbanos, a fabricação do concreto, as redes de fibra ótica, a engenharia da computação com dispositivos digitais, a engenharia de energia com a construção do carro elétrico, a engenharia naval com as pesquisas com fibras de carbono e etc.

E, de acordo com os professores que se envolveram na discussão do livro sobre os 100 anos da Escola Politécnica de São Paulo, o perfil do engenheiro do século XXI seriam três tipos: o de projetos, o cientista e o sistêmico. O de projetos possui conhecimento tecnológico em uma área especializada, o cientista inspira-se na tecnologia para criar processos e novos produtos e, por fim, o sistêmico atua no planejamento, operação, e controle da produção, possuindo uma visão multidisciplinar.

### **2.7.2 Estilo de vida estudantil e capitais simbólicos dos politécnicos**

A trilogia de Alexandre D’Alessandro nos conta as memórias cotidianas sobre os alunos da Universidade Politécnica desde a sua fundação. Essas memórias são importantes, pois conseguimos resgatar algo sobre o cotidiano e o estilo de vida dos alunos da escola. Podemos perceber que os alunos dos anos iniciais possuíam um alto capital simbólico.

O autor conta que o maior divertimento entre os alunos da escola eram os cafés, ele cita o Guarany e o Progrédior:

Pelo preço de uma xícara de café, apenas um tostão, deixavam-se ficar, longas horas, perdidos em intermináveis palestras em que todos os assuntos eram investidos com audácia irreverente. Os matemáticos enchiam as pedras de mármore de longos cálculos, traçavam figuras geométricas, discutiam transcendentais questões de mecânica, problemas de cálculo infinitesimal. Os literatos discutiam autores, diziam versos(...) tendências, opiniões, doutrinas, nada escapava. Obras que atravessavam séculos eram arrasadas num segundo e o universo transmutado em caos por uma centelha de imaginação (conforme revista politécnica, 1927-1928). (HERBER & SOUZA, 1993, p. 44)

Podemos perceber uma grande diferença entre os primeiros alunos da Escola Politécnica, que não tinham tanta preocupação com o tempo e gozavam do tempo ocioso com literatura e longas conversas nos cafés e os alunos mais hodiernos, que como cita uns dos alunos politécnicos “o acadêmico de hoje é o homem que quer ganhar a vida” (Herber & Souza, 1993, p.44). Outro exemplo sobre como usavam o tempo ocioso em um exercício topográfico no Pacaembu é ilustrado pela afirmação “naquele tempo o Pacaembu era deserto, e passávamos a maior parte do tempo em conversas ou jogando sete e meio ou pôquer, junto à nascente de água conhecida como biquinha e onde hoje se localiza o estádio” (Heber & Souza, 1993, p.48).

Outro fato importante diz respeito ao capital cultural. O autor comenta que os politécnicos visitavam muito o campo literário, criaram revistas e jornais, publicavam poemas (alguns eram escritos durante as aulas mais enfadonhas) e artigos críticos. No que diz respeito aos esportes, praticavam esportes destinados às classes mais altas como o atletismo, o remo, a natação, bola ao cêsto, vôlei e pólo aquático.

Outro fenômeno bastante intrigante sobre o cotidiano dos alunos é no que diz respeito à educação e seriedade. Muito pelo contrário, conseguimos destacar vários momentos em que os alunos, nos anos iniciais da Escola Politécnica (1920-1930), usavam suas artimanhas de garotos para burlarem aulas, colarem nas provas, não perderem provas, e adquirirem presença nas chamadas quando estavam ausentes das aulas.

No que concerne à chamada, ela passou a ser feita por chapinhas de metal depois que o número de alunos cresceu na universidade:

Muitas vezes quando não havia reforço de bedéis que examinavam uma a uma as chapinhas, os alunos faziam o “pare-gato” na entrada da sala: um tumulto de forma que mais chapinhas do que alunos presentes eram entregues... (HUBER & Souza, 1993, p.48)

Outra história é contada quando um aluno tenta burlar a diretoria e não perder um exame:

O aluno decidiu ganhar alguns dias provocando o adiamento do exame. Para tal, enviou ao diretor Paula Souza um telegrama com a assinatura do dono no hotel, o “Carapuça”, comunicando a sua morte por “enfermidade súbita”. Quando recebeu o telegrama, o diretor não teve dúvidas e mandou suspender as aulas e exames sine die. Uma semana depois, o “morto” reaparece na escola e tenta explicar: foi um ataque de catalepsia súbita e que quase o enterraram vivo...



No entanto, apesar dos episódios contados, percebemos que a tradição de se estudar na Escola Politécnica é uma “marca” muito forte até os dias atuais. Os marcadores culturais dos alunos nessa universidade sempre foram abundantes. Resta-nos saber, nas próximas seções, se essas marcas ainda são contempladas de forma preponderante nos alunos que estudam nessa universidade atualmente.

## **2.8 A engenharia de produção na Escola Politécnica da USP**

De acordo com Leme (1983), o curso de engenharia de produção da Universidade Politécnica de São Paulo se dá no ano de 1958 com a vinda de uma missão norte-americana ao país, com o intuito de instalar a escola de administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Essa missão, ciente da necessidade de outro grupo profissional além dos administradores, faz a proposta a Universidade Politécnica de São Paulo de criar o curso de *industrial engineering*.

A proposta consistiria em enviar ao Brasil professores habilitados na área para lecionarem seus cursos na Escola Politécnica de São Paulo e, também, ter a contrapartida de enviar alunos aos Estados Unidos para fazerem mestrados na mesma área.

Todavia, a implantação do curso de *industrial engineering* não foi tão fácil, houve alguns problemas que necessitaram de solução antes da real implantação do curso. O primeiro deles dizia respeito ao nome do curso: a denominação de *industrial engineering* corria o risco de não ser aceita pela tradição das escolas de engenharia europeias. Por isso, escolheu-se a nomenclatura engenharia de produção. O segundo problema seria com relação à dificuldade de integrar o curso como uma graduação e, por esse motivo, as disciplinas do curso de engenharia de produção foram oferecidas junto ao curso de doutorado.

Contudo, depois de algum tempo, a procura pelo curso era tamanha que não houve mais resistência para se criar a graduação em engenharia de produção. Essa, por sua vez, estaria vinculada ao curso de engenharia mecânica e suas disciplinas constariam nos dois últimos anos do curso, período em que os alunos poderiam escolher a sua habilitação final. Foi desse modo que, no ano de 1960, foi formada a primeira turma de engenheiros de produção da Universidade Politécnica de São Paulo.

O sucesso foi tão grande que, algum tempo depois, surgiu a demanda, por parte de engenheiros formados, de cursar algumas disciplinas relacionadas ao curso de engenharia de

produção. Por esse motivo, são abertas 10 disciplinas do curso no período noturno, para que os engenheiros já formados pudessem adquirir o tipo de conhecimento referente ao curso.

## **2.9 A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e o curso de engenharia de produção**

O curso de engenharia de produção na UFSCar foi criado no ano de 1976, quando houve o ingresso da primeira turma, que se dividia em dois tipos de ênfase: engenharia de produção com ênfase em química e engenharia de produção com ênfase em materiais. Posteriormente no ano de 1993, surgiu a ênfase em agroindústria que, até então, não havia constado em nenhum curso. A identidade do curso criado na Universidade Federal de São Carlos era diferenciada, pois seria o primeiro curso independente de engenharia de produção a ser criado. A partir do ano de 2005, surgiu o curso de engenharia de produção pleno. Esse feito se deu porque as divisões em ênfases não eram tão importantes uma vez que os formados no curso iriam para diferentes áreas no mercado de trabalho. Outro motivo importante é que com a graduação plena pode-se aprofundar mais o aprendizado em engenharia de produção, já que não se foca mais as áreas de ênfase distintas.

O curso, por sua vez, seguiu as tendências do momento, sendo que,

As tendências que na época se delineavam para a Engenharia de Produção eram de uma engenharia de métodos com ênfase de trabalho instrumental matemático e da teoria dos sistemas ou de uma especialidade na fronteira entre o conhecimento técnico, típico das outras engenharias e das áreas administrativa e econômica. (projeto pedagógico do curso de graduação em engenharia de produção da UFSCar, p. 10)

Todavia, a diferença é que existe uma tendência de que o curso siga a linha de sistema de produção, ou seja, “análise e projeto de sistemas integrados por homens, materiais, equipamentos e ambiente”. (Projeto pedagógico do curso de graduação em engenharia de produção da UFSCar)

No ano de 1992, são criados os cursos de pós-graduação com ênfase em gestão de produção, cujas linhas de pesquisa eram: dinâmica tecnológica e organizacional, tecnologia e trabalho, gerência de produção industrial e gestão da qualidade. No ano de 1999, é criado o doutorado em engenharia de produção. Atualmente, as áreas de pesquisa ligadas ao programa de pós-graduação são: competitividades em redes e cadeias, dinâmicas organizacionais e trabalho, gestão de qualidade, gestão de tecnologia, inovação e planejamento e controle de

sistemas produtivos. Quanto ao perfil e à competência dos alunos, podemos replicar segundo o projeto pedagógico do curso, que se dividem em:

Um profissional com sólida formação científica e profissional geral que o capacite a identificar, formular e solucionar problemas ligados às atividades de projeto, operação e gerenciamento do trabalho e de sistemas de produção de bens e/ou serviços, considerando seus aspectos humanos, econômicos, sociais e ambientais, com visão ética e humanista em atendimento às demandas da sociedade. Esse profissional deve ser criativo e flexível, ter espírito crítico, iniciativa, capacidade de julgamento e tomada de decisão, ser apto a coordenar e atuar em equipes multidisciplinares, ter habilidade em comunicação oral e escrita e saber valorizar a formação continuada.<sup>78</sup>

Já as competências do engenheiro de produção foram sistematizadas da seguinte forma, de acordo com o plano pedagógico do curso e com a ABEPRO (Associação Brasileira de Engenharia de Produção):

- “1) dimensionar e integrar recursos físicos, humanos e financeiros a fim de produzir, com eficiência e ao menor custo, considerando a possibilidade de melhorias contínuas;
- 2) utilizar ferramental matemático e estatístico para modelar sistemas de produção e auxiliar na tomada de decisões;
- 3) projetar, implementar e aperfeiçoar sistemas, produtos e processos, levando em consideração os limites e as características das comunidades envolvidas;
- 4) prever e analisar demandas, selecionar conhecimento científico e tecnológico, projetando produtos ou melhorando suas características e funcionalidade;
- 5) incorporar conceitos e técnicas da qualidade em todo o sistema produtivo, tanto nos seus aspectos tecnológicos quanto organizacionais, aprimorando produtos e processos, e produzindo normas e procedimentos de controle e auditoria;
- 6) prever a evolução dos cenários produtivos, percebendo a interação entre as organizações e os seus impactos sobre a competitividade;
- 7) acompanhar os avanços tecnológicos, organizando-os e colocando-os a serviço da demanda das empresas e da sociedade;
- 8) compreender a interrelação dos sistemas de produção com o meio ambiente, tanto no que se refere a utilização de recursos escassos quanto à disposição final de resíduos e rejeitos, atentando para a exigência de sustentabilidade;
- 9) utilizar indicadores de desempenho, sistemas de custeio, bem como avaliar a viabilidade econômica e financeira de projetos;
- 10) gerenciar e otimizar o fluxo de informação nas empresas utilizando tecnologias adequadas.<sup>79</sup>

Enfim, as competências anteriores sempre são relacionadas vinculando as questões técnicas com a gestão e com a gerência de problemas no seio das organizações. Nesse caso, o engenheiro de produção seria o agente mais indicado por possuir outras

---

<sup>78</sup> Projeto pedagógico do curso de graduação em engenharia de produção da UFSCar, p.10.

<sup>79</sup> Essas informações encontram-se em: <http://www.abepro.org.br/> Acesso em: 20 de agosto de 2014.

competências para além da questão técnica relacionada à matemática, cálculo, contabilidade, etc.

## **2.10 A universidade particular estudada<sup>80</sup>**

Nos anos 1960, ocorre o crescimento e a explosão das universidades no Brasil, principalmente nos setores privado e de terceiro grau. Existem alguns motivos para essa emergência, como crescimento das vagas em universidades com alguma tradição e pressão da população urbana por mecanismos de ascensão social.

De acordo com Sampaio (2011), podemos caracterizar o ensino privado no Brasil com dados quantitativos: nos anos 70, o ensino superior tinha 70% de suas vagas no setor privado. Um exemplo disso é que 222 escolas eram de responsabilidade governamental, enquanto que 663 eram privadas. De acordo com Araújo (1994), não só cresceu o número das universidades particulares, como também os cursos sem fiscalização e o ensino de péssima qualidade no país.

No período entre 1960 e 1980, a autora afirma que o crescimento de matrículas em universidades públicas cresce 500% e nas universidades privadas cresce cerca de 800%. Nos anos 1980, o setor privado passa a ser o predominante, fazendo parte de 77% das instituições de ensino superior no Brasil. Na década de 1990, percebe-se o aumento do número de cursos e, atualmente, as instituições de ensino privado representam 90% dos estabelecimentos no país. Acredita-se que o maior crescimento de matrículas em instituições particulares tem se dado por boa parte da classe C ou “nova classe média” no país, pois as matrículas referentes a essa fração de classe sobem de 16% para 23% a partir do ano de 2006.

Tendo em mente essa breve caracterização, podemos afirmar que a universidade particular estudada é uma universidade localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo, que começou a atuar no mercado no ano de 1988 e possui 27 campi com 65 unidades

---

<sup>80</sup> Os leitores irão perceber que ao passarmos da História da Escola Politécnica para a história da Universidade Particular, temos um salto de quantidade de conteúdo e porque não, um salto de distinção e legitimidade. Esse fato nos elucida fortemente a característica tradicional da Universidade Politécnica de São Paulo, pois essa além de ser mais antiga, possui sua história contada e publicada em inúmeros livros, fotos e documentos. A universidade Federal de São Carlos, especificamente o curso de engenharia de produção, não possui esses relatos contados, obras e documentos, uma vez que, encontramos as informações sobre o curso somente no projeto pedagógico do curso. Já para a universidade particular essa história se torna mais escassa. Percebemos então a importância dada a tradição e a manutenção do *status quo* da primeira universidade, até chegarmos a realidade de uma universidade particular que tem como objetivo a construção do conhecimento como objeto mercadológico, diferente da construção de uma “imagem social distinta” que a Universidade Politécnica faz questão de mostrar a sociedade.

no estado de São Paulo. O curso de produção mecânica foi autorizado no ano de 1976 e reconhecido em 1982. Assim como os cursos das universidades públicas, esse curso busca fazer a interface entre os conhecimentos técnicos e a gestão administrativa e econômica.<sup>81</sup>

## 2.11 Características, funções e escolhas dos engenheiros de produção no Brasil

De acordo com Pierucci, Rabello e Silva (1981), o engenheiro de produção tem como função trabalhar com projetos, no processo de viabilização e de administração de uma unidade produtiva. Nesse sentido, ocupa-se de administrar as máquinas fazer o planejamento e a organização da produção e dar conta dos elementos físicos, de lugar de tempo e de modo dentro das organizações.

Logo,

O profissional deve ter a capacidade de perceber as limitações existentes de colocar à tona os problemas, as soluções, bem como de, levando em conta os limitantes tecnológicos, de trabalho, econômicos, orientar o encaminhamento de soluções que satisfaçam os objetivos. (PIERUCCI, RABELLO, SILVA, 1981)

Todavia, existem diferentes autores que trabalharam com as definições sobre o papel do engenheiro de produção desde a década de 1980 no Brasil. Autores como Costa (1981), Camarotto et. al (1981), Menezes e Passeri, (1981) entre outros, assinalam que não existe uma definição exata para a profissão do engenheiro de produção. Acrescentamos a essa perspectiva, o posicionamento de um ex-aluno da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e atual professor da universidade, quando o questionado sobre o sonho de carreira dos alunos de sua turma de 1978:

### Figura 8 - Relato de professor 1

“O sonho de consumo dos estudantes de sala de aula era duvidoso, pois a engenharia de produção havia sido recém-criada e os alunos não sabiam, ao certo, onde iriam trabalhar no futuro. O trabalho e o futuro, na verdade, não eram um problema. Os alunos não tinham receio sobre o futuro, pois sabiam que todos sairiam formados no futuro.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Por isso, devido justamente a essa indefinição sobre o papel do engenheiro de produção e a sua possibilidade ampla de atuar tanto em áreas técnicas como em áreas

---

<sup>81</sup> Nosso intuito é não abordar de forma extensa essa universidade, pois não recebemos autorização para divulgarmos a razão social da universidade. Por esse motivo, passaremos brevemente por sua descrição.

administrativas que, de acordo com Cunha (2002), esse perfil tem sido muito procurado pelas empresas brasileiras. Assim, a mídia e revistas como a Isto é, Veja e Exame e o jornal Folha de São Paulo apontam o curso de engenharia de produção como o curso que possui as “melhores perspectivas de mercado de trabalho previstas para esse final de século” (ABEPRO, 2001).

Leme (1983) assinala que as pluralidades de engenharias sempre são associadas a alguns setores, a saber, o setor metalúrgico para a engenharia metalúrgica e o setor de minas para a engenharia de minas. Já no caso da engenharia de produção, não existe setor atrelado a ela, a não ser a própria economia do país.<sup>82</sup> As mudanças econômicas do Brasil que estão intrinsecamente ligadas à engenharia de produção e que merecem destaque são “a entrada das multinacionais no Brasil, a difusão do uso do computador, a criação dos bancos de investimentos e a robotização” (LEME, 1983, p.88). Devido a essas especificidades, quando se fala sobre a descrição e a história do curso de engenharia de produção, tem-se que conectá-la diretamente às pesquisas feitas nas universidades e ao ensino relacionado ao curso.

De acordo com Leme (1983, p.90), a engenharia de produção, difundida principalmente na primeira metade do século XX, possui algumas subdivisões ligadas às diferentes funções, a saber, a gerência de produção, a engenharia econômica (voltada para solucionar problemas relacionados a custos e investimentos que, depois, foi um campo voltado para economia), para a prática de avaliação de propriedades, matemática financeira, etc. Em seguida, grassou para a área das indústrias e decisões sobre portfólios. Já a área de pesquisa operacional surgiu na segunda guerra mundial, quando a pesquisa científica buscou desenvolver a área militar como “uso do radar e alocação de recursos escassos”. Depois da segunda guerra, essa área foi atrelada aos negócios e, principalmente, para o desenvolvimento de computadores eletrônicos.

Leme (1983) nos mostra como o campo profissional da engenharia de produção foi se modificando com as novas opções de escolhas para os engenheiros em diferentes campos de atuação. O autor descreve que, após a chegada das multinacionais nos anos 1950 ao Brasil, os engenheiros passam a ocupar posições de gerência de produção e administração

---

<sup>82</sup> Nosso intuito na presente tese não é o de estabelecer uma relação entre os outros cursos de destaque na área de gestão como os cursos de administração de empresas e economia no Brasil. Para isso, outros trabalhos estão sendo realizados em relação a essa temática, como os de Angela Maria Carneiro de Carvalho sobre os administradores, Elisa Kluger e Iagê Miola sobre os economistas brasileiros. Temos o projeto futuro de um artigo que relacione esses estudos profissionais. No entanto, no momento, dada a especificidade de nosso tema de pesquisa, não faremos nenhum apontamento, pois essas três áreas se relacionam de forma complexa e merecem estudos aprofundados.

industrial. Ulteriormente, durante o Governo Castelo Branco (1964-1967), em função da abertura de capitais, são criados os bancos de investimentos e surge uma nova área de atuação para o engenheiro de produção: os bancos. A partir dos anos 70, com o advento dos computadores eletrônicos, os engenheiros de produção podem trabalhar na área de programação e computação.

Com a chegada dessas novas áreas emergentes, devido à mudança e ao desenvolvimento econômico do país, novas opções trazem novas escolhas que vão além da primeira opção que possuíam os ingressantes dos cursos de engenharia de produção, pautada em trabalhar na área de gerência de produção e administração industrial.

Pensando nessas descrições, criamos o quadro abaixo, que faz parte de uma reconfiguração dos dados de Leme (1983).

**Figura 9- Quadro com as opções e áreas profissionais para os engenheiros de produção no Brasil**

Opções e áreas profissionais para os engenheiros de produção no Brasil	1931-1954	1954-1966	Após 1966
	Reorganização de empresas promovidas pelo Indort primeiros escritórios de consultoria em organização.	Engenheiros de produção trabalhando em gerência de produção e em administração e economia.	Aos cargos de trabalho anterior acrescentam-se: bancos de investimento e processamento de dados.

Fonte: Leme (1983) com alterações realizadas pela autora.

Na década de 1970, com a crise do fordismo, voltamos ao nosso ponto de inflexão em razão do surgimento do modelo japonês de produção e das entradas dos processos de denominados, TQC (Total quality control), os grupos de CCQ (círculos de controle de qualidade) juntamente com os sistemas KAPAN-JIT (Kapan e Just in time) e suas implicações no sistema produtivo. De acordo com Rachid (1994) sistemas japoneses anteriormente mencionados são implantados no Brasil da década de 1970 e ganham mais força na década de 1980 onde passam a existir 100 empresas que aplicam esse tipo de modelo através dos CCQ (círculos de controle de qualidade) e nos anos 1986 esse número aumenta para 600 de acordo com Faria (1989).

A grande diferença é que, dentro do modelo Taylorista, existia uma prática denominada CQ (controle de qualidade). Todavia, essa ocorria somente no final da produção, através dos métodos de inspeção de qualidade dos produtos. Já com o advento do japonismo,

tem-se como objetivo que o próprio modelo dos padrões de qualidade sejam praticados, durante todo o sistema de produção. No primeiro momento do Taylorismo, Grun (1992) afirma que os profissionais que trabalhavam nessa área eram engenheiros de pequenas escolas, ou seja, que não tinham prestígio e reconhecimento. Já no segundo momento, o modelo do japonismo ou toyotismo, de acordo com Rachid (1994), exige uma melhor qualificação da mão de obra que irá trabalhar nas indústrias. Nesse sentido, retomemos a reflexão de Grun (1992), que afirma que os engenheiros, envolvidos dentro desse novo modelo de qualidade, necessitam de um capital simbólico mais desenvolvido do que o dos engenheiros circunscritos ao sistema anterior.

É interessante refletirmos sobre as mudanças nas organizações e como essas mudanças refletem no perfil dos profissionais que nela trabalham. Atualmente, o sistema dito como japonismo, que se assenta nas questões da qualidade, coloca-se em disputa com outro modelo ou outra forma de lidar com a empresa, a partir com os processos de downsizing e de reengenharia, já delineados aqui. Esses dois sistemas localizam a organização não mais dentro da lógica produtiva, relacionada a revolução dos gerentes em meados das décadas de 1970 e 1980. Nesse momento, ocorre o “problema dos gerentes médios”, mencionado por Gun (1992) e Rachid (1994), antes, dentro de uma nova lógica em que Grun (1992) denomina como “a revolução dos acionistas” que tem sua eminência na década de 1990.

Esse novo momento em que formas de lidar com o mundo empresarial e organizacional emergem é o que denominamos, na presente tese, de capitalismo financeiro ou de finanças. Esse é o período em que se contrapõe à lógica do TQC (total quality control), a entrada dos princípios de reengenharia dentro da empresa, ou seja, momento em que se contrapõe um modelo que beneficiava os profissionais através da estabilidade e aposentadoria garantidas, para um momento de instabilidade, em que há demissões em massa ou o grande de “enxugamentos organizacionais” nomeados por Grun (2000).

Esse momento de instabilidade e passagem de um mundo organizacional para outro mundo organizacional nos mostra não só uma mudança de modelos, antes, uma transformação de paradigmas dentro do processo capitalista brasileiro que, por sua vez, transforma as carreiras, as posições e os direcionamentos dos engenheiros de produção.

Todavia, é importante não só refletir sobre as mudanças no cenário histórico econômico e político do país, uma vez que, a fala dos grandes defensores do processo de reengenharia, dentro das empresas, assinalam que esse seria um “modelo” que não se atém às diferenças sociais, raciais de sexo, nascimento, etc. Ele trata os profissionais de forma equânime, uma vez que, todos têm que demonstrar suas competências e habilidades



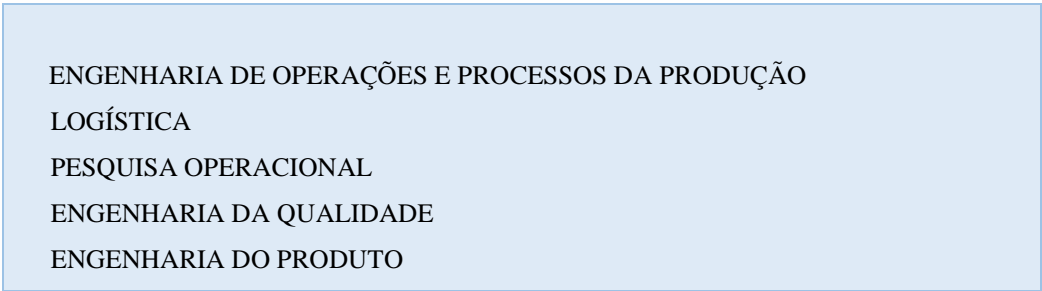
cotidianamente para serem legitimados nas organizações. Nesse aspecto, diz-se que o diploma não carrega mais um caráter distintivo, como percebíamos, de início, no Taylorismo/fordismo dos anos 70.

Essas conclusões poderão ser testadas, além de terem um desfecho totalmente distinto, quando nos concentramos nos estudos das grandes universidades de renome no Brasil, como a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade Politécnica de São Paulo (USP). Ao fazê-lo, nos é trazido à luz outros discursos, argumentos e elucidações, que nos podem nortear para desvendar o quebra-cabeça do capitalismo financeiro, no que diz respeito à relação da transformação dos modelos empresariais e à consequente metamorfose ou não metamorfose das escolhas dos profissionais de engenharia de produção em nosso país. Afinal de contas, até que ponto os capitais simbólicos desse grupo profissional são importantes para as suas escolhas e tomadas de decisões em suas carreiras?

## **2.12 As possíveis ocupações do engenheiro de produção: um estudo de especificação das opções de trabalho**

Para percorrermos o processo das escolhas profissionais dos engenheiros de produção no Brasil contemporâneo, tivemos que refletir sobre a sistematização das possíveis escolhas ocupacionais atuais antes de coletar os nossos dados. A opção de deixar uma questão aberta para a área profissional de atuação não iria colaborar para a nossa pesquisa quantitativa. Logo, analisamos os dados disponíveis pela Abepro (Associação Brasileira de Engenheiros de Produção) e utilizamos as opções de escolhas profissionais fornecidas pela associação como ponto de partida. Logo, as opções das seguintes áreas de trabalho foram disponibilizadas em nosso questionário, a fim de que os entrevistados escolhessem a área em que preencheria a “ocupação dos sonhos” e “ocupações reais” para eles depois de formados:

**Figura 10 - Quadro de opções ocupacionais da Engenharia de Produção**



ENGENHARIA DE OPERAÇÕES E PROCESSOS DA PRODUÇÃO  
LOGÍSTICA  
PESQUISA OPERACIONAL  
ENGENHARIA DA QUALIDADE  
ENGENHARIA DO PRODUTO

ENGENHARIA ORGANIZACIONAL  
ENGENHARIA ECONÔMICA (BANCOS E FINANÇAS)  
ENGENHARIA DA SUSTENTABILIDADE  
EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO  
CONSULTORIAS

Fonte: criado pela autora

Posteriormente, alcançada a obtenção das respostas dos primeiros questionários de pesquisa, como acrescentamos a opção “outros” para aqueles que não se encaixassem em nenhuma das áreas acima elencadas, analisamos as opções adicionais que mais se destacavam entre os entrevistados. Feito isso, conseguimos acrescentar a lista de cima as seguintes opções:

**Figura 11 - Acréscimo de ocupações da engenharia de produção**

EMPRESARIOS  
TECNOLOGIA DA  
INFORMAÇÃO  
VENDAS E MARKETING

Fonte: criado pela autora

A *posteriori*, feitas entrevistas na Universidade Federal de São Carlos, obtivemos uma frequência muito dispersa entre essas opções. Para realizar a análise de correspondência múltipla, seria necessária uma nova recodificação das respostas, a fim de que o processo estatístico apresentasse dados significativos. Devido a esse fato, recodificamos as opções acima em:

**Figura 12 - Recodificação das ocupações da engenharia de produção**

BANCOS  
FINANÇAS  
ACADEMIA  
INDÚSTRIA  
CONSULTORIA  
EMPRESARIOS  
SETOR PÚBLICO  
OUTROS

Fonte: criado pela autora

Por fim, optamos por duas questões distintas para marcar as escolhas ocupacionais. A primeira seria para os alunos dos quartos e quintos anos que ainda não tinham se formado e questionava sobre qual seria o seu sonho de ocupação. Para essa questão, optamos pelo quadro mais extenso de opções, baseado nas opções da Abepro. Após formados, localizamos os alunos entrevistados e perguntamos qual era a ocupação em que eles estavam situados (grupo de alunos que nomeamos de alunos recém-formados). Para essa segunda questão, optamos pelas classificações da primeira tabela mais extensa e pela segunda tabela mais enxuta. Desse modo, conseguiríamos trabalhar com os dados que nos parecessem mais consistentes para análise. Em um último momento, localizamos um grupo de alunos formados (uma lista de 100 ex-alunos) e obtivemos as respostas de 33 alunos, a partir das quais realizamos a análise de trajetória profissional, grupo que nomeamos alunos antigos. Para as demais universidades, incorremos na mesma subdivisão, pois obtivemos bons resultados estatísticos, separando as categorias de escolha dessa maneira.

Depois de feitas essas adequações, nos resta saber como se caracterizam os alunos quanto a seus capitais simbólicos e quanto a seus gostos e estilos de vida. E a grande pergunta que nos move na tese volta a emergir: esses últimos marcadores de legitimidade (que circunscrevem a cultura legítima) possuem alguma relação com os direcionamentos ocupacionais listados acima? Em outras palavras, a escolha de trabalhar em bancos, com finanças em consultorias ou em indústrias está ligada a quais motivações? Pensando diretamente na formação desses engenheiros, seriam suas grades curriculares distintas, os direcionando a ocupar determinados setores no mercado de trabalho? No próximo tópico, refletiremos de forma breve sobre a importância dos currículos nas tomadas de decisão dos alunos.

### **2.13 Grade curricular do curso de engenharia de produção e suas implicações para as escolhas das áreas de atuação**

Nosso intuito não é discutir como as disciplinas na Universidade Politécnica de São Paulo, a Universidade Federal de São Carlos e da Universidade particular foram mudando sua grade desde o início de sua fundação. Nosso interesse, ao lançarmos um olhar clínico para as disciplinas atuais na referida universidade, tem como atrativo precípuo entender ou encontrar pistas para a nossa grande hipótese, que serão as escolhas das áreas de atuação por parte dos engenheiros de produção.

As disciplinas ofertadas pela escola, atualmente, seguem as regras do MEC (Ministério da Educação), as diretrizes curriculares nacionais (DCN) para o curso de engenharia de produção, bem como da Abepro (Associação dos Engenheiros de Produção), acoplando o módulo básico, módulo tecnológico e o módulo com disciplinas referentes à engenharia de produção. Segue, no anexo um da tese, as disciplinas que devem ser cursadas na Universidade Politécnica de São Paulo. Posteriormente, discutiremos a questão das disciplinas, quando apontarmos as disciplinas exigidas pela outra universidade estudada, a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).<sup>83</sup>

No que diz respeito ao currículo do curso de engenharia de produção, ele se divide em três importantes módulos: o módulo de engenharia de produção, o módulo tecnológico e o módulo básico (disciplinas contidas na formação dos engenheiros de produção em geral). Esses pré-requisitos estão presentes na resolução CNE/CES nº 11/2002, em que se espera que todos os cursos de engenharia de produção tenham conteúdos básicos, profissionalizantes e específicos.

Tendo em mãos os currículos das três universidades estudadas, que se encontram no anexo um da tese, resta-nos saber se possuem diferenças ou semelhanças em suas grades curriculares. Caso sejam apontadas diferenças muito discrepantes nos currículos, poderíamos pensar que as disciplinas distintas poderiam influenciar o oferecimento de posições diferenciadas nas duas escolhas. Confirmada essa hipótese, poderíamos observar algumas transformações no padrão de escolhas profissionais a serem feitas pelos alunos das três instituições.

Nesse sentido, após análise das disciplinas das duas universidades estudadas, podemos perceber que o ciclo de disciplinas é muito próximo, existem algumas alterações no que diz respeito à nomenclatura das disciplinas, mas elas visam abarcar praticamente os mesmos conteúdos. No que diz respeito às disciplinas que fogem ao círculo de matérias programadas para o curso ou às disciplinas que possam encaminhar os engenheiros formados para outras áreas como a de finanças, consultorias, empreendedorismo e outras habilidades que podem estar inscritas ao capitalismo financeiro.

Percebemos que, no curso da Universidade Politécnica de São Paulo, existem as disciplinas direcionadoras: 1) engenharia econômica e das finanças; 2) economia das empresas (já no caso da Universidade de São Carlos, as disciplinas nesse sentido são engenharia econômica e administração financeira); 3) projetos de empresas e 4) novos

---

<sup>83</sup> Segue no anexo 1 da tese as disciplinas que devem ser cursadas nas três universidades estudadas.

empreendimentos. No que tange a universidade particular, tem-se uma disciplina de economia, uma disciplina de fundamentos da engenharia econômica e uma disciplina de engenharia econômica.

No que tange a Universidade Federal de São Carlos, observamos que ela possui uma disciplina a mais no que concerne a área de finanças e uma disciplina sobre empreendedorismo, que abarca a área de trabalho autônoma, para aqueles que escolhem construir suas próprias empresas.

No que diz respeito à Universidade Politécnica de São Paulo, ela possui duas disciplinas que se destinam à área computacional, como computação para engenharia e gestão da tecnologia da informação. Já Universidade Federal de São Carlos possui somente uma disciplina de sistemas de informações gerenciais, que se destina mais a estudar a área da gerência do que se apropriar do conhecimento dos sistemas de informações segundo sua ementa.

Sobre as disciplinas da universidade particular, temos que ela oferece somente duas disciplinas de cálculo, enquanto a Universidade Federal de São Carlos oferta quatro e a Universidade Politécnica de São Paulo outorga cinco. A universidade particular possui algumas aulas diferenciadas para produção de texto, língua portuguesa, comunicação e expressão, língua brasileira de sinais, uma optativa de relações étnico-raciais, além de possuir algumas disciplinas a mais sobre fabricação mecânica (atrelada à relação com as indústrias).

Em suma, podemos concluir que não existem grandes diferenças nas duas grades curriculares das universidades públicas, como aponta um professor entrevistado da Universidade Federal de São Carlos:

### **Figura 13 - Relato de professor 2**

Não acredito que exista uma diferença no currículo da Poli e da UFSCar, na verdade, eles são muito próximos. Para falar a verdade, acredito que tenhamos mais disciplinas na área de finanças do que eles.

Fonte: Dados da pesquisa.

Contudo, a Universidade Federal de São Carlos apresenta duas disciplinas a mais que poderiam possivelmente impulsionar os alunos a optarem pela área das finanças, consultorias ou até mesmo na área de empreendedorismo. Já a Universidade Politécnica de São Paulo possui duas disciplinas com ênfase na área computacional o que, por sua vez, poderia influenciar a decisão dos alunos por essa última área. A universidade particular possui o mesmo número de disciplinas relacionadas às finanças que a Universidade Politécnica, seu diferencial fica nas matérias voltadas à fabricação. Por isso, veremos, nas próximas seções,

qual será o peso dessas disciplinas nas escolhas profissionais dos engenheiros de produção das três universidades. Ademais, veremos se existem outras variáveis que poderão influenciar nas decisões e escolhas das áreas de atuação dos formados nas três universidades estudadas.

## 2.14 Conclusão

Essa seção teve o intuito de mostrar, primeiramente, como se caracterizam as engenharias no mundo, quanto ao processo de formação e das áreas de ocupação que o curso pode direcionar. Entendemos sempre que as escolhas se circunscrevem a cada realidade social, histórica e econômica de cada país. Por isso, escolhemos como ilustrações os casos da Alemanha, da Rússia, de Portugal e da França. As escolhas desses países como ilustrações se deram dentro de um panorama vasto de estudos sobre a história da engenharia em vários países. Esses países, pontualmente escolhidos, mostram realidades muito distintas, mas que têm em comum o processo de escolhas diretamente relacionado aos capitais simbólicos e à origem social dos indivíduos.

Em um segundo momento, tentamos mostrar como as escolhas relacionadas à engenharia se deram no Brasil, desde a criação da primeira escola de engenharia até os dias atuais, apontando sempre as escolas e suas caracterizações, bem como as escolhas profissionais dos engenheiros formados dentro de cada década, no Brasil, até o surgimento das indústrias. Em seguida, buscamos mostrar como essas escolhas estão associadas aos capitais simbólicos dos indivíduos, refletindo sobre o engenheiro que atua na área de qualidade e, em contrapartida, o engenheiro que se torna consultor. *A posteriori*, buscamos caracterizar o mercado de trabalho das engenharias e a importância do curso de engenharia de produção que tem se destacado dentre as demais engenharias dentro do presente século. Depois, buscamos caracterizar o curso de engenharia de produção no país usando dados secundários, a fim de deixarmos ainda mais claro o perfil dessa profissão.

Por fim, buscamos atribuir essencialidade às duas escolas públicas estudadas e fazer breves apontamentos sobre a Universidade particular. Podemos observar que a caracterização histórica da Universidade Politécnica de São Paulo teve um percurso bem mais longo de existência e seu traço bastante significativo: a formação de uma elite liberal no Brasil, apontando alguns dos capitais culturais e econômicos de seus alunos. Quanto à Universidade Federal de São Carlos, com menos tempo de existência, buscamos nos centrar na caracterização geral do curso de engenharia de produção, desde o seu nascimento.

Ulteriormente, comparamos a última grade curricular de disciplinas usada pelas três Universidades estudadas. Essa última reflexão está diretamente ligada a nossa grande hipótese de pesquisa, pois tenta especular se existe uma influência das disciplinas ofertadas nas três universidades nas escolhas das áreas profissionais que os alunos formados buscaram depois de formados.

A seção buscou, de forma sutil, apenas pontuar algumas considerações teóricas importantes sobre o binômio “capitais simbólicos/origem social” e escolhas profissionais, de modo que, a próxima seção contará com dados da pesquisa que serão importantes para mapear como esse binômio, inscrito na teoria da ação de Pierre Bourdieu (2008) se colocará mediante os dados de pesquisa.

## **PARTE II**



### **3. EM BUSCA DA CULTURA AUTÊNTICA: REFLEXÕES SOBRE ESCOLHAS E DIRECIONAMENTOS, DIFERENCIAÇÕES INTERNAS, AFINIDADES ELETIVAS E OS MARCADORES DE LEGITIMIDADE**

#### **Introdução**

Essa seção tem como objetivo elencar os marcadores de legitimidade, ou melhor, os marcadores sociais que aproximam o grupo estudado de uma possível cultura legítima ou autêntica, que se expressa através de uma cultura dita de elite.

Demos preferência por denominar de “marcadores de legitimidade” todos os elementos sociais, não somente os estruturais, mas como também os elementos sociais que se dão através de um fluxo ou movimento mais complexo. Dessa forma, cabe pensarmos em conceitos que abordam tanto os capitais simbólicos dos indivíduos como também os processos cotidianos vividos e vivenciados por esses indivíduos.

Desse modo, em um primeiro momento, precisaremos a importância de estudar esses marcadores de legitimidade, a fim de compreender como os conceitos conectados a eles como o de “capitais” influenciam ou impulsionam determinados direcionamentos, escolhas e decisões por parte do grupo estudado. Ou seja, de forma mais pragmática, buscaremos saber até que ponto esses marcadores aproximam ou distanciam os indivíduos de uma cultura distinta que contêm em si, todos os elementos inscritos em um processo de reprodução social e de (des) reprodução social, ou de diferenciação interna, que possivelmente encaminhará os direcionamentos ocupacionais. Tais direcionamentos, por sua vez, farão com que o grupo social estudado objetive sua posição social no mercado de trabalho.

Logo, incorreremos em algumas discussões de cunho teórico, passando pelos conceitos de Pierre Bourdieu e Raymond Boudon sobre capitais simbólicos, habitus, distinção social, a fim de, rapidamente, mapearmos a cultura legítima. Em seguida, buscaremos as diferenças e semelhanças entre os dois autores supracitados no que diz respeito ao conceito de reprodução social e de origem social. Após delimitarmos, de forma geral, como se situa a cultura legítima frente a esses marcadores estruturais, voltaremos a nossa questão de pesquisa, tentando mostrar que esses marcadores podem atuar como direcionadores das escolhas dos indivíduos em suas trajetórias profissionais, uma vez que podem impulsionar suas decisões quanto às diferentes áreas que poderão atuar no mercado de trabalho.

Para finalizar, discutiremos nossos dados empíricos à luz dessa reflexão teórica inicial, conjecturando sobre as variáveis relacionadas a cada universidade estudada e a força dessas variáveis como marcadores de legitimidade ou de diferenciação interna entre os grupos para direcionar a decisão dos indivíduos no que diz respeito a sua futura ocupação profissional.

### **3.1 Como se configuram os mecanismos de dominação e legitimação da cultura autêntica no espaço social**

Para entendermos melhor como se dão as formas de expressão da cultura autêntica ou legítima, nos respaldaremos nos conceitos de Pierre Bourdieu. Esse intento se dará porque, posteriormente, com o auxílio de nossos dados empíricos, poderemos caracterizar melhor o grupo profissional estudado, que pode se aproximar ou se distanciar da cultura legítima e, nesse sentido, averiguaremos se esses marcadores (de distanciamento ou de proximidade) interferem na opção da ocupação para qual irão se direcionar.

Uma vez dado nosso objetivo, anteriormente, buscaremos entender o conceito de poder simbólico de Pierre Bourdieu. Segundo o autor, ele se caracteriza como um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos, ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p.8). Além disso, o poder simbólico tende a estabelecer uma lógica “gnosiológica”, ou seja, mostra o sentido imediato do mundo social e se aproxima da ideia de “conformismo lógico” de Durkheim. Essa última nos permite visualizar uma concepção homogênea de tempo, de espaço, de causa, tornando possível a concordância entre as inteligências.

Para que haja essa concordância os símbolos são necessários, que nada mais são do que elementos de integração social que tornam possíveis o consenso de um dado mundo social, que por sua vez, contribui para a reprodução social e a integração moral dos grupos. Cientes desse conceito é importante nos lembrar de que nossos agentes sociais (dirigentes econômico-financeiros) fazem parte de uma elite dirigente que se utiliza do poder simbólico para se afirmar perante os outros e perante os seus dentro de um mesmo campo.

Dessa forma, a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante, assegurando a comunicação imediata entre todos os seus membros e os distinguindo das demais classes sociais. Para compreender as dinâmicas implícitas ao campo organizacional, aos agentes que se posicionam nele e que se relacionam com outros campos, devemos retomar o conceito de campo para Bourdieu (2008).

Para o autor, o campo é um sistema de forças objetivas que possui uma gravidade específica que é imposta aos agentes. É como se ele fosse um campo de batalha, onde existem competições para exercer o monopólio dos diferentes tipos de capital e de poder que hierarquizam os grupos.

Outro conceito importante que deve ser mencionado é o de capital social. Bourdieu (1989) assinala que ele se caracteriza por um conjunto de recursos ligados a uma rede de relações institucionalizadas ou a um grupo de agentes que são dotados de propriedades comuns. O capital social se dá através da ligação de agentes de um campo (ou de diferentes campos) que, por fim, é fundada a partir de trocas materiais e simbólicas. O capital social (bem como os demais tipos de capital) varia de acordo com o posicionamento dos agentes no(s) campo(s). O capital social pode ser convertido em capital econômico (voltado para aquisição de recursos materiais) e em capital cultural (voltado para aquisição de recursos culturais).

Por último, faz-se necessário retomar o conceito de *habitus*, que é concebido por Bourdieu como o princípio que media as práticas individuais e as condições sociais. Esse conceito dá conta de conciliar as relações aparentes entre a realidade exterior e as realidades individuais. O *habitus* é, portanto:

[...] um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído e disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (BOURDIEU, 2000, 120)

Para o autor, as ações dos agentes são um produto do encontro do *habitus* e do campo. Desse modo, as estratégias dos agentes surgem como ações estimuladas por uma dada situação histórica e são inconscientes, pois tendem a se ajustar praticamente às necessidades impostas por uma determinada configuração social. Enfim, podemos refletir, neste momento, sobre a configuração dinâmica que ocorre entre os agentes que serão estudados dentro de um determinado campo social, utilizando-se de um processo histórico demarcado pelo *habitus* e considerando a adequação e absorção de diferentes tipos de capital social.

Todavia, antes de pensarmos especificamente nos dirigentes, faz-se necessário o estudo de situações históricas nas quais a elite dirigente atua através de um poder simbólico sobre os demais agentes sociais em um determinado campo. Acredita-se que ambos os processos se dão a partir de uma imposição mascarada de sistemas de classificação e de

estruturas mentais, que se ajustam às estruturas sociais. Desse modo, o poder simbólico se dá de forma “irreconhecível por parte dos sujeitados” e também é dissimulado até mesmo entre aqueles que o exercem. Por isso, ele pode ser transmutado ou caracterizado como uma violência simbólica que legitima o (des) privilégio de algumas pessoas e o privilégio de outras.

Um exemplo claro de distinção está na obra *Le Patronat*, de Pierre Bourdieu e Monique de Sant Martin (1978). Nela, percebemos e caracterizamos melhor a elite dirigente francesa. De acordo com a pesquisa dos autores, os dirigentes ligados ao Estado advêm de famílias de altos funcionários ou de profissionais liberais com forte capital escolar e social, herdados ou acumulados pela passagem burocrática pelo Estado.

Já a burguesia do comércio possui estudos relativamente modestos e pequenos negócios. Os empresários privados têm o costume de anexar os seus sobrenomes as suas empresas e dizem ter que dar conta de tudo aquilo que o Estado nunca foi capaz de fazer, como boas escolas, hospitais, etc. A diferença entre os dirigentes do Estado e os dirigentes privados é que os primeiros passam por funções públicas, gabinetes ministeriais, detêm posições importantes dentro das escolas de poder (ENA, *Polytechnique*, *Science-Po*) e fazem parte da administração dos grandes institutos universitários. Paralelamente, os empresários privados nunca ocupam posições fora do campo econômico.

Podemos dizer, então, que existem duas formas de acessar o poder através das empresas e organizações. A primeira é pela burguesia comerciante, a partir de seu capital econômico. A segunda é por meio dos dirigentes do Estado, por intermédio de seu capital escolar e hereditário. Em alguns momentos, as relações entre o público e o privado podem se misturar e, quando essa fusão ocorre, temos o processo “política econômica”. Ela seria um misto de liberalismo e dirigência, que permite que as grandes sociedades capitalistas e os grandes bancos se submetam ao poder do Estado a serviço de seus interesses.

É importante mencionar que as empresas familiares possuem algumas estratégias que são extremamente importantes para perpetuar o poder e a autoridade familiar sobre o *status quo*. Algumas delas são o matrimônio, a fecundidade, a educação e a sucessão. Essas estratégias possuem a função de reproduzir o capital econômico entre as famílias, buscando sempre a hegemonia e o rigor em matéria de educação e a exaltação do espírito da família. Logo, o declínio ou o sucesso da empresa depende de tais estratégias de reprodução, desempenhadas por seus membros fundadores.

As estratégias se dão de forma muito particular. A endogamia, por exemplo, “tem o poder de assegurar não só o capital econômico”, mas também os segredos dos negócios e o

prestígio familiar. Outro aspecto importante é a não regulação dos nascimentos. (BOURDIEU & SAINT MARTIN, 1978, p.18)

Quanto mais filhos, mais associações de pessoas de confiança para cuidar dos negócios ou para abrir empresas adjacentes à grande empresa familiar. As mulheres devem sempre manter o respeito às tradições burguesas, buscando o culto ao trabalho, um espírito de poupar e de família. Devem também escolher estabelecimentos educacionais reservados para seus filhos.

Nesse sentido, cabe mencionarmos alguns posicionamentos de Max Weber (BOURDIEU & SAINT MARTIN, 1978, p.19) sobre esse processo. Para o autor, a lógica burguesa está imbricada com a ética religiosa. A separação do público e do privado, do doméstico e do político traz, para dentro dos lares, uma conduta que se aproxima a uma teodicéia dos privilégios. Essa traz à tona soluções individuais às interrogações pessoais, “reduz o social ao pessoal” e opera uma despolitização da vida, privilegiando o singular de todas as experiências. E é o singular que se volta à “unicidade da pessoa que faz com que um único indivíduo apareça como comum a uma única classe social.”<sup>84</sup>

### **3.2 Os instrumentos econômico-políticos de dominação simbólica**

A sucessão devido ao capital escolar é algo mais complexo. Ela não pode oferecer postos a todos da família. Ao mesmo tempo, é preciso o mínimo de capital escolar para conservar ou aumentar o potencial de uma empresa familiar. Dessa forma, a estratégia de reprodução tem a função de incluir, excluir e manter o número de agentes reprodutíveis. Logo, cria-se uma fronteira no campo que delimita onde que os agentes devem se posicionar.

É importante lembrar que a ação da escola se apóia sempre na família e a última coloca sua lógica relativamente autônoma de sua economia própria, o que lhe permite concentrar o capital detido por alguns de seus membros a serviço da perpétua acumulação e transmissão de seu patrimônio. A família é um órgão muito importante, pois é capaz de circular oficialmente ou clandestinamente o capital. Ela tem sua eficácia sobre as redes de circulação oficial de capital ou pode neutralizar todos os efeitos que sejam contrários aos seus próprios interesses.

---

<sup>84</sup> Gostaríamos de melhor esclarecer que trabalhamos com a noção de classe social de Pierre Bourdieu, uma vez que elas são construções políticas e simbólicas dentro do espaço social, se apoiando nas afinidades de *habitus* e de estilos de vida, como destacamos na primeira seção.

Podemos afirmar que, através da leitura do artigo *Le Patronat* (1978), o espírito familiar e a sua coesão asseguram a cada indivíduo os “lucros simbólicos”, que correspondem às entradas acumuladas de todos os membros do grupo. Desse modo, o capital social detido por um único indivíduo depende do volume de capital retido por cada um dos membros e da integração do grupo. Em todo caso, o capital escolar e seus títulos não são as chaves-mestras para a contratação dos dirigentes dentro das empresas. As operações de recrutamento que escolhem os dirigentes vão um pouco além dessas questões.<sup>85</sup>

Os diplomas influenciam as posições, mas as chances de se sentar em um conselho com sociedades importantes variam fortemente de acordo com a classe de origem. Um exemplo são os grandes grupos industriais que são potências financeiras e os capitalistas industriais, que passam pelas escolas de engenharia e que estão situados em posições dominantes do capitalismo financeiro.

Os empresários ligados às finanças, como os banqueiros e a nobreza burguesa, fazem parte de grupos de pessoas que conservam o seu capital social por hereditariedade. Essas conexões financeiras em suas vidas são traduzidas muitas vezes às relações pessoais. Mas, ao mesmo tempo, cabe-nos mencionar que, os agentes ligados ao poder financeiro recusam a ostentação da riqueza. A “discrição, a reserva e a honorabilidade” da vida privada são fundamentais para o processo de reprodução dos lucros desses indivíduos. (BOURDIEU & SAINT MARTIN, 1978).

O que eles buscam, fundamentalmente, é a negação do lucro. Ou seja, as suas leis de reconhecimento, de confiança e de legitimidade não são as do capital econômico. Existe, portanto, um capital simbólico, regido por um poder predominantemente simbólico que vai reger essas relações. Podemos considerar, portanto, que os diplomas escolares para essas pessoas nada mais são do que uma cultura científica reconhecida fora da escola. Por exemplo, para os agentes que estudam em *Politechnique* (diretores de filiais estrangeiras e de indústrias mais antigas), as escolas e os títulos escolares são determinantes para o acesso à classe dominante.

Já os agentes da *Science-Po* (burguesia de negócios parisiense, banqueiros, aristocracia mais antiga, empresas familiares e tecnocratas), o título é uma instituição escolar menos seletiva que reforça as disposições já constituídas, além de oferece a função de legitimação da ordem estabelecida. Bourdieu e Saint Martin (1978) afirmam que o que vem ocorrendo, frequentemente, é uma transformação no campo das empresas, onde há um

---

<sup>85</sup> Poderemos verificar esse fato em nossas análises posteriormente. Ou seja, existem outros elementos fundamentais ligados ao processo de contratação dos dirigentes. Para entender melhor esse processo, ver Collins (1979).

crescimento global do número de diplomas e das heranças. O campo de luta social tem legitimado os agentes que possuem um tipo de capital mais útil às empresas.

Como vimos anteriormente, as empresas estão sendo cada vez mais dominadas pela lógica financeira, ou seja, boa parte do capital econômico das empresas está relacionada às ações. Por isso, tem-se exigido, cada vez mais, as tais competências financeiras. É pertinente nos lembrar que existe uma complexidade dentro desse contexto: os títulos escolares das *Business Schools* estão diretamente ligados a agentes que possuem alto capital econômico e hereditário. Esses, por sua vez, possuem a capacidade de se legitimarem para que se situem cada vez melhor dentro da hierarquia e das capacidades em vigor.

O crescimento de uma empresa está diretamente ligado às posições institucionalizadas, hierarquizadas, que asseguram mandatos específicos. A empresa passa a funcionar como um campo de luta entre os agentes que estão dentro dela e mesmo entre os agentes que se posicionam em outras empresas. Logo, a força, os interesses e as estratégias dependem do capital econômico e escolar que já está legitimado dentro de algumas famílias.<sup>86</sup>

Entre esses agentes inseridos existe uma solidariedade fundada na complementariedade de interesses (dessa forma, podemos voltar ao conceito de solidariedade orgânica em Durkheim) e sobre redes complexas de dominação. As transformações ocorridas nas estruturas do campo econômico, atualmente, são resultado de uma transformação das relações existentes entre capital bancário e capital industrial. Essa conversão de relações se dá através da legitimação dos campos de poder econômico dos bancos e dos banqueiros.

Esse fato ocorre porque está acontecendo uma redução da autonomia financeira por parte das empresas industriais a favor dos grupos bancários, que usam novas formas de intervenção e concentração de capital sem serem os proprietários exclusivos das empresas. Esses, por sua vez, são inspetores de finanças, antigos alunos da *Science-Po*, detentores de diplomas técnicos como os engenheiros de minas, consultores de finanças no geral.

Em *La Noblesse d'Etat: Grandes écoles et esprit de corps*, Bourdieu (1989) se preocupa com o estudo de cursos superiores de elite. Ele afirma que existe uma ação de “consagração” e um rito que produz um grupo separado e sagrado (como é o caso do grupo anteriormente citado), que se dá de forma mascarada e é dessa forma que a nobreza se produz e reproduz.

---

<sup>86</sup> Por isso, a via de ascensão para quaisquer outros agentes é dificultada. A luta hierárquica entre as classes se estabelece de forma desigual de forma que se olharmos atentamente, os ganhadores já parecem ocupar o pódio antes mesmo de a corrida começar.

A partir disso, são as atividades praticadas por eles que têm o papel fundamental de produzir a distinção social (afinidades de estilo, relações familiares e de negócios). Nesse caso, a força da tradição tem o papel de impor uma percepção do presente organizado, conforme categorias propostas pelas representações dos antigos.

Refletindo sobre o que foi dito anteriormente, surge um “encantamento afetivo que nasce do poder de amar e admirar a si mesmo”<sup>87</sup> (isso ocorre com os agentes inseridos nesse processo) (BOURDIEU, 2002, p.9). Esse poder, que fortalece o indivíduo no grupo ao qual ele pertence, é um dos fundamentos ligados à lógica que homogeniza as estruturas mentais, a qual o autor denomina “espírito dos corpos”. Logo, a fração dominante oscila entre a solidariedade positiva (afinidades e interesses de *habitus*) e as solidariedades negativas contra as outras classes. As últimas criam uma barreira para que as outras classes se posicionem fora do jogo, fora da luta dos dominantes e fora do campo de atuação das elites.

Sabe-se que o operador institucional e organizacional do ensino é que classifica e institui as hierarquias construídas no mundo social. Essas destacam binarismos e classificações sociais (teoria e prática, concepção e execução) que são expressamente naturalizados no formato de classificações escolares. Ou seja, a cultura adquirida pelo diploma é um mecanismo de privação que aparece exatamente onde menos se espera: no comportamento corporal, no consumo, na maneira de ser, na linguagem, etc.

Logo, passa-se a identificar o valor pessoal, o valor social e as dignidades escolares como a dignidade humana; a privação dada pelo diploma mutila o ser (homens/mulheres) em sua dignidade humana no momento em que são silenciados em todas as situações oficiais, uma vez que, explicitamente (falta do diploma) ou implicitamente (pelas informações culturais) não possuem os atributos daqueles que detém o privilégio. (BOURDIEU, 2008, p. 363)

Contudo, somente através do conhecimento da existência e de como os mecanismos de dominação são exercidos e processados é que se pode pensar em desacralizar a norma e democratizar o acesso das demais classes sociais a uma vida mais harmônica socialmente. Já dizia Pierre Bourdieu, em sua obra *Les heritiers*, que tanto os simples operários como os homens de *cadre supérieur*, quando conhecem os atos de um teatro clássico e ainda que acessem esse tipo de entretenimento (típico das classes dominantes),

---

<sup>87</sup> Ato que é praticamente inexistente dentro de grupos como estigmatizados socialmente ou fenotipicamente, como é o caso de indivíduos negros que limitam sua ascensão social porque não acreditam em si mesmo e se não admiraram (verificar essa discussão em: Mobilidade ascendente, identidade e estilos de vida do negro (a) no interior paulista: o caso de São Carlos e Araraquara, dissertação da autora.)



conhecedores do mesmo objeto, não possuem as mesmas atitudes relacionadas a ele. É exatamente a “desenvoltura irônica”, a “elegância preciosa”, e a “segurança estatutária” dos dominantes que vai classificá-los como elite e desclassificar os demais como outsiders. (BOURDIEU, 1985, p.43)

### **3.3 A reprodução social: origem social e destino das posições sociais ocupadas**

Bourdieu (2007) afirma que o sistema escolar, antes de ser caracterizado por uma marca libertadora, é uma das formas mais intensas de conservação social, pois tende a legítimar as desigualdades sociais a partir da herança cultural. A saber, um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na universidade do que um filho de um assalariado agrícola, quarenta vezes mais que o filho de um operário e suas chances são duas vezes superiores aos jovens de classe média. Além disso, os dados estatísticos apontam que as universidades de renome possuem o recrutamento mais aristocrático: filhos dos quadros superiores e profissionais liberais fazem parte de 57% dos alunos da Escola Politécnica, 54% dos alunos da Escola Normal Superior, 47% dos das Escolas Centrais e 44% da escola de Estudos Políticos. Desse modo, cada família transmite a seus filhos um dado capital cultural ou um dado *ethos*, que define qual será a atitude dos indivíduos diante da instituição escolar.

O autor ainda afirma que, na França, o privilégio cultural é o vetor fundamental que ditará o sucesso escolar de um indivíduo. Uma família que transmite seu capital cultural a seus herdeiros, (exemplos: frequência regular ao teatro, ao museu, a concertos, a eventos musicais, de pintura, de jazz, cinematográficos), ou seja, aquelas que estimulam o acesso a esses bens ditos de “gosto”, estão associadas as classes sociais mais altas. Nesse sentido, o autor ressalta:

Assim, compreende-se porque a burguesia, classe de transição, adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer, a todas as suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio cultural. Diferentemente das crianças oriundas das classes populares, que são duplamente prejudicadas no que respeita à facilidade de assimilar a cultura e a propensão para adquiri-la, as crianças das classes médias devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também, um *ethos* de ascensão social de aspiração ao êxito, na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição de cultura. (BOURDIEU, 1998, p.48)

Desse modo, Bourdieu (2007) aponta que o vazio existente entre o *habitus* e a estrutura é uma questão que deve ser abordada a partir das instituições família e escola com relação às mudanças ocorridas no campo de produção econômico. Dentro dessa discussão, o

autor afirma que a quantidade de capital cultural incorporado às máquinas e aos agentes sociais era menor nos modos de produção mais antigos e, portanto, as mudanças nos modos de produção comandavam as mudanças nas relações de produção.

Posteriormente, a quantidade de capital cultural aumenta nas máquinas e nos próprios produtores executam seu funcionamento. O sistema de ensino passa a ser a instância dominante do sistema de produção dos agentes, logo, o sistema de ensino acaba por depender menos do sistema de produção do que do sistema de reprodução do grupo familiar. Assim, ele se pré-dispõe a ter a função de reprodução social. Os jogos estratégicos dos agentes sociais se darão justamente a partir da defasagem que existe entre o sistema educativo e o sistema econômico. Dessa forma, tanto o sistema educativo quanto a família se tornam dependentes do sistema econômico: um exemplo disso é a vontade do patronato de encurtar o ensino escolar. Naturalmente, o jogo entre esses dois sistemas se dará a partir do jogo existente entre o diploma e o cargo. O diploma é algo adquirido pelo indivíduo que vale para a vida toda, uma instância mais fixa, enquanto o cargo, ditado pelo mercado, é uma instância móvel. Por esse motivo, pode-se perceber a relação de força existente entre o diploma e o cargo. Outro fato importante é que a força de um diploma não se mede pelo número de seus detentores, mas pelo capital social e pela distinção característica dos grupos que os adquirem.

Na obra *Les Sociétés et leur école*, de François Dubet, Marie Duru-Bellat e Antoine Véréttout (2010) discutem a veracidade do fato de que tanto Pierre Bourdieu como Passeron afirmam a existência de uma conversão automática dos títulos escolares em posições sociais. Isso significa que a escola transforma-se no agente único e total da transmissão das posições sociais. Já os autores da última obra não compreendem a reprodução social confinada ao mundo escolar: para eles, a escola produz a importância dos diplomas, mas, o peso depende da influência do diploma e da rentabilidade dos títulos escolares.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> O foco central de estudo dos autores será a coesão social e a integração social dentro de diversos países. Ademais, eles analisam a relação dessas variáveis com o nível de desigualdade social, confiança, tolerância e capital social dentro dos países. Após essa pesquisa, eles cruzarão esses dados com dados sobre escolaridade, o efeito das desigualdades escolares na ocupação no mercado de trabalho e no posicionamento profissional dos indivíduos e o sistema de emprego. De acordo com os autores, pensa-se que um sistema escolar mais integrado, acolheria mais os alunos, a fim de que esses tivessem um nível maior de aquisições escolares sem criar profundas desigualdades entre eles. Nesse sentido, um país que criasse uma elite culta em detrimento de uma massa ignorante seria um país com pouco nível de integração. Quanto mais expressivas se pontuarem as diferenças de performances educacionais dentro de um país, mais a origem social dos alunos possuirá um papel determinante. Por outro lado, quanto mais as desigualdades de performance educacional entre os alunos são baixas, mais baixa é a influência da origem social entre os alunos. Portanto, se possuímos muita distinção na performance escolar dos alunos, a influência do status social dos parentes sobre os alunos é bem profunda. Dentro dessa leitura, pode-se trabalhar com o fato de que os sistemas escolares não se limitam às questões voltadas para as desigualdades sociais, mas eles a modelam de forma específica. Ou seja, as desigualdades sociais podem influenciar as desigualdades que ocorrem dentro do sistema escolar. Um fato curioso é que

Em suma, a respeito à questão da reprodução, os autores seguem caminhos um pouco distintos da lógica de Pierre Bourdieu. Eles ressaltam que, na maioria das vezes, o mais comum é que, quanto maior as desigualdades escolares, maior será a reprodução social, portanto, maior a chance de se transmitir a posição dos pais aos filhos. Isso ocorre no Reino Unido, nos Estados Unidos e em grande medida na França. Todavia, há exceções como a Itália, onde as desigualdades escolares são baixas, mas existe uma forte reprodução. Contrariamente, a Alemanha apresenta as desigualdades sociais mais elevadas e a reprodução social é mais baixa, graças ao sistema de formação profissional que possui um papel compensador nesse país.

Portanto, nesses casos, não é a escola a envolvida no processo de transmissão dominante das desigualdades sociais. A importância seria dada a influência do diploma. A reprodução social dependeria mais da influência escolar (diplomas) do que das desigualdades sociais de origem social. Mas esse esquema vai variar de acordo com o país. A saber, o papel da escola (diplomas) é menos influente em países como Austrália, Canadá, Dinamarca, Finlândia e Noruega.

Pode-se perceber, então, que independente da amplitude das desigualdades sociais escolares, a reprodução social se dará de diferentes formas em função do papel que as sociedades atribuem à escola e a valorização dos títulos escolares sobre o mercado de trabalho. Logo, quanto maior a influência do diploma, mais fortes serão as desigualdades sociais e a reprodução social será mais intensa.

Todavia, como os autores ressaltam, não existe uma relação direta entre o aumento das desigualdades escolares com a desigualdade social. Dessa forma, não basta reduzir as desigualdades escolares para que se reduzam as desigualdades sociais. A questão está nos valores sociais e simbólicos atribuídos as coisas, como, por exemplo, ao diploma. Os estudiosos ainda afirmam que a herança dos diplomas e das posições sociais pode nos parecer escandalosa, mas o acesso ao emprego dado pelo diploma nunca é contestado. Nesse aspecto, a influência do diploma pode constituir um fator de coesão social. O sistema escolar age como

---

acontece o contrário com alguns países, por exemplo, com a França, Bélgica, Estados Unidos e Reino Unido: eles possuem um nível de escolarização e performance escolar altos, mas estão associados a uma grande desigualdade escolar. Já a Espanha, Grécia, Itália e Portugal apresentam uma taxa de escolarização e performance escolar baixa, entretanto, estão associadas a desigualdades escolares baixas também. Por isso, não podemos concluir que é suficiente abrir as portas da escola para que os níveis de performance e escolaridade subam, pois isso não reduzirá as desigualdades escolares. Ou seja, pode-se concluir que a taxa de escolarização não é um fator que poderia reduzir as desigualdades escolares. Logo, não é suficiente reduzir as diferenças de performances entre os alunos, nem limitar a influência do meio social sobre suas aquisições e, também, não é suficiente abrir a escola para torná-la mais justa, pois na verdade, tudo depende da forma como a escola se abre, como ela se organiza e do que a sociedade espera da escola.

uma máquina que distribui diversas posições sociais aos indivíduos. Quando os diplomas são muito importantes, a sua influência mina a confiança e o capital social (conteúdos que perfazem a coesão social), pois elas garantem vantagem àqueles que ele protege. Portanto, nos países onde a influência do diploma é forte, a coesão social é mais fraca, pois o Estado central é fraco, pouco legítimo e o capital social torna-se mais forte, mas relativamente estreito e fechado. Exemplos disso são os países com capitalismo tardio, de acordo com nossas leituras.

Outro autor importante nessa discussão da reprodução social, origem social e posições sociais ocupadas é Raymond Boudon (1985). Ele estuda o tema das desigualdades de oportunidades escolar em sua obra *L'inegalité des chances*. Nela, o autor acaba por criticar o papel da escolar como central para o desencadeamento da reprodução social das estruturas sociais. Nesse sentido, o teórico atribui um menor valor explicativo à herança cultural como motor impulsionador das desigualdades de oportunidades. Antes, ele atribui às desigualdades econômicas o fator que seria mais explicativo para o fenômeno das desigualdades de oportunidades.

Para o autor, diferente da perspectiva de Pierre Bourdieu, a escola não possui um papel central no que diz respeito às desigualdades de oportunidades (por exemplo, a ocupação de diferentes posições no mercado de trabalho), mas as estratégias individuais possuem um papel importante nesse processo. Essas tomadas de decisão ou estratégias racionais individuais e familiares podem ser distintas, de acordo com as diferentes origens sociais. Logo, as desigualdades de oportunidades são motivadas por vontades individuais, que se pautarão no custo-benefício mais adequado ao momento, de acordo com a posição social que os indivíduos ou grupos sociais ocupam.

Contudo, Raymond Boudon e Pierre Bourdieu possuem alguns pontos de confluência em suas teorias, uma vez que ambos argumentam que a origem social será um importante elemento que contribuirá para as desigualdades de oportunidades e que as melhores posições sociais estão reservadas para os indivíduos advindos dos meios sociais mais elevados.

Acreditamos que nossas proposições de pesquisa estão em consonância com a confluência argumentativa anterior. A ideia de que a origem social bem como os marcadores de legitimidade (capitais simbólicos, processos de socialização) seriam importantes para impulsionar os direcionamentos ocupacionais dos graduandos em engenharia de produção seria justamente uma afirmação que se faz a partir e com base na argumentação convergente de Raymond Boudon e Pierre Bourdieu.

No entanto, na discussão anterior, entre os apontamentos teóricos de Pierre Bourdieu e Raymond Boudon, ainda nos perguntamos: qual seria o valor do diploma no caso da presente pesquisa? Ou seja, qual o papel do diploma e da universidade correspondente ao diploma? As universidades são “neutras” no que diz respeito à reprodução social no sentido de perpetuação de uma cultura legítima e consequente tomada dos melhores postos e carreiras pelo grupo social mais “distinto”? Partindo para uma questão mais prática: Até que ponto a origem social e os capitais simbólicos ou o diploma emitido por uma dada universidade (como a Escola Politécnica de São Paulo ou a Universidade Federal de São Carlos) pode influenciar os direcionamentos ou a opção de escolha da ocupação que os graduandos do curso de engenharia de produção irão ocupar no mercado de trabalho?

Para nos ajudar a refletir sobre tais questões, a obra de Pierre Bourdieu e Claude Passeron, *Les Heritiers*, pode nos encaminhar para a nossa reflexão antes de discutirmos nossos dados. Dentre das inúmeras argumentações da obra, existe a ideia de que não é somente o capital econômico que carregará consigo a diferenciação interna entre os alunos do ensino superior, antes, os diferentes capitais culturais seriam muito importantes nesse processo. Dessa forma, podemos visualizar a universidade como um lugar que não é neutro e que carrega, através da origem social de alguns alunos, a reprodução dos privilégios de classes mais abastadas.

O trabalho dos autores também mostra que, apesar dos alunos entrevistados fazerem parte de um mesmo curso universitário (do curso de letras), eles possuem condições materiais distintas, alguns trabalham, outros são sustentados pela família, etc. Essas diferenciações internas indicam diferentes classes e posições que eles ocupam no mundo social.

Para além do trabalho supracitado, a ideia desta tese seria a pensar não no curso de letras, mas no curso de engenharia de produção. Primeiramente, essa escolha se dá porque ele é um curso que dá uma abertura muito grande para que o aluno atue no mundo das finanças atualmente, universo no qual remunera infinitamente bem os engenheiros que fazem essa opção. Pensando nesse aspecto, a opção da escolha mais racional possível para esses formados seria a de trabalhar justamente com finanças, área que tem crescido muito no Brasil e tem dado melhor retorno custo-benefício para os engenheiros em geral.

Nesse sentido, a nossa pergunta de tese segue os caminhos circunscritos a uma sociologia econômica e das finanças. Os autores supracitados nos ajudarão nas seguintes questões: Já que no estudo sobre os estudantes de letras encontramos uma diferenciação interna no que diz respeito à origem social e aos seus capitais simbólicos, os estudantes de

engenharia também constituem essa diferenciação de fragmentos de classes? Essa diferenciação, que coloca alguns alunos mais próximos e outros mais distantes da cultura legítima de elite, atua como fator importante na escolha da ocupação desses estudantes depois de formados? De acordo com a lógica da escolha racional, (conceito explicitado na primeira seção) esses estudantes deveriam, hoje, escolher ocupações dentro do universo das finanças seria a opção de custo-benefício (como argumenta Raymon Boudon, 1985) mais adequada. As escolhas desses indivíduos se circunscrevem, realmente, a área das finanças ou a outro tipo de direcionamento é dado após a sua formação? Esses direcionamentos se dão de modo igual nas diferentes universidades? A universidade tem papel importante na determinação desses direcionamentos ou a universidade é neutra? Quais seriam as reais motivações dos estudantes para escolher a suas ocupações futuras?

Martelli (1982), apoiado na leitura fenomenológica de Schutz, e nos estudos de Bourdieu, afirma que para pensarmos acerca dos mecanismos sociais que influenciam as escolhas individuais profissionais, devemos nos atentar para dois elementos importantes: a família e as instituições escolares. Nesse sentido, o autor afirma que as escolhas podem ter forte relação com os recursos (origem social, capitais simbólicos) que os grupos ou indivíduos possuem para ocupar ou não uma posição dentro da pluralidade de opções existente no mercado de trabalho de acordo com sua formação. Martelli (1982) ainda pensa as escolhas a partir de um processo de construção social, em que algumas disposições são incorporadas cognitivamente pelos indivíduos, o que os impulsiona para tomar as suas decisões. Nesse sentido, o autor discorre sobre a origem social e suas respectivas heranças no processo de tomada de decisão:

A classe de origem proporciona as condições prepara os espaços e estabelece os limites, circunscrevendo o campo de possibilidades de seus membros. Neste sentido o argumento de que alguns membros de classes desfavorecidas também chegam a posições de poder explica parcialmente a vulnerabilidade dos determinismos, de classe, contudo, a diferença está em que os membros de classes desiguais estão providos de "heranças" distintas que no final refletem as singularidades essenciais de cada um. Estas sim são de importância fundamental no momento em que se queira saber, por exemplo, quem tem a "marca" do dominante e a do dominado. (MARTELLI, 1982, p.23)

Logo, um ato ou uma escolha não se explicam por si só, pois, de acordo com o autor, esses atos seguem muito além das “pequenas representações” e de uma mera intencionalidade: além de sofrerem os constrangimentos sociais de um grupo, estão associadas as suas experiências individuais, familiares (origem social) e também a sua

socialização secundária (universidade e demais espaços sociais). As escolhas, portanto, se dão não só subjetivamente, mas estão circunscritas a elementos históricos, culturais e, principalmente, a um campo dado de possibilidades. As prioridades se darão de acordo com os recursos herdados e construídos socialmente dentro de histórias singulares de vida. Analisaremos, agora, quais são e como se configuram esses recursos sociais denominados marcadores simbólicos, que ora se manifestam economicamente e ora culturalmente.

### **3.4 Trabalhando com dados descritivos: a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Politécnica de São Paulo e uma universidade particular do interior do estado de São Paulo**

A análise descritiva ou exploratória proporciona uma visão geral do comportamento do banco de dados em relação ao objetivo principal da pesquisa. Por isso, construímos tabelas de frequência para todas as variáveis analisadas e, em alguns casos, as tabelas foram construídas levando consideração a classificação da formação dos respondentes. Sendo assim, nessa primeira parte da demonstração dos dados, exploraremos somente as tabelas descritivas e, posteriormente, trabalharemos com as associações entre as variáveis através da análise de correspondência múltipla na última seção da tese. Desse modo, averiguaremos, primeiramente, as características principais dos alunos entrevistados nas três universidades estudadas. No que diz respeito aos respondentes do questionário, temos 119 questionários completos respondidos por alunos recém-formados e 33 de alunos antigos da UFSCar, os respondentes da USP perfazem 75 estudantes e os respondentes da universidade particular totalizam 17 estudantes do curso noturno de engenharia de produção.

### **3.5 Sexo, raça e opção sexual: as variáveis de constrangimento social<sup>89</sup>**

Podemos observar, nas tabelas 1, 2 e 3 anexadas, o sexo dos alunos. Entre os alunos antigos da Universidade Federal de São Carlos entrevistados, temos 69% do sexo masculino e 30% do sexo feminino, já no que diz respeito aos recém-formados temos quase

---

<sup>89</sup> Nomeamos estas variáveis de constrangedoras pois elas implicam em debates e discussões que além de serem polêmicos necessitam de uma abordagem mais delicada do pesquisador pois os indivíduos entrevistados dentro dessas categorias podem se sentir vulneráveis e incomodados com o modo como forem abordados pelo pesquisador no tocante a suas questões.

73% dos entrevistados do sexo masculino (alunos dos quartos e quintos anos do curso de engenharia de produção) e 27% do sexo feminino. No caso da Universidade Politécnica de São Paulo (USP), temos 77% de homens e 22,9% de mulheres. Quanto à universidade particular, encontramos somente uma mulher na sala de aula.

Em vista das porcentagens acima, não podemos negar que esse ainda é o perfil de muitos cursos de engenharia no Brasil. De acordo com Lombardi (2006), especialista no estudo sobre as engenheiras no Brasil, baseando-se nos dados da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios) de 2002, a autora argumenta que o percentual de engenheiras formadas vem crescendo, já que o percentual de engenheiras matriculadas no ensino superior era de 16,4% em 1991 e no, ano de 2002, esse percentual passa para 20%. Ela ainda argumenta que, na Escola Politécnica da USP, “no espaço de 40 anos entre 1950 e 1989 formaram-se 536 engenheiras e, no ano de 1990, 764 engenheiras” (LOMBARDI, 2005, p.7 apud Facciotti, Samara 2004)

O período de maior crescimento do número de engenheiras será o de redemocratização, com o advento do crescimento dos cursos de engenharia, cujo arranque mais expressivo se dá entre os anos de 1990 e 2002. Esse número cresce 93% principalmente nas faculdades privadas, onde são abertas vagas no período noturno entre os anos de 2002 e 2003.

Já no que diz respeito à profissão, 59% das mulheres afirmam estar empregadas formalmente, enquanto que a porcentagem de homens que afirma o mesmo é de 43,7%. Esse fato se justifica pela grande quantidade de mulheres que se empregou no setor público, principalmente após os anos 1990, quando houve uma abertura de 60% dos novos cargos para engenheiras.

Durante período correspondente entre o governo de Fernando Collor de Melo até o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, ocorreu uma retração do cargo de engenharia no Brasil. Os períodos de maior retração são os de 1992-1993 e o de 1998. No segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, ocorreu um crescimento de cargos de aproximadamente de 2,8% para as engenheiras.

Depois de formadas, as mulheres concentravam-se, primeiramente, nas áreas de engenharia civil e química em 1990. Nesse ano, os percentuais indicaram que 44% das mulheres se tornavam engenheiras civis, enquanto que 15% iam para a engenharia química. Em 2002, esse percentual subiu para 30% de formadas em engenharia civil e 10% em engenharia química. Foi nesse ano em que se abriu a possibilidade para outras áreas, sendo que 10% das conclusões de curso são em engenharia de alimentos, 4% para engenharia



florestal e 3% para engenharia de produção e mecânica. Pode-se dizer que, de acordo com as diferentes especialidades, entre os anos 1990 e 2002, a maior parte foi para as áreas de engenharia química e de produção (21%), mecânica e metalurgia (6%) no ano de 2002 e a engenharia civil se configurou entre 9 e 16%.

No que diz respeito aos salários, em um primeiro momento, a partir de 1990, houve uma queda salarial para a categoria dos engenheiros. No segundo momento, ocorreu a queda do salário das engenheiras com relação aos salários dos engenheiros. Depois, em um terceiro momento (2002), percebeu-se a diminuição da diferença de salários entre homens e mulheres, devido ao fato dos engenheiros passarem a receber menos e as engenheiras a receber mais.

Após a descrição dos dados macros sobre a situação da mulher engenheira no Brasil, passaremos a nossa pergunta fundamental de tese: essas engenheiras, depois de formadas, trabalharão em quais ocupações?

Lombardi (2006) ressalta que as mulheres são a minoria em muitas áreas, principalmente as ditas mais “masculinas”, nas quais o trabalho seria possivelmente muito “pesado” para elas. Nesse sentido, a autora assinala que:

A dinâmica da divisão sexual tem-se encarregado a restabelecer a “ordem de gênero” internamente a esse campo profissional, sinalizando as atividades permitidas as engenheiras e aquelas que não o são, a cada novo nicho, a cada subárea de trabalho que se abre nas engenharias. (LOMBARDI, 2006, p.20)

Nesse sentido, alguns dos entrevistados da autora, em suas falas, relatam que as mulheres escolhem mais a área de consultorias e vendas na área da engenharia de produção, por serem mais pacientes, deterem da arte de convencimento, da habilidade linguística e da docilidade. Contrariamente, as áreas de produção e fábrica são de destinação masculina. Esse fato concorda com as asserções de Bourdieu (2008, p. 99):

Do mesmo modo, no crescimento da parcela das mulheres exprime-se o verdadeiro devir de uma profissão e, em particular, a desvalorização absoluta ou relativa que pode resultar das transformações da natureza e da organização do próprio trabalho e o caso, por exemplo, dos empregos de escritório, com a multiplicação das tarefas mecânicas e repetitivas, comumente deixadas as mulheres - ou das mudanças de posição relativa no espaço social [...]

Tarefa mais difícil ainda seria a de ocupar cargos de gerência e diretoria. Esses, quando ocupados por mulheres, se concentram mais nas áreas de pesquisa e desenvolvimento e de marketing (LOMBARDI, 2005). Nesse sentido, uma de suas entrevistas assinala:

“Engenheira com filhos adolescentes considera que a dupla carga de trabalho das mulheres é um fator limitador para as carreiras femininas, bem como os compromissos que se estabelecem no âmbito do casal quanto às carreiras profissionais de ambos” (LOMBARDI, 2005. p.6).

Em nossa pesquisa, encontramos alguns relatos de engenheiras que seguem no mesmo sentido apontado pela autora anteriormente. Em entrevista com aluna da UFSCar, da turma de 1976, questionamos se ela sofreu alguma discriminação em sua carreira por ser mulher e engenheira. Ela respondeu:

#### **Figura 14 - Relato de profissional 1**

Certeza. Numa das entrevistas, recém-formada, vi que o entrevistador escreveu no meu CV, que tinha em mãos: mulher!

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando a interrogamos sobre a existência de uma segmentação no cargo das engenharias para a atuação das mulheres, ou seja, questionamos sobre a existência de áreas que têm mais abertura para o perfil feminino, ela replicou:

#### **Figura 15 - Relato profissional 2**

Quando eu estava procurando estágio na Zanini Equipamentos pesados e queria estagiar na área de controle de qualidade. Porque eu era monitora de Estatística, o Gerente da Área falou em alto e bom som, “não quero mulheres no meu departamento.” Éramos mais aceitas em Bancos, Financeiras e éramos menos aceitas na Produção.

Fonte: dados da pesquisa.

Ao ser indagada sobre a ocupação de cargos mais altos, em sua carreira, como de diretoria ou presidência, ela disse:

#### **Figura 16 - Relato profissional 3**

Eu trabalhei por 5 anos na Holanda e gerenciava uma área, quando indiquei uma mulher para me suceder, o meu chefe falou: melhor não...ela acabou de casar, vai ter filhos e não conseguirá se dedicar plenamente à gerência.

Fonte: dados da pesquisa.

Quando comentei com a entrevistada sobre ter nos surpreendido o maior número de mulheres na indústria entre as formadas na UFSCar, ela assinala que:

#### **Figura 17 - relato profissional 4**

Era no passado, mas tem mudado muito, o que é bom.

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre o sofrimento ou não na carreira em função da condição feminina, temos a entrevista de uma engenheira que ingressou na UFSCar no ano de 2006:

#### **Figura 18 - Relato profissional 5**

Hum você se refere ao chão de fábrica, né? eu acho que tem uma diferença sim. É mais difícil encontrar mulheres no chão de fábrica. Até podem trabalhar em indústria, mas devem estar mais em áreas de escritório. Mas tem mulheres que se identificam com o chão de fábrica... Já conheci algumas. Elas são as únicas que conheço que se dão conta da questão de gênero. O discurso delas é que precisam "mostrar seu valor" para os operários, mas que isso acontece rápido e eles passam a respeitar...

Fonte: dados da pesquisa.

Ao questioná-la sobre a existência de alguns segmentos ou áreas nas empresas que tendem a contratar mais mulheres, ela apontou:

#### **Figura 19 - Relato profissional 6**

Acho que não existe muito. Em alguns casos, existem empresas que são mais amigáveis para mulheres, no sentido de que oferecem diversos benefícios (tipo, auxílio creche, maternidade etc) e uma conhecida por isso é a Natura. Quanto às consultorias, não vejo uma distinção. Não sei dizer quanto a "fazer carreira", mas em relação à quantidade de homens e mulheres, entendo que seja proporcional. Mas existe um discurso de que as mulheres saem mais cedo, quando querem ter filhos... Então, provavelmente, se você olhar o quadro de analistas e consultores, talvez não tenha tanta diferença. Mas se você olhar o quadro de diretores e sócios, com certeza será mais difícil encontrar mulheres.

Fonte: dados da pesquisa.

Quando falamos sobre a surpresa de encontrar mais mulheres trabalhando no setor industrial, dentre as formandas da UFSCar, ela relatou que:

#### **Figura 20 - Relato profissional 6**

Olha, nunca ouvi nenhuma história sobre isso e nem ocorreu comigo em processo seletivo especificamente. Mas isso não significa que não acontece. Eu sou uma engenheira que reflete sobre as questões de gênero, diferente do que é comum. As questões de gênero não são muito discutidas/pensadas no ambiente da engenharia... Ninguém parte da ideia de que pode não ter passado em um processo seletivo ou não ter conseguido se colocar durante a discussão por causa de uma questão de gênero, mesmo que essa seja a realidade.

Fonte: dados da pesquisa.

Percebemos a mudança no discurso da ex-aluna da década de 70 e da aluna dos anos 2000. Antes, percebe-se que a discriminação sobre as mulheres no trabalho era mais evidente. Na fala da recém-formada, observamos que essa discriminação não é tão transparente, apesar dela não deixar de existir. Outro fato importante é a ocorrência da abertura do setor industrial para as mulheres engenheiras, fato que, na fala anterior, se percebeu uma tendência forte para que as mulheres não trabalhassem em ambientes industriais mais pesados, ditos ambientes de trabalho para “homens”.

Em suma, a profissão da engenharia para as mulheres, apesar de ter passado por grandes mudanças, ainda carrega consigo alguns estigmas ligados ao que Lombardi (2006) denomina como “segregação horizontal (áreas de trabalho)” e a “vertical (ascensão hierárquica)”. Nesse sentido, Bourdieu complexifica mais ainda essa discussão afirmando que (2008, p.101):

As propriedades de gênero são tão indissociáveis das propriedades de classe quanto o amarelo do limão é inseparável de sua acidez: uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e valor que atribui aos dois sexos e a suas disposições socialmente constituídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidade corresponda ao número de classes e de frações de classe; e, por outro, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assume formas completamente diferentes, tanto nas práticas quanto nas representações. A verdade de uma classe ou de uma fração de classe exprime-se, portanto, em sua distribuição segundo o sexo ou a idade e, talvez, ainda mais, por tratar-se de seu futuro, na evolução dessa distribuição no decorrer do tempo: as posições mais baixas designam-se pelo fato de comportarem uma parcela importante - e crescente - de estrangeiros e/ou de mulheres (operários sem qualificação, trabalhadores braçais) ou de mulheres estrangeiras (faxineiras); do mesmo modo, não é por acaso que as profissões de serviço e de cuidados pessoais, serviços médico-sociais, estabelecimentos de cuidados pessoais - antigos, tais como os cabeleireiros; e novos, por exemplo, as esteticistas - e, sobretudo, serviços domésticos que acumulam as duas dimensões da definição tradicional das tarefas femininas, ou seja, o serviço e a casa, são praticamente reservados às mulheres.

Voltando a nossa questão de pesquisa, realizamos o cruzamento de dados entre as variáveis sexo e ocupação, após formação, para analisar para onde as graduandas em engenheiras de produção vão trabalhar depois de formadas.

**Tabela 5 - Sexo x ocupação UFSCar**

	Bancos\Finanças	Academia	Indústria	Consultoria	Empresários	Público	Total
Feminino	5	2	27	14	2	3	53
	9,43	3,77	50,94	26,42	3,77	5,66	100
Masculino	19	10	75	28	3	7	142
	13,38	7,04	52,82	19,72	2,11	4,93	100
Total	24	12	102	42	5	10	195
	12,31	6,15	52,31	21,54	2,56	5,13	100

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 6 - Sexo x ocupação USP<sup>90</sup>**

	Bancos\Finanças	Academia	Indústria	Consultoria	Empresários	Total
Feminino	4	0	4	6	0	14
	28,60	0,00	28,60	42,90	0,00	100,00
Masculino	17	1	5	14	1	38
	44,70	2,60	13,20	36,80	2,60	100,00
Total	21	1	9	20	1	52
	40,40	1,90	17,30	38,50	1,90	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando a tabela cruzada acima, que concentra o total de alunos entrevistados na UFSCar (alunos antigos e recém-formados) mais os alunos antigos da listagem da Festa de 35 anos do Departamento de Engenharia de Produção (cuja listagem gerou apenas 33 questionários respondidos, pois o restante não respondeu, mas tínhamos disponível o dado da empresa na qual esses ex-alunos trabalhavam) perfizemos o total de 233 alunos.

Percebemos pela tabela da UFSCar que, para o sexo feminino, a maior parte das mulheres (50.9%) passa a trabalhar em indústrias (em quaisquer das áreas assinaladas na

<sup>90</sup> Nessa tabela temos o dado de que dois dos alunos da Usp não responderam o sexo (ambos do sexo masculino) por isso a porcentagem total não fecha dentro do número total de entrevistados. Colocamos na tabela somente os respondentes da questão. O número de respondentes de cada área também é menor do que o número total pois muitos dos respondentes consultados não responderam aos e-mails e aos recados nas redes sociais onde buscávamos saber o cargo ocupado pelos estudantes deppis de formados. Outros dentre eles também responderam que não estavam trabalhando ainda, dentre esses a maioria estava fazendo intercâmbio no exterior.

seção anterior, listadas pela ABEPRO). A segunda maior porcentagem (26,4%) é a de mulheres que vão trabalhar na área de consultorias. A terceira maior porcentagem (9,43%) corresponde à escolha da área de bancos/finanças. O quarto lugar (5,6%) se refere ao emprego público e, por último, há um empate (3,77%) entre a carreira acadêmica e a empresarial.

No que diz respeito à USP, a maior parte (42%) das mulheres que respondeu a questão está trabalhando na área de consultorias. Em segundo lugar, empatam as porcentagens das que trabalham nas indústrias (28%) com a das mulheres que trabalham com bancos e finanças.<sup>91</sup>

Portanto, dos alunos entrevistados, observamos que a maior parte das mulheres da UFSCar vai trabalhar justamente nas esferas onde Lombardi (2006), juntamente com as informações de suas entrevistas qualitativas, afirmaria que seriam áreas mais masculinas. Todavia, o segundo lugar mais ocupado por elas é justamente a área de consultorias, que a autora havia ressaltado, com base em suas entrevistas, que seria a área mais “feminina”. No caso da USP, observamos que o que a literatura concernente às profissões feminizadas aponta é constatado pela ocupação em áreas de consultorias. A área financeira é muito mais ocupada pelos homens entrevistados tanto na UFSCar como na USP, sendo que se segue o rigor de ser tida como uma área de ocupação mais masculina. O setor público, que seria o que teve grande abertura a partir da década de 1990, é pouco representado pelas mulheres da presente pesquisa.

### **3.6 Variável raça/cor**

Outra variável de “constrangimento” da pesquisa é a variável raça/cor. Contudo, no que diz respeito a essa variável, tivemos respostas condizentes com o esperado. Observando o quadro abaixo, podemos perceber que todos os antigos alunos da UFSCar que responderam a questão são brancos e quanto aos alunos recém-formados 87% são brancos, 8,4% são pardos, 3% se consideram amarelos e somente 0,85%, ou seja, um indivíduo se autoafirma como indígena. No caso da USP, em que todos os entrevistados são recém-formados, temos 78,5% de alunos brancos, uma maior porcentagem de amarelos (18,5%) em relação à UFSCar e somente 2,8% são indígenas. Não nos surpreendemos com a ausência de

---

<sup>91</sup> Não realizamos o cruzamento de dados das variáveis sexo e escolha profissional para a universidade particular, pois, só encontramos uma mulher na sala de aula.

pardos entre os respondentes, pois a Universidade Politécnica de São Paulo, além de ser tradicionalmente uma universidade de elite branca, não abriu ainda o processo de reserva de vagas para pardos e negros.

Não queremos nos aprofundar na discussão da questão das cotas dentro das universidades, mas, é importante ressaltar a ausência de negros dentro do número de alunos que foram entrevistados na UFSCar. Um dado interessante é o fato de que o programa de reserva de vagas na UFSCar começou no ano de 2008. De acordo com dados da própria universidade, até o ano de 2010 estavam previstas até 20% das vagas para alunos que tinham cursado o ensino médio em escolas públicas e 35% das vagas estavam previstas para serem ocupadas por candidatos negros.<sup>92</sup> As turmas dos alunos recém- formados entrevistados na presente pesquisa foram justamente turmas que estão circunscritas a esse processo de reserva de vagas, pois, elas são formadas por ingressantes a partir do ano de 2007. Devido a observação, os motivos pelos quais averiguamos a ausência de negros entre os entrevistados é um fato que julgamos merecedor de investigação por pesquisas que se vinculem à temática das relações raciais.

**Tabela 7 - Cor/raça dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Branco</b>	32	100,00	103	87,29	135	90,00
<b>Pardo</b>	.	.	10	8,47	10	6,67
<b>Amarelo</b>	.	.	4	3,39	4	2,67
<b>Indígena</b>	.	.	1	0,85	1	0,67
<b>Total</b>	32	100,00	118	100,00	150	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 8 - Cor/raça dos alunos da USP**

	N	%
<b>Branco</b>	55	78,57
<b>Amarelo</b>	13	18,57
<b>Indígena</b>	2	2,86

Fonte: dados da pesquisa.

<sup>92</sup> Dados contidos em [www.ufscar.br](http://www.ufscar.br)

**Tabela 9 - Cor/raça dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Branco</b>	11	68,75
<b>Pardo</b>	4	25,00
<b>Amarelo</b>	1	6,25

Fonte: dados da pesquisa.

A ausência de engenheiros negros em nossa amostra da UFSCar e da USP e a presença elevada de pardos na universidade particular nos levou a refletir sobre o número de engenheiros negros formados no Brasil. Poderíamos incorrer em afirmações equivocadas se considerássemos somente as universidades estudadas. No entanto, recorreremos ao instituto DIEESE<sup>93</sup> e tivemos acesso a uma tabela cruzada entre as variáveis dos diversos tipos de engenharia no Brasil versus a raça dos respectivos declarantes. Assim, obtivemos a tabela abaixo, podendo observar que, dentro da categoria dos engenheiros de produção, temos somente 633 indivíduos formados que se autoafirmam como negros, enquanto que o número de engenheiros de produção brancos é de 27.834 indivíduos. Dessa forma, constatamos a real ausência de engenheiros de produção negros no Brasil como um todo. Logo, as universidades estudadas nada mais são do que um reflexo desse quadro em nosso país, que possui uma população de 16 milhões de autodeclarantes pretos segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios) de 2011.

**Tabela 10 - Famílias ocupacionais e raça**

BRASIL - ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS EM 31/12 POR RAÇA E FAMÍLIAS OCUPACIONAIS								
FAMÍLIA OCUPACIONAL	2013							Total
	Indígena	Branca	Preta	Amarela	Parda	Não Identificada	{n class }	
ENGENHEIROS MECATRONICOS	2	1.082	15	28	248	103	16	1.494

<sup>93</sup> É importante mencionar que esses dados não estão disponibilizados publicamente pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), já que, os dados foram disponibilizados particularmente para esta pesquisa de doutorado. Portanto, a tabela é inédita.



ENGENHEIROS EM COMPUTAÇÃO	7	4.433	70	138	533	274	74	5.529
GEÓLOGOS E GEOFÍSICOS	30	3.559	115	85	1.488	700	519	6.496
ARQUITETOS	24	10.779	152	276	2.632	912	4.734	19.509
ENGENHEIROS CIVIS E AFINS	162	47.193	1.018	1.259	15.399	4.217	13.882	83.130
ENGENHEIROS ELETROELETRONICOS E AFINS	61	26.098	637	945	6.160	1.776	703	36.380
ENGENHEIROS MECÂNICOS	33	24.901	472	778	4.140	3.073	461	33.858
ENGENHEIROS QUÍMICOS	16	7.510	142	227	1.434	1.213	371	10.913
ENGENHEIROS METALURGISTAS E DE MATERIAIS	0	2.986	57	62	481	155	58	3.799

**BRASIL - ESTOQUE DE EMPREGOS FORMAIS EM 31/12 POR RAÇA E FAMÍLIAS  
OCUPACIONAIS (CONTINUAÇÃO)**

FAMÍLIA OCUPACIONAL	2013							Total
	Indígena	Branca	Preta	Amarela	Parda	Não Identificada	{ ñ class }	
ENGENHEIROS AGRIMENSORES E ENGENHEIROS CARTOGRÁFICOS	0	532	18	7	171	79	198	1.005
ENGENHEIROS INDUSTRIAIS, DE PRODUÇÃO E SEGURANÇA	43	27.834	633	609	7.225	2.292	1.472	40.108
ENGENHEIROS AGROSSILVIPECUÁRIOS	32	13.279	166	260	3.207	1.127	6.240	24.311
Total	429	172.922	3.620	4.721	44.863	16.017	28.856	271.428

Fonte: Rais - Ministérios do Trabalho e Emprego (DIEESE)

### 3.7 Variável opção sexual

A última variável de constrangimento social é a opção sexual. Encontramos um quadro bastante esperado, já que todos se declaram heterossexuais (tabela 10 anexa).

Nesse caso, entre os alunos antigos da UFSCar, somente um deles não respondeu a questão, do restante 96,7% optaram pela opção da heterossexualidade. Entre os recém-formados, 100% dos alunos se dizem heterossexuais. No caso da USP (como vemos na tabela 11 anexa), ocorre o mesmo: somente um dos alunos não respondeu a questão e os outros entrevistados se dizem heterossexuais. No caso da universidade particular (na tabela 12 anexa), similarmente, um dos alunos não respondeu a questão sobre a sexualidade, os outros 15 alunos se declararam heterossexuais. Refletindo melhor sobre essa variável, não podemos saber ao certo se os alunos responderam a verdade, se todos são heterossexuais ou, se por

constrangimento, optaram por qualificarem-se como tais. Sabe-se que seguir o padrão heteronormativo entre os homens de elite é uma forma de garantir a sua reprodução material, além de ser uma forma de mobilizar a não desclassificação nos espaços sociais. Nesse sentido:

O paradigma naturalista da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir esta divisão (ou, o que é pior, de recusá-la para si próprios), a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade. (WELZER-LANG, 2001, p.6)

O autor Walzer-lang (2001) ainda ressalta que aqueles que se distinguem das qualificações do homem “normal”, viril, ativo e dominante pode ser excluído do grupo ao qual pertence. Nesse sentido, podemos citar o conceito do autor que é o de “grande homem”. Esse conceito diz respeito àquele que detém o poder sobre algumas mulheres. No caso dos homens que possuem cargos de chefia, eles possuem o poder sobre os homens que trabalham para ele. Assim, assinalamos que um “grande homem” dificilmente se declararia como diferente de heterossexual, justamente por temer o risco de perder esse seu duplo empoderamento.

De acordo com Hughes, citado por Becker (1977, p. 79), uma determinada pessoa para ocupar um determinado status necessita ter algumas características que se ajustem a ele (exemplo da presente pesquisa: ser engenheiro), mas também precisa de algumas características que são auxiliares como, por exemplo, ser branco, heterossexual e classe média alta, pois, elas são importantes para a manutenção do status na carreira. Nesse caso, um indivíduo pode possuir as características formais, mas pode não conseguir adentrar em um determinado status por não possuir as características auxiliares. O autor usa a noção de status principais e status subordinados, dando como exemplo o fato de que a questão racial se classifica como status subordinado. Ou seja, ser negro pode sobrepujar outras posições e outros status. No caso de nossas variáveis ditas de constrangimento social, podemos afirmar que a asserção da homossexualidade poderia afetar a possibilidade de um indivíduo de trabalhar em um escritório quando ele se autoafirmasse fora dos padrões de heteronormatividade.

### **3.8 Capital econômico: variáveis materiais e suas implicações no universo estudado**

No que tange o capital econômico dos alunos antigos e das famílias dos alunos recém- formados da UFSCar, a nossa questão se refere à interferência dessa variável na

posição ocupada pelos entrevistados depois de formados. Cabe lembrar que, nesta seção, estamos analisando os dados dos indivíduos separadamente, ou seja, incorremos em uma análise mais descritiva característica de nossa amostra. Os dados de associação entre as variáveis serão analisados somente a partir da análise de correspondência múltipla, que fechará a nossa pesquisa e será a sua metodologia principal para confirmarmos ou não as nossas hipóteses. Nesse sentido, no que diz respeito ao capital econômico, sabemos que:

Evidente quando indicadores de patrimônio são levados em consideração, a hierarquia que se estabelece entre as frações para a posse de capital econômico e que vai dos empresários da indústria e do comércio aos professores, torna-se já menos aparente quando se lida, como neste estudo, com índices de consumo- automóvel, barco, hotel - que não são perfeitamente adequados, nem perfeitamente unívocos: o primeiro depende, também do tipo de prática profissional, enquanto os outros dois tem a ver com o tempo livre que, segundo foi demonstrado alhures, varia praticamente em razão inversa do capital econômico; a posse de uma moradia depende, também, da estabilidade na mesma residência (mais baixa entre os quadros, engenheiros e professores). (BORDIEU, 2009, p.109-111)

Voltando aos dados apenas descritivos do grupo, estudaremos como algumas variáveis podem ser associadas ao capital econômico dos indivíduos.

As tabelas anexas de números 13, 14, e 15 correspondem às porcentagens referentes à casa própria dos indivíduos das três universidades. Vemos que 96,97% dos pais dos alunos antigos da UFSCar possuem casa própria, somente um deles não possui. Entre os alunos recém- formados dessa mesma instituição, 90,76% possuem casa própria e somente 9,24% não possuem. Já na USP, 72,37% dos alunos possuem casa própria e 27,6% não possuem. Entre os alunos da universidade particular, a maioria (81%) possui casa própria e 18% deles não possuem.

No que diz respeito à casa própria, atualmente, devemos relativizar esse bem na sociedade brasileira, devido aos programas de benefícios do governo para a sua aquisição. Sendo assim, não o trataremos aqui através de uma característica de distinção, uma vez que, se as camadas baixas e médias da sociedade estão adquirindo cada vez mais a casa própria, esse não seria um bem que marcaria radicalmente a legitimidade do grupo. Nesse caso, nos lembramos de Bourdieu (2008, p.107) no que diz respeito ao capital econômico quando:

[...] basta perceber que, sendo capital uma relação social, ou seja, uma energia social que existe e produz seus efeitos apenas no campo em que ela se produz e se reproduz, cada uma das propriedades associadas a classe recebe seu valor e sua eficácia das leis específicas de cada campo: na prática, ou seja, em um campo particular, nem sempre todas as propriedades incorporadas (disposições) ou objetivadas (bens econômicos ou culturais), associadas aos agentes, são eficientes

simultaneamente; a lógica específica de cada campo determina aquelas que tem cotação neste mercado, sendo pertinentes e eficientes no jogo considerado [...]

Quanto à casa de veraneio, que acreditamos ser um marcador de legitimidade mais forte do que a casa própria no Brasil pelo motivo acima mencionado, somente 33% dos alunos antigos da UFSCar a possuem, enquanto que a situação é bastante parecida entre os -recém-formados dessa mesma instituição: somente 31% a possuem. Já entre os alunos da USP, 35,5% possuem casa de veraneio, uma porcentagem um pouco maior que a referida dos alunos da UFSCar, mas não se mostra tão discrepante. Já no caso da universidade particular, somente 12% dos alunos possuem casa de veraneio, o que é correspondente a dois indivíduos.

**Tabela 11 - Casa de veraneio, passeio, sítio sítio ou fazenda alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Sim</b>	11	33,33	38	31,93	49	32,24
<b>Não</b>	22	66,67	81	68,07	103	67,76
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 12 - Casa de veraneio, passeio, sítio ou fazenda alunos da USP**

	N	%
<b>Sim</b>	27	35,53
<b>Não</b>	49	64,47

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 13 - Casa de veraneio, passeio, sítio ou fazenda alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Sim</b>	2	12,50
<b>Não</b>	14	87,50

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito aos automóveis, entre os alunos antigos da UFSCar, a maior porcentagem (42,42%) corresponde aos que possuem dois automóveis e, entre os alunos recém-formados, a porcentagem maior (50,86%) é das famílias que possuem mais do que dois

automóveis. No caso da USP, 54,67% dos alunos possuem mais do que dois automóveis. Dos alunos da universidade particular, apenas 25% possuem mais do que dois automóveis.

**Tabela 14 - Quantos automóveis a família dos alunos da UFSCar possuem**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Um</b>	7	21,21	22	18,97	29	19,46
<b>Dois</b>	14	42,42	35	30,17	49	32,89
<b>Mais que dois</b>	12	36,36	59	50,86	71	47,65
<b>Total</b>	33	100,00	116	100,00	149	100,00

Fonte: dados da pesquisa

**Tabela 15 - Quantos automóveis as famílias dos alunos da USP possuem**

	N	%
<b>Um</b>	10	13,33
<b>Dois</b>	24	32,00
<b>Mais que dois</b>	41	54,67

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 16 - Quantos automóveis as famílias dos alunos da universidade particular possuem**

	N	%
<b>Um</b>	4	25,00
<b>Dois</b>	8	50,00
<b>Mais que dois</b>	4	25,00

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com o quadro abaixo, que representa os dados da PNAD 2009 (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios), percebemos que quanto maior a renda, maior a aquisição de automóveis. Portanto, dentro de nossa amostra, o fato de grande parte de nossa população ter mais de dois automóveis a auferiria um maior status social. Ao mesmo tempo, não podemos nos esquecer de que, de acordo com o mesmo órgão de pesquisa, o setor de maior aquisição de automóveis é justamente o que insere as rendas mais baixas da população,

o que é justificado pelo fato da facilidade em se adquirir um automóvel e aos bons planos de compras dados pelas concessionárias atualmente no Brasil.

Entretanto, Pinçon e Pinçon Charlot (2003, p.19) assinalam que “parece ser tão natural que as famílias ricas disponham de apartamentos, de carrões do ano, de palacetes ou de propriedades na província”, no entanto, devemos considerar que a materialidade citada através do capital econômico leva consigo alguns elementos da vida cotidiana, que estão ligados ao *habitus* dos indivíduos, dos grupos sociais e à forma como esses indivíduos lidam com esses aparatos materiais em seu dia a dia. Somente assim, essa materialidade fará deles agentes com ação distintiva.

**Figura 21 - Posse de automóvel pelas famílias por faixa de renda**

Faixa de renda (SM = salário mínimo)	Domicílios % na faixa de renda		
	Tem carro	Não tem carro	Total
Sem Renda	14,9%	75,7%	100%
Até ¼ SM	5,2%	82,3%	100%
De ¼ até ½ SM	10,9%	75,4%	100%
De ½ a 1 SM	20,4%	63,5%	100%
De 1 a 2 SM	36,3%	44,1%	100%
De 2 a 3 SM	52,0%	28,3%	100%
De 3 a 5 SM	62,5%	21,1%	100%
Mais de 5 SM	76,5%	13,0%	100%

Fonte: Microdados PNAD, 2009, tabela modificada pela autora.

No que diz respeito à área de lazer em casa, 54,55% dos antigos alunos da UFSCar a possuem e 72,27% dos alunos recém-formados também. Já para os alunos da USP, 76% dos alunos possuem área de lazer em casa. Ou seja, existe um espaço de socialidade familiar ou para receber os amigos. Entre os alunos da universidade particular, 56% deles possuem área de lazer e 43% não a possuem. Novamente, a porcentagem relativa da universidade particular é bem mais baixa do que a das outras universidades.

Tabela 17 - Se os alunos da UFSCar possuem/possuíam área de lazer em casa

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados			
	N	%	N	%	N	%
<b>Sim</b>	18	54,55	86	72,27	104	68,42
<b>Não</b>	15	45,45	33	27,73	48	31,58
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 18 - Os alunos da USP possuem área de lazer em casa

	N	%
<b>Sim</b>	57	76,00
<b>Não</b>	18	24,00

Fonte: dados da pesquisa.

Tabela 19 Os alunos da universidade particular possuem área de lazer em casa

	N	%
<b>Sim</b>	9	56,25
<b>Não</b>	7	43,75

Fonte: dados da pesquisa.

Outra variável relacionada ao capital econômico é o tipo da bandeira do banco, ou seja, se os pais dos entrevistados possuem contas comuns ou diferenciadas e distintas. No que diz respeito a esses dados das tabelas anexas de números 25, 26 e 27 observamos que, quanto à bandeira do banco com distinção, a maioria dos alunos antigos (53,13%) está entre os que possuem contas comuns. Já entre os alunos recém-formados, 61,38% possuem contas de banco com status diferenciados. Entre os alunos da USP, a maior porcentagem corresponde aos alunos com famílias que possuem contas diferenciadas, perfazendo 66,20%. De todos os alunos que responderam a questão na universidade particular, todos assinalam que possuem somente uma conta comum no banco.

A iniciativa de verificar essa variável relacionada ao capital econômico foi uma decisão da autora da presente pesquisa, visto que as pessoas detentoras de contas comuns não precisam comprovar ter uma renda elevada, ao contrário do que ocorre na abertura de contas diferenciadas em que existe a exigência da comprovação de renda. De acordo com Daniela

Diniz (2004), em artigo para a revista Exame intitulado, “O cliente paparicado”<sup>95</sup>, os clientes cujas rendas ultrapassam de R\$5.000,00 ou que têm as aplicações acima de R\$50.000,00 são os mais requisitados. O cliente diferenciado possui “direito a sala exclusiva, serviços de mensagem e entregas, brindes sofisticados, vantagens especiais no cartão de crédito e outros agrados conhecidos.” Com esse dado, portanto, podemos perceber que os alunos recém-formados, nas três universidades estudadas ou na (UFSCar/USP/universidade particular), possuem famílias que obtêm esse tipo de conta e salários e, nesse sentido, suas rendas provavelmente serão superiores a R\$ 5.000,00 ou eles possuem pais que são investidores.

Pensando na questão dos investimentos, precisamente de aplicações em ações, as tabelas anexas de número 28, 29 e 30, nos mostram que mais de 70% dos pais dos alunos da UFSCar e da USP fazem suas aplicações em ações, já entre os pais dos alunos da universidade particular, nenhum deles faz aplicações em ações.

Esse tipo de variável nos permite analisar melhor o capital econômico dos indivíduos, uma vez que as verdadeiras opções de faixas de renda escolhidas pelos entrevistados podem dissimular sua renda real. Essa realidade pode ser justificada pelo fato de que, de acordo com dados apontados por pesquisas de survey ou entrevistas fechadas, essa variável costuma gerar certo constrangimento para o respondente. De acordo com Hoffman (1977)<sup>96</sup>, quanto maior o valor da renda da pessoa, mais ela o subestima.

Passaremos agora para a renda, nossa variável de maior explicação do capital econômico. Ressaltamos que, de acordo com Bourdieu (2008), a renda não é a única variável que define a classe social dos indivíduos. Pensemos, então, em nossos critérios de renda e, ainda, nos baseemos na tabela de dados do IBGE, que se assemelha aos critérios da FGV:

**Tabela 20 - Classe, salários e renda**

CLASSE	SALÁRIOS MÍNIMOS (SM)	RENDA FAMILIAR (R\$)
A	Acima 20 SM	R\$ 12.440 ou mais
B	10 a 20 SM	De R\$ 6.220 a R\$ 12.440
C	4 a 10 SM	De R\$ 2.488 a R\$ 6.220
D	2 a 4 SM	De R\$ 1.244 a R\$ 2.488
E	Até 2 SM	Até R\$ 1.244

Fonte: Dados divulgados pelo IBGE em 2012.

<sup>95</sup> <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0810/noticias/o-cliente-paparicado-m0041948>

<sup>96</sup> HOFFMANN, Rodolfo. Informações necessárias para a análise da distribuição de renda do Brasil. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 21, p. 159-167, 1977.



Definimos a nossa faixa salarial de acordo com o quadro acima, pensando em um valor arredondado e aproximado a elas, além de refletirmos sobre a condição social do grupo estudado, pois, apontar uma faixa de salário muito baixa ou muito alta poderia também ser objeto de constrangimento.

Mediante tais análises, avaliamos finalmente os dados coletados:

**Tabela 21 - Renda dos pais dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Menor que 2,000</b>	3	9,09	12	10,17	15	9,93
<b>Entre 2,000 e 5,000</b>	10	30,30	22	18,64	32	21,19
<b>Entre 5,000 e 10,000</b>	8	24,24	34	28,81	42	27,81
<b>Mais de 10,000</b>	12	36,36	50	42,37	62	41,06
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 22 - Renda das mães dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Menor que 2,000</b>	15	46,88	34	31,19	49	34,75
<b>Entre 2,000 e 5,000</b>	10	31,25	38	34,86	48	34,04
<b>Entre 5,000 e 10,000</b>	5	15,63	27	24,77	32	22,70
<b>Mais de 10,000</b>	2	6,25	10	9,17	12	8,51
<b>Total</b>	32	100,00	109	100,00	141	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre as tabelas acima, entre os alunos antigos da UFSCar, a maior porcentagem de renda citada (36,36%) é a superior a R\$10.000,00. Em segundo lugar, está a faixa de renda R\$ 2.000,00 e R\$5.000,00 e, em terceiro lugar, a faixa entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00. Já entre os alunos recém-formados a renda do pai com o percentual maior de (42,37%) é

concentrado na faixa salarial superior a R\$10.000,00 . Em segundo lugar (28,8%), temos a faixa correspondente entre R\$5.000,00 e R\$ 10.000,00 e, em terceiro lugar (18,6%), a faixa de renda entre R\$2.000,00 e R\$ 5.000,00. Pode-se observar, portanto, que há uma melhora nas faixas de renda temporalmente, se pensarmos nos alunos que se formaram recentemente na UFSCar, pois a segunda maior porcentagem de renda é a da faixa entre R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00. Já para os alunos antigos da UFSCar, a segunda opção mais escolhida foi a faixa de renda entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00. Esse fato também pode explicar a variável anterior das contas diferenciadas, uma vez que os alunos antigos possuem contas comuns em maior quantidade.

No que diz respeito à renda das mães dos alunos entre os antigos formados da UFSCar, a maior porcentagem (46,8%) se localiza na faixa inferior a R\$ 2.000,00. Em segundo lugar (31,25%), temos a faixa correspondente entre R\$ 2.000,00 e R\$ 5.000,00. Em terceiro lugar (15,6%), os dados respondidos indicaram a faixa entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00. Por último, temos a menor faixa (6,25%) indicada, que é superior a R\$10.000,00, isto é, a mãe de dois dos entrevistados. No que diz respeito aos alunos recém-formados da UFSCar, há uma pequena melhora nas rendas, já que o percentual mais citado (34,8%) é o que corresponde entre R\$2.000,00 e R\$ 5.000,00. Em segundo lugar (31%), temos a faixa inferior a R\$2.000,00 representando. Em terceiro lugar (24,7%), há a faixa entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00. Por último (9%), temos a faixa que corresponde à faixa superior a R\$10.000,00, que corresponde a 10 das mães dos entrevistados.

De forma geral, percebemos um aumento da renda das mães por parte dos alunos recém-formados em relação aos antigos alunos da UFSCar , mas em comparação com a renda dos pais dos alunos entrevistados, a renda das mães é muito inferior. Enquanto a maioria dos pais dos antigos alunos recebem R\$10.000,00 é a maioria das mães recebem menos de R\$ 2.000,00. Já entre os recém-formados da UFSCar, a maioria dos pais recebe mais que R\$10.000 e as mães recebem entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00.

No que diz respeito à Universidade Politécnica de São Paulo, temos os seguintes dados:

**Tabela 23 - Renda dos pais dos alunos da USP**

	N	%
<b>Menor que 2.000</b>	1	1,41
<b>Entre 2.000 e 5.000</b>	14	19,72

<b>Entre 5.000 e 10.000</b>	18	25,35
<b>Mais de 10.000</b>	38	53,52

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 24 - Renda das mães dos alunos da USP**

	N	%
<b>Menor que 2.000</b>	10	15,87
<b>Entre 2.000 e 5.000</b>	25	39,68
<b>Entre 5.000 e 10.000</b>	14	22,22
<b>Mais de 10.000</b>	14	22,22

Fonte: dados da pesquisa.

Dos pais dos alunos da USP, a renda mais observada (53,5%) é de R\$ 10.000,00. Em segundo lugar (25,3%), há a faixa de renda correspondente entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00. Em terceiro lugar (19,7%), a renda entre R\$ 2.000,00 e R\$5.000,00. Por fim, a renda de R\$ 2.000,00 pertence somente a um dos pais dos indivíduos. No que diz respeito às mães, a maior renda (39,6%) fica entre R\$2.000,00 e R\$ 5.000,00. Em segundo lugar, há um empate percentual (22,22%) entre a faixa de renda entre R\$5.000,00 e R\$ 10.000,00 e a faixa de renda superior a R\$10.000,00, o que perfaz o total de 44,44%. Em terceiro lugar (15,8%), temos a renda inferior a R\$ 2.000,00 das mães dos entrevistados.

Sobre a renda dos pais dos entrevistados da universidade particular, temos que a maior faixa de renda (50%) dos pais dos entrevistados se localiza entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00. A segunda faixa de renda mais citada (35%) é a inferior a R\$ 2.000,00. Em último lugar (14%), temos a faixa de renda entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00, perfazendo somente dois pais dos entrevistados. No que diz respeito à renda das mães, temos que a maior porcentagem (71,43%) corresponde à renda inferior a R\$ 2.000,00. Em segundo lugar 28%, temos a renda correspondente entre R\$2.000,00 e R\$ 5.000,00, perfazendo apenas quatro mães dos entrevistados.

**Tabela 25 - Renda dos pais dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Menor que 2.000</b>	5	35,71
<b>Entre 2.000 e 5.000</b>	7	50,00

<b>Entre 5.000 e 10.000</b>	2	14,29
-----------------------------	---	-------

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 26 - Renda das mães dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Menor que 2.000</b>	10	71,43
<b>Entre 2.000 e 5.000</b>	4	28,57

Fonte: dados da pesquisa.

Dentro de uma perspectiva endógena, percebemos que a renda dos pais dos entrevistados da USP é maior do que a renda das mães dos entrevistados da mesma instituição. Mas em comparação com a UFSCar temos que, entre os alunos recém-formados e os recém-formados da USP, cerca de 10% a mais dos pais dos alunos da USP recebem mais que R\$10.000,00 que os pais dos alunos da UFSCar. , já na segunda faixa de renda mais citada, a de R\$5.000,00 a R\$10.000,00, a porcentagem de pais de alunos da UFSCar é levemente superior.

No que diz respeito às mães dos alunos recém-formados da UFSCar e da USP, há um maior percentual de mães que recebem entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00, todavia, existe quase a mesma porcentagem entre as que recebem o valor correspondente entre R\$5.000,00 e R\$ 10.000,00. Há algo interessante com relação aos extremos das faixas de renda: na UFSCar, há 31% das mães que recebem menos que R\$ 2.000,00 reais e, na USP, essa faixa de renda se refere a 15% das entrevistadas, isto é, ela perfaz a metade das mães. Já com relação às mães dos alunos da USP, existe um diferencial, pois algumas (22,2%) recolhem mais que R\$ 10.000,00. Dessa forma, podemos afirmar que, na comparação entre as mães dos entrevistados, as mães dos alunos da USP possuem um melhor salário do que as mães dos alunos recém-formados na UFSCar.

Com relação à renda dos pais dos alunos da universidade particular, vemos a não existência da faixa de renda superior a R\$ 10.000,00, sendo que a maioria deles recebe o correspondente entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00 e abaixo de R\$2.000,00. Logo as rendas dos pais da universidade particular são muito menores do que as rendas dos pais citados nas duas universidades públicas. Quanto às mães desses alunos, também não temos a faixa de renda superior a R\$ 2.000,00: temos a grande maioria delas recolhendo menos que esse valor, faixa salarial muito menor do que as relativas às mães das duas outras universidades públicas.

A fim de refletirmos um pouco mais sobre o capital econômico dos entrevistados, para que não nos restem dúvidas e também para que haja um critério mais subjetivo de autodeterminação, incorremos na questão sobre a classe social que a família do entrevistado pertence. É importante lembrar que a autoatribuição da classe foi dada de acordo com a subjetividade de cada entrevistado.

**Tabela 27 - Classe social dos pais dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Alta média/alta</b> ou	9	27,27	58	48,74	67	44,08
<b>Média</b>	20	60,61	50	42,02	70	46,05
<b>Média/baixa</b>	3	9,09	11	9,24	14	9,21
<b>Baixa</b>	1	3,03	.	.	1	0,66
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Dos alunos antigos da UFSCar, a maioria deles (60%) se autodenomina como classe média e 27,7% deles se classificam como classe alta ou média. Quanto às classes baixas, 9% dos entrevistados se classificam como classe média-baixa e apenas 3% se classificam como classe baixa. Já entre os alunos recém-formados (48,74%), a maioria se denomina como classe alta ou média alta. Em segundo lugar, 42% dos entrevistados escolhem a opção de classe média e somente 9,2% dos entrevistados se autodeterminam como classe média baixa. Nenhum se autodetermina com localização na classe baixa. Com relação às opções, vemos uma diferença entre os alunos antigos e os recém-formados: os últimos se classificam com as categorias de classe social mais alta. Se checarmos as outras variáveis, essa informação estará correta, pois, no quesito de renda e das contas diferenciadas e comuns, esse último grupo melhor se localiza na hierarquia das classes sociais.

**Tabela 28 - Classe social dos alunos da USP**

	N	%
<b>Alta ou média/alta</b>	39	52,00

<b>Média</b>	32	42,67
<b>Média/baixa</b>	4	5,33

Fonte: dados da pesquisa.

Entre os alunos da USP, 52% se classificam como classe alta ou média alta, 42,67% se classificam como classe média e apenas 5,3% se classificam como média-baixa. Com relação aos alunos da UFSCar, os alunos da USP se concentram mais na classificação de classe alta ou média-alta. A segunda maior porcentagem é relativa à classe média para as duas instituições públicas (a porcentagem é a mesma para as duas universidades). Com relação à classificação classe média-baixa, os alunos da UFSCar são maioria dos que se classificam dentro dessa última taxonomia. Nesse aspecto também, a USP sai em vantagem na hierarquia da autoatribuição das classes entre os alunos. Percebemos que essa questão está em consonância com as demais questões sobre capital econômico, em que as respostas sobre esse tipo de capital dos alunos da USP se referem exatamente a esse tipo de taxonomia de classe escolhida pelos mesmos.

Entre os alunos da universidade particular, é muito grande a porcentagem (37%) dos alunos que se situam na classe média baixa com taxa muito maior das que se referem às outras universidades. A opção classe média também se coloca em porcentagem muito maior (62%) do que as referentes a essa opção entre as outras duas universidades. Assinalamos, ainda, que não existe a taxonomia referente à classe alta ou média-alta entre os alunos da universidade particular.

**Tabela 29 - Classe social dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Média</b>	10	62,50
<b>Média/baixa</b>	6	37,50

Fonte: dados da pesquisa.

Outra questão que fizemos para averiguarmos a trajetória financeira dos pais dos alunos de forma subjetiva era sobre o tipo de trajetória: se ele ascendeu, declinou, se manteve estável ou reconverteu sua trajetória. Na última opção, explicamos de forma muito simples para os entrevistados sobre o que seria uma trajetória reconvertida: a presença de algum marco que fez o pai mudar de uma trajetória posta para outra, ou seja, se houve algum episódio radical que transformou as suas vidas. Nesse sentido, seguem as respostas:

**Tabela 30 - Trajetória financeira dos pais dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Ascendente</b>	21	63,64	65	55,56	86	57,33
<b>Declinante</b>	.	.	6	5,13	6	4,00
<b>Estável</b>	10	30,30	34	29,06	44	29,33
<b>Reconvertida</b>	2	6,06	12	10,26	14	9,33
<b>Total</b>	33	100,00	117	100,00	150	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Entre os antigos alunos da UFSCar, a maioria (63,6%) diz que o pai teve uma trajetória ascendente comum, enquanto que 30% deles tiveram uma trajetória financeira estável e 6% reconvertida.<sup>97</sup> Já para com os alunos recém-formados observamos que a maioria (55%) teve uma trajetória ascendente, enquanto que 29% tiveram uma trajetória estável, 10% teve uma trajetória reconvertida e, curiosamente, 5% assinalam que o pai teve uma trajetória declinante.

**Tabela 31 - Trajetória financeira dos pais dos alunos da USP**

	N	%
<b>Ascendente</b>	46	63,01
<b>Declinante</b>	6	8,22
<b>Estável</b>	16	21,92
<b>Reconvertida</b>	5	6,85

Fonte: dados da pesquisa.

A maioria dos alunos da USP (63%) diz ter tido uma trajetória ascendente. Em segundo lugar, 21% dizem ter tido uma trajetória estável, enquanto que 6,8% dos

<sup>97</sup> Uma trajetória reconvertida é aquela contida de rupturas reais de um estágio de vida para outro, ou deslocamentos no espaço social mais amplo; transformação de um tipo de capital em outro; consta da reconstrução de uma identidade, do processo de improviso. Trajetória reconvertida é diferente da noção de conversão, que é mais radical e implica o abandono de um recurso que se tinha anteriormente. Acrescentamos aqui a existência de um novo fenômeno denominado bifurcação (estudado por Bessin Bidart, Tissont), que representa uma passagem sem rupturas, por exemplo, quando se passa de uma classe popular para a classe média. É importante lembrar que esses conceitos devem ser analisados de acordo com a situação dos agentes analisados. Levamos em conta, aqui, a afirmação de Monique de Saint Martin em palestra em 2011 no Brasil.

respondentes disseram que a trajetória de seu pai foi reconvertida. Das trajetórias assinaladas como declinantes, 8% dos alunos da USP e 5% dos alunos da UFSCar escolheram essa opção.

**Tabela 32 - Trajetória financeira dos pais dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Ascendente</b>	10	62,50
<b>Declinante</b>	1	6,25
<b>Estável</b>	5	31,25

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito à trajetória financeira dos pais dos alunos da universidade particular, temos que 62% assinalaram que tiveram uma trajetória ascendente, 31% responderem ter tido uma trajetória estável e, por último, 6% assinalaram que tiveram uma trajetória declinante (o que corresponde a apenas um aluno).

### **3.9 Origem social: variáveis para o aprofundamento da caracterização do grupo social estudado**

No que tange as variáveis escolhidas para discutir a origem social dos entrevistados, após nós termos refletido sobre as leituras das obras de Pierre Bourdieu, escolhemos a profissão do avô paterno, do pai e da mãe. Nesse sentido, para que não adentrássemos uma discussão superficial, usaremos a coleta de dados que foi pensada de forma bastante criteriosa. Primeiramente, selecionamos as profissões mais citadas pelos entrevistados e, em seguida, recategorizamos essas profissões em grupos menores para realizar a análise final de correspondência múltipla.<sup>98</sup> Esse intento nos ajudou muito a explorar melhor as categorias de nosso banco de dados.<sup>99</sup> No momento inicial, vamos averiguar os dados sobre a profissão dos avós paternos dos entrevistados.

---

<sup>98</sup> Portanto, sempre teremos em anexo a segunda tabela recodificada, simplificando ainda mais as opções escolhidas e - as reagrupando em grupos de frequências menores.

<sup>99</sup> O passo a passo da construção dos questionários e da escolha dos dados estará descrita no último capítulo metodológico. Fizemos essa opção, pois, gostaríamos de deixar essa seção como um espaço para discussão teórica e dos dados. A reflexão sobre o fazer metodológico e os detalhes de toda a coleta de dados, escolhas



## Dados sobre o avô paterno dos alunos

Na tabela abaixo, vemos que a profissão da maioria dos avós entre os antigos alunos da UFSCar empata em porcentagem (26,9%) entre profissionais liberais e trabalhadores do campo. Em segundo lugar (23%), temos as profissões técnicas. Já entre os alunos recém-formados, temos os profissionais de formação técnica em primeiro lugar (30%), seguidos de profissionais liberais e empresários respectivamente.

**Tabela 33 - Profissão dos avós paternos dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Pequenos e grandes empresários</b>	4	15,38	14	19,44	18	18,37
<b>Profissionais liberais (formação universitária)</b>	7	26,92	13	18,06	20	20,41
<b>Profissionais (formação técnica)</b>	6	23,08	22	30,56	28	28,57
<b>Profissões liberais da saúde física e mental</b>	.	.	3	4,17	3	3,06
<b>Consultores</b>	.	.	1	1,39	1	1,02
<b>Funcionário público de baixo escalão e professores escolares</b>	1	3,85	6	8,33	7	7,14
<b>Profissionais de bancos</b>	.	.	3	4,17	3	3,06
<b>Profissões docentes</b>	1	3,85	.	.	1	1,02
<b>Gestores de empresas</b>	.	.	1	1,39	1	1,02
<b>Funcionários públicos de alto escalão</b>	.	.	3	4,17	3	3,06
<b>Militares, coronel, marinha</b>	.	.	2	2,78	2	2,04
<b>Trabalhador do campo</b>	7	26,92	4	5,56	11	11,22
<b>Total</b>	26	100,00	72	100,00	98	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Na nova recodificação<sup>100</sup>, que se encontra na tabela anexa de número 44, vemos que a maioria dos avós (46%) dos antigos alunos da UFSCar eram profissionais liberais. Em

---

critérios para a recodificação ficam a cargo de nosso capítulo metodológico. Acreditamos que, dessa forma, o leitor poderá compreender melhor a análise principal realizada na tese: análise de correspondência múltipla.

<sup>100</sup> O processo de recodificação dos dados ou o processo de nomear e renomear as variáveis é, hoje, um processo pessoal que parte da subjetividade do pesquisador. Por isso, o sociólogo deve pensar em todo e qualquer tipo de repercussão que terá a sua recodificação dos dados. Nesse sentido, Desrosières (1989) ressalta que necessitamos

segundo lugar (30%), vemos os técnicos da cidade ou técnicos rurais. Entre os alunos recém-formados da mesma universidade, temos a maioria técnicos da cidade ou técnicos rurais, subsequente de profissionais liberais (23%), e empresários (19%) de forma respectiva.

Nesse aspecto, há uma diferença entre as profissões dos pais dos antigos e novos alunos sendo que pela primeira vez na hierarquia das profissões mais bem pagas, os antigos alunos se saem melhor sendo que seus pais são em maior porcentagem profissionais liberais<sup>101</sup>. Já entre os alunos recém-formados, temos uma inversão: o maior número de pais são técnicos.<sup>102</sup> Abaixo, temos os dados sobre os avós paternos dos alunos da USP. Podemos perceber que a maioria deles (30%) é constituída de profissionais de formação técnica, seguida de empresários (17%) profissionais liberais (15%) respectivamente.

**Tabela 34 - Profissão dos avôs paternos dos alunos da USP**

	N	%
<b>Pequenos e grandes empresários</b>	9	17,31
<b>Profissionais liberais (formação universitária)</b>	8	15,38
<b>Profissionais (formação técnica)</b>	16	30,77
<b>Profissões liberais da saúde física e mental</b>	4	7,69
<b>Funcionário público de baixo escalão e professores escolares</b>	6	11,54
<b>Profissionais de bancos</b>	1	1,92
<b>Profissões docents</b>	2	3,85
<b>Gestores de empresas</b>	1	1,92
<b>Trabalhador do campo</b>	5	9,62

Fonte: dados da pesquisa.

Na segunda recodificação, que se encontra na tabela anexa de número 46, vemos que 40% dos avós são técnicos da cidade ou rurais, o segundo lugar (23%) é destinado a profissionais liberais e, no terceiro lugar, há um empate entre os empresários e funcionários públicos. Observamos, portanto, que na USP e na UFSCar, apenas os antigos alunos da

---

de uma estatística que insista na eliminação de diversas nomenclaturas. Isso se justifica porque se cada país constrói a sua nomenclatura a respeito de suas próprias histórias, a generalização estatística fica prejudicada. Para que as coisas descritas pela estatística sejam sólidas e se sustentem, faz-se necessário “classes de equivalência” mediante objetos distintos.

<sup>101</sup> Profissionais liberais (formação universitária) citados: advogado, engenheiro, contador, economista, analista de sistemas e psicólogo. Profissões liberais da saúde física e mental citados: médico, enfermeiro, fisioterapeuta, terapia ocupacional, dentista e psiquiatra.

<sup>102</sup> Dentre os profissionais de formação técnica, destacamos: pintor, encarregado de obras, operador de máquinas, vendedor de feira, vendedor, torneiro mecânico, cobrador de ônibus, mecânico, pedreiro e sapateiro.

UFSCar tinham seus avós com profissões de renome, como a dos profissionais liberais. Atualmente, esse quadro muda um pouco, pois tanto os avós dos alunos recentes da UFSCar como os da USP são profissionais técnicos. Percebemos, nesse ponto, que ocorre um processo real de ascensão social de uma geração para outra. Já na geração seguinte, a maioria dos pais dos alunos da UFSCar e da USP são profissionais liberais.

No que diz respeito aos avós paternos dos alunos da universidade particular, 40% foram profissionais com formação técnica, o que coincide com o percentual de trabalhadores do campo e os empresários perfazem apenas 20%. Atentamos ao fato de que apenas cinco dos alunos responderam essa questão, os demais alegam não ter conhecimento sobre o trabalho de seus avós, o que demonstra os “laços fracos” vinculados à geração anterior a seus pais.

**Tabela 35 - Profissão dos avôs paternos dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Pequenos e grandes empresários</b>	1	20,00
<b>Profissionais (formação técnica)</b>	2	40,00
<b>Trabalhador do campo</b>	2	40,00

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito à segunda recodificação, que se encontra na tabela anexa de número 48, disponível para consulta no apêndice um, temos que 80% dos entrevistados respondem que seus avós são técnicos da cidade ou técnicos rurais e somente um respondeu que seu avô era empresário. Novamente, temos um número muito reduzido de alunos que respondeu essa questão, somente cinco alunos, os demais não tinham informações a respeito do trabalho de seus avós ou simplesmente não responderam a questão.

### Dados sobre os pais dos alunos

**Tabela 36 - Tipo de trabalho dos pais dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Pequenos e grandes empresários<sup>103</sup></b>	5	18,52	12	12,24	17	13,60

<sup>103</sup> Onde se vêem empresários podemos encontrar a categoria patrões na análise de correspondência múltipla. A denominação de patrões é muito usada na França e acabamos nos atentando a este detalhe. Uma vez já feita a

<b>Profissionais liberais (formação universitária)</b>	11	40,74	32	32,65	43	34,40
<b>Profissionais (formação técnica)</b>	2	7,41	11	11,22	13	10,40
<b>Profissões liberais da saúde física e mental</b>	2	7,41	15	15,31	17	13,60
<b>Consultores</b>	.	.	1	1,02	1	0,80
<b>Funcionário público de baixo escalão e professores escolares</b>	2	7,41	6	6,12	8	6,40
<b>Profissionais de bancos</b>	2	7,41	9	9,18	11	8,80
<b>Profissões docents</b>	1	3,70	4	4,08	5	4,00
<b>Gestores de empresa</b>	2	7,41	7	7,14	9	7,20
<b>Funcionários públicos de alto escalão</b>	.	.	1	1,02	1	0,80
<b>Total</b>	27	100,00	98	100,00	125	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Na primeira tabela, para os pais dos antigos alunos da UFSCar, temos que 40,7% são profissionais liberais, 18,5% são pequenos e grandes empresários e 7,41% é o percentual que empata as seguintes profissões: profissionais técnicos, profissionais liberais da saúde física e mental, funcionários públicos de baixo escalão, professores escolares, profissionais de bancos e gestores de empresas. Somente 3,7% se classificam dentro das profissões docentes.

Já entre os alunos recém-formados da mesma instituição, 32,6% são pais que exercem a ocupação de profissionais liberais, 15% são profissionais da saúde física e mental, seguidos de 12% que representam os pequenos e grandes empresários, 11% dos pais com formação técnica, 9% são profissionais de bancos, 7% são gestores de empresas, 6% são profissionais públicos de baixo escalão ou professores escolares, 4% são docentes e, por fim, apenas 1% perfaz o percentual de pais consultores e funcionários públicos de alto escalão (o que totaliza apenas um indivíduo para cada uma dessas categorias).

Em um segundo momento, recodificamos as categorias em outras menores que se encontram na tabela anexa de número 50, disponível para consulta no apêndice um, Temos que, entre os alunos antigos UFSCar, 48% dos pais são profissionais liberais, 18,52% configura percentual de empate entre empresários e funcionários públicos (lembrando que a maioria deles são profissionais de baixo escalão) e, posteriormente, há outro empate percentual entre os pais que são técnicos e gestores/consultores.

---

análise de correspondência múltipla, não poderemos refazê-la novamente a fim de modificar somente esta palavra por não possuímos tempo hábil. A análise de correspondência foi iniciada no ano de 2013 na França e depois continuidade a ela no Brasil até o final do ano de 2014. Nesse caso, vemos a figura do empresário como aquele que tem seu próprio negócio, mas também os que correspondem a essa função mesmo que sejam funcionários dependentes (SCHUMPETER, 1985, p. 54)

Para o grupo dos alunos recém-formados, a maioria (45,9%) é de pais profissionais liberais, seguida de 20,4% de funcionários públicos, 12,24% de empresários e técnicos (empate percentual para ambas as profissões) e, por último, 9% são consultores/gestores.

Percebemos, portanto, que entre os antigos alunos e os alunos recentes predominam os pais profissionais liberais. Em segundo lugar, estão os filhos de funcionários públicos para ambos, mas há a diferença de que existia a mesma porcentagem de pais que eram (empresários) para os antigos alunos. Atualmente, essa porcentagem declinou para 12%, tendo sido substituída pela porcentagem de pais que são técnicos (12% coincidentemente). Desse modo, podemos salientar que ocorre uma mudança e uma inserção dos pais com profissões mais subalternas no ano de 2013, ano no qual o reflexo da reserva de vagas pode ter sido o responsável por essa alteração percentual. Lembramos que se alteram os percentuais de pais com profissões técnicas, mas não se altera o percentual de alunos negros na universidade UFSCar.

Na tabela anexa de número 51, disponível no apêndice um, temos os percentuais de pais que trabalham no setor público e privado da UFSCar. Entre os alunos antigos, temos que a maioria (73,3%) ocupação setor privado e 26,6% ocupam o setor público. Já entre os alunos recém-formados, ocorre o mesmo: a maioria (76%) ocupa o setor privado, 19,6% ocupam o setor público, porcentagem essa inferior ao índice percentual dos pais dos antigos alunos que ocupavam o setor público. Os setores mistos são ocupados por 4% dos pais dos alunos recém-formados. Os percentuais elevados para o setor privado se explicam pelo fato de que maioria dos pais são profissionais liberais, empresários e funcionários públicos entre os antigos alunos e, entre os alunos recém-formados, há profissionais liberais e funcionários públicos. O que é interessante é que, em um dado momento, a categoria dos empresários é a segunda profissão mais citada dos pais dos antigos alunos, porém, passou a cair, recentemente, com os alunos recém-formados. Ademais, essa observação dá abertura para competir percentualmente com os pais técnicos (categorias que passam para terceiro lugar na escala de porcentagem.)

**Tabela 37 - Trabalho dos pais dos alunos da USP**

	N	%
<b>Pequenos e grandes empresários</b>	13	28,89
<b>Profissionais liberais (formação universitária)</b>	16	35,56

<b>Profissionais (formação técnica)</b>	2	4,44
<b>Profissões liberais da saúde física e mental</b>	5	11,11
<b>Profissionais de bancos</b>	1	2,22
<b>Profissões docentes</b>	2	4,44
<b>Gestores de empresa</b>	5	11,11
<b>Funcionários públicos de alto escalão</b>	1	2,22
<b>Total</b>	45	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Dos pais dos entrevistados da USP, a profissão com maior porcentagem (35,5%) é a dos profissionais liberais. Em segundo lugar (28,8%), temos os pequenos e grandes empresários, seguidos dos profissionais de saúde física e mental juntamente com os gestores de empresa (11%). Em quarto lugar (4%), empatam as porcentagens dos profissionais técnicos e docentes e, em quinto lugar (2,2%), temos os profissionais de bancos e os funcionários de alto escalão.

Na tabela recodificada anexa de número 53, disponível no apêndice um, temos a maioria (46,6%) dos pais como profissionais liberais, 28,8% de pais empresários, 11,11% de pais consultores e gestores de empresas, 8,8% de pais funcionários públicos e, por fim, 4,4% de pais técnicos.

Temos, aqui, uma informação importante que difere da UFSCar que pode ser um dado importante para a nossa hipótese de pesquisa: depois das profissões dos profissionais liberais e empresários, que também são as mais citadas entre os alunos da UFSCar, a opção de funcionário público é menor representada na USP. No lugar dela, entram os consultores e gestores de empresas. Esse fato pode ser considerável quando chegarmos aos dados das profissões escolhidas pelos entrevistados depois de formados. O número de pais técnicos, comparados com o número da UFSCar, é somente de dois pais, um número muito reduzido já que na UFSCar temos 12 pais técnicos entre os alunos recém-formados. Já o número de funcionários públicos que aparece é de quatro (funcionário de banco, dois docentes e um de alto escalão), o que perfaz um perfil distinto dos pais funcionários públicos da UFSCar. Esses, em sua grande maioria, eram funcionários de baixo escalão<sup>104</sup> e professores escolares. Portanto, na hierarquia de profissões dos pais, a USP também se coloca à frente no que diz

<sup>104</sup> Os funcionários de baixo escalão categorizamos como: funcionário público de baixo agente de organização escolar, professor da rede pública, policial, professores escolares, etc. Os funcionários de alto escalão seriam: auditores da receita federal e demais cargos com altos salários.

respeito aos pais dos alunos da UFSCar, classificados em outras categorias além dos profissionais liberais e dos empresários.

Já sobre o setor de trabalho dos pais dos alunos da USP, encontrado na tabela anexa de número 54, temos que 78,6% dos pais trabalham no setor privado, enquanto que 20% trabalham no setor público e somente 1% trabalha em ambos os setores. Esses últimos dados não se diferenciam muito dos percentuais dos alunos da UFSCar. No caso dessa última tabela, o número de funcionários públicos é maior, pois, os respondentes que optaram por não informar a profissão do pai responderam somente a opção do tipo de setor, escolhendo as opções de setor público ou privado.

**Tabela 38 - Trabalho dos pais dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Pequenos e grandes empresários</b>	1	9,09
<b>Profissionais liberais (formação universitária)</b>	1	9,09
<b>Profissionais (formação técnica)</b>	9	81,82

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre os alunos da universidade particular, 81% dos pais têm formação técnica, 9% são profissionais liberais com formação universitária (apenas um deles) e 9% alegam ter pais pequenos ou grandes empresários (apenas um deles). Os cinco alunos restantes não responderam a questão. Já com a segunda recodificação, que se encontra na tabela anexa de número 56, dos alunos que responderam a questão, 81% dos pais são técnicos, 9% (apenas um deles) são profissionais liberais e 9% (apenas um também) são empresários. Nesse caso, cinco alunos não responderam a questão.

No que diz respeito ao tipo de trabalho dos pais dos alunos da universidade particular, que se encontra na tabela anexa de número 57, disponível no apêndice um, temos que a maioria deles (92%) tem trabalho privado e 7% tem trabalho no setor público. Nesse caso, três alunos não responderam essa questão.

### **Dados sobre as mães dos entrevistados**

**Tabela 39 - Trabalho das mães dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Pequenas e grandes empresárias</b>	1	3,70	10	10,53	11	9,02
<b>Profissionais liberais (formação universitária)</b>	7	25,93	23	24,21	30	24,59
<b>Profissionais (formação técnica)</b>	2	7,41	8	8,42	10	8,20
<b>Profissões liberais da saúde física e mental</b>	1	3,70	16	16,84	17	13,93
<b>Consultoras</b>	.	.	2	2,11	2	1,64
<b>Funcionária pública menor escalão e professoras de colégio</b>	3	11,11	15	15,79	18	14,75
<b>Profissionais de bancos</b>	.	.	6	6,32	6	4,92
<b>Profissões docentes</b>	5	18,52	2	2,11	7	5,74
<b>Gestores de empresas</b>	1	3,70	3	3,16	4	3,28
<b>Trabalha em casa</b>	7	25,93	10	10,52	17	13,93
<b>Total</b>	27	100,00	95	100,00	122	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Temos que 25,93% das mães dos antigos alunos da UFSCar eram profissionais liberais e exatamente a mesma porcentagem trabalha em casa com atividades domésticas. Em segundo lugar, temos 18,52% das mães como docentes, 11% são funcionárias públicas de menor escalão ou professoras escolares, 7,4% possuem profissões técnicas, 3,7% são gestoras de empresariais e 3,7% são empresárias (apenas um indivíduo para cada categoria).

Já entre os alunos recém- formados da mesma instituição, temos que 24,2% das mães são profissionais liberais, 16,8% são profissionais liberais da saúde física e mental, 15,7% são funcionárias de menor escalão e professoras de colégios, há um empate percentual (10,53%) entre empresárias e profissionais do lar, 8,4% são técnicas, 6,3% são profissionais de bancos, 3,16% são gestoras de empresas e 2,11% são docentes e consultoras.



Podemos perceber que as profissões das mães dos alunos recém-formados são muito mais dispersas em porcentagem, sendo que o cenário se modificou, recentemente, pois a porcentagem de mães que eram do lar caiu de 25,9% para 10,52%. O número de empresárias aumentou de 3,7% para 10,52% e o número de mães docentes caiu de 18% para 2,11%. Portanto, percebe-se, que o cenário tem se modificado para as mulheres mães dos engenheiros de produção, de modo que as profissões do mercado estão entre as mais citadas, caindo radicalmente o número de mulheres que trabalhavam no lar.

Já na segunda recategorização, que se encontra na tabela anexa de número 59, disponível para consulta no apêndice um, temos que para os antigos alunos da UFSCar, a maioria das mães (29,6%) continua a ser profissionais liberais, o que coincide com porcentagem é de funcionárias públicas. Em seguida, temos 25,9% de mulheres que trabalham no lar, 7,4% são técnicas e, por fim, há um empate percentual (3,7%) de mães empresárias e mães consultoras. Para as mães dos alunos recém-formados da UFSCar, temos 40% de profissionais liberais, 26,3% funcionárias públicas, 11,5% trabalham em casa, 8,42% são empresárias e profissionais técnicas e 5% são consultoras/gestoras. Portanto, nos dois momentos, há a predominância de mulheres profissionais liberais, seguidas de funcionárias públicas. Porém, no segundo momento, cai radicalmente o número de mulheres que trabalham no lar e cresce o número de empresárias e consultoras. Por isso, percebemos que a mulher passa a fazer parte integrante do mercado de trabalho fortemente em um segundo momento.

Sobre o tipo de trabalho das mães dos alunos da UFSCar, observado a tabela anexa de número 60, disponível para consulta no apêndice um, temos que, entre os alunos antigos, 53% das mães estão no setor privado, enquanto que 46,8% estão no setor público. Para os alunos recém-formados da mesma instituição, temos que 69% de suas mães estão inseridas no setor privado e 30% estão nos setores públicos. Mas a diferença ou aumento das mulheres no setor privado se dá no momento mais recente.

**Tabela 40 - Trabalho das mães dos alunos da USP**

	N	%
<b>Pequenas e grandes empresárias</b>	3	6,98
<b>Profissionais liberais (formação universitária)</b>	16	37,21
<b>Profissionais (formação técnica)</b>	2	4,65
<b>Profissões liberais da saúde física e mental</b>	6	13,95
<b>Funcionária pública de menor escalão e professoras de colégio</b>	1	2,33

<b>Profissionais de bancos</b>	1	2,33
<b>Profissões docents</b>	2	4,65
<b>Gestoras de empresas</b>	2	4,65
<b>Trabalha em casa</b>	8	18,60
<b>Funcionárias públicas de alto escalão</b>	2	4,65
<b>Total</b>	40	100%

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito às mães dos alunos da USP, a maior parte delas (37,2%) são profissionais liberais também. Em segundo lugar (18,6%) temos trabalhadoras do lar, 13% são profissionais liberais da saúde, 6,9% são pequenas e grandes empresárias e 4,65% corresponde às porcentagens das técnicas, gestoras de empresa, das docentes e das funcionárias públicas de alto escalão. Já 2,33% são funcionárias públicas de menor escalão e profissionais de bancos. A tabela anexa de número 63, disponível para consulta no apêndice um, sobre o tipo de setor em que as mães dos alunos da USP trabalham, nos mostra que o percentual de mulheres no setor privado continua superior a 70,3%, enquanto que, no setor público, essa porcentagem é de 25%. A porcentagem das mães que trabalha em ambos os setores é de apenas 3%.

Na segunda recodificação, que se encontra na tabela anexa de número 62, disponível para consulta no apêndice um, temos que 51% das mães são profissionais liberais, 18,6% trabalham em casa, 13,9% são funcionárias públicas, 6% são empresárias e 4,6% são as consultoras/gestoras e técnicas. Percebemos, portanto, um grande número de mulheres que trabalha no lar entre as mães dos alunos da USP (a segunda maior porcentagem). As empresárias e gestoras ficam entre as menores porcentagens. No que diz respeito às mães dos alunos da UFSCar temos, pela primeira vez, uma visão hierárquica das mães dos alunos dessa instituição acima das mães dos alunos da USP no quesito profissional: as maiores porcentagens são as mesmas (de profissionais liberais), mas a segunda maior porcentagem das mães de alunos da USP é de mulheres que trabalham no lar, enquanto que, na UFSCar, é a porcentagem de funcionárias públicas.

Posteriormente, na UFSCar, surgem as técnicas e empresárias, sendo as últimas as consultoras e gestoras, tanto na USP quanto na UFSCar. Ao mesmo tempo, devemos olhar para o número de mulheres que trabalham em casa que possuem filhos na USP com um “olhar

relacional”, pois, talvez o fato de não trabalharem seja justamente devido aos mais altos salários de seus maridos, cujos filhos são alunos da Poli.<sup>105</sup>

De acordo com Santos e Diniz (2011), as diferentes situações socioeconômicas entre as mulheres diferenciam suas experiências e representações no trabalho doméstico. As entrevistadas de classe mais alta afirmam que suas tarefas se circunscrevem a administrar a casa, as finanças e a saúde da família. A entrevistada de classe média se classifica como uma gerente da família, já que administra os gastos familiares. Já a dona de casa de classe mais baixa, quando entrevistada, relata há uma intensa carga de trabalho pesado (lavar, passar, cuidar da casa e cozinhar) dentre suas atividades, além de não possuir horas de lazer.<sup>106</sup>

Outra autora que discute o tema é Hakim (2000), partindo da teoria das preferências (que já citamos na primeira seção) e da agência para afirmar que as escolhas das mulheres com relação à vida profissional são heterogêneas e não padronizadas, pois há uma escolha racional. Ela afirma que não existe uma relação que determine a opção para desenvolvimento de uma atividade profissional entre mulheres mais jovens e escolarizadas. De acordo com a autora, é plenamente viável que as mulheres optem por “carreira matrimonial”. Essas mulheres são descritas pela autora como:

Grupo minoritário. A família, e em particular os/as filhos/as, são o elemento central da vida destas mulheres. Estas preferem um estilo de vida que não passe pela participação no mercado de trabalho. As habilitações/qualificações obtidas destinam-se a satisfazer um projecto de enriquecimento pessoal (ou a conseguir um bom casamento no mercado matrimonial). Estas mulheres não são necessariamente "domésticas", podendo, inclusivamente, **dispor de pessoal contratado para realizar as lides de casa**, incluindo os cuidados básicos com os/as filhos/as. Acompanham escrupulosamente o desenvolvimento escolar destes/as e dedicam-se a cuidar (assegurar) o capital simbólico da família (preparação de festas e de jantares sociais, organização dos tempos de lazer, de férias, gestão do consumo do agregado). Em algumas situações, estas mulheres podem desempenhar actividades voluntárias fora de casa, numa óptica de passatempo (*hobby*). Um eventual retorno ao mercado de trabalho, depois do casamento, nunca decorre de uma opção, mas sim de constrangimentos financeiros motivados por situações de divórcio ou de incapacidade do cônjuge/companheiro para trabalhar (desemprego ou doença). (CASACA, 2009, p.12)

---

<sup>105</sup> Nesse sentido, podemos especular várias possibilidades: desde o machismo dos homens que não permite que essas mulheres trabalhem até o fato dessas mulheres realmente não cogitarem a possibilidade do trabalho em função das rendas altas dos seus maridos. Assim, essa questão possibilita novas pesquisas concernentes às mulheres no mercado de trabalho.

<sup>106</sup> Autores como Duran (1983), Madalozzo et al. (2010) e Poeschl (2000) trabalham com as afirmações acima indicando que as mulheres de classes mais altas, quando trabalham em casa, têm como principal tarefa a atividade administrativa sendo que, por muitas vezes, pagam outras pessoas para realizar os serviços domésticos.

Um dado importante, conveniente de reflexão, é que percebemos que a maior parte das mães dos alunos da USP que alega trabalhar possui ensino universitário superior. Já a maior parte das mães dos alunos recém-formados da UFSCar, que diz trabalhar em casa, não possui ensino universitário. Esse fato nos norteia para o diagnóstico da existência de uma distância entre as mães das duas universidades: mães que fizeram o ensino universitário na USP podem ter um significado a elas atribuído muito distinto em relação às suas tarefas no lar e ao seu estilo de vida.<sup>107</sup>

Agora, seguimos com os casos de trabalhos das mães de filhos que estudam na universidade particular. Dos alunos que responderam a questão, 44% (quatro mães) mães têm formação técnica, 44% (quatro mães também) mães trabalham no lar e somente 11% (uma mãe) são empresárias. Lembramos que sete alunos não responderam essa questão. Sobre a segunda recodificação, temos as mesmas porcentagens da tabela anterior, razão pela qual decidimos que essa tabela ficará disponível nos apêndices para consulta.

**Tabela 41 - Trabalho das mães dos alunos da universidade particular**

	N	%
Pequenas e grandes empresárias	1	11,11
Profissionais (formação técnica)	4	44,44
Do lar	4	44,44

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito ao tipo de trabalho e setor que trabalham as mães dos alunos da universidade particular, com dados disponíveis na tabela de número 65 apêndice, 42% (três mães) das mães têm empregos públicos e 57% (quatro mães) das mães trabalham no setor privado. Os nove alunos restantes não responderam a questão. Mesmo com o número baixo de respondentes, seguindo as demais questões sobre escolaridade, percebemos que a maior parte das mães possui nível técnico.

<sup>107</sup> Podemos perceber que a nossa análise quantitativa pode nos fornecer dados importantes para refletirmos sobre as diferentes variáveis. Nesse caso, não entrevistamos as mães dos alunos das universidades, mas conseguimos ter apontamentos bastante significativos sobre suas atuações no mercado de trabalho e, especificamente nesse caso, sobre suas “não-atuações” no mercado de trabalho, que podem nos trazer algumas reflexões importantes.

### 3.10 Os profissionais liberais para Pierre Bourdieu

De acordo com Pierre Bourdieu (2008), os profissionais liberais, na França, se distinguem dos novos burgueses que tem o intuito de ascender socialmente e que se destacam por seu “espírito ambicioso”. Esses profissionais possuem capital econômico e capital cultural, instruem seus filhos, têm gastos materiais expressivos, além de serem detentores de capital social, o que inspira confiança para as classes mais altas da sociedade.

Quanto ao capital cultural desses profissionais, a prática regular de esportes é algo bastante expressivo (tênis, esqui e equitação), eles visitam mais feiras de exposições do que museus, frequentam muito teatros burgueses e de variedades, além de rejeitarem as músicas vulgares. Quanto ao capital econômico, se dedicam ao lazer, investem em automóveis, frequentam coquetéis de negócios, possuem uma despesa elevada com alimentação saudável e leve e usufruem do luxo: é a fração de classe que mais gasta com apresentação e representação.

Esse perfil dos profissionais liberais franceses se assemelha bastante aos perfis dos pais dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo e se afasta um pouco do perfil dos pais dos alunos da UFSCar. Apesar dos pais dos alunos da UFSCar serem, em sua maioria, profissionais liberais, suas rendas e mesmo o capital cultural são mais baixos do que os que se referem aos pais dos alunos da USP.

Contudo, a questão mais interessante que ressalta a diferença entre os profissionais liberais franceses e os profissionais liberais brasileiros, no caso específico dos engenheiros de produção estudados, é o fato de que os profissionais liberais franceses são, em termos de origem social, provenientes em grande parte (70%) das classes superiores e provenientes em menor parte (26%) das classes médias. No caso dos engenheiros de produção e das instituições estudadas, os avós são provenientes das classes populares, sendo que a maior parte deles exercia profissão técnica.

Por isso, reiteramos a asserção de Carvalho (2003), que afirma que o Brasil se diferencia por não existir uma relação exata no que diz respeito à origem social até mesmo das classes mais endinheiradas, pois a elite brasileira, que não passou por um processo de revolução burguesa, é recrutada de diversas partes e diversas frações de classe. Essa dada elite só consegue firmar os seus alicerces a partir do processo de socialização e treinamento. Esse dado contribui para refletirmos sobre motivos pelos quais visualizamos o “ecletismo” inscrito nos comportamentos das classes mais altas no Brasil. Essa fluidez colabora para a exibição de

uma singularidade própria ao nosso país, além de uma abertura maior para o surgimento de casos excepcionais, que não seguem a mesma lógica francesa apontada por Bourdieu (2008) no que diz respeito à origem social.

### 3.11 O capital escolar: ainda trabalhando com as variáveis de origem social

Optamos por trabalhar com duas categorizações para a escolaridade dos pais e dos avós, de forma que tivéssemos uma mais completa para os dados descritivos e outra mais enxuta para dar continuidade à análise de correspondência múltipla.

#### Escolaridade dos avós dos alunos

Veremos, agora, como se dispõe a escolaridade dos avós paternos dos alunos das universidades estudadas. Temos que a maior porcentagem de avós dos antigos alunos tem ensino universitário completo, enquanto 25% também possuem ensino universitário entre os alunos recém-formados. O interessante é que 41% dos alunos não sabiam o significado da palavra titulação e recorriam às opções de respostas que não condiziam com a pergunta.

**Tabela 42 - Escolaridade do avô paterno dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Analfabeto</b>	3	18,75	1	4,17	4	10,00
<b>Ensino fundamental</b>	6	37,50	5	20,83	11	27,50
<b>Ensino médio</b>	.	.	2	8,33	2	5,00
<b>Universitário</b>	7	43,75	6	25,00	13	32,50
<b>Não sabe o que é titulação</b>	.	.	10	41,67	10	25,00
<b>Total</b>	16	100,00	24	100,00	40	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Na segunda recodificação, que se encontra disponível na tabela de número 67 anexa, temos que 50% dos avós paternos dos alunos antigos da UFSCar cursaram ensino universitário, os outros 50% cursaram ensino médio e fundamental ou são analfabetos. Já

entre os alunos recém- formados da mesma instituição, 57% dos avós possuem ensino fundamental, médio ou são analfabetos e 42% possuem ensino universitário. Essas porcentagens refletem a disposição das profissões dos avós paternos anteriormente descritos, já que os alunos recém-formados possuíam avós como técnicos urbanos ou rurais em primeiro lugar, seguidos, em segundo lugar, por profissionais liberais. Já entre os antigos, a maioria dos avós era profissional liberal.

**Tabela 43 - Escolaridade dos avós paternos dos alunos da USP**

	N	%
<b>Analfabeto</b>	2	9,09
<b>Ensino fundamental</b>	2	9,09
<b>Ensino médio</b>	1	4,55
<b>Universitário</b>	15	68,18
<b>Não sabe o que é titulação</b>	2	9,09

Fonte: dados da pesquisa.

Dos alunos da USP, a maioria dos avós (68%) cursou o ensino universitário. Já na segunda recodificação, que se encontra disponível na tabela de número 69 no apêndice um, temos que 71% dos avós dos alunos da USP cursaram ensino universitário e apenas 23% cursaram ensino básico. Essas referências nos revelam que os avós dos alunos da USP são mais escolarizados do que os avós dos alunos recém-formados da UFSCar.

Percebemos que os avós paternos dos alunos da USP carregam consigo, em sua maioria, diplomas do ensino superior, o que possivelmente influenciou a escolarização e a posição ocupada por seus filhos e netos. Dentro dessa perspectiva, Almeida (2003, p.140) afirma que:

No que diz respeito à formação de grupos dirigentes, as fronteiras que os colégios estão encarregados de demarcar tem geralmente como função afirmar o direito desses grupos a uma proporção maior dos recursos produzidos pela sociedade. O diploma que garante a entrada num curso prestigiado, oferecido por uma universidade dominante, assim como as posições de comando que serão chamados a ocupar exercem aqui um efeito de confirmação da posição social ocupada pelas famílias [...]

Sobre a titulação dos avós paternos dos alunos da universidade particular, nenhum dos alunos respondeu essa questão. Cremos que essa ausência de respostas se justifica, possivelmente, por muitos desconhecerem a titulação de seus avôs e por outros ignorarem o

significado da palavra “titulação” – o que também ocorreu em outras universidades, porém com menor frequência.

### Escolaridade dos pais

Sobre os pais dos antigos alunos da UFSCar, 69% cursaram o ensino superior completo, 9% frequentaram o ensino médio, 6,6% estudaram o ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo e ensino médio incompleto 3% apresentam ensino superior incompleto.

**Tabela 44 - Escolaridade dos pais dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Ensino fundamental incompleto (1ª, a 8ª, série)</b>	2	6,06	6	5,04	8	5,26
<b>Ensino fundamental completo (1ª, a 8ª, série)</b>	2	6,06	1	0,84	3	1,97
<b>Ensino médio incompleto</b>	2	6,06	2	1,68	4	2,63
<b>Ensino médio completo</b>	3	9,09	13	10,92	16	10,53
<b>Ensino universitário incompleto</b>	1	3,03	9	7,56	10	6,58
<b>Ensino universitário completo</b>	23	69,70	88	73,95	111	73,03
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre os dados escolares dos pais dos alunos recém-formados da UFSCar, a maioria (73,9%) cursou ensino superior completo, 10,9% fizeram o ensino médio completo, 7,5% possui o ensino universitário incompleto, 5,04% fizeram ensino fundamental incompleto, 1,6% fizeram o ensino médio incompleto e 0,8% realizaram o fundamental completo. Visualizamos que o número de pais com ensino superior completo aumentou e o número de pais com ensino fundamental e médio diminuiu.

No que diz respeito à segunda recodificação, disponível para consulta na tabela de número 71 no apêndice um, temos que 72% dos pais dos antigos alunos da UFSCar cursaram o ensino universitário e 27% frequentaram somente o ensino fundamental e médio. Entre os alunos recém-formados, os pais de 81,5% cursaram o ensino universitário e somente 20% cursaram o ensino fundamental e médio.



Sobre a primeira versão da tabela a respeito da escolaridade dos pais dos alunos da USP, temos que a maior parte deles (77%) realizou o ensino universitário completo e somente 11% realizaram o ensino médio completo.

**Tabela 45 - Escolaridade dos pais dos alunos da USP**

	N	%
<b>Ensino médio completo</b>	9	11,84
<b>Ensino universitário incompleto</b>	8	10,53
<b>Ensino universitário completo</b>	59	77,63

Fonte: dados da pesquisa.

Concernente à segunda recodificação dos alunos da USP, disponível para consulta na tabela de número 73 no apêndice um, temos que 92,7% dos pais cursaram o ensino universitário e apenas 8,2% cursaram o ensino fundamental e médio. Ou seja, para a USP, o número de alunos no ensino universitário é maior do que o de pais da UFSCar e a porcentagem de pais que fizeram somente o ensino fundamental e médio é muito menor do que a porcentagem dos pais que fizeram esse mesmo nível de ensino na UFSCar (que foi de 18%). Portanto, concluímos que os pais dos alunos da USP possuem um nível de escolarização maior do que os pais dos alunos da UFSCar.

No que diz respeito aos estudos dos pais dos alunos da UFSCar, podemos dizer que, de acordo com a tabela abaixo, a maioria (91%) dos pais dos alunos antigos e dos pais dos alunos recém-formados (63%) estudaram em escolas públicas durante o ensino médio.

**Tabela 46 - Tipo de instituição que os pais dos alunos da UFSCar estudaram no ensino médio**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Pública</b>	11	91,67	23	63,89	34	70,83
<b>Particular</b>	1	8,33	11	30,56	12	25,00
<b>Não sabe</b>	.	.	2	5,56	2	4,17
<b>Total</b>	12	100,00	36	100,00	48	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Já no que diz respeito à graduação dos pais dos alunos antigos, a maioria cursou universidades públicas do estado de São Paulo, seguidos de pais que cursaram faculdades particulares também no estado de São Paulo. Já entre os alunos recém-formados a maior porcentagem corresponde aos pais que fizeram a graduação em universidades públicas seguidos pelos pais que fizeram graduação em universidades particulares. .

**Tabela 47 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da UFSCar estudaram**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Federal de SP</b>	2	11,11	8	11,11	10	11,11
<b>Pública RJ</b>	1	5,56	2	2,78	3	3,33
<b>Federais outros estados</b>	.	.	6	8,33	6	6,67
<b>Estadual SP</b>	7	38,89	22	30,56	29	32,22
<b>Estadual outros estados</b>	1	5,56	1	1,39	2	2,22
<b>Particular estado SP</b>	6	33,33	31	43,06	37	41,11
<b>Particular outros estados</b>	1	5,56	2	2,78	3	3,33
<b>Total</b>	18	100,00	72	100,00	90	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a pós-graduação dos pais dos antigos alunos da UFSCar, tem-se que a maioria a realizou em universidades particulares do estado de São Paulo, seguidas de um empate percentual das universidades federais e estaduais do estado de São Paulo. Entre os pais dos alunos recém-formados da mesma instituição, a maioria cursou a pós-graduação em universidades estaduais e, em segundo lugar, ficam os pais que fizeram pós-graduação em universidades particulares. Percebemos que o número de pais que cursou pós-graduação cresceu de cinco dos pais dos alunos antigos alunos para 23 entre os pais dos alunos recém-formados.

**Tabela 48- Tipo de instituição em que os pais dos alunos da UFSCar estudaram na pós-graduação**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Federal de SP</b>	1	20,00	2	8,70	3	10,71
<b>Estadual SP</b>	1	20,00	14	60,87	15	53,57
<b>Particular estado SP</b>	3	60,00	7	30,43	10	35,71
<b>Total</b>	5	100,00	23	100,00	28	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre os alunos da USP, temos que a maior parte de seus pais (52%) estudou o ensino médio em escolas particulares e 48% estudou em escolas públicas. De qualquer forma, os percentuais são muito próximos entre os dois setores.

**Tabela 49 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da USP estudaram no ensino médio médio**

	N	%
<b>Pública</b>	12	48,00
<b>Particular</b>	13	52,00
<b>Total</b>	25	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a graduação dos pais dos alunos da USP, a maior parte deles (38%) estudou em universidades particulares na graduação e, em segundo lugar (36%), vimos que esses pais estudaram em universidades estaduais de São Paulo. Os percentuais também se aproximam muito.

**Tabela 50 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da USP estudaram na graduação**

	N	%
<b>Federais outros estados</b>	5	10,64
<b>Estadual SP</b>	17	36,17

<b>Estadual outros estados</b>	1	2,13
<b>Particular estado SP</b>	18	38,30
<b>Particular outros estados</b>	2	4,26
<b>Outro país</b>	4	8,51
<b>Total</b>	47	100%

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 51 - Tipos de instituição em que os pais dos alunos da USP estudaram na pós graduação**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Pública RJ</b>	1	5,88
<b>Estadual SP</b>	9	52,94
<b>Particular estado SP</b>	7	41,18
<b>Total</b>	17	100%

Fonte: dados da pesquisa.

No caso da pós-graduação, os pais dos alunos da USP estudaram em sua maioria (52%) em universidades estaduais e, em segundo lugar (41%) em universidades particulares.

Essa alta porcentagem dos pais com estudos em universidades particulares nos remete ao estudo de Nogueira (2003), que a autora assinala que em sua pesquisa sobre agentes sociais com alto capital econômico no Brasil, nesse caso, os empresários, os filhos dos entrevistados estudam em grande parte em universidade particulares. Esse fato põe por terra a asserção de que somente os filhos de famílias mais ricas no Brasil se inserem em grande parte em universidades públicas (ditas como as melhores do Brasil). É importante dizer que existem frações de classe distintas, que se classificam como elite no Brasil. Outro caso emblemático é o estudo de Pulici (2010) sobre os grupos de elite em São Paulo, que indica a grande distinção existente entre os moradores do bairro Jardins, que possuem um capital econômico e cultural significativo, e a elite do bairro Alphaville que, de acordo com a autora, “renuncia aos investimentos simbólicos.”

Retomando os dados da presente pesquisa, pode-se dizer que, em comparação com os pais dos alunos da UFSCar, podemos dizer que os pais dos alunos da USP têm um capital escolar melhor, pois metade deles cursou o ensino médio em escolas particulares, enquanto que a maioria dos pais dos alunos da UFSCar fez o ensino médio em escolas públicas.

Pensando sobre a predominância dos colégios particulares entre os pais dos alunos da USP, nos lembramos do artigo intitulado “Um colégio para Elite Paulista”, cujo autor (ALMEIDA, 2003) estudou o perfil de alguns colégios de renome em São Paulo e mostrou a relação existente entre “a auto-reprodução do sistema escolar e da reprodução dos grupos sociais”, uma vez que:

Se uma das razões pelas quais esse encontro pode ser eficaz em termos da contribuição à manutenção do status quo encontra-se na sua possibilidade de permitir o encontro entre as expectativas das famílias e a oferta escolar, a análise do caso brasileiro permite justamente interrogar as implicações do quase monopólio privado da educação necessária para a ocupação de postos de trabalho que se definem pela autonomia e pelo controle. (ALMEIDA, 2003, p.146)

Retomando nossa análise, quanto ao acesso ao ensino superior, o perfil é bastante próximo: ele se divide entre universidades particulares e universidades estaduais do estado de São Paulo. Na pós-graduação, ocorre o mesmo com as duas universidades, os pais se dividem entre os que a cursam em universidades particulares e em universidades do estado de São Paulo. O número de pais que cursou pós-graduação, entre os alunos da USP (47 indivíduos), é bem maior do que o número de pais de alunos da UFSCar que cursaram pós-graduação.

Pelo banco de dados, temos acesso às universidades escolhidas pelos pais dos alunos da USP e vemos que o tipo de universidade que mais se repete como estadual do de São Paulo é a USP e das particulares que se repetem estão a FEI (Faculdade de Engenharia Industrial), FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas), FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), Mackenzie (Universidade Presbiteriana Mackenzie), todos muito bem conceituadas e com mensalidades bastante generosas na esfera das universidades particulares de São Paulo. Há exceções como a FMU, entretanto, que é uma universidade de classe média, com mensalidades mais baratas que as demais.

Sobre a escolaridade dos pais dos alunos da universidade particular temos que, dos alunos que responderam a questão, 80% possuem ensino fundamental e médio e 20% (apenas três deles) possuem ensino universitário. Apenas um aluno não respondeu a essa questão.

**Tabela 52 - Escolaridade dos pais dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Fundamental e médio</b>	12	80,00
<b>Universitário incompleto e completo</b>	3	20,00

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito ao tipo de escola que os pais dos alunos da universidade particular fizeram no ensino médio, temos que 50% fizeram em escolas particulares e 50% em escolas públicas, no entanto somente quatro pessoas responderam a essa questão, ou seja, 12 pessoas não responderam. A maior parte dos alunos foi muito relutante em responder as questões abertas, optando por responder as questões fechadas de múltipla escolha.

**Tabela 53 - Tipo de instituição em que os pais dos alunos da universidade particular estudaram no ensino médio**

	N	%
<b>Pública</b>	2	50,00
<b>Particular</b>	2	50,00

Fonte: dados da pesquisa.

As demais questões sobre a universidade cursada e a pós-graduação não foram respondidas pelos alunos. Somente um dos pais foi indicado como detentor de diploma do ensino universitário completo e dois deles foram indicados como terem frequentado incompletamente o ensino universitário.

### **Escolaridade das mães**

Sobre as mães dos alunos antigos da UFSCar, 50% delas também realizaram ensino universitário completo, enquanto que 28,13% concluíram o ensino médio, seguidas por mães concluintes do ensino fundamental completo (9,3%), mães que cursaram o ensino fundamental incompleto (6,2%) e, finalmente, mães que cursaram ensino universitário incompleto (3%).

**Tabela 54 - Escolaridade das mães dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Ensino fundamental incompleto (1ª, a</b>	2	6,25	5	4,20	7	4,64

<b>8ª, série)</b>						
<b>Ensino fundamental completo (1ª, a 8ª, série)</b>	3	9,38	2	1,68	5	3,31
<b>Ensino médio incompleto</b>	1	3,13	1	0,84	2	1,32
<b>Ensino médio completo</b>	9	28,13	15	12,61	24	15,89
<b>Ensino universitário incompleto</b>	1	3,13	6	5,04	7	4,64
<b>Ensino universitário completo</b>	16	50,00	90	75,63	106	70,20
<b>Total</b>	32	100,00	119	100,00	151	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Já entre as mães dos alunos recém-formados da mesma instituição, a maior porcentagem (75,6%) é de mães com o ensino universitário completo, seguida de mães concluintes do ensino médio (12,6%), mães com ensino universitário incompleto (5%), mães com ensino fundamental incompleto (4%), mães com ensino fundamental completo (1,6) e, por fim, mães com o ensino médio incompleto (0,84%).

Na tabela mais recodificada de número 83, disponível para consulta no apêndice um, ficamos com 56% das mães dos alunos antigos da UFSCar com ensino universitário e 43% das mães com ensino fundamental e médio. Já as mães dos alunos recém-formados da UFSCar se apresentam com a maior porcentagem (80,6%) como concluintes do ensino universitário e, em segundo lugar (19,3%), estão as mães que concluíram o ensino fundamental e médio.

Percebe-se que com relação aos antigos alunos, as mães dos alunos recém-formados são mais escolarizadas. Já com relação aos pais dos alunos recém-formados da UFSCar, as porcentagens são muito próximas ao perfil das mães dos recém-formados. Com relação aos pais dos alunos antigos, eles possuem um perfil um pouco mais escolarizado do que o das mães dos antigos alunos, com porcentagens mais altas no que diz respeito ao ensino universitário.

**Tabela 55 - Escolaridade das mães dos alunos da USP**

	N	%
<b>Ensino fundamental incompleto (1ª, a 8ª, série)</b>	3	3,95
<b>Ensino médio completo</b>	6	7,89
<b>Ensino universitário incompleto</b>	6	7,89
<b>Ensino universitário completo</b>	61	80,26

Fonte: dados da pesquisa.

Com relação à primeira tabela da USP, temos que a maioria das mães dos alunos (80%) fizeram ensino universitário completo e somente 8% fizeram ensino médio completo, mas temos três mães nessa variável que realizaram o ensino fundamental completo. Com relação à segunda recodificação dos alunos da USP, que se encontra na tabela de número 85 no apêndice um, 86% de suas mães fizeram o ensino universitário, sendo que somente 13% delas pararam no ensino fundamental ou médio. A porcentagem de mulheres com ensino superior, portanto, é um pouco maior entre as mães dos alunos da USP.

**Tabela 56 - Tipo de instituição em que a mães dos alunos da UFSCar estudaram no ensino médio**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Pública</b>	11	91,67	25	69,44	36	75,00
<b>Particular</b>	1	8,33	9	25,00	10	20,83
<b>Não sabe</b>	.	.	2	5,56	2	4,17
<b>Total</b>	12	100,00	36	100,00	48	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre o ensino médio das mães dos alunos da UFSCar temos que, entre os antigos alunos, a maioria das mães (91%) fez o ensino médio em escolas públicas. Entre os alunos recém-formados, a maioria de suas mães (69%) também fez o ensino médio em escolas públicas.

**Tabela 57 – Tipo de instituição em que as mães dos alunos da UFSCar estudaram na graduação**

	Grupo		Total
	Alunos antigos	Recém-formados	



	N	%	N	%	N	%
<b>Federal de SP</b>	.	.	7	9,72	7	8,33
<b>Pública RJ</b>	.	.	3	4,17	3	3,57
<b>Federais outros estados</b>	.	.	5	6,94	5	5,95
<b>Estadual SP</b>	5	41,67	19	26,39	24	28,57
<b>Particular estado SP</b>	6	50,00	35	48,61	41	48,81
<b>Particular outros estados</b>	1	8,33	1	1,39	2	2,38
<b>Outro país</b>	.	.	2	2,78	2	2,38
<b>Total</b>	12	100,00	72	100,00	84	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação aos alunos antigos, a maior parte de suas mães (50%) estudou em universidades particulares e 41% estudaram em universidades estadual em São Paulo. Entre os alunos recentes, os dados percentuais continuam os mesmos: a maior parte das mães estudou em universidades particulares, seguidas de universidades estaduais de São Paulo. Percebemos que o quadro educacional vem se repetindo com relação dos pais dos alunos da UFSCar.

**Tabela 58 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da UFSCar estudaram na pós-graduação**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados			
	N	%	N	%	N	%
<b>Federal de SP</b>	.	.	5	33,33	5	27,78
<b>Estadual SP</b>	2	66,67	4	26,67	6	33,33
<b>Particular estado SP</b>	1	33,33	6	40,00	7	38,89
<b>Total</b>	3	100,00	15	100,00	18	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Já sobre a pós-graduação, a maioria das mães dos alunos antigos da UFSCar cursou pós em universidades estaduais e, em segundo lugar, em universidades particulares. Para os alunos recém-formados da mesma instituição, temos que as mães, em sua maioria, fizeram pós em universidades particulares e, em segundo lugar, em universidades estaduais. Devemos ressaltar que somente três mães dos alunos antigos cursaram pós-graduação e esse número cresceu para 15 mães entre os alunos recém-formados.

Quando passamos para as mães da USP, observamos que a metade delas fez o ensino médio em escolas particulares e a outra metade em escolas públicas.

**Tabela 59 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da USP fizeram ensino médio**

	N	%
<b>Pública</b>	11	50,00
<b>Particular</b>	11	50,00
<b>Total</b>	22	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à graduação, a maioria das mães dos alunos da USP se graduou em universidades particulares, seguidas de universidades estaduais do estado de São Paulo. Das universidades citadas na graduação, a estadual mais recorrente é a USP e as particulares mais citadas são a FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas), a PUC e Mackenzie (Universidade Presbiteriana Mackenzie).

**Tabela 60 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da USP fizeram graduação**

	N	%
<b>Federais outros estados</b>	1	2,22
<b>Estadual SP</b>	10	22,22
<b>Estadual outros estados</b>	1	2,22
<b>Particular estado SP</b>	30	66,67
<b>Particular outros estados</b>	1	2,22
<b>Outro país</b>	2	4,44
<b>Total</b>	45	100%

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 61 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da USP fizeram a pós-graduação**

	N	%
<b>Estadual SP</b>	9	64,29
<b>Particular estado SP</b>	5	35,71
<b>Total</b>	14	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à pós-graduação, 14 mães de alunos da UFSCar cursaram em universidades estaduais do estado de São Paulo, seguidas das mães que tiveram acesso a esse mesmo nível escolar em universidades particulares do mesmo estado.

A diferença, portanto, entre as mães dos alunos da UFSCar e as mães dos alunos da USP é a de que a escolarização do ensino médio das mães da USP coloca-se acima na hierarquia, pois a metade delas o fez em escolas particulares. Com relação à graduação e à pós-graduação, a situação nas duas universidades é exatamente a mesma.

No que diz respeito às mães dos estudantes da universidade particular estudada, 86% delas realizaram o ensino fundamental e médio e apenas 13% (duas mães) realizaram o ensino universitário. Apenas um aluno não respondeu essa questão. Constatamos que uma das mães frequentou o ensino universitário e a outra o frequentou incompletamente.

**Tabela 62 - Escolaridade das mães dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Fundamental e médio</b>	13	86,67
<b>Universitário incompleto e completo</b>	2	13,33

Fonte: dados da pesquisa.

Das mães dos alunos da universidade particular que estudaram em escolas públicas, elas perfazem 75% (apenas três delas) e 25% (apenas uma delas) estudaram em escola particular. Como essa questão era aberta, 12 alunos não a responderam.

**Tabela 63 - Tipo de instituição em que as mães dos alunos da universidade particular estudaram no ensino médio alunos da particular**

	N	%
<b>Pública</b>	3	75,00

**Particular** 1 25,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

### Capitais pessoais herdados dos alunos

Passaremos, agora, a algumas características dos alunos que podem ter sido herdadas dos pais ou que atribuem a eles algum caráter de dependência com relação aos seus pais. A primeira delas é a questão que concerne à maior parte da trajetória educacional dos entrevistados, isto é, pesquisamos se ela foi realizada no setor público ou em maior parte no setor privado.

As respostas dos antigos alunos da UFSCar são de que a maior parte deles (51%) fez seus estudos no ensino privado, mas 48% frequentou o ensino público, mostrando que as porcentagens são muito próximas. Entre os alunos recém- formados, a maior parte (80%) estudou em escolas privadas, somente 19% em escolas públicas. Percebemos, então, que esse quadro tem mudado para a maior parte dos estudos em ensino privado atualmente.

**Tabela 64 - Em que tipo de instituição se deu a formação educacional dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Público</b>	16	48,48	23	19,33	39	25,66
<b>Privado</b>	17	51,52	96	80,67	113	74,34
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 65 - Em que tipo de instituição se deu formação educacional dos alunos da USP**

	N	%
<b>Público</b>	13	17,11
<b>Privado</b>	63	82,89
<b>Total</b>	76	100%

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Já entre os alunos da USP, a maior parte de sua escolarização (82%) foi realizada nas escolas privadas e somente 17% a realizou em escolas públicas. O quadro fica bastante próximo às porcentagens dos alunos da UFSCar.

**Tabela 66 - Em que tipo de instituição se deu formação educacional dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Público</b>	10	62,50
<b>Privado</b>	6	37,50

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Dos alunos que estudaram na universidade particular, 62% estudaram em colégios públicos e 37% em escolas particulares. Podemos constatar que na universidade particular temos um número muito mais alto de alunos que estudaram em escolas públicas (dentre os ensinos fundamentais e médios) do que os a os alunos das duas universidades públicas estudadas na pesquisa. No que diz respeito à comparação de seus pais, não podemos fazê-la, pois foram poucos os alunos que responderam a questão sobre o tipo de escola que os pais estudaram.

Observamos um momento que, apesar de parte dos pais dos alunos de ambas as universidades públicas ter estudado em escolas públicas, a grande maioria dos filhos estudou em colégios privados. Enxergamos na escolarização um momento de ascensão social em relação às gerações anteriores. Nesses termos, devemos retomar o argumento de que

[...]os estabelecimentos de ensino devem estar em condições de consolidar os elementos de socialização transmitidas pela família, ou seja, todos esses códigos, maneiras de proceder e de ser que permitem a aceitação da pessoa, ou, simplesmente o seu reconhecimento, como membro da alta sociedade que usufrui de todos os direitos. Assim a escola tem a pesada responsabilidade de completar a transmissão das formas de capital... a saber, o capital cultural, social e simbólico. (Pinçon & Pinçon Charlot, 2003, p.21)

A próxima questão é sobre a realização de parte dos estudos universitários no exterior. Na tabela de número 97 disponível para consulta no apêndice um, vemos que, entre os antigos alunos da UFSCar, 63% dizem não terem ido para o exterior para finalidades acadêmicas e 36% dizem que sim. Entre os alunos recém-formados 60% dos alunos alegam não ter ido ao exterior realizar seus estudos e 40% alegam o contrário.

Dos alunos da USP, nos dados disponíveis na tabela de número 98 no apêndice um, a maioria (59%) foi para o exterior fazer parte da graduação e 40% dizem não ter tido essa experiência. Um fato interessante é que, durante a entrevista, conversamos com alunos do terceiro ano da USP e eles disseram que toda a sala estava se programando para estudar no exterior no ano seguinte, sendo que nenhum deles ficaria no Brasil. Esse quadro já não se apresentou na UFSCar, pois uma quantidade muito menor dos alunos iria para o exterior fazer parte de sua graduação ou tinha essa intenção.

Sobre os estudos no exterior, Michel Piçon e Monique Pinçon Charlot (2003, p. 18) argumentam que: “As famílias importantes da alta sociedade são cosmopolitas: com grande frequência, incluem uniões matrimoniais com famílias estrangeiras; é prática corrente falarem vários idiomas, inclusive por ocasião de reuniões familiares, além de participarem da vida cultural internacional”.

No que diz respeito aos alunos da universidade particular, cujos dados encontram-se na tabela de número 99 no apêndice um, 81% (13 indivíduos) dizem não ter feito estágio no exterior e apenas 12% (2 indivíduos) dizem tê-lo feito. Percebemos, portanto, que é muito reduzido o número de alunos que conseguiram fazer algum tipo de estágio no exterior entre os alunos da universidade particular em comparação com os alunos das universidades públicas.

Por isso, mais uma vez, conseguimos visualizar a diferença entre os alunos das universidades estudadas: os alunos da USP viajam mais para o exterior, possuem relação próxima a um capital econômico e uma origem social mais alta. Os alunos da UFSCar viajam com menos frequência. Os alunos da universidade particular, que pertencem à classe média baixa, praticamente não viajam para o exterior. Diante de tais dados, recorremos a Wagner (1998, p. 95), que nos remete a relação entre internacionalização e as diferentes classes sociais ao afirmar que:

*Les apprentissages familiaux mettent en jeu le processus complexe de la transmission d'un heritage culturel international. L'acquisition d'une culture internationale est une des acquisitions le plus sûrement corrélées à une origine sociale élevée, comme on le voit bien quand on confronte le rapport au bilinguisme des enfants de cadres avec celui des enfants d'immigrés des classes populaires.<sup>108</sup>*

---

<sup>108</sup> A aprendizagem familiar envolve o complexo processo de transmissão de uma herança cultural internacional. Aquisição de uma cultura internacional é uma das aquisições que mais se correlacionam com as origens sociais elevadas, como pode ser visto claramente quando se compara a proporção de crianças bilíngües dos gestores com as crianças imigrantes das classes populares.

Retomando os dados, a tabela abaixo mostra os recursos financeiros que os alunos usam ou usaram durante a universidade. Dos alunos antigos da UFSCar, 84% deles trabalhavam enquanto cursavam a graduação e, entre os recém-formados, a maioria 53% vive com ajuda familiar e 28% dos alunos entrevistados trabalham e usam ajuda familiar ao mesmo tempo. Esse último fato é muito comum entre os engenheiros de produção, pois os mesmos começam a estagiar muito cedo ainda na graduação, principalmente nos últimos anos.

**Tabela 67 - Origem dos recursos financeiros que os alunos da UFSCar utilizam**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Bolsa</b>	3	9,09	.	.	3	1,99
<b>Ajuda familiar</b>	.	.	63	53,39	63	41,72
<b>Trabalho pessoal</b>	28	84,85	8	6,78	36	23,84
<b>Bolsa mais ajuda familiar</b>	.	.	12	10,17	12	7,95
<b>Trabalho pessoal mais ajuda familiar</b>	2	6,06	34	28,81	36	23,84
<b>Nenhuma</b>	.	.	1	0,85	1	0,66
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Entre os alunos da USP, 46% deles vivem de ajuda familiar e 37% vivem do trabalho acrescido de auxílio familiar (menos alunos vivem com ajuda familiar) e uma maior porcentagem deles já trabalha, um quadro um pouco diferenciado dos alunos da UFSCar.

**Tabela 68 - Origem dos recursos financeiros que os alunos da USP utilizam**

	N	%
<b>Bolsa</b>	1	1,33
<b>Ajuda familiar</b>	35	46,67
<b>Trabalho pessoal</b>	5	6,67
<b>Bolsa mais ajuda familiar</b>	5	6,66
<b>Trabalho pessoal mais ajuda familiar</b>	28	37,33
<b>Nenhuma</b>	1	1,33

<b>Total</b>	75	100%
--------------	----	------

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Sobre os recursos financeiros dos alunos da universidade particular, constatamos que a maioria (50%) tem recursos advindos de trabalho pessoal, em segundo lugar (16%, o correspondente a duas pessoas) estão os alunos que trabalham e recebem ajuda familiar, em seguida, há alunos bolsistas (16%, o equivalente a apenas duas pessoas) e as últimas duas pessoas disseram não ter recursos financeiros de acordo com as classificações especificadas. Do total, quatro alunos não reponderam a questão.

**Tabela 69 - Origem dos recursos financeiros que os alunos da universidade particular utilizam**

	N	%
<b>Bolsa</b>	2	16,67
<b>Trabalho pessoal</b>	6	50,00
<b>Trabalho pessoal mais ajuda familiar</b>	2	16,67
<b>Nenhuma</b>	2	16,67

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

### **3.12 Os direcionamentos ocupacionais dos engenheiros de produção: trabalhando com capital profissional de chegada (entre sonhos e realidade)**

Primeiramente, discorreremos sobre os dados referentes ao sonho de carreira ou ocupação dos estudantes entrevistados. Nesse primeiro momento da pesquisa, os alunos foram questionados sobre seus sonhos futuros de ocupação. Entre os antigos alunos, eles expressaram o que almejavam fazer enquanto estavam na graduação. Incorremos nesse tipo de questão, porque não sabíamos se conseguiríamos contatar todos os alunos entrevistados depois de formados para questionar sobre as suas ocupações reais.

Todavia, no final da pesquisa, alcançamos os dois objetivos: questionamos os alunos que estavam ainda estudando nos últimos anos de graduação sobre os seus sonhos e, quando empregados, soubemos qual era a real ocupação dos ex-entrevistados. Esse fato nos abriu as possibilidades para explorar mais ainda nossos dados, uma vez que pudemos investigar os resultados à luz das teorias das preferências reveladas e da economia, que com a sociologia econômica, nos permitiu discutir o fato de nem sempre as preferências serem



iguais as escolhas reais dos indivíduos. Mas esse seria o objetivo secundário desses questionamentos. O objetivo real da pesquisa, como mencionado ao longo de toda a tese, é verificar se os capitais influenciam as escolhas dos profissionais do grupo social estudado. Para isso, analisaremos os dados que se seguem:

Os primeiros deles são referentes às áreas que o engenheiro de produção pode atuar de acordo com a Abepro (que estão descritas na seção 2 da tese). As primeiras cinco tabelas são referentes às áreas específicas, principalmente, no setor industrial.

### 3.13 Ocupação dos sonhos na UFSCar

**Tabela 70 – Se os alunos da UFSCar vão seguir carreira em engenharia de operações e processos da produção<sup>109</sup>**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Não</b>	26	78,79	88	73,95	114	75,00
<b>Sim</b>	7	<b>21,21</b>	31	26,05	38	25,00
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Temos, portanto, que a maioria (78%) dos antigos alunos da UFSCar diz que não pretende seguir a área de engenharia de operações e processos de produção e 21% dizem ter escolhido essa área a área dos sonhos de carreira na graduação. Entre os alunos recém-formados, 73% dizem não terem escolhido a área, enquanto que 26% dizem escolhê-la.

Já a área de logística, cujos dados levantados estão disponíveis na tabela de número 104 no apêndice um, também não é a mais escolhida entre as profissões dos sonhos dos alunos antigos, agregando o total de 87%: somente 12% escolheriam essa área. Entre os alunos recém-formados, 78% não escolheriam a área e somente 21% a escolheriam.

Sobre o setor de pesquisa operacional, cujos dados se encontram na tabela de número 105 no apêndice um, 93% dos alunos antigos não escolheriam a área e somente 6% a

<sup>109</sup> É importante mencionar que deixamos no corpo do texto somente as tabelas mais importantes cujas porcentagens são mais altas relativas a escolha da ocupação profissional designada no título da tabela. Para as ocupações menos escolhidas deixamos as tabelas em anexo para a consulta. Acreditamos que o fato de deixarmos grande parte das tabelas em anexo deixa o texto menos truncado para o leitor, já que temos muitas tabelas relativas ao presente trabalho.

escolheriam. Entre os alunos recém-formados, 97% não escolheriam a área e somente 2,5% a escolheriam. No que diz respeito à área de engenharia da qualidade, cujos dados estão disponíveis na tabela de número 106 no apêndice um, 93% dos ex-alunos não a escolheriam e somente 6% optariam por essa área. Dos alunos recém-formados, 90% não escolheriam a área e somente 9% a escolheriam.

A área de engenharia do produto, da qual os dados estão disponíveis para consulta na tabela de número 107 no apêndice um, não seria escolhida por 90% dos alunos antigos e seria escolhida por 9% deles. Entre os alunos recém-formados, 95% não escolheriam essa área e 4% a escolheriam.

Sobre a engenharia organizacional, cujos dados se encontram na tabela de número 108 no apêndice um, 100% dos antigos alunos não a escolheriam e, entre os recém-formados, 91% não a escolheriam e somente 6% optariam por ela.

A engenharia econômica, setor destinado aos trabalhos em bancos, sobretudo na década de 1980 e, depois disso, destinada às áreas financeiras, não seria escolhida por 81% dos entrevistados e seria elegida por 18% dos alunos antigos. Entre os alunos recém-formados, 81% não escolheriam a área e 18% deles escolheriam trabalhar nesse setor.

**Tabela 71 - Se os alunos da UFSCar vão seguir carreira em engenharia econômica**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Não</b>	27	81,82	97	81,51	124	81,58
<b>Sim</b>	6	<b>18,18</b>	22	<b>18,49</b>	28	18,42
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Sobre a área da engenharia da sustentabilidade, cujos dados se encontram na tabela de número 110 no apêndice um, o trabalho referente à discussão do meio ambiente não é escolhido por 100% dos alunos antigos, sendo que entre os alunos recém-formados a área não é escolhida por 95% dos entrevistados, sendo escolhida somente por 4% deles. 1% deles não respondeu a questão.

Os indivíduos que escolheriam a docência na área de engenharia de produção, cujos dados encontram-se na tabela de número 111 no apêndice um, são somente 9% dos ex-

alunos, ou seja, 90% não trabalhariam nessa área. Entre os alunos recém-formados, 97% deles não trabalhariam e somente 2% deles trabalhariam na área.

Sobre as carreiras na área de consultorias, 81% dos antigos alunos não trabalhariam na área, mas 18% deles trabalhariam. Entre os alunos recém-formados, 56% deles não escolheria a opção de consultorias e 43% elegeriam essa opção.<sup>110</sup>

**Tabela 72– Se os alunos da UFSCar vão seguir carreira em consultorias**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Não</b>	27	81,82	67	56,30	94	61,84
<b>Sim</b>	6	<b>18,18</b>	52	<b>43,70</b>	58	38,16
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Mediante tais dados, concluímos que a profissão dos sonhos mais escolhida é a de engenharia de operações e processos de produção, área típica do setor industrial, entre os antigos alunos da UFSCar. Em segundo lugar, ficam empatadas as escolhas na área de consultorias e de engenharia econômica (bancos, finanças e mercado financeiro).

Podemos afirmar que quanto aos recém-formados a ocupação dos sonhos mais escolhida é a área de consultorias seguida da área de operações e processos de produção na indústria, e da área de logística (tipicamente do setor industrial) e, por fim, da área de engenharia econômica (bancos, finanças e mercado financeiro).

### 3.14 Ocupação dos sonhos na USP

Agora, analisaremos as escolhas referentes às ocupações dos sonhos dos engenheiros de produção da USP. Na tabela de número 113 disponível para consulta no apêndice um, temos que 84% dos alunos da USP não escolheriam a área de operações e processos de produção e 15% a escolheriam. No que diz respeito à área de logística, cuja

<sup>110</sup> É importante ressaltar que a maioria das somatórias não totalizam 100%, pois não contabilizamos os não respondentes da maioria das questões. Contabilizamos o número e porcentagem dos alunos que responderam as questões. Esse processo facilita a posterior análise de correspondência múltipla.

tabela com dados referentes é a de número 114 disponível no apêndice um, 78% dos alunos não escolheriam essa área e 21% dos alunos a elegeriam. Quanto à engenharia operacional, área da qual disponibilizamos dados levantados na tabela 115 no apêndice um, 88% dos alunos não escolheriam a área e 11% optariam por ela para atuar no mercado de trabalho.

Sobre a engenharia de qualidade, área de atuação cujos levantamentos estão disponíveis na tabela de número 116 no apêndice um, 94% dos alunos não a selecionariam e apenas 5% a elegeriam.

Em relação à área de engenharia do produto, cujos dados são encontrados na tabela de número 17 no apêndice um, ela não seria escolhida por 93% dos estudantes e apenas 6% a escolheriam. A engenharia organizacional, outra área passível de atuação e que cujos dados podem ser observados na tabela de número 118 no apêndice um, é a área escolhida por 5% dos estudantes e rejeitada por 94% deles. Quanto à área de engenharia econômica, 76% dos estudantes não a escolheriam e 24% deram preferência a esta área.

**Tabela 73 - Se os alunos da USP vão seguir carreira em engenharia econômica**

	N	%
<b>Não</b>	57	76,00
<b>Sim</b>	18	24,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Quanto à área de engenharia da sustentabilidade, cujos dados são encontrados na tabela de número 120 no apêndice um, 92% dos alunos não a escolheriam como opção dos sonhos e somente 8% dos alunos a selecionariam. Já a área de educação em engenharia de produção, cujas informações se encontram na tabela de número 121 no apêndice um, não é uma opção para 98% dos alunos: somente um dos alunos a escolheria.

No que diz respeito à área de consultorias, 58% dos alunos não a escolheriam, mas 41% dos alunos optariam por ela.

**Tabela 74 - Se os alunos da USP vão seguir carreira em consultorias**

	N	%
<b>Não</b>	43	58,11
<b>Sim</b>	31	41,89

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Concluimos que, entre os alunos da USP, a área de ocupação dos sonhos seria a área de consultorias, a segunda opção mais citada é a engenharia econômica (bancos e mercado financeiro) e a terceira seria a área de logística.<sup>111</sup> Ao contrário da UFSCar, as primeiras escolhas dos alunos estão mais distantes da área industrial e concentram-se nas opções mais modernas da engenharia de produção e que estão associadas a altos salários.

### 3.15 Ocupações dos sonhos dos alunos da universidade particular

Neste momento, analisaremos as preferências de ocupação dos sonhos dos engenheiros de produção da universidade particular. Optamos por analisar todas as ocupações, entretanto, deixamos as tabelas correspondentes às ocupações que são mais escolhidas entre os alunos no corpo do texto. As demais são descritas, mas suas tabelas correspondentes seguem disponíveis no apêndice um.

Na primeira tabela, 56% dos alunos escolhem a engenharia de operações e processos de produção e 43% não elegeriam esse setor em seus sonhos.

**Tabela 75 - Se os alunos da universidade particular vão seguir carreira em engenharia de operações e processos de produção**

	N	%
<b>Não</b>	7	43,75
<b>Sim</b>	9	56,25

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

No que diz respeito à área de logística, 18% dos alunos optariam por esse tipo de ocupação e 81% não a escolheria.

**Tabela 76 - Se os alunos da universidade particular vão seguir carreira em engenharia logística**

	N	%
<b>Não</b>	13	81,25

<sup>111</sup> É importante dizer que a maioria dos alunos que escolhe a opção de logística está se referindo à ocupação no setor de *supply chain* ou gestão de cadeia de suprimentos. Nesse ofício, o engenheiro acompanha toda a cadeia logística do produto na empresa e tem acesso a cadeia de fornecedores. Esse é um dos setores ligados às indústrias, cujos pagamentos são mais altos atualmente. Pesquisamos as faixas salariais para esse cargo nos sites de anúncios de vagas e averiguamos que a vaga de diretor de *supply chain* é assalariada, inicialmente, em R\$18.000,00 e pode alcançar os R\$ 45.000,00.

<b>Sim</b>	3	18,75
------------	---	-------

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Sobre a área de pesquisa operacional, cujos dados encontram-se na tabela de número 125 no apêndice um, nenhum dos alunos a elegeria como ocupação dos sonhos. Acerca da área de engenharia da qualidade, da qual os dados são encontrados na tabela de número 126 no apêndice um 12% dos alunos a elegeriam e 87% não. Sobre a engenharia do produto, cujas informações estão disponíveis na tabela de número 127 no apêndice um, 12% a elegeriam como profissão dos sonhos e 87% não a elegeriam.

No que diz respeito à engenharia organizacional, sobre a qual disponibilizamos dados na tabela de número 128 no apêndice um, 6% optariam por essa área e 93% não. Sobre a engenharia econômica (bancos e finanças), cujos dados podem ser analisados na tabela de número 129 no apêndice um, 12% elegeriam essa opção como profissão dos sonhos e 87% não. Sobre a engenharia da sustentabilidade, área cujos levantamentos podem ser verificados na tabela de número 130 no apêndice um, nenhum dos alunos a elegeria.

Sobre educação em engenharia de produção, da qual disponibilizamos nossos dados de pesquisa na tabela de número 131 no apêndice um, nenhum dos alunos a elegeria. Sobre as consultorias, 18% dos alunos elegeriam essa ocupação e 81% não.

**Tabela 77 – Se os alunos da universidade particular vão seguir carreira em consultorias**

	N	%
<b>Não</b>	13	81,25
<b>Sim</b>	3	18,75

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Concluimos, então, que as áreas mais escolhidas como ocupação dos sonhos para os alunos da universidade particular são: as opções voltadas para a indústria de operações e processos de produção (56%), as possibilidades de atuação na área logística e consultoria (18%) As demais opções industriais como qualidade produto perfazem 12%, a engenharia econômica se configura com 12% e, por último, a organizacional totaliza 6%. Ao contrário da Universidade Federal de São Carlos, as áreas mais escolhidas como ocupações dos sonhos dos alunos da universidade particular são os setores industriais, junto ao chão de fábrica, seguidos pela preferência de trabalho no setor de consultorias.

### 3.16 Opções de escolhas reais

Depois de formados, recorreremos a todos os entrevistados para indagá-los sobre qual a área em que eles estavam trabalhando no mercado de trabalho. Das possíveis escolhas, agrupamos as opções da Abepro em cinco categorias, a fim de que pudéssemos usar as porcentagens mais altas para cada categoria em nossa análise de correspondência. Assim, colhemos os seguintes resultados:

**Tabela 77- Setores ocupados pelos alunos da UFSCar<sup>112</sup>**

	N	%
<b>Engenharia de Operações e Processos</b>	35	28,00
<b>Engenharia Logística</b>	9	7,20
<b>Pesquisa operacional</b>	1	0,80
<b>Engenharia da qualidade</b>	7	5,60
<b>Engenhariado produto</b>	1	0,80
<b>Engenharia econômica</b>	18	14,40
<b>Engenharia da sustentabilidade</b>	2	1,60
<b>Educação em engenharia</b>	6	4,80
<b>Consultorias</b>	37	29,60
<b>Empresários</b>	2	1,60
<b>Tecnologia da informação</b>	2	1,60
<b>Vendas Marketing</b>	5	4,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Com a tabela acima, percebemos que a maioria dos alunos da UFSCar passou a atuar nas indústrias nas áreas de operações e processos de produção. A segunda maior porcentagem (29%) corresponde à área de consultorias.

**Tabela 78 - Setores ocupados pelos alunos da UFSCar<sup>113</sup>**

<sup>112</sup> É importante mencionar que essa tabela só apresenta dados referentes aos alunos antigos e alunos recém-formados que foram entrevistados e que preencheram o questionário, perfazendo o montante de 152 entrevistados.

<sup>113</sup> Esta tabela é a mais completa no que diz respeito às profissões ocupadas atualmente, pois não só coletamos os dados dos 152 entrevistados entre antigos e alunos recentes, mas também coletamos dados sobre a ocupação

	N	%
<b>Bancos e finanças</b>	24	12,31
<b>Academia</b>	12	6,15
<b>Indústria</b>	102	52,31
<b>Consultoria</b>	42	21,54
<b>Empresários</b>	5	2,56
<b>Público</b>	10	5,13

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

A maioria dos alunos da UFSCar (antigos e recém-formados, que agregam a somatória de 233 ex-alunos) que participou de alguma forma da pesquisa trabalha, atualmente, em setores da engenharia de produção na indústria (52%), em consultorias (21%), na área de bancos e finanças (12%), na carreira acadêmica, no setor público e, por fim, constatamos alunos que se tornaram empresários. A maior parte (59%) desses alunos trabalha em empresas nacionais e a outra parte em empresas multinacionais (40%).

**Tabela 79- Tipo de empresa ocupada pelos alunos da UFSCar**

	N	%
<b>Multinacional</b>	65	40,12
<b>Nacional</b>	97	59,88

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Com relação à USP, usamos as categorias da Abepro para visualizar as áreas de escolha da ocupação dos entrevistados. A área mais escolhida (39,62%) é a de engenharia econômica<sup>114</sup>, seguida da área de consultorias (33,9%) e das áreas de engenharias de operações e processos e de vendas e Marketing (7,5% cada).

Sobre os alunos da USP, fizemos uma segunda recodificação<sup>115</sup> para agregar as opções. Averiguamos que a maioria deles (38,9%) está trabalhando na área de consultorias,

---

atual dos alunos que compareceram à festa de 35 anos, ou seja, de alunos antigos que não responderam ao questionário, perfazendo o montante de 233 respondentes.

<sup>114</sup> A maior parte dos entrevistados trabalha em bancos (14 indivíduos) e a outra parte (sete pessoas) trabalha no mercado financeiro. Ressaltamos, porém, que desconhecemos as funções ocupadas pelos engenheiros que trabalham em bancos.

<sup>115</sup> Nessa recodificação é natural que algumas porcentagens aumentem e outras diminuam, por exemplo, na primeira recodificação, um indivíduo que trabalha com *business intelligence* é categorizado na opção da



ou seja, percebemos um empate nessas porcentagens. Em terceiro lugar, observamos os trabalhadores da indústria, seguidos dos que optaram pela carreira acadêmica e que são empresários (há um empate entre essas duas últimas categorias). Sobre o tipo de empresa em que esses sujeitos atuam, 48,6% ocupam multinacionais e 18,9% ocupam empresas nacionais. O restante não respondeu em que empresa estava.

**Tabela 80 – Setor ocupado pelos alunos da USP<sup>116</sup>**

	N	%
<b>Engenharia de operações e processo</b>	4	7,55
<b>Engenharia Logística</b>	1	1,89
<b>Engenharia do produto</b>	2	3,77
<b>Engenharia econômica</b>	21	39,62
<b>Educação em engenharia</b>	1	1,89
<b>Consultorias</b>	18	33,96
<b>Empresários</b>	1	1,89
<b>Tecnologia da informação</b>	1	1,89
<b>Vendas Marketing</b>	4	7,55

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 81 – Setores ocupados pelos alunos da USP**

	N	%
<b>Bancos e finanças</b>	21	38,89
<b>Academia</b>	1	1,85
<b>Indústria</b>	9	16,67
<b>Consultoria</b>	21	38,39
<b>Empresário</b>	1	1,85

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 82- Tipo de empresa ocupada por alunos da USP**

	N	%
<b>Multinacional</b>	36	48,6%
<b>Nacionais</b>	14	18,9%

tecnologia da informação e diz ser também um consultor em sua área, a segunda opção de consultor será agregada à segunda recodificação e assim sucessivamente.

<sup>116</sup> As últimas três categorias foram citadas pelos alunos da USP, elas não estavam no índice da Abepro, mas as acrescentamos para que todas as opções fossem contempladas.

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Dos alunos da universidade particular, observamos que os cargos realmente ocupados por eles, atualmente, são destinados em maior porcentagem à engenharia de operações e processos de produção. Posteriormente, observamos um empate percentual (12,5%) entre as áreas de engenharia do produto e a econômica, seguido de outro empate (6,25%) entre as engenharias logística e de qualidade. Por fim, um dos alunos ainda não estava trabalhando nesse momento da pesquisa, perfazendo o restante do percentual.

**Tabela 83- Setores ocupados pelos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Engenharia de operações e processos de produção</b>	9	56,25
<b>Engenharia Logística</b>	1	6,25
<b>Engenharia da qualidade</b>	1	6,25
<b>Engenharia do produto</b>	2	12,5
<b>Engenharia econômica</b>	2	12,5

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

No que diz respeito a nossa recodificação para as grandes áreas em que os ex-alunos da Universidade Particular atuam, temos que 81% deles trabalham na área industrial e apenas 12,5% trabalham na área financeira - ressaltando que eles não trabalham em grandes empresas ou grandes bancos de finanças e sim em departamentos de orçamento industrial. Assim, tais alunos não se ocupam das áreas do mercado financeiro ou em bancos de investimento, como é o caso dos ex-alunos da USP.

**Tabela 84- Setores ocupados pelos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Bancos/Finanças</b>	2	12,5,
<b>Indústria</b>	13	81,25

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Salientamos que, no que diz respeito ao tipo da empresa ocupada, todos eles ocupam empresas nacionais de pequeno porte do interior do estado de São Paulo (representados na tabela de número 141 no apêndice um). É válido mencionar que um dos alunos não respondeu a questão por ainda não estar trabalhando.

### 3.17 A trajetória profissional dos alunos antigos

Entrevistamos 33 alunos antigos para saber como se deram suas trajetórias profissionais desde que eles se formaram até os dias atuais. Tentamos captar três momentos distintos dentro de suas carreiras: o momento em que terminavam a graduação, cinco anos posteriores as suas formações e a suas atuações no ano de 2013. Buscamos fazer essas averiguações para verificar se os engenheiros de produção formados continuavam atuando dentro de sua primeira escolha ou se existia uma tendência para mudarem de área de atuação. Dessa forma, pudemos saber se os indicadores de legitimidade são fortes o suficiente para manterem esses profissionais nos setores que proporcionam melhor retribuição monetária e simbólica (status).

Antes disso, passaremos à caracterização socioeconômica atual desses alunos, pois os dados anteriores (referentes aos antigos alunos) concernem suas famílias e não seus ganhos individuais atuais.

O perfil desses alunos se define da seguinte forma: a maioria deles não possui casa própria, possui somente um automóvel, possui área de lazer em suas casas e seus salários variam de acordo com três faixas de renda (a maioria recebe entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00, a segunda maior faixa de renda abrange salários entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00 e há aqueles que recebem salários inferiores a R\$2.000,00). A maioria não faz aplicações em ações, mas possui poupança e contas diferenciadas. Grande parte do grupo obteve como maior diploma a especialização, seguido da opção de MBA. A seguir, analisaremos os dados correspondentes as suas atuações e direcionamentos profissionais de acordo com os diferentes setores.

**Tabela 85 – Que área seguiram os alunos da UFSCar depois de formados**

	N	%
<b>Bancos e Finanças</b>	7	21,88,
<b>Academia</b>	2	6,25
<b>Indústria</b>	15	46,88
<b>Consultoria</b>	6	18,75
<b>Empresário</b>	1	3,13
<b>Outros</b>	1	3,13

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Percebemos que a maioria deles, logo depois de formados, foi atuar na indústria, na área de bancos e finanças e na área de consultorias respectivamente

**Tabela 86– Onde trabalharam os antigos alunos da UFSCar depois de cinco anos de formados**

	N	%
<b>Bancos e Finanças</b>	3	11,54
<b>Academia</b>	4	15,38
<b>Indústria</b>	14	53,85
<b>Consultoria</b>	3	11,54
<b>Empresário</b>	2	7,69

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Decorridos cinco anos de sua formação, a maior parcela dos alunos da UFSCar continuou na indústria, 15% migraram para a área acadêmica (setor de escolha bastante criticado por boa parte dos engenheiros, ou seja, tido como setor *outsider*) e, em terceiro lugar, diagnosticamos um empate percentual de atuação profissional em áreas de consultorias e bancos e finanças.

**Tabela 87 – Onde trabalham os antigos alunos UFSCar atualmente**

	N	%
<b>Bancos e Finanças</b>	4	12,50
<b>Academia</b>	3	9,38
<b>Indústria</b>	16	50,00
<b>Consultoria</b>	9	28,13

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Atualmente, os engenheiros da UFSCar entrevistados trabalham em sua grande parte na indústria, seguidos de engenheiros que atuam em consultoria e na área de bancos e finanças. Percebemos que, no segundo momento, no qual havia decorrido cinco anos de formação dos alunos da UFSCar, ocorreu uma diferença na escolha das profissões. Muitos migraram para área acadêmica, refúgio para o qual recorrem os engenheiros que gostariam de atuar no mercado de trabalho, mas não conseguem melhores opções. Nesse momento, percebemos também que a opções dos bancos e das finanças superam a opção das consultorias. Mas no terceiro momento, ou seja, atualmente, temos um quadro que se estabiliza novamente: a última ocupação dos engenheiros de produção é exatamente idêntica ao quadro que encontramos hoje ao observarmos todos os alunos da UFSCar (alunos antigos e alunos recentes). A primeira opção continua sendo o setor industrial, a segunda opção permanece como a área de consultorias e a terceira opção se perdura na área dos bancos e

finanças. Portanto, apesar do quadro entrar em instabilidade de direcionamentos no meio do percurso, no momento de estabilização profissional, as escolhas finais se mantêm fiéis às primeiras escolhas, quando os alunos são questionados, ainda no momento da graduação, sobre as escolhas da ocupação dos sonhos.

### 3.18 Conclusão

*Os provincianos não quiseram uma Paris que não os queria. Os professores do secundário recusaram uma faculdade tanto quanto ela lhes era recusada. Toda socialização bem sucedida tende a obter dos agentes que eles se façam cúmplices de seus próprios destinos (Bourdieu, 1974, p104)*

A seção se iniciou com a breve discussão de alguns conceitos fundamentais de Bourdieu que seriam necessários para compreendermos e retomarmos o nosso objetivo da tese. Passamos brevemente por eles, pois a maior parte das teses da área de sociologia econômica e das finanças recorre a esse autor, de forma que não é necessário retomar discussões sobre seus conceitos. Os demais apontamentos importantes que o autor faz sobre os marcadores de legitimidade são retomados em seu devido momento em alguns espaços do texto.

Posteriormente, demos continuidade às referências desse autor, descrevendo como se dá o processo de dominação simbólica buscando citar justamente ilustrações sobre as posições e disposições dispostas principalmente na área das finanças. Por fim, buscamos discutir alguns aspectos sobre os processos de reprodução social, considerando dois importantes autores com suas posturas argumentativas, que divergem em alguns aspectos e convergem em outros. Nesse sentido, buscamos incorrer nas discussões sobre os autores no que diz respeito à importância das instituições escolares para o processo de reprodução ou a neutralidade dessas instituições. Assim, foi primordial que a acuidade, o papel, o valor do diploma e da origem social dos indivíduos e grupos nesse processo fossem argumentadas.

Em seguida, expusemos os nossos dados de pesquisa, na tentativa de explicar como cada um deles pôde contribuir ou não para nossa pergunta de pesquisa. Primeiramente, refletimos rapidamente sobre algumas variáveis de constrangimento social dos entrevistados, seguindo da análise sobre o capital econômico dos grupos estudados e, em sequência, levantamos a discussão, a partir dos dados de origem social dos grupos e, sucessivamente, dos dados relativos ao capital escolar. Finalizamos a discussão com os dados centrais que

respondem a nossa pergunta de tese: os direcionamentos, decisões e escolhas que os grupos estudados tomam com relação às áreas e os setores que irão atuar no mercado de trabalho.

Mediante tais dados, podemos afirmar que os dois grupos estudados das universidades públicas possuem como o perfil profissional de classe média alta, brancos, e heterossexuais e as mulheres ainda constam como minoria entre eles. Já os indivíduos da universidade privada constam de um número elevado de pardos, heterossexuais, as mulheres continuam sendo a minoria (localizamos somente uma mulher na amostra) e se localizam entre as classes média e média baixa.

Podemos observar que, através da comparação entre as variáveis observadas, os alunos da Universidade Politécnica de São Paulo possuem vantagens com relação aos marcadores ou ao capital econômico, de origem social e escolar sobre os alunos da Universidade Federal de São Carlos. Esses últimos possuem vantagens com relação aos alunos da universidade particular, o que nos leva a observar a consequente hierarquia do tipo piramidal.

Acerca do capital econômico, as vantagens se dão em valores relativos à porcentagem maior sobre a posse de casas de veraneio ou de passeio, ao número de indivíduos que possuem mais do que dois carros, à maior porcentagem dos indivíduos que possui área de lazer em casa, aos sujeitos que possuem uma bandeira distinta como clientes nos bancos, à constatação da maior parte dos indivíduos provir de famílias com as rendas familiares mais altas e à autoafirmação do pertencimento a uma classe social mais elevada.

No entanto, percebemos que, no que diz respeito à trajetória financeira dos pais, nos três grupos estudantis das três universidades estudadas, os alunos optam pela categoria de trajetória ascendente. Esse fato se confirma, pois, a maior parte dos avós paternos dos alunos das duas universidades públicas tinham como profissão trabalhos técnicos na zona urbana ou na zona rural e foi justamente a partir de seus pais que a situação financeira começou a se modificar: a maioria dos pais dos alunos de ambas as universidades públicas são profissionais liberais. Esse último fato já não se repete entre os alunos da universidade particular, uma vez que eles não mencionam a profissão ou titulação de seus avôs, mas seus pais, diferentemente dos pais dos alunos das universidades públicas, possuem em grande maioria o perfil técnico como profissão.

No entanto, encontramos algumas diferenças no perfil dos grupos estudados. A maior porcentagem de pais dos alunos da UFSCar são profissionais liberais, funcionários públicos e pais com perfil para profissões técnicas, sendo essa última área profissional notável de aumento significativo. Essas observações nos fazem cogitar a possibilidade de mudança

desse quadro, devido ao processo de reserva de vagas da UFSCar que pode estar alterando o quadro das profissões paternas. Já para os alunos da USP, temos que a segunda opção de profissão entre os pais são empresários e a terceira opção mais citada é a de consultores e gestores.

Nesse sentido, quanto à profissão paterna, é nítida a hierarquia nos alunos da USP com relação aos alunos da UFSCar já que, na primeira universidade, o número de pais profissionais liberais é superior. Encontramos também uma hierarquia superior da UFSCar com relação à universidade particular, pois, essa última possui um número de pais em profissões técnicas era maior do que os pais dos alunos da primeira universidade citada.

No que diz respeito à profissão das mães, o quadro da UFSCar apresenta modificações concernentes às mães dos alunos antigos, cujas mães profissionais liberais se igualam percentualmente às mães que trabalhavam no lar. Isso se modifica, pois, entre os alunos recentes a primeira opção profissional materna continua sendo a profissão liberal, mas a segunda é de mães funcionárias públicas, caindo para a terceira opção o número de mães que trabalham no lar. Já na USP, a situação se inverte apenas nessa variável, uma vez que temos a primeira profissão como a de profissionais liberais, mas a segunda continua sendo a de mães que trabalham em casa.<sup>117</sup> Entre as mães de alunos da universidade particular, encontramos profissões técnicas e mães que trabalham no lar, além de termos encontrado duas mães que trabalham como empregadas domésticas.

Sobre o capital escolar, começamos pelos avós paternos. Na USP, também encontramos uma porcentagem maior entre os avós que tiveram acesso ao ensino universitário. Entre as duas universidades públicas estudadas, a maior porcentagem da escolaridade do avô está nos estudos universitários. No que diz respeito aos pais dos alunos, há uma maior porcentagem entre os pais dos alunos da USP que possuem ensino universitário (20% a mais do que os pais dos alunos da UFSCar), sendo que a maior parte desses pais estudou em colégios particulares, além de existir um maior índice percentual de pais que cursaram a pós-graduação do que os pais dos alunos da UFSCar. É importante ressaltar que os pais e avós dos alunos da UFSCar também possuem esse perfil como predominante, a diferença está no aumento de números de avós e pais que possuem essas características entre os alunos da USP. Já entre os alunos da universidade particular, nenhum deles respondeu qual

---

<sup>117</sup> Aqui fica a dúvida sobre o fato das mães escolherem ficar em casa por não precisarem trabalhar ou por outros motivos. No trabalho de dissertação da autora sobre as elites negras no interior de São Paulo, ressaltamos que a condição econômica dos entrevistados era menor do que a dos engenheiros entrevistados. A maior parte das mulheres dos entrevistados e mães dos entrevistados era mulheres que trabalhavam no lar.

era a titulação escolar dos avós. Quanto a isso, não sabemos se os alunos não se recordam qual era a titulação ou se não encontraram familiaridade com a palavra “titulação” para responder a pergunta.

Já as mães dos alunos das duas universidades públicas possuem a maior parte da escolaridade no ensino superior, uma porcentagem um pouco maior se detecta nas mães dos alunos da USP. Esse aspecto também é verificado entre as mães que estudaram em escolas particulares no ensino médio.

Sobre o capital herdado dos alunos, a questão da escolaridade irá se ajustar principalmente nos alunos das duas universidades públicas, pois em ambas as instituições, os filhos vão estudar em colégios privados. No entanto, uma nova variável volta a destacar os alunos da USP: grande parte deles irá para o exterior fazer seus estágios e parte da graduação. Já na UFSCar, esse fato ocorrerá em pequena escala. Entre os alunos da universidade particular, a maioria frequentou escolas públicas e não fizeram estágios no exterior.

Finalmente, chegamos à questão das escolhas ocupacionais. Lembramos que existe uma diferença entre qual seria a profissão dos sonhos dos alunos e qual é a real escolha de ocupação dos alunos depois de formados. Portanto, podemos observar que, no que diz respeito à questão das ocupações dos sonhos, a maior parte dos antigos alunos escolhe a opção de trabalhar nas indústrias, já os alunos recém-formados da UFSCar escolheram, primeiramente, a opção das consultorias.

No que diz respeito à USP, os alunos escolheram como profissão dos sonhos as consultorias em primeiro lugar e o setor financeiro em segundo lugar (é importante ressaltar que as porcentagens são muito próximas entre essas duas categorias). No entanto, depois de formados, quando perguntamos ao ex-alunos onde estavam trabalhando, tivemos respostas destoantes de suas preferências profissionais dos sonhos. Os alunos antigos da UFSCar continuam trabalhando na indústria, setor da ocupação de seus sonhos. Já os alunos recém-formados não conseguem trabalhar dentro do setor que perfazia sua opção dos sonhos, o setor das consultorias. Esses últimos, em grande parte, passam a trabalhar no setor industrial, apesar de seus sonhos ocupacionais terem sido outros.

No que diz respeito à USP, as preferências dos alunos, depois de formados, são exatamente as mesmas que escolheram como profissão dos sonhos, ou seja, a maior parte deles consegue trabalhar nas consultorias e no mercado financeiro.

Já entre os alunos da universidade particular, antes de formados, as suas preferências dos sonhos se restringiam à área industrial, apenas dois deles mencionaram a área de consultorias. As ocupações reais desses ex-alunos, depois de formados, nos indica que



suas preferências dos sonhos são exatamente as que se efetivam na realidade. A maior parte deles vai trabalhar no setor industrial, no chão de fábrica.

Depois de respondida a questão sobre as áreas em que os engenheiros de produção de cada universidade irão trabalhar podemos retomar a nossa primeira pista das grades disciplinares e chegaremos a algumas conclusões. Como apontamos na seção 2 da tese, a UFSCar possui mais disciplinas na área de finanças do que as outras duas universidades e verificamos que a maior parte dos alunos formados não vão para essas áreas e sim para a área industrial. A Universidade Politécnica de São Paulo possui mais disciplinas na área de tecnologia informacional do que as outras universidades e seus alunos não seguem essas áreas e sim a área de consultorias e finanças.

Por último a universidade particular dá ênfase nas disciplinas de fábrica e industriais e seus alunos seguem justamente essas áreas. Portanto podemos averiguar que no caso das universidades públicas a grade curricular não possui grande peso em seus processos decisórios ocupacionais. No caso da universidade particular a grade é projetada para que os alunos trabalhem na área industrial e será esta a carreira que eles irão seguir. Entretanto nos fica a questão: Apesar desse direcionamento da grade eles teriam outras opções de escolha no mercado de trabalho assim como os alunos das universidades públicas? Caso suas grades se voltassem para a área de finanças, os alunos teriam a possibilidade de trabalhar no mercado financeiro? Essas questões e a relevância do capital cultural dos alunos serão discutidas na próxima seção.

Portanto, conseguimos constatar que, no que diz respeito ao capital econômico, os alunos da USP estão em categorias mais hierarquizadas do que os alunos da UFSCar, e coincidentemente, planejam ocupar os cargos mais rentáveis financeiramente dentro da profissão da engenharia de produção. Os alunos da USP conseguem ocupar esses cargos logo depois de formados. Nesse sentido, conseguimos constatar que as afirmações de Boudon (1985) acerca das camadas mais abastadas direcionarem suas decisões de acordo com o melhor custo-benefício, podem ser afirmadas com essa ilustração do presente trabalho.

Mas será que a distinção que a Universidade Politécnica de São Paulo impõe aos engenheiros diplomados é realmente nula? Será que o papel da herança cultural ou do capital cultural desses indivíduos é nulo ou ele interfere na escolha e obtenção dos cargos de preferência dos grupos de engenheiros estudados?

O fato dos engenheiros da produção da UFSCar não equivalerem suas preferências dos sonhos e preferências reais pode ter alguma relação com o capital cultural disposto na família desse grupo? Por que a segunda opção dos engenheiros de produção da

UFSCar é justamente o setor industrial (setor menos rentável financeiramente) e para os alunos da USP essa seria a última opção? Por que conseguimos confirmar o fato da preferência dos sonhos dos alunos da universidade particular ser exatamente a mesma de suas escolhas reais? Eles poderiam ter outra opção? A afirmação de Grun (1992) - discutida na seção dois - de que o capital cultural alto define o perfil dos ocupantes dos cargos de consultorias se aplicaria à presente pesquisa. Passaremos, na próxima seção, às discussões referentes às perguntas supracitadas, tendo como ponto de partida o estudo dos capitais culturais, dos gostos e dos estilos de vida dos agentes estudados.

#### **4. MARCADORES CULTURAIS, GOSTOS E ESTILOS DE VIDA: APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE AS DISPOSIÇÕES DOS AGENTES ENTRE OS DADOS ESTATÍSTICOS, HISTÓRIAS DE VIDA E RELATOS COTIDIANOS**

##### **Introdução**

O intuito principal desta seção é o de dar continuidade à discussão de alguns dados quantitativos, como dados sobre o capital cultural, gostos e estilos de vida dos (as) engenheiros (as) entrevistados. A decisão de agrupar algumas variáveis mais próximas, como os elementos citados anteriormente, faz parte da reflexão sobre o direcionamento didático a fim de que o leitor possa refletir sobre o capital econômico dos indivíduos e os demais capitais ligados ou que se relacionam ao capital econômico, como dados sobre a origem social e acesso ao capital escolar que, de certa forma, podem ser variáveis (que se desdobram em muitas variáveis), além de poderem responder algumas questões concernentes ao capital econômico.

Conseguimos perceber as diferenças entre os tipos de capital dos alunos que integram as universidades estudadas. A Universidade Politécnica da USP apresenta um destaque hierárquico com relação a todas as variáveis relacionadas ao capital econômico (e variáveis associadas e esse tipo de capital). Mapeamos as escolhas dos alunos das universidades estudadas e conseguimos perceber que, somente na USP, a ideia de ocupação do sonho corresponde à profissão real ocupada no mercado de trabalho dos alunos depois de formados e que essas ocupações são necessariamente as que possuem mais status, prestígio e ganhos materiais. No final da seção, restou a dúvida sobre o capital cultural interferir ou não nas escolhas e na efetiva ocupação dos cargos pelos alunos formados.

Por isso, esta seção tentará sanar as dúvidas que surgiram na seção precedente, bem como dará continuidade a ela através da análise das variáveis mais importantes relacionadas ao capital cultural dos indivíduos. Outro intento é o de trabalhar com algumas entrevistas realizadas que buscaram sanar alguns vazios que a análise quantitativa não pôde trabalhar. No entanto, é importante lembrar que a pesquisa trata-se de se apoiar em uma metodologia quantitativa e o nosso esforço em usar as entrevistas qualitativas busca complementar o outro método e não seguir descrevendo exaustivamente as falas, a fim de se obter todas as respostas. Por se tratar de um material complementar, estamos cientes de suas limitações.

Nesse sentido, incorreremos em discutir os gostos e os estilos de vida do grupo profissional estudado, tentando olhar para os dados qualitativos e para as entrevistas semiestruturadas, a fim de mapearmos os processos cotidianos que puderam impulsionar o direcionamento dos engenheiros nas suas futuras ocupações.

#### **4.1 Alguns apontamentos e justificativa dos conceitos trabalhados**

Trabalhar com o conceito de capital cultural em dados relacionados ao Brasil já não é uma tarefa fácil, e ela é ainda mais dificultada quando essa tentativa se refere a um estudo quantitativo. Apesar de termos confirmado a ideia indicada por Almeida (2007), de que a posse de atributos econômicos direciona os indivíduos para a “boa educação” (a de boa qualidade, os colégios privados e futuramente as melhores universidades), a análise sobre os atributos culturais dos indivíduos será importante na pesquisa para mapearmos as estratégias de dominação dentro de uma mesma universidade (UFSCar) (USP) ou (particular) ou entre essas universidades, no que diz respeito às ocupações de dirigentes mais socialmente significativas no futuro.

Em outras palavras, os atributos culturais dos indivíduos poderiam nos trazer as respostas de quais seriam os indivíduos mais próximos ou mais distantes de uma dita cultura legítima. Sabemos que essa “cultura legítima”, dentro dos parâmetros de Pierre Bourdieu, pode se colocar de forma distinta de acordo com os diferentes espaços, grupos sociais, etc, levando-se em conta a ideia de “arbitrário cultural”. Nesse sentido, seria importante analisar o capital cultural dos grupos, pensando na especificidade do Brasil. No entanto, existe um grande problema com relação à escolha dos melhores indicadores que representariam o Brasil.

Concordamos com Almeida (2007) no que diz respeito ao fato de que seria necessário “precisar o conteúdo cultural dominante” de nosso país, ou incorrer em quais seriam os melhores indicadores sociais ou variáveis que explicariam essa categoria no Brasil, Entretanto, para esse intento seria necessário analisar etnograficamente e empiricamente, através de diversos questionários e questões abertas que constituíram esses indicadores para o caso dos engenheiros de produção. Posteriormente, a partir dessa análise exaustiva, poderíamos então montar um questionário com os indicadores adequados para mapear o capital cultural. Todavia, devido ao tempo hábil de pesquisa no Brasil, esse processo é inviabilizado na maioria das vezes. Assim, temos que lançar mão de algumas categorias já disponíveis em alguns estudos para fazer esse mapeamento. No presente trabalho, buscamos

analisar algumas variáveis usadas por Pierre Bourdieu em suas obras, mas sempre consideramos a expressividade que aquela variável escolhida teria no Brasil e adequamos as questões para o contexto brasileiro.

Desse modo, não usamos as variáveis francesas a partir de um princípio universal e sim buscamos relativizá-las de acordo com o contexto social estudado. Contudo, é importante lembrar que existe um processo de imitação por parte das classes dominantes brasileiras, que muitas vezes, buscam sua autoafirmação e distinção de acordo com a dita “cultura legítima” de países ditos “dominantes”. Pensando em todas as limitações referentes à pesquisa, devemos sempre lembrar que a pergunta principal que a move questiona se os capitais ditos de cultura legítima e os demais capitais, que se distanciam dela, mobilizam direcionamentos distintos com relação às ocupações possíveis dentro da engenharia de produção. Portanto, as associações entre as escolhas profissionais e os diferentes tipos de capitais nos bastam nesse momento de pesquisa e esses apontamentos nos trarão a possibilidade futura de poder refletir sobre as mediações e as conexões reais e qualitativas entre os capitais simbólicos e os direcionamentos profissionais.

#### **4.2 Refletindo sobre os conceitos principais: capital cultural, gostos e estilos de vida**

Ao pensarmos sobre as estratégias de legitimação dos indivíduos, em um dado espaço social, podemos afirmar que os elementos inseridos no conceito de capital cultural seriam importantes vivificar essas lutas simbólicas, que se conformam a partir da distinção dos indivíduos em disputa.

Pensando nesse aspecto, Pierre Bourdieu (2007) assinala que o capital cultural pode estar disposto em três formas distintas: o capital no estado incorporado (disposições duráveis), no estado objetivado (bens culturais) e no estado institucionalizado (certificação escolar).

O primeiro deles está relacionado ao corpo, ou seja, ele é aderido quando incorporado e esse processo de incorporação leva um determinado tempo, depende do capital que sua família possui e que irá passar para esse indivíduo quando tiver tempo disponível para tal ensinamento. Esse tipo de capital, posteriormente, será a forma expressa do *habitus* de um indivíduo ou grupo social. Um exemplo desse tipo de capital, na presente pesquisa, é justamente o desejo dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo de buscarem estágios ou intercâmbios no exterior (a sala toda entrevistada faria essas viagens), já na

Universidade Federal de São Carlos, não existe por grande parte dos alunos sequer o interesse nesse tipo de intercâmbio cultural, a ânsia dos alunos se resume em entrar o quanto antes no mercado de trabalho e não perder tempo.

Já o capital objetivado pode ser transferido materialmente, diferente do capital incorporado. Todavia, para adquirir um objeto basta possuir capital econômico e para sabermos qual o uso dado a esse objeto, é importante ter o capital cultural incorporado através da expressão de seu *habitus* primeiramente. Esse capital cultural objetivado pode ser usado como instrumento de luta em um dado campo, como por exemplo, através da manifestação de sua distinção.

O último tipo de capital cultural institucionalizado pode ser exemplificado pelo diploma, instância que, através do processo de magia social e da crença coletiva, atribuirá reconhecimento aos indivíduos. Um dado diploma emitido por uma dada instituição pode trazer ao indivíduo um determinado status para, por exemplo, se conseguir ou não um cargo. Um exemplo prático disso é que, na presente pesquisa, percebemos que o diploma da Universidade Politécnica pode abrir muitas portas para que esses indivíduos atuem em ramos mais rentáveis e de mais status no mercado de trabalho. Já no caso dos alunos da universidade particular, esse tipo de capital institucionalizado os barra logo de início, quando esses engenheiros formados tentam prestar algum processo seletivo para consultorias ou para o mercado financeiro. Logo na ficha de preenchimento, existe uma lista das melhores universidades do país, caso esses engenheiros não a tenham cursado, eles são impedidos imediatamente de prestar o processo seletivo. Nesse caso, a ausência do capital cultural institucionalizado exclui o indivíduo do jogo e ele sequer inicia a luta no espaço social.<sup>118</sup>

É dentro dessa discussão que Bourdieu (2007, p.113) afirma que:

---

<sup>118</sup> Cabe-nos lembrar da discussão de Dubet Bellat e Véréttout (2010) sobre a relação entre diplomas e o cargo. Essa relação pode mudar de acordo com a especificidade de cada país. Na Suécia, os sindicatos, forte influência dentro desse país, possuem a tendência de não colocar em destaque o critério do diploma justamente para não contrariar a mobilidade profissional interna. Já no Reino Unido, não há uma relação forte entre diplomas e carreiras (emprego), tanto que os jovens diplomados se inserem dentro de uma gama de profissões muito limitadas em sua evolução futura. Nos Estados Unidos, a educação e a formação são projetadas como investimento individual e há poucas relações institucionalizadas entre as escolas e os empregadores. As formações escolares são muito diversas e menos hierarquizadas nacionalmente do que dentro de um país como a França, onde existe uma relação rigorosa entre títulos e postos de trabalho. Por fim, na Alemanha, há forte articulação entre os diplomas e as posições sociais, já que que os títulos escolares são valorizados e também existe uma seleção precoce para as escolas mais hierarquizadas que, por fim, contribuem também para atribuir aos diplomas um poder muito claro sobre o valor que os candidatos possuem.

Eis aí um dos mecanismos que, acrescentando-se a lógica da transmissão do capital cultural, fazem com que as mais altas instituições escolares, e em particular aquelas que conduzem a posição de poder econômico, e político, continuem sendo exclusivas como foram no passado. E fazem com que o sistema de ensino, amplamente aberto a todos e, no entanto, estritamente reservado a alguns, consiga a façanha de reunir as aparências da democratização com a realidade da reprodução que se realiza em um grau superior de dissimulação, portanto, com um efeito acentuado de legitimação social.

Outro conceito que será bastante usado na análise é o conceito de gosto, referente a um marcador de classe, além de ser legitimador dos mecanismos de distinção. Portanto,

O gosto classifica aquele que procede a classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre a bela e a feio, a distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas.” (BOURDIEU, 2008, p.12)

Vemos, assim, que o gosto une todos aqueles indivíduos que possuem características semelhantes e, ao mesmo tempo, os distingue de outros que não possuem essas características. Logo, o gosto “é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado.” (BOURDIEU, 2008, p.54)

O gosto, além de ser uma preferência, é antes um repúdio, o asco, a não identificação com ações, gestos, características dos outros. E essa aversão pelos estilos de vida dos outros é o que podemos dizer que define o limite entre as classes e frações de classes sociais. E qual a importância do gosto para responder nossa pergunta central?

Parafrazeando simploriamente Pierre Bourdieu, expomos a seguinte linha de raciocínio: o gosto, que opera através dos mecanismos de distinção social que, por sua vez, se objetivam nas práticas sociais, que possuem um poder de classificar e desclassificar, acabam por ser a expressão de uma classe ou fração de classe social. A última seria a representação de uma posição no espaço social, e essa, por sua vez, é reproduzida dentro das famílias e grupos sociais. Essa reprodução pode se fazer de modo que muitas “necessidades” sejam travestidas em formato de “estratégias” ou mesmo que muitas “obrigações” sejam mascaradas e se apresentem como “preferências”. Essas preferências ou escolhas, por sua vez, (sendo ou não obrigações, dependendo da posição social ocupada pelos indivíduos) definem de certa forma os destinos sociais dos grupos ou dos indivíduos.

Já os estilos de vida estão circunscritos aos gostos, sendo que se conformam como a manifestação prática dos gostos e das disposições incorporadas em forma de *habitus* no

cotidiano. Logo, de acordo com Bourdieu, os estilos de vida são “diferentes sistemas de propriedades em que se exprimem os diferentes sistemas de disposições.” (BOURDIEU, 2008, p.236)

Explicitados os conceitos de gosto e estilo de vida e suas conexões com a nossa questão de pesquisa, incorreremos, neste momento, em discutir, desvendar e mapear as variáveis ligadas ao capital cultural dos engenheiros de produção. Portanto, a seguir, começaremos a observar o desdobramento das variáveis mais importantes escolhidas.<sup>119</sup>

### **4.3 O capital social: festas e frequência em clubes privados e de viagens**

A intenção de trabalharmos com a variável do capital social se justifica para que verifiquemos de forma mais geral (pois as entrevistas foram fechadas) se as famílias desses alunos tinham relações sociais frequentes em alguns espaços sociais. Depois de obtermos a informação, através de nossos dados, de que a grande maioria dos pais dos entrevistados tanto da UFSCar quanto da USP são profissionais liberais, recorreremos a algumas informações em que as variáveis tenham relação com essa profissão e perceberemos quais as semelhanças e as distâncias dos capitais contidos nessa profissão no Brasil e os citados por Pierre Bourdieu na França. Sendo assim o capital social pode ser descrito:

Relativamente providas das duas formas de capital, apesar de sua reduzida integração na vida econômica para aplicar ativamente seu capital nesse campo, as profissões liberais - e, em particular, médicos e advogados - investem na educação dos filhos, mas também, e sobretudo, nos consumos propícios a simbolizar a posse de recursos materiais e culturais que se conformem com as regras da arte burguesa de viver e, por isso mesmo, capazes de garantir um capital social: capital de relações mundanas que podem, se for o caso, fornecer "apoios" úteis; assim como capital de honorabilidade e de respeitabilidade que, muitas vezes, é indispensável para atrair ou assegurar a confiança da alta sociedade e, por conseguinte, de sua clientela, além da possibilidade de servir de moeda de troca, por exemplo, em uma carreira política. (BOURDIEU, 2008, 112)

---

<sup>119</sup> É importante mencionar que o fato de expormos muitas tabelas e não colocarmos todas em anexo tem um propósito metodológico e didático. Enquanto que para alguns leitores acostumados com análises qualitativas essa prática possa se tornar enfadonha, para muitos leitores da área quantitativa, a presença física da tabela no texto é algo importante, pois é a partir delas que faremos alguns cálculos sobre o número de respondentes para cada opção escolhida, além de chegaremos a algumas conclusões mais incisivas. Muitas vezes, quando só descrevemos os dados no texto corrido, os números passam de forma despercebida e as nuances e propriedades que estão por trás deles não são levadas em conta pelo leitor. Por esse motivo, escolhemos deixar boa parte das tabelas no texto, enquanto que outras foram retiradas e dispostas em anexo. Essa prática normalmente é de escolha do autor, sendo que encontramos teses repletas de tabelas e outras que as dispõem em anexo.



De acordo com Bourdieu (2008), o capital social é um elemento bastante comum em famílias que possuem origem social<sup>120</sup> mais elevada e ele adquire maior peso quando os indivíduos adquirem seus diplomas de prestígio. Ou seja, nesse sentido, o capital social torna-se importante na luta contra a desclassificação. Podemos destacar um exemplo que segue dentro dessa asserção:

Esse efeito de trajetória interrompida faz com que as aspirações semelhantes a um projétil impulsionado por sua inércia, desenhem, acima da trajetória real - a do filho e neto de ex-estudantes da Polytechnique que se tornou engenheiro comercial ou psicólogo, ou a do licenciado em direito que, por falta de capital social, tornou-se animador cultural. (BOURDIEU, 2007, p.139)

De acordo com o autor, os membros das profissões liberais ou burguesia dos negócios possuem fortes chances de mobilizar seus capitais sociais. Esses últimos são imprescindíveis para ascender e escapar das posições médias. Por isso, averiguaremos se existem intervenções por parte dessas famílias em clubes, associações<sup>121</sup>, reuniões de família ou festa com amigos e a frequência em viagens para construir algum tipo de capital social.

**Tabela 88 – Com que frequência os alunos da UFSCar costumam viajar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	.	.	8	6,78	8	5,30
<b>Às vezes</b>	19	57,58	80	67,80	99	65,56
<b>Frequentemente</b>	14	42,42	30	25,42	44	29,14
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 89- Com que frequência os alunos da USP costumam viajar**

	N	%
<b>Nunca</b>	5	6,67
<b>Às vezes</b>	59	78,67
<b>Frequentemente</b>	11	14,67

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

<sup>120</sup> De acordo com o estudo de Collins (1979), a origem social elevada afeta a ocupação das carreiras na medida em que ela se torna sempre aceitável na cultura informal da organização. Em outros casos, a posição elevada na carreira pode ser concedida devido à herança e a influência familiar.

<sup>121</sup> De acordo com Collins (1979), tanto os antecedentes étnicos, os laços com a escola e ser membro ou não de clubes e associações são elementos que têm grande importância para a carreira que diz respeito à ocupação de alguns cargos.

**Tabela 90- Com que frequência os alunos da universidade particular costumam viajar**

	N	%
<b>Nunca</b>	4	25,00
<b>Às vezes</b>	11	68,75
<b>Frequentemente</b>	1	6,25

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

No que diz respeito às viagens, tanto os alunos da UFSCar como os alunos da USP se colocam em uma posição intermediária ao dizerem viajar às vezes. O mesmo ocorre com os alunos da universidade particular. Daremos mais valor interpretativo sempre que as opções extremas estiverem mais evidentes. A escolha da opção intermediária pode ter incorrido em algumas mensagens subjetivas, ou em escolher a opção intermediária de maior comodidade ou no fato real de o indivíduo não viajar com tanta frequência, apesar não deixar de viajar. (SCHOBER, 1999)

De todo o modo, entre os alunos antigos da UFSCar, temos uma porcentagem um pouco maior dos que viajam frequentemente, até mesmo por já estarem formados e, muitas vezes, terem que realizar viagens a trabalho que podem influenciar em seus capitais sociais. No caso da USP, a porcentagem dos que dizem viajar às vezes é maior que o percentual dessa mesma categoria entre os alunos da UFSCar.

Sobre a participação e associação a qualquer tipo de clube ou associações coletivas, a variabilidade de respostas é grande, pois as porcentagens muito próximas se distribuem entre três opções: parte dos antigos alunos não se associam, alguns se associam as vezes (a maior parte deles com 36%) e outros nunca se associam. Entre alunos recém-formados ocorre o mesmo, a maior parte deles se classifica em “às vezes” ou “frequentemente” se associar e a menor parte nunca se associa.

Já no caso da USP, tem-se uma porcentagem muito grande (44%) dos que não se associam a clubes e associações. Devemos considerar o fato de que os alunos da USP moram em São Paulo, cidade na qual há uma grande disponibilidade de espaços sociais públicos, como parques e espaços privados de eventos, além dos clubes e associações para que esses indivíduos se encontrem. Já nas cidades do interior, como é o caso dos alunos da UFSCar, as possibilidades de clubes e associações são importantes para se construir o capital social e a sociabilidade na cidade.

Já no caso dos alunos da universidade particular, é próximo o número dos que são sócios de clubes às vezes e dos que nunca são sócios. Todavia, a frequência a clubes é muito baixa.

**Tabela 91 – Se os alunos da UFSCar costumam frequentar algum clube ou associações da cidade**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	10	30,30	33	28,21	43	28,67
<b>Às vezes</b>	12	36,36	43	36,75	55	36,67
<b>Frequentemente</b>	11	33,33	41	35,04	52	34,67
<b>Total</b>	33	100,00	117	100,00	150	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 92 – Se os alunos da USP costumam frequentar algum clube ou associações da cidade**

	N	%
<b>Nunca</b>	33	44,59
<b>Às vezes</b>	26	35,14
<b>Frequentemente</b>	15	20,27

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 93– Se os alunos da universidade particular costumam frequentar algum clube ou associações da cidade**

	N	%
<b>Nunca</b>	6	37,50
<b>Às vezes</b>	7	43,75
<b>Frequentemente</b>	3	18,75

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Com relação à frequência de festas na casa de amigos, essa variável nos serviria para mostrar se os respondentes possuem relações sociais e um capital social ativo ou se costumam se fechar mais em atividades individuais. No caso da UFSCar, mais da metade dos antigos alunos frequentam a casa de amigos e, entre os recém-formados, esse número cresce ainda mais. No caso da USP, mais da metade dos alunos frequenta festas na casa de amigos. Essa porcentagem fica mais acentuada para alunos da UFSCar. No caso dos alunos da

universidade particular, constatamos que mais da metade dos alunos também comparece à festas na casa de amigos às vezes.

**Tabela 94 – Com que frequência os alunos da UFSCar comparecem às festas na casa de amigos**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	2	6,06	2	1,68	4	2,63
<b>Às vezes</b>	13	39,39	42	35,29	55	36,18
<b>Frequentemente</b>	18	54,55	75	63,03	93	61,18
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 95 – Com que frequência os alunos da USP comparecem às festas na casa de amigos**

	N	%
<b>Nunca</b>	5	6,67
<b>Às vezes</b>	31	41,33
<b>Frequentemente</b>	39	52,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 96 – Com que frequência os alunos da universidade particular comparecem às festas na casa de amigos**

	N	%
<b>Às vezes</b>	10	62,50
<b>Frequentemente</b>	6	37,50

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Portanto, no que diz respeito a nossos três marcadores de capitais sociais, os alunos da USP viajam mais, além de termos observado, na seção anterior, que eles são os que mais fazem viagens para o exterior, o que exige não só um capital financeiro, mas também disposições e vontades voltadas para esse tipo de necessidade. No que diz respeito a serem sócios de clubes e associações, os alunos da UFSCar são os que mais frequentemente se associam. Sobre o comparecimento em festas na casa de amigos, ambos utilizam desse tipo de capital social, mas ele ocorre mais frequentemente entre os alunos da UFSCar. Quanto aos

alunos da universidade particular, é grande a porcentagem dos alunos que não se associam a clubes, muito próxima a porcentagem dos que vão a clubes às vezes, e o número de alunos que vai a clubes com frequência é bem baixo. No que diz respeito às viagens é muito baixa a porcentagem dos alunos da universidade particular que viajam com frequência com relação às duas outras universidades públicas.

Temos, aqui, alguns pontos importantes de reflexão, pensando que a vida universitária no interior é bastante ativa e distinta da vida universitária em São Paulo. Muitas vezes, as festas e o grau de liberdade para os alunos da UFSCar podem ser maiores, uma vez que eles moram fora de suas residências familiares. Esse fato pode não ocorrer com os alunos da USP, pois a maior parte deles tem suas famílias residentes em São Paulo e, por isso, podem ter um convívio familiar maior, o que evidencia relações voltadas para o capital social familiar e não tanto para o estudantil.

Apesar desse aspecto, constatamos em conversas com os alunos, nos corredores da UFSCar, e em análise etnográfica, que a maior parte dos alunos não possui tempo livre, seu tempo fora das aulas é destinado a tarefas competitivas, como frequentar cursos de idiomas, participar da empresa Junior ou de grupos de estudos voltados para suas áreas de escolha, a fim de mobilizar seu capital cultural e seu capital social. Como relatou um dos alunos, em uma conversa “é uma busca frenética e competitiva para ter o melhor perfil para passar nos processos seletivos das empresas”. No caso da USP, não tivemos esse tipo de diálogo e momentos de descontração, mesmo percorrendo os corredores da universidade.

#### **4.4 O lazer: esportes e televisão**

##### **A televisão**

No que se refere à variável televisão, Bourdieu (2008) assinala que os membros das classes dominantes assistem com pouca frequência a espetáculos televisivos esportivos na França, a não ser no caso do tênis ou rugby. Sabemos que, no Brasil, a paixão nacional pelo futebol muitas vezes supera a questão de classe, mas, em outras, como assinala Pulici (2010, p.120), o jornal Rádio Cultura, em 2006, emitiu a notícia de que: “O interesse do presidente Lula pelo futebol contrasta com o interesse do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que já afirmou não ver muitos jogos pela televisão preferindo ler livros”. Outra declaração de uma das informantes “nova-rica” de Pulici (2010) é o fato de assistirem novelas e documentários.

Ademais, a autora consegue observar que os respondentes da elite paulista, dentro dessa categoria, dizem assistir mais documentários, já os chamados “novos-ricos” de Alphaville assistem com grande frequência a jornais televisivos, principalmente em canais da TV fechada. Outras frações de classe, por exemplo, podem não ter tempo disponível para algumas atividades de lazer como assistir televisão, como é o caso da padeira entrevistada por Bourdieu (2008 p.328):

Não foi a uma sala de cinema, "pelo menos, há dez anos"; não tem tempo para ler os jornais diários, nem os semanários, tais como Match ou lours de France - revistas que, às vezes, os clientes esquecem na padaria: "um grande número de páginas para mostrar praticamente nada e muitos anúncios". Ela assiste um pouco a televisão, mas "não demais", sobretudo, no domingo, e nunca depois das dez horas da noite; não é uma "fanática da TV", "aprecia os programas divertidos" em que "não se tem de refletir demais", em particular, os programas de variedades com a condição de que o diretor não tente "fazer as coisas bem demais."

Tendo em vista as indicações precedentes, os dados abaixo dizem respeito à frequência com a qual os graduandos assistem televisão, quais são os programas televisivos de suas preferências, se eles assistem a variedades na televisão (elencamos alguns programas populares como Faustão, Hebe, Gugu) e documentários. Deixamos a última questão aberta para que os respondentes citassem os documentários assistidos.

Com relação à frequência que os sujeitos em análise assistem televisão, de acordo com a tabela de número 154 disponível para consulta no apêndice um, temos que, entre os antigos alunos da UFSCar, há um empate percentual (45%) entre aqueles que assistem às vezes e os que assistem frequentemente. Entre os alunos recém-formados, a maior porcentagem (47%) assiste televisão às vezes e a menor (45%) frequentemente, o que evidencia que as porcentagens entre essas duas categorias estão muito próximas. Já entre os alunos da USP, na tabela de número 155 no apêndice um, a porcentagem dos que assistem às vezes é relativamente maior (49%) dos que assistem frequentemente (32%). Já entre os alunos da universidade particular, dados que se encontram na tabela de número 156 no apêndice um, os que assistem televisão às vezes são percentualmente muito maiores (68%) do que a de alunos das universidades públicas.

Com relação aos documentários temos que, entre os antigos alunos da UFSCar, a maior parte (66%) assiste documentários às vezes e entre os alunos recém-formados, mais da metade (52%) assiste a documentários às vezes. No caso da USP, mais da metade (51%) dos alunos assiste a documentários às vezes, sendo baixo o número (12%) dos que assistem frequentemente, e 36% nunca o assistem. Entre os alunos da universidade particular, os que

assistem documentários às vezes são 75% e os que assistem frequentemente perfazem 6% e os que nunca assistem são 18%.

**Tabela 97 – Com que frequência os alunos da UFSCar assistem documentários**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	3	9,09	29	24,79	32	21,33
<b>Às vezes</b>	22	66,67	62	52,99	84	56,00
<b>Frequentemente</b>	8	24,24	26	22,22	34	22,67
<b>Total</b>	33	100,00	117	100,00	150	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 98 – Com que frequência os alunos da USP assistem documentários**

	N	%
<b>Nunca</b>	27	36,49
<b>Às vezes</b>	38	51,35
<b>Frequentemente</b>	9	12,16

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

**Tabela 99 – Com que frequência os alunos da universidade particular assistem documentários**

	N	%
<b>Nunca</b>	3	18,75
<b>Às vezes</b>	12	75,00
<b>Frequentemente</b>	1	6,25

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Um fato muito interessante foi o de deixarmos a questão sobre os documentários aberta, para que os alunos citassem os tipos de documentários que assistem. Logo, essa questão nos trouxe a ideia de construir uma nova variável, pois era muito grande o número de alunos que citava programas que consideravam pertencer ao gênero “documentários”, mas não eram. Exemplos de respostas equivocadas que verificamos foram, por exemplo, programas televisivos como jornais, Jô Soares, Marília Gabriela, programa de variedades da Rede Bandeirantes, entre outros. Por isso, nessa questão, não só conseguimos visualizar o fato dos respondentes não assistirem documentário, como o fato de não saberem designar ao certo esse gênero de programa televisivo.

Essa seria uma falha grande na construção de seus capitais culturais. Analisando a tabela de número de número 160 que segue no apêndice um, sobre os antigos alunos da UFSCar, a maior parte (68%) citam programas que não são documentários e 32% citam documentários verdadeiros. Entre os recém-formados, 48% citam programas que não são documentários e 51% respondem pertinentemente a questão. Então, o número maior de alunos recentes corresponde aos sujeitos que assistem a documentários verdadeiros. No caso da USP, dados que se encontram na tabela de número 61 no apêndice um, 66% respondem programas que não são documentários e apenas 35% respondem coerentemente a questão.

No caso dos alunos da universidade particular, cujos dados se disponibilizam na tabela de número 162 no apêndice um, foram poucos os alunos que responderam essa questão, pois, mais da metade (dez alunos) não a responderam. Entre os que responderam a questão, 83% (cinco indivíduos) acertaram os documentários verdadeiros e 16% (um sujeito) responderam illogicamente a questão.

Sobre os programas de variedades, a maior parte dos antigos alunos da UFSCar (aproximadamente 63%), sobre a qual há dados disponíveis na tabela de número 163 no apêndice um, diz nunca assistir. Entre os alunos recém-formados da mesma instituição, 73% dizem nunca assistir a variedades. Em relação aos alunos da USP, sobre os quais disponibilizamos dados na tabela de número 164 no apêndice um, 86% nunca assistem a variedades televisivas e 13% dizem as assistir às vezes e nenhum dos alunos diz assistir esses programas mais populares frequentemente. Dos alunos da universidade particular, cujos dados disponibilizamos na tabela de número 165 no apêndice um, 56% deles nunca assistem a variedades e o restante dos respondentes (47%) as assiste às vezes. A porcentagem dos discentes que assistem às vezes é muito maior do que a de alunos das universidades públicas.

Temos, portanto, no que diz respeito à televisão, que os alunos da UFSCar a assistem com mais frequência do que os alunos da USP. Já os alunos da universidade particular assistem mais a televisão às vezes do que os indivíduos das duas universidades públicas. Pensando na questão dos documentários, cujas respostas foram coerentes ou não, os alunos da USP assistem menos documentários do que os alunos da UFSCar. É importante ressaltar que são poucos os alunos da UFSCar que respondem a essa questão dos documentários e menor ainda são os uspianos e mais ínfima a porcentagem dos alunos da universidade particular. Nesse sentido, muitos alunos ignoram as questões abertas, seguindo diretamente para as questões fechadas, mais facilmente respondidas, sem necessidade de muita reflexão.



No que diz respeito às variedades, há uma maior porcentagem dos graduandos da USP que nunca assistem a variedades mais populares na televisão, já os discentes da UFSCar assistem a tais variedades com mais frequência, no que diz respeito a universidade particular é grande a porcentagem de alunos que assiste a variedades às vezes.

## **O esporte**

Outra variável importante que usamos foi o esporte, por ser uma variável cujas categorias podem definir bem a classe ou a fração de classe estudada. Nesse caso, Bourdieu (2008) argumenta que existem tipos diferentes de esporte e práticas de acordo com as classes ou frações de classes diferentes. As modalidades esportivas do tênis e do esqui são vistas como mais chiques, ditas de classe dominante. Logo,

Do mesmo modo, para compreender a distribuição da prática dos diferentes esportes entre as classes, seria necessário levar em consideração a representação que, em função dos esquemas de percepção e de apreciação que lhes são próprios, as diferentes classes tem gastos (de ordem econômica, cultural e "física") e benefícios associados aos diferentes esportes, benefícios "físicos" imediatos ou diferidos (saúde, beleza, forma - visível com o culturismo, ou invisível com a higienismo, etc.), benefícios econômicos e sociais (promoção social, etc.) benefícios simbólicos, imediatos ou diferidos, relacionados com o valor distribucional ou posicional de cada um dos esportes considerados (isto é, tudo o que advém a cada um deles pelo fato de sua maior ou menor raridade e de estar mais ou menos claramente associado a uma classe. (BOURDIEU, 2008, p25)

Assim, podemos classificar vários tipos de esporte, a saber, boxe, futebol ou culturismo associado às classes populares. Modalidades esportivas como tênis, equitação e o esqui são associadas à burguesia, à medida que o golfe e polo são atrelados à grande burguesia. Sua respectivas distinções sempre são associadas à estrutura corporal de seus praticantes. Por exemplo, a “expressão da magreza, do corpo bronzeado e da musculatura mais ou menos aparente.”<sup>122</sup>

De toda forma, devemos olhar sempre para a análise dos esportes de forma relacional, pois alguns esportes incorporam características distintas de acordo com o tempo ou o espaço. É o caso do rugby, que é um esporte de elite na Inglaterra e, ao mesmo tempo, na França é relegado às classes populares. No Brasil, temos o caso do futebol, modalidade

---

<sup>122</sup> Com relação ao corpo recomenda-se a leitura de “As classes sociais e o corpo” de Luc Boltanski (1979), obra em que o autor relaciona o corpo e as classes sociais às questões referentes ao uso e a relação existente dos indivíduos com a medicina. Ao final da obra, ele aborda algumas questões que relacionam o corpo com a alimentação, obesidade e prática de esportes. Seus resultados são muito próximos aos de Bourdieu (2008), razão pela qual não incorremos em citá-lo, já que a abordagem a esse tema soaria repetitiva.

esportiva que, em meio à Copa Mundial de 2014, parte das elites brasileira e internacional assistiu aos jogos. Há determinados momentos, entretanto, que o futebol se associa às classes populares, uma vez que os grandes jogadores brasileiros são, muitas vezes, recrutados a partir das periferias brasileiras.

Assim, quanto aos esportes,

Tudo se passa como se a probabilidade de praticar os diferentes esportes dependesse, nos limites definidos pelo capital econômico (e cultural), assim como pelo tempo livre, da percepção e da apreciação dos lucros e custos intrínsecos e extrínsecos de cada uma das práticas em função das disposições do habitus e, mais precisamente, da relação com o próprio corpo que é uma de suas dimensões. (BOURDIEU, 2008, 200)

No caso dos engenheiros da Universidade Politécnica de São Paulo, conseguimos localizar a utilização do golfe como esporte distintivo entre os ex-alunos dessa universidade. Esses alunos costumam jogar golfe em outras esferas e grupos, além de se reunirem anualmente para jogar juntos e colocar em dia as suas relações referentes a seus capitais sociais. É interessante pensar que esse dado coletado, através das redes sociais e principalmente do grupo da associação de engenheiros politécnicos dentro das redes sociais, tem uma relação forte com as novas gerações de politécnicos que estão se graduando.

Entre os inúmeros comentários nas fotos da rede social, um aluno atual da Poli dizia: “Daqui alguns anos seremos nós jogando golfe”. A tradição de alguns esportes distintos na Poli é algo que atravessa gerações desde a sua criação até os dias de hoje. Até mesmo quando assistimos a uma palestra, na Universidade Politécnica de São Paulo, que tratava das “inovações no campo das engenharias”, um dos ouvintes, antes de realizar sua pergunta, fez uma brincadeira referente ao golfe, como se fosse algo já banalizado em seu cotidiano: “Quando saio dos jogos de golfe com meus amigos, conversamos muito sobre a questão da inovação na engenharia.”

Outro fato interessante relacionado aos esportes é o tipo de exposição e de atribuição de valor coletivo aos esportes que é dado pela Universidade Politécnica de São Paulo. A saber, no ano de 2014, a associação de engenheiros politécnicos ofereceu um coquetel para apresentar a Equipe Poli *Masters* de natação, que é consagrada pela associação paulista de natação máster, na qual praticantes de renome dessa modalidade esportiva competirão em nível nacional.

Já na UFSCar, uma prática bastante comum entre os ex-alunos e atuais professores é a recorrência constante de jogos de futebol, principalmente depois do expediente

de trabalho. Contudo, percebemos o quanto o esporte, e principalmente esportes mais renomados, são importantes no processo de distinção dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo. Quanto à UFSCar, não há uma relação forte entre as práticas de distinção e o esporte.

Partimos, agora, para a análise de nossos dados. , sendo que, algumas questões são relacionadas à frequência da prática de esportes, ao tipo de esporte praticado e à frequência de academias de ginástica. Em concordância com os dados disponíveis na tabela de número 166 no apêndice um temos que, entre os antigos alunos e os alunos recém-formados da UFSCar, a porcentagem maior é a dos que praticam esporte frequentemente. Já com relação à USP, sobre a qual concedemos dados de pesquisa na tabela de número 167 no apêndice um, temos que a maior parte (44%) dos uspianos praticam esportes frequentemente. Com relação aos alunos da universidade particular, sobre os quais há dados para conferência na tabela de número 168 no apêndice um, 66% deles praticam esportes às vezes, 20% deles os praticam com frequência, taxas muito menores com relação às taxas comparadas dos esportes frequentes nas universidades públicas.

No que diz respeito ao tipo de prática, dividimos os esportes pelo seu valor econômico e simbólico. Esportes de valor econômico são os esportes baratos e com bola: vôlei, basquete, futebol e handebol. Há, ainda, esportes citados pelos respondentes que exigem um maior capital econômico (caros) e que não são de prática popular e comum no Brasil, tais como tênis, equitação, escalada, artes circenses, atletismo, pólo aquático, ciclismo, golfe, ginástica olímpica, tênis de mesa, surfe e squash. Existem também esportes ao ar livre, como corridas e caminhadas, além dos esportes modais medianos, como frequência à academia, prática de natação, yoga, dança e artes marciais.

É necessário ressaltar que a divisão que realizamos tem como inspiração os esportes citados por Bourdieu (2008), no entanto, realizamos algumas modificações que condizem melhor com a realidade brasileira, marcando os esportes mais distintos pelo valor econômico e pelo grau de dificuldade de encontrar espaços para realizá-los, a saber, muitos dos esportes citados como atletismo, tênis de mesa e escalada, por exemplo, existem como modalidades nas universidades francesas, mas são de mais difícil acesso aos universitários no Brasil, uma vez, que eles não existem de forma sistemática em grande parte das universidades. Os esportes medianos são os esportes mais praticados dentro das classes médias brasileiras e os mais habituais no mundo universitário (de acordo com as atléticas esportivas de algumas universidades do Brasil).

Já as atividades ao ar livre possuem um tom de complexidade, pois, apesar de serem atividade de baixo custo, na França, as atividades associadas à natureza, como as caminhadas ao ar livre, se referem às pessoas que tem *connaissance de la campagne* e que possuem raízes mais antigas. (BOURDIEU, 2008, p.262). Já no Brasil, as caminhadas podem estar associadas à várias frações de classe, a mudança pode se dar no plano do espaço onde elas executam as caminhadas. No interior de São Paulo, por exemplo, existem os espaços para as classes populares. No caso da cidade de São Carlos, ilustramos o Campo do Ruy, para as classes médias, uma avenida próxima ao SESC e, para as classes mais altas, a pista da saúde da UFSCar. Em São Paulo, exemplificamos com o Parque Ibirapuera, preenchido pelas classes médias e altas devido a sua localização.<sup>123</sup> Por isso, essa categoria fica à parte para que tenhamos parâmetros mais abrangentes de análise, caso necessário.

Pensando, portanto, nos tipos de esportes praticados pelos alunos da UFSCar, temos a maior porcentagem (33%), entre os antigos alunos, de esportes médios (frequência à academia, yoga, natação, dança e artes marciais). Em segundo lugar (25%), temos tanto os esportes distintos e mais caros como os esportes ao ar livre. Já entre os alunos recém-formados da mesma instituição, temos esportes básicos, baratos e com bola (muitas vezes oferecidos dentro da própria universidade). Em segundo lugar (22%), observamos os esportes médios já citados e, em terceiro lugar (22%), temos os esportes caros e mais distintos.

**Tabela 100 – Que tipo de esporte os alunos da UFSCar praticam**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Esportes básicos baratos e com bola</b>	4	14,81	30	34,88	34	30,09
<b>Esportes de equipamentos caros</b>	7	25,93	19	22,09	26	23,01
<b>Esportes ao ar livre</b>	7	25,93	13	15,12	20	17,70
<b>Academia, natação, yoga, dança, artes marciais</b>	9	33,33	24	27,91	33	29,20
<b>Total</b>	27	100,00	86	100,00	113	100,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

<sup>123</sup> Utilizamos essas referências a fim de localizar as cidades relativas as duas universidades estudadas.

No universo da USP, temos 41% dos esportes praticados entre os básicos com bola, em segundo lugar (20%), há os esportes mais distintos e mais caros, bem como os esportes médios, seguidos dos esportes ao ar livre, que perfazem 16%.

Na universidade particular, 30% dos alunos (três sujeitos) praticam esportes baratos com bola e 30% (três indivíduos) praticam esportes com equipamentos caros, como o ciclismo. Porém, devemos relativizar essa prática, pois muitos pedalam suas bicicletas sem nenhum aparato esportivo e consideram essa atividade como ciclismo. Quando nos referimos a essa prática como esporte caro, temos em mente o custo de uma boa bicicleta (as preparadas para a prática) e equipamentos de primeira linha. Do restante dos respondentes, 20% (dois respondentes) praticam esportes ao ar livre e os outros 20% (dois alunos) praticam esportes médios como academia, natação, yoga, etc. É importante mencionar que quase metade dos entrevistados não respondeu a questão (seis pessoas).

**Tabela 101 – Que tipo de esporte os alunos da USP praticam**

	N	%
<b>Esportes básicos baratos com bola</b>	22	41,51
<b>Esportes de equipamentos caros</b>	11	20,75
<b>Esportes ao ar livre</b>	9	16,98
<b>Academia, natação, yoga, dança, artes marciais</b>	11	20,75

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

**Tabela 102 – Que tipo de esporte os alunos da universidade particular praticam**

	N	%
<b>Esportes básicos baratos com bola</b>	3	30,00
<b>Esportes de equipamentos caros</b>	3	30,00
<b>Esportes ao ar livre</b>	2	20,00
<b>Academia, natação, yoga, dança, artes marciais</b>	2	20,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

No que diz respeito à frequência de academias de ginástica, que no Brasil poderíamos considerar uma modalidade esportiva praticada principalmente pelas classes médias (devido às altas mensalidades cobradas), temos que entre os antigos alunos, 48% dizem frequentá-las às vezes e, entre os discentes recém-formados, as percentagens são muito próximas em relação a três categorias citadas, em torno de 33% para cada uma delas.

**Tabela 103 – Com que frequência os alunos da UFSCar vão à academia**

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	10	30,30	40	33,90	50	33,11
<b>Às vezes</b>	16	48,48	38	32,20	54	35,76
<b>Frequentemente</b>	7	21,21	40	33,90	47	31,13
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Quanto aos alunos uspianos, eles estão em grande porcentagem (42%) cotados entre os que nunca vão à academia, seguidos (33%) dos que vão às vezes, e os que são assíduos na academia são 24%. Entre os alunos da universidade particular, mais da metade (aproximadamente 62%) vai à academia às vezes, 25% nunca vão à academia e 12% vão à academia com frequência.

**Tabela 104– Com que frequência os alunos da USP vão à academia**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	32	42,67
<b>Às vezes</b>	25	33,33
<b>Frequentemente</b>	18	24,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

**Tabela 105– Com que frequência vão à academia os alunos da universidade particular**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	4	25,00
<b>Às vezes</b>	10	62,50
<b>Frequentemente</b>	2	12,50

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Como constatado pela análise das redes sociais e outros pontos de informação, a Universidade Politécnica investe muito mais em esportes distintos do que no culto ao corpo através das academias de ginástica ou musculação. Os esportes distintos são citados pelos alunos de ambas as universidades públicas e suas porcentagens são muito próximas. Quanto à

universidade particular, os alunos vão com frequência a academias de ginástica, mas é pouca a porcentagem dos que praticam esportes médios ou de equipamentos caros (não pudemos verificar a menção dos alunos ao ciclismo é pertinente).

No entanto, as informações que tivemos sobre a tradição coletiva, associada aos esportes mais distintos, que vêm sendo trazidos desde as gerações mais antigas, entram em contradição com as práticas de esportes distintos, mas de forma individual e não institucionalizada por parte dos alunos da UFSCar, o que acarreta aos primeiros um sentido maior de coesão distintiva.

#### **4.5 A representação estética: alimentação vestuário e mobiliário**

##### **Alimentação**

Discutir o elemento alimentação como variável para distinção torna-se imprescindível, pois sabe-se que as classes e frações de classes variam a sua escolha alimentar de acordo com a posição que ocupam no espaço social. Bourdieu (2008) dá continuidade a esse argumento, afirmando que as classes mais populares possuem um gosto voltado para alimentos mais gordurosos, enquanto que as classes sociais mais altas seguem a tendência de comer alimentos mais saudáveis. Quanto ao alimento, no momento em que o autor traça sua análise de correspondência múltipla, ele afirma que:

A antítese entre a quantidade e a qualidade, a grande comilança e os quitutes, a substância e a forma ou as formas, encobre a oposição, associada a distanciamentos desiguais a necessidade, entre o gosto de necessidade - que, por sua vez, encaminha para os alimentos, a um só tempo, mais nutritivos e mais econômicos - e o gosto de liberdade - ou de luxo - que, por oposição a comezaina popular, tende a deslocar a ênfase da matéria para a maneira (de apresentar, de servir, de comer, etc.) para um expediente de estilização que exige a forma e as formas que operem uma denegação da função. (BOURDIEU, 2008, p.13)

Outro fato citado é o de que as diferentes profissões se associam a um tipo específico de alimentação. Pensando sobre os pais de nossos entrevistados, em grande parte formada por profissionais liberais, temos que:

Ao contrário, o gosto dos membros das profissões liberais ou dos quadros superiores constituem negativamente o gosto popular como gosto do pesado, gorduroso e grosseiro, orientando-se para o leve, delicado, requintado: a abolição dos freios

econômicos e acompanhada pelo fortalecimento das censuras sociais que interditam a grosseria e a grossura em benefício da distinção e da finura ao gosto pelos alimentos raros e aristocráticos tende a preparação de uma culinária de tradição, rica em produtos caros ou raros (legumes frescos, carnes, etc.). (BOURDIEU, 2008, p.176)

Outro fato mencionado é a relação existente entre o gosto e o corpo ou mesmo entre a alimentação e o corpo. A escolha de alimentos saudáveis está associada à própria forma de representação social que o sujeito incorpora e exterioriza socialmente. Um corpo magro estaria associado a uma alimentação leve, saudável e balanceada, desse modo a sua elegância encarregaria por si só de sua distinção. Os alimentos mais gordurosos estariam associados a um corpo fora de forma, o que representa pouca preocupação com a representação social. Ainda dentro dessa questão, podemos destacar o fato de que, no Brasil, para se comer bem, de forma saudável, leve e com acréscimo de alimentos orgânicos, é necessário estar associado a uma faixa de renda mais alta.

Passamos para a análise das tabelas vindouras, nas quais há questionamos aos entrevistados sobre a frequência que costumam comer alimentos saudáveis. A maior porcentagem de respostas (81%), entre os antigos alunos, é a dos que comem alimentos saudáveis frequentemente. Entre os alunos recém-formados, a maior porcentagem listada é a de 60%, também contabilizando os que comem comidas saudáveis.

**Tabela 106 – Com que frequência os alunos da UFSCar comem alimentos saudáveis**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	.	.	4	3,36	4	2,63
<b>Às vezes</b>	6	18,18	43	36,13	49	32,24
<b>Frequentemente</b>	27	81,82	72	60,50	99	65,13
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

**Tabela 107 – Com que frequência os alunos da UFSCar comem alimentos gordurosos**

	Grupo	Total
--	-------	-------



	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	5	15,15	5	4,20	10	6,58
<b>Às vezes</b>	26	78,79	95	79,83	121	79,61
<b>Frequentemente</b>	2	6,06	19	15,97	21	13,82
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

No caso dos alimentos gordurosos, 78% dos ex-alunos da UFSCar diz os ingerir de vez em quando, enquanto que entre os recém-formados esse número é de 79%.

Já entre os alunos da USP, os que costumam comer alimentos saudáveis frequentemente perfazem o total de 69% e os que costumam comer alimentos gordurosos às vezes são 74% dos entrevistados.

**Tabela 108– Com que frequência os alunos da USP comem alimentos saudáveis**

	N	%
<b>Nunca</b>	3	4,00
<b>Às vezes</b>	20	26,67
<b>Frequentemente</b>	52	69,33

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

**Tabela 109 – Com que frequência os alunos da USP comem alimentos gordurosos**

	N	%
<b>Nunca</b>	9	12,00
<b>Às vezes</b>	56	74,67
<b>Frequentemente</b>	10	13,33

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Sobre os alunos da universidade particular, os que consomem frequentemente alimentos saudáveis são 43%, os que o fazem às vezes são a mesma porcentagem e os que nunca o fazem perfazem 12%. Portanto, em comparação com as outras universidades públicas, temos uma porcentagem muito mais baixa de alunos da universidade particular que consomem alimentos saudáveis frequentemente.

**Tabela 110– Com que frequência os alunos da universidade particular comem alimentos saudáveis**

	N	%
<b>Nunca</b>	2	12,50
<b>Às vezes</b>	7	43,75
<b>Frequentemente</b>	7	43,75

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Já entre os que ingerem alimentos gordurosos, temos que 31% os comem com frequência e 68% comem esse tipo de alimento às vezes. Portanto, podemos constatar que, com relação aos alunos das duas universidades públicas, os alunos da universidade particular se apresentam, com dados bem mais altos, como consumidores frequentes de comida gordurosa.

**Tabela 111 – Com que frequência os alunos da universidade particular comem alimentos gordurosos**

	N	%
<b>Às vezes</b>	11	68,75
<b>Frequentemente</b>	5	31,25

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Partindo das descrições anteriores, podemos afirmar que uma maior quantidade de alunos uspianos é habituada a comer alimentos mais saudáveis, enquanto que os alimentos gordurosos são consumidos pelos ex-alunos de ambas as universidades públicas às vezes e dentro de uma porcentagem muito próxima. Quanto aos alunos da universidade particular, é menor a frequência dos que costumam ingerir alimentos saudáveis. Ademais, é muito maior a frequência daqueles que se nutrem de comidas gordurosas com relação aos alunos das universidades públicas.

## **Vestuário**

De acordo com Pierre Bourdieu (2008), o vestuário dos indivíduos também os atribui características de distinção ou de distanciamento da distinção e podem se adequar, de acordo com as diferentes classes ou frações de classes. A saber, as roupas mais sóbrias e adequadas, que são as mais discretas, são as mais utilizadas pelas classes dominantes e superiores, as roupas de grife são mais utilizadas pelos pequenos burgueses franceses e pelas

classes superiores. Nesse sentido, Bourdieu (2008, p.329) aponta que: “[...] na antiga burguesia que, por um luxo discreto, afirma sua rejeição das audácias "pretensiosas" ou "vulgares" da nova burguesia, pequena e grande.”

Pensando sobre a citação supradita, assinalamos que, no Brasil, o tipo de roupa mencionado anteriormente é bastante usado pelas classes ascendentes ou o que denominamos “novo-rico” que, como afirma Pulici (2010), está inserido em um universo onde reina a ostentação, a saber, as casas suntuosas dos paulistas em Alphaville.

Outro tipo de vestimenta que se aproxima mais do estilo jovem e se distancia do estilo de vida mais sofisticado são as roupas que estão na moda ou mesmo as roupas rebuscadas e audaciosas, que exibem o indivíduo e não são nada discretas. Já as roupas mais clássicas, simples ou à vontade fazem jus ao estilo de vida de pessoas que não têm alto poder aquisitivo para investir em um tipo de gasto aparatoso com roupas.

Voltando para nossos dados, quanto ao vestuário, selecionamos as tabelas que expressam melhor o gosto de vestuário dos alunos. Sobre os alunos da UFSCar, temos que 54% dos alunos antigos usam roupas de grife às vezes e 66% dos alunos recém-formados a utilizam.

**Tabela 112 – Com que frequência os alunos da UFSCar usam vestimentas de grife**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	5	15,15	16	14,55	21	14,69
<b>Às vezes</b>	18	54,55	73	66,36	91	63,64
<b>Frequentemente</b>	10	30,30	21	19,09	31	21,68
<b>Total</b>	33	100,00	110	100,00	143	100,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Sobre a vestimenta sóbria e adequada, 70% dos antigos alunos a utiliza frequentemente e 53% dos alunos recém-formados também.

**Tabela 113–Com que frequência os alunos da UFSCar usam vestimentas sóbrias e adequadas**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	2	6,45	6	5,22	8	5,48
<b>Às vezes</b>	7	22,58	61	53,04	68	46,58
<b>Frequentemente</b>	22	70,97	48	41,74	70	47,95
<b>Total</b>	31	100,00	115	100,00	146	100,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Quanto às vestimentas que são mais à vontade, os antigos alunos dizem as usar frequentemente perfazendo 71% dos entrevistados e entre os alunos recém-formados esse percentual é de 76%.<sup>124</sup>

**Tabela 114 – Com que frequência os alunos da UFSCar usam vestimentas à vontade**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	1	3,13	3	2,56	4	2,68
<b>Às vezes</b>	8	25,00	24	20,51	32	21,48
<b>Frequentemente</b>	23	71,88	90	76,92	113	75,84
<b>Total</b>	32	100,00	117	100,00	149	100,00

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Quanto aos dados dos alunos uspianos, temos exatamente as mesmas tabelas correspondentes ao tipo de vestimentas que são mais usadas pelos alunos entrevistados. A porcentagem maior (58%) se destina aos alunos que usam roupa de grife às vezes, seguidos dos que usam vestimentas sóbrias e adequadas frequentemente (46%) e da maioria (61%) que usa roupas à vontade.

**Tabela 115 – Com que frequência os alunos da USP usam vestimentas de grife**

<sup>124</sup> É importante mencionar que outros tipos de vestimentas foram averiguados, como os de roupas da moda, roupas audaciosas e rebuscadas, roupas chiques e distintivas, que são justamente as roupas poucas usadas frequentemente pelos alunos. Essas tabelas estão disponíveis para consulta no anexo.

	N	%
<b>Nunca</b>	12	18,46
<b>Às vezes</b>	38	58,46
<b>Frequentemente</b>	15	23,08

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

**Tabela 116 – Com que frequência os alunos da USP usam vestimentas sóbrias e adequadas**

	N	%
<b>Nunca</b>	4	5,63
<b>Às vezes</b>	34	47,89
<b>Frequentemente</b>	33	46,48

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

**Tabela 117 – Com que frequência os alunos da USP usam vestimentas à vontade**

	N	%
<b>Nunca</b>	3	4,17
<b>Às vezes</b>	25	34,72
<b>Frequentemente</b>	44	61,11

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

As porcentagens são muito próximas entre as duas universidades públicas, mas quanto às roupas sóbrias e adequadas, nós observamos uma prevalência para esse uso na USP, com maiores porcentagens entre os que as usam às vezes e os que as usam frequentemente.

Portanto, temos porcentagens mais altas que nos podem indicar o potencial de maior distinção na representação com as vestimentas<sup>125</sup> na Universidade Politécnica de São Paulo. Ao mesmo tempo, observamos que quanto à vestimenta, não tivemos uma predileção estrita nesse grupo profissional, ou seja, os diferentes estilos de roupas e estilos de vida se mesclam do sóbrio ao adequado, passando também pelas altas porcentagens das roupas que deixam os indivíduos à vontade. Esse fato pode assinalar justamente o processo de transição onde esses alunos ora se portam como universitários e ora se portam como alunos que já estão ingressando no mercado de trabalho.

<sup>125</sup> De acordo com Collins (1979), os modelos de profissional que tinham mais êxito nas pesquisas norte-americanas eram o que tinha as vestimentas, a conversação e a conduta pessoal voltada para características de classe média.

**Tabela 118 – Com que frequência os alunos da universidade particular usam vestimentas de grife**

	N	%
<b>Nunca</b>	1	6,25
<b>Às vezes</b>	14	87,50
<b>Frequentemente</b>	1	6,25

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Entre os alunos da universidade particular, a maioria (aproximadamente 87%) usa roupas de grife às vezes, as menores porcentagens (empate de 6,25%, correspondente a um sujeito) ficam para os estudantes que usam roupas de grife frequentemente e estudantes que nunca as usam.

**Tabela 119 – Com que frequência os alunos da universidade particular usam vestimentas sóbrias e adequadas**

	N	%
<b>Nunca</b>	3	21,43
<b>Às vezes</b>	9	64,29
<b>Frequentemente</b>	2	14,29

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Sobre as roupas sóbrias ou adequadas, a maioria (64%) diz as usar às vezes, em segundo lugar (21%) são os que nunca a utilizam e, por último, os que a usam frequentemente (14%). Com relação às vestimentas à vontade, a maioria dos alunos as utilizam às vezes e 21% deles as utilizam frequentemente.

**Tabela 120 – Com que frequência os alunos da universidade particular usam vestimentas à vontade**

	N	%
<b>Às vezes</b>	11	78,57
<b>Frequentemente</b>	3	21,43

Fonte: elaboração a partir dos dados da pesquisa.

Podemos observar, portanto, que dos alunos da universidade particular, um número muito maior do que o dos alunos das universidades públicas menciona usar roupa de

grife às vezes. A última constatação está em conformidade com a última pesquisa feita pelo Instituto Data Popular, entre 2002 e 2012, que assinala que a nova classe média, ou a dita classe C, passou a consumir muito mais em artigos de moda. Antes, esse consumo era de R\$ 22 bilhões e agora passou para R\$ 55,7 bilhões. Essa fração de classe tem como preferência artigos que encontram nas revistas de moda e de estilistas famosos.<sup>126</sup> Encontramos, portanto, esse diferencial no Brasil, já que, atualmente, as roupas de grife não se restringem à elite consumidora. Já as roupas ditas sóbrias e adequadas são usadas às vezes pela maioria deles e só perdem em percentagem para os antigos alunos da UFSCar. Quanto às roupas à vontade, a taxa dos que as usam às vezes muito se aproxima das referentes aos alunos da UFSCar. Portanto, percebemos que o quesito vestimenta passou a ser uma das prioridades dessa “nova classe média”, que conseguiu aumentar seu poder aquisitivo no Brasil.

Outros fatos interessantes com relação à vestimenta são os que concernem às observações e à etnografia sobre o espaço social dos alunos dentro das duas instituições públicas, que podem nos mostrar muito mais do que os dados descritos anteriormente. Desse modo, reafirmamos a importância da triangulação metodológica, ao usarmos a metodologia quantitativa como metodologia principal. Recorremos às palavras de Becker (1999, p.93) quando o autor assinala que “Um pesquisador de campo engenhoso é capaz de inventar diversas medidas úteis e, desse modo tornar mais fácil a adoção de triangulação multimétodo como um modo de verificar as suas conclusões, um ganho substancial que bem vale o aborrecimento”. As observações sobre o modo de se vestir e ambas as universidades públicas nos são mostradas no quadro a seguir:

### **Figura 22 – *Habitus* e o modo de se vestir na Poli**

#### ***Habitus* e o modo de se vestir**

Os alunos da Poli, em sala de aula, estão vestidos de sapato social, camisa social, calça social e pulôver de frio, sempre muito bem alinhados, com os cabelos em ordem, com gel ou pomada. Quase não há mulheres nas salas de aulas, no máximo cinco ou seis. Essas observações acerca do vestuário e do comportamento são muito distintas do que é observado na Universidade Federal de São Carlos. Nessa última universidade, os alunos vão às aulas de chinelo, com roupas confortáveis e de boné. Absolutamente nenhum aluno foi visto com roupa ou trajes sociais.

Fonte: dados da pesquisa.

O quadro acima nos mostra alunos dos quartos e quintos anos de ambas as universidades públicas. Tentamos buscar informações sobre o fato de os alunos da UFSCar

<sup>126</sup> A pesquisa pode ser encontrada em <http://www.datapopular.com.br>

estarem em período de realização de estágios em empresas ou não, pois esse fato seria importante para averiguarmos o não uso de roupas sociais nas aulas, já que imaginamos que os alunos da USP, após as aulas, se dirigissem para seus estágios. Todavia, o mesmo acontecia com os alunos da UFSCar, eles também estavam em períodos de realização de estágios. Mas a política da UFSCar era um pouco distinta, os alunos se dirigiam aos estágios nos dias que não tinham aula. Já os alunos uspianos cumpriam seus estágios empresariais mesmo quando tinham aula.

O ritmo frenético de trabalho e estudo em São Paulo já preparava esses alunos para um dia duro de atividades, fazendo-os estarem vestidos de forma adequada durante todo o dia, exigindo que exibissem sua adequação e distinção, fazendo-os se reafirmar perante o grupo de sua sala ao mostrar-lhe que seus futuros e ocupações já estavam sendo traçados. A seriedade impera em sala de aula, os alunos não conversam, são muito atentos e reagem com maturidade e atenção ao conteúdo lecionado pelo professor. Há uma reverência ao professor na sala de aula, que seria explicada através da atribuição de um perfil de deidade a essa figura que, normalmente, ocupa esse posto na USP há muitos anos, praticamente representando a figura de um professor catedrático.

Na UFSCar, prevalece o ambiente de despojo e pouca preocupação com o trabalho no momento em que os alunos estão em sala de aula. Brincadeiras constantes entre eles foram observadas, o que nos remete ao período do Ensino Médio. Notamos o uso de bonés, bermudas, saias curtas, shorts femininos bem como o uso de chinelos, o que reafirma essa alusão ao retrocesso para o Ensino Médio. Ademais, cochichos e conversas paralelas são recorrentes, mostrando que os alunos não se centram no professor. Esse, por sua vez, chama a atenção dos alunos para que eles retomem o conteúdo lecionado.

Acreditamos que essas distinções entre visões de mundo em dois contextos universitários públicos, que começaram pela percepção das roupas e passaram para o modo de agir, se portar corporalmente e perante os demais, nos mostram a eminência das salas de aula uspianas, que muito distante se situam do ambiente de sala de aula observado na UFSCar.

## **Móveis**

Bourdieu (2008) ainda ressalta que a compra do mobiliário e o gosto por determinados tipos de móveis tem relação forte com a origem social e com a instrução dos indivíduos. A saber, os membros das classes burguesas costumam herdar seus móveis e também são habituados a comprá-los em antiquários e leilões. Já os membros das classes



médias e populares costumam adquirir seus móveis em lojas de móveis usados, supermercados (mais populares), lojas de departamento e especializadas (frações médias).

Nesse sentido, a nossa primeira questão é sobre o local de compra dos móveis da família, contendo todas as opções supracitadas (quando necessário, recodificadas em novas categorias) e a segunda questão se refere à preferência pessoal do entrevistado relativa aos móveis.

Portanto, temos que a maior porcentagem de respostas dos antigos alunos da UFSCar (90%) se faz dentre os móveis requintados (herança, antiquários, leilões e lojas especializadas), o que os indica como pertencentes de classes médias e altas. Entre os alunos recém-formados da mesma instituição, temos também que a maioria das famílias (88%) detém móveis requintados.<sup>127</sup>

**Tabela 121 – Que tipo de móveis os alunos da UFSCar possuem em casa**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Móveis requintados</b>	29	90,63	104	88,14	133	88,67
<b>Móveis populares</b>	3	9,38	14	11,86	17	11,33
<b>Total</b>	32	100,00	118	100,00	150	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a escolha preferencial do tipo de móvel dos alunos da UFSCar, cujos dados encontram-se na tabela de número 191 no apêndice um, temos que, entre os antigos alunos, a preferência está entre os móveis modernos perfazendo 78% das respostas e, entre os alunos recém-formados, a preferência também recai sobre os modernos, perfazendo 81% das respostas.

Já entre as famílias dos alunos da USP, temos a maioria (87%) com móveis requintados de classes altas ou médias. Quanto à preferência dos móveis, sobre a qual há

<sup>127</sup> Bourdieu (2008) separa os móveis entre os de classe superior e os de classe média e popular (agrupados conjuntamente). Em nossa pesquisa, os agrupamos de forma diferente: separamos os móveis de classe popular dos móveis de classe superior e média, pois, na realidade brasileira, boa parte das classes superiores compra seus móveis em lojas especializadas muito caras, distintas de lojas especializadas de médio porte. Fizemos essa averiguação e visitamos algumas casas de móveis especializados de alto nível, em São Paulo, acompanhados de uma arquiteta. Constatamos que suas vendas mais expressivas são para membros das classes superiores.

dados disponíveis na tabela de número 193 no apêndice um, temos que 82% dos entrevistados preferem móveis modernos, 9% móveis antigos e 8% móveis rústicos.

**Tabela 122 – Que tipo de móveis os alunos da USP possuem em casa**

	N	%
<b>Móveis requintados</b>	61	87,14
<b>Móveis populares</b>	9	12,86

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito aos alunos da universidade particular, a maioria deles (73%) compra seus móveis em lojas especializadas<sup>128</sup>, o que o faz detentores de móveis requintados. O restante dos respondentes (26%) possui móveis populares e os compra em lojas de supermercado.

**Tabela 123 – Que tipo de móveis os alunos da universidade particular possuem em casa**

	N	%
<b>Móveis requintados</b>	11	73,33
<b>Móveis populares</b>	4	26,67

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre os tipos de móveis preferenciais dos alunos da universidade particular, sobre os quais os dados são encontrados na tabela de número 195 no apêndice um, temos que 76% também preferem o estilo moderno e partes muito pequenas preferem os móveis antigos e rústicos (7,6% e 15,38% respectivamente).

A opção de local de compra de móveis dos alunos de ambas as universidades públicas é a dos destinados às classes altas e médias. A escolha dos móveis modernos, de acordo com Bourdieu (2008), indica um gosto voltado para a nova burguesia e para as profissões dos engenheiros, profissionais liberais e executivos - o que poderíamos chamar de “novo-rico” ou classe ascendente no Brasil. No que tange aos alunos da universidade particular ou à nova classe média, percebemos que existe um aumento significativo no

<sup>128</sup> Todavia, não conseguimos saber em que tipo de loja especializada os móveis são comprados, já que, no caso das classes médias-baixas, existe a possibilidade de compra em lojas especializadas, que são mais populares. No que diz respeito à compra de móveis, de acordo com o Instituto Data Popular, a nova classe média é a que mais gasta com itens para casa e, atualmente, não se preocupa com preços elevados, contanto que os preços se justifiquem pela maior durabilidade dos móveis.

consumo de bens materiais por parte dessa fração de classe. Algumas lojas de móveis começam a imitar o estilo dos móveis de “elite” para essa nova classe emergente, pois a imitação do estilo e do gosto de elite tem se sobressaído entre ela. A entrevista com o designer Christian Ullmann, que criou um curso de “Design de Móveis para classe C”, relata quais são o interesse e o gosto dessa nova classe quanto ao mobiliário, justificados pela redução dos móveis adaptáveis às novas casas:

A nova classe média, quando compra prioriza preço, mas não abre mão de qualidade, conforto, funcionalidade ou multifuncionalidade. Isso é cada vez mais necessário pelas dimensões dos projetos arquitetônicos. [...] as novas casas propostas pelo mercado são pequenas se as comparamos com as que estamos acostumados, porém não significa necessariamente que sejam pequenas, pois têm outras culturas que têm suas vivendas com espaços bem mais reduzidos que os nossos e têm uma qualidade de vida maior.<sup>130</sup>

Percebemos então que no Brasil o consumo de móveis é algo que tem se modificado para as diferentes classes sociais, uma vez que, esta “nova classe c” tem adquirido novos estilos de vida e formas de consumo. Esses novos padrões merecem reflexões em pesquisas vindouras, já que, poderíamos averiguar uma possível transformação nos gostos e estilos de vida as classes sociais mais altas devido a esta inserção das classes sociais mais baixas num nicho de mercado que antes não fazia parte de seu *habitus* e que agora, tem acesso a alguns bens das classes mais altas. Nesse sentido seria interessante averiguar como se dá esse ajustamento das classes sociais mais elevadas em função desse novo quadro no Brasil.

### **Marcadores políticos**

Os alunos recém-formados da UFSCar possuem posicionamentos concernentes à hostilidade, à indiferença, a simples aderência ou à opção da militância política. recém-formado Na tabela de número 196 disponível para consulta no apêndice um, observamos que 22% dos alunos recém-formados da UFSCar se declaram mais hostis ou indiferentes do que os alunos da USP, que perfazem 14%, como pode-se consultar na tabela de número 197 no apêndice um. Quanto a ser ou não militante política, ambas as instituições não a são. No que diz respeito aos alunos da universidade particular, cujos dados são encontrados na tabela de número 198 no apêndice um, não existem militantes e 25% se declaram hostis ou indiferentes

---

<sup>130</sup> A entrevista encontra-se em: <http://designforum.com.br/blog/?p=3499>

à política. Constatamos, portanto, que a última universidade privada apresenta maior porcentagem de indivíduos hostis ou indiferentes à política.

Sobre a opção partidária, a maior parte dos alunos antigos da UFSCar (42%) optam por partidos de centro, já os alunos recém-formados da UFSCar se consideram em grande parte (58%) de direita, sendo que apenas 22% optam pelos partidos de esquerda e 18% optam por partidos de centro. Na USP, temos que a maioria dos alunos recém-formados também é partidária da direita, perfazendo o índice percentual de 60%, em segundo lugar, há os partidários de centro com (25%) e, por último, existem os partidários de esquerda (15%). A universidade particular se caracteriza por não ter ninguém associado aos partidos de direita: a maioria (66%) de seus alunos são adeptos dos partidos de esquerda e somente um indivíduo se declara partidário de centro. É importante mencionar que dos 17 entrevistados, somente três responderam a essa questão:

**Tabela 124 – Opção partidária dos alunos da UFSCar**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Direita</b>	5	35,71	31	58,49	36	53,73
<b>Esquerda</b>	3	21,43	12	22,64	15	22,39
<b>Centro</b>	6	42,86	10	18,87	16	23,88
<b>Total</b>	14	100,00	53	100,00	67	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 125 – Opção partidária dos alunos da USP**

	N	%
<b>Direita</b>	24	60,00
<b>Esquerda</b>	6	15,00
<b>Centro</b>	10	25,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 126 – Opção partidária dos alunos da universidade particular**

	N	%
<b>Esquerda</b>	2	66,67
<b>Centro</b>	1	33,33

Fonte: dados da pesquisa.

#### 4.6 A proximidade com a cultura média: música e leituras

*La musique, autre langue chère au paresseux ou aux esprits profonds qui cherchent le délassement dans la variété du travail, vous parle de vous-même e vous raconte le poeme de votre vie elle s'incorpore à a vous, e vous vous fondez en elle. Elle parle votre passion, non pas d'une manière vague et indéfinie, comme elle fait dans vos soirées nonchalantes, un jour d'opéra, mais d'une manière circonstanciée, positive, chaque mouvement du rythme marquant un mouvement connu de votre âme, chaque note se transformant en mot, et le poeme entiere entrant dans votre cerveau comme un dictionnaire doué de vie.*

Boudelaire, Le Paradis artificiels.

No tocante à música, um campo bastante particular no Brasil, fizemos algumas divisões para que pudéssemos pensá-la de forma diferenciada acerca dos gostos musicais. Escolhemos, portanto, algumas vertentes que serão abordadas em função das inúmeras escolhas dos respondentes da pesquisa. A partir dos diferentes tipos de músicas citados, iniciamos uma categorização e relação aos gostos musicais.

Sobre a música popular brasileira, refletimos sem nos ater a um discurso sobre sua autenticidade ou sua pureza nos anos de 1930. Pensamos nessa categorização da música popular brasileira como aquela do final dos anos de 1960, que confere ao samba, à bossa nova e ao MPB o gênero de música popular brasileira de “qualidade”, gênero esse sempre articulado ao processo em que a classe média brasileira se apropria de ritmos populares e também de ritmos internacionais, a fim de dar forma à chamada “verdadeira musica popular brasileira” (BAIA, 2014). Desse modo, categorizamos a música popular brasileira como uma música voltada as classes médias e elites brasileiras.

O próximo estilo de música que categorizamos para a análise foi o estilo música universitária, que abrange o composto de alguns estilos distintos, alvo do público universitário. Para isso, pensamos juntamente com os apontamentos de Pimentel (2008), cujos dados são voltados para a área de psicologia que aborda a relação das preferências musicais e os distintos tipos de personalidade.

O interessante desse trabalho é que, através da análise de correspondência múltipla, o autor associa as preferências musicais de jovens universitários e suas personalidades. Os resultados mostram que a música de massa (pop, sertanejo, etc) – muito próxima ao que denominamos música universitária - estaria associada ao comportamento de extroversão dos indivíduos e abertura às experiências. As músicas categorizadas como “estilos refinados” (MPB, jazz, blues, música clássica e ópera) apontam pessoas mais imaginativas, reflexivas e abertas para “interesses culturais”. Tais interesses não teriam um gosto voltado para variedades e sim para um estilo mais seletivo. Já a música alternativa (reggae, punk e metal) é voltada para personalidades mais rebeldes e energéticas.

Esse estudo de Pimentel nos auxilia muito a pensar nos gostos e estilos de vida definidos por Bourdieu (2008), uma vez que o estilo universitário, voltado para as músicas de massa e principalmente sem critérios precisos, indica sempre que a variedade é um gosto voltado para características de grupos de classe média. Já a música dita “refinada”, dividida em nosso trabalho como “clássica” (erudita) e como a “internacional clássica” (que reúne o blues, jazz, rock clássico, etc), se refere às pessoas mais reflexivas e com interesses culturais, caracterizadas como aquelas que realmente exprimem, de acordo com Bourdieu (2008), um gosto típico de classes superiores, com capitais escolares e culturais mais altos. Há, por fim, o que Bourdieu (2008) enxerga como a “oportunidade de uma desforra contra a cultura legítima”, ou seja, a música alternativa e principalmente o rock.

Após nós termos incorrido nas explicações anteriores para nossa categorização, seguimos com a análise.

Quanto aos dados obtidos sobre música, optamos por utilizar somente os mais expressivos e citar os dados mais inexpressivos, a saber, o fato de que a maior parte dos alunos antigos e dos alunos recém-formados da UFSCar não tocam instrumentos musicais. Sobre os discentes que os tocam, há suas localizações na tabela abaixo. A maior parte dos alunos antigos (63%) e dos alunos recém-formados (86%) da UFSCar tocam instrumentos que classificamos como “modernos” (violão, guitarra, baixo bateria, teclado, pandeiro, e gaita). Quanto aos instrumentos mais “clássicos” (piano, canto lírico, violino, harpa), eles são tocados em maior expressividade pelos alunos antigos da mesma instituição, perfazendo os 36%.

**Tabela 127 – Que tipo de instrumento musical os alunos da UFSCar tocam**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Clássicos</b>	4	36,36	5	13,89	9	19,15
<b>Modernos</b>	7	63,64	31	86,11	38	80,85
<b>Total</b>	11	100,00	36	100,00	47	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a frequência que os alunos ouvem músicas nos rádios, temos que os antigos alunos o escutam com mais frequência, enquanto que os alunos recém-formados dizem escutá-los às vezes.<sup>131</sup> Outro dado que coletamos sobre o rádio é a frequência com a qual noticiários são escutados nele. A maior porcentagem está entre os antigos alunos que o fazem às vezes, já os alunos recém-formados ouvem-no minimamente.<sup>132</sup>

Sobre o tipo de músicas ouvidas no rádio, a maior parte dos antigos alunos (46%) da UFSCar e dos alunos recém-formados (100%) ouvem músicas modernas (músicas jovens, as rádios mais citadas são as de músicas internacionais jovens como techno, house music, pop, R&B). Há poucos alunos antigos que escutam as músicas internacionais clássicas, entre elas estão jazz, blues, e também, rock alternativo, bossa nova, música popular brasileira e mesmo as músicas eruditas.

**Tabela 128 – Que tipo de músicas os alunos da UFSCar ouvem no rádio**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Modernas</b>	13	46,43	57	100,00	70	82,35
<b>Clássicas</b>	5	17,86	.	.	5	5,88
<b>Outras</b>	10	35,71	.	.	10	11,76
<b>Total</b>	28	100,00	57	100,00	85	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

<sup>131</sup> Essa tabela como outras de menor importância para a análise constam nos documentos anexos à tese para consulta.

<sup>132</sup> Para não cansar o leitor, colocamos algumas tabelas secundárias em anexo - como é o caso das tabelas sobre a escuta de noticiários.

Anteriormente à discussão sobre o tipo de música ouvida pelos entrevistados, os questionamos sobre a frequência com a qual escutam música no dia a dia. Temos que a maior parte dos antigos alunos (75%) bem como a maior parte dos alunos recém-formados (85%) costumam ouvir música com frequência.<sup>133</sup>

Em relação ao tipo de música escutada pelos alunos em outros veículos que não o rádio, os antigos alunos e os recém-formados da UFSCar citaram as músicas que denominamos “universitárias” (sertanejo, pagode, eletrônica, rock, hip hop, R&B). As músicas clássicas e internacionais (jazz, blues, rock clássico) perfazem 24% da preferência dos antigos alunos 11% da predileção dos alunos recém-formados. Quanto às músicas alternativas, elas são apontadas com índice percentual de somente 5% (folk, indie, reggae, etc) dos alunos recém-formados e as músicas brasileiras (samba raiz, MPB, bossa nova) são as mais escolhidas pelos alunos antigos com 20% de preferência e somente 6% de favoritismo entre os alunos recém-formados.

**Tabela 129 – Que tipo de música os alunos da UFSCar escutam**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Universitárias</b>	16	55,17	75	77,32	91	72,22
<b>Alternativa</b>	.	.	5	5,15	5	3,97
<b>Brasileira</b>	6	20,69	6	6,19	12	9,52
<b>Internacional clássico</b>	7	24,14	11	11,34	18	14,29
<b>Total</b>	29	100,00	97	100,00	126	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Fizemos uma separação dos alunos que optaram pela categoria de música clássica (música erudita) devido ao fato deste estilo musical se destacar mais como classes sociais mais altas. Dentre os antigos alunos da UFSCar apenas 18% dizem ouvir música clássica e apenas 4% dos alunos recém-formados expressam o mesmo hábito.

<sup>133</sup> Tabela encontrada nos anexos da tese.



**Tabela 130 – Se os alunos da UFSCar costumam ouvir música clássica**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém- formados			
	N	%	N	%	N	%
<b>Outros</b>	27	81,82	93	95,88	120	92,31
<b>Clássica</b>	6	18,18	4	4,12	10	7,69
<b>Total</b>	33	100,00	97	100,00	130	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre o fato de tocarem instrumentos musicais com frequência, temos que 57% entre os alunos recém formados da USP nunca tocam esses instrumentos e 40% deles tocam às vezes ou frequentemente.<sup>134</sup> Dos alunos da USP, 83% deles dizem tocar instrumentos musicais modernos (violão, guitarra, baixo, bateria, teclado, pandeiro, gaita, cavaquinho, surdo), enquanto que somente 16% uspianos praticam instrumentos clássicos (piano, canto lírico, violino, harpa).

**Tabela 131 – Que tipo de instrumento musical os alunos da USP tocam**

	N	%
<b>Clássicos</b>	5	16,13
<b>Modernos</b>	26	83,87

Fonte: dados da pesquisa.

Do total de alunos da USP, a maioria deles diz ouvir rádio com frequência (42%) e sobre a escuta de noticiários no rádio, a maioria deles (71%) não tem esse hábito, enquanto que 28% o têm.<sup>135</sup>

Ainda sobre os alunos USP, 80% escutam músicas modernas no rádio (músicas jovens, as rádios mais citadas são as de música internacional jovens como techno, house music, pop, R&B) e somente 4% deles escutam músicas clássicas no rádio (jazz, blues, rock alternativo, bossa nova, música popular brasileira e mesmo as músicas eruditas.)

**Tabela 132 – Que tipo de músicas os alunos da USP ouvem no rádio**

	N	%
<b>Modernas</b>	36	80,00
<b>Clássicas</b>	2	4,44
<b>Outras</b>	7	15,56

Fonte: dados da pesquisa.

<sup>134</sup> Essa tabela está no anexo 2 em tabelas usadas na tese porém não citadas.

<sup>135</sup> Tabelas referentes a esses dados estão em anexo 2.

Do total de alunos da USP entrevistados, a maioria deles (83%) escuta músicas com frequência no cotidiano. Acerca das músicas ouvidas em outros espaços além do rádio, 46% dos alunos uspianos escutam, em sua maioria, as músicas universitárias (sertanejo, pagode, eletrônica, rock, hip hop, R&B) e, em segundo lugar, estão os 42% de alunos que ouvem músicas clássicas internacionais (jazz, blues, rock clássico). Alunos uspianos ouvintes de músicas brasileira (samba raiz, MPB e bossa nova) e alternativa (folk, indie, reggae, etc) perfazem porcentagens mínimas.

**Tabela 133 – Que tipo de música os alunos da USP escutam**

	N	%
<b>Universitárias</b>	23	46,94
<b>Alternativa</b>	1	2,04
<b>Brasileira</b>	4	8,16
<b>Internacional clássico</b>	21	42,86

Fonte: dados da pesquisa.

Entre os alunos da USP que escutam música clássica, apenas 5% dos alunos têm o hábito de ouvir música clássica erudita. A maioria (94%) escuta outro tipo de música.

**Tabela 134 – Se os alunos da USP costumam ouvir música clássica**

	N	%
<b>Outros</b>	68	94,44
<b>Clássica</b>	4	5,56

Fonte: dados da pesquisa.

Entre os alunos da universidade particular, percebe-se que a maioria toca instrumentos modernos e um aluno somente toca um instrumento clássico, o violoncelo. Somente três alunos responderam essa questão, pois os demais alunos não tocam instrumentos musicais.

**Tabela 135 – Que tipo de instrumento musical os alunos da universidade particular tocam**

	N	%
<b>Clássicos</b>	1	33,33
<b>Modernos</b>	2	66,67

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre as músicas que os alunos da universidade particular escutam no rádio – cujos dados são encontrados na tabela de número 211 no apêndice um –, os seis alunos que responderam a questão optaram pela opção das músicas modernas. Já o restante dos entrevistados, 10 alunos, não responderam a questão.

No que diz respeito ao estilo de música escutado pelos alunos da universidade particular temos que a maioria, 50%, escuta músicas universitárias, a segunda maior porcentagem é a de 41% indicativa de ouvintes das músicas internacionais e clássicas e, por último, temos somente um indivíduo que opta pelo estilo de música clássica (justamente o aluno que anteriormente indicou tocar violoncelo). Outro fato importante a ser destacado sobre a tabela que segue no apêndice um é o de que nenhum dos alunos da universidade particular costuma ouvir noticiário.

**Tabela 136 – Que tipo de música os alunos da universidade particular escutam**

	N	%
<b>Universitárias</b>	6	50,00
<b>Clássica</b>	1	8,33
<b>Internacional clássico</b>	5	41,67

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito ao gosto pela música clássica, observamos que a maioria dos alunos da universidade particular (93%) não escuta esse tipo de música e apenas um dos entrevistados indicou o hábito de escutar esse estilo musical.

**Tabela 137 – Se os alunos da universidade particular costumam ouvir música clássica**

	N	%
<b>Outros</b>	15	93,75
<b>Clássica</b>	1	6,25

Fonte: dados da pesquisa.

Concluimos, portanto, que os alunos uspianos são os que se dedicam em maior porcentagem à música, tocando instrumentos musicais, além de serem também, em maior porcentagem com relação à UFSCar, os ouvintes de jazz, blues, e rock clássico e não somente serem os audientes do estilo de música mais popular entre os universitários. Por fim, são também os alunos da USP que mais escutam noticiários no rádio, principalmente a CBN.

Podemos afirmar, à vista disso, que no que diz respeito à música, que os engenheiros formados na Universidade Politécnica de São Paulo possuem um maior capital cultural musical. Já os alunos da universidade particular não ouvem noticiários no rádio, escutam músicas mais populares do estilo universitário e não escutam músicas internacionais clássicas, sendo que somente um dos alunos alega escutar jazz.

## **Leituras**

Quando pensamos na questão das leituras não incidimos em fazer como Bourdieu (2008), que escolhe vários tipos de jornais e os tipifica de acordo com o gosto de classe. Para a realidade brasileira, esse tipo de abordagem para a presente pesquisa não faria sentido, pois teríamos que tipificar os jornais mais lidos e os voltados politicamente à direita e à esquerda, os mais distintos, etc. Na realidade, a intenção é saber sobre a frequência de leituras, pois se sabe que o brasileiro lê menos que o francês<sup>136</sup>, os brasileiros que leem, assim sendo, deteriam um marcador cultural de legitimidade maior. A segunda questão era relacionada ao tipo de leituras, as mais culturais ou as mais cotidianas e triviais. Por isso, os entrevistados responderam os nomes dos autores e dos livros que liam e, a partir disso, fizemos uma categorização sobre as leituras de livros e revistas. Outro dado importante foi o de que identificamos as leituras de revistas de teor internacional mais cultural. Nesse sentido, Bourdieu (2008) localiza os jornais regionais, leituras típicas das classes sociais mais baixas e os jornais parisienses, referência das classes mais altas.

No que se refere à leitura, fizemos várias questões, mas compartilharemos as questões com o maior número de resposta correspondente ao perfil dos alunos entrevistados. As demais questões serão somente citadas. A primeira questão feita foi sobre a frequência de leitura dos indivíduos e, nessa questão, tanto antigos alunos como os alunos recém-formados da UFSCar dizem ler às vezes (48%). Outra questão foi sobre o tipo de leitura que eles fazem. Houve uma baixa porcentagem para a leitura de livros de literatura e um percentual de leitura médio para livros de business.

O mais alto índice de tipo de leitura foi cotado para os livros cotidianos, que classificamos como ficção, drama, romance, aventura, etc. Nesse sentido, temos que 36% dos

---

<sup>136</sup> De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2009, o brasileiro lê 1,3 livros por ano, enquanto que os franceses leem sete livros por ano.

antigos alunos da UFSCar fazem esse tipo de leitura e 50 dos respondentes, entre alunos recém- formados, leem esse gênero de livros.

**Tabela 138 – Se os alunos da UFSCar costumam ler livros cotidianos**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Outros</b>	21	63,64	.	.	21	25,30
<b>Cotidianos</b>	12	36,36	50	100,00	62	74,70
<b>Total</b>	33	100,00	50	100,00	83	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Outra leitura mais recorrente é a de livros técnicos (engenharia de produção, administração, marketing, etc). Para essa categoria, temos que 30% entrevistados entre os antigos alunos da UFSCar a leem e 15% dos alunos recém-formados também.

**Tabela 139 – Se os alunos da UFSCar costumam ler livros técnicos**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Outros</b>	23	69,70	95	79,83	118	77,63
<b>Técnicos (escolheram ao menos)</b>	10	30,30	24	20,17	34	22,37
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

Há uma grande porcentagem, entre antigos e recém-formados da UFSCar, que não leem revistas triviais (sobre o universo televisivo e suas celebridades, tais como Revista Caras, Contigo, Tititi, etc). Detectamos assiduidade maior quanto às leituras de revistas semanais de variedades (Veja, Exame, Istoé) e jornais impressos.

Sobre outros tipos de leituras, temos que 45% dos alunos antigos e 33% dos recém-formados da UFSCar leem revistas culturais (*The Economist*, *The Newsweek*, Carta Capital, *Le Monde*) às vezes. Esses dados estão disponíveis na tabela de número 216 no apêndice um.

Sobre a leitura de jornais impressos, da qual há dados indicativos na tabela de número 217 no apêndice um, temos que 39% dos antigos alunos da UFSCar os leem

frequentemente e 54% dos recém-formados da mesma instituição os leem às vezes. Sobre as revistas semanais (Veja, Época, Istoé), cujos dados de leitura estão disponíveis na tabela de número 218 no apêndice um, 78% dos antigos alunos e 53% dos alunos recém-formados da UFSCar as leem às vezes.

Já entre os alunos da USP, 54% dizem ler livros frequentemente (tabela disponível para consulta no apêndice um), 14% deles leem livros de literatura e esse montante cai para 11% entre os alunos da UFSCar. Entre os alunos uspianos, 9% deles leem livros técnicos, enquanto esse percentual é de 20% entre os alunos recém-formados da UFSCar. Abaixo, vemos que as leituras que mais se destacam entre os alunos da USP são as de livros cotidianos (ficção, drama, romance, aventura, etc., perfazendo 27%) e as de livros de negócios (negócios, business, biografias econômicas, totalizando 19%).

**Tabela 140 – Se os alunos da USP costumam ler livros cotidianos**

	N	%
<b>Outros</b>	55	72,37
<b>Cotidianos</b>	21	27,63

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 141 – Se os alunos da USP costumam ler livros de negócios**

	N	%
<b>Outros</b>	61	80,26
<b>Negócios, bussiness</b>	15	19,74

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre as leituras de revistas e jornais, os mesmos perfis são escolhidos pelos alunos de ambas as universidades públicas, já que as revistas triviais, especificadas acima, são pouco lidas pelos alunos e as porcentagens são ínfimas. Os maiores índices de leituras dos alunos da USP são referentes às leituras de revistas culturais (*The Economist*, *The Newsweek*, *Carta Capital*, *Le Monde*) que totalizam 54% dos alunos que as leem às vezes. Os jornais impressos (Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) perfazem 52% de leitores uspianos que os leem às vezes. Quanto às revistas semanais (Veja, Época, Istoé), temos que 51% dos alunos as leem às vezes. As tabelas de números 221, 222 e 223 são referentes aos dados supracitados e estão disponíveis para consulta no apêndice um.

Quanto aos alunos da universidade particular, observamos que 50% deles dizem ler livros às vezes e 31% não costumam lê-los. Dos alunos que dizem ler frequentemente, esse percentual é de 18%. A leitura mais citada é a de livros cotidianos (ficção, romance, drama, aventura, suspense, etc.): 6,25% dos alunos da universidade particular, ou seja, apenas uma pessoa diz ler livros cotidianos.

**Tabela 142 – Se os alunos da universidade particular costumam ler livros cotidianos**

	N	%
<b>Outros</b>	15	93,75
<b>Cotidianos</b>	1	6,25

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre as leituras técnicas, apenas 25% têm o hábito de ler livros concernentes à engenharia de produção.

**Tabela 143 – Se os alunos da universidade particular costumam ler livros técnicos**

	N	%
<b>Outros</b>	12	75,00
<b>Técnicos (escolheram ao menos)</b>	4	25,00

Fonte: dados da pesquisa.

No que diz respeito ao restante das leituras de livros, nenhum dos alunos da universidade particular costuma ler literatura ou livro de negócios. Observamos, portanto, que os alunos da universidade particular leem muito pouco ou quase nada.

Em referência à leitura de revistas culturais, sobre a qual há dados para consulta na tabela de número 226 no apêndice um, os alunos da universidade particular que dizem que nunca leem esse tipo de revista são 81%. Os alunos que as leem às vezes são 12% (apenas duas pessoas). Quanto à leitura de revistas triviais (Caras, Contigo, Tititi), cujos índices de leitura se encontram na tabela no apêndice um, a maioria dos alunos (87%) não costuma lê-las, sendo que somente 12% deles (dois indivíduos apenas) as leem.

No tocante à leitura de jornais impressos, da qual disponibilizamos dados para consulta na tabela de número 227 no apêndice um, a maioria dos alunos da universidade particular (62%) diz lê-los às vezes. Em segundo lugar (31%), estão os discentes da mesma instituição que nunca os leem. No que se refere à leitura de revistas semanais, cujos dados percentuais estão disponíveis para consulta na tabela de número 228 no apêndice um, a

maioria dos estudantes da universidade particular (56%) diz lê-las às vezes, seguidos dos sujeitos que nunca leem essas revistas (37%).

Concluimos que, tendo em consideração as duas universidades públicas, os alunos uspianos leem com mais frequência e suas preferências de leitura abrangem livros de literatura e de business (justamente os voltados para área de finanças). Eles não leem livros de caráter técnico da engenharia de produção. Nesse mesmo sentido, Bourdieu (2008, p.416) afirma que “Esquece-se que a classe dominante se define precisamente por seu interesse particular pelos negócios chamados de interesse geral porque os interesses particulares de seus membros estão particularmente associados a tais negócios.”

Por fim, os alunos da USP leem, em maior porcentagem, revistas de conteúdo culturais que discutem política e economia. À vista disso, os alunos da Universidade Politécnica de São Paulo se revelam mais bem ajustados a um possível marcador cultural de leituras. Essa situação está acordada com as palavras de Bourdieu (2008, p.416) que dizem que “O diploma escolar contribui consideravelmente para determinar o sentimento de pertencer de pleno direito ao universo da política e da cultura legítima, do qual participa o sentimento de ter direito e dever de ler um jornal legítimo.”

Quanto às leituras e aos alunos da universidade particular, percebemos que esses discentes não costumam ler nem mesmo os livros cotidianos, além de serem poucos os que leem livros técnicos. As leituras mais expressivas estão entre os jornais impressos e as revistas semanais, no entanto, há um percentual razoável de indivíduos que nunca se dedicam a esse tipo de leitura (31% e 37% respectivamente). Portanto, no que se refere à proximidade com a cultura média em leituras, os alunos da universidade particular se desvelam em posição bastante defasada.

#### **4.7 A proximidade com a cultura legítima: teatro, centros culturais, museus, exposições, artes, pinturas e composições**

Bourdieu (2008) assinala que idas aos teatros não têm só a ver com uma questão de gosto e instrução, mas também de remuneração. Por isso, deixamos a questão sobre tipos de peças assistidas em aberto e os codificamos em três tipos: os *stand up comedies* (estilo mais baratos muito voltado às classes médias brasileiras), as peças da *Broadway* e peças internacionais (estilo com preço caro, mais voltado para a classe média alta) e o teatro de



peças brasileiras (voltado para classe média, pois apesar dos preços serem variados, grande parte deles é acessível).<sup>137</sup>

Isto posto, Bourdieu (2008, p.219) também faz a sua própria classificação sobre os teatros franceses:

O teatro de bulevar que oferece espetáculos já rodados - adaptações de peças estrangeiras, reprises de "clássicos" do bulevar -, concebidos segundo receitas garantidas, representados por atores consagrados e que se dirige a um público velho, "burguês" e disposto a pagar preços elevados, opõe-se, em todos os aspectos, ao teatro de pesquisa que, a preços relativamente reduzidos, propõe espetáculos em ruptura com as convenções éticas e estéticas, além de atrair um público jovem e "intelectual".

Ao fato anterior, o autor acrescenta que os profissionais liberais franceses são frequentadores muito assíduos de teatros burgueses ou de variedade do que os teatros mais clássicos.

Tomando por base a análise, discutiremos algumas variáveis de proximidade com a cultura legítima. A primeira delas é a variável teatro.

Questionamos os entrevistados da UFSCar a frequência com a qual vão aos teatros – suas respostas se encontram na tabela de número 229 no apêndice um. A maior parte dos antigos alunos (63%) e dos alunos recém-formados (52%) diz ir ao teatro às vezes. 43% dos alunos recém-formados dizem nunca ir ao teatro. Já entre os alunos da USP, dos quais há dados disponíveis na tabela de número 230 no apêndice um, é a maior a porcentagem (56%) dos frequentadores de teatros e menor é o percentual (40%) deles que diz não ir ao teatro. Entre os alunos da universidade particular, cujos percentuais de resposta estão acessíveis na tabela de número 131 no apêndice um, observamos que 68% deles nunca vão ao teatro e 31% dizem ir às vezes. Nenhum dos alunos mencionou ir frequentemente ao teatro.

Quanto aos tipos de peças de teatro assistidas pelos alunos, temos que entre os antigos alunos da UFSCar, a maioria (57%) assiste às peças da Broadway e às peças internacionais. Dos alunos recém-formados da mesma instituição, exatamente a mesma porcentagem assiste às peças da Broadway e internacionais, seguidos dos alunos espectadores de *stand up comedies* e as peças brasileiras (21%). Sobre os alunos uspianos, 54% dizem assistir às peças da Broadway e internacionais e 4% assistem aos *stand up comedies*. Acerca dos alunos da universidade particular, apenas dois dele responderam essa questão: um assistiu

---

<sup>137</sup> Fizemos essas avaliações de acordo com dados indicados pelas bilheterias de teatro de São Paulo e do interior do estado de São Paulo, os quais são encontrados na internet.

a uma peça internacional e outro a uma peça brasileira típica do período do vestibular (a tabela de número 234, na qual esses percentuais são expostos, encontra-se no apêndice um).

**Tabela 144– A que tipo de peças os alunos da UFSCar assistem**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<i>Stand up</i>	4	21,05	8	21,05	12	21,05
<i>Broadway/internacionais</i>	11	57,89	22	57,89	33	57,89
<b>Brasileiras</b>	4	21,05	8	21,05	12	21,05
<b>Total</b>	19	100,00	38	100,00	57	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 145– A que tipo de peças os alunos da USP assistem**

	N	%
<i>Stand up</i>	1	4,00
<i>Broadway/internacionais</i>	16	64,00
<b>Brasileiras</b>	7	28,00

Fonte: dados da pesquisa.

## Arte

Outra variável que avaliamos é a de se envolver com o mundo artístico. De acordo com Bourdieu (2008, p.511)

As diferenças associadas à origem social nunca são, certamente, tão nítidas quanto para a prática de uma arte plástica ou de um instrumento musical: estas aptidões que, tanto para sua aquisição quanto para sua implementação, pressupõem não só disposições associadas a um estabelecimento antigo no mundo da arte e da cultura, mas também recursos financeiros (em particular, no caso do piano) e tempo livre, variam fortemente, em situação de nível escolar idêntico, segundo a origem social; [...] a prática das artes plásticas, relativamente abandonada pelos titulares dos diplomas mais raros, é também muito mais frequente, no caso de diploma equivalente, entre os indivíduos oriundos da classe dominante.

Destarte, verificamos o perfil dos alunos quanto à essa variável. Sobre esses perfis, 90% dos antigos alunos bem como 92% dos alunos recém-formados da UFSCar nunca se envolveram com o mundo artístico recém-formado(artes plásticas, pintura, escultura, etc.). Quanto aos estudantes uspianos, 90% deles dizem nunca ter se envolvido com qualquer tipo de arte. Com relação aos alunos da universidade particular, nenhum deles cita o fato de ter feito artes plásticas, pinturas, esculturas ou algo referente às artes. As tabelas de números 235 e 236, que especificam esses dados, encontram-se no apêndice um.

## **Pintura**

A próxima variável é sobre o tipo de pintor que os sujeitos entrevistados gostam, sendo que, a questão estava aberta para que optassem livremente pelo pintor. De todos os pintores citados, fizemos codificações sobre o tipo de escola de cada pintor (modernistas, surrealistas, impressionistas renascentistas, contemporâneos e uma última categoria para os respondentes que misturavam vários tipos de estilos de pintura em suas preferências). Estudando a teoria de Pierre Bourdieu (2008, p.167), encontramos uma passagem que define um pouco o que coletamos no arcabouço de nossos dados sobre pintura:

Diferentemente dos membros das frações dominantes que exigem da arte um elevado grau de denegação do mundo social e tendem para uma estética hedonista da naturalidade e da facilidade, simbolizada pelo teatro de bulevar ou pela pintura impressionista, os membros das frações dominadas mantêm uma relação estreita com a estética em seu aspecto essencialmente ascético e, por conseguinte, são impelidas a aderir a todas as revoluções artísticas realizadas em nome da pureza e da purificação, da recusa da ostentação e do gosto burguês do ornamento;

É interessante perceber que a porcentagem mais escolhida é a dos pintores impressionistas, seguida da de pintores modernistas justamente entre os antigos alunos da UFSCar. Já entre os alunos recém-formados da mesma instituição, 42% escolhem pintores impressionistas e 28% misturam preferências de estilos. No que se refere aos alunos da USP, 54% optam pela mistura de estilos de pintores distintos e 28% escolhem os pintores impressionistas. De acordo com a citação supradita de Pierre Bourdieu, o impressionismo seria a escola de pintura escolhida pelas classes dominantes, já a mistura de estilos, variedades e confluência de gostos, estaria associada à classe média ou às classes mais dominadas. Entretanto, julgamos importante mencionar que Pulici (2010) argumenta que, alicerçada em alguns estudos de Coulangeon (2004), encontramos certo ecletismo entre elites inglesa,

francesas ou brasileiras. Essa diversificação pode transitar das novelas aos concertos, diferentemente das classes mais baixas que acessam somente novelas, ou seja, as opções se colocam restritas.

No caso dos alunos da universidade particular, somente três alunos citam pintores, um dos três cita pintores impressionistas, outro cita a mistura de estilos e o último cita pintores renascentistas. É interessante mencionar que o diferencial desses três alunos, é que a maior parte deles cursaram parte de seus estudos em colégios particulares. Esse fator poderia explicar o possível contato com os pintores em aulas de história da arte.

**Tabela 146 – Tipo de pintores que os alunos da UFSCar gostam**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Modernistas</b>	5	27,78	3	4,35	8	9,20
<b>Surrealistas</b>	2	11,11	3	4,35	5	5,75
<b>Impressionistas</b>	6	33,33	29	42,03	35	40,23
<b>Renascentista</b>	.	.	8	11,59	8	9,20
<b>Contemporâneo</b>	1	5,56	6	8,70	7	8,05
<b>Mistura de estilos</b>	4	22,22	20	28,99	24	27,59
<b>Total</b>	18	100,00	69	100,00	87	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 147 – Tipo de pintores que os alunos da USP gostam**

	N	%
<b>Modernistas</b>	1	2,17
<b>Surrealistas</b>	2	4,35
<b>Impressionistas</b>	13	28,26
<b>Renascentista</b>	4	8,70
<b>Contemporâneo</b>	1	2,17
<b>Mistura de estilos</b>	25	54,35

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 148 – Tipo de pintores que os alunos da universidade particular gostam**

	N	%
<b>Impressionistas</b>	3	60,00
<b>Renascentista</b>	1	20,00
<b>Mistura de estilos</b>	1	20,00

Fonte: dados da pesquisa.

### **Compositores e músicas eruditas**

Com o respaldo de Pierre Bourdieu (2008), elaboramos algumas questões sobre nomes de músicas eruditas e seus compositores. Verificamos o acerto do nome dos compositores referentes a cada nome de música citada. Seguem abaixo as codificações feitas em relação às categorias musicais:

<b>Obra conhecida</b>	<b>Compositor</b>
1) O belo danúbio azul	Johan Strauss (popular)
2) As quatro estações	Vivaldi (popular-média)
3) <i>La traviata</i>	Verdi (alta-média)
4) A rapsódia húngara	Franz Liszt (alta-média)
5) Carmina Burana	Carls Orff (alta-média)
6) Concerto em D menor	Bach (alta)
7) O lago dos cisnes	Tchaikovsky (popular)
8) O cravo bem temperado	Bach (alta)
9) <i>Rhapsody in blue</i>	George Gershwin (alta-média)
10) O concerto para mão esquerda	Maurice Ravel (alta)

Passando pelos dados cima, percebemos que a maioria (57%) dos alunos antigos da UFSCar acertou somente um compositor. Entre os alunos recém-formados da mesma universidade, 69% acertaram somente um dos compositores e 17% erraram todos. Sobre os alunos uspianos, 61% deles acertaram um compositor e somente um dos alunos acertou os sete compositores.

Na França, do total das 16 obras apresentadas aos entrevistados, 39% dos membros da nova burguesia reconhecem pelo menos 12 obras. Já entre a pequena burguesia,

oriunda de camadas médias e populares, 15% afirmam conhecer 12 obras e 15% citam o nome de 12 compositores pelo menos.

Sabe-se que o Brasil não apresenta o tipo de cultura que conhece e reconhece os compositores de música clássica erudita, pois diferentemente da França, onde esse fato ocorre através do aprendizado escolar, no Brasil, esse tipo de conhecimento se dá através do capital familiar ou através de estudos em escolas de música. A música de caráter erudito tinha força no Brasil colonial quando trazida da metrópole. Até o século XIX, músicas eruditas eram muito praticadas em saraus familiares brasileiros.

Posteriormente, o valor atribuído a música erudita no Brasil e a visibilidade dada a música de massa por parte do próprio governo brasileiro, principalmente a partir dos anos 1960, transforma o universo musical no país.

A elite paulistana do bairro de Jardins, muitas vezes herdeiros de grande famílias abastadas, cita com frequência, no trabalho de Pulici (2010), a relação forte com as artes e com a música erudita, ao contrário da elite de Alphaville da qual alguns membros citam a música clássica como preferencial, mas há aqueles que citam pagode, rock e outros estilos musicais ao mesmo tempo.

**Tabela 149 – Quantos compositores eruditos os alunos da UFSCar acertaram**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Acertou um</b>	8	57,14	16	69,57	24	64,86
<b>Acertou dois</b>	1	7,14	1	4,35	2	5,41
<b>Acertou três</b>	3	21,43	1	4,35	4	10,81
<b>Acertou quatro</b>	1	7,14	1	4,35	2	5,41
<b>Acertou mais que quatro</b>	1	7,14	.	.	1	2,70
<b>Errou todos</b>	.	.	4	17,39	4	10,81
<b>Total</b>	14	100,00	23	100,00	37	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 150 – Quantos compositores eruditos os alunos da USP acertaram**

	N	%
<b>Acertou um</b>	16	61,54
<b>Acertou dois</b>	6	23,08
<b>Acertou três</b>	3	11,54
<b>Acertou sete</b>	1	3,85

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre as músicas eruditas de preferência supracitadas, elas foram selecionadas em correspondência com cada gosto de classe, consoante com os apontamentos de Bourdieu (2008). Fizemos uma divisão em grupos denominados gosto de classe superior, gosto de classe média e gosto de classe popular. Verificamos que 47% dos antigos alunos da UFSCar têm um gosto relacionado às classes populares e 41% dos alunos recém-formados dessa mesma instituição têm um gosto musical erudito, voltado para classe média. Sobre as preferências dos alunos da USP, averiguamos 61% deles apresentam um gosto voltado para as classes médias. Quanto aos alunos da universidade particular estudada, constatamos que nenhum deles respondeu nenhuma das questões concernentes à temática da música clássica, aos seus compositores e à preferência de determinado estilo de música clássica. Entendemos que, possivelmente, esses alunos não possuem nenhuma familiaridade com esse estilo musical.

**Tabela 151 – Música de preferência erudita dos alunos da UFSCar<sup>138</sup>**

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Gosto classe superior</b>	6	28,57	7	24,14	13	26,00
<b>Gosto classe média</b>	5	23,81	12	41,38	17	34,00
<b>Gosto classe popular</b>	10	47,62	10	34,48	20	40,00
<b>Total</b>	21	100,00	29	100,00	50	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 152 – Música de preferência erudita dos alunos da USP**

	N	%
<b>Gosto de classe superior</b>	2	7,69
<b>Gosto de classe média</b>	16	61,54
<b>Gosto classe popular</b>	8	30,77

Fonte: dados da pesquisa.

Vemos, portanto, que os dados obtidos relacionados à cultura legítima indicam que tanto os alunos da USP como os alunos da UFSCar frequentam centros culturais,

<sup>138</sup> Fizemos a relação de músicas referentes a cada tipo de fração de classe, de acordo com as tabelas sobre gosto musical contidas em *La Distinction-Critique Sociale du Judgement*, 2008

exposições e museus às vezes. No que diz respeito aos marcadores como o teatro, os alunos da USP o frequentam em maior quantidade e ambos os universitários em questão assistem às peças da Broadway bem como às peças internacionais, que requerem alto investimento. Os alunos uspianos respondentes dessa questão não costumam assistir aos *stand up comedies*, ambientes típicos da classe média muito mais comuns entre os alunos da UFSCar.

Sobre o marcador da pintura, ambos os alunos das universidades públicas escolhem pintores impressionistas e a opção de mistura de estilos. Os discentes da USP se sobressaem com a preferência por mistura de estilos e citam alguns pintores raros, nunca citados pelos alunos da UFSCar. Acerca dos acertos sobre os compositores, não verificamos nenhuma associação com os marcadores de legitimidade, sendo que a maioria deles acertou somente um compositor. Outro marcador nada contemplado nos dados é o referente à arte, ou seja, os alunos não se dedicam a esse tipo de atividade em suas horas de lazer. Por último, temos a questão da música clássica e suas respectivas preferências, em que percebemos que a maior parte dos alunos uspianos tem uma preferência musical do gênero clássico, voltada para o gosto de classe média, assim como os alunos da UFSCar. Todavia, vimos que os alunos da USP se sobressaem em número maior dos que preferem músicas clássicas.

#### **4.8 Entre histórias de vida e falas sobre apreciações profissionais**

Explicitada a importância que atribuímos ao processo de triangulação metodológica, daremos seguimento a uma parte complementar da pesquisa, que corresponde às entrevistas e à organização dos dados qualitativos da tese, a fim de esgotar outro tipo de abordagem sobre os dados coletados. Nesse sentido, alicerçamos nossa prática nas palavras de Becker (1999, p.141) uma vez que “As representações numéricas omitem o elemento humano ou as emoções, ou significados simbolicamente mediados”. Para tanto, é preciso considerarmos o caráter de complementaridade das falas e dados que se seguem, em uma tentativa de avançar um pouco mais, mas, conscientes do não uso exaustivo da análise qualitativa, tendo em vista que o trabalho apresentado tem característica quantitativa.

Como supradito inicialmente no subtítulo “história de uma tese”, nós não conseguimos acessar os antigos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo. Buscamos o contato deles de várias formas possíveis: por redes sociais, links de currículo profissional, por e-mail, contatamos os professores da Poli que eram ex-alunos e tentamos aproximação com a associação de engenheiros da Poli. Só obtivemos resposta da AEP (Associação de



Engenheiros Politécnicos) depois de muita insistência e de enviarmos um e-mail mais enérgico, assinalando o apoio da UFSCar à pesquisa e o não apoio da USP. Nesse sentido, os membros da AEP abriram espaço em seu *website* para que postássemos uma chamada de nosso questionário para que os alunos o respondessem. A ideia foi muito boa, mas poucos foram os alunos que responderam ao questionário. Logo, enfrentando a não validade estatística dos dados, pensamos em usar os questionários para contar brevemente algumas histórias de vida, com o propósito de acessar o perfil de alguns dos ex-alunos da Universidade Politécnica de São Paulo. Começaremos esboçando nossos quadros com o interesse de apreendermos as mudanças inscritas sobre os capitais simbólicos na passagem do tempo e também as apreciações ocupacionais dos ex-alunos estudados.

**Gosto e trajetória escolar e profissional (ex-aluno da Poli-USP da década de 1960): um estilo de vida de classe superior**

### Figura 23– Trajetória de ex-aluno da Poli 1960

Sebastião Araújo mora na Rua das Nações Unidas, no bairro de Interlagos na zona sul de São Paulo, é casado, branco, heterossexual e possui cinco filhos. Sempre foi residente de São Paulo e ingressou na Escola Politécnica de São Paulo no ano de 1965. No que diz respeito ao seu capital econômico, ele possui casa própria, casa de veraneio e mais que dois carros. Quanto a sua origem social, seu pai trabalha no setor privado e sua mãe não trabalha, seu pai recebe mais que R\$10.000,00 e sua mãe menos que R\$2.000,00. Assinala que seus pais estão localizados na classe alta ou média alta. Seus pais cursaram colégios particulares, como colégio Rio Branco e Mackenzie e ambos apresentam **certificação universitária** emitida pela USP São Francisco. Seu **avô paterno** era **dentista**. O entrevistado acredita que a trajetória de seus pais afirma-se como reconvertida.

Sobre a sua trajetória educacional, Sebastião estudou a maior parte do tempo em colégios privados, na graduação tinha como sonho a escolha da carreira de engenharia organizacional e, hoje, é doutor em administração.

Pensando em sua trajetória pessoal com relação ao capital econômico, possui casa própria (nela há três pessoas que trabalham como servidores domésticos), possui mais de dois automóveis e também uma casa de veraneio. Afirma receber **mais de R\$ 20.000,00** e se pertencente da classe alta ou média alta.

No que concerne ao seu capital cultural e social, Sebastião, sempre foi **sócio de clubes** e associações na cidade, sempre frequenta **eventos culturais como museus, exposições ou cinema**, além de ir ao **teatro** às vezes. Costuma fazer caminhadas e andar de bicicleta frequentemente. Sobre seus gostos alimentares, sua alimentação é mais regrada, busca comer **alimentos saudáveis** sempre e alimentos gordurosos somente de vez em quando. No tocante ao gosto pelas as vestimentas, Sebastião busca sempre usar roupas com as quais ele se sinta à vontade. No que diz respeito aos móveis de sua casa, costuma comprá-los **em lojas especializadas** e gosta de **móveis modernos**.

Sempre lê jornais (Folha de São Paulo, Estadão) e assiste sempre ao canal *Globo News* para se informar. Costuma usar sempre a internet para consultar sites de bancos, *e-mail's* e sites de **passagens aéreas**. Possui como escolha partidária a **rede sustentabilidade, afirmando ser militante**.

Costuma É habituado a sempre ler livros com os temas de sustentabilidade, romances e biografias. Gosta de ouvir rádios como a CBN e a Cultura. Suas músicas preferidas são **popular brasileira e clássica**. Gosta de pintores como **Portinari, Di Cavalcanti, Van Gog, Picasso, Tomie Othake, Samico**. Dentre suas músicas clássicas preferidas estão **Carmina Burana, as quatro estações e rhapsody in blue**.

No que tange às empresas onde já trabalhou, logo que se formou trabalhou na IBM como analista de sistemas, depois de cinco anos, foi diretor de sistemas e continuou trabalhando na área de consultorias. Atualmente, ele é aposentado e consultor. Trabalhou durante toda a sua vida como consultor na mesma empresa.

Fonte: dados da pesquisa.

Averiguando o quadro histórico de vida de Sebastião<sup>139</sup>, percebemos que ele é o entrevistado mais velho, entrou na década de 1960 na Universidade Politécnica de São Paulo e possui uma origem social mais alta, cujos pais e avós cursaram o ensino universitário e são

<sup>139</sup> Usamos nomes fictícios para todos os alunos.

profissionais liberais. Ele sempre estudou em escolas particulares, frequentou um dos colégios mais renomados de São Paulo e adquiriu, portanto, condições simbólicas para ser aprovado no vestibular da Poli que, no período, era um dos mais concorridos. Possui um capital cultural bastante significativo, pois frequenta teatros, exposições e museus, faz caminhadas ao ar livre, cita pintores de diferentes estilos e tem como gosto mais requintado as músicas clássicas e a MPB. No que diz respeito a sua profissão, ele é um exemplo das primeiras ocupações dentro das engenharias entre os anos 1960-19670, que era a análise de sistemas. Depois, foi tido como consultor da mesma empresa e recebeu faixa salarial superior à faixa salarial dos alunos formados na UFSCar.

### **Gosto e trajetória escolar e profissional (ex-aluno da Poli-USP da década de 1980): um estilo de vida mais modesto**

**Figura 24 – 1980 Trajetória ex-aluno da Poli**

Simão nasceu em São Paulo, mora no centro, assume-se de cor amarela, heterossexual, possui um filho e se formou no ano de 1982. Seus pais possuem casa própria, dois carros e não têm casa de veraneio. Seu pai trabalha no setor privado e sua **mãe é do lar**. A renda de seu pai está na **faixa entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00** e a de sua mãe é inferior aos R\$2.000,00. Seus pais possuem contas comuns no banco e Simão afirma que sua família é de classe média baixa. A escolaridade de seu pai é o **ensino fundamental incompleto** e a de sua mãe é o **ensino fundamental completo**.

Sobre a sua formação escolar, Simão sempre estudou em **colégios públicos**, traçou o sonho de trabalhar com **engenharia econômica**. No que diz respeito a seu capital econômico, Simão **possui casa própria e casa de veraneio**, dois automóveis, e há uma pessoa que trabalha em sua casa. Sua renda é superior aos **R\$10.000,00** e ele se diz pertencente da **classe média**.

Quanto ao capital cultural e social, Simão **não costuma viajar e não comparece às exposições, aos museus ou ao cinema** com frequência. Vai ao teatro às vezes, **não costuma ler revistas culturais**, mas costuma ler revistas como **Época, Veja e Exame** frequentemente. Seus livros preferidos são os de **autoajuda**. Quanto aos esportes, ele apenas tem o hábito de realizar **caminhadas**. Costuma ouvir músicas dos anos **1980 e 1990**.

Acerca de suas vestimentas, Simão costuma usar roupas sóbrias e também as que o fazem se sentir à vontade. Seus móveis são comprados em lojas especializadas e declara ser o estilo de móvel moderno o seu preferencial. O pintor que gosta é **Monet**.

Sobre sua profissão, o primeiro trabalho que exerceu foi na área financeira, depois de cinco anos de formado, foi gerente de PCP em indústria. Atualmente, é coordenador na área de pesquisa e desenvolvimento na empresa nacional Raizen Energia.

Fonte: dados da pesquisa.

Simão é um exemplo muito importante de como a origem social, os capitais familiares e, posteriormente, o capital pessoal adquirido irão direcionar suas apreciações e direcionamentos para sua ocupação futura, de forma muito distinta da de Sebastião nos anos

1960. Podemos perceber claramente, com nossas marcações e grifos, que o segundo engenheiro de produção apresentado tem uma baixa origem social, seus pais estudaram até o ensino fundamental, sua mãe é dona de casa e seus pais se situam em uma faixa de renda inferior. Esse fato influencia nitidamente as adequações de gosto do engenheiro, que estudou a vida toda em colégios públicos, não viaja, não lê revistas culturais, mas lê revistas de variedades sobre política e economia, não cita as músicas direcionadas à cultura legítima e cita somente um pintor. Finalmente, o mais importante é o fato dele ter tentado trabalhar na área financeira, mas, por algum motivo ou pela possível ausência de algum tipo de capital cultural ou social, como assinala Grun (1992), ele não permaneceu na área mais rentável das engenharias e partiu justamente para a área mais próxima ao chão de fábrica, cujos salários são mais baixos, afirmando receber hoje mais que R\$10.000,00.

Temos, portanto, dois casos emblemáticos que podem nos auxiliar nas verificações de nossa proposição principal, que é justamente a adequação com relação à distância ou à proximidade dos marcadores de legitimidade direcionar as apreciações quanto ao futuro profissional. E o mais importante, na última história de vida, o engenheiro traçou o sonho de trabalhar com engenharia econômica (finanças e bancos) e não conseguiu concretizar a sua preferência real.

### **Gosto e trajetória escolar e profissional (ex-aluno da Poli-USP da década de 1980): um estilo de vida mediano**

Outro exemplo muito contundente com a proposição da tese são os fragmentos da história de vida de Edgar: concluiu a Universidade Politécnica em 1982. Possui uma origem social mais alta, seus pais detêm capital escolar, foram universitários, trabalham como funcionários públicos, seu pai recebe salário superior a R\$ 10.000,00 reais e seu avô paterno era dono de fazenda e comerciante. Vê-se, portanto, na sequência geracional, a passagem do capital econômico familiar de uma geração a outra, sendo que Edgar, hoje, recebe salário superior a R\$ 20.000,00. Quanto ao seu capital cultural, ele é intermediário, uma vez que essa questão não é somente constatada na entrevista, mas também pelo fato de seu legado familiar, ou seja, não advém de uma família de profissionais liberais e sim de pequenos proprietários e funcionários públicos. Edgar vai aos clubes, às casas de amigos, aos centros culturais, às exposições e museus, além de viajar frequentemente ao exterior. Pratica esportes medianos como bicicleta e corrida, gosta de músicas brasileiras e lê autobiografias. Quanto a sua representatividade, usa roupas sóbrias típicas das classes altas, mas também faz a mistura

típica da classe média ao usar roupas rebuscadas, explorando o “tom” do novo-rico, mas volta ao seu *ethos* de classe superior escolhendo os móveis rústicos. Por fim, Edgar sempre desejou trabalhar na área de engenharia econômica (bancos e finanças). Logo no começo da carreira, se inseriu em outra área, em um setor voltado para indústria, mas, em alguns anos, conseguiu reconverter sua preferência, conquistando o espaço que tanto queria no mercado de trabalho: assumiu função profissional na área de finanças, área na qual ainda permanece como conselheiro financeiro.

### Figura 25 – Trajetória ex-aluno da Poli 1980-2

Edgar nasceu em São Paulo, reside no centro, é branco, heterossexual, é casado e possui dois filhos. Concluiu a Universidade Politécnica da USP no ano de 1982.

Quanto ao capital econômico de seus pais, **possuem casa própria, casa de veraneio e dois carros**. Seus pais possuem **empregos públicos**, o pai recebe **R\$ 10.000,00** e a mãe tem a renda inferior aos R\$ 2.000,00s. Eles possuem **contas diferenciadas** e ele os autodenomina **classe alta ou média alta**. Ambos estudaram na **PUC** e, nessa instituição, cursaram o ensino **universitário completo**. Seu avô paterno **era fazendeiro e comerciante**.

Sobre as suas escolhas individuais, a área de atuação que sonhou em atuar era a de **engenharia econômica**. Atualmente, como capital econômico possui **casa própria**, mais que **dois automóveis**, há duas pessoas que trabalham com serviços domésticos em sua casa e Edgar **recebe mais que R\$20.000,00** por mês, o que o faz se considerar parte da classe média alta ou alta. Ele **viaja frequentemente para o exterior**.

Quanto ao seu capital social, costuma viajar sempre, foi **sócio de clubes** algumas vezes e **frequenta as casas** de amigos às vezes. Quanto ao seu capital cultural, **vai às exposições, aos teatros e aos museus** às vezes e **nunca costuma ir ao teatro**. Costuma ler jornais impressos e revistas *cult*, como *The Newsweek*, *Carta Capital*, *Le Monde*, etc. Como opção partidária, **vota no PSDB** (Por que você especificou que ele é psdbista? Ele até pode ter dito isso, mas você foi imparcial até agora e não deu nome aos partidos, simplesmente os classificou como de direita ou esquerda. Sugiro: “Edgar é partidário de direita”.) Costuma ler **autobiografias**. Edgar pratica esportes com frequência, como **corrida e bicicleta**. Costuma escutar a rádio Jovem Pan e sua prefere **as músicas brasileiras**.

Sobre a sua alimentação, costuma comer alimentos **saudáveis** com frequência e ele nunca come alimentos gordurosos. Sobre o modo de se vestir, escolhe as roupas **sóbrias e adequadas**, mas também as **audaciosas e rebuscadas**.

Seus móveis são comprados em lojas especializadas e tem preferência pelos **rústicos**.

Logo após se formar, trabalhou na área de **PCP** e, depois de cinco anos, começou a trabalhar na **área de finanças**. Atualmente, é **conselheiro financeiro de uma empresa**. As empresas nas quais ele trabalhou foram a Duratex e a Unilever.

Fonte: dados da pesquisa.

**Gosto e trajetória escolar e profissional (ex-aluno da Poli-USP da década de 1970): um estilo de vida reconvertido**

## Figura 26 – Trajetória ex-aluno da Poli 1970

Frederico mora na Avenida Ibirapuera em São Paulo, mas nasceu no interior de São Paulo, em Taquaritinga, é heterossexual, branco, casado e possui filhos. Ele se graduou na Universidade Politécnica de São Paulo em 1971.

Os capitais econômicos de seus pais são casa própria, um automóvel e o trabalho de seus pais é na área pública. A renda de seus pais está entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00. Eles possuem contas comuns no banco e Frederico os denomina como classe média/baixa. Ambos os pais cursaram Ensino Médio completo, assim como seu avô. Seu avô era farmacêutico.

Sobre suas escolhas, cursou parcialmente sua graduação no exterior e sonhou em trabalhar na área de engenharia das organizações. Sobre seu capital econômico, possui casa própria, dois carros, área de lazer, recebe um salário superior a R\$20.000,00, possui contas diferenciadas no banco e declara ser da classe média alta ou alta. Viaja para o exterior com frequência.

Quanto ao seu capital social, é sócio de clubes e costuma frequentar as casas de amigos com frequência. Quanto ao seu capital cultural, vai aos museus, às exposições e aos cinemas com frequência, vai ao teatro às vezes e a sua última peça assistida foi Mozart *Concerts* e a Ópera de Viena. Costuma sempre ler jornais impressos e revistas como *Veja*, *Exame* e *Época*. Costumar sempre ler romances bem como livros históricos e científicos. Citou alguns autores de livros que gosta mais, são eles: Malcom Gladwell, Stieg Larso, Dan Brown, Modoinow, Yves Marie Laulin, Oliver Sacks, Antonio Damasio, Ray Kuszweil, John Grishan, Victor Davis Hanson. Mencionou alguns pintores de sua preferência: Picasso, Da Vinci, Delacroix, Matisse, Van Gogh, Pedro Américo. Com relação aos nomes das musicas clássicas, Edgar acertou seis nomes de seus respectivos compositores.

Escuta a Rádio CBN e gosta de músicas como *jazz*, *chorinho*, *clássica*, *blues* e as músicas americanas do período entre guerras. Quanto à política, é partidário do PSDB

Sobre a sua alimentação, Frederico costuma comer alimentos saudáveis com frequência e alimentos gordurosos às vezes. Como vestimentas, ele usa roupas sóbrias e adequadas e também algumas que o fazem se sentir a vontade. Seus móveis são comprados em lojas especializadas e prefere o estilo moderno.

Logo após a sua formação, o entrevistado trabalhou em bancos financeiros. Após cinco anos, ele criou um banco Franco-brasileiro e se tornou gerente desse banco. Atualmente, ele é presidente e principal acionista de um grupo de empresas multinacionais de distribuição de soluções de segurança da informação.

Fonte: dados da pesquisa.

Frederico nasceu em uma família de classe média baixa, no interior de São Paulo, cuja origem social foi marcada pelos estudos até o Ensino Médio e seus pais trabalharam no setor público. Seu avô também cursou o Ensino Médio e trabalhou na comercialização de medicamentos. Seus pais mantêm uma renda média, com casa própria e automóvel. Um fato interessante é que o engenheiro conseguiu ascender socialmente, pois, hoje, recebe mais que R\$ 20.000,00 e se classifica como pertencente da classe média alta ou alta, tem alto capital econômico, viaja sempre para o exterior e apresenta capital cultural, pois cita peças de teatro, compositores clássicos e óperas. Lê livros de leitura cotidiana, cita muitos autores e também alude pintores de estilos distintos, marcando o seu ecletismo de classe média. Escolhe as músicas mais próximas do gosto da cultura legítima como *jazz*, *blues*, choro e música clássica. Certamente, em vista de seu elevado capital cultural, que pode ter se construído em

seu processo de socialização secundária, adquiriu um alto cargo nas finanças: começou a trabalhar no ramo dos bancos financeiros e, hoje, é presidente e acionista de um grande grupo de multinacionais.

### **Gosto e trajetória escolar e profissional (ex-aluno da Poli-USP da década de 1970): uma trajetória reconvertida**

**Figura 27 – Trajetória ex-aluno da Poli 1970-2**

Mauro mora na Andrade Fernandes no Bairro da Vila Madalena, em São Paulo, é casado, branco, heterossexual, pai de dois filhos e sempre morou na capital paulista. Ingressou na Escola Politécnica de São Paulo no ano de 1977.

No que diz respeito ao capital econômico possui seus pais possuem **casa própria**, não possuem casa de veraneio e possuem **um carro**.

Quanto à origem social, seu pai e sua mãe possuem **emprego privado**. Seu pai recebe **acima de R\$ 10.000,00** e sua mãe menos de R\$ 2.000,00. Afirma que seus pais são de **classe alta ou média alta**. Seu pai cursou **Ensino Médio completo** e sua mãe cursou **Ensino Fundamental completo**. Seu avô paterno era **advogado** e Mauro classifica sua trajetória de classe como ascendente

Sobre a sua trajetória educacional, Mauro estudou a maior parte do tempo em **colégios privados**, sonhou com a **carreira educacional** ao longo da graduação e fez **MBA**.

Em sua trajetória pessoal, possui como capital econômico casa própria, dois automóveis, recebe **superior a R\$ 20.000,00** e se autocalifica como pertencente da classe alta ou da média alta.

Acerca de seu capital cultural e social, às vezes, frequenta eventos culturais em museus, e exposições ou vai ao cinema. Mauro **nunca vai ao teatro**. Costuma fazer caminhadas frequentemente. Nunca frequenta academia e **não pratica esportes**. Suas músicas preferidas são **rock e jazz**. Dentre as músicas clássicas citadas, prefere *rhapsody in blue*, Carmina Burana e **rapsódia húngara**. No que tange ao gosto por pintura, cita **Picasso, Matisse e impressionistas** em geral.

Lê revistas como *The Economist*, Carta Capital, *The Newsweek* e *Le Monde*, além de sempre ler jornais impressos como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo bem como revistas como Veja e Época. Assiste **jornais, futebol, filmes e séries** na televisão. Costuma sempre ler livros como **romances, biografias e ensaios**. Escuta o rádio constantemente, principalmente as rádios CBN, Eldorado e 89fm. Costuma sempre usar a internet principalmente os *sites* UOL, *BBC News* e *Economist*. Possui como escolha partidária o PSDB

Sobre seus gostos alimentares, come alimentos **saudáveis** e gordurosos às vezes. Quanto ao gosto pelas vestimentas, busca sempre usar roupas com as quais ele se sinte à **vontade**. Com relação aos móveis de sua casa, costuma comprá-los em lojas especializadas e gosta de **móveis modernos**.

No que tange às empresas onde já trabalhou, logo que se formou, trabalhou na área de consultorias e, depois de cinco anos, se tornou gerente. Atualmente ocupa a **presidência** no Grupo *Provider* e sua relação com os acionistas da empresa em que trabalha é hierárquica, já que os últimos são classificados como seus chefes.

Fonte: dados da pesquisa.

Apesar de terem cursado Ensino Médio e Fundamental, os pais de Mauro trabalham no ramo privado, têm um alto capital econômico, seu avô era profissional liberal e

cursou o ensino universitário. Tais constatações proporcionaram a Mauro a oportunidade de estudar em colégios privados e de adquirir certo capital cultural médio, pois declara que não vai ao teatro, não pratica esportes, prefere as leituras cotidianas e móveis modernos medianos. Talvez, seu capital cultural médio e um possível capital social o impulsionaram a trabalhar na área de consultorias, o que o conduziu à presidência de um grupo empresarial no futuro.

### **Gosto e trajetória escolar e profissional (ex-aluna da Poli-USP da década de 1990): um estilo de vida mediano**

**Figura 28 – Trajetória ex-aluno da Poli 1990**

Andressa mora em Pinheiros, São Paulo, é casada, branca, heterossexual, ingressou na Escola Politécnica de São Paulo no ano de 1993 e sempre foi residente da capital paulista.

Quanto ao capital econômico de sua família, possuem **casa própria** e **dois carros**. Seu pai é aposentado e sua mãe é do lar. Ambos têm renda inferior a R\$ 2.000,00 por pessoa. Ela considera sua família de **classe alta ou classe média alta**. Quanto à escolaridade, seus pais cursaram o **ensino universitário incompleto** e Andressa considera a trajetória financeira da família estável.

Com referência ao seu capital escolar, sempre estudou em **escolas privadas**. Sonhou com a carreira de **engenharia econômica**. Depois de formada, fez MBA.

Acerca de seu capital econômico, possui casa própria, possui dois carros, declara que sua renda é inferior a R\$ 2.000,00. Ressaltamos, porém, que em uma conversa por e-mail posterior, ela mencionou que sempre assinala a menor faixa de renda devido **ao constrangimento**. Sobre a classe social, ela se considera classe alta ou média alta.

Em relação ao seu capital social e cultural, alega que sempre **viaja para o exterior** e vai até a **casa de amigos**. No tocante aos esportes, costuma fazer **caminhadas** e corridas frequentemente. Vai ao **teatro às vezes** e comparece a museus e exposições de vez em quando. Assiste **seriados na televisão** e seu estilo de música preferido é **rock**. Acessa internet banda larga para ver notícias.

Costuma sempre ler revistas como Carta Capital, *The Economist*, *The Newsweek*, *Le Monde* e livros específicos sobre o **mercado financeiro**. Seu pintor preferido é **Van Gogh** e **não gosta de nenhuma das músicas clássicas citadas**.

Acerca de sua alimentação, sempre consome alimentos **saudáveis** e nunca consome alimentos gordurosos. Quanto ao gosto pelas vestimentas, escolhe um estilo **sóbrio e adequado** e roupas que a deixam mais à **vontade**.

Seus móveis costumam ser comprados em lojas especializadas e ela gosta do estilo **moderno**.

Depois de formada, foi trabalhar no **mercado financeiro**, foi superintendente de operações na última empresa que trabalhou e, atualmente, atua como **consultora na área do mercado financeiro**.

Fonte: dados da pesquisa.

Andressa é um exemplo de engenheira advinda das camadas médias, não sabemos ao certo seu salário (pressupomos que ele seja alto porque ela trabalha no mercado financeiro) e nem o salário de seus pais (que não deve ser baixo, pois eles pagaram escola



particular para ela durante a vida toda). Esse tipo de socialização permitiu que ela adquirisse algumas marcas simbólicas para ser aprovada no vestibular da Universidade Politécnica de São Paulo.

Sobre seu capital cultural, ele parece ser mediano, uma vez que assiste séries na televisão, cita somente um pintor, não gosta de música clássica e prefere móveis de tipo moderno. Suas roupas transitam no ecletismo do estilo sóbrio e adequado das classes altas para o estilo mais à vontade, traço típico do ecletismo das elites brasileiras citadas por Pulici (2010). Seu desejo foi o de trabalhar no mercado financeiro e ela o realizou, trabalhando nessa área até os dias atuais.

### **Gosto e trajetória escolar e profissional (ex-aluna da Poli-USP da década de 2000): um estilo de vida que supera os limites do “ecletismo” e da contradição**

**Figura 29 – Trajetória ex-aluna da Poli 2000**

Mirela nasceu em Araçatuba e foi morar na cidade de São Paulo em sua adolescência. É solteira, se declara **indígena**, é heterossexual, não possui filhos e concluiu seu ensino universitário na Poli no ano de 2004.

No que diz respeito aos seus pais, eles **não possuem casa própria**, não têm casa de veraneio, ela declara que eles trabalham no **setor privado**, a renda paterna é **entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00** e a renda da mãe entre **R\$2.000,00 e R\$ 5.000,00**. Afirma que a classe social de seus pais é a **classe média**. Tanto seu pai quanto sua mãe cursaram o **ensino universitário** e estudaram em colégios **particulares** no interior de São Paulo. Sobre seu avô paterno, ela menciona que sua ocupação era de **boiadeiro**. Considera a trajetória de sua família como **ascendente**.

Sobre a sua trajetória escolar, menciona que estudou em **escolas públicas** e, depois de formada, seu sonho de carreira foi o de trabalhar com **engenharia de operações e processo de produção**. Sobre a sua própria trajetória, diz não ser partidária de nenhum partido político, se posicionando hostil em relação à política. No que se refere ao seu capital econômico, Mirela **não possui casa própria**, casa de veraneio e possui **somente um automóvel**. Afirma que sua renda está localizada na faixa entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00, o que a faz assinalar ser pertencente da classe média. Sobre seu capital social e cultural, ela costuma sempre **viajar para o exterior**, frequenta **exposições, museus e cinema**, além de costumar comparecer às festas nas casas de amigos constantemente. O instrumento musical que toca é o **piano**. Costuma ir ao **teatro com frequência** e lê revistas como *The Newsweek, The Economist, Le Monde* e Carta Capital. Costuma ler livros profissionais sobre **liderança** e sobre **mistérios**. No que diz respeito à preferência por pintores, cita **Van Gogh**. Costuma praticar esportes com frequência como **corrida e natação**. Gosta de músicas do estilo **techno e pop**.

Acerca de sua alimentação, consome alimentos saudáveis com frequência e **nunca consome fast food**. Quanto a sua vestimenta, costuma **usar roupas de grife e sóbrias** com frequência. Os móveis de sua casa **são alugados**, mas prefere o estilo de móveis mais **antigos**.

No que tange a sua profissão, depois de formada, ela começou a trabalhar na área de **consultorias**.

Fonte: dados da pesquisa.

Mirela parece ser a marca da mistura brasileira, pois se identifica como uma índia de classe média, cujos pais cursaram ensino superior completo e estudaram em colégios privados. Diz que seu avô era boiadeiro, o que demonstra o processo de ascensão familiar por

parte de seus pais. Intrigantemente, ela estudou em colégios públicos e sonhou trabalhar com engenharia industrial. Hoje, possui uma renda média que não ultrapassa R\$ 10.000,00. Apesar disso, ela possui um capital cultural mediano, dado que ela toca piano, ela viaja para o exterior com frequência e ela vai ao teatro, exposições e museus com regularidade (isso pode ser confirmado em seu perfil de uma rede social conhecida).

Quanto a suas leituras, elas são médias e voltadas para livros técnicos e cotidianos. Mirela pratica esportes médios, como a natação e corrida. Seu gosto por música é tido como moderno. Sobre a sua vestimenta, ela mistura o sofisticado sóbrio com a grife (imperativo de certo capital econômico). Acerca de seu gosto por móveis, prefere os antigos (móveis ditos de um gosto superior), mas tem mesmo móveis alugados (móveis típicos de classe baixa). Por fim, Mirela trabalha na área de consultorias no período que corresponde entre a conclusão de sua graduação e os dias atuais.

#### **4.9 Reflexão sobre os estilos de vida dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo**

Ao nos encontramos diante de um emaranhado de dados que pode nos dispersar de conclusões mais contundentes, faz-se necessário, mesmo que de forma mais didática, organizar as ideias, a fim de apontar conclusões mais acertadas. Para isso, construímos um quadro com a distribuição de capitais dos pais e dos filhos (engenheiros entrevistados), inserindo apenas três tipos de atribuições aos capitais (alto, médio, baixo). Não queremos descaracterizar a complexidade do tema discutido, mas esse recurso didático e organizativo será importante para fazermos algumas afirmações importantes.

Podemos observar que existem dois casos extremos em nosso quadro que compactuam com as nossas asserções da tese: um dos ex-alunos, cujos capitais familiares são altos, vive a realidade consequente de sua origem de possuir capitais econômico e cultural altos, escolheu a área de ocupação nas consultorias. Outro caso extremo é o do ex-aluno que possui todos os capitais familiares baixos e, portanto, seus capitais também são baixos, seu sonho de profissão era a área financeira, mas ele não conseguiu realizá-lo, ficando circunscrito a uma área do setor industrial. Esses casos exemplificam muito bem o funcionamento da lógica de Bourdieu (2008) sobre a correspondência entre os marcadores de legitimidade e as escolhas e posições tomadas pelos indivíduos.

Contudo, há três casos bastante distintos que nos mostram a singularidade de nosso país, cujas origens sociais nem sempre corresponderam à posição ocupada pelos indivíduos desde o Brasil-colônia, como assinala Carvalho (2003).

Nesse emaranhado de situações distintas, temos que os elementos marcados no quadro de cor azul correspondem justamente a essas exceções. Passemos à análise delas, portanto.

**Figura 30 – Marcadores de econômicos e culturais**

	Data de formação	Cap. Econ Pais	Cap.escolar Pais	Cap econ. Filho	Cap.cult filho	Cap.escolar filho
<b>Sebastião</b>	1970	Alto	Alto	Alto	Alto	Escola privada
<b>Frederico</b>	1970	Médio	Baixo	Alto	Alto	Graduação exterior
<b>Mauro</b>	1977	Alto	Baixo (mas o do avô era alto)	Alto	Médio	Escola privada
<b>Simão</b>	1982	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Escola pública
<b>Edgar</b>	1982	Alto	Alto	Alto	Médio	-----
<b>Andressa</b>	1993	Alto	Alto	Alto	Médio	Escola privada
<b>Mirela</b>	2004	Médio	Alto (pais colégios privados)	Médio	Médio	Escola pública

Fonte: dados da pesquisa.

A primeira história diferenciada é a de Frederico, cujos pais apresentaram capital escolar baixo, mas têm uma remuneração de classe média. Esse, por exemplo, pode ter sido o elemento chave para que sua trajetória implicasse em uma reconversão, já que seu capital econômico e o cultural se tornaram altos. Atualmente, Frederico ocupa a posição de presidência e acionista de um grupo empresarial depois de ter trabalhado em bancos financeiros.

A segunda história diferenciada é a de Mauro, mais uma trajetória que mostra como o capital econômico alto pode ser importante para alavancar a carreira de um indivíduo, já que seus pais tem um capital escolar baixo. Mauro possui um capital econômico alto e um capital cultural médio, trabalha na área de consultorias e conseguiu alcançar um cargo de presidência dentro de um grupo empresarial – no qual ainda permanece hoje

A última história diferenciada é a de Mirela, que advém de uma família com capital econômico médio e um capital escolar alto. Hoje, Mirela consegue trabalhar no mercado financeiro em Nova York, apresenta capital econômico médio e capital cultural de classe média. Outro fato muito importante é o de que, com a exceção de Mirela, que diz ter estudado em colégios públicos (mas tinha os marcadores culturais fortemente presentes em casa através de seus pais), percebemos que o fato dos alunos terem estudado em colégios particulares ou os pais terem estudado em colégios particulares, os ditos colégios de “alta qualidade” e mais próximos de um aprendizado da cultura legítima ou mesmo média, pode ter sido o elemento chave para socializar os indivíduos dentro de um contexto onde a cultura dominante é mais presente e se abre à possibilidade de concorrer, nos exames vestibulares, às vagas muito disputadas, como é o caso das vagas na Universidade Politécnica de São Paulo. Dentro dessa mesma questão, Almeida (2007, p.2) destaca que: “[...] a maior escolarização dos pais e das mães está em alguma medida associada à sua situação econômica e a *fortiori* à sua capacidade de arcar com o custo das altas mensalidades cobradas pelas “boas” escolas privadas [...]”

Em suma, existe uma barreira para a ocupação de cargos na área de finanças (ou consultorias financeiras). Essa ocupação é inviabilizada em consequência da composição de baixos capitais simbólicos.<sup>140</sup> No entanto, um capital cultural médio ou de classe média, construído, muitas vezes, a partir de remunerações razoáveis para se pagar uma boa escola particular, poderia ser fundamental para alavancar algumas posições sociais de dirigentes. A falta de capital econômico mínimo impediria o possível desenvolvimento de um *habitus* voltado para a cultura média ou legítima. Dada essa insuficiência, poderíamos verificar uma situação de frustração com relação ao sonho de profissional e a profissional real.

Portanto, o capital cultural médio é no mínimo um marcador importante para que os engenheiros de produção ocupem cargos mais prestigiosos no mercado financeiro ou na área de consultorias. Como os alunos da USP têm um capital econômico mais elevado que o capital econômico dos alunos da UFSCar, esse fato proporcionaria uma abertura maior e maiores possibilidades para que os alunos da USP desenvolvessem melhor os seus capitais culturais. Apresentar capitais culturais é de valorosa importância para que engenheiros ocupem cargos que exigem esse tipo de marcador legítimo/médio.

---

<sup>140</sup> A esse respeito, Collins (1979) dá o exemplo de que algumas empresas específicas, na América do Norte, exigem altos requisitos educacionais para a contratação de cargos diretivos (como é o caso das empresas públicas de *trust* – voltadas para áreas de serviços financeiros, médicos, legais, engenharias e contabilidades)

Outro fato de imprescindível apontamento é que não é somente a valor do diploma de uma universidade tradicional que absorve os melhores alunos com alta origem social e capital cultural, mas também a relação desse profissional com a definição do cargo que será ocupado por ele no futuro, ou o que Barbosa (2002) chamaria de “grau de codificação dos cargos”. Isso seria justamente o controle que os engenheiros possuem sobre o seu trabalho ou sobre a ocupação de um cargo. Citado esse recurso, a autora menciona mais dois recursos indispensáveis para o processo de codificação dos cargos. O primeiro deles é o “grau de controle sobre o conhecimento abstrato”, ou seja, “as pretensões legitimadas” do grupo, como seu grau de cientificidade (no caso do engenheiro, a sua habilidade com o cálculo, física e matemática que lhe trazem grande legitimidade para ocupar um cargo superior). O segundo recurso é relação do profissional com o conhecimento, que pode impulsionar o desenvolvimento de outros critérios que não sejam técnico-profissionais, a saber, o capital social e o “capital cultural familiar” podem ser tomados como exemplos.

Por isso, insistimos na questão de que não gostaríamos de incorrer em qualquer tipo de determinismo, mas mostrar justamente qual a importância desses marcadores culturais, que ultrapassam aqueles que foram codificados em nossa pesquisa e que fazem parte de um arcabouço de recursos, cuja mensuração é extremamente complexa.

#### **4.10 As falas e apreciações profissionais dos alunos da UFSCar**

Por termos organizado os quadros com a seleção dos estilos de vida dos alunos antigos da USP uma vez que não obtivemos acesso para entrevistá-los, procuramos realizar algumas entrevistas rápidas com ex-alunos da UFSCar. Nesse caso, porém, questionamos os alunos da instituição federal sobre a distribuição dos diferentes marcadores simbólicos dentro de suas salas de aula e da relação desses marcadores com ocupação escolhida pelos alunos de suas salas. Nesse sentido, conseguimos obter pelo menos um representante de cada década da engenharia de produção desde os anos 1970. Essas entrevistas, mesmo que breves, serão importantes para averiguarmos se o que foi computado quantitativamente fará sentido qualitativamente.

**Figura 31 – Entrevista com aluno ingressante na primeira turma da UFSCar (1976)**

**Você ingressou na UFSCAR em que ano? Você se lembra dos seus colegas de sala de aula de forma geral? Qual era a origem social da maioria deles? Digo, você acha que a maior parte era classe média, média alta ou média baixa?**

Ingressei em 1976 primeira turma do DEP. O grupo era variado. Diria que classe média e classe média baixa (maioria).

**Você lembra qual era o sonho de carreira para as pessoas da sua turma? Que tipo de emprego elas mais buscavam, o que esperavam após saírem dali e o quanto isso era discutido ali dentro?**

Havia uma insegurança por sermos primeira turma, e que rumo o curso tomaria e se seria bom o suficiente para dar prestígio aos formandos na busca por um bom emprego. A meta era uma colocação em grande empresa na indústria. Esse era o sonho.

**A maior parte das pessoas vinha de escola pública ou particular?**

Escola pública.

**Havia indivíduos que provinham também da classe A? Dentro da faculdade, como era possível saber mais sobre a origem social (roupas, carro, locais que frequentavam etc.)?**

Poucos. Da turma de 60 alunos, não passavam de 10.

**Naquele momento, o mercado financeiro já era visto como uma área promissora para a engenharia de produção (aqui estou me referindo ao mercado financeiro de forma ampla, mas me refiro também a toda ampla gama de instituições: bancos, corretoras etc.)?**

Estava iniciando. Apenas o Itaú dava ênfase. Não por acaso foi meu primeiro emprego.

**E por que, na opinião do senhor, houve essa aproximação entre o mercado financeiro e a engenharia de produção? O Engenheiro de Produção tem raciocínio lógico, toma decisões rápidas e cartesianas e é bom de planejamento. O mercado financeiro gosta disso. Além disso as faculdades são boas e atraem os melhores talentos.**

**Hoje em dia, o senhor ainda trabalha no mercado financeiro? Essa relação entre o mercado financeiro e a engenharia de produção ainda se dá de forma intensa? Quais são as vagas mais ocupadas por profissionais de engenharia de produção?**

Sim ainda trabalho no mercado financeiro. Desde 1981 quando me formei até hoje. O mercado continua bom para Engenharia de Produção. Início de carreira é mais para analista de investimento e analista de crédito, funções mais técnicas. Também na tesouraria dos bancos. Depois de mais experiente há uma migração natural para áreas comerciais e de planejamento.

**Voltando a sua turma... O senhor se lembra quais foram, em linhas gerais, as trajetórias profissionais mais comuns dentre os indivíduos dela?**

Somente eu e um outro colega fomos para área financeira. A maioria esmagadora foi para indústria.

Fonte: dados da pesquisa.

### **Figura 32 - Entrevista com professor ex-aluno da UFSCar (ingresso em 1978)**

Depois de formados, seus colegas foram em parte para bancos, a maioria para empresas industriais e a outra parte foi para áreas distintas da engenharia de produção, abrindo seus próprios negócios e empresas.

Quanto à classe social dos alunos em sala de aula, a maioria era de classe média baixa e alguns poucos de classes mais altas. A forma pela qual os alunos de classe mais alta se distinguiam era pelo carro (naquele período, quase ninguém tinha carro), pelo modo como se vestiam e pela arrogância. O ex-aluno desconhece para onde os alunos de classe alta foram atuar no mercado de trabalho. Entretanto, revela que a maioria sempre foi para empresas industriais do período. Assinala ainda que os alunos atuais da UFSCar ainda vão para indústrias, mas ocorre uma apropriação da formação do engenheiro por outros setores. A formação dos alunos mudou: agora ela é mais aberta para a área financeira. O que atrai esse tipo de formação por parte do mercado de trabalho é justamente a relação manufatureira (de logística e de operação) e a área financeira se apropria dos conhecimentos matemáticos e da compreensão de negócios.

Fonte: dados da pesquisa.

No que tange às entrevistas que abrangem os anos 1970, década do início do curso de engenharia de produção na UFSCar, podemos notar que a meta principal dos graduandos era a de obter uma boa colocação no seio de uma grande indústria. Nesse período, também se deu início aos trabalhos da área financeira em bancos, mas foi bastante incipiente, já que da primeira turma somente dois dos engenheiros formados foram trabalhar nas áreas de finanças. Já no final da década de 1970, alguns alunos apareceram mencionando a possibilidade do empreendedorismo através da abertura de empresas próprias.

Naquela altura, nota-se que a classe social dos alunos era bem mais baixa do que a atual, sendo que poucos alunos representavam as classes altas. A fala de outra aluna da turma de 1976 mostra claramente esse fato: “Classe média. Alguns muito poucos com um pouco mais de dinheiro, mas em geral éramos uns durangos...” Outro fato importante é o de que, naqueles anos, os alunos estudavam em grande parte nos colégios públicos, e nesse sentido, muito dos entrevistados alegam que o ensino era de mais qualidade naquela época.

### **Figura 33 – Entrevista com professora e ex-aluna da UFSCar (ingressante de 1982)**

Atual docente da Universidade Federal de São Carlos reportou que o grande sonho de carreira dos alunos de sua sala era trabalhar em empresas. Nos anos anteriores, as pessoas se interessavam pelo trabalho em bancos, mas como era muito massacrante, preferiam as empresas.

Em sua sala de aula, existiam pessoas de classe média e outros dois extremos: pessoas mais endinheiradas em uma ponta e pessoas provenientes de áreas rurais na ponta oposta.

O mecanismo que destacava os alunos provenientes de classes mais altas era a propriedade de carros, pois os únicos frequentadores da UFSCar que tinham carros eram professores naquele período. Logo, se algum aluno

possuía carro é porque tinha dinheiro. Os discentes daquele período eram educados, viajavam e os membros de suas famílias ocupavam posições notáveis em postos de trabalho conhecidos. No que diz respeito à cultura, existiam alguns estudantes que assistiam sessões malditas da UFSCar, transmitidas bem tarde, além de terem filmes cabeças. Entretanto, eles não costumavam ir aos teatros, museus ou aos lugares mais sofisticados. Eles não dispunham de muitas horas vagas, pois precisavam cumprir 36 créditos semanais. iam ao palco livre da UFSCar quando ele apresentava shows de talentos, às festas do DCE e todos almoçavam juntos no restaurante universitário, mesmo os mais ricos.

Sobre as escolas que estudaram antes da universidade, a maioria estudou em escolas públicas, pois, naquela época, elas ofereciam ensino de qualidade expressiva. Um dos alunos mais endinheirados estudou em escola de cadetes do exército.

No que diz respeito, à escolha da área profissional, a entrevistada relatou inicialmente que lhe era impossível distingui-la, porém, ao longo da conversa, se recordou de dois casos peculiares: havia dois estudantes de poder aquisitivo que, então ela se lembrou, são recebedores exatamente os melhores salários dos formados em sua turma, pois eles trabalham em grandes indústrias. Simultaneamente, a entrevistada se recordou que, há alguns anos, ela encontrou um dos alunos oriundos da área rural que ainda é residente de São Carlos. Na ocasião, esse aluno proveniente de classe mais baixa lhe relatou sua abertura de um negócio que faliu. Ela finalizou sua entrevista dizendo que, nos anos da década de sua formação, existiam três grandes áreas para as quais os alunos iam trabalhar: academia, indústria e bancos. Os bancos não eram o sonho de destino profissional da turma, mesmo que vários alunos de sua sala tenham ido para essa área. Ela comentou sobre os graduandos atuais do curso de engenharia de produção, dizendo que eles desejam ir, por exemplo, para as áreas de serviços e para os novos negócios na internet. Esses campos novos, de acordo com ela, não envolvem produção de bens, pois ela acredita que sejam as áreas de consultoria e finaliza: “Eles estão sempre focados em arrumar emprego e não em criar empregos como empreendedores”.

Fonte: dados da pesquisa.

Na entrevista que se segue, referente aos anos da década de 1980, observamos que as preferências entre as escolhas de atuação para os engenheiros de produção são academia, indústria e bancos. No período correspondido e supracitado, o recrutamento ainda era forte nas classes médias, mas começaram a aparecer alguns indivíduos que se distinguiam por sua alta classe social. Esse meio de distinção é marcado pela posse de carros, pois, nesse período, somente os professores da universidade tinham carros.

Uma das entrevistas aponta que os que tinham mais dinheiro em sua sala foram atuar em grandes indústrias e estão muito bem situados economicamente. Entretanto, um de seus colegas de turma proveniente de classe mais baixa, tentou abrir um negócio próprio que acabou falindo, o que o conduziu à dificuldade financeira no presente momento. Outro fato importante é que a maioria deles estudou colégios públicos. As turmas desse período preferiam as indústrias aos bancos, pois os bancos tinham um ritmo de trabalho diferenciado e muito mais intenso.



**Figura 34 – Entrevista com ex-aluna da UFSCar atuante na área de consultoria  
(ingresso em 1999)**

De acordo com essa ex-aluna, ocupar cargos em empresas multinacionais era o objetivo mais visado pelos alunos nos anos de sua graduação. Pouco se falava em consultoria, tanto que ela só foi atuar nessa área cinco anos após a conclusão da graduação.

Sua turma era bastante heterogênea. Era possível identificar as pessoas com mais dinheiro pela detenção de carro, pelo hábito de viajar, por morarem sozinhas, por possuírem apartamento próprio e por terem estudado em colégios privados. Apesar da heterogeneidade da turma, ela declarou que ela era majoritariamente constituída por alunos de classe média

Quanto aos anseios dos alunos, ela relatou que eles eram semelhantes para os mais e os menos ricos. De acordo com ela, não havia uma distinção clara para afirmar "os mais ricos estão indo para o mercado financeiro por que são mais ricos", diferentemente de hoje, em que acredita-se na existência uma distinção explícita: metade dos mais abastados está na indústria e a outra metade está no mercado financeiro.

Todos os graduandos da época da entrevistada faziam os mesmos programas universitários (festas, a saber), independente do capital financeiro ou social.

Fonte: dados da pesquisa.

**Figura 35 – Entrevista com ex-professor da UFSCar (ingresso em 1999)**

A carreira dos sonhos de turma desse ex-professor da Universidade Federal de São Carlos não era a consultoria, pois ela era pouco cotada. Bancos e mercados financeiros giravam entre 10% e 20% das preferências de escolha de sua classe. As áreas de atuação mais escolhidas eram as indústrias e grandes empresas. De acordo com esse entrevistado, havia uma disparidade de classes sociais evidente em sua sala. Entretanto, a diferença entre as classes sociais e os cargos escolhidos não é tão clara para ele. Muitas pessoas mais humildes foram bem sucedidas profissionalmente ao ocuparem cargos em empresas como a Nestle e a Petrobrás.

Foi-nos relatado, nessa entrevista, o percurso de dois colegas de classe média que foram os únicos empreendedores. Inicialmente, eles montaram uma loja de informática que faliu e, depois, montaram um bar que também se arruinou.

A marca de distinção social certamente era o carro entre os alunos da referida turma. Cerca de 20% desses discentes tinha carro, mas quando um dos estudantes chegava à universidade com um carro modelo Corola (Toyota) era diferente naquela época. Os alunos da turma desse entrevistado percebiam que os pais de alguns colegas de sala eram donos de fábricas na região. Quanto aos residentes de São Carlos, eles eram vistos como membros ou não da classe alta por suas casas.

Sobre a cultura das pessoas, ela era bem homogênea: todos iam aos mesmos lugares e escolhiam fazer sempre os mesmos programas culturais universitários.

Os alunos tinham a visão de serem gerentes e , anteriormente, esse objetivo se traçava em longo prazo. Hoje, a

pressão para se chegar a um cargo de destaque é bem maior, pois busca-se mais rapidamente a estabilidade.

De acordo com esse entrevistado, os alunos atuais mudam mais de empresas do que na época de sua formação universitária, relegando a constituição familiar para segundo plano e priorizando a carreira. Os alunos de hoje mudam mais de empresas do que os alunos da época desse entrevistado. De acordo com ele, muitos processos seletivos não eram tão recorrentes, pois, ele fez um processo seletivo para empresa e prestou três concursos em toda a sua vida. Hoje, ele reportou que a média é de 20 a 30 processos seletivos ao longo da vida. Existe um medo e uma ansiedade de não conseguir emprego. Tal afirmação foi ilustrada indicando que sete graduandos calouros foram selecionados para trabalhar com ele. Esse ex-professor entrevistado tentou agendar horários com esses alunos, mas eles nunca demonstravam disponibilidade, pois cursavam aulas de inglês, alemão e informática. Os estudantes hodiernos fazem tudo para aprimorar o currículo e, por conseguinte, alcançarem os melhores cargos profissionais. Apesar da existência de muitas vagas, de acordo com nosso entrevistado, esses alunos não desejam se submeter às oportunidades profissionais oferecidas por empresas do interior de São Paulo, do contrário, eles desejam trabalhar nas grandes empresas. Sobre a escolha das carreiras, o entrevistado indicou o aumento expressivo na procura pelas consultorias. Em sua época, somente duas ou três pessoas escolhiam essa área. Ele pensa que essa escolha passou a acontecer a partir da metade dos anos da década de 2000. De acordo com ele, **para ser consultor há a necessidade de se ter um perfil diferenciado, habilidade social, falar bem, poder de negociação, razões pelas quais não é qualquer um que pode concorrer a um cargo de consultor. Já um supervisor de indústria, aos olhos de nosso entrevistado, tem uma formação mais técnica e não precisa dessa habilidade social.** Baseando-nos nesse depoimento, podemos dizer que parte dos alunos escolhia concursos públicos, de 20% a 30% optava pelas finanças e bancos (serviços), cerca de 20% elegia a consultoria e a grande maioria ia para indústrias. A maioria dos professores do curso de engenharia de produção da UFSCar possui um viés social muito forte e não um viés mercadológico, razão pela qual há um incentivo para os alunos irem para o chão de fábrica, a fim de que entendam como o trabalho funciona de verdade. A grade curricular do curso da UFSCar é muito voltada para a indústria, motivo pelo qual esse entrevistado justifica a escolha de vários alunos para essa área de trabalho.

Fonte: dados da pesquisa.

Os entrevistados do final da década de 1990 assinalam que o sonho de realização profissional dos alunos era trabalhar em multinacionais. Nesse período, as consultorias não eram tão comentadas. As áreas citadas referentes às classes mais altas são as indústrias e o mercado financeiro (bancos). A distinção social de alguns alunos, ao longo desse período, já não é mais marcada pela obtenção do carro, mas pelo modelo do carro obtido: um aluno exemplifica nossa asserção mencionado o modelo automobilístico Corola da fabricante Toyota. Ademais, nesse período, apareceram outros mecanismos de distinção mais fortes, como as viagens internacionais de férias e os apartamentos próprios. Outro fato importante que recorrente nas falas é o de que os alunos com menos capital financeiro prestavam concursos públicos, principalmente na Petrobrás.

Outra diferença mencionada com relação às décadas anteriores é que a maioria dos alunos começou a cursar a educação básica em escolas particulares.

Ainda nos anos 2000, outros ex-alunos relatam que poucos deles decidiam ir para a para a área de consultorias, porque isso ocorreu, precisamente, a partir de 2005. Vimos que

a UFSCar emprega professores com perfis voltados para áreas mais sociais que, por sua vez, tendenciam a encaminhar os alunos para as indústrias, a fim de fazê-los conhecer o chão de fábrica. A grade curricular da UFSCar é muito voltada para a indústria, motivo pelos quais os alunos escolhem esse tipo de setor para trabalhar.

Contudo, na seção dois, analisamos as grades das duas universidades públicas a fim de verificarmos esse fato e concluímos que as grades curriculares são muito parecidas atualmente. Sendo assim, alegar que alguns alunos se direcionam para a área industrial influenciados pelas grades curriculares de suas universidades não é, portanto, o fator decisivo que encaminha alunos para a área industrial, já que, na Universidade Politécnica de São Paulo, os alunos se destinam para outras áreas, a de finanças e a de consultorias, como constatado na seção três do presente estudo.

As entrevistas que se seguem, referentes aos anos correspondentes entre 2003 e 2007, mostram que as opções se davam entre empresas (indústrias e negócios próprios). No tocante às classes mais baixas, os alunos prestavam concursos (cita-se novamente a Petrobrás) e tentavam vagas em empresas privadas. Em relação aos alunos de classes mais altas, eles optavam por bancos e empresas multinacionais (para fazerem estágios no exterior). Sobre os alunos endinheirados, vimos que muitos deles faziam MBA fora do país. A distinção dos discentes mais abastados continuou sendo as viagens e acrescentou-se, agora, novo atributo: as roupas.

Cita-se também o fato dos alunos de classes mais altas terem capital social para se inserirem em empregos e áreas que são melhores remuneradas. Podemos perceber que, quando perguntamos sobre a escolha pelo mercado financeiro, uma das entrevistadas menciona sua afinidade com a área, mas, logo em seguida, essa tal “afinidade” é transvestida em sua fala pela metáfora “ter a chance de crescer”, que em outras palavras, significa ter um salário elevado e aumentar o seu capital econômico. A citação da Revista Exame, abaixo, reafirma a nossa assertiva de que os que têm o perfil de “botar a mão na massa” se diferenciam dos que tem perfil para trabalhar em ambientes “formais”.

### **Figura 36 – Extrato da Revista Exame (2013)<sup>141</sup>**

“Os especialistas confirmam essa percepção. No mercado financeiro, depois de um ano, já é possível receber remunerações relativamente altas. Um engenheiro de obras terá um salário no mesmo patamar só depois de alguns anos de experiência”, diz Fabiano Kawano, gerente da divisão de engenharia da empresa de

<sup>141</sup> <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/59-dos-engenheiros-nao-trabalham-na-area-diz-estudo>

recrutamento Robert Half, de São Paulo. Dentro dos bancos as áreas que mais atraem os jovens são varejo, pelos desafios e competitividade, e investimentos, pelo *status* e pela remuneração ainda mais agressiva do que nas outras unidades. Porém, a carreira em instituições bancárias cai melhor para quem é seduzido pelo mundo das finanças. No dia a dia, a rotina é exigente, há muita pressão por resultados e existe pouca margem para erro. O ambiente interno é formal e cheio de regras. O engenheiro que gosta de colocar a mão na massa, provavelmente, vai achar entediante o cotidiano num banco.”

A reportagem ainda assinala que “O mercado financeiro tira os engenheiros das obras. **Os melhores cérebros da engenharia** estão indo para o **mercado financeiro**, e não para os setores mais críticos, como indústria, infraestrutura e energia”

Fonte: dados da pesquisa.

### **Figura 37 – Entrevista com ex-aluna da UFSCar que trabalha no mercado financeiro (ingresso em 2003)**

**Então, a primeira pergunta seria: Você se lembra dos colegas de sala de aula? Qual era a origem social da maioria deles?**

Entre B e C.

**Você lembra, de forma geral, qual era a carreira dos sonhos da maioria da sua turma?**

Eu fiz produção agro e grande maioria queria seguir algo com empresas agro e todos pensavam em crescer subir rápido, e alguns em ter negócio próprio.

**Você disse que a sua turma era, majoritariamente, de classes B e C. Mas tinha um pessoal da classe A também? Dentro da faculdade, como dava para perceber essas diferenças?**

Tinha A sim. Bastante. Carro, roupas, viagens de férias.

**Dessas pessoas que eram de classe mais alta, a maior parte foi trabalhar onde?**

Bancos, empresas multinacionais que tivesse oportunidade de trabalho no exterior. Foram fazer MBA fora.

**A maior parte desses alunos veio de escola particular?**

Sim. Não vou falar 100%, mas quase lá

**Você falou que havia um pessoal de classe C na sua turma também. Esse pessoal, em geral, estudou em escola pública ou particular? Lá dentro da faculdade, como dava para perceber quem tinha menos dinheiro?**

Eu acho que particular mesmo. Quem mais reclamava de gastar com tudo. Desde moradia, comida até festas.

**Desse pessoal de classe C, a maior parte foi trabalhar onde?**

Em empresa privada mesmo, alguns prestaram concurso Petrobrás

**Você acha que houve, olhando o grupo de forma bem ampla, uma tendência entre as pessoas que provinham de classe mais alta de arrumar empregos melhores em termos de remuneração e status**

**profissional?**

Eu acho que sim. Mas também acho que eles buscam isso, eles correm atrás para ter isso. Só que com certeza já ser de uma classe mais alta muda o meio que eles andam.

**Você percebia alguma diferença nos hábitos de lazer e consumo cultural dessas pessoas? Ou percebia o tipo de informação e formação que elas buscavam para além apenas da graduação?**

Sim... Quem era de uma classe mais alta fazia o programa que quisesse, os outros escolhiam mais tinham que definir os eventos mais importante para ir. Mas acho que de formação todos buscavam muito os professores para entrar no mercado, ver com o que trabalhar.

**Por que você acha que o mercado financeiro se aproximou da Engenharia de Produção?**

Porque o mercado financeiro é carente de pessoas com um analítico lógico forte... e eu vejo um engenheiro de produção assim, que entende bem de administração, casado com bom conhecimento em números.

**Por que você escolheu o mercado financeiro? Você ainda trabalha nessa área?**

Trabalho sim. Eu acho que sabia desde da faculdade, das aulas de contabilidade, economia, que eu queria ir para esse lado. Mas entrei no mercado trabalhando na área comercial...e ai tive certeza que queria financeira. Então eu acho que escolhi mesmo por afinidade. Mas hoje também vejo como um mercado muito mais rápido. Muito mais propenso a crescer.

**E você acha que o engenheiro de produção continua ganhando espaço nesse mercado?**

Com certeza. Bastante. Principalmente no mercado financeiro de risco...tesouraria por exemplo

Fonte: dados da pesquisa.

**Figura 38 –Depoimento colhido na entrevista de ex-aluna da UFSCar que atuou na área de consultoria (ingresso em 2007)**

Falava-se muito na atuação em consultoria, mas não posso afirmar se era maioria. Desses que queriam, essa carreira a maioria era de classe alta, já os de classes mais baixas optaram pela indústria. Mas isso estava muito mais ligado com o que você está disposto a trabalhar ou não, se quer subir rápido na carreira, etc.

Ao meu ver a classe era homogênea, tinham poucas pessoas muito ricas e poucas muito pobres. Os mais ricos era fácil de distinguir pelo carro, roupas, viagens, viam de escolas privadas, o que gostavam de fazer, onde moravam. A maioria dos alunos era de classe média alta.

O pessoal que foi para o mercado financeiro na minha época foram cinco pessoas no máximo, que eu me lembro com certeza de dois. Eles eram de São Paulo e tinham uma condição econômica muito boa, mas não estavam entre os mais ricos. Eu vejo uma relação no fato de serem de São Paulo e terem escolhido o mercado financeiro.

Os alunos em geral faziam os mesmos programas universitários sem distinções, claro que quando voltavam para suas cidades era diferente. Os mais ricos falavam bastante em viagens.

Atualmente o pessoal que veio de origem mais diferenciada está muito bem na carreira, mas tem muitos dos de origem mais humilde também estão. Eu vejo isso mais como reflexo do empenho, boas notas, etc.

Fonte: dados da pesquisa.

Em seguida, a última entrevista se dá no mesmo sentido, pois destaca que os cinco então graduandos de engenharia da sala da ex-aluna que elegeram o mercado financeiro para atuarem profissionalmente tinham boas condições financeiras, Porém, ela assinala que

acredita no potencial meritocrático (notas e desempenho) para a real efetivação em um cargo, independente de sua área.<sup>142</sup>

No entanto, como já discutimos na seção anterior, sabe-se que “onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia<sup>143</sup>, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA, 2010, p.3) Dentro dessa mesma discussão, salientamos a existência do “*parental choise*” e não mais da meritocracia individual para o final do século XX. Concordamos então com Nogueira (2010) quando atribui-se mais importância aos recursos financeiros e às estratégias de escolhas escolares dos pais na determinação do futuro dos agentes sociais do que ao mérito individual. Nesse mesmo sentido, não podemos negar que para se ter a melhor escolha e a mais acertada para que o filho tenha ganhos, no futuro, o capital cultural dos pais seria muito importante para mapear essas escolhas.

Sobre a área da engenharia, atualmente, alguns entrevistados comentam que o sonho de realização profissional dos alunos hodiernos se direciona para a área de serviços, mais precisamente para a área de consultorias. Outro professor comenta que a área de atuação na engenharia de produção se abriu mais e muitos têm se interessado pelo setor financeiro.

Assim sendo, percebemos que essas duas áreas são as áreas mais promissoras no sentido de prestígio social e rentabilidade, mas como pudemos verificar com a presente pesquisa, a maior parte dos alunos da Universidade Federal de São Carlos não se estabelece profissionalmente nessas áreas, encaminhando-se em grande parte para o setor industrial (como discutido na seção três). Uma das falas dos professores acima reafirma uma de nossas proposições colocadas na seção anterior: a de que esses tipos de setores, principalmente o setor de consultorias, exige um capital cultural diferenciado por parte dos indivíduos que o escolhem.

Sobre a afirmação anterior, nos apoiamos em Grun (1992), e conseguimos confirmar essa asserção não somente com os dados de capital cultural dos alunos uspianos,

---

<sup>142</sup> De acordo com entrevista da Revista Exame, o superintendente do Instituto Evaldo Lodi, assinala que, dentre 10 engenheiros, somente três trabalham em sua área típica. O segmento financeiro tem atraído muitos jovens porque oferece “melhor remuneração, plano de carreira e melhor *status* e a possibilidade de continuar morando nos centros urbanos”.

<sup>143</sup> Lembramos, aqui, da reflexão de Dubet Bellar e Véréttout (2010) quando eles assinalam que, de acordo com essa lógica do mérito, conjugaria-se uma ausência de desigualdades escolares de origem social, uma vez que, qualquer criança poderia reconhecer seus méritos escolares qualquer que seja seu meio social, por sua vez, esse será recompensado pelo mercado de trabalho graças à influência do diploma. Ou seja, dentro do esquema meritocrático, não há nenhuma relação entre a origem social e a educação, ou seja, sobre a influência da origem social sobre as desigualdades escolares, nem efeitos da origem sobre o destino (profissão).

com suas respectivas falas sobre seus estilos de vida e origem social, mas agora também com a seguinte fala ilustrada em uma das entrevistas já exibidas: “Para ser consultor tem que se ter um perfil diferenciado, habilidade social<sup>144</sup>, falar bem, poder de negociação, então, não é qualquer um que pode concorrer a um cargo de consultor. Já um supervisor de indústria tem uma formação mais técnica e não precisa dessa habilidade social.” Como assinala Odile Henry (2006, p.37)

*Les consultants peuvent être considérés comme des spécialistes de la production symbolique ou idéologique. Si on admet que l'autorité symbolique est proportionnée au capital symbolique que le groupe parvient à mobiliser [...]*<sup>145</sup>

Logo, o consultor tem um *savoir faire* intuitivo, criativo e habilidades para solucionar problemas que divergem de um perfil do engenheiro mais técnico:

*Les ingénieurs-conseils ont mis en avant leurs propres qualités – telles que la créativité qui se mesure à la capacité d'offrir du « sur mesure » ou le charisme, qui suscite la confiance du client –, qualités qui ne peuvent être détachées de la personne qui les exerce. Cette personnalisation des prestations s'oppose bien évidemment à la standardisation des savoir-faire [...] (HENRY, 2006, p.55)*<sup>146</sup>

A autora ainda assinala que como os artistas, os consultores fazem com que os agentes, ao seu redor, prestem atenção ao seu potencial distintivo e somente o capital simbólico poderia lhes dar essa capacidade de influenciar no poder da crença de sua clientela.

Quanto às ocupações dos engenheiros de produção nas áreas de atuação do mercado financeiro, pensamos que elas podem ser justificadas pela carga matemática e de raciocínio lógico voltado para esse curso, como foi mencionado nas entrevistas anteriores e como ressalta Saran (2012, p.30)

De outra forma, pode-se sugerir que o engenheiro de produção converteu-se para o mercado brasileiro no profissional ideal desse novo tipo de capitalismo, no qual até as instâncias produtivas são regidas segundo a lógica financeira. Seu perfil técnico/matemático modela-se à racionalidade de índices e modelos, tão valorizada

---

<sup>144</sup> De acordo com Collins (1979), o êxito na carreira não depende de uma destreza prática, antes, de certa diferenciação frente as demais pessoas envolvidas na situação de emprego, ou melhor, ter diferentes habilidades.

<sup>145</sup> Os consultores podem ser considerados especialistas em produção simbólica ou ideológica. Partindo do princípio de que a autoridade simbólica é proporcional ao capital simbólico que o grupo pode mobilizar... (tradução nossa).

<sup>146</sup> Engenheiros consultores apresentaram suas próprias qualidades - tais como a criatividade, que é medido pela capacidade de oferecer "sob medida", ou carisma, o que cria a confiança do cliente - qualidades que não podem ser separada da pessoa que as exerce. (tradução nossa).

nos espaços de finanças. E sua visão holística e flexível da empresa é essencial nesse capitalismo de investidores institucionais acionistas.

No entanto, ressaltamos que essas não são as únicas razões pelas quais esse setor é escolhido pelos engenheiros. O ritmo de trabalho alucinante e frenético é contado por alguns dos entrevistados, quando eles agendam a concessão de suas entrevistas ao decorrer das madrugadas. Ademais, observamos que, na maioria das vezes, eles só respondiam aos nossos e-mails depois da meia noite, quando diziam ainda estar trabalhando. Esse ritmo acentuado de trabalho pode selecionar alguns perfis de engenheiros, mas aliado a esse fato ainda afirmamos que se necessita de um capital econômico, muitas vezes associado ao capital social, para a ocupação desses cargos - como conseguimos averiguar o perfil dos engenheiros politécnicos que conseguem adentrar esses espaços e cargos na presente pesquisa.

#### **4.11 Algumas constatações sobre os alunos da universidade particular**

A partir de alguns quadros sobre alguns temas específicos, podemos perceber que alguns alunos da universidade particular se destacam. Primeiramente, há notoriedade naqueles que se destacam por alguma opção atrelada a um capital cultural mais elevado. Observamos pais funcionários públicos, com nível educacional superior completo e pais que estudaram em colégios particulares, fatores que podem ter influenciado fortemente no capital cultural dos alunos. Observemos o quadro abaixo:

#### **Figura 39 – Capital cultural**

Um dos alunos da universidade particular estudada que merece destaque é o único que menciona uma peça de teatro da *Broadway* e pratica tênis como esporte. Fomos verificar o porquê desse diferencial e constatamos que seus pais, apesar de terem cursado ensino médio completo, são funcionários públicos, fato que pode ter influenciado o filho, uma vez que esse mostra ter algum tipo de indicação para um capital cultural médio.

Outro aluno, cujo pai é marceneiro com ensino universitário completo com salário inferior a R\$2.000,00 e a mãe é do lar com ensino médio completo, cita Da Vinci como pintor preferido. Esse aluno tem o diferencial de ter estudado em escola particular (apenas seis dos entrevistados estudaram em escolas particulares).

Fonte: dados da pesquisa.

Encontramos um aluno que toca um instrumento clássico, contudo, quando o questionamos sobre os compositores e as demais questões sobre música erudita, ele não as soube responder ou por algum outro motivo não respondeu.



### **Figura 40 – Instrumento musical**

Outro exemplo proeminente é um aluno, cujo pai recebe entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00 e a mãe recolhe entre R\$ 2.000,00. O pai é motorista, o aluno toca instrumento musical violoncello e diz gostar de música clássica. Entretanto, no momento, de citar os compositores não responde a questão.

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a representação corporal, poucos praticam esportes, um deles é distinto por frequentar academia e seus pais serem donos de pequeno comércio, ou seja, seus pais possuem um possível *habitus* voltado para a classe média. Assim, observamos que o filho já invoca mecanismos concernentes à preocupação com a estética corporal e com a saúde do corpo, fatores vinculados à questão da representação.

### **Figura 41 – Representação corporal**

Um exemplo de um aluno diferenciado, tendo como indicativo uma disposição mediana, é o filho de comerciantes, cujo pai recebe entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00. Ele é um dos únicos que é adepto da prática de musculação. Já vemos indícios para a formatação de uma representação corporal para essa fração de classe, detentora de algum tipo de negócio, mesmo que pequeno.

Fonte: dados da pesquisa.

No quadro abaixo, vemos a questão da importância da escola ou da força das escolas particulares no Brasil, associadas ao ensino de qualidade. São justamente os alunos que estudaram em escolas particulares que citaram pelo menos o nome de alguns pintores.

### **Figura 42 – Capital escolar**

Um dos únicos alunos que consegue citar algum pintor (Van Gogh) é um aluno cujo pai é motorista e a mãe é secretária. Ele diz ter estudado em uma escola particular em sua cidade de residência. Há um contraste com os demais alunos que ou não responderam a questão ou assinalaram a opção das escolas públicas.

Fonte: dado da pesquisa.

Por último, temos um exemplo que se relaciona ao capital econômico e à forma que ele se conecta diretamente com o capital cultural. Há dois indivíduos: um cita pintores e o outro é o único que consegue localizar um compositor e relacioná-lo a sua obra musical. É interessante pensar que os pais desses alunos são os que possuem capital econômico mais alto e matricularam seus filhos em escolas particulares. Um dos avôs paternos (o único de que

temos conhecimento) era empresário, fato que marca a nítida reprodução da fração de classe média nessa família.

### Figura 43 – Capital econômico

Somente dois dos alunos apontaram rendas parternas entre R\$5.000,00 R\$ 10.000,00.

O primeiro deles é filho de um pai com ensino universitário incompleto e de uma mãe ensino universitário completo. Ele assinalou que os pais trabalham no setor privado, mas não citou suas profissões. O aluno disse ter estudado em colégio privado e é o segundo aluno que consegue citar ao menos um pintor (Van gogh).

O segundo aluno tem um pai representante de móveis e a mãe vendedora de roupas. Ambos possuem ensino médio incompleto. Seu avô paterno foi empresário. O filho estudou em escola privada e é o único entrevistado que indicou conhecer a música clássica “As quatro estações” de Vivaldi.

Fonte: dados da pesquisa.

#### 4.12 A diferenciação dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo quanto aos marcadores de legitimidade e seus direcionamentos profissionais

O homem que sobe a cúpula é o homem de visão ampla, cuja “especialidade” coincide com os objetivos da empresa que é o máximo de lucros. Se acharem que ele realizou esse objetivo, ascenderá no mundo da empresa. A capacidade financeira é o principal elemento de decisão, e geralmente quanto mais alto o executivo, maior atenção dedica aos aspectos financeiros da empresa. (Mills, 2012, p. 166)

Antes de discutirmos as três histórias de vida de estudantes mais recentes da Universidade Politécnica de São Paulo, nós gostaríamos de citar um trabalho que pode explicar brevemente as características dos antigos alunos dessa universidade, já que não conseguimos entrevistá-los. O trabalho de dissertação de mestrado referido é de Silva (1988), intitulado *A engenheira um estudo empírico da divisão sexual do trabalho*. A autora não nos mostra somente dados sobre a questão da engenharia ser um local ocupado por homens, sobre suas entrevistadas serem a exceção e as primeiras mulheres engenheiras na Universidade Politécnica de São Paulo, mas mostra também sobre como esses elementos estão ligados à clivagem de classe e como a proximidade dos marcadores de legitimidade estavam muito mais presentes naquele período, devido à origem social dos alunos. Conseguimos também associar o grupo de maior capital cultural e origem social mais alta ao sucesso profissional.

O primeiro grupo de mulheres entrevistadas pela autora, entre anos de 1945 e 1965, tem um alto capital econômico e cultural na família, sendo que tanto pais como irmãos e tios sempre cursaram ensino superior em escolas renomadas (medicina na USP e direito na

São Francisco, por exemplo) e possuem profissões de renome (tenentes e biólogos, a saber). A maior parte das entrevistadas seguiu engenharia por ser a profissão de seus pais ou de algum membro da família: a definição da carreira se deu a partir de uma influência masculina em suas famílias. Um fato importante é que o desempenho escolar era algo bastante cobrado na família dessas engenheiras, pois foram preparadas para cursarem universidades.

O segundo grupo de entrevistadas era mais modesto, formado por famílias de imigrantes que queriam ascender socialmente. A família não se preocupava tanto com a questão da educação. Outro fato relevante é o de que as alunas com a origem social mais baixa não alcançaram tanto sucesso profissional e financeiro como as entrevistadas do primeiro grupo.

Há uma entrevistada proveniente de família de classe alta que se destaca: seu pai era engenheiro e seus parentes profissionais liberais. Ela alavancou sua carreira e, hoje, é sócia majoritária de uma empresa de consultorias em engenharia. O pai foi professor na Universidade Politécnica e lhe passou muitos contatos antes dela entrar na universidade. A entrevistada possui um alto capital cultural, a família da mãe é de poetas, jornalistas, literatos e políticos. Ela apresenta uma trajetória curiosa, pois se casou com um advogado que se tornou promotor público. Seguiu o marido para o interior de São Paulo, abandonou a universidade para lecionar literatura no ensino fundamental, voltou a estudar, se formou em 1957 e, nesse ínterim, se divorciou.

Seu primeiro emprego foi na área de construção e, paralelamente, lecionou na USP em São Carlos. Ela se afastou da docência, foi trabalhar em uma empresa relacionada à engenharia de solos, foi trabalhar na construção de um canal entre a França e Itália e em uma empresa de consultorias. Ela saiu da empresa com mais dois sócios e montou sua própria empresa. Sua capacidade política de fazer negociações com empresas estatais e privadas fez com que sua empresa crescesse muito. Graças as suas relações pessoais, ela conseguiu esse tipo de ascensão social.

As alunas quatrocentonas entrevistadas não se preocupavam com o dinheiro e sim com um diploma universitário. A maior parte delas atuou como professora em universidades, as demais trabalharam em empresas estatais e não desempenharam atividades de chefia. Ou seja, as engenheiras da primeira geração, as mais antigas, se formaram em um curso masculino em um momento em que não havia pouca abertura no mercado de trabalho para as mulheres engenheiras.

Para além das histórias sobre o gosto e estilos de vida que mapeamos sobre os ex-alunos da Universidade Politécnica de São Paulo e para os casos anteriores das engenheiras

quatrocentonas e imigrantes italianas, conseguimos obter três entrevistas com alguns ex-alunos. Essas entrevistas podem nos abrir possibilidades para pensarmos e ilustrarmos (como realizamos anteriormente a cerca das entrevistas da UFSCar) as reais falas dos indivíduos de “carne e osso” (Campos e Jardim, 2012) sobre seus marcadores de legitimidade e sobre as suas apreciações sobre o setor que seguiram em suas carreiras.

**Figura 44 – Entrevista com ex-aluno da Poli que atua como professor e consultor (1992)**

O ex-aluno nos reportou que a maioria dos alunos de sua sala tinha como sonho de carreira trabalhar em bancos de investimentos ou em consultorias estratégicas. Poucos escolhiam se dedicar às operações (manufatura, PCP, logística e qualidade).

No que diz respeito ao perfil sócioeconômico dos seus colegas, ele afirmou que aproximadamente 15% eram de classes altas, 80% de classes médias e 5% de classes baixas.

Relatou que os alunos de classe mais alta tinham como fator de distinção carros, casas em praia, viagens para o exterior e praticavam esportes diferenciados. Ressaltou que esses alunos estudaram somente em colégios particulares. Entretanto, a principal diferença para se localizar um aluno de classe alta em sua sala de aula estava nas viagens para o exterior.

Normalmente, as áreas de trabalho escolhidas pelos alunos de classe alta era, essencialmente, a área de bancos de investimento.

No que diz respeito ao tempo livre e atividades culturais, na Poli, sobrava pouco tempo livre. Os alunos não ouviam muita música e os alunos escolhiam como esporte a prática da natação, tênis, ou atletismo. A forma como os alunos de classes mais baixas de sua sala eram distinguidos era justamente pela falta de veículo próprio. Esses alunos também tinham sido bolsistas de escolas particulares. Os alunos de classes mais baixas tinham como escolha trabalhar nas áreas de operação dentro das indústrias.

Fonte: dados da pesquisa.

Os fragmentos da entrevista acima mostram que o sonho de carreira dos alunos já era o mercado financeiro e as consultorias estratégicas nessa turma de ingressantes de 1992. Esse sonho de realização profissional é diferente da UFSCar, onde os desejos de atuar em consultoria estratégica apareceram somente na metade dos anos 2000 e para o mercado financeiro (no caso dos bancos) só apareceu na década de 1970. Ele assinalou que sua turma era em grande parte de classe média e que os alunos de classe mais alta escolhiam trabalhar no mercado financeiro. Ele citou justamente os esportes que já abordamos, no início desta seção (natação, tênis e atletismo), que classificamos entre os esportes médios e requintados. Ademais, ele assinalou, como já provamos com nossos dados quantitativos, que os alunos de menor renda escolhiam trabalhar justamente nas indústrias.

À vista disso, devemos retomar Collins (1979) que afirma que a ideia de credencialismo nos capacita para melhor compreender a relação entre as classes e as

instituições escolares. Logo, calcado em pesquisas realizadas nos Estados Unidos, ele afirma que algumas instituições recompensam e socializam justamente os indivíduos de classe média, na medida em que são esses os alunos que estudam em escolas prestigiosas: são eles que tomarão o poder e assumirão grandes cargos no mercado de trabalho. Ao se valorizar, traço típico específico de uma classe média, esses indivíduos garantem posições de poder, enquanto outros indivíduos que adquirem credenciais (diplomas) em outras instituições não prestigiosas ficam alijados de algumas posições de poder.

A existência de diplomas de instituições com maior peso simbólico e outras com menor peso simbólico (que comumente recebem estudantes de classes mais baixas) seria o ponto nevrálgico da questão da desigualdade escolar, que impõe aos indivíduos exatamente a posição que eles devem ocupar no mercado de trabalho e os passos a serem seguidos para construir sua carreira.

Outro ponto de extrema significância, muitas vezes mencionado por Pierre Bourdieu, relacionado com a questão das desigualdades é justamente a origem social e familiar dos indivíduos. Tais origens direcionarão não somente os estudos, mas também a construção do capital cultural dos indivíduos, fazendo com que os detentores do capital cultural (que é acompanhado, muitas vezes, de um capital econômico mínimo) possam galgar posições estratégicas no mercado de trabalho, enquanto os que não o detêm, ficam completamente excluídos desse processo.

**Figura 45 – Entrevista com ex-aluno, microempresário e professor da turma da Poli de  
2005**

No que diz respeito à carreira dos sonhos dos alunos que estudaram em sua sala:

“Quanto ao sonho de consumo, é uma questão mais complexa, porque tinham alguns nichos.

Sobre a origem social, mais precisamente sobre a condição relacionada à classe social, ele relata:

“Não, não é algo claro... acho que tinham pessoas de ambas origens sociais e todos os grupos

Na minha leitura, a maior parte das pessoas da minha sala eram de classes sociais mais abastadas. Mas existia uma porção relevante de classe média e uma porção pequena (mas existia) de classe mais baixa”

Como ele distinguia os alunos de classe mais alta (como se caracterizavam):

“Eu era meio bobão com essas coisas (acho que porque não era de São Paulo, então não conseguia distinguir os colégios caros e os locais de lazer mais caros), especialmente no começo. Algumas pessoas dava para perceber pelo tom arrogante... mas não eram todos.

Mas com o tempo dava para ir percebendo porque muitos vinham dos mesmos colégios e com eles as histórias passadas. Todos (de classe alta) vieram de colégios privados. Aliás, na minha sala, que eu me lembre tinham 3 ou 4 (de 70) de escolas públicas. Então... meu ponto é justamente que eu vejo pessoas de ambas origens socioeconômicas em ambos grupos.”

Pensando sobre o mercado de trabalho, as pessoas de classes mais altas foram atuar em quais áreas?

“E o pior é que pensando um pouco... nem sequer consigo imaginar um pólo de concentração

minha tentação é dizer que os de classe mais alta foram pro mercado financeiro... mas isso definitivamente não é uma verdade porque muitos que foram por essa carreira não eram e alguns dos mais abastados foram pra indústria e consultoria”

Observando a insistência na mesma questão, o ex-aluno continua:

“Sabe por que eu menciono da "tentação" de afirmar isso? É porque a maioria da turma era abastada e a maioria foi para o mercado financeiro e consultoria de forma que parece que houve uma concentração. Mas na verdade é só porque a amostra era grande. Se pensar ao inverso... o grupo que foi para mercado financeiro e consultoria representa mais ou menos a "população" da turma”

Sobre as razões pelas quais os alunos da Poli escolhem trabalhar no mercado financeiro:

“Minha opinião é que mercado financeiro está lá em São Paulo, de forma que nosso contato é bem maior do que em São Carlos. O pessoal já começa a estagiar lá, ganha traquejo na área e acaba ficando, atraído pelas grandes remunerações. Em São Carlos, o cara precisa se formar e ir para São Paulo para trabalhar no mercado financeiro, porque os bancos, corretoras e tudo mais estão lá na capital.”

**Para detalhamento da questão anterior, lhe é questionado se a grade do curso da Poli possui disciplinas que direcionam os alunos ao mercado financeiro. Comentamos que a UFSCar forma engenheiros que vão para as indústrias.**

“O curso, na verdade, nos inibe. Os professores são contra, fazem contra-apologia, preparam pouco nos conteúdos específicos de finanças...Eu acho que é uma questão meramente geográfica, sinceramente. Acho que se a UFSCar fosse em São Paulo e a Poli em São Carlos, do jeitinho como são, a tendência seria ao contrário. Com os mesmos alunos, mesmos professores, mesma grade. É... mas assim... o curso não nos prepara bem para o dia-a-dia do mercado financeiro. O pessoal chega estagiário, vai aprendendo, pega o jeito da coisa e aí continua. Entende? Falo isso do lado de fora, porque nunca trabalhei no mercado financeiro. Mas não acho que ali estão as melhores mentes da teoria de finanças... pra mim são as pessoas que se adequaram melhor naquele estilo de vida. Ou seja, o pessoal de São Carlos também deve ser atraído por essas áreas, mas começa um pouco atrás por uma questão de experiência e não de preparo.”

**Pergunto se ele conhece alunos das universidades particulares em São Paulo e se eles também vão atuar no mercado financeiro por conta da questão geográfica.**

“Eu conheço pouca gente que faz Produção nas particulares. E quem eu conheço está no início do curso. Mas, honestamente, eu acho que o mercado financeiro tem um preconceito grande com a particulares de engenharia. É uma visão que eu tenho, mas esse pessoal de consultoria estratégica e mercado financeiro tem uma cabecinha assim: bom é ITA, Poli, FEA, FGV, UFSCar. Posso até te mostrar um site de uma consultoria que já limitava a esses cursos das particulares. Mas no caso da engenharia na GV é ao contrário, é super bem vista. E o pessoal vai em massa pro mercado financeiro (só para ilustrar, veja a pergunta 2 desta prova de uma das maiores consultorias estratégicas do mundo, a BCG). Veja a pergunta 2... não tem Mackenzie, FEI, Mauá (que são as faculdades mais famosas de eng. de produção particulares)”

**Sobre as suas escolhas na carreira, quais motivos o fizeram escolher a área que atua?**

“Minha história é um pouco complicada e incomum. Eu saí da faculdade para a Embraer, ou seja, para a indústria (apesar de ter uma paixão pela teoria de finanças e mercado de capital, o estilo de vida e o perfil das pessoas definitivamente não é para mim). Mas muito pouco tempo depois de formado eu tive enormes problemas pessoais (perdi minha mãe, tenho irmãos mais novos e um pai muito doente) e voltei para a minha cidade. Estou trabalhando hoje no negócio da família, dou aulas de engenharia de Produção na faculdade daqui de Presidente Prudente e dou consultoria industrial em algumas indústrias da região. Antes, eu escolhi a área indústria por paixão... remunerava menos que as outras propostas que eu tinha, mas eu queria muito atuar ali, tinha orgulho de estar em uma grande indústria e sempre tive muita atração por empreendedorismo. Então queria ter um contato com a produção "de verdade". Eu tive uma pontada de dúvida com consultoria estratégica, pelo aprendizado e crescimento rápido, mas eu sempre me enxerguei mais feliz trabalhando em um lugar que eu via "produtos saindo" e tudo mais.

**Questionamento sobre o motivo pelo qual ele não escolheu mercado financeiro como a maior parte dos alunos de sua sala.**

“Isso é uma opinião, talvez até preconceituosa, mas é minha visão e me afastou deste mercado.

Eu acho que é uma área em que as pessoas pensam pouco, fazem muita coisa no impulso e ostentam muito sua rapidez e "genialidade". Não gosto disso, eu gosto de reflexão, planejamento, pensamento profundo. Além disso, as pessoas no geral são MUITO arrogantes e precisam muito sustentar isso. E pra terminar, é um ritmo de vida que pra mim é insano: ficar 16 horas no trabalho, sendo boa parte do chamado "face-time" (estar lá porque é importante estar lá). Eu gosto de contato com família e gosto de ser produtivo na hora que eu trabalho... por isso o empreendedorismo me atrai tanto.”

A entrevista acima é uma das mais importantes sistematizações<sup>147</sup> que realizamos, pois traz muitas informações importantes para verificação da parte quantitativa da pesquisa. O aluno ressalta que, na década de 1990, as áreas mais desejadas eram indústria mercado financeiro (para os que queriam mais rentabilidade financeira) e, por último, as consultorias estratégicas, um setor intermediário entre os dois anteriores.

Sobre os indivíduos de classes mais altas, o respondente, exita, titubeia com a resposta de que não existe uma definição de setor para essa classe social mas, depois acaba assumindo o fato de que os engenheiros mais abastados acabam indo para o mercado financeiro e consultorias.

Quando o questionamos sobre a razão pelas quais essa escolha se dá, ele admite a assertiva de que é devido ao fato de estarem em São Paulo, onde o mercado financeiro e as grandes companhias de consultoria se situam. No entanto, quando insistimos um pouco mais na questão, o entrevistado se contradiz dizendo que ali estão “as melhores mentes das teorias das finanças” e se contraria novamente com a asserção da importância do mercado financeiro estar em São Paulo, dizendo que a UFSCar fica atrás por não estarem tão “preparados” para esse tipo de cargo.<sup>148</sup>

Esse último adjetivo, cujo significado semântico designa falta de preparo, mascara, na realidade, a ausência de “marcadores simbólicos de legitimidade”, o que possivelmente também é a razão pela qual os engenheiros de produção das universidades particulares de São Paulo não conseguem entrar no mercado financeiro e na área de consultorias, mesmo residindo na cidade de São Paulo.

O ex- aluno entrevistado atribui à fatalidade do falecimento de sua mãe um fator determinante para que ele tomasse as escolhas que fez e seguisse o caminho em que está.

---

<sup>147</sup> Optamos por colocar a entrevista completa, pois assim conseguiríamos mostrar a linha de raciocínio do entrevistado. Se tivéssemos exposto fragmentos soltos, não conseguiríamos averiguar corretamente a importância da fala do indivíduo como um todo. Outro recurso que escolhemos foi o de usar modos distintos de apresentar as entrevistas. Ora fazemos uma compilação dos dados mais importantes mencionados, ora colocamos as questões e as respostas na íntegra, se julgamos relevante. Dessa forma, evitamos que o leitor se canse sempre com o mesmo formato, além de conseguirmos ressaltar a qualidade na íntegra das entrevistas mais importantes.

<sup>148</sup> A questão da bipolaridade entre metrópole (acesso aos empregos do mercado financeiro) e interior (não acesso ao mercado financeiro) não nos convence, pois a maior parte dos alunos da UFSCar, depois de formada, busca empregos fora da cidade de São Carlos e, na maioria das vezes, nas empresas mais prestigiosas da cidade de São Paulo. Nos remetemos, então, ao trabalho de Granovetter (2005) quando o mesmo afirma que faria pouca diferença se os bons empregos se localizassem em áreas onde eles não estão presentes, pois mesmo assim, não haveria o grande e importante impacto do capital social para a obtenção de alguns tipos de empregos. Vamos ainda um pouco além dessa perspectiva, afirmando que a desenvoltura do “bom” capital cultural seria um atributo extremamente relevante para obtenção de cargos de destaque no mercado financeiro.



Poderíamos pensar, nesse ponto, que um acontecimento, ato aleatório ou o processo<sup>149</sup> pelo qual o indivíduo forja seu ato ou escolha profissional possa ter impulsionado sua escolha final. No entanto, indo um pouco mais longe, observamos que esse entrevistado se diz apaixonado pelas teorias das finanças, apesar de contraditoriamente ter ido trabalhar na indústria: não conseguiu adentrar as áreas de finanças ou não faz esse tipo de opção.

O asco e o repúdio pelo pessoal “arrogante” que “ostenta sua rapidez e genialidade” soa como mecanismo de defesa, além de repercutir também o discurso que coloca o “outro” dentro de um espaço que não lhe serve como sua luta pessoal. Por isso, percebemos, aqui, que para além de um acontecimento em sua vida que tenha forjado sua escolha final, existem algumas disposições no indivíduo, marcadas pela aversão à postura do financista, que pode ter sido um dos elementos fortes que contribuíram para sua escolha. Ou seja, apesar do estímulo do falecimento (acontecimento cotidiano), havia toda uma estrutura simbólica que expunha o seu gosto e o seu desgosto pelas ocupações entre as quais ele deveria escolher para o futuro. A “reflexão, o planejamento e pensamento profundo” passam a adquirir caráter distintivo, que o diferem do mercenário (homem das finanças), que não deixa de ser genial e de ser a melhor das “mentes” recrutadas. O seguinte excerto do estudo de Bourdieu (2008, p.225) confirma nossas asserções ao discutir sobre as afinidades eletivas:

O senso social encontra suas referências no sistema de sinais indefinidamente redundantes entre si de que cada corpo é portador - vestuário, pronúncia, postura, forma de andar, maneiras - e que, registrados inconscientemente, encontram-se na origem das "antipatias" ou "simpatias": as "afinidades eletivas", aparentemente, mais imediatas baseiam-se sempre, por um lado, na decifração inconsciente de traços expressivos em que cada um só adquire sentido e valor no interior do sistema de suas variações segundo as classes (basta pensar nas formas do riso ou do sorriso repertoriadas pela linguagem comum). O gosto é o que emparelha e assemelha coisas e pessoas que se ligam bem e entre as quais existe um mútuo acordo.

---

<sup>149</sup> Aqui, usamos essa palavra seguindo o tom do interacionismo simbólico de Blumer (1969), uma vez que um evento ou situação não carrega um significado em si mesmo, na verdade, o significado é conferido pelo ato do indivíduo, atos que não são soltos, atos que constam de adjetivos e advérbios e essas qualificações, são os traços mais importantes para a ação individual.

**Figura 46 – Entrevista com ex-aluna da Poli que trabalha no mercado financeiro (ingressante de 2007)**

**No que diz respeito à carreira dos sonhos dos alunos que estudaram em sua sala?**

Sim, trabalhar em consultoria estratégica, mercado financeiro e alguns queriam empreender, que eu me lembre havia duas pessoas apenas com a opção de ir para indústria.

**Sobre a origem social, mais precisamente sobre a condição relacionada à classe social, ela relata:**

Alta, distinguia os alunos de classe mais alta pelos carros, viagens, modo de vestir, escolas em que haviam estudado.

**A maior parte dos alunos de sua sala cursou a educação básica em quais tipos de escola?**

Em particulares, bastante caras, como, colégio Bandeirantes, Etapa, Porto, etc.

**Quais eram as classes sociais dos alunos de sua sala: alta, média, baixa?**

Na minha sala de engenharia de produção, não me recordo de ninguém que eu diria que não é da classe alta, e não havia muita diversidade racial também, para não dizer nenhuma.

**Estou tentando verificar uma hipótese de que a origem social dos alunos pode gerar uma tendência para a posição que ele ocupa no mercado de trabalho. Pensando naquelas duas pessoas que escolheram a área industrial, você acredita que eles eram de classe mais baixa que o restante da sala ou não?**

Sim, acredito que sim. Interessante, pensando bem me parece haver alguma correlação sim.

**As áreas de consultoria e do mercado financeiro costumam pagar bem? Qual o salário médio de uma pessoa que trabalha nessa área com relação à área da indústria?**

Sim, salário médio de R\$9.000,00 enquanto na indústria é R\$5.000,00.

**Pensando na escolha dessas áreas, você acha que os engenheiros as escolhem, pois se ganha mais pelo salário ou pelo fato do mercado financeiro se encontrar em São Paulo? Você trabalha em qual área, qual o motivo principal por ter escolhido essa área?**

O motivo é o dinheiro + projetos intelectualmente interessantes + plano de carreira estruturado com possibilidade de mba.

**Não sei se você conhece alguém que estude produção em faculdades particulares ou se já ouviu falar dessas pessoas. Mas você acredita que essa população também segue para o mercado financeiro e grandes consultorias? Ou seria o fato de ter se graduado em uma universidade particular um elemento dificultador da ocupação desses cargos?**

Definitivamente o fato de terem estudado em particulares dificulta a ocupação desses cargos, já que eles são eliminados em geral logo na análise de currículo, primeira etapa dos processos seletivos.

Fonte: dados da pesquisa.

Na entrevista anterior, a ex-aluna diz não se recordar de alguém que não seja de classe alta, ou seja, todos os são e têm a marca de estudar em colégios privados bastante

prestigiados em São Paulo. Ademais, a entrevistada vê a questão financeira e de planejamento de carreira como os principais motivos para a escolha das áreas de consultoria e mercado financeiro. Quando a questionamos sobre a possibilidade dos alunos de uma universidade particular seguirem no ramo do mercado financeiro, em similaridade ao entrevistado anterior, ela ressalta a existência da real dificuldade desses alunos adentrarem o mercado financeiro. O tipo de universidade passa a ser realmente uma barreira já na análise de seus currículos profissionais. Os engenheiros graduados em universidades privadas não acessam esse setor de trabalho prestigioso, que recruta indivíduos com alto capital simbólico.

#### **4.13 A doxa institucional universitária e a magia social do universo dominante**

Até o presente momento, ressaltamos as questões relativas à origem social dos indivíduos e seus respectivos capitais simbólicos, contudo, é importante que nova discussão se emerja acerca do poder de crença institucional detido pela Universidade Politécnica de São Paulo perante as demais universidades estudadas. Na maior parte dos estudos sobre sociologia da educação, vemos uma diferenciação binária entre as universidades públicas (as detentoras de um ensino de qualidade) e as universidades particulares (as não detentoras de um ensino de qualidade). Mas, não podemos deixar de ressaltar a existência e a ausência de trabalhos que tratam das diferenças entre as universidades públicas, as quais, muitas vezes são tratadas como iguais, e colocadas dentro de um mesmo “pacote” como universidades de elite.

O nosso intuito, aqui, seria o de destacar que nosso trabalho conseguiu mostrar as diferenças e divergências que definem e perfilam as duas universidades públicas estudadas. Nesse sentido, nos cabe não nos esquecermos da presença de uma determinada doxa, em que se constrói a ideia de que a Universidade Politécnica de São Paulo, a partir de todo seu aparato de tradição, prestígio e distinção se posiciona como mais imponente substancialmente e magnificente do que as demais. Fato esse conferido na fala de muitos dos alunos da UFSCar em nossas verificações etnográficas, pois eles ressaltavam com pesar o fato de que não terem sido aprovados no exame vestibular da Fuvest para ingressar na Poli e tiveram que ficar com a segunda opção, a UFSCar. Nesse sentido, não devemos nos esquecer de que a qualificação dessa prática nunca é individual:

O trabalho de fabricação propriamente dito não é nada sem o trabalho coletivo de produção do valor do produto e do interesse pelo produto, isto é, sem o conluio

objetivo dos interesses que alguns dos agentes em razão da posição que ocupam em um campo orientado para a produção e circulação deste produto possam ter em fazer circular tal produto, celebrá-lo e, assim, apropriar-se dele simbolicamente, além de desvalorizar os produtos concorrentes, isto é, celebrados por concorrentes, e assim por diante. (BOURDIEU, 2006, p. 164)

Muitas vezes, encontramos esse poder coletivo de desconstrução da própria imagem da universidade desempoderada por parte dos seus próprios membros. Uma fala do professor da UFSCar revela que a “ortodoxia” da USP conta sempre com a “heresia” de seus opositores. O ex-aluno e professor da UFSCar acredita que a diferença entre a Poli e a UFSCar fica no momento do recrutamento dos alunos via exame vestibular. Ele afirma que os alunos que entram na Poli são mais elitizados, que possuem origem social mais elevada e esse fato os aproxima das áreas financeiras e grandes consultorias, que pagam mais e garantem o seu padrão de vida alto. Porém, ele acredita que esse padrão esteja mudando hoje. A UFSCar se diferencia por estar no interior, por ser mais nova e, por isso, possuir status diferente da Poli. A Universidade Federal de São Carlos é procurada por outros tipos de alunos, com origem social menos elevada. Ele acredita que o perfil dos alunos uspianos se assemelharia muito ao perfil dos alunos da UFSCar, caso a pesquisa fosse também realizada na USP de São Carlos. Então, a questão não é ser a USP e sim a existência de especificidades em todos os campi da USP. A USP do campus de São Paulo possui um histórico diferente. Desse modo, pensando sobre a passagem anterior, lembramos que Bourdieu (2006, p.171) reflete sobre o poder de letigimação dos dominantes como:

Constituir um capital simbólico de legitimidade suscetível de ser, transferido para objetos ou pessoas é estar em condições de (pela posição) não só fazer funcionar, em seu proveito, os ciclos da consagração cada vez mais longos, portanto, cada vez mais independentes das relações diretas de interesse compartilhado, mas também apropriar-se assim, de uma parcela cada vez maior do produto do trabalho da consagração que se consuma em determinado campo.

A consagração também se faz pelos próprios membros que estão inseridos no processo e se mascara ou se evidencia pelas festas e coquetéis oferecidos pela Associação de Engenheiros Politécnicos (AEP)<sup>150</sup>, tais como os ocorridos no ano de 2014. O “Jantar da família politécnica” (preço do convite R\$110,00 por pessoa) realizado clube Homs de São

---

<sup>150</sup> Sobre a importância das associações profissionais de antigos alunos como elemento de expressão da conservação de posições no mercado e trabalho para os futuros alunos, temos o trabalho de Edouard Jay (2002)- em obra, *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*, que mostra a importância desse elemento para as escolas burguesas na Suíça.

Paulo legítima a distinção do jantar e dos membros que dele fazem parte.<sup>151</sup> Outro exemplo é o evento “Fundo patrimonial amigos da Poli” que apresentou a equipe politécnica de natação através de outro coquetel, já foi mencionado anteriormente.

No entanto, a mais evidente ação de consagração e de magia social que conseguimos constatar, na presente pesquisa, não foram os marcadores culturais da cultura legítima, como os esportes finos, os pintores citados, as músicas clássicas citadas, ou mesmo a leitura de revistas culturais, idas a teatros caros da Broadway, mas antes, outro marcador de legitimidade que denominaremos “marcador de tomada de posição”.

Antes de explicitarmos como se conforma e define esse marcador, cabe ressaltar que Almeida (2007) afirma que para a boa utilização do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu, faz-se necessário extrapolar os marcadores já delimitados pelo autor e partir para a criação de nossos próprios marcadores sobre a cultura legítima. A autora dá o exemplo de uma pesquisa realizada por ela que buscou mapear os dados relativos ao vestibular da Unicamp no ano de 2006. Ela analisou a “hierarquia dos conteúdos” do vestibular para se definir o que seria uma boa prova. Em suma, através de sua análise, a autora conseguiu perceber que a “boa redação” e a “boa prova” estariam associadas a critérios de correção que levam em conta um arcabouço cultural legítimo que, na maioria das vezes, é patrimônio simbólico de uma dada elite. Nesse sentido, a autora mostra que não precisamos estudar somente as “práticas culturais eruditas” para atribuir funcionalidade ao conceito de capital cultural. Ou melhor, existem outras formas de instrumentalizar o conceito através do conhecimento das práticas, ações cotidianas que podem nos mostrar melhor como se definem os marcadores de uma cultura legítima.

Voltando à proposta referida sobre o que denominamos “marcador de tomada de posição”, observamos que um comportamento, uma atitude e uma prática de distanciamento dos elementos mundanos relativas aos engenheiros de produção da USP os homogeneíza. Essa prática de distanciamento<sup>152</sup> físico e mental por nós observada se instrumentalizou pela falta de acesso que tivemos a esse grupo. Esse marcador de tomada de posição se confirmou em vários âmbitos da pesquisa. Primeiramente, ele toma definição pelo distanciamento dos

---

<sup>151</sup> Na obra *La Noblesse d'État*, Bourdieu (1989) assinala a importância da força da tradição, ou seja, a partir do modo de percepção dos antigos, organiza-se o presente a partir das mesmas categorias de consagração, que são passadas de geração em geração.

<sup>152</sup> Podemos associar esta prática do distanciamento ao “desgosto” ou ato de não gostar e se distanciar. Essa discussão está presente na obra *Les dégoût des autres* na revista *Genèses* de número 96, de 2014, organizado por Julie Pagis e Wilfried Lignier.

professores da universidade, no sentido de que todos os convites e e-mails (que não foram poucos e se repetiram durante três anos de insistência) formais para os professores da universidade invitando-os para participar da pesquisa não foram respondidos. 153

Em segundo lugar, o convite explicativo aos ex-alunos da USP para participar da pesquisa, ora por e-mail, ora pelas redes sociais ou que por indicações de terceiros, não era respondido (mesmo que na maioria das vezes ele fosse visualizado, constatação possível nas redes sociais). O terceiro mecanismo de tomada de posição ocorreu no momento das entrevistas em sala de aula, circunstância na qual, quando fomos apresentados pelo professor, os alunos, sem desculpas ou sem pudor, começaram a se retirar, sem dar atenção ao que estava sendo falado, atribuindo à pesquisa o valor de uma atividade que não deveria ser levada a sério ou destituindo-a de qualquer valor justificável para que eles perdessem seu tempo. Talvez, comer algo, tomar um café ou ir ao banheiro fosse mais interessante.

Em outra situação, o professor exigiu que os alunos continuassem realizando a atividade no computador no mesmo momento em que os questionários eram passados. Assim, muitos deles deixaram o questionário, por nós posicionados ao lado de suas mesas, em branco e voltaram seus olhares para as tarefas do computador. Esse distanciamento só reafirma a ideia de Becker (1999, p.94) de que a partir dos acontecimentos cotidianos das atitudes inscritas na noção de processos “podemos também fazer usos de suas reações aos eventos, tarefas e problemas daquele estilo de vida”.

Em meio ao mesmo tipo de situação em sala de aula da UFSCar, observamos um ambiente acolhedor no momento da explicação do questionário, já que havia questionamentos dos alunos preocupados em responder as questões corretamente ou preocupados com o fato de

---

<sup>153</sup> Entendemos que podemos visualizar esse distanciamento dos alunos da USP como uma atitude inscrita dentro da ideia de “processo” do interacionismo simbólico. No entanto, nos colocamos em uma posição de cautela para discutir tal assunto a partir desse conceito, pois nossos dados podem não ser significativos suficientemente para chegar a tais conclusões. Por isso, tomamos a iniciativa de caracterizar esse distanciamento como um marcador de tomada de posição. Becker (1999) nos incentivou a tal medida de cautela, pois o autor afirma que para se fazer o estudo dos processos sociais necessita-se conhecer muito bem a história de vida dos atores envolvidos na pesquisa. As técnicas de entrevista e questionário, nesses aspectos, são técnicas menos exigentes que podem não captar os processos. Leva certo tempo o entendimento dos processos que, muitas vezes, se dão através dos documentos de história de vida. Somente essa observação mais lenta poderá detalhar sobre os processos. Ao mesmo tempo, vemos que esse distanciamento pode estar inscrito nas disposições dos agentes, através de seu *habitus* de classe alta, buscando o distanciamento de tudo o que é mundano, como cita Bourdieu (2008). No entanto, Becker (1977) assinala que os valores (ou as disposições que citamos anteriormente) “são guias pobres para a ação”, somente acompanhados das situações cotidianas é que esse valor não expressará mais uma característica generalista e assumirá uma função particular explicativa. Não queremos entrar na questão da discussão do conceito de processo e do conceito de estrutura para as duas correntes de pensamento. Nosso intuito é simplesmente apontar a existência dos dois aspectos e dos dois conceitos, cada qual com seu peso significativo, de acordo com o tipo de situação ou circunstâncias que encontramos empiricamente.

seu nível cultural estar sendo avaliado. Constatamos também a receptividade dos professores, respondendo aos e-mails, agendando encontros para conversas e entrevistas e entregando todos os documentos relativos aos ex-alunos (coletados na Festa de 35 anos da Engenharia de Produção) em nossas mãos.

Essa tomada de posição, dada pelo distanciamento, desprezo ou até mesmo como mecanismo inconsciente de altivez foi o “tom” e a “marca” mais forte, visível de um movimento real de distinção e de assunção de um marcador de legitimidade. Esse jogo do inconsciente que é todo carregado de consciência é muito bem explicitado por Bourdieu (2003, p.124)

Em lugar de se inserir na ordem dos princípios explícitos, das teses formuladas e defendidas, a *Illusio* faz parte da ação, da rotina, das coisas que se faz e que se faz porque se fazem e na verdade sempre se fez assim. Todos aqueles engajados no campo, defensores da ortodoxia ou da heterodoxia, partilham a adesão tácita à mesma *doxa* que torna possível a concorrência entre eles e lhes impõe seu limite (o herético continua sendo um crente que prega o retorno às formas mais puras de fé): ela impede de fato o questionamento dos princípios da crença, que ameaçaria a própria existência de um campo.

Poderíamos dizer que essa ação de tomada de posição, inscrita na atitude dos indivíduos, pode ser um componente muito importante que direcionaria esses engenheiros de produção para a ocupação de cargos em setores como o de consultorias e para o mercado financeiro. Por outro lado, os que estão do lado de fora dessa tomada de posição briosa, os outsiders regionais (que moram fora do Estado de São Paulo) que carregam consigo outros tipos de potenciais diferenciados que, apesar de não se remetem à cultura legítima, podem ser dizimados nessa luta. Esse é o caso da ex-estudante da UFSCar que se segue.

### Figura 47 – Uma trajetória que foge de todos os ditames da cultura legítima

Marília, como todos os estudantes de sua turma, gostaria muito de ser aprovada em um processo seletivo. Ela se engajou em todos eles e fez tudo que é possível para conseguir seu primeiro estágio, já que, a partir dele, as portas se abririam para que ela tivesse um futuro promissor como engenheira de produção. Contudo, ao final dos processos seletivos, todos os seus 59 colegas de sala conseguiam ingressar nas empresas a partir de seus respectivos estágios e processos seletivos, mas Marília não conseguiu admissão em nenhum deles. Não tendo outra opção, ela optou por fazer mestrado e, hoje, se diz feliz seguindo carreira acadêmica. Apesar de não ser o que sua família queria, está seguindo o caminho que o destino lhe proporcionou. Marília é nordestina, foi criada por seus avós, seu pai é taxista, completou o ensino médio e sua mãe professora escolar. A última conseguiu fazer faculdade aos 40 anos de idade. A reconversão familiar aconteceu quando sua mãe se casou com um coronel do exército, que se tornou seu padrasto. Transferido para fora do país, juntamente com toda a família, Marília começou a cursar graduação em engenharia mecânica. Quando a família voltou em transferência ao Brasil, em cidade próxima a São Carlos, a engenheira transferiu seu curso para a UFSCar, momento no qual jamais tinha ouvido falar na existência de um curso denominado “engenharia de produção”.

154

Fonte: dados da pesquisa.

A história acima é uma história verídica (em todos os pontos e vírgulas) de uma ex-aluna da UFSCar, formada em 2013, que não disporia das características necessárias que compõem o *habitus* de um engenheiro de produção formado. Sua origem social bem como, seus capitais simbólicos ou a ausência deles, certamente, se não foram as razões, ao menos, foram a motivação para que a aluna fosse expulsa do jogo e da disputa simbólica.

Tendo em vista a situação anterior, nada mais apropriado do que as palavras de Bourdieu (2008, p. 98) para expressar a situação na qual a ex-aluna se situa:

É assim que os membros dos grupos baseados na cooptação, ou seja, a maior parte das corporações (médicos, arquitetos, professores de ensino superior, engenheiros, etc.) protegidas por um *numerus clausus*, explícito ou tácito, tem sempre em comum algo a mais e diferente das características explicitamente exigidas: a percepção comum das profissões sem dúvida, uns dos princípios reais das “vocações” – é menos abstrata e irreal que a dos estatísticos, levando em consideração não só a natureza do cargo ou o montante das remunerações, mas determinadas características secundárias que, frequentemente, se encontram na origem de seu valor social (prestígio ou descrédito) e que, ausentes da definição oficial, funcionam como exigências tácitas, orientando mais ou menos abertamente – tais como idade, sexo ou origem social ou étnica - as escolhas de cooptação, desde a entrada da

---

<sup>154</sup> Nessa entrevista, nos lembramos da renomada obra de Granovetter (2005), quando pensamos que nem mesmo os contatos intra sala de aula, depois que seus colegas de classe conseguiram acessar alguns empregos, não contribuíram ou esse sistema de rede social não foi acionado pela aluna. Isso que nos faz lembrar de que a falta de acionamento ou ausência de capital social pode ter interferência no processo de obtenção de empregos. Um fato importante que pode ser ressaltado são justamente os membros de outras etnias em guetos em Chicago que, devido a sua separação dos demais à ausência das redes sociais dada pela segregação, se colocam alijados do processo competitivo por melhores cargos nos Estados Unidos.



profissão e ao longo de toda a carreira, de modo que os membros da corporação desprovidos desses traços são excluídos ou enviados para posições marginais (as médicas ou advogadas são destinadas a uma clientela feminina, enquanto os médicos e advogados negros dedicam-se a clientes negros ou a pesquisa).

Alves (2005) faz um trabalho sobre o recrutamento de engenheiros, em algumas empresas no Estado de São Paulo, estudando a relação existente entre o diploma e o cargo ocupado e constata que existem alguns condicionantes importantes para a contratação. Esses, por sua vez, podem nos ajudar a refletir sobre a entrevista anterior. O primeiro deles seria que o graduado viesse de uma universidade de primeira linha (universidades públicas), o segundo seria o domínio de um segundo idioma como um ponto que elimina muitos dos indivíduos que buscam essas vagas e, por último, que o desempate na escolha de uma pessoa para ocupar o cargo é decidido pelo caráter subjetivo, pelo fato do contratante gostar e ter alguma empatia com o concorrente àquela vaga. Outras competências são apontadas pela autora e são citadas pelos engenheiros, que ocupam cargos de gerência, envolvidos nos processos seletivos, tais como: o poder de argumentação, o saber se relacionar, ter atitude, capacitação e “uma base social diferenciada”.

Lembramos que algumas dessas características como a empatia e a escolha subjetiva de “bater o olho e gostar” do indivíduo são discutidas por Mills (2012). O autor assinala que os executivos que realmente conseguem ocupar os melhores cargos nas empresas norte-americanas são aqueles que se assemelham a seus superiores, tanto no modo de se vestir, de se portar, como em suas atitudes que se aproximam dos desejos dos dirigentes que ocupam os cargos superiores.

Se nos atentarmos a esse fato e considerarmos características desses dirigentes em postos de comando, percebemos claramente que os escolhidos pelo recrutamento serão os que possuem “uma base social diferenciada”. No caso de nossa pesquisa, a questão se complexifica ainda mais, pois os ocupantes dos melhores cargos não serão os indivíduos que fizeram universidades públicas como um todo e sim indivíduos que realizaram seus estudos em uma “*grande école*” brasileira.

Outro conceito que se encaixa muito bem a esse caso é o conceito de desvio. Contudo, sem querermos teorizar sobre as correntes que discorrem sobre esse conceito, gostaríamos de apontar alguns elementos que podem elucidar melhor o caso anterior. Tomando o devido cuidado com as abordagens de distintas escolas de sociologia, podemos citar o trabalho de Martelli (1983) que estuda as trajetórias desviantes no curso de Administração de Empresas da FGV (Faculdade Getúlio Vargas.)

Dentre as diversas correntes citadas e explicitadas pelo autor, duas delas podem nos ajudar a refletir sobre a ocorrência do caso anterior. A primeira delas é o desvio visto sobre a teoria do conflito. Essa, por sua vez, se explica brevemente como o desviante, sendo aquele nos quais seus procedimentos não se conciliam ou se conflitam com os pontos de vista dos demais atores. Um exemplo disso é o de um sujeito que migra de uma sociedade para a outra. Nesse caso, seus valores são distintos dos da sociedade em que se instala. Portanto, o conflito cultural passa a ser uma enorme fonte dos desvios e da criação de desviantes.

Nesse sentido, podemos aproximar esse exemplo de nossa entrevistada, uma vez que, é proveniente de outro estado brasileiro, especificamente da Bahia, foi inserida em outra cultura e cresceu com outros valores. Esses valores possivelmente podem ser verificados e medidos de acordo com os parâmetros “normais” de outro estado, como é o caso do estado de São Paulo.

O segundo conceito que pode se relacionar ao caso anterior é o desvio anômico, citado por Marlelli (1983) como contido no trabalho de Merton em artigo intitulado *Social structure and anomie*, em que esse explica que, em uma dada sociedade, os objetivos dos indivíduos devem corresponder aos meios disponíveis para que sejam realizados. Caso não ocorra essa correspondência entre objetivos e meios disponíveis, estaremos diante de uma sociedade anômica e, neste caso, os indivíduos que mais sofrem são os de classes mais baixas. Ao tentarem realizar seus objetivos, esses sujeitos de classes mais baixas não dispõem de recursos necessários e nem do poder para atingi-los. Acreditamos que a origem social da entrevistada anterior pode explicar uma possível ausência de recursos para passar nos processos seletivos de *trainee* e, devido a isso, a entrevistada seguiu carreira acadêmica, tornando-se desviante do grupo de engenheiros de produção no qual se inseria.

#### **4.14 Conclusão**

Visualizando o quadro abaixo, temos uma noção mais didática do que ocorre com as três instituições no que diz respeito aos marcadores culturais. O quadro nos mostra a relação existente entre elas, destacando o maior capital cultural das universidades com relação às inúmeras variáveis trabalhadas. Fica claro que a Universidade Politécnica de São Paulo se sobressai com relação às outras universidades no que diz respeito aos capitais cultural e social, às viagens internacionais, aos esportes, à alimentação, às vestimentas, à música, aos instrumentos musicais, às músicas internacionais clássicas, à frequência de escutar noticiários no rádio e, por fim, à leitura (os alunos uspianos costumam ler mais literatura e revistas culturais). Quanto à cultura legítima, os alunos da USP costumam ir com mais frequência aos

teatros e se distanciam do *stand up comedy*. Uma maior porcentagem tem um gosto com relação à música clássica voltada para classe média. Já os alunos da UFSCar se destacam por frequentar clubes e festas na casa de amigos, assistirem documentários com mais frequência e preferirem pintores impressionistas. Não estamos desclassificando as outras opções, antes, verificando as maiores frequências (porcentagens) relacionadas às variáveis analisadas. Portanto, isso não quer dizer que os alunos da UFSCar não tenham todos os componentes de marcadores culturais como os alunos uspianos, mas significa que eles os possuem com menor frequência.

**Figura 48 – Resumo dos capitais das três universidades**

UFSCar	USP (Polí)	Universidade Particular
<b>Clubes e festas de amigos</b>	Viajam com frequência (principalmente para o exterior)	Não viajam para o exterior
<b>Assistem TV com mais frequência e documentários com frequência</b>	Nunca assistem aos programas triviais na TV	Assistem TV e variedades com grande frequência
<b>Praticam esportes distintos individualmente</b>	Praticam esportes distintos (tradição coletiva institucional)	Não praticam esportes distintos
<b>Usam móveis de lojas especializadas</b>	Usam móveis de lojas especializadas	Móveis em lojas especializadas
<b>Usam vestimentas à vontade.</b>	Usam vestimentas distintas	Usam vestimentas de grife
<b>Maior frequência de pinturas impressionistas</b>	Tocam mais instrumentos musicais, optam mais pela música internacional clássica ( <i>jazz, blues, rock</i> alternativo), ouvem noticiários no rádio com mais frequência	Raros são os que citam algum pintor
<b>Leem literatura e revistas culturais com menor frequência</b>	Lem mais livros de literatura e mais revistas culturais	Não costumam ter o hábito frequente da leitura
<b>Costumam comer alimentos saudáveis com menor frequência</b>	Costumam comer mais alimentos saudáveis	Costumam comer alimentos gordurosos com maior frequência
<b>Menor frequência ao teatro. Peças Broadway/internacionais e <i>stand up comedy</i></b>	Maior frequência ao teatro e distância do <i>stand up comedy</i>	Não costumam frequentar teatro
<b>Pintores impressionistas</b>	Maior frequência de mistura de estilos de pintores	A maioria não cita pintores
<b>Menor frequência de músicas clássicas de gosto médio</b>	Maior frequência de músicas clássicas de gosto médio	Nenhum deles reconhece os compositores de música clássica

Fonte: dados da pesquisa.

Após passarmos, na seção anterior, pelas variáveis relacionadas ao capital econômico dos engenheiros de produção e, nesta seção, pelo capital cultural dos entrevistados, nós podemos fazer algumas afirmações mais contundentes. Concluímos que o grupo profissional estudado faz parte de uma elite profissional e técnico-empresarial, que se distingue dos famosos herdeiros tradicionais dos bairros dos “Jardins” da cidade de São Paulo e que se assemelham mais à elite dos novos-ricos de Alphaville estudadas por Carolina Pulici (2010). No entanto, após ter analisado o perfil dos engenheiros de produção, conseguimos fazer algumas asserções mais aprofundadas que podem diferenciar essa fração de elite dos chamados “novos-ricos”.

Apesar de termos percebido certa dose de “ecletismo” e de “ostentação” na discussão sobre os marcadores de legitimidade de nossos entrevistados, o que certamente dá o “tom” para a denominação de “novo-rico” e de percebermos a baixa sofisticação cultural do grupo com relação a uma elite de herdeiros brasileira ou a uma elite das classes superiores francesa, percebemos que a grande diferença que “marca” o grupo profissional estudado com as elites endinheiradas do Alphaville seria o capital escolar, ou melhor, os diplomas emitidos por universidades públicas, renomadas no país, e a origem social dos pais e avós do grupo estudado, que em sua grande parte consta de um nível elevado de instrução, marcado pelos diplomas do ensino superior. Portanto, temos um capital escolar alto e uma origem social mediana em jogo, diferente da grande parte dos entrevistados por Pulici (2010) em Alphaville, que não possui alto nível de instrução e possui origem familiar modesta.

Com relação à arte, para além da “privação da arte” dada pela origem social mais baixa com relação a essa elite de “novos-ricos”, que se destaca por, na maioria das vezes, não saber citar nomes de pintores ou compositores de músicas clássicas ou autores e nomes dos últimos livros lidos e, ainda, pela rejeição ao teatro, e pela frequência a assistir a programas triviais na televisão, temos a contrapartida dessa elite técnico-empresarial dos engenheiros de produção que de alguma forma citam pintores de estilos distintos, dizem conhecer alguns compositores de música clássica (apesar de não fazerem a associação entre compositor e a respectiva música erudita), frequentam teatros da Broadway e peças internacionais e nacionais, fazem algum tipo de leitura mesmo que não seja frequente, conseguindo citar um grande número de autores e livros lidos nos últimos meses.

Portanto, podemos definir (mesmo que relacionalmente) o grupo estudado como uma elite profissional técnico empresarial cujo capital econômico é relativo ao das classes média e média-alta (não tão alto quando o dos herdeiros e novos-ricos) no país e cujo capital cultural (relativamente mais alto do que o dos novos-ricos) está intermediando os herdeiros

paulistanos e os “novos-ricos” paulistanos. Obtivemos, portanto, através de nossa análise a chance de verificar uma fração da elite brasileira dentre a existência de várias outras que merecem estudo.

É importante lembrar, ao analisarmos o quadro descrito de vantagem dos alunos da Poli, temos algumas situações, acontecimentos e vínculos que podem colaborar para a manutenção desse *status quo*, a saber, o capital social dos alunos, aliado importante de seus altos marcadores econômicos. Um exemplo disso é a Associação de Engenheiros Politécnicos (AEP), que oferece reuniões, coquetéis e encontros entre os novos engenheiros que se formam e os engenheiros já formados, formatando ambientes que podem proporcionar contatos profissionais prodigiosos.<sup>155</sup> Nesse sentido, nos remetemos a Bourdieu e Boltanski (1975, p. 102) que indicam que o poder do diploma está diretamente relacionado ao capital social dos indivíduos:

De fato a força de um diploma não se mede pela força de subversão (portanto, unicamente pelo número) de seus detentores, mas pelo capital social de que são providos e que acumulam em decorrência da distinção que os constitui objetivamente como grupo e pode servir também de base para argumentos intencionais (associações de antigos alunos, clubes, etc)

Um segundo fato interessante que pode influenciar secundariamente os direcionamentos ocupacionais é o de a UFSCar recrutar, nos seus primeiros anos de curso, indivíduos de classe média baixa e de criar, portanto, uma tradição a partir das escolhas desses indivíduos pela abertura de trabalho no setor industrial. A Poli, por sua vez, desde a sua criação, recruta alunos das classes médias e média alta, que desenvolvem a disposição de preferir o mercado financeiro e as consultorias destacados em sua universidade – destaque esse que se deu muitas décadas antes do que na UFSCar.

Retomando questões anteriores, é importante ressaltar que atrelados à alta hierarquização dos marcadores culturais de legitimidade dos alunos da Poli, temos o que denominamos marcadores de tomada de posição. Esses marcadores se dão através do distanciamento físico e mental de tudo aquilo que não é concernente enquanto grupo. Para além desse marcador (que já foi discutido anteriormente), incluiremos outro marcador

---

<sup>155</sup> Nos remetemos aqui ao trabalho de Granovetter (2005) já que para o autor, as relações sociais, marcadas pelas redes sociais, marcada pelos “laços fracos” são atributos fundamentais para obtenção de empregos e cargos marcados por bons salários. Outros estudos apontados pelo autor no Japão, Alemanha, Grã-Bretanha e Holanda confirma essa tese do autor. Outro fato importante, nesse processo, é a afirmação do autor quanto à importância de como se estruturam as carreiras e da forma como as pessoas adquirem suas redes. Nesse sentido, a ausência de uma associação de engenheiros de produção na UFSCar que possa fazer justamente esse papel de rede social para os antigos alunos os deixa em uma situação vulnerável.

referente às “habilidades simbólicas” dos indivíduos. Essas últimas, de certa forma, estariam indiretamente associadas ao capital cultural, pois dele “brotariam” novos fragmentos simbólicos que direcionam o indivíduo às tomadas de posição.

Dentre o que denominamos de habilidades simbólicas, podemos citar o estilo de vida de uma metrópole que traz consigo a perspicácia, o desenraizamento (que desliga os indivíduos dos vínculos tradicionais e das relações de dependência e solidariedade), a autonomia (independência pessoal) e a liberdade de escolha, características apontadas por Simmel (2005), que fazem com que os indivíduos que vivem nas metrópoles adquiram outro tipo de socialização secundária.

Essa socialização caracterizaria indivíduos que se adaptem aos riscos, ao ritmo de vida intenso, tenham o ímpeto de deixar a vida social de lado e embarcar em um universo profissional que consome o indivíduo por muitas horas diárias de trabalho aturado, características tais exigidas para se trabalhar na área do mercado financeiro e nas consultorias. Disposição última, que impulsionaria nossos entrevistados com alto capital econômico a conservar ou melhorar o seu status anterior. No entanto, é contrária a lógica do ritmo de vida tranquilo do interior de São Paulo, espaço no qual as pessoas desenvolvem outro estilo de vida e outras tomadas de posição frente aos seus problemas e escolhas.

O outro ponto estaria relacionado às características indicadas por um ex-aluno e professor da UFSCar a saber, “falar bem e ter poder de negociação”. A primeira delas estaria inscrita dentro da esfera do capital cultural que se aproxima a cultura legítima, a segunda delas estaria relacionada a uma dada desenvoltura social para lidar com situações complexas, característica associada a alguns conhecimentos de vida relativos à cultura e também ao um *habitus* reflexivo, criativo, intuitivo e carismático, ou seja, características opostas às características do indivíduo que possui um conhecimento técnico. Mais uma vez, recorremos a Almeida (2007) e seu estudo sobre o modo de se avaliar os alunos em exames vestibulares, quando se atribui competência aqueles que têm potencial “criativo” e não o dito “executor”, ou técnico, uma vez que, os adjetivos “criativo” e “reflexivo” fariam jus e à cultura legítima. Fazemos um paralelo, portanto, apontando que as habilidades<sup>156</sup> anteriores citadas por Almeida (2007), inscritas nessa disposição dos indivíduos, que realizam o exame vestibular e obtêm as melhores notas é exatamente o mesmo tipo de exigência que se propõe no momento

---

<sup>156</sup> Collins (1979) assinala que não somente as técnicas linguísticas citadas por Berstein, mas outros elementos como o prestígio, e uma credencial burocrática arbitrária (como um diploma) podem contribuir para o processo de estratificação social. Mas seria necessário que os trabalhos acerca do capital cultural estudassem como este capital cultural opera em diferentes estruturas sociais

em que os engenheiros de produção assumem um cargo no mercado financeiro ou na área de consultorias.

Prosseguimos um pouco mais, pensando que se Odile Henry (2006) aponta que os consultores são “especialistas na produção simbólica da crença” e fazem com que o “outro” preste atenção ao seu potencial distintivo, poderíamos dizer então que somente aqueles submetidos a uma instituição que detém os poderes de crença e de doxa poderiam adquirir esses perfis. Ou melhor, somente os homens “geniais” e “as melhores mentes” (como ressalta um aluno entrevistado da Poli) poderiam ocupar esses cargos.

No mesmo sentido, ainda resgatamos algumas palavras de Barbosa (2002) em seu artigo que indica a supremacia da profissão da engenharia com relação à profissão da arquitetura. A autora discorre sobre o poder da autoridade cultural concebida a alguns grupos profissionais e principalmente àqueles que possuem capitais dominantes:

O estabelecimento da autoridade cultural- o poder de dizer quais são as regras legítimas para a solução de problemas num determinado espaço da divisão social do trabalho se dá através de uma série de disputas nas quais a abstração e a abrangência permanecem como recursos eficientes. (Barbosa, 2002, p. 17)

No entanto, constatamos a não homogeneidade dessa fração de elite estudada já que, dentro dela e como um todo, conseguimos visualizar várias clivagens (esse fato ficará mais nítido na próxima seção com a análise de correspondência múltipla e seus gráficos) distintas, dentro de um espaço social de lutas, pelo reconhecimento por melhor prestígio e melhores salários. Essa luta é contida de marcadores simbólicos que ora se distanciam e ora se aproximam da cultura legítima.

Esse último fato, ocorre dentro de uma esfera “micro”, ou seja, dentro de uma mesma universidade, com relação aos alunos que fizeram o mesmo curso de engenharia de produção. Ele pode ocorrer também em um espaço “macro”, que é o espaço onde se relacionam as três universidades selecionadas para serem estudadas nessa pesquisa. Dentro de nossa análise mais “macro”, temos os exemplos da Universidade Politécnica de São Paulo, cujo capital econômico e o capital cultural parecem ser mais hierarquizados com relação aos marcadores de legitimidade da Universidade Federal de São Carlos e os desta última, hierarquicamente, mais altos do que os vinculados à universidade particular estudada.

## **PARTE III**



## 5. TEORIA E PRÁTICA: METODOLOGIA, DEFINIÇÕES ESTATÍSTICAS E REFLEXÕES FINAIS SOBRE OS DADOS

[...] as teorias são programas de pesquisa que requerem, não o “debate teórico”, mas a sua utilização prática capaz de as refutar ou de as generalizar, ou melhor, de especificar e de diferenciar sua pretensão à generalidade. (Bourdieu, 1992, p. 56)

### 5.1 Entre elite, classe média e os batalhadores: como delimitar nossos agentes sociais

Podemos observar que sempre existiu uma dificuldade muito grande em se caracterizar o que é de fato uma posição de elite e o que poderia de fato ser uma posição de classe média. Primeiramente, a partir dos estudos de Carvalho (2003), veem-se os engenheiros como parte da elite nacional no Brasil Imperial, ocupando principalmente cargos ministeriais. Ainda no século XIX, vemos esse grupo como elite através do status de uma profissão de prestígio que colabora para configurar e atribuir um padrão às relações dominantes no país, como assinala Coelho (1999). Posteriormente, nos anos de 1960, devido à explosão escolar, os engenheiros passaram a atuar em um quadro mais competitivo, ocupando posições mais técnicas devidas à excessiva concorrência. Já nos anos de 1970, no contexto da crise fordista, e nos anos 1980, em meio ao período de recessão que o Brasil passava, temos o declínio da engenharia acompanhado do caso emblemático do “engenheiro que virou suco”. Trata-se da ocorrência do engenheiro que, após a falência de sua carreira, abriu uma lanchonete na avenida Paulista em São Paulo com esse nome.<sup>157</sup>

O que queremos dizer com essa retomada sobre a carreira dos engenheiros no Brasil (que já foi muito discutida na seção dois) é que, assim como explicitamos na seção um, é importante ressaltar como visualizamos a existência de um movimento fluido das elites que ora se colocam como classe superior e ora se colocam como classe média. Em espaços e tempos distintos, os engenheiros, como grupo profissional, também passam por um processo de oscilações, no qual se caracterizam-se como elite no Brasil Imperial e em outros momentos como classe média.

Essa fluidez, dada pelos diferentes momentos históricos e econômicos de nosso país, nos faz perceber esse grupo a partir de um olhar relacional e é justamente essa a nossa

---

<sup>157</sup> Gravovetter (2005) nos adverte quanto à importância de se pensar sobre os períodos de recessão que se dão na história, da importância desses “desastres econômicos” e suas relações com a vitalidade das redes sociais.

intenção em escolher três universidades distintas em um mesmo período de tempo: desejamos mostrar que essa “relacionalidade” também pode estar inscrita em um mesmo tempo a partir das disputas e lutas interinstitucionais que, muitas vezes, se mostram como naturalizadas, ou seja, não se mostram como “lutas”.

Através das e com respaldo nas técnicas de análise de correspondência múltipla de Bourdieu (2008), podemos considerar onde cada agente se localiza no espaço social e no tempo presente, através da construção de um espaço social estatístico dos agentes. Podemos localizar as explanações de Bourdieu (2008) sobre esse aspecto de forma simplória, pensando na existência de três dimensões dentro do plano estatístico, que seria uma representação prática do espaço social.

As duas primeiras dimensões medem o volume de capital dos indivíduos e a estrutura. Verticalmente, são constituídos os capitais (econômico, cultural, social, etc). Pensando em uma linha divisória vertical, os capitais se diferenciam na direita e na esquerda. A terceira dimensão é exatamente a descrição de como se dão as composições desses capitais e da estrutura na evolução do tempo (a saber, trajetória passada dentro do espaço social).

Dessa forma, podemos visualizar onde se situa a classe dominante (e até mesmo as frações mais dominantes dentro da própria classe dominante) devido ao volume de capitais que esses agentes sociais possuem. A saber, altos funcionários públicos, gestores, professores universitários possuem um capital cultural bastante alto. Já os comerciantes, por exemplo, possuem um capital econômico médio e um volume de capital cultural fracassado. No que diz respeito à terceira dimensão (temporal), os comerciantes possuem uma trajetória descendente.

Todavia, podemos afirmar o contrário sobre as profissões intermediárias da cultura, que possuem uma trajetória temporal ascendente. Desse modo, com a teoria de Pierre Bourdieu (2008), podemos marcar a localização e o limite das classes e das frações de classe dentro do espaço social e como as fronteiras entre elas ou suas delimitações nada mais são do que objetos de luta por classificação social. De acordo com Bourdieu (2008), o processo de conscientização dos dominados sobre a representação das posições ocupadas no espaço social é muito importante e necessária para se refletir e para se criar soluções políticas e sociais para inverter o jogo de dominação.

Pois é nesse sentido do jogo de posicionamentos ocupados no espaço social ou em um possível campo de forças que buscaremos inserir os agentes sociais estudados na presente pesquisa. Através de sua posição ocupada no tempo e no espaço, podemos visualizar como esses profissionais da engenharia se movimentam e como as mudanças dos capitais adquiridos

e de suas distintas disposições os localizam de maneira fluída no espaço social de forma que alguns são localizados como classe superior, outros como classe média e alguns são localizados até mesmo como classe trabalhadora dentro de um espaço social da engenharia de produção no Brasil.

## 5.2 Pensando na análise prosopográfica

De acordo com o estudioso Christophe Charle (2006), a análise prosopográfica advém dos estudos historiográficos, foi inventada desde os estudos de história antiga e medieval e está sendo desenvolvida contemporaneamente de forma muito intensa, principalmente nos últimos 40 anos. Este método consiste em definir uma população a partir de um questionário biográfico que descreverá as dinâmicas sociais, privadas, públicas e até mesmo ideológicas ou políticas de uma população.

De acordo com o autor, o primeiro e o mais longo passo da análise seria o da coleta de dados e das entrevistas através de questionários individuais. Após esse período, segue-se a análise dos dados através de técnicas múltiplas, quantitativas ou qualitativas ou através de quadros estatísticos, de análises fatoriais (dependendo sempre dos dados obtidos através dos questionários) e documentos, de forma que a análise passa a ser feita de acordo com generalizações coletivas, pois se tratam de analisar as biografias coletivamente.<sup>158</sup>

Entre as prosopografias realizadas existem as que são coletivas e as monografias individuais. Dentre as coletivas, uma delas merece destaque: a do autor Theodor Mommsen (1997) que se intitula *Prosopographia Imperii romani*. Em seguida tem-se *The prosopography of the later Roman Empire* de A.H.M. Jones e J.R. Martindale e, ainda, *Prosopographie chrétienne Du Bas-Empire* publicados por André Mandouze, Charles Pietri e Luce Pietri.

As monografias sobre elites são muitas, entre elas podemos citar *Prosopographie attica* (1991) de Jean Kirchner, dentre outras que estudam o período medieval com foco no pessoal administrativo e entorno dos soberanos dos estados da Europa ocidental. Mas, a partir de 1960, a produção nessa área ganha patamares maiores com os trabalhos sobre elites inglesas, francesas e italianas. Nos últimos dois casos citados, foram feitos trabalhos sobre os funcionários e magistrados, elites eclesiásticas, intelectuais, financeiras e comerciais.

---

<sup>158</sup> A análise das biografias coletivas se diferencia do método da etnografia e das análises das histórias de vida, pois os dados dos indivíduos são analisados em conjunto, apenas a coleta dos dados é feita de forma individual.

A partir dos anos de 1950, os estudos norte-americanos sobre elites, como os de Pareto e Mosca, tiveram a influência desse tipo de metodologia. Já na França, o ponto de partida foram os estudos sobre a revolução francesa, baseados nos estudos prosopográficos de elites antes e depois desse período. Nesse sentido, surgem estudos de Bergeron e Chaussinand-Nogaret (1979) sobre os notáveis do período napoleônico. Outros trabalhos sobre notáveis do século XIX e sobre a burguesia surgem a partir da década de 1960, sob a tutela de Ernest Labrousse. A partir dos anos 1970, a sociologia francesa, sob o auspício de Pierre Bourdieu, inicia estudos prosopográficos na área da educação.<sup>159</sup> Na Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Itália, Espanha e Suíça trabalhos sobre elites políticas, religiosas, econômicas, intelectuais, artísticas e militares foram realizadas por muitos estudiosos.<sup>160</sup>

O importante é compreender que todas essas biografias coletivas, principalmente os estudos sobre elites, têm como intuito responder questões importantes, sem que as respostas estejam fechadas dentro de estruturas quantificáveis. Nesse método, os grupos passam a ter características relacionais. Charle (2006) aponta questões importantes sobre os métodos que devem ser considerados, a saber, o de não correr o risco de perder o caráter coletivo da pesquisa devido ao fato dos questionários abordarem situações individuais e, em segundo lugar, não se enganar em reduzir suas questões e seus questionários a uma amostra que representa toda a sociedade. Desse modo, o trabalho de interpretação de dados do pesquisador é muito importante e deve ser realizado com uma noção realista sobre os limites que podem ser aplicados aos seus próprios dados.

### 5.3 A construção do questionário de pesquisa

É importante salientar que a construção do questionário não deve ser feita de forma aleatória. Para construí-lo, nos debruçamos sobre uma densa literatura de Pierre Bourdieu, Frédéric Lebaron e Gisele Sapiro.

As obras utilizadas de Pierre Bourdieu foram: *La noblesse d'État*, *Les héritiers*, *La distinction*, *Homo academicus*. As obras de Frédéric Lebaron foram: *The Norwegian Field of Power*; *La analyse géométrique de données dans un programme de recherche sociologique: Le cas de La sociologie de Bourdieu*; *How Bourdieu quantified Bourdieu: the geometric modelling of data*. As obras de Gisele Sapiro foram as intituladas *The structure of the French*

---

<sup>159</sup> É importante mencionar que buscamos localizar parte desses estudos prosopográficos citados em nosso texto nas bibliotecas francesas.

<sup>160</sup> Kocka e Frevert (1988); Tanner (1990); Augustine (1994); Banti (1989); Malatesta (1995).

*literary Field during the German Occupation (1940–1944): a multiple correspondence analysis e Le champ est-il nacional? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l’histoire globale.*

O questionário foi construído a partir da reflexão sobre as obras anteriores, utilizando alguns exemplos que serviam para nossa pesquisa. Ademais, elaboramos maneiras diversas de questionar baseando-nos na realidade brasileira. A primeira seção do questionário exige que o indivíduo questionado contribua com referências básicas pessoais tais como nome, endereço, idade, estado civil e etc.

Todavia, esses dados básicos dos entrevistados nos serviram como variáveis estruturais, pois, como ressalta Bourdieu (2008), algumas variáveis mais simples podem ser utilizadas como instrumento de classificação pelos indivíduos. Podemos observar esse fato quanto ao endereço do entrevistado. Demos relevância a isso, principalmente porque Gisèle Sapiro (2001) menciona a importância de se conhecer o local de residência dos indivíduos em pelo menos três momentos de sua trajetória de vida, pois essa informação pode denotar a sua ascensão ou conversão (morava em um bairro ou cidade mais popular e passou a morar em bairros mais nobres) ou a sua decadência no sentido econômico (passou a habitar em bairros e endereços mais populares).<sup>161</sup>

Por fim, a idade, aparentemente um dado simples e até mesmo meramente ilustrativo, será muito importante na pesquisa para precisarmos as mudanças ocorridas de década a década, quanto à profissão dos engenheiros e no que diz respeito ao ambiente profissional ocupado por esses agentes sociais. A saber, poderemos averiguar a diferença entre as escolhas e preferências de profissionais que se formaram na década de 1980, de 1990 e de outros que se formaram nos anos 2000. Para a variável idade usamos a escolha da faixa de idade, em concordância com os estudos de Gisèle Sapiro (2001), pois esse recorte de idade mais minucioso pode nos trazer respostas mais precisas quando compararmos o período de vivência dos entrevistados com os dados históricos do período mencionado.<sup>162</sup>

---

<sup>161</sup> Ao final da tese, achamos melhor não usar a referência de endereços, pois eles não se referiam somente à cidade de São Paulo, mas também às cidades diversas do interior de São Paulo e outros países. Por isso, seria uma tarefa bastante difícil mensurar cada bairro correspondente a um tipo de classe social associado à resposta de cada um dos respondentes. O que conseguimos averiguar, certamente, é o fato de que os entrevistados da Universidade Politécnica de São Paulo moram em bairros de classe média e não citam os bairros mais nobres. Já os alunos mais antigos citam suas residências associadas a bairros mais nobres.

<sup>162</sup> Olhar questionário em anexo na questão de letra “H”.

Em contrapartida às variáveis mencionadas anteriormente, algumas variáveis colocadas no questionário serão, primeiramente<sup>163</sup>, averiguadas como variáveis ilustrativas ou secundárias. Essas serão: sexo, raça/cor, opção sexual e ano de conclusão do ensino médio.

Sobre a trajetória familiar dos entrevistados, usamos algumas questões para medir o capital econômico dos indivíduos advindas das obras *La Distinction e La noblesse d' État*, a saber, casa própria, casa de veraneio, renda, automóveis, endereço residencial, natureza do trabalho dos pais, aplicações em ações, natureza de sua conta bancária, classe social familiar, ensino dos pais, titulação/profissão do avô paterno e trajetória financeira do pai (essa escolha foi pautada nas leituras de Pierre Bourdieu a partir da discussão que o autor faz sobre origem social em *Les Héritiers*). Nesse sentido, Bourdieu assinala que, dentre todos os fatores de distinção social, é a origem social o fator que se exerce mais fortemente no meio estudantil. De acordo com o autor:

A origem social se estende a todos os outros domínios, aos níveis de experiência e condições de existência, o habitat e o tipo de vida cotidiana, os recursos e a utilização do orçamento, a intensidade e modalidade do sentimento de dependência. (Bourdieu, 2007, p.23)<sup>164</sup>

Sobre a trajetória pessoal dos graduandos, optamos por dividir as questões em tópicos tais como educação. Nesse tópico, a questão mais importante seria sobre a escolha da área de atuação<sup>165</sup> e especializações feitas fora do país, já que a maioria dos indivíduos entrevistados possui formação semelhante dentro das mesmas escolas universitárias. A política foi outro tópico escolhido para que pudéssemos explorar as escolhas partidárias e os posicionamentos políticos dos entrevistados, cotejada depois de lermos os artigos de Gisèle Sapiro (2001) que busca testar a proposição de que as escolhas políticas e ideológicas na França, no período da segunda guerra mundial, eram homólogas às posições ocupadas pelos

---

<sup>163</sup> É importante mencionar que com o avanço das leituras, mudamos um pouco a perspectiva adotada no projeto de pesquisa inicial, a saber, lá consta a idade como variável suplementar ou ilustrativa e, no momento, achamos melhor colocar a idade como variável estrutural, uma vez que ela foi um dado muito relevante nos estudos de Sapiro (2001). Outro dado importante é o nível educacional dos pais e as experiências profissionais que antes tínhamos colocado como variável ilustrativa e, agora, passamos a pensá-las como variáveis estruturais. Todos esses aspectos foram revistos junto ao grupo CURRAP (*entre universitaire de recherches administratives e politiques de Picardie*) em nosso estágio de pesquisa com a codireção de Frederic Lebaron no ano de 2013.

<sup>164</sup> Esse livro não possui tradução para o Português, por isso, as passagens citadas da obra *Les Héritiers* terá tradução da autora desta pesquisa.

<sup>165</sup> As categorias que usamos nessa questão, ou seja, a divisão de áreas sugerida aos respondentes foi retirada das categorias profissionais para o engenheiro de produção, disponíveis no site da Abepro (Associação Brasileira de Engenharia de Produção).

escritores franceses no campo literário. Nesse instante, refletimos sobre o fato das escolhas políticas de nossos entrevistados poderem, por sua vez, descrever suas visões de mundo e seus posicionamentos profissionais, suas alianças e mesmo suas preferências. Outro fato importante que nos norteou na escolha das questões políticas foi a leitura do artigo recente de Frédéric Lebaron (2012) A formação dos economistas e a ordem simbólica mercantil<sup>166</sup>, em que o autor menciona que as elites detentoras de poder possuem posicionamentos políticos que podem influenciar na criação e no desenvolvimento de políticas públicas nacionais pelo governo. Essas leituras e argumentos foram imprescindíveis para que tópico sobre política fosse escolhido no presente questionário.

Já o tópico finanças pessoais foi constado nas questões para averiguar através de quais meios financeiros o entrevistado se mantém economicamente. Essa questão é muito importante para mensurarmos através do estilo de vida mencionado por Pierre Bourdieu (2008) a conformação econômica dos agentes sociais da pesquisa.

Por fim, temos o tópico sobre a cultura, no qual serão feitas várias questões sobre lazer, leituras, esportes, mídia, alimentação, vestuário, móveis e refinamento musical. Todas as categorias mencionadas anteriormente buscarão medir o gosto dos entrevistados quando nos apoiamos na seguinte afirmação de Bourdieu (2008):

A idéia é a de que exista uma psicanálise social que se empenhe em apreender a lógica segundo a qual as relações sociais objetivadas nas coisas e nas pessoas são insensivelmente incorporadas inscrevendo-se assim numa relação duradoura com o mundo e se manifesta nos patamares de Tolerância ao ruído, a violência física ou verbal e nos modos de apropriação dos bens culturais (mobiliário, vestuário, cardápio).

Ou seja, nesse sentido, entendemos que Bourdieu (2008) assinala a existência de predisposições práticas e cotidianas que, além de serem naturalizadas, são aceitas como um plano, padrão ou modelo que deve ser seguido para assegurar a distinção social. Por último, acrescentamos ao questionário algumas questões que serão feitas somente para os engenheiros que já estão no mercado de trabalho e já concluíram o curso de engenharia. As questões se resumem a categorias referentes à formação dos indivíduos no período de graduação e às questões de profissionalização pensando em três momentos distintos de sua carreira: após formado, cinco anos após sua formação e sua posição atual. Estimularemos os respondentes a falarem um pouco sobre a sua trajetória educacional e de seus amigos de sala de aula,

---

<sup>166</sup> Tradução de Cristina Prado e revisão de Maria Aparecida Chaves Jardim e Thais Joi Martins.

principalmente buscando saber qual era a origem social de seus colegas e onde foram atuar no mercado de trabalho depois de formados.

Posteriormente, nos concentramos na profissão atual dos entrevistados, buscando saber qual a relação que esses entrevistados possuem com o processo de financeirização. As perguntas feitas para captar esse argumento no campo profissional terão como foco governança corporativa, a presença dos acionistas em sua trajetória e, por fim a influência do Estado em seu cargo atual e nos demais cargos que ocupou anteriormente.<sup>167</sup>

#### **5.4 O princípio das práticas de pesquisa: os questionários e as entrevistas**

Em um primeiro momento dividimos a amostra<sup>168</sup> da seguinte forma: alunos do quarto e quinto ano (aproximadamente 119 alunos) responderam aos questionários em sala de aula. Esses alunos correspondem às turmas iniciadas em 2008 e 2009.

No caso dos alunos egressos, conseguimos contato com alguns alunos da turma de 2002, que já se encontram no mercado de trabalho. Para essa turma, enviamos os questionários por e-mail. Para os demais egressos, entramos em contato com os alunos que participaram da festa de 35 anos da engenharia de produção da UFSCar, buscando enviar os questionários também por e-mail. Outro último bloco de egressos seria o de professores de engenharia de produção que atuaram no departamento nos anos de 2012 e 2013. Realizamos as entrevistas com esses egressos e buscamos o contato de outros egressos que se formaram por volta dos anos de 1970 e de 1980. Nossas últimas tentativas, incorreram em buscar o perfil dos estudantes já formados em redes sociais como *Facebook e LinkedIn*.

Já para os alunos da Universidade Politécnica de São Paulo, realizamos entrevistas com os quartos e quintos anos no ano de 2013. Além disso, fizemos observações e anotações etnográficas realizando visitas ao prédio de engenharia de produção e à biblioteca da Universidade Politécnica de São Paulo. Em seguida, buscamos contato com os ex-alunos através das redes sociais, de sites de currículos, contatos via e-mail tanto com ex-alunos como com os atuais professores que são ex-alunos. Outro contato importante foi com a Associação de Engenheiros politécnicos (AEP), que somente no ano de 2013 disponibilizou nosso

---

<sup>167</sup> Fizemos duas versões diferentes de questionário a princípio, pois as questões que seriam perguntadas aos alunos sobre a família seriam repetidas para os já formados. Além disso, acrescentamos mais perguntas aos engenheiros formados, pois esses possuem informações adicionais sobre o mercado de trabalho e suas posições profissionais.

<sup>168</sup> A nossa pesquisa conta com uma amostra não probabilística.



questionário online para que os alunos respondessem. Houve também outro contato de destaque, realizado com a Associação de Engenheiros de São Paulo, no entanto, esse contato não nos rendeu entrevistas, pois não apareceram interessados em responder ao questionário.

No caso da universidade particular, contamos com ajuda de uma professora do curso de engenharia de produção de uma faculdade do interior de São Paulo, que disponibilizou seu tempo de aula para que pudéssemos entregar os questionários aos 17 alunos que se encontravam em sala de aula. A turma escolhida estava no quinto ano do curso de engenharia de produção mecânica e no seu último semestre. O motivo dessa escolha foi a facilidade para o acesso aos alunos posteriormente, a fim de verificar qual a área em que estavam ocupando depois de formados.

### **5.5 Estatística descritiva e a análise de correspondência múltipla**

A metodologia da presente pesquisa conta com a análise descritiva estatística e com a análise de correspondência múltipla. Frédéric Lébaron (2006) assinala que as estatísticas descritivas permitem nos apropriarmos dos dados de nosso questionário e os colocarmos em perspectiva com outros trabalhos, logo, eles são o ponto de partida de um trabalho de exploração sistemática. Eles permitem também provar problemáticas e hipóteses de trabalho. Portanto, todas as tabelas que utilizamos para a verificação dos capitais econômicos, culturais e sociais dos entrevistados são tabelas estatísticas descritivas. Algumas delas constam do cruzamento de dados coletados.

Posteriormente, para finalizar esta última seção, contamos com a análise de correspondência múltipla, que podemos definir como um método adaptado para estudar o conceito de campo em Pierre Bourdieu (2008). Desta forma, o conceito de campo teorizado pelo autor designa um subespaço dentro do espaço social onde uma atividade específica pode ser realizada, assim como o campo científico, o campo da arte, o campo da moda, etc. Dentro de um campo, existem regras que orientam as atividades e que estruturam uma relação de forças que ocorrem dentro dele. Essas regras são autônomas quando relacionadas às determinações sociais que se colocam externas ao campo. Os agentes sociais podem ser hierarquizados no campo de acordo com o volume de capitais (econômico, social, cultural, simbólico) que possuem.

De acordo com Coradini (2014), essa seria a técnica mais adequada para se estabelecer a relação de interdependência entre variáveis distintas, pois podemos verificar o

efeito de algumas variáveis sobre as outras. Assim, pode-se verificar o quanto cada variável contribui em relação a sua hipótese de pesquisa e aos seus dados.

## 5.6 Análise de correspondência múltipla e os fatores

A análise fatorial é um método de tratamento estatístico que visa resumir grandes tabelas em algumas tendências sintéticas chamadas fatores (é daí que vem o nome fatorial). Esse método visa simplificar e acelerar o exame frequente e fastidioso através de estatísticas. Uma análise fatorial pode ser descrita em 5 cinco pontos:

1) Os dados tratados formam uma tabela, seja do tipo indivíduo-variável<sup>169</sup> com dados qualitativos ou quantitativos, seja do tipo variável-variável com dados sobre a forma de frequência absoluta<sup>170</sup>, de frequência relativa<sup>171</sup> ou coeficiente de correlação.<sup>172</sup>

2) O algoritmo<sup>173</sup> de tratamento matemático é baseado sobre o cálculo vetorial<sup>174</sup>. A transformação de matrizes<sup>175</sup> e a geometria multidimensional<sup>176</sup> permite localizar a proximidade entre as linhas em função de seus perfis respectivos sobre as diferentes colunas e simetricamente entre colunas em função de seus perfis sobre as linhas. Esse algoritmo funciona por interações sucessivas, cada interação fornece um valor próprio que representa um fator explicativo em termos algébricos. Esses fatores são sintéticos, ou seja, não se materializam em nenhum lugar em estado puro nos dados brutos, mesmo se eles são suscetíveis de encontrar parâmetros objetivos do fenômeno estudado. A primeira interação

---

<sup>169</sup> Variável seria a característica ou propriedade de uma população.

<sup>170</sup> Quantas vezes aquele dado, indivíduo, ou variável foi citada.

<sup>171</sup> A porcentagem que aquele dado, indivíduo ou variável foi citado.

<sup>172</sup> Mede o grau de correlação existente entre duas variáveis. Esse coeficiente normalmente é representado por  $p$ . Se  $p=1$ , significa uma correlação perfeita positiva entre as duas variáveis. Se  $p=-1$  significa que existe uma correlação negativa perfeita entre as duas variáveis, ou seja, se uma aumenta a outra diminui. Se  $p=0$  significa que as duas variáveis não dependem linearmente uma da outra. No entanto, pode existir uma dependência linear, logo, o resultado  $p=0$  deve ser investigado de outras formas.

<sup>173</sup> Ou seja, a sequência de instruções matemáticas ou a sequência dos cálculos.

<sup>174</sup> Área da matemática relacionada à análise real multivariável dos vetores (que tem como propriedades um valor absoluto, uma direção e um sentido no espaço e que pode estar associado à relação entre dois pontos nesse mesmo espaço. Nesse caso, um ponto pode ser a origem do vetor e a seta indicar para outro ponto de chegada do vetor) em duas ou mais dimensões.

<sup>175</sup> Uma tabela de linhas e colunas representada sobre a forma de um quadro.

<sup>176</sup> A geometria multidimensional é dada por vários pontos que formam uma reta ( $x$ ) que, conseqüentemente, formam uma dimensão. Essa última pode ser somada a outra reta ( $y$ ) que forma uma nova dimensão e uma reta de pontos ( $z$ ) que forma uma terceira dimensão. Esses pontos estão localizados, portanto, num espaço tridimensional.

explica melhor a informação contida na tabela inicial (a variância<sup>177</sup> da tabela), a segunda interação explica melhor a informação residual não explicada pela primeira e assim sucessivamente, pegando os resíduos da tabela inicial.

3) O resultado compreende em regras gerais: a lista hierarquizada dos fatores, a proporção de variância inicial tomada por cada fator, a contribuição de algumas variáveis e de cada indivíduo na construção de cada eixo (inércia), a contribuição de cada fator, a explicação da variância de cada variável e de cada indivíduo (contribuição), as coordenadas de cada variável e de cada indivíduo por eixo, as cartas fatoriais localizadas ortogonalmente a duas dimensões seguintes dos eixos, postas dois a dois, sobre as últimas se passam os pontos-variáveis e os pontos indivíduos.

4) Seguindo a necessidade das cartas fatoriais e das variáveis suplementares poderem ser postas junto, todavia, as variáveis suplementares não participam do cálculo dos eixos, mas vão atribuir as coordenadas sobre eles. Elas podem servir para explicar as variáveis ativas (ou serem explicadas por elas) ou comparar o primeiro grupo de indivíduos com o segundo, ou ainda, testar os mesmos dados privados de indivíduos em posições extremas que são suscetíveis a deformar o resultado.

5) Para facilitar a leitura dos mapas, diversas exibições eletivas são possíveis: pontos mais pertinentes para a problemática inicial, nuvens de pontos próximas e seus pontos de inércia, etc.

## 5.7 Método de análise geométrica de dados

Lebaron (2006) assinala que a análise de correspondência múltipla surge na França, entre os anos de 1963 e 1973, com o matemático Jean-Paul Benzécri. Esse tipo de análise fez muito sucesso na França no período entre 1973 e 1980, todavia não é conhecido pelo mundo anglo-saxônico. Existem três paradigmas para análise de dados de correspondência (AC, ACP, ACM).

A análise de correspondência múltipla da qual nos ocupamos na pesquisa é constituída quando os indivíduos pesquisados são representados por uma nuvem de pontos que se distanciam um dos outros dentro de um espaço multidimensional. O espaço é definido pela escolha de variáveis que chamamos de variáveis ativas. Esse tipo de análise consiste em reduzir o número de dimensões desse espaço, criando um novo sistema de *axes* (eixos

---

<sup>177</sup> A variância de uma variável aleatória é uma medida de sua dispersão estatística, ou seja, o quão longe os seus valores se encontram do valor esperado.

principais, eixos fatoriais, etc). Esse espaço é tal que a dispersão (variância) da nuvem projetada sobre a primeira dimensão seja maximal (o que quer dizer neste eixo que a variância tem que ser a mais elevada possível) e o mesmo segue-se para as dimensões seguintes.

Lebaron (2006) ainda assinala que a determinação das dimensões principais resulta de um teorema de análise espectral. Fazer análise geométrica em uma tabela consiste em determinar os valores próprios e os vetores próprios de uma aplicação linear. Quando as variáveis são categóricas (nominais), como é nosso caso, o melhor tipo de análise geométrica a ser usado é o de análise de correspondência múltipla (ACM). O formato das variáveis é dado da seguinte forma: quando os indivíduos não concordam com a resposta de uma dada questão, pode-se dizer que eles estão em desacordo. A distância dada aos indivíduos é obtida a partir de suas respostas em desacordo. A distância entre os indivíduos será maior quanto mais eles estiverem em desacordo.

No entanto, é importante afirmar que as análises estatísticas são muito criticadas por alguns sociólogos como Sewell (1987) entre outros, afirmando que existe um problema em se fazer afirmações generalizadas. Contudo, compactuamos com Desrosières (1989) quando o autor afirma que para além dessas críticas e das ambiguidades de posição que ora situam o método estatístico como coerente e ora como não coerente, é necessário levar a sério o método de codificação dos dados e da construção de classes de equivalência.

Ou melhor, é necessário pensar as categorias estatísticas como categorias políticas no mundo e nas suas implicações posteriores à análise. Para isso o autor evoca a noção de representação para pensarmos as codificações através de um processo cognitivo, político e estatístico. Um exemplo disso, em nossa tese, é o fato de que em meio às inúmeras profissões dos pais dos alunos citadas por eles tivemos que codificá-las em taxonomias reconhecíveis dentro do universo da sociologia brasileira, a fim de que elas fizessem sentido dentro do universo nacional.

No entanto, Desrosières (1989) vai mais além, afirmando que devemos criar taxonomias universais para que as coisas do mundo se sustentem. Ele dá o exemplo de um termo de categoria socioprofissional que se modifica de país para país criando um distanciamento de entendimento que pode dificultar as análises estatísticas. A saber, o termo *cadre* é usado na França, e nos Estados Unidos, o termo *professionnals* e *managers* é encontrado na Grã-Bretanha e o termo *angestellte* (empregados do setor privado) é encontrado na Alemanha. Cada uma dessas taxonomias foi construída em momentos históricos e circunstâncias distintas, mas elas se aproximam muito para designar categorias muito próximas. A fim de não nos perdermos entre essas categorias com lógicas distintas, o

autor faz um apelo para que se crie uma história das taxonomias estatísticas que permita fazer com que essas lógicas distintas possam se conectar e se sustentar.

Por isso, nos atentamos, no presente trabalho, para realizar um processo reflexivo no que diz respeito à criação das categorias e de suas respectivas codificações, atividade que tomou maior tempo na tese, pois sem as leituras teóricas estatísticas<sup>178</sup> e sociológicas e sem o processo cognitivo de conectá-los nossos esforços implicariam em um erro de classificação e de escolha das taxonomias.<sup>179</sup>

## **5.8 Análises de correspondência múltipla: tirando a prova dos “nove” sobre os alunos da UFSCar**

Aprofundaremos a nossa análise das seções anteriores que tiveram respaldo na estatística descritiva, mostrando, analisando e refletindo sobre as análises de correspondência múltipla. Elas poderão nos mostrar não só os dados de forma individual e suas frequências como fizemos anteriormente, antes, visualizaremos as variáveis que representam os indivíduos coletivamente dentro dos gráficos para que precisemos algumas conclusões acerca de nossas proposições iniciais e da existência de homologias entre os capitais simbólicos dos indivíduos e sua posição ocupada no mercado de trabalho.

Nesta primeira análise de correspondência múltipla, fizemos um primeiro teste com as variáveis e foram escolhidas as seguintes: escolaridade dos pais, renda dos pais, capital cultural da família, profissão do pai e classe social. Este primeiro gráfico nos mostrará somente como estão dispostos os capitais simbólicos dos engenheiros de produção da UFSCar com relação aos capitais de sua origem social de seus pais.

Algumas primeiras inferências estatísticas podem ser feitas quando analisamos o quadro abaixo. No que diz respeito à renda dos pais dos estudantes de engenharia de produção da UFSCar podemos visualizar uma grande polarização, em que os detentores de mais renda (mais de R\$10.000,00 de renda familiar) associados às profissões de profissional liberal e de consultores-gestores. Nesse mesmo quadrante, vemos que, na perspectiva cultural, localizam-

---

<sup>178</sup> Todas as obras usadas para a reflexão sobre o processo de codificação serão citadas na bibliografia complementar.

<sup>179</sup> Gostaríamos de deixar clara a questão de que, no presente trabalho, não incorremos em explicar como as taxonomias foram escolhidas e como se deu o trabalho de codificação e recodificação, pois pensamos nesse trabalho como um ato paralelo à tese. Dessa forma, incorreremos em realizar esse tipo de reflexão em um próximo trabalho de cunho metodológico.

se os indivíduos que gostam de literatura, leem revistas de conteúdo mais *cult* e assistem peças de teatro da Broadway, e quanto à escolha partidária escolhem partidos de centro.

Um pouco abaixo, no quadrante inferior à esquerda, podemos visualizar pais que se localizam entre as classes altas e a classe média, com renda familiar entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00, leem livros cotidianos (ficção, romance, drama), vão ao teatro para assistir *stand up comedy* e quanto à escolha partidária dos filhos estão entre os que são apolíticos ou mais próximos da escolha dos partidos de direita.

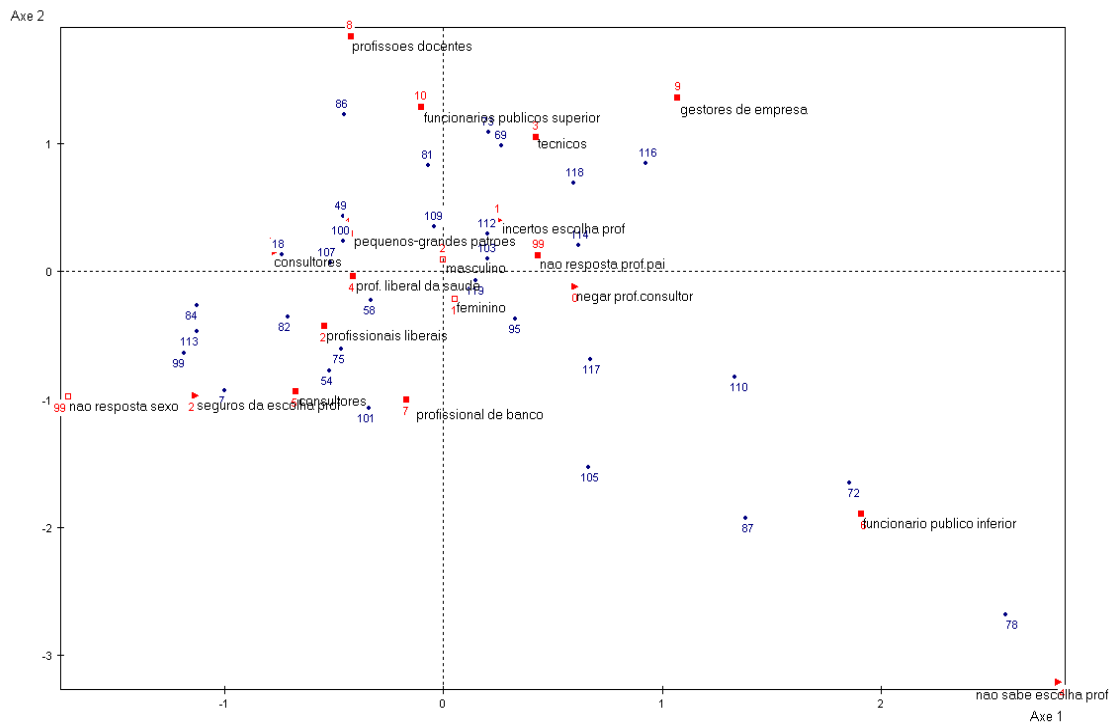
Já no quadrante superior da direita, os indivíduos encontram-se mais dispersos, ou seja, possuem poucas escolhas e gostos em comum. Possuem renda menor que R\$2.000,00, os pais possuem baixa escolaridade como ensino fundamental e médio, profissões técnicas (pedreiro, taxista, etc), não frequentam teatro e escolhem leituras de autoajuda.

No quadrante direito inferior, os pais recebem entre R\$ 2.000,00 e R\$ 5.000,00, se enquadram como classe média, possuem leituras de livros técnicos, nunca leem revistas cult, não vão ao teatro e a profissão dos pais da grande maioria é de patrões ou pequenos patrões (comerciantes, pequenos empresários, etc).

É importante ressaltar que a representação gráfica abaixo não corresponde ao que podemos chamar de “boa estatística”. Para alcançarmos a “boa estatística”, temos que excluir os indivíduos mais dispersos, evitando o que se chama de “explosão” gráfica. Todavia, a explosão gráfica ou a grande dispersão dos indivíduos é muito importante para o sociólogo, pois são justamente os pontos (os indivíduos) que estão mais separados da grande massa de pontos (indivíduos) que destoam dos demais por algum motivo ou característica distinta. Esses indivíduos merecem ser analisados sociologicamente mesmo que, estatisticamente, não sejam representativos: sociologicamente eles são muito importantes para análise. Desta forma, conseguimos verificar exatamente o que leva esses indivíduos a se distinguirem dos demais e, assim, podemos fazer algumas inferências interessantes para a pesquisa.



**Figura 50- Análise de correspondência múltipla sobre afinidade com a escolha profissional das consultorias (UFSCar)**

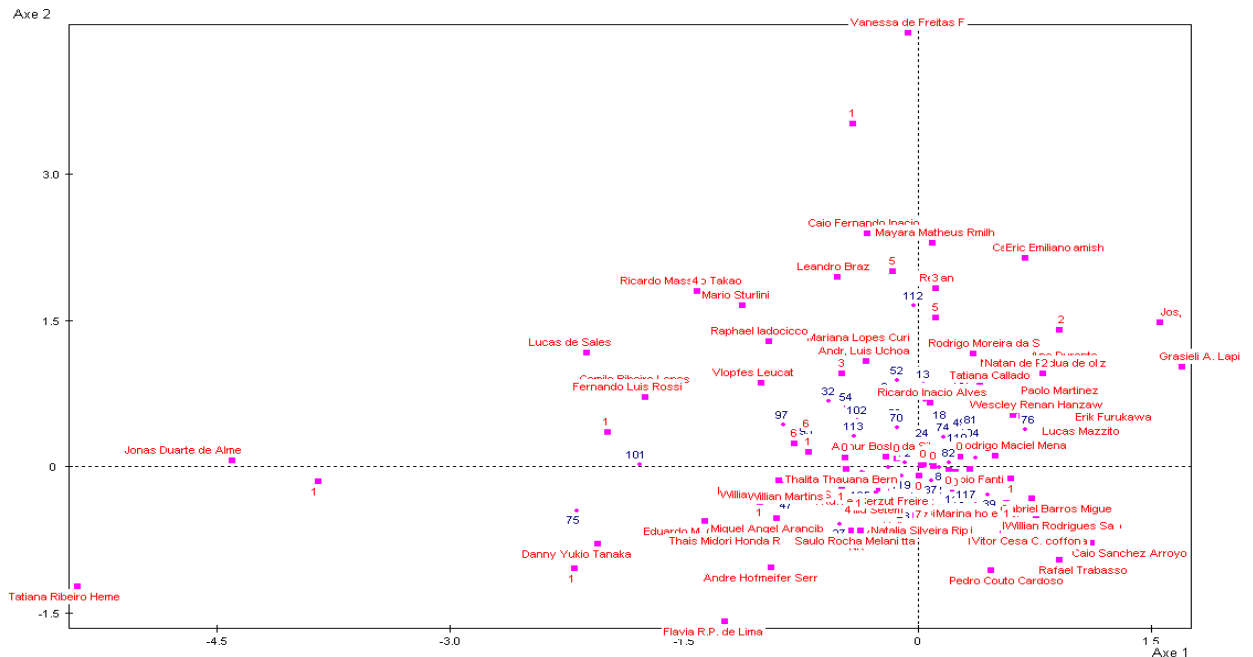


Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Na análise de correspondência seguinte, temos os nomes dos indivíduos e como eles se situam no espaço social. Os indivíduos mais próximos são os que se assemelham em escolhas e gostos e os mais distantes são os casos de exceção que, posteriormente, poderemos observar qual o motivo que os direcionam ao espaço exterior do gráfico e o que os faz fugir das escolhas mais homogêneas.



**Figura 51 - Análise de correspondência múltipla com a denominação dos alunos da UFSCar**



Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Podemos visualizar, no último quadro de análise de correspondência múltipla, contido de nomes de alunos, que esses alunos estão localizados nos pontos mais extremos do gráfico, ou melhor, alunos que não se localizam junto a grande massa de indivíduos. Fomos buscar as respostas mais significativas no questionário e percebemos quais as características dos alunos que possuem o perfil peculiar, destoante dos demais perfis.

Percebemos que a distância dos demais se dá devido as suas escolhas profissionais, que não fazem parte do perfil dos outros alunos, a saber, a primeira aluna escolhe a área de pesquisa operacional, a segunda a área de engenharia do produto, e a terceira, a que fica mais distante de todos, é a que escolhe a área de sustentabilidade. A última seria a aluna que escolhe a área de educação em engenharia de produção (docência). Portanto, conseguimos demonstrar, aqui, a importância sociológica de uma tabela de análise de correspondência múltipla que não faz parte do padrão estatístico. No caso da boa estatística, esses indivíduos “desviantes” seriam cortados da análise e não poderíamos inferir quais são as ocupações menos escolhidas pelos engenheiros entrevistados.

**Figura 52 –Aluna 1 Capitais econômico e cultural mais modestos (quadrante superior direito)**

Os pais são comerciantes e estudaram somente até o Ensino Médio, o avô era criador de bovinos e analfabeto, a renda familiar gira em torno de R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00 e a entrevistada se posiciona como classe média. A aluna trabalha, adquire ajuda de recursos familiares para se manter e não possui trabalhadores domésticos em sua casa. Quanto a sua vida cultural, nunca frequenta teatros e não responde a questão sobre leitura de livros. Em relação aos esportes, pratica corrida e musculação, seu gosto musical é variado, seu pintor preferido é Romero Brito, acerca de música clássica não respondeu nenhuma pergunta referente e esse tópico. Sua ocupação dos sonhos é trabalhar com **pesquisa operacional. (setor industrial)** no futuro.

Fonte: dado da pesquisa.

**Figura 53 – Aluna 2 Aluna com capital econômico mediano e capital cultural médio (quadrante inferior esquerdo)**

Não respondeu qual a profissão dos pais, a renda do pai é superior a R\$ 10.000,00 e a da mãe corresponde entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00. Quanto à classe social se posiciona como classe alta ou média alta. A escolaridade do pai é ensino médio completo e a da mãe é ensino universitário completo. Não respondeu nada sobre a titulação ou profissão do avô paterno. A respeito da profissão que pensa em seguir, trata-se da **engenharia do produto** e consultoria. Não possui opção partidária. No que se refere à origem de seus recursos, recebe ajuda familiar e possui dois empregados domésticos em sua casa. No que concerne a parte cultural, vai ao teatro constantemente, a última peça assistida denomina-se “Testosterona”, costuma ler livros técnicos de engenharia. Ela pratica como esporte ginástica olímpica, escuta músicas de estilo universitário, seu pintor preferido é Romero Brito e não respondeu as perguntas sobre músicas clássicas e eruditas.

Fonte: dado da pesquisa.

**Figura 54 – Aluna 3 Aluna com capital econômico mediano e capital cultural baixo (quadrante inferior esquerdo)**

O pai trabalha como analista de sistemas e a mãe como médica sanitária, ambos completaram ensino superior, ambos os pais recebem entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00. Ela se posiciona como classe alta ou média alta. Possui um trabalhador doméstico em sua casa. O avô tinha como profissão ser corretor. Escolheu como futuras profissões ocupações nas áreas de logística, banco ou **sustentabilidade**. Não possui opção partidária. Quanto aos seus recursos, possui ajuda da família. No que diz respeito à parte cultural, vai ao teatro às vezes, não se lembra da última peça que viu, lê livros cotidianos como suspense e drama. Frequentemente, pratica handebol como esporte, ouve músicas universitárias, não possui pintor favorito e não respondeu questões sobre músicas clássicas.

Fonte: dado da pesquisa.

**Figura 55 – Aluno 4 Aluno com capital cultural e econômico alto (quadrante superior esquerdo)**

Pai bancário e mãe funcionária pública federal, renda dos pais entre R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00, classe média, escolaridade do pai ensino superior incompleto e da mãe ensino superior completo. O avô se formou em direito e era diretor de escola. Pretende trabalhar com as engenharias do tipo industrial ou dar **aulas na área de engenharia**. Usa recursos familiares para se manter e possui um trabalhador doméstico em casa. Não possui opção partidária, assiste teatro de vez em quando, a última peça que viu foi sobre os cavaleiros templários. Lê frequentemente livros cotidianos, toca guitarra e pratica como esporte o karatê. Ouve o estilo de música universitária. Quanto à pintura, mescla estilos distintos como Monet, Caravaggio, Modigliani, Musch, conhece músicas clássicas e acertou dois dos compositores relacionados as suas músicas (eruditas).

Fonte: dado da pesquisa.

### **5.9 As análises de correspondência múltipla estatisticamente viáveis sobre a UFSCar**

Devido à análise de correspondência múltipla (ACM) ser uma análise multivariada, não considera indivíduos que apresentam dados faltantes em pelo menos uma variável analisada. Após a retirada dos indivíduos com a característica citada, ainda foi necessária a remoção do indivíduo que o avô era consultor/gestor, do que lia frequentemente revistas triviais e dos quatro que nunca comiam alimentos saudáveis: eles eram minoria em relação ao total. Ao final, o banco de dados utilizado na análise contou com a presença de 125 respondentes.

Além disso, para corrigirmos a baixa frequência de algumas categorias consideradas na análise, criamos as seguintes categorias a partir das já existentes:

- Faixa de renda de até R\$ 5.000,00 para os pais e renda acima de R\$5.000,00 para as mães;
- Classe social baixa ou média/baixa;
- Categoria outros para graduação do pai e da mãe;
- Categoria outras para tipo de peças;
- Categoria outras para tipo de música que ouve no rádio;
- Categoria outras para tipo de música que ouve;
- Categoria outros para tipo de pintores;
- Categoria outros para trabalho do pai e da mãe;

Criamos também as seguintes variáveis: trabalho privado (“sim”, “não”) e trabalho público (“sim”, “não”) para tipo de trabalho do pai e da mãe.

Por meio das informações que serão apresentadas no apêndice, podemos observar as frequências finais para as variáveis analisadas. Nota-se que das variáveis ativas, ou seja, aquelas que são utilizadas para construirmos o plano fatorial, apenas a variável renda da mãe apresentou uma categoria com frequência baixa, sendo que essa categoria é a de indivíduos que não sabiam a renda da mãe.

Como realizamos uma Análise de correspondência múltipla (ACM), o percentual de variância explicada por cada eixo não deve ser utilizado para definirmos o número de fatores na análise, sendo que uma alternativa comumente empregada é a de analisar a estrutura de decrescimento dos autovalores. Nesse caso, os eixos cujos autovalores não se enquadram na forma “regular” de decrescimento do histograma dos autovalores devem ser analisados. Observando a Tabela A, no apêndice dois, notamos que obtemos a forma “regular” de decrescimento sugerida a partir do segundo eixo. Sendo assim, usamos as duas primeiras dimensões na análise.

Na Tabela B, no apêndice dois, temos as respectivas massas, inércia (inércia) e qualidade para cada categoria estudada. Verificamos que os valores para massa variam entre 0,0012 e 0,0199 e para inércia entre 0,0015 e 0,0115, sendo que a categoria “NR – não sabe/não respondeu” para renda da mãe apresentou o menor valor para massa e maior para inércia, fato já esperado pela baixa frequência da mesma em relação ao total.

Dentre as medidas de qualidade, dado que temos  $p = 127$  classes, precisamos de, no mínimo, um valor igual a  $1/127 = 0,0078$ . Considerando esse valor base, as únicas classes que não foram muito bem explicadas pelas duas dimensões utilizadas foram “funcionário público” para trabalho do pai, “frequentemente” para revistas semanais, sexo feminino e masculino, “sim” e “não” para livros de literatura, “sim” e “não” para trabalho privado pai e “não sabe/não respondeu” para renda da mãe.

As informações apresentadas na Tabela C, no apêndice dois, exibem quanto cada categoria contribui para a explicação da variabilidade total (inércia) de cada uma das dimensões escolhidas. Na dimensão 1, os itens “fundamental e médio” para escolaridade do pai e da mãe, estudos pessoais “público”, classe social “baixa ou média/baixa”, “NR – não sabe/não respondeu” para graduação do pai e da mãe, “renda abaixo de 2.000” para mãe, renda “abaixo de 5.000” e “acima de 10.000” para pai, “trabalha em casa” para trabalho da mãe, “outras” para tipo de música que ouve no rádio, classe social “alta ou média/alta”, nível

“universitário” para escolaridade da mãe, “outros” para trabalho do pai e “conta comum” para tipo de conta bancária foram os que mais contribuíram.

Já na dimensão 2, as categorias que mais contribuíram foram “alunos antigos”, “não” para livros de negócios, “outras” para tipo de música que ouve no rádio, “não” para livros cotidianos, “sim” para escuta noticiários, “NR – não sabe/não respondeu” para livros de negócios, “alunos recém-formados”, “nunca” para trabalhador doméstico em casa, “Broadway/internacionais” para tipo de peça que assiste, “universitário” para escolaridade do avô, “NR – não assiste/não respondeu” e “N\_DOC – pensam que é documentário, mas não são” para tipo de documentário.

Observamos também que as categorias “não” e “sim” para livros literatura, sexo feminino e masculino, “sim” e “não” para trabalho privado pai, “NR- não sabe/não respondeu” para renda da mãe, “frequentemente” e “nunca” para revistas triviais, tipo de móveis “requintados”, “NR – não tem/não respondeu” para opção partidária e “funcionário público” para trabalho do pai apresentaram pouca contribuição em ambas dimensões.

Com relação às variáveis suplementares, ou seja, as que são utilizadas na análise, mas que não participam da construção do plano fatorial, se observamos, na Tabela D (em apêndice dois), que se considerarmos o valor base para qualidade igual a 0,0078, temos que as categorias “nunca” para cultura, “sim” e “não” para Q24\_3 (pesquisa operacional) e Q24\_6, (engenharia organizacional) “modernos” para tipo de instrumento musical que toca e “nunca” e “às vezes” para artes não foram explicadas.

A figura abaixo apresenta o cruzamento entre as duas dimensões analisadas, considerando variáveis ativas e suplementares. Esse gráfico mostra a associação entre as categorias presentes na análise, sendo que quanto maior a proximidade das classes, maior a presença de associação e categorias, que estão ao centro, tendem a não estar associada a alguma outra.

Ao analisarmos as categorias mais próximas, verificamos associação entre cinco grupos principais:

- 1) Classe baixa ou média/baixa, mãe trabalha em casa, estudos pessoais em escola pública e nível fundamental e médio para escolaridades dos pais;
- 2) Associação entre alunos recém-formados, renda do pai abaixo de R\$5.000,00 e entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00, renda da mãe abaixo de R\$2.000,00, outros tipos para trabalho do pai (pequenos e grandes empresários, técnicos e consultores/gestores), mãe é funcionária

pública ou outras profissões (consultora/gestora, empresárias ou trabalham em casa), não tem casa própria, não tem área de lazer, um ou dois carros, outros tipos de pintores, conta comum, móveis populares, opção partidária de direita ou outras, músicas universitárias ou outros tipos de música, escolha ocupacional (engenharia de operações e processo de produção), (pesquisa operacional) e (engenharia do produto), pratica esportes básicos, lê livros cotidianos e de literatura, trabalho privado mãe. Às vezes ou nunca vai à festa, ao clube, lê revistas semanais, revistas culturais, jornal impresso e vai aos centros culturais, lê revistas triviais às vezes, viaja às vezes, nunca pratica caminhada, come alimentos saudáveis às vezes ou frequentemente, nunca viaja para o exterior e nunca tem trabalhadores domésticos. Não respondeu/não pratica os itens: livros de negócios, livros cotidianos, ouve música no rádio, música de preferência, gosta de música clássica, escuta noticiários, vê documentários, profissão do avô, esportes, tipos de peças que assiste, trabalho mãe, trabalho pai, instituição da pós-graduação do pai, instituição de graduação da mãe e do pai, tipo pintores e renda da mãe;

3) Pais estudaram no exterior, nível de escolaridade da mãe e do pai universitário, instituição de ensino médio do pai e da mãe particular, instituição de graduação da mãe estadual SP, particular SP ou outras, instituição de graduação do pai estadual SP, particular SP ou outras, instituição de pós-graduação do pai estadual SP, renda do pai entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00, renda da mãe entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00 e acima de R\$5.000,00, mãe profissional liberal ou funcionária pública, pai profissional liberal, avô funcionário público, conta corrente diferenciada, ensino pessoal privado, pintores impressionistas ou mistura de estilos, tipo de trabalho da mãe e do pai público, mais de dois carros, especialização estágio, escolha profissional (logística ou supply chain) e (consultorias), possui casa de veraneio, vai ao clube e às festas frequentemente e ouve músicas modernas no rádio;

4) Lê revistas culturais e jornais impressos frequentemente, viaja, vai a centros culturais e caminha com frequência, viaja ao exterior com frequência ou às vezes, pratica esportes (ao ar livre, de equipamentos ou academia, natação e etc.), toca instrumentos musicais clássicos, assiste documentários (independentemente do tipo), ouve música (independente da preferência), escuta noticiários, lê livros técnicos e de negócios, ouve músicas internacionais clássicas e outras, assiste peças da Broadway/internacionais no teatro, ensino básico do avô cuja profissão era patrão, escolha profissional (educação em engenharia de produção) e (engenharia econômica).

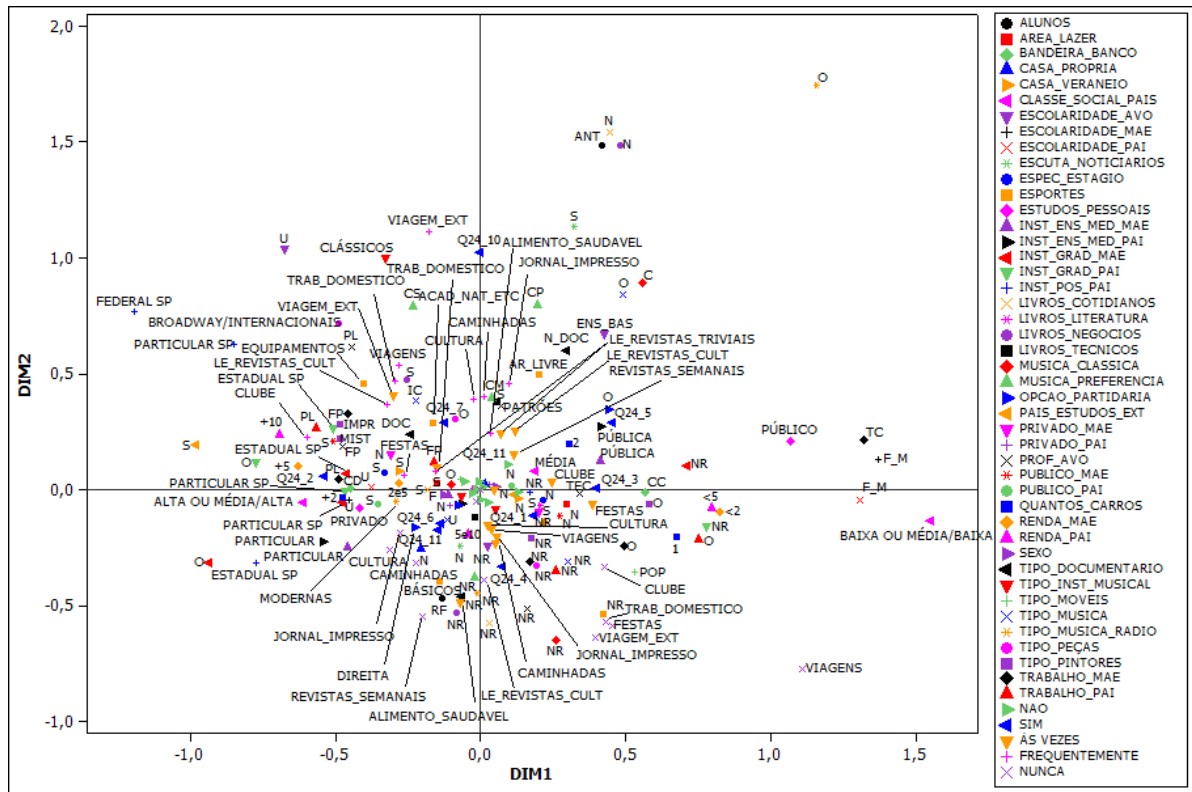
5) Alunos antigos que não leem livros cotidianos e livros de negócios.

Notamos também que por não terem sido explicados e estarem dispostas no centro do gráfico o sexo e algum tipo de prática artística não estão associados a nenhuma categoria. Os alunos formados recentemente tendem a não responder com mais frequência do que os antigos.

No geral, observamos que a disposição das variáveis com relação à dimensão um está claramente relacionada à renda. No lado positivo do eixo, vemos a associação entre classe social baixa ou média/baixa, nível de escolaridade do pai e da mãe fundamental e médio, estudos pessoais em ensino público, nunca viaja, renda do pai abaixo de R\$5.000,00, renda da mãe abaixo de R\$2.000,00, conta bancária comum e possui apenas um carro. Por outro lado, vemos que a parte negativa do eixo está associada à classe social alta ou média/alta, ensino pessoal em ensino privado, pais estudaram no exterior, renda do pai acima de R\$10.000,00 e da mãe acima de R\$5.000,00, conta diferenciada, possui mais de dois carros, nível de escolaridade dos pais universitário, indivíduos frequentemente vão às festas e ao clube da cidade, pai e mãe são profissionais liberais, mãe funcionária pública, avô era funcionário público ou profissional liberal, com nível de escolaridade universitário, pai e mãe fizeram ensino médio em escola particular e indivíduos que gostam de pintores impressionistas ou mistura de estilos.

Ao centro, vemos associação entre classe média, indivíduos que frequentam o clube às vezes, vão às festas, pai e mãe fizeram o ensino médio em escola pública, gostam de outros tipos de pintores, outros tipos de trabalho da mãe, possuem dois carros, renda do pai entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00, trabalho do avô era técnico com escolaridade básica, entre outras.

Figura 56 – Análise de correspondência Múltipla macro da UFSCar



Fonte: dado da pesquisa.

### 5.10 Analisando o gráfico sociologicamente

Sobre as cinco associações, percebemos que apenas três são as mais importantes. A primeira delas mostra que justamente as mães que têm baixa escolaridade (ensino fundamental e médio) trabalham no lar e estão localizadas de acordo com as classes mais baixas. Esse grupo, no quadrante inferior direito, relaciona-se à renda média baixa, ao pai receber abaixo de R\$5.000,00, à renda da mãe ser menor que R\$2.000,00, ao capital econômico mais baixo relatado pela ausência de casa própria e de área de lazer, à presença de carros, à presença de móveis populares em casa e ao dado de nunca possuem trabalhadores domésticos em casa. O capital cultural também é baixo, pois nunca viajam para o exterior, não lêem livros de cotidianos de negócios e de literatura, praticam esportes básicos, não escutam música clássica, noticiários ou documentários. Os seus capitais simbólicos estão ligados às escolhas profissionais do setor industrial, tais como engenharia de operações e processo de produção, pesquisa operacional, engenharia do produto e engenharia da qualidade.



O segundo grupo, no quadrante inferior esquerdo, relaciona-se à renda média, os pais recebem entre R\$ 5.000,00 e R\$10.000,00, as mães recebem entre R\$2.000,00 e R\$ 5.000,00, a escolaridade dos pais é universitária, estudaram em colégios particulares, as mães e pais se graduaram em universidades particulares ou estaduais, o pai fez pós-graduação em universidade estadual, a mãe é profissional liberal ou funcionária pública, o pai é profissional liberal, avô era funcionário público, conta corrente diferenciada, ensino pessoal privado, pintores impressionistas ou mistura de estilos, tipo de trabalho da mãe e do pai público, possuem mais de dois carros, fizeram especialização ou estágio no exterior. Ou seja, esse quadrante associa-se a uma renda mais alta, mas a um capital cultural mais limitado. A eles se relacionam as escolhas ocupacionais de logística (maior parte *supply chain*) e as consultorias.<sup>180</sup>

No terceiro grupo, no quadrante superior esquerdo, temos o maior capital cultural e as maiores rendas (acima de R\$10.000,00 para os pais) associadas aos maiores capitais econômicos: lê revistas culturais e jornais impressos frequentemente, viaja, vai a centros culturais e caminha com frequência, viaja ao exterior com frequência ou às vezes, pratica esportes (ao ar livre, de equipamentos ou vai à academia, à natação e etc.), toca instrumentos musicais clássicos, assiste documentários (independentemente do tipo), ouve música (independente da preferência), escuta noticiários, lê livros técnicos e de negócios, ouve músicas internacionais clássicas e outras, assiste peças da Broadway/internacionais no teatro, ensino básico do avô, as profissão era pequenos e grandes empresários. As ocupações associadas a esses capitais simbólicos são a educação em engenharia de produção e engenharia econômica (bancos e mercado financeiro).

Em suma, concluímos, portanto, que o baixo capital econômico e cultural de alguns indivíduos os levaram a dar eleger a ocupação dos sonhos ligada ao setor industrial. As ocupações voltadas para o trabalho relativo ao chão de fábrica e, geralmente, caracterizados como trabalhos mais técnicos são marcados pelos menores salários para a área de engenharia.

Existe outra categoria intermediária, cujo capital econômico é médio e o capital cultural é baixo. Esses marcadores se relacionaram com as preferências pelas ocupações dos sonhos na área de logística (marcadas pela denominação moderna do *supply chain*) que pode

---

<sup>180</sup> Devemos lembrar que aqui estamos nos referindo a análise sobre o sonho de carreira dos engenheiros e não a profissão real que eles estão ocupando, por isso encontramos alunos com menor capital cultural almejando a área de consultorias.

ser considerada uma ocupação intermediária, uma vez que os salários designados a esses cargos, nos sites de vagas de emprego, costumam pagar no mínimo R\$10.000,00 para a vaga.

Temos também o sonho de atuar na área de consultorias, área muito requisitada entre os engenheiros. Todavia, percebemos que a maioria dos alunos não consegue acessar essas áreas. Através de nossa análise de correspondência múltipla, podemos verificar que as nossas indicações sobre o baixo capital cultural estavam corretas. Os engenheiros que dão preferência a essa área, podem não conseguir passar nos processos seletivos devido ao seu baixo capital cultural.

No caso do último grupo, temos um elevado capital econômico e um elevado capital cultural, relacionados às preferências dos sonhos em trabalhar nas áreas de educação em engenharia de produção (docência) e na área de engenharia econômica (bancos e mercado financeiro). Quanto ao mercado financeiro, observamos que nem todos conseguem seguir essa carreira. Dos 18% que tinham essa escolha como profissão dos sonhos, somente 14% conseguiram concretizá-la. E quanto aos que adentram esse setor, percebemos que, depois de cinco anos de trabalho, as porcentagens dos que trabalham nessa área e que se formaram na UFSCar caiu consideravelmente.

Lembramos que os que têm como preferência dos sonhos a área de finanças possuem capital cultural elevado entre os alunos da UFSCar, mas com relação à Universidade Politécnica de São Paulo, eles possuem um capital cultural mais baixo. Portanto, vemos os Engenheiros Politécnicos mais presentes dentro desses cargos. Temos, portanto, um elemento relacional em nossa análise: os indivíduos que detêm maior capital cultural na UFSCar ficam hierarquicamente abaixo dos alunos formados na Poli.

Essas constatações contribuem de forma significativa para dar complemento aos estudos de Coradini (2014, p.529), em que o autor busca relacionar os anos de escolaridade com os rendimentos obtidos pelos indivíduos e sua ocupação social, apoiado em aparelhagem estatística. O autor assinala em seu trabalho que, apesar dos “anos de estudo terem efeito positivo sobre os rendimentos” (quanto maiores os anos de estudos, maior o rendimento), existe uma não linearidade entre essas duas variáveis devido ao efeito valorativo do diploma. No caso da presente pesquisa, o fato anterior explica as revelações de um desnível de rendimentos e um desnível com relação às posições de prestígio dentro de um mesmo grupo profissional quando os alunos de universidades públicas com a mesma quantidade de anos de estudo passam a ocupar posições no mercado de trabalho. No entanto, o autor afirma que o diploma é minimamente importante nessa questão, pois existem outros atributos como “a diversidade das condições e dos significados dos investimentos educacionais”. Ou seja, o

problema entre anos de escolaridade e rendimento vai variar de acordo com a “posição social” ocupada pelo indivíduo e pelos “significados e usos de seus títulos escolares”.

Portanto, traduzimos os termos “condições”, “significados” e a “posição social”, apontados pelo autor, como os volumes de capital cultural adquirido através da origem social, como os instrumentos de socialização que se consolidaram pela imersão dos indivíduos em uma instituição de prestígio e renome (como é o caso da Universidade Politécnica de São Paulo) e como as condições sociais *sine qua non* os engenheiros de produção conseguem destaque, posição social e rendimentos estimados, respectivamente.

### **5.11 Uma segunda análise de correspondência da UFSCar**

A segunda análise de correspondência múltipla precisou ser realizada, pois, na primeira, escolhemos as profissões dos sonhos dos alunos entrevistados. Já nessa segunda análise, encontram-se as ocupações reais dos alunos no mercado de trabalho. Assim, podemos averiguar se as opções dos sonhos dos alunos equivalem às posições que eles realmente ocupam no mercado de trabalho atualmente.

Como foram escolhidas muitas variáveis dentro da análise anterior, incorremos em refazer a análise com menos variáveis. Desta vez, escolhemos somente 16 variáveis, dois eixos fatoriais e 143 respondentes. Para que seus comportamentos e associações fossem analisados, a fim de que o gráfico fique mais claro para o leitor e para que ele possa visualizar melhor as categorias.

Cientes de que existe a possibilidade de categorias com baixa frequência impactarem a análise e interpretação dos resultados, buscamos selecionar apenas categorias que apresentaram frequência superior a 5%. Sendo assim, optamos por remover uma categoria por vez, excluindo sempre a categoria que apresentou menor número de observações em cada retirada, seguindo os seguintes passos:

- Categoria “não resposta” para renda do pai;
- Categoria “não resposta” para escolaridade da mãe;
- Categoria “consultor/gestor” para profissão do avô;
- Categoria “público” para onde trabalham os alunos formados;
- Categoria “nunca” para consumo de alimento saudável.

Após a retirada dos indivíduos que pertenciam a algumas categorias, ainda foi necessário que incluíssemos a categoria “consultora/gestora” (trabalho da mãe) juntamente

com a categoria “profissional liberal”. Ao final, o banco de dados utilizado na análise contou com a presença de 143 respondentes.

Nota-se que apenas a categoria “academia” (carreira acadêmica) da variável grupo profissional (em que trabalham os alunos formados) apresentou frequência abaixo de 5%. No entanto, como essa categoria é importante para a análise e não pode ser agrupada com outra, optamos por mantê-la.

Como realizamos uma Análise de correspondência múltipla (ACM), o percentual de variância explicado por cada eixo não deve ser utilizado para definirmos o número de fatores na análise. Uma alternativa comumente empregada é a de analisar a estrutura de decrescimento dos autovalores. Em tal caso, os eixos cujos autovalores não se enquadram na forma “regular” de decrescimento do histograma dos autovalores devem ser analisados. Analisando a Tabela E (no apêndice dois), notamos que obtemos a forma sugerida “regular” de decrescimento a partir do segundo eixo. Por consequência, usamos as duas primeiras dimensões na análise.

Na Tabela F (no apêndice dois), temos as respectivas massas, inércia (inércia) e qualidade para cada categoria estudada. Verificamos que os valores para massa variam entre 0,0026 e 0,0559 e para inércia entre 0,0024 e 0,0223, sendo que a categoria “não” para livros de literatura apresentou o menor valor para massa e maior para inércia. Embora essa categoria tenha se destacado, ela não estava entre as que apresentavam as menores frequências.

Dentre as medidas de qualidade, dado que temos  $p = 59$  classes, precisamos minimamente de um valor igual a  $1/59 = 0,0169$ . Considerando esse valor base, as únicas classes que não foram muito bem explicadas pelas duas dimensões utilizadas foram “funcionário público” e “consultor/gestor” para trabalho do pai, “patrão” para trabalho da mãe, tipos de peças “brasileiras” e “*stand up*”, renda do pai “entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00”, “não respondeu” para música clássica, “sim” e “não” para livros de literatura e “bancos e finanças” para local de trabalho dos alunos formados.

Quanto à Tabela G (no apêndice dois), suas informações exibem quanto cada categoria contribui para a explicação da variabilidade total (inércia) de cada uma das dimensões escolhidas. Na dimensão 1, as classes “fundamental e médio” para escolaridade do pai e da mãe, renda da mãe “abaixo de 2.000”, “trabalha em casa” para trabalho da mãe, “técnico” e “profissional liberal” para trabalho do pai, renda do pai “abaixo de 2.000” e “acima de 10.000” e tipos de peças que assiste “Broadway/internacionais” foram os que mais contribuíram.

Já na dimensão 2, as categorias que mais contribuíram foram “alunos antigos”, “sim” para música clássica, “ensino básico” para titulação do avô, “não respondeu” e “patrão” para profissão do avô, “às vezes” para consumo de alimento saudável, “não” para revistas culturais e “dona de casa” para trabalho da mãe.

Observamos também que as categorias renda do pai “entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00”, “não” para livros de literatura, a que tipo de peças assistem, “brasileiras” e “patrão” para trabalho da mãe apresentaram pouca contribuição em ambas as dimensões. Tendo-se em consideração que quanto maior o valor da contribuição, maior o “desvio” do ponto em relação à hipótese de independência, temos que essas últimas categorias possivelmente não estão associadas a nenhuma outra.

A Figura abaixo apresenta o cruzamento entre as duas dimensões analisadas, cujas coordenadas estão dispostas na Tabela G (no apêndice dois). Esse gráfico mostra a associação entre as categorias presentes na análise, sendo que quanto mais próximas estão as classes, maior a presença de associação. Além disso, categorias que estão ao centro tendem a não serem associadas a alguma outra. Ao analisarmos as categorias mais próximas, verificamos associação entre seis grupos principais:

1- Mãe trabalha em casa, nível fundamental e médio para escolaridades dos pais, mãe e pai trabalham como técnicos e renda da mãe e do pai inferior a R\$2.000,00;

2- Associação entre alunos recém-formados, prática de esportes básicos, trabalha em bancos ou finanças, lê livros de literatura e não lê revistas culturais, come alimentos saudáveis às vezes e não resposta para os seguintes itens: titulação e profissão do avô, música clássica, tipo de peças de teatro, onde trabalha atualmente, trabalho dos pais e prática de esportes;

3- Alunos antigos, nível básico para titulação do avô, avô era patrão, prática de esportes ao ar livre, ouve música clássica e trabalha na academia atualmente;

4- Pai patrão e renda entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00;

5- Lê revistas culturais às vezes, come alimentos saudáveis frequentemente, *stand up* como tipo de peça que frequenta, trabalha na indústria atualmente e o avô era técnico;

6- Nível de escolaridade da mãe e do pai universitário, renda da mãe entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00 e entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00, renda do pai acima de R\$10.000,00 mãe funcionária pública ou profissional liberal, pai consultor/gestor, funcionário público ou profissional liberal, avô funcionário público ou profissional liberal com titulação universitária, consome alimentos saudáveis frequentemente e lê revistas culturais às vezes ou frequentemente, assiste peças da Broadway/internacionais ou *stand up comedy*, não resposta



tem como profissão o empresariado (pequenas empresas e comércio), as peças de teatro escolhidas são as brasileiras e não leem literatura e os alunos praticam esportes básicos com bola (futebol, vôlei, basquete, handebol). Esse quadrante, nessa análise, está associado aos ex-alunos que, atualmente, trabalham com bancos e finanças.

Um dado interessante é o de que, na análise anterior, os alunos que escolhiam como profissão dos sonhos trabalhar na área de banco e de finanças (normalmente os mesmos que escolhiam finanças escolhiam consultorias também) se destacavam por seus altos capitais culturais e econômicos. No entanto, observamos que entre os 22 alunos (recém-formados) que gostariam de trabalhar com finanças como carreira dos sonhos, apenas sete deles foram realmente trabalhar com finanças, os outros sete foram trabalhar na área de consultorias e os outros oito não conseguiram trabalhos nessas áreas e, conseqüentemente, foram trabalhar no chão de fábrica em setores industriais. Esses últimos eram justamente os que não tinham um alto capital cultural e financeiro. Em suma, temos que os alunos que escolheram a área de finanças como profissão dos sonhos e que tinham capitais simbólicos altos conseguiram ir para área de finanças ou consultorias.

Já no quadrante superior esquerdo (que era o quadrante com maior capital cultural na análise anterior), temos as seguintes composições e associações: titulação do avô universitária, são funcionários públicos e profissionais liberais, o pai dos alunos trabalha como profissional liberal, a mãe trabalha como funcionária pública, profissional liberal, consultora e gestora e elas recebem entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00. Sobre o capital cultural, os esportes destacados são os com equipamentos distintos (tênis, equitação, escalada, atletismo, golfe, squash e polo aquático) e esportes médios (academia, musculação, ginástica, yoga e natação). Comem alimentos saudáveis com frequência, assistem às peças da Broadway. Leem revistas culturais às vezes e frequentemente. Esse quadrante está associado aos ex-alunos que trabalham como consultores atualmente.

É interessante ressaltar que dos 52 recém-formados que escolhiam a carreira da consultoria como carreira dos sonhos na outra análise (representados pela maior parte com capital econômico médio e cultural mais baixo), apenas 23 deles conseguiram trabalhar na área de consultorias, seis deles foram para área de finanças e os 23 restantes foram para outras áreas (em boa parte para indústrias nas áreas voltadas para o chão de fábrica). Em suma, os que realmente conseguiram ir para as áreas de consultorias são os que têm capital cultural mais alto.

Concluimos, portanto, que os alunos que tinham capitais culturais e econômicos mais altos são os que conseguem realmente ocupar espaço entre as ocupações de bancos,

finanças e de consultorias. Ainda assinalamos que os capitais culturais mais altos estão associados aos que atuam como consultores e um capital médio é associado aos que atuam na área de finanças e bancos (o que já era esperado, pois a literatura discutida aponta que o cargo de consultor necessita de um maior capital cultural para ser desempenhado).<sup>181</sup>

### **5.13 Breves apontamentos sobre a questão partidária**

Pensamos ser propícia a discussão sobre a preferência dos partidos políticos, pois a nossa hipótese inicial se confirmou: a maioria dos ex-alunos da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade Politécnica de São Paulo dão preferência para partidos de direita e os alunos a universidade particular, apesar as poucas respostas, voltam-se aos partidos de esquerda. De acordo com Veiga (2007), os eleitores dos partidos de direita possuem uma renda mais elevada e uma classe social mais alta e os eleitores de partidos de esquerda (a sua maioria entre os anos 2002 e 2006) possuem rendas mais baixas e classes sociais mais baixas.<sup>182</sup>

Analisando somente os gráficos de análise de correspondência múltipla da UFSCar, encontramos a seguinte distribuição no primeiro gráfico: os pais que recebem mais de R\$10.000,00 têm filhos que partidários de centro, os que recebem entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00 têm filhos que partidários de direita e os que recebem entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00 são partidários de esquerda.<sup>183</sup>

Na segunda análise de correspondência múltipla, temos que a maior parte dos ex-alunos que escolheram a opção profissional de trabalhar nas indústrias, principalmente junto ao chão de fábrica, não são partidários de direita (escolhendo a opção de partidos da esquerda

---

<sup>181</sup> Apesar de todas essas constatações, é muito importante fazer sempre uma análise crítica dos acontecimentos e dos dados e relativizá-los quando for necessário. Por isso, recorreremos à fala de Pierre Faguer, em palestra no Brasil, quando o autor aponta que não são todos os indivíduos de classe alta que irão ascender, nem todos os de classe operária que permanecerão operários. Todos os indivíduos passam por processos de desclassificação em algum momento de sua trajetória, assim como todas as instituições têm suas taxas de perdedores. Essa afirmação nos desvincula da crença de que exista um único padrão de trajetória para as diferentes frações de classes.

<sup>182</sup> De acordo com o Instituto Data Folha e com as pesquisas sobre o perfil dos eleitores, no ano de 2014, temos que quanto maior a classe social maior a tendência de votar em partidos de direita e conservadores e quanto menor a classe social maior a tendência de se votar em partidos de esquerda.

<sup>183</sup> Baseamo-nos em Coradini (2012) para classificar os partidos de direita, esquerda e centro. Sendo assim os de direita são: PSDB, PRB, PP, PTB, PSL, PTN, PSC, PR, PPS10, DEM, PSDC, PRTB, PHS, PMN, PTC, PRP, PtdoB, os de centro são: PMDB, PSD foram classificados como centro; e os de esquerda são: PDT, PT, PSB, PV, PSOL, PPL, PC do B.



ou de centro). Já os alunos que têm como profissão dos sonhos as consultorias (sabemos que a maior parte deles não consegue alcançar essa escolha profissional) são partidários de direita. Temos, em vista disso, uma tendência que caracteriza tanto a classe social quanto a ocupação dos engenheiros de produção no que diz respeito ao seu partidarismo político.

A nossa preocupação em questionar os engenheiros de produção sobre suas preferências partidárias se justifica para que possamos verificar qual o tipo de relação que é estabelecida entre eles e a política no país, uma vez que acreditamos na afirmação de Loureiro (2002) de que, no Brasil, os interesses de Estado sempre coincidiram com os interesses das elites dominantes. Sabe-se também que o Estado dita as normas sociais, mas não sabemos até que ponto esses agentes intermediários influenciam as ações políticas e as políticas públicas voltadas para economia.

Questionamos os alunos antigos sobre o fato de o Estado ser relevante ou não para a sua atuação profissional. A maior parte deles ressalta a importância do Estado para suas profissões. Os destaques citados seguem para: a influência da política monetária para a definição das taxas de juros, controle da inflação, liquidez do sistema econômico, a necessidade ou não do capital de giro, os empréstimos a curto e médio prazo, subsídios estatais, ações que alteram o câmbio, o aumento do mercado para a prestação de serviços especializados, as altas cargas tributárias para os empreendedores, crédito de investimentos, ocupação, desemprego e aquecimento da economia, as taxas de juros, o empecilho do Estado burocrático que impacta o desenvolvimento de projetos e os impostos que podem acelerar ou não a produção. Em suma, vários tipos de regulações ligadas ao sistema financeiro são citadas.

Por isso, conseguimos constatar a importância e a dependência desses profissionais com relação ao Estado. Mas uma questão ainda paira no ar: qual seria o papel desses intermediários para as políticas públicas de Estado, uma vez que esses consultores, indicam as decisões que as empresas e as organizações devem tomar, decisões essas que podem impactar ou performar<sup>184</sup> - ação social muito citada por Steiner (2010) - as políticas de Estado?

Nesse sentido, Mills (2012) indica a importância de pensarmos as elites e sua solidariedade intrínseca, ou seja, sua atuação de forma conjunta nas decisões nacionais e internacionais. Por isso, devemos conceituar que:

---

<sup>184</sup> Sobre o conceito de Performatividade ver Steiner (2010).

Les dirigeants et les riches ne forment pas deux groupes distincts e nettement séparés. Ils sont les uns comme les autres étroitement impliqués dans le système de propriété et de privilèges dans l'entreprise, et pour le comprendre, il faut comprendre les niveaux supérieurs de ce système de l'entreprise" (MILLS, 2012, p. 212).<sup>185</sup>

Apesar de Boltanski (1982) afirmar que muitos dos dirigentes franceses são partidários de direita e possuem uma postura mais passiva no que diz respeito às mudanças radicais dentro da empresa (postura que seria inversa às posturas mais radicais e reivindicadoras dos dirigentes partidários de esquerda), acreditamos que existe uma ação por parte desses indivíduos que devem ser analisadas através de estudos que se preocupem com a temática da relação das elites financeiras com o Estado.<sup>186</sup>

#### **5.14 Análise de correspondência múltipla da Universidade Politécnica de São Paulo**

Inicialmente, as variáveis viagens, alimento saudável, vestimenta sóbria adequada, vestimenta audaciosa rebuscada e tipo de móveis apresentaram concentração de respostas em apenas uma categoria e, por não estarem entre as variáveis mais importantes, não as incluímos na análise.

Sabendo que existe a possibilidade de categorias com baixa frequência influenciar a obtenção e interpretação dos resultados, buscamos selecionar apenas categorias que apresentaram frequência superior a 5%. Dessa forma, excluímos uma categoria por vez, removendo sempre a categoria que apresentou o menor número de observações em cada retirada.

O processo de remoção foi iniciado com as categorias de “não resposta” que apresentaram menor número de observação, seguindo a ordem:

- Categoria “não resposta” para quantos automóveis o indivíduo possui;
- Categoria “não resposta” para classe social dos pais;
- Categoria “não resposta” para livros de literatura;
- Categoria “não resposta” para revistas culturais;

---

<sup>185</sup> Os líderes e os ricos não formam dois grupos claramente separados. Eles estão intimamente envolvidos no sistema de propriedade e privilégios dentro da empresa, e para compreendê-lo, temos de compreender os níveis mais elevados do sistema empresarial.

<sup>186</sup> Loureiro (2002) nos traz uma discussão de alguns autores sobre o patronato industrial brasileiro, os altos funcionários públicos bem como suas influências no processo democrático no Brasil. Entretanto, ela ressalta também a ausência de pesquisas sobre a relação entre as elites financeiras e o Estado.

- Categoria “não resposta” para sócio clube;
- Categoria “não resposta” para sexo.

Ainda, removemos a categoria “não sabe o que é titulação” para titulação do avô e as seguintes categorias:

- Categoria “técnicos” para trabalho do pai;
- Categoria “menor que 2.000” para renda do pai;
- Categoria “stand up” para tipo de peças de teatro;
- Categoria “alternativa” para tipo de música;
- Categoria “academia” para grande área;
- Categoria “consultora/gestora” para trabalho da mãe.

Após a retirada dos indivíduos que pertenciam às categorias citadas, ainda foi necessário incluir a categoria “consultor/gestor” (profissão do avô) na categoria “patrões”, a categoria “média/baixa” (classe social pai) na categoria “média” e criar a categoria “outros” (renda da mãe) contendo as categorias “patrões” e “técnicos”. Ao final, o banco de dados utilizado na análise contou com a presença de 61 respondentes.

Por meio das Tabelas apresentadas no apêndice dois, podemos observar as frequências finais para as variáveis analisadas. Pelos valores exibidos, notamos que algumas categorias como por exemplo, “não resposta” (renda pai), “ensino básico” (titulação do avô) e “brasileira” (tipo de música) apresentaram frequências baixas e muito próximas de 5%.

Como realizamos uma análise de correspondência múltipla (ACM), o percentual de variância explicada por cada eixo não deve ser utilizado para definirmos o número de fatores na análise, sendo que uma alternativa comumente empregada é a de analisar a estrutura de decrescimento dos autovalores. Nesse caso, devem ser analisados os eixos cujos autovalores não se enquadram na forma “regular” de decrescimento do histograma dos autovalores. Analisando a Tabela H, notamos que obtemos a forma “regular” de decrescimento sugerida a partir do segundo eixo. Sendo assim, usamos as duas primeiras dimensões na análise.

Na Tabela I, temos as respectivas massas, inércia (inércia) e qualidade para cada categoria estudada. Verificamos que os valores para massa variam entre 0,0021 e 0,0389 e para inércia entre 0,0013 e 0,0179, sendo que as categorias com as menores frequências, ou seja, “não resposta” (renda pai), “ensino básico” (titulação do avô) e “brasileira” (tipo de música), apresentaram os menores valores para massa e maiores para inércia.

Constatamos a influência das categorias com baixas frequências através das coordenadas em cada dimensão apresentadas na Tabela K, cujo valor da categoria “ensino básico” (titulação do avô) apresentou menor valor na dimensão 1 e da categoria “brasileira” (tipo de música) maior valor na dimensão 2 e também pela maior contribuição à inércia apresentada pela categoria “brasileira” na dimensão 2 (Tabela J).

Para solucionarmos esse problema, optamos por utilizar as duas variáveis que apresentaram as categorias problemáticas como variáveis suplementares. Por isso, os resultados que serão apresentados foram obtidos a partir do mesmo banco de dados da análise anterior, mas com a utilização das variáveis música e titulação do avô como suplementares. Por meio da Tabela , verificamos que existe uma queda no valor do autovalor da primeira para a segunda dimensão e que, a partir do segundo eixo, obtemos a forma “regular” de decréscimo dos autovalores. Dessa forma, usamos as duas primeiras dimensões na análise dos dados.

Analisando as variáveis ativas primeiramente, apresentamos na Tabela M apresenta as respectivas massas, inércia (inércia) e qualidade para cada categoria estudada. Os valores para massa variam entre 0,0022 e 0,0417 e para inércia entre 0,0017 e 0,0198, sendo que a categoria “NR – não sabe/não respondeu” para renda do pai apresentou o menor valor para massa e maior para inércia. Como vimos anteriormente, essa categoria apresenta baixa frequência, mas pelo valor das coordenadas apresentadas (-0,2010 na primeira e -0,9033 na segunda) bem como pelo valor de contribuição à inércia em cada dimensão na tabela N (0,0005 na primeira e 0,0131 na segunda) não há influência nos resultados nesse caso.

Dentre as medidas de qualidade, dado que temos  $p = 70$  classes na análise, nós precisamos minimamente de um valor igual a  $1/70 = 0,0143$ . Considerando esse valor base, as únicas classes que não foram muito bem explicadas pelas duas dimensões utilizadas foram “nunca” para caminhadas e “sim” e “não” para livros técnicos.

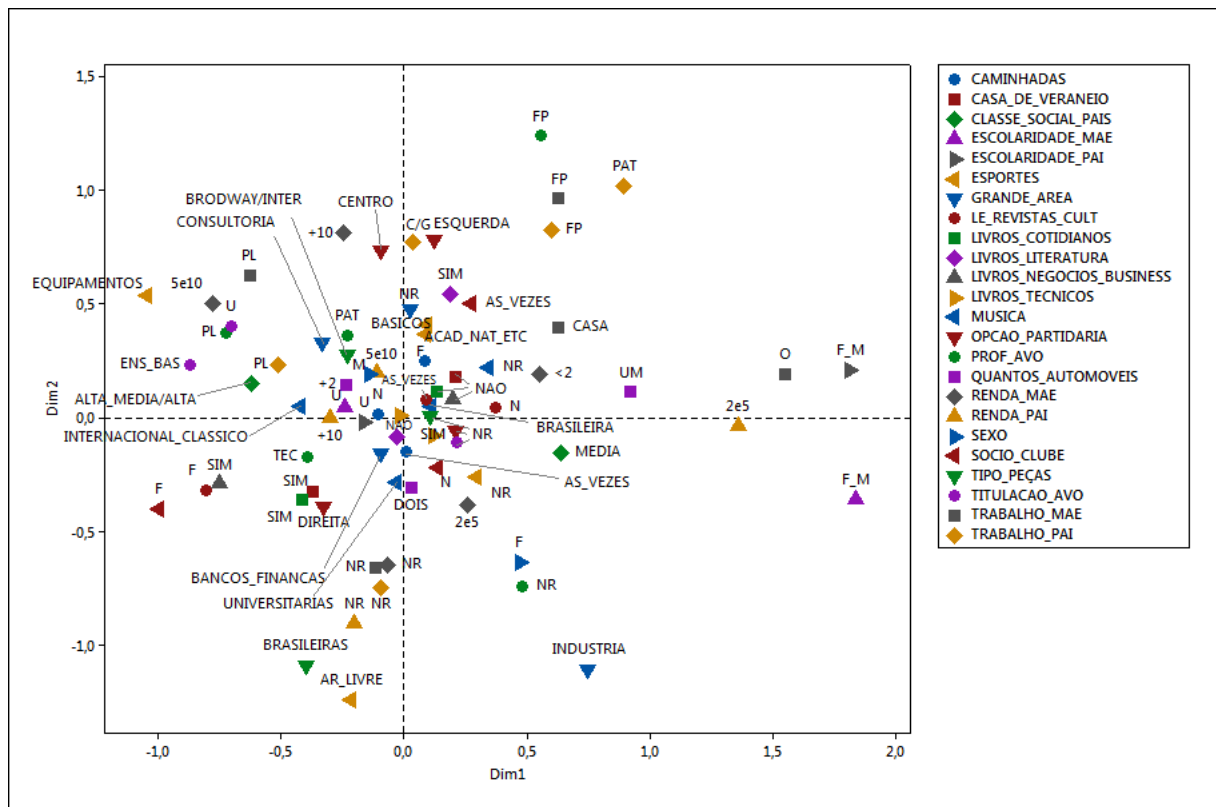
Os valores apresentados na Tabela M expõem quanto cada categoria contribui para a explicação da variabilidade total (inércia) de cada uma das dimensões escolhidas. Na dimensão 1, as classes “fundamental e médio” para escolaridade do pai e da mãe, renda do pai “entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00” e classe social pais “média” e “alta ou média/alta” foram os que mais contribuíram. Já na dimensão 2, as categorias que mais contribuíram foram “NR – não sabe/não respondeu” e “patrão” para trabalho do pai, “NR – não sabe/não respondeu” e “funcionário público” para profissão do avô, “NR – não sabe/não respondeu” para trabalho da mãe, “ar livre” para esportes e “indústria” para área profissional. Por outro lado, as categorias que já foram citadas com menor qualidade (“nunca” – caminhada e “sim” e “não” – livros

técnicos) apresentaram pouca contribuição em ambas as dimensões. Considerando que quanto maior o valor da contribuição, maior o “desvio” do ponto em relação à hipótese de independência, temos que essas últimas categorias possivelmente não estão associadas a nenhuma outra.

Quanto às categorias suplementares, podemos observar na Tabela P, que apenas a categoria “brasileira” (tipo de música) apresentou valor para qualidade abaixo de 0,0143, indicando que todas as demais foram bem explicadas pelas duas dimensões.

A próxima figura abaixo apresenta o cruzamento entre as duas dimensões analisadas, cujas coordenadas estão dispostas nas Tabelas O (variáveis ativas) e Q (variáveis suplementares). O próximo gráfico mostra a associação entre as categorias presentes na análise, sendo que quanto mais próximas estão as classes, maior a presença de associação. Além disso, categorias que estão ao centro tendem a não estar associadas a outras.

**Figura 58 - Análise de correspondência da USP**



Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Pela posição das categorias, observamos associação mais forte entre as seguintes classes:

1) Ensino fundamental e médio para escolaridade dos pais, outros (patrões e técnico) para trabalho da mãe e renda do pai entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00;

2) Pai patrão ou funcionário público e mãe e avô funcionários públicos;

3) Renda da mãe acima de R\$10.000,00 opção partidária de esquerda ou centro e pai consultor/gestor;

4) Não sabe/não respondeu a área profissional, pratica esportes básicos ou faz academia, natação, etc.; frequentemente faz caminhadas e vai ao clube às vezes;

5) Não lê livros de negócios ou business, não lê livros cotidianos as vezes ou nunca lê revistas culturais, não tem casa de veraneio, não respondeu sobre os tipos de peças que frequenta, renda da mãe menor que R\$2.000,00 e mãe trabalha em casa;

6) Não lê livros de literatura, nunca frequenta o clube, às vezes faz caminhada, ouve músicas universitárias, grande área bancos e finanças, salário da mãe entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00 possui dois automóveis e não respondeu sobre a prática de esportes, titulação do avô e a opção partidária;

7) Sexo feminino e não resposta para profissão do avô;

8) Não resposta para renda da mãe e trabalho dos pais, prática de esportes ao ar livre e tipo de peças de teatro brasileiras;

9) Avô técnico, opção partidária de direita, lê livros cotidianos e possui casa de veraneio;

10) Vai ao clube, lê revistas culturais frequentemente assim como livros de negócios ou business;

11) Tipo de música internacional clássica, renda do pai entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00 ou acima de R\$10.000,00, mais de dois carros, nível de escolaridade dos pais universitário, sexo masculino, avô patrão, frequenta teatros da Broadway/internacionais e consultoria para área profissional;

12) Ensino básico e universitário para titulação do avô, renda familiar alta ou média/alta, pai, mãe e avô profissionais liberais, pratica esportes de equipamentos e renda da mãe entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00.

Notamos também que a classe média e um automóvel apresentaram-se associados às categorias relacionadas à renda e ao nível de escolaridade mais baixos.

No geral, verificamos que a primeira dimensão separa principalmente as variáveis associadas à renda, ao nível de escolaridade, ao trabalho dos pais, à titulação, à escolaridade

do avô, à classe social e ao número de veículos. As coordenadas positivas foram para os níveis fundamental e médio de escolaridade dos pais, para os valores mais baixos de renda, para a classe média, para um automóvel, para as profissões da mãe (funcionária pública, dona de casa, patroa ou técnica), para a ocupação do pai (patrão ou funcionário público) e para o trabalho do avô (funcionário público). Por outro lado, as coordenadas negativas se voltaram principalmente aos esportes de equipamento, à renda mais alta, à classe social alta ou média/alta, à detenção de mais de dois carros, ao ensino básico e universitário para titulação do avô, à mãe, ao pai, ao avô profissional liberal, às idas frequentes ao clube, à leitura de livros culturais e de livros de negócios ou business.

Quanto à segunda dimensão, observamos que ela principalmente discrimina a opção partidária, com valores positivos para centro e esquerda e negativos para direita, as pessoas que não responderam o trabalho e renda dos pais, as que praticam esporte ao ar livre e as que assistem peças brasileiras.

Vale ressaltar que as categorias “nunca” para caminhada e “sim”/“não” para os livros técnicos não foram explicadas pelas duas dimensões, além de não se mostraram associadas nenhuma à outra.

### **5.15 Analisando o gráfico sociologicamente**

Nessa análise de correspondência múltipla, escolhemos as profissões reais dos alunos formados, uma vez que analisamos que suas escolhas dos sonhos estão em consonância com suas escolhas reais. Portanto, estão como capital cultural a classe média alta ou alta que trabalha na área de consultoria os alunos homens, a renda do pai entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00 e acima de R\$10.000,00, a obtenção de mais de dois automóveis, a escolaridade universitária da mãe e do pai, a pai que é profissional liberal, os avós empresários, a escolha de músicas internacional/clássicas, as peças internacionais e as peças da Broadway . A opção partidária mais próxima desse quadrante é a opção centro e, dentro desse quadrante, também estão os esportes mais distintos.

No que diz respeito às escolhas profissionais dos alunos das finanças, elas se associam às seguintes variáveis: a não leitura de livros de literatura, a caminhadas às vezes, a escolha de músicas do tipo universitárias, a renda da mãe entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00, a renda do pai superior a R\$ 10.000,00, a ausência de resposta sobre esportes, a ausência de opção partidária, a ausência de resposta sobre a titulação do avô, a profissão mais aproximada

de avôs técnicos, a leitura de livros técnicos, a escuta de músicas brasileiras, a leitura de livros cotidianos e a detenção de casas de verneio. Podemos concluir que os alunos que trabalham na área de finanças e na área de consultorias possuem um perfil muito próximo. A mudança mais significativa está associada aos marcadores culturais, cujos alunos consultores apresentam um capital cultural mais significativo. Com relação ao setor industrial, ele está bem afastado de todas as categorias e a que mais se aproxima dele é a opção sexual feminina. Isso nos traz realmente a constatação de que essa não é a escolha dos engenheiros de produção que se foram na USP.

Existe uma massa de categorias associadas aos alunos que não responderam onde estão trabalhando. Esses alunos ou não concluíram o curso, ou estão em intercâmbio, ou são estrangeiros. As categorias associadas a esses alunos que não responderam a profissão são as escolhas intermediárias: eles são sócios de clube às vezes, praticam esportes medianos (academia e natação, por exemplo), leem revistas culturais às vezes, fazem caminhadas às vezes, não leem livros de negócios, suas mães donas de classe com salário inferior a R\$ 2.000,00, a renda do pai que mais se aproxima é entre R\$5.000,00 e R\$10.000,00, a profissão do pai que mais se associa é a de funcionário público e de consultor/gestor, eles leem livros técnicos, não respondem a questão sobre as peças teatrais, leem literatura e estão mais próximos dos partidos de esquerda. Enfim, as variáveis que definem esse grupo são as ligadas à classe média, sendo que a maioria deles respondeu que pertence a essa classe – o que confirmam a nossa constatação.

Apuramos, portanto, que as profissões de consultoria e de finanças estão associadas aos altos capitais econômicos, sendo os alunos de classe média alta ou classe alta os que optam pela escolha da consultoria e os que possuem um capital cultural um pouco mais elevado do que aqueles que optam pelas finanças. Os alunos que ainda não terminaram o curso estão associados à classe média e às profissões de classe média por fazerem intercâmbio ou outras atividades. Normalmente, os que possuem classe mais alta já estão empregados no mercado de trabalho.

### **5.16 Os três polos institucionais com múltiplas polarizações**

Nessa pesquisa, visualizamos três universos dos quais os engenheiros de produção podem fazer parte através de três instituições de ensino superior. Um deles é de grande tradição e se relaciona de forma mais próxima da cultura legítima (Universidade Politécnica



de São Paulo). O segundo universo é vanguardista e se relaciona fortemente com a cultura média (Universidade Federal de São Carlos). Por último, há o terceiro universo que não apresenta nem tradição e nem vanguarda, se posiciona muito distante da cultura legítima, caracterizado por uma baixa cultura ou “cultura técnica” (universidade particular).

Existe, portanto, uma contradição inscrita dentro dessas três instituições, nas quais, simultaneamente, uma delas pode carregar o slogan da Revista Exame (2013) “**Os diplomas que formam mais milionários; engenharia é o primeiro**”, enquanto a outra opostamente transporta o *slogan* do “blogue da engenharia”, muito citado pela mídia que ressalta que “**o mercado aquecido sente falta de profissionais**”.

O último slogan falacioso mostra, na verdade, que o mercado sofre a falta de profissionais ditos “qualificados” (que falem inglês fluentemente, com espírito de liderança, com domínio de alguns softwares), ou melhor, sofre a falta de indivíduos capacitados ou que se aproximem da cultura legítima. Por isso, parte dos engenheiros (muito provavelmente graduados em escolas de baixo renome) reclama da falta de oportunidade, falta de emprego e afirma em canais como o “blog da engenharia” que “está mais fácil dar aulas de matemática ou física”. Quando não constatamos esse tipo de queixa, observamos que os engenheiros se digladiam nos comentários dos artigos do blog, ressaltando a falta de oportunidades e, ao mesmo tempo, evidenciam os motivos pelos quais não são contratados em seus erros de português: estão justamente embaixo de seus “narizes”, ou melhor, embaixo dos teclados de seus computadores.

A situação se agrava mais ainda quando a mídia lança manchetes sobre a falta de engenheiros no mercado de trabalho e sobre os altos salários pagos aos engenheiros (tentando motivar esse grupo). Essa medida performativa da imprensa acaba fazendo com que mais indivíduos entrem nos cursos de engenharia em busca desse emprego dos sonhos, porém eles acabam ficando desempregados ou se conformam com empregos de baixos salários. Essa realidade frustrante se justifica, muitas vezes, porque eles adentram faculdades particulares, de onde saem com baixa “qualificação” e com seus diplomas sem o nome de uma *grande école*, fator que é agravado se somarmos seus baixos capitais econômicos e culturais.

Remetemo-nos, aqui, ao que Collins (1979) denomina que ocorre como credencialismo inflacionário, que seria justamente quando a credencial, ou no caso, o próprio diploma perde o valor frente aos inúmeros diplomas que vão surgindo e essa inflação gera cada vez mais indivíduos com menos vantagem no mercado de trabalho.

Nesse caso, Bourdieu ainda assinala que a importância que esses indivíduos ou grupos sociais dão para seus diplomas<sup>187</sup> (a supervalorização de seus diplomas ao em vez de enxergarem a verdade objetiva) os direcionará à desclassificação. Esta *allodoxia*<sup>188</sup> é o que justamente caracteriza a cumplicidade dos desvalorizados para com sua posição de desvalorização.<sup>189</sup> Dentro desse jogo de desvalorização, existe a contrapartida da valorização do diploma. Esse reconhecimento se dará também devido a alguns mecanismos de reprodução social. Os últimos podem ser caracterizados através da herança, ou da transmissão de disposições imanentes (o politécnico filho do politécnico, o metalúrgico filho do metalúrgico). Todavia, a transmissão da herança do pai para o filho não completa o ciclo de sucessão, a escola tem um papel muito importante nesse processo: o da conservação social.

Então podemos dizer que se retoma a questão do “engenheiro que virou suco” nos anos de 1980, contudo, com uma nova roupagem, que vai além de um período de recessão nos anos 80. Vemo-nos em face da ideia de que a falta de qualificação é realmente o motivo pelo qual esses engenheiros continuam à beira do desemprego e, muitas vezes, realizando trabalhos subalternos. A presente pesquisa nos dirige, através de nossos dados, à afirmação de que essa falta de qualificação é mascarada e, na realidade, tem como elementos fundamentais a questão da origem social dos indivíduos, seus capitais culturais institucionalizados e suas habilidades simbólicas.

Podemos ir ainda um pouco mais longe dessa discussão, quando afirmamos que os engenheiros que ficam à beira do desemprego e em situações vexatórias no mercado competitivo fariam parte do que se chama de “nova classe média” ou dos “batalhadores”, como ressalta o estudioso Jessé Souza. A nova classe média, de acordo com Neri (2011), está situada entre os salários de R\$ 1.315,00 e R\$5.672,00. Essa faixa de renda é a que encontramos em nossos entrevistados da universidade particular. No entanto, para fazer jus ao estilo de vida de classe média, Uchoa (2013) aponta que existem pré-requisitos mínimos para

---

<sup>187</sup> É importante lembrar da reflexão de Dubet, Bellat e Véréout (2010) quando assinalam que quanto maior a influência do diploma, maior e mais marcadas são as desigualdades escolares e quanto mais esses diplomas são importantes, mais as pessoas e as famílias o buscam por meio da competição para obter as vantagens diferenciais advindas da obtenção deles.

<sup>188</sup> Tomar uma opinião por outra (na fala de Bourdieu, classificar a Valsa de Strauss como música clássica por exemplo).

<sup>189</sup> No caso da presente pesquisa, os indivíduos que buscarão fugir da desclassificação dada tanto por fatos sociais encadeados em um processo histórico (crise do fordismo, crise da gerência e o início do processo de governança corporativa esclarecidos na primeira seção) ou pela ausência de capital social ou cultural irão redefinir suas profissões a partir do campo de abertura que seu diploma pode fornecer a essas profissões.

ser membro da parte da dada “classe média sociológica”, tais quais: [...] casa própria com padrões de habitação elevados, com chefes com acesso a crédito, detentores de educação universitária e planos privados de saúde, cujos filhos em idade escolar frequentam escolas particulares.

Na pesquisa do autor, passa-se, portanto, a analisar os domicílios brasileiros com relação à essa faixa de renda e percebe-se que os requisitos mínimos de qualidade de vida que designam a dada “classe média” não são encontrados. Ou seja, através da pesquisa nos domicílios brasileiros percebe-se que a maior parte das residências são casas próprias, mas são somente 35% dos chefes de família que possuem cartão de crédito, somente 28% possuem plano de saúde privado, 7,8% possuem educação superior e 82% dos filhos que estudam estão na rede pública de ensino. Portanto, vemos que a chamada “nova classe média” não possui os requisitos para ser chamada de classe média.

Outro agravante com relação à essa fração de classe é dispor de pouco capital econômico, cultural e social familiar como constatamos em nossa análise. Apesar dessa fração de classe ter aumentado seu acesso a bens de consumo, os capitais culturais e estilos de vida não são típicos de uma classe média. Nesse sentido, retomamos Souza (2013) e nós assinalamos, apoiados na reflexão de Pierre Bourdieu, que o capital econômico é um importante atribuidor de vantagens sociais para os indivíduos, no entanto ele não caminha por si só. Dessa forma, Souza, afirma que:

Assim, uma família de classe média, que tem menos capital econômico que a classe alta, só pode assegurar a reprodução de seus privilégios se a família possui algum capital econômico para comprar o tempo livre dos filhos, que não precisam trabalhar cedo como os filhos das classes populares, para o estudo de línguas ou de capital cultural técnico ou literário mais sofisticado. (SOUZA, 2013, p.58)

Logo, o autor continua afirmando que as classes médias reais vão possuir esse capital cultural que irá lhes permitir ter alguns privilégios, irão “chegar como vencedores” à escola e ao mercado de trabalho e ocuparão espaços que as classes de trabalhadoras, e até mesmo a dita ralé social, não podem alcançar. É o que visualizamos entre os alunos da Universidade Federal de São Carlos e os alunos da Universidade Politécnica de São Paulo.

Nesse sentido, nosso trabalho se estende ao afirmarmos que a simples detenção de um capital cultural não é suficiente para obter alguns cargos no mercado de trabalho, mas sim o volume e o tipo específico de capital cultural detido. Assim é o caso dos engenheiros de produção da Universidade Politécnica de São Paulo, detentores de um volume de capital cultural maior do que o dos alunos da UFSCar e possuidores de outros tipos de capital

cultural: o marcador de tomada de posição (distanciamento dos “outros” e legitimação da distinção), a desenvoltura, o poder de retórica e convencimento na área dos negócios e um alto capital social<sup>190</sup>. Os capitais sociais dos alunos uspianos são marcados por seus contatos, que delineam a sua proximidade com a cultura legítima desde sua entrada no vestibular até a ocupação dos melhores cargos nos setores mais prestigiosos no setor das finanças (como é o caso das consultorias e do mercado financeiro).

O rico sem capital cultural não consegue ir muito longe, como relata Souza (2013, p.59) com grande destreza:

Ao “rico bronco” estão vedadas não apenas as importantes relações entre o capital econômico e o capital cultural, o qual possibilita a “naturalidade”, a “leveza”, o “charme pessoal”, tão importante no mundo dos negócios como em qualquer outro lugar. Mas a ele estão vedadas também as relações com uma terceira forma importante de capital - ainda que secundária em relação aos estudados anteriormente - que é o “capital social de relações pessoais”.

Voltando aos nossos entrevistados da universidade particular, eles estariam em uma situação intermediária. A ralé social, apontada por Souza (2013), disporia da ausência de capitais e de estruturas cognitivas, emocionais, de um capital familiar propriamente dito para sustentar o indivíduo em um mercado competitivo. Já os trabalhadores, denominados pelo autor como batalhadores, deteriam minimamente um capital técnico para competirem no mercado de trabalho.

Do outro lado, são encontradas as classes médias, detentoras do capital cultural (aqui incluímos classe média e média alta), mas assinalamos novamente que se faz necessário estudar e aprofundar os estudos sobre essas diferentes frações de classe ao em vez de privilegiar de forma unívoca a esfera dos indivíduos que adentram o espaço das universidades públicas e possuem ensino superior. Mais uma vez, constatamos o quanto o volume do capital cultural e a sua sofisticação em outras direções (marcadores de tomada de posição e habilidades simbólicas) são importantes para distinguir frações de classe que, muitas vezes, passam como se fossem homogêneas pela maioria dos estudos brasileiros.

Por isso, caminhamos para além da análise de Souza (2013) que afirma que para se adequar aos setores competitivos tem-se que adquirir as “formas de conhecimento e de

---

<sup>190</sup> Assinalamos aqui a existência de três hipóteses que Granovetter (2005) trabalha sobre os “capitais sociais ou, as redes sociais:” 1- Muitas pessoas conseguem empregos através de seus contatos e não somente através dos meios formais. 2- As redes sociais aumentam a possibilidade de se encontrar trabalhos com bons salários e melhores oportunidades. 3-Os melhores contatos são os mantidos pelos laços fracos (uma vez que as informações advindas de laços fortes de contatos podem ser redundantes) e as novas informações são geradas por redes com membros mais dispersos (que sustentam os laços fracos).

capital cultural” que são pré-condições do próprio capitalismo para a ascensão social. Logo, afirmamos que para além do capital cultural como uma “entidade” homogênea, o volume, os tipos, a conformação, as ramificações dadas por esse capital cultural têm mais peso do que a própria noção de capital cultural como um “todo”.

### 5.17 Considerações finais

O nosso interesse em estudar as elites envolvidas no universo das finanças não se dá pura e simplesmente pelo desejo de decifrá-las, de perfilá-las, descrevê-las e analisá-las. O desejo de estudar esses intermediários dirigentes, que buscam fazer um curso superior dito de elite, se conecta à asserção de que a estrutura econômica mundial e o capitalismo financeiro necessitam desses dirigentes para impulsioná-lo e para contribuir com a “banalização do mal” como cita Hanna Arendt (ACCARDO, 2009).

Contudo, o universo das finanças necessita de uma hierarquia distinta de agentes, que dêem conta de cada pequena parte do processo. Por isso, vemos que são gerados engenheiros técnicos que servem para cumprir ordens industriais, engenheiros médios que lideram os *stakeholders* organizacionais e os engenheiros dirigentes que tomam decisões importantes no ramo das finanças mundiais dentro de um mesmo curso de engenharia de produção elitizado. Um mesmo curso que circunda as mesmas expectativas e desejos muitas vezes, mas que devido à força de cada instituição universitária e das disposições inscritas nesses agentes dissipa os desejos anteriores e os converge cada qual para um destino diferente.

O esquema hierárquico anterior se inscreve em uma luta e disputa dissimuladas entre os agentes sociais por uma posição cada vez mais próxima ao *podium*. Essa luta seria justa? Conseguimos averiguar, com a presente pesquisa que, mais uma vez, as preferências reveladas, ou preferências utilitárias, a escolha racional e a ação que se dá através de um *homo economicus* (como descrito na primeira seção da tese) existem, porém, muitas vezes, caminham acompanhados de outros elementos construídos socialmente que podem direcionar as preferências dos indivíduos para novos caminhos, de acordo com as suas disposições exteriorizadas na forma de *habitus*, contidas em seus gostos e estilos de vida. Todavia, não podemos dizer que esse caminho é fixo, endurecido e determinado. Ele é contido da subjetividade dos agentes através de suas estratégias, fabulações e processos cotidianos que podem ter real influência sobre essa lógica estrutural.

No entanto, o intuito desta tese era o de compartilhar uma proposição dentro da teoria da ação ou do senso prático por se aparelhar de uma metodologia primeiramente quantitativa. Essa ação ou senso prático são contidos dos princípios de “visão e divisão” (gosto) que encaminhavam o seguinte questionamento: As preferências por algumas áreas de atuação da engenharia de produção sofrem algum tipo de influência dos marcadores de origem social, cultural, econômico e sociais dispostos aos agentes sociais?

Para isso, na primeira seção, recorreremos a alguns conceitos que poderiam nos ajudar a clarear nossa proposição principal dentro do arcabouço da sociologia econômica e das finanças. Os conceitos como os de *rational choice*, de *homo economicus* e das preferências relevadas seriam refutados na tese, pois demos legitimidade ao conceito de *habitus* como o melhor mediador entre as práticas e a estrutura, além de apresentá-lo como a noção de que agrega sempre as práticas inventivas e de improvisação dos agentes bem como os conceitos dos capitais simbólicos e a origem social.

Para iniciarmos a investigação, na seção dois, procuramos mostrar como as preferências deixaram de ser direcionadas pela força da história social de cada nação e passamos a perceber com mais força o peso da origem social e dos capitais envolvidos nas escolhas e preferências dentro do curso de engenharia. Tais inclinações de predileção se conectavam à posição social ocupada pelos engenheiros. Posteriormente, buscamos mostrar como a engenharia de produção teria uma especificidade que se voltaria para gestão e se aliaria aos conhecimentos matemáticos dentro das demais engenharias, atribuindo contornos firmes para o perfil da profissão ideal para se ocupar cargos de dirigência que, muitas vezes, não exigem somente conhecimentos matemáticos, mas também conhecimento de negócios, práticas de gestão e administração na busca de soluções para problemas financeiros.

Ao final desta seção, tendo em vista a finalidade de discorrer sobre a formação e profissão dos engenheiros de produção, incorremos em analisar rapidamente a formação desses engenheiros a partir da grade de disciplinas cursadas. Esse intento era importante, pois a partir dele poderíamos verificar nossa primeira pista: saber se os currículos tinham influência sobre as escolhas futuras da posição que seria ocupada pelos engenheiros no mercado de trabalho. No entanto, verificamos que as grades curriculares das três universidades se aproximam e a grade da UFSCar possui mais disciplinas nas áreas financeiras e de empreendedorismo do que a Universidade Politécnica, além de constatamos que é justamente a Universidade Politécnica da USP a que possui menos disciplinas nessa área e que irá despontar à frente com a maior parte dos engenheiros de produção formados se dirigindo para a área de consultorias e finanças. Essa contradição nos leva a pensar nos

apontamentos da seção três: existem outros elementos que podem impulsionar a preferência dos alunos da Universidade Politécnica para tal área.

Na seção três, constatamos realmente que os alunos da Universidade Politécnica seguem para as áreas de finanças e consultorias, enquanto os alunos da UFSCar que gostariam de ir para área de consultorias, mas não conseguem adentrar outro espaço quando ocupam sua profissão real. Quanto aos antigos alunos da UFSCar, eles iniciam a carreira escolhendo a área industrial e, atualmente, continuam trabalhando em grande maioria nessa mesma área, relegando a opção da consultoria para o segundo plano. Em relação à universidade particular estudada, averiguamos que os alunos normalmente não têm outra opção a não ser a de se encaminhar para os ramos industriais. Observamos que os processos seletivos das grandes consultorias e empresas de finanças barram essas universidades na primeira etapa do processo seletivo, ao colhermos a entrevista de dois dos alunos da Universidade Politécnica de São Paulo (essas entrevistas se encontram na seção quatro). A segunda pista que seguimos na quarta seção foi a de analisar o capital econômico, as variáveis associadas a ele, a origem social das três universidades estudadas e averiguar qual delas possui o maior capital econômico, que seria um fato importante para a ocupação de cargos de dirigência.

Apuramos, portanto, que a Universidade Politécnica de São Paulo é a que possui o maior capital econômico e a origem social mais elevada entre as três universidades. Essa apuração poderia ter encaminhado esses alunos a uma maior abertura para trabalhar nas áreas de dirigência das consultorias e finanças, ramos que exigem a disposição social de um indivíduo de classe social elevada. Quanto aos alunos da UFSCar, há uma diferenciação: os alunos antigos possuíam um capital econômico menor do que os alunos recém-formados. Na Universidade Politécnica, observamos que os alunos mais antigos entrevistados possuem maior capital econômico e advêm de famílias quatrocentonas enquanto os seus recém-formados possuem um capital econômico menor.

Posteriormente, incorremos, ainda na seção quatro, em averiguar o capital cultural dos estudantes das três universidades, a fim de verificar a proposição de que os ramos das finanças e consultorias exigiam indivíduos com marcadores culturais e habilidades sociais mais elevadas. Por isso, confirmamos, mais uma vez, que os alunos da Universidade Politécnica de São Paulo possuem um capital cultural, habilidades sociais, disposições e tomadas de posição que os consagra e os qualifica para ocupar os cargos mais importantes na área das finanças.

Na seção cinco, amarramos nossas constatações iniciais com o uso da análise de correspondência múltipla. Assim, pudemos realmente verificar quais eram os capitais

associados aos indivíduos das duas universidades públicas, averiguamos a diferenciação contida dentro da própria UFSCar e observamos um maior distanciamento da cultura legítima e uma proximidade a uma cultura média dentro dessa universidade. Vimos, ainda, que os indivíduos que escolhiam a área industrial possuíam capitais econômicos e culturais mais reduzidos, à medida que os que escolhiam a área de finanças possuíam capitais econômicos e culturais mais elevados.

Para a Universidade Politécnica de São Paulo, verificamos que a maior parte dos alunos é de classe alta ou média alta, prefere trabalhar nos setores de consultorias e finanças, além de ser o grupo de estudantes que possui o maior custo benefício para suas carreiras. O setor industrial, por outro lado, ocupa uma posição bem distante das demais variáveis no gráfico, mostrando que esse tipo de setor não é escolhido pelos engenheiros de produção da Universidade Politécnica de São Paulo.

Confirmamos, então, a existência de um espaço social a partir de um sistema de relações próprias, as quais apresentam homologia, associação e correlação entre os capitais econômicos, culturais e a origem social com as preferências reais dos engenheiros de produção analisados na presente pesquisa. Todavia, não podemos nos esquecer que o espaço social está em constante movimento e a “fotografia” que tiramos e analisamos a partir da representação do real, que está em constante mutação.<sup>191</sup>

A partir dessa “fotografia” do espaço social, conseguimos mostrar qual o capital decisivo para o sucesso: capital cultural. Assim, pudemos visualizar como as estruturas cognitivas se ajustam às estruturas objetivas, ou seja, analisamos as preferências dos sonhos e as escolhas reais dos agentes. Conseguimos vislumbrar o jogo de dominação existente entre as três instituições. A partir da obtenção dos diferentes tipos de capitais, mapeamos a escolha das consultorias e finanças como uma estratégia das classes mais altas para perpetuarem seu *status quo*.

Outro fator relevante é que, no decorrer da produção da tese, surgiu a preocupação com alguns trabalhos ligados à temática desenvolvida, que ainda poderiam ser realizados para angariar o arcabouço dessa discussão em maior abrangência. O primeiro deles é a preocupação com trabalhos voltados para a área da temática racial, concernentes às profissões de elite, como é o caso da engenharia. A preocupação se justifica pelo fato de, apesar de haver a reserva de vagas para indivíduos negros em algumas universidades, especificamente para

---

<sup>191</sup> Insistimos nessa questão pois podemos nos deparar com atores cujas disposição não são unhas e podem se modificar com o passar de suas vidas, estes últimos, podem também ora acionar e ora não acionar tais disposições adquiridas. (LAHIRE, 1998).



esses cursos, o contingente de negros engenheiros nas universidades é ínfimo, sendo que não encontramos nenhum engenheiro que se auto afirme como negro em nossa amostra dentro das três universidades.

O segundo estudo que seria bastante relevante ligado a essa temática seria sobre a influência dos dirigentes intermediários nas políticas de Estado. Sabemos que o Estado é grande influenciador, atuando fortemente nos setores das finanças e nos cargos de dirigência. Entre, em contrapartida a esse fato, ou melhor, a influência desses dirigentes, frente às políticas de Estado e frente às possíveis políticas públicas, é um tema que necessita de pesquisas para compreendermos melhor como se conforma realmente o poder desses dirigentes quanto às questões políticas nacionais.

A terceira sugestão de pesquisa é a união das profissões dos grandes dirigentes no Brasil como a administração, economia, engenharia e direito. Justificamos essa proposta de estudo indicando que interconexão entre essas áreas de dirigência seria importante para mapearmos como se configura o processo de dominação entre os dirigentes relacionados a essas profissões, além colaborar para o detalhamento de como a lógica do empoderamento de uma profissão em detrimento da outra se configura no Brasil. Dessa forma, seria importante conhecer a relação desses dirigentes com as políticas de Estado bem como seria meritório estudar as suas reais intervenções no plano nacional. Ademais, julgamos elogiável indicar qual o espaço que elas realmente ocupam.

Para além das homologias posicionais<sup>192</sup> e para além do processo de reprodução social das universidades de renome em detrimento das universidades que não são de primeira linha, gostaríamos de pontuar alguns elementos sobre o impacto desta pesquisa em nível mais macro-social, o que pode ser considerado como sugestões de futuras pesquisas.

Primeiramente gostaríamos de atribuir grande importância a uma possível mudança no sistema educacional brasileiro, uma vez que as escolas públicas brasileiras estão colaborando para que o processo de reprodução social se perpetue quando não priorizam disciplinas ou ensinamentos voltados para construir ou melhorar o capital cultural dos alunos

---

<sup>192</sup> Sapiro (2013) faz a seguinte questão sobre o campo e as homologias: já que os campos se diferenciam a nível nacional, internacional e transnacional, não devemos fazer comparações? A autora responde que podemos fazê-las quando “falamos de níveis estruturais”, fundados nos princípios de homologias estruturais entre espaços sociais e campos. Porém, são “princípios de diferenciação própria de cada sociedade” que considera as mudanças, os jogos de força e as relações de dependência e moradia (recolhimento) que se dão na comparação do espaço entre campos (nacionais e supranacionais) ou no tempo (entre diferentes estados de um mesmo campo) que permitem o conceito abstrato de campo.” (SAPIRO, 2013, p.85) tradução nossa.

que entram com defasagens ligadas à origem social. Conseguimos averiguar que um dos elementos fundamentais para a “boa” formação cultural dos indivíduos foi o fato de eles terem estudado em colégios particulares e, assim, terem conseguido adquirir o mínimo exigido pelas profissões e cargos de dirigência. Em outras palavras, indicamos que eles tinham marcadores culturais medianos e apresentaram o desenvolvimento de algumas habilidades sociais, expressos na linguagem e no modo de se portar e comportar, o que pode ter sido um fator importante para suas alavancagens no mundo social, bem como elementos importantes em seus processos de reconversão.

Constatamos também ser afirmativa a proposição de que assim como Lebaron (2012) aposta na ciência econômica como uma formação que contribui para formatar uma ordem simbólica centrada no mercado, afirmamos que a engenharia de produção no Brasil sinaliza a socialização de agentes dominantes, (no topo hierárquico das universidades de prestígio) que servirão de referência para o mercado através de suas atuações profissionais, tais como consultores de gestão, e de finanças, diretores de grandes multinacionais.

Gostaríamos ainda de apontar a necessidade de mudanças urgentes nos conteúdos e aprendizados transmitidos pelas escolas particulares, pois o poder que elas detêm de priorizarem a dita “cultura legítima” deslegitima absolutamente todos os elementos sociais que se distanciam da mesma.

Em segundo lugar, não devemos isentar o papel do sociólogo, ou do pesquisador, ou do cientista que, muitas vezes - como cita Bourdieu em sua obra *Contrafogos*- não têm o dever de dizer o que está certo ou o que está errado, mas que podem sugerir aos demais intelectuais coletivos (artistas, escritores, cientistas, políticos) como funcionam os mecanismos de dominação. Desta maneira, teríamos uma acumulação de conhecimento sobre o social e, então, tentaríamos buscar conjuntamente formas de ação política e de mobilização contra as manifestações e mecanismos da dominação simbólica.

Sabemos que seria ingênuo sugerir o aniquilamento de todas as lutas simbólicas, mas talvez, como sugere o autor, poderíamos construir novas lutas, a partir da ciência, a partir das pesquisas, para que elas se tornem instrumentos de luta para não só tentar desestabilizar as crenças dominantes, mas para que, a partir de novas ideias, e do pensamento criativo, novos valores e axiomas sejam gestados, e que por fim, não sejam unívocos, mas que a partir de uma perspectiva da diferenciação levem em conta diferentes pontos de vista sem hierarquizar demasiadamente elementos da vida social que podem, a partir dos mecanismos de poder, ditar quem poderia ou não ocupar um determinado cargo ou uma determinada posição no mundo

social. Talvez, desse modo, poderíamos contribuir mesmo como “grãos de areia” para a desestabilização da tal “banalização do mal”.

## REFERÊNCIAS

- ABEPRO. Disponível em: <<http://www.abepro.org.br/>> Acesso em: 5 set.2011.
- ABRAMOVAY, R. Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. **Tempo social**, v.16, n.2, p.35-64, novembro, 2004.
- ACCARDO, A. *Le petit-bourgeois dentilhomme: sur les prtentions hégémoniques des classes moyennes*. Marseille: Agone, 2009.
- ADDA, J. **A mundialização da economia: gênese**. Lisboa: Terramar, 1997.
- ALMEIDA, A.M.F. Um colégio para elite paulista. In: **A escolarização das elites: Um panorama Internacional da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: ZAGO, N. et al. **Sociologia da educação: pesquisa e realidade**. Petrópolis: Vozes, 2007
- ALVES, A.P.S. **Qual o valor do diploma? O recrutamento de engenheiros para grandes empresas da região de Campinas**. Campinas: Unicamp. Trabalho de conclusão de curso. Campinas, 2005.
- ARON, R. **Études sociologiques**. Paris: Puf, 1988.
- AUGUSTINE, D.L. **Patricians and parvenus: wealth and high society in Wilhelmine Germany**. Oxford: Berg, 1994.
- AULARD. A. **Napoléon et le monopole universitaire**. Paris: Arman Colin, 1911.
- BAIA, S.F. A linhagem samba-bossa-mpb: sobre a construção de um discurso de tradição da música popular brasileira. **Per Musi**, Belo Horizonte, n.29, p.154-168, 2014.
- BANTI, A.M. **Terra e denaro: uma borghesia padana dell'Ottocento**. Vnise: Marsilio, 1989.
- BARYNGIN, I; HEIFETS, V. The problems with commercialization of Higher Technical Education in contemporary Russia and Transformation of the engineering community. In: **Les enjeux indentitaires des ingénieurs: Entre la formation e l'action**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.
- BERGERON, L.; CHAUSSINAND-NOGARET,G. **Les masses de granit cent mille notables du premier empire**. Paris: Edition de l' EHESS, 1979.
- BIANCHI, A. M. MURAMATSU, R. “A volta de Ulisses: anotações sobre a lógica de planos e compromissos”. **Revista de Economia Política**, v. 25, n.2, p.23-44, abril/julho, 2004.
- BLUMER, H. **Symbolic Interactionism: perspective and method**. Londres: University of California Press, 1969.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOLTANSKI, L. **Les cadres**. La formation d'un groupe social. Paris: Minuit, 1982.

\_\_\_\_\_. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R.; MALEMORT, J. **La petite bourgeoisie em France**. Paris: François maspero, 1974.

BOUDON, R. La racionalité axiologique. In: MESURE, S. (Ed.) **La racionalité des valeurs**. Paris: Puf, 1988.

\_\_\_\_\_. **L' inégalités de chances**. Paris: Hachette, 1985.

BECKER, G.S. *The economic approach to human behaviour*, Chicago, UP, 1976.

BECKER, H. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BITTENCOURT, H, R.; VIALI, L. BELTRAME, E. A engenharia de produção no Brasil: Um panorama dos cursos de graduação e pós-graduação. *Revista de ensino de engenharia*. São Paulo, v.29, n.1, p.11-19, 2008.

BOSC. S. **Sociologie des classes Moyennes**. Paris: Éditions la découverte, 2008.

BOURDIEU, P. **La distinction: Critique Sociale Du Jugement**. Paris: Minuit, 2008.

\_\_\_\_\_. **Les structures sociales de l'économie**. Paris: Seuil, 2000.

\_\_\_\_\_. Le patronat, **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**. Paris, v.20, n. 1, p.3-82, 1978.

\_\_\_\_\_. **La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les edition de minuit, 1989.

\_\_\_\_\_; Passaron J.C. **Les Heritiers-** les étudiants e la culture. Paris, Les éditions de munuit, 1985.

\_\_\_\_\_. O campo econômico". **Política & Sociedade**, n.6,p 15-58, 2005.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Le sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.

\_\_\_\_\_. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Paris: Seuil, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Que Falar Quer Dizer: a economia das trocas simbólicas**, Algés: Difel, 1998.

\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre. Zouk, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Meditations Pascaliennes*. Paris: Seuil, 2003.

\_\_\_\_\_. Futuro de classe e causalidade do provável. In: *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e à cultura. In: *Escritos de educação*. Petrópolis, Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: *escritos sobre educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P., de SAINT MARTIN, M. Anatomie du goût, **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. Paris, v.2, n. 5, p. 2-82, 89-112, out.1976.

BOURDIEU, P., CHAMBOREDON, J.-C. & PASSERON, J.-C. **Le métier de sociologue**. Paris-La Haye: Mouton, 1968.

BOURDIEU, P., BOLTANSKI, L. Le titre et le post: rapport entre le système de production et le système de reproduction. **Actes de la recherche em sciences sociales**. Paris, v.1 n.2, p.95-107, mars. 1975.

BOLTANSKI, L. o Diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução. In: **Escritos Sobre Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. WACQUANT, L. Sobre as artimanhas da razão imperialista. In: **Escritos Sobre Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Réponses*. Paris: Seuil, 1992

BOYER, Robert. L'anthropologie économique de Pierre Bourdieu. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 150, p. 65-78, 2003

BRUNO, L. Trabalho e atribuições dos engenheiros em uma montadora reestruturada. In: BRUNO, L.; LAUDARES, J.B; **Trabalho e formação do engenheiro**. Belo Horizonte: Fumarc, 2000.

BUSSINO, G. **Elites e Elitismo**. Paris: Presse Universitaire de France, 1992.

CAMAROTTO, J. A. et al. A Engenharia de Produção: campo de atuação. In: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção. São Carlos. **Anais do I**

**Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção de São Carlos.** São Carlos:UFSCAR, 1981.

CARVALHO, J.M. **A construção da ordem:** a elite política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CARVALHO, E.M. O ensino de engenharia científica no mundo: uma criação do século XVIII. **REM Revista De Escola De Minas**, Ouro Preto, v.8, n.3, p.220-226, jul./set., 1995.

CASACA,S.F. Revisitando as teorias sobre a divisão sexual do trabalho. **Socius**. Lisboa, n.4, 2009.

CASTRO, G.A.;DIAS, J.L.M.; MOTTA, M.S. **Engenheiros e economistas:** novas elites burocráticas. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

CHARLE, C. A posopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas In: HEINZ, Flavio M. (org) **Para uma outra história das elites.** Ensaios de posopografia e política. Rio de Janeiro, FGV, 2006

CIPOLA, F. P. Economia política do taylorismo, fordismo e teamwork. **Revista de Econômia Política**, São Paulo, v.23, n. 3, p.78-93, julho/setembro, 2003.

CHANDLER Jr, A. D. The emergence of managerial capitalism. **Bussines History Review**, v.58, p. 473-503, 1999.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital.** São Paulo: Xamã, 1996.

COELHO, E. **As profissões imperiais:** medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro: 1822-1930. Rio de Janeiro: Record, 1999

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE ENGENHARIA (CEN). **Mercado de trabalho para o engenheiro e tecnólogo no Brasil.** Disponível em:<[http://www.redetis.iipe.unesco.org/publicaciones/mercadotrabalho\\_engenheiro\\_e\\_tecnologo2008.pdf](http://www.redetis.iipe.unesco.org/publicaciones/mercadotrabalho_engenheiro_e_tecnologo2008.pdf)> Acesso em 10 nov. de 2012.

COLLINS, R. **The credential society:** An historical sociology of education and stratification. New York: Academic Press, 1979.

CORADINI, O.L. Efeitos da educação formal, categorias ocupacionais e posição social. **Revista Sociedade e Estado**. v.29, n.2, maio\agosto, 2014.

\_\_\_\_\_. Categorias sócio-profissionais, titulação escolar e disputas eleitorais. **Revista de Sociologia e Política**, v. 20, n. 41, p. 109-122, 2012.

COSTA, L. R. F. A pesquisa operacional no currículo de Engenharia de Produção. Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção. São Carlos: UFSCAR **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

COULANGEON, P. Classes sociales, pratiques culturelles et style de vie: le modèle de la distinction est-il vraiment obsoleto? **Sociologie et sociétés**. v.36,n.1, p.59-85, 2004.

CRIVELLARI, Helena. Relação educativa e formação de engenheiros em Minas Gerais. In: BRUNO, Lúcia Barreto; LAUDARES, João Bosco (Org.). **Trabalho e formação do engenheiro**. Belo Horizonte: Fumarc, 2000.

CUNHA, G.D. **Um panorama atual da engenharia de produção**. Porto Alegre. 2002.

DEQUECH, D. Uncertainty and economic sociology: a preliminary discussion. In: **The American Journal of Economics and Sociology** v.62, n. 3, p. 509-532, 2003.

DESIDERIO, W. A. **O Estado enquanto acionista: A atuação do BNDSPAR no capitalismo brasileiro contemporâneo**. São Carlos, UFSCar, Dissertação de mestrado, 2013.

DESROSIÈRES, A. L'histoire de la statistique comme genre éstile d'écriture et usages sociaux. **Actes de la recherché**. Paris. v.2, n.39, p.121-137, 2000.

\_\_\_\_\_. Comme faire des choses qui tiennent: histoire sociale e statistique. **Actes de la recherché**. Paris. v.4, n.3-4, p.225-242, 1989.

DUBET, F.; DURU-BELLAT, M.; VÉRÉTOU, A. **Les sociétés et leur école: emprise du diplôme et cohésion sociale**. Paris: Seuil, 2010.

Duran, M. **A dona-de-casa: crítica política da economia doméstica**. (Coleção Tendências, v. 5). Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983.

DIMAGGIO, P.J.; POWELL, W.W. The iron cage revisited: Institutional Isomorphism and collective rationality in organizations fields, **American sociological review**. v.48, n. 2, p.147-160, abr.1983.

DONADONE, J. O Crescimento do mercado de consultorias, mudanças nas formas de gestão de empresas e a reconfiguração dos espaços e conteúdos gerenciais a partir dos anos. 90. **Revista Produção**, São Paulo, v.14, n.2, p.58-69, 2004.

DRUCK, M. G. Globalização e reestruturação produtiva: O fordismo e/ou japonismo. **Revista Economia Política**, v. 19, n.2, p.31-48, abril/junho, 1999.

DURKHEIM, E. **De La Division Du Travail Social**. Paris: Puf, 1893.

**ENCICLOPEDIA TEMÁTICA**. Disponível em: <  
<http://www.knoow.net/cienceconempr/gestao/holding.htm>> Acesso em 20 abr. 2014.

FAÉ, C.S; RIBEIRO, J.L.D. Um retrato da engenharia de produção no Brasil. **Revista Gestão Industrial**. Paraná, v. 1, n.3, p. 24-33, 2005.

FARIA, M. G. D. **O Sindicatos, os Trabalhadores e as Políticas de Gestão do Trabalho: o Caso dos Círculos de Controle da Qualidade na Região de Campinas**, Campinas, IFCH/UNICAMP (Tese de Mestrado) 1989.



FLIGSTEIN , N., MARKOWITZ, L. The finance Conception of the corporation and the causes of de finance reorganization of large Corporation. In: **Sociology and Social policy**. Beverly Hills: edited by W J. Wilson, 2001.

\_\_\_\_\_. **The transformation of corporate control**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. São Paulo: vozes, 2007.

FROUD, J.; JOHAL,S.; LEAVER, A.; WILLIAMS, K. **Financialization and strategy: narrative and numbers**. Londres: Routledge, 2006.

GAUTHIER, D. Commitment and choice: an essay on the rationality of plans, **Ethics, Rationality and Economic Behavior**, Inglaterra: Clarendon Press, 1996.

GRELON, A. (org.) **Les engéniers de la crise: titre et profession entre les deux guerres**. Paris: Editions D' École De Hautes Études Em Sciences Sociales, 1986.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: O problema da imersão. **Rae Eletrônica**, v.6, n.1, jan/jun.2007.

\_\_\_\_\_. Le marché autrement. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.

\_\_\_\_\_. The impact of social structure on economic outcomes. **Journal of economic perspectives**. v.19, n.1, p.33-50, 2005.

GRÜN, Roberto. Modelos de mundo: sobre algumas características culturais da nova ordem econômica e da resistência a ela. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.14, n. 41, p. 121-140, out.1999.

\_\_\_\_\_. Japão, Japões: Algumas considerações sobre os papéis dos conflitos intergerenciais na difusão das novidades organizacionais. **Cadernos Codeplan**, Brasília, 1992.

\_\_\_\_\_. Atores e Ações na Construção da Governança Corporativa Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-143, 2003.

\_\_\_\_\_. Convergências das elites e inovações financeiras: a governança corporativa no Brasil. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.20, n.58, p.67-90,2005.

\_\_\_\_\_. Escândalos, marolas e finanças: Para uma sociologia da transformação do ambiente econômico. **Dados**, Rio de Janeiro, v.51, n.2, p.313-351, 2008.

\_\_\_\_\_. Decifra-me ou te devoro! As finanças e a sociedade brasileira. **Mana**. v.13, n.2, p.381-410, 2007.

\_\_\_\_\_. A escolarização das elites. In: **Dinheiro no bolso, carrão e loja no shopping**. Petropolis: Editora Vozes, 2002.

- HAKIM, C. **Work-Lifestyle Choices in the 21st Century – Preference Theory**, Oxford, University Press, 2000.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1989.
- HENRY, O. L'impossible professionnalization du métier du ingénieur-conseil (1880-1954). **Actes de la recherche**. Paris, v.1, n.2014, p.37-54, 2006.
- HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho: um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: editor boitempo, 2002.
- HURLBERT, J.; BEGGS, J.; HAINES, V. **Social networks and social capital in extreme environments**. New York: Aldine de Gruyter, 2001.
- HOBSBAWN, E. La middle class anglaise. In: KOCKA, J. (dir.), **Les Bourgeoisies Européenne Au XIX Siècle**. Paris: Belin, 1997.
- HOFFMANN, R. Informações necessárias para a análise da distribuição de renda no Brasil. **Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 21, p. 159-167, 1977.
- JARAUSCH, K. H. **The unfree professions: German Lawyers, Teachers, and Engineers, 1900-1950**. New York: Oxford University press, 1990.
- JARDIM, M. C. **Entre a solidariedade e o risco: Sindicatos e fundos de pensão em tempo de governo Lula**. São Carlos, UFSCar, Tese de doutorado, 2007.
- \_\_\_\_\_. CAMPOS, R. S.; A construção social dos mercados e a crítica da ciência econômica (Apresentação). In: **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão – REDD**, Araraquara: UNESP/FLAR, Laboratório Editorial, v. 4, n. 2, p.9-17, jan./jul. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Entre a solidariedade e o risco. Sindicatos e fundos de pensão em tempos de governo Lula**. São Paulo, Annablume, 2009.
- JAY, E. As escolas da grande burguesia: O caso da Suíça. In: **A escolarização das elites: um panorama Internacional de pesquisa**. Petropolis: Vozes, 2003.
- KAUFMANN, J.C. **L' enquête et ses méthodes: L'entretien compréhensif**. Paris: Armand Colin, 2013.
- KAWAMURA, L.K. **Engenheiro: trabalho e ideologia**. São Paulo: Ática, 1981.
- KEYNES, N. J. **The scope and method of political economy**. Batoche books, 1999.
- KERSTENETZKY, C.L. UCHÔA, C. Moradia inadequada, escolaridade insuficiente credito limitado: em busca da nova classe média. In: **A nova classe média no Brasil como conceito e projeto político**. Dawid Danilo Bartelt (org). Rio de Janeiro: Fundação Heinrich boll, 2013.

LAUDARES, J.B; RIBEIRO, S. Trabalho e formação do engenheiro. In: Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia, 29, 2001, Porto Alegre. **Anais do XXIX Cobengue**, Porto Alegre, 2001.

KOCKA, J.; FREVERT, U. Burgertum im 19. **Jahrhundert**. Munique: Deutsche Taschenbuch Verlag, 1988.

LEITE, E. S. **Reconversão de habitus: O advento do ideário de investimento no Brasil**. São Carlos, UFSCar, Tese de doutorado, 2011.

LEBARON, F. A formação dos economistas e a ordem simbólica mercantil. **Revista REDD**. v.4, n.2, janeiro/julho, 2012.

\_\_\_\_\_. Bases of a sociological economy: from François Simiand and Maurice Halbwachs to Pierre Bourdieu. **International Journal of Contemporary Sociology**. 38, n.1, p. 54-63, 2001.

\_\_\_\_\_. **L'enquête quantitative em sciences sociales: recueil et analyse des donnés**. Paris: Dunod, 2006.

LEME, R. A. S. A história da Engenharia de Produção no Brasil. Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 3., São Paulo. **Anais do 3 Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. São Paulo, 1983.

LINCOLN, J. Intra- (and inter-) organizational networks. In: BACHARACH, S. (Ed.). **Research in the Sociology of Organizations**. v. 1, p. 1-38, 1982.

LIPIETZ, A.; LEBORGNE, D. O pós-fordismo e seu espaço. In: Reestruturação, economia e território. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 25, p.23, 1988.

LOMBARDI, M. R. Engenheiras brasileiras: Inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo.v.36, n.127, p. 173-202. Jan.\abr. 2006.

LOUREIRO, M. R.; OLIVIERI, C. Les élites économiques face au développement et à la démocratie les patrons et les hautes fonctionnaires du gouvernement au Bresil. **Cahiers du Brésil Contemporain**, n. 47/48, p. 267-289, 2002.

\_\_\_\_\_. **Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina**. Campinas. Unicamp\faculdade de educação. Tese de doutorado, 2005

MALATESTA, M. **Society and professions in Italy -1860-1914**. Cambridge: Cambridge University press, 1995.

MARQUES, M.; BRABOSA, M. L. Arquitetos e engenheiros: a arte e ciência nos conflitos profissionais. Caxambu, ANPOCS, 26. In **Anais do XXVI Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu: 22 a 26 de outubro de 2002.

MARTINS, T. J. Entre a solidariedade e o risco: Sindicatos e fundos de pensão em tempo de governo lula. **Le monde diplomatique Brasil**. São Paulo, ano 7, n.84, p.39, 2014.

MARTINS, T., J.; MATSUDA, P. M. The Giant Firms of Finance Capital and the Financialization of Agents in Brazil. In: **SASE 25th Annual Conference - The Society for the Advancement of Socio-Economics**, 2013, Milão - Itália. States in Crisis, 2013.

MARTELLI, H. **Uma contribuição ao estudo das trajetórias desviantes em administração**. São Paulo: EAESP/FGV. Dissertação de mestrado, 1982.

MARX, K. **Teorias da mais-valia**. São Paulo: Difel, 1980

MAN, H.D. **Au-delà du marxisme**. Bruxelles: ed. L'églantine, 1928.

MENEZES, L. C. M.; PASSERI, A. Participação da Engenharia de Produção no desenvolvimento tecnológico. São Carlos, Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção. Universidade Federal de São Carlos. In: **Anais do I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção**. São Carlos: UFSCAR, 1981.

MAUSS, M. **Essai sur Le Don**. Sociologie et anthropologie. Paris: Puf, 1980.

MILLS, C. W. **Les cols blancs. Essai sur les classes moyennes américaines**. Paris: François maspero, 1951.

\_\_\_\_\_. **L'Élite au pouvoir**. Marselha: Agone, 2012.

MILL, S. 1988. **Système de logique**. Paris: Madarga, 1988.

MEYER, J. W.; ROWAN, B. Institutionalized Organizations: Formal Structure as Myth and Ceremony, **The American Journal of Sociology**. v. 83, n. 2, p. 340-363, set. 1977.

MADALOZZO, R.; MARTINS, S. & SHIRATORI, L. Participação no mercado de trabalho e no mercado doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Estudos Feministas**, v.18, n.2, 547- 566, 2010.

NETO, M. M. **Transformações na indústria sucroalcooleira brasileira no início do século XXI: Das famílias aos acionistas**. São Carlos, UFSCar, Tese de doutorado, 2012.

NERI, M. C. A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011. In: **A nova classe média no Brasil como conceito e projeto político**. Dawid Danilo Bartelt (org). Rio de Janeiro: Fundação Heinrich boll, 2013

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org). **Escritos de educação, Pierre Bourdieu**. Petrópolis: ed. vozes, 2007.

NOGUEIRA, M. A. Estratégias de escolarização em famílias de empresários. In: **A escolarização das elites: Um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Classes médias e escola: Novas perspectivas de análise. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v.10, n.1, pp.213-231, Jan/Jun 2010.

OLIVEIRA, V. F. A avaliação dos cursos de engenharia de produção. **Revista Gestão Industrial**. Paraná. v.1, n.3, p.01-12, 2005.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

PEDROSO, A. J. P.N. **A privatização do setor elétrico paulista: suicídio de um grupo**. São Carlos, UFSCar, Tese de doutorado, 2005.

PIERUCCI, P. L.; RABELLO FILHO, J. A.; SILVA, M. T. Objeto de trabalho da Engenharia de Produção (subsídios à discussão). São Carlos, I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção, I. 1981. In: **Anais do I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção**. São Carlos: UFSCAR, 1981.

PIMENTEL, C.E.; DONELLY, E.D.O.P. A relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade. **Psicologia ciência e profissão**, V. 28, n.4, p 696-713, 2008

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M. **Sociologie de La bourgeoisie**. Paris: La découverte, 2007.

\_\_\_\_\_. A infância dos chefes: a socialização dos herdeiros ricos na França. In: **A escolarização das elites: Um panorama internacional da pesquisa**. Petropolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Les classes sociales dans le capitalisme aujourd'hui**. Paris: Éditions su Seuil, 1974.

POESCHL, G. Trabalho doméstico e poder familiar: práticas, normas e ideais. **Análise Social**, XXXV v.156, 695-719, 2000.

PRADO JÚNIOR, C. **Evolução Política do Brasil e outros estudos**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PULICI, C. **O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção em São Paulo**. 2010. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RACHID, A. **o Brasil imita o Japão? A qualidade em empresas de autopeças**. 1994. Dissertação, DPCT/IG/UNICAMP, Campinas, SP, Janeiro de 1994.

RABINOW, P. **Um ethnologue au Maroc. Réflexions sur une enquête de terrain**. Paris: Hachette, 1988.

RAUD, C. Sociologia econômica e das finanças. In: **Dimensões da sociologia econômica no Brasil**, São Carlos: EDUFSCar, 2009.

ROUANET, H. LE ROUX, B. **Statistiques em sciences humaines: procédures naturelles**, Paris: Dunod, 2010.

SALTORATO, P. Conquistas e conflitos pós-privatização: um caso no setor elétrico Paulista. **Núcleos**, Ituverava, v.4, n.1-2, set, 2007.

SAMPAIO, H. O setor privado de ensino superior no Brasil: Continuidades e transformações. **Revista ensino superior**. Campinas: Unicamp. Ed. n. 4, out. 2011. Disponível em: [http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/versao\\_PDF.php?edicao=9](http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/versao_PDF.php?edicao=9). Acesso em: 11 ago. 2014.

SANTOS, L.S; DNIZ, G.R.S. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. **Psic. clin.** Rio de Janeiro.v.23.n.2, p.137-149, 2011.

SAPIRO, G. The structure of the French literary Field during the German Occupation (1940–1944): a multiple correspondence analysis. **Poetics**, v. 30, p.387-402, 2001.

\_\_\_\_\_. Le champs est-il nacional? La théorie de la différenciation au prisme de l'histoire globale. **Actes de la recherche em sciences sociales**. n.200, decembre, 2013.

SARTORI, M. S. **Convergência de elites:A sustentabilidade no mercado financeiro**. São Carlos, UFSCar, Tese de doutorado, 2010.

SEGRESTIN, D. Sociologie de l'entreprise, **Revue française de sociologie**, vol. 34, n° 4, pp. 676-679, 1993.

SCHMOLLER, G.V. **The mercantil system and its historical significance**. Fairfield: Agustos M. Kelley publishers, 1989.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1961.

\_\_\_\_\_. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SIMÕES, S. Os engenheiros e a trajetória do sindicalismo de classe média: dos projetos de transformação da sociedade brasileira, nos anos 80 ao “fim das certezas” nos anos 90. In: BRUNO, L.; LAUDARES, J.B; **Trabalho e formação do engenheiro**. Belo Horizonte: Fumarc, 2000.

SMITH, A. **Enquête sur la nature et les causes de la richesse des nations**. Paris: Flammarion, 1991.

SWEDBERG, R. Bourdieu's advocacy of the concept of interest and its role in economic sociology. **Economic Sociology European Electronic Newsletter**, v.4, n.2, 2003 <Consultado no site <http://econsoc.mpifg.de>.>

SWEDBERG, R. Sociologia econômica: hoje e amanhã. **Tempo social**, v.16, n.2, p.7-34, 2004.

SEWELL, W.H. Theory of Action, Dialectic and History : Comment on Coleman, **American Journal of Sociology**, v.93, n.1, juil., pp. 166-172, 1987.

SILVA, E.B. Pós-fordismo no Brasil. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.14, n.3, p. 107-120, julho/setembro, 2004.

SILVA, A.F. Engineers and organization behaviour : The companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses (1970-1885). In: **Les enjeux indentaires des ingénieurs: Entre la formation e l'action**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

SILVA, M.T. **A engenheira: um estudo empírico da divisão sexual do trabalho**. São Paulo. 1988, Dissertação de mestrado, EAESP, FGV. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas 1988.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. In: **Mana – Estudos de Antropologia Social**. V. 11 n° 2, out., pp. 577-591, 2005/1903.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: a nova classe classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo. In: **A nova classe média no Brasil como conceito e projeto político**. Dawid Danilo Bartelt (org). Rio de janeiro: Fundação Heinrich boll, 2013

STEINER, P. **A sociologia econômica**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

\_\_\_\_\_. Gift giving or market? Economists and the performance of organ Commerce. London. **Journal of Cultural Economy**, v. 3, n. 2, July, 2010.

TANNER, A. Aritokratie und Burgertum in der schweiz im 19. Jahrhundert: Verburgerlichung der herren und aristokratische tendenzen im burgertum. In: BRANDLY, S. et al. **Schweiz im wandel: studien zur neueren gesellschaftsgeschichte**. Basel: Helbing &Lichtenhahn, 1990.

UFSCAR. Disponível em:< [www.ufscar.br](http://www.ufscar.br)> Acesso em: 22 set. 2014.

USEEM, Michael. **Investor capitalism: how money mangers are changing the face of corporate America**. New York: Basic books,1999.

VEIGA, Eli da. O fordismo na acepção regulacionista. **Revista Economia Política**, São Paulo, v. 17, n.3, p. 63-70, julho/setembro, 1997

VEIGA, L.F. Os partidos brasileiros na perspectiva dos eleitores: mudanças e continuidades na identificação partidária e na avaliação das principais legendas após 2002. **Opinião Pública**, Campinas, v. 13, n. 2, Novembro, p.340-365, 2007.

VLEBEN, T. **La théorie de la classe de loisir**. Paris: Gallimard, 1899.

\_\_\_\_\_. **The Engineers and the price System**. Kitchener: Batoche Books, 2001.

WAGNER, A.C. **Les nouvelles elites de la mondialization: Une immigration dorée en France**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

WACQUANT, L.J.D; CALHOUN, C. Intérêt, rationalité et culture: A propos d' un récent débat sur la théorie de l' action. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**, v.78, juin, p.41-60, 1989.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed UNB, 1999.

\_\_\_\_\_. **L'Éthique protestante et l'esprit Du capitalisme**. Paris: Plon, 1995.

\_\_\_\_\_. Essai sur Le sens de la neutralité axiologique dans lês sciences sociologique et économiques. In: **Essais sur la théorie de la science**. Paris, Plon, 1965.

WELZER-LANG. D. A construção do masculine dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**. v. 9, n. 2 p.460-482, 2001.

WILLIAN, L.; SULLIVAN, M.O. Maximizing Shareholder value: a new ideology for a corporate governance. **Economy and Society**, v. 29, n.1, p.13-35, fevereiro, 2000.

ZILBOVICIUS, Mauro. **Modelos para produção produção de modelos**. São Paulo: annablume, 1999

#### Fontes secundarias

AGLIETTA, M.; BRENDA, A. **Les métamorphoses de La société salariale**. Paris: Calmann-lévy, 1984.

BOUFFARTUGUE, P. **Les retour des classes sociales**. Inégalites, dominations, conflits. Paris: La dispute, 2004.

\_\_\_\_\_; SAINT MARTIN, M. Agrégation et ségrégation. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 69, p. 2-50, septembre 1987.

BURNHAM, J. **The Managerial Revolution: What is Happening in the World**. New York: John Day Co, 1941.

CEGOS, Les cadres et l'exercice du commandement in: **Hommes et techniques**. Jan. 1958.

CHAUVEL, L. **Les classes moyennes à La derive**. Paris: Seuil, 2006.

CHRISTOPHE, C. **Les Élités de la République (1880-1900)**, 2è éd. augmentée, 2006.

DURIEZ, B.; Jacques, I.; PINÇON, M. PINÇON-CHARLOT, M. Institutions statistiques et nomenclatures socioprofessionnelles. Essai comparative: Royaume-Uni, Espagne, France. **Revue Française de sociologie**, 32-1, 1991.

\_\_\_\_\_. **Les regles de la méthode sociologique**. Paris: Puf, 1895.



ELIAS, N.; SCOTSON, J. N. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FREUND, J. **Des Elites pour quoi Faire?** Paris, Éditions Grece, 1976.

GARÇON, F. **Enquête sur La formation des elites**. Paris: Perrin, 2011.

GORTAIS, A. Le problème des classes dans La communauté nationale et dans l'ordre humain, **semaine sociales de France**, Bourdeaux: Chroniques sociales de France, 1939.

GORZ, A. **Critique de La division du travail**. Paris: seuil, 1973.

\_\_\_\_\_. A sociologia das finanças e a nova geografia do poder. **Tempo social, São Paulo**, v.16, n. 2, p.151-176, ago.2004.

LIPIETZ, A. **La société en sablier**. Paris: La decouverte, 1998.

LOJKINE, J. **L'adieu a La classe moyenne**. Paris: La dispute, 2005.

MENDRAS, H. **La seconde revolution française**. Paris: Gillimard, 1994.

NEY, M.G.; SOUZA, P.M.; PONCIANO, N.J. Desigualdade de acesso à educação e evasão escolar entre ricos e pobres no Brasil rural e urbano. **Revista inter science place**, ano 3, n.13, p.33-35, mai/jun, 2010.

OSÓRIO, C.; Maçãs, P. O Preço dos Bens Duráveis em Monopólio, **Episteme**, Revista Multidisciplinar da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Ano III, nº7-8-9, 2ª Série, pp 337-348, 2001.

O' DONNEL. Teoria democrática e política comparada. **Dados**, v. 42, n 4, Rio de janeiro, 1999.

PARETO, V. **Manuel d'economie politique**. Genebra: Droz, 1981.

PINTO, L. L'armée, le contingent et le classes sociales. **Actes de La recherche em sciences sociales**, v.1, n.3, p.18-40, 1975.

POULANTZAS, N. **Pouvoir politique et classes sociale de l'Etat capitaliste**. Paris: Maspero, 1968.

\_\_\_\_\_. Major tradictions of economic Sociology. **Annual Review of sociology**, v.17, p. 251-276, 1991.

SULEIMAN, E. Les elites em France: Grands corps et grandes écoles. Paris: Seuil, 1979.

WOLF, W.C.; FLIGSTEIN, N.D. **Sex and Authority in the Workplace: The Causes of Sexual Inequality**. **American Sociological Review**, v. 44, n. 2, p. 235-252, april, 1979.

## APÊNDICE 1

**Tabelas retiradas da primeira versão da tese ficam constando para consulta:**

Tabela 1 – Sexo dos alunos da UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Feminino</b>	10	30,30	32	27,12	42	27,81
<b>Masculino</b>	23	69,70	86	72,88	109	72,19
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Tabela 2- Sexo dos alunos da Usp

	N	%
<b>Feminino</b>	17	22,97
<b>Masculino</b>	57	77,03

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Tabela 3- Sexo dos alunos da particular

	N	%
<b>Feminino</b>	1	6,67
<b>Masculino</b>	14	93,33

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Tabela 10 – Opção Sexual dos alunos da UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Heterossexual</b>	32	96,97	119	100,00	151	99,34
<b>Não respondeu</b>	1	3,03	.	.	1	0,66
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração própria com dados da pesquisa.

Tabela 11- Oção sexual dos alunos da USP

	N	%
<b>Heterossexual</b>	75	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 12- Oção sexual dos alunos da particular

	N	%
<b>Heterossexual</b>	15	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 13 – Alunos da UFSCar com casa própria

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Sim</b>	32	96,97	108	90,76	140	92,11
<b>Não</b>	1	3,03	11	9,24	12	7,89
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 14- Alunos da USP com casa própria

	N	%
<b>Sim</b>	55	72,37
<b>Não</b>	21	27,63

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 15- Alunos da particular com casa própria

	N	%
<b>Sim</b>	13	81,25
<b>Não</b>	3	18,75

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 25 – Que tipo de conta os pais possuem no banco alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Conta comum</b>	17	53,13	45	38,79	62	41,89
<b>Contas diferenciadas (silver, gold)</b>	15	46,88	71	61,21	86	58,11
<b>Total</b>	32	100,00	116	100,00	148	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 26– Que tipo de conta os pais possuem no banco alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Conta comum</b>	24	33,80
<b>Contas diferenciadas (silver, gold)</b>	47	66,20

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 27- Que tipo de conta os pais possuem no banco alunos da particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Conta comum</b>	12	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 28- Aplicações em ações alunos UFSCar

	<b>N</b>	<b>%</b>
Não	34	22,52
Sim	117	77,48

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 29- Aplicações em ações pais alunos da usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
não	21	28,38
Sim	53	71,62

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 30- Aplicações em ações pais alunos da usp

	N	%
não	16	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 44 – Profissão do avô paterno dos alunos da UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Empresários</b>	4	15,38	14	19,44	18	18,37
<b>Profissionais liberais</b>	12	46,15	17	23,61	29	29,59
<b>Funcionários públicos</b>	2	7,69	13	18,06	15	15,31
<b>Técnicos da cidade ou técnicos rurais</b>	8	30,77	27	37,50	35	35,71
<b>Consultor/gestor</b>	.	.	1	1,39	1	1,02
<b>Total</b>	26	100,00	72	100,00	98	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 46- Profissão dos avós paternos dos alunos da Usp

	N	%
<b>Empresários</b>	9	17,31
<b>Profissionais liberais</b>	12	23,08
<b>Funcionários públicos</b>	9	17,31
<b>Técnicos da cidade ou técnicos rurais</b>	21	40,38
<b>Consultor/gestor</b>	1	1,92

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 48- profissão dos avós paternos dos alunos da particular

	N	%
<b>Patrões</b>	1	20,00
<b>Técnicos da cidade ou técnicos rurais</b>	4	80,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 50 – Tipo de trabalho do pai dos alunos da UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Empresários</b>	5	18,52	12	12,24	17	13,60
<b>Profissionais liberais</b>	13	48,15	45	45,92	58	46,40
<b>Funcionários públicos</b>	5	18,52	20	20,41	25	20,00
<b>Técnicos</b>	2	7,41	12	12,24	14	11,20
<b>Consultor/gestor</b>	2	7,41	9	9,18	11	8,80
<b>Total</b>	27	100,00	98	100,00	125	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 51– Tipo de trabalho do pai dos alunos da UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Privado</b>	22	73,33	89	76,07	111	75,51
<b>Público</b>	8	26,67	23	19,66	31	21,09
<b>Público/Privado</b>	.	.	5	4,27	5	3,40
<b>Total</b>	30	100,00	117	100,00	147	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 53- Trabalho do pai dos alunos da usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Empresários</b>	13	28,89
<b>Profissionais liberais</b>	21	46,67
<b>Funcionários públicos</b>	4	8,89
<b>Técnicos</b>	2	4,44
<b>Consultor/gestor</b>	5	11,11
<b>Total</b>	45	100%

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 54- Tipo de trabalho do pai dos alunos da usp

	N	%
<b>Privado</b>	59	78,67
<b>Publiso\privado</b>	1	1,33
<b>Público</b>	15	20,00
<b>Total</b>	75	100%

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 56- Trabalho do pai dos alunos da particular

	N	%
<b>Empresários</b>	1	9,09
<b>Profissionais liberais</b>	1	9,09
<b>Técnicos</b>	9	81,82

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 57- Tipo de trabalho do pai dos alunos da particular

	N	%
<b>Privado</b>	12	92,31
<b>Público</b>	1	7,69

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 59– Trabalho da mãe dos alunos da UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Empresárias</b>	1	3,70	8	8,42	9	7,38
<b>Profissionais liberais</b>	8	29,63	38	40,00	46	37,70
<b>Funcionários públicos</b>	8	29,63	25	26,32	33	27,05
<b>Técnicas</b>	2	7,41	8	8,42	10	8,20
<b>Consultor/gestor</b>	1	3,70	5	5,26	6	4,92
<b>Trabalha em casa</b>	7	25,93	11	11,58	18	14,75
<b>Total</b>	27	100,00	95	100,00	122	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 60 – Tipo de trabalho da mãe dos alunos da UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Privado</b>	17	53,13	78	69,03	95	65,52
<b>Público</b>	15	46,88	34	30,09	49	33,79
<b>Público/Privado</b>	.	.	1	0,88	1	0,69
<b>Total</b>	32	100,00	113	100,00	145	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 62- Trabalho das mães dos alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Empresários</b>	3	6,98
<b>Profissionais liberais</b>	22	51,16
<b>Funcionários públicos</b>	6	13,95
<b>Técnicos</b>	2	4,65
<b>Consultor/gestor</b>	2	4,65
<b>Trabalha em casa</b>	8	18,60
<b>Total</b>	43	100%

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 63 - Tipo de trabalho das mães dos alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Privado</b>	45	70,31
<b>Público</b>	16	25,00
<b>Público/Privado</b>	2	3,12
<b>Total</b>	63	100%

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 65 - Tipo de trabalho das mães dos alunos da particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Privado</b>	4	57,14
<b>Público</b>	3	42,86

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.



Tabela 67 – Escolaridade do avô paterno dos alunos da UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Ensino básico (analfabeto, ensino fundamental, médio)</b>	8	50,00	8	57,14	16	53,33
<b>Universitário</b> 194	8	50,00	6	42,86	14	46,67
<b>Total</b>	16	100,00	14	100,00	30	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 69- Escolaridade dos avós paternos dos alunos da USP

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Ensino básico (analfabeto, ensino fundamental, médio)</b>	5	23,81
<b>Universitário</b>	15	71,43
<b>Não sabe o que é titulação</b>	1	4,76

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 71 – Escolaridade dos pais dos alunos da UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Fundamental e médio</b>	9	27,27	22	18,49	31	20,39
<b>Universitário incompleto e completo</b>	24	72,73	97	81,51	121	79,61
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

<sup>194</sup> O numero de universitários se coloca maior nessa etapa pois na etapa anterior perguntava-se sobre títulos e muitos alunos não reconheciam essa palavra. Na segunda questão sobre profissão conseguimos averiguar quais dos avós tinham feito universidade de acordo com as respostas de suas profissões.

Tabela 73- Escolaridade do pai dos alunos da Usp

	N	%
<b>Fundamental e médio</b>	6	8,22
<b>Universitário incompleto e completo</b>	67	91,78

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 83- Escolaridade da mãe dos alunos da UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Fundamental e médio</b>	14	43,75	23	19,33	37	24,50
<b>Universitário incompleto e completo</b>	18	56,25	96	80,67	114	75,50
<b>Total</b>	32	100,00	119	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 85- Escolaridade da mãe dos alunos da Usp

	N	%
<b>Fundamental e médio</b>	10	13,16
<b>Universitário incompleto e completo</b>	66	86,84
<b>Total</b>	76	100%

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 97- especialização ou estágio no exterior durante a graduação alunos UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Sim</b>	12	36,36	47	39,50	59	38,82
<b>Não</b>	21	63,64	72	60,50	93	61,18
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 98- Especialização ou estágio no exterior durante a graduação alunos Usp

	N	%
<b>Sim</b>	45	59,21
<b>Não</b>	31	40,79
	76	100%

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 99- Especialização ou estagio no exterior durante a graduação alunos da particular

	N	%
<b>Sim</b>	2	12,50
<b>Não</b>	13	81,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 104 - Vai seguir carreira em logística alunos UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Não</b>	29	87,88	94	78,99	123	80,92
<b>Sim</b>	4	12,12	25	21,01	29	19,08
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 105 - Vai seguir carreira em pesquisa operacional alunos UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Não</b>	31	93,94	116	97,48	147	96,71
<b>Sim</b>	2	6,06	3	2,52	5	3,29
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 110 - Vai seguir carreira em educação em engenharia da sustentabilidade alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Não</b>	33	100,00	114	95,80	147	96,71
<b>Sim</b>	.	.	5	4,20	5	3,29
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 111 - Vai seguir carreira em educação em engenharia de produção alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Não</b>	30	90,91	116	97,48	146	96,05
<b>Sim</b>	3	9,09	3	2,52	6	3,95
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 113 - Vai seguir carreira em engenharia de operações e processos de produção alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	64	84,21
<b>Sim</b>	12	15,79

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 114 - Vai seguir carreira em engenharia de logística alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	57	78,08
<b>Sim</b>	16	21,92

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 115 - Vai seguir carreira em engenharia de pesquisa operacional alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	67	88,16
<b>Sim</b>	9	11,84

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 116 - Vai seguir carreira em engenharia da qualidade alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	70	94,59
<b>Sim</b>	4	5,41

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 117 - Vai seguir carreira em engenharia de produto alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	71	93,42
<b>Sim</b>	5	6,58

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 118 - Vai seguir carreira em engenharia organizacional alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	71	94,67
<b>Sim</b>	4	5,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 120 - Vai seguir carreira em engenharia da sustentabilidade alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	69	92,00
<b>Sim</b>	6	8,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 121 - Vai seguir carreira em educação em engenharia de produção alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	74	98,67
<b>Sim</b>	1	1,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 125 - Vai seguir carreira em pesquisa operacional alunos da particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	16	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 126 - Vai seguir carreira em engenharia da qualidade alunos da particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	14	87,50
<b>Sim</b>	2	12,50

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 127 - Vai seguir carreira em engenharia do produto alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	14	87,50
<b>Sim</b>	2	12,50

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 128 - Vai seguir carreira em engenharia organizacional alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	15	93,75
<b>Sim</b>	1	6,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 129- Vai seguir carreira em engenharia economica alunos da Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	14	87,50
<b>Sim</b>	2	12,50

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 130 - Vai seguir carreira em sustentabilidade alunos da particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Não</b>	16	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 131 - Vai seguir carreira em educação em engenharia de produção alunos da particular

	N	%
<b>Não</b>	16	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 141- Tipo de empresa ocupada por alunos da particular

	N	%
<b>2</b>	15	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 154 – Com que frequência assiste televisão alunos UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	3	9,09	9	7,56	12	7,89
<b>Às vezes</b>	15	45,45	56	47,06	71	46,71
<b>Frequentemente</b>	15	45,45	54	45,38	69	45,39
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 155- Assiste televisão Alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	14	18,67
<b>Às vezes</b>	37	49,33
<b>Frequentemente</b>	24	32,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 156: Assiste televisão Alunos da particular

	N	%
<b>Às vezes</b>	11	68,75
<b>Frequentemente</b>	5	31,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 160 – Que tipo de documentários assiste alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Documentários verdadeiros</b>	8	32,00	25	51,02	33	44,59
<b>Programas que pensam que é documentário mas não são</b>	17	68,00	24	48,98	41	55,41
<b>Total</b>	25	100,00	49	100,00	74	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 161 – Que tipo de documentários assiste alunos Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Documentários verdadeiros</b>	6	35,29
<b>Programas que pensam que é documentário mas não são</b>	11	64,71

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 162 – Que tipo de documentários assiste alunos da particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Documentários verdadeiros</b>	5	83,33
<b>Programas que pensam que é documentário mas não são</b>	1	16,67

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 163 – Com que frequência assiste variedades alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	21	63,64	88	73,95	109	71,71
<b>Às vezes</b>	11	33,33	30	25,21	41	26,97
<b>Frequentemente</b>	1	3,03	1	0,84	2	1,32
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.



Tabela 164 – Assiste a variedades alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	65	86,67
<b>Às vezes</b>	10	13,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 165 – Assiste a variedades alunos da particular

	N	%
<b>Nunca</b>	9	56,25
<b>Às vezes</b>	7	43,75

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 166 – Com que frequência pratica algum tipo de esporte alunos UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	7	21,21	24	20,17	31	20,39
<b>Às vezes</b>	12	36,36	42	35,29	54	35,53
<b>Frequentemente</b>	14	42,42	53	44,54	67	44,08
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 167 – Com que frequência pratica algum tipo de esporte alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	13	17,33
<b>Às vezes</b>	29	38,67
<b>Frequentemente</b>	33	44,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 168– Com que frequência pratica algum tipo de esporte alunos da particular

	N	%
<b>Nunca</b>	2	13,33
<b>Às vezes</b>	10	66,67
<b>Frequentemente</b>	3	20,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 191 – Se você tivesse escolha iria preferir móveis de que estilo alunos UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Moderno</b>	25	78,13	96	82,76	121	81,76
<b>Antigo</b>	3	9,38	5	4,31	8	5,41
<b>Rústico</b>	4	12,50	15	12,93	19	12,84
<b>Total</b>	32	100,00	116	100,00	148	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 193 – Se você tivesse escolha iria preferir móveis de que estilo alunos Usp

	N	%
<b>Moderno</b>	60	82,19
<b>Antigo</b>	5	9,59
<b>Rústico</b>	6	8,22

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 195 – Se você tivesse escolha iria preferir móveis de que estilo alunos da particular

	N	%
<b>Moderno</b>	10	76,92
<b>Antigo</b>	1	7,69
<b>Rústico</b>	2	15,38

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 196 – Como se considera em relação à política alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Militante</b>	1	3,03	2	1,69	3	1,99
<b>Simples aderente</b>	23	69,70	90	76,27	113	74,83
<b>Hostil ou indiferente</b>	9	27,27	26	22,03	35	23,18
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 197– Como se considera em relação à política alunos Usp

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Militante</b>	2	2,70
<b>Simples aderente</b>	61	82,43
<b>Hostil ou indiferente</b>	11	14,86

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 198– Como se considera em relação à política alunos particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Simples aderente</b>	11	68,75
<b>Hostil ou indiferente</b>	4	25,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 211 – Que tipo de músicas ouve no radio alunos da particular

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Modernas</b>	6	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 216 – Com que frequência lê revistas culturais alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	11	33,33	58	48,74	69	45,39
<b>Às vezes</b>	15	45,45	40	33,61	55	36,18
<b>Frequentemente</b>	7	21,21	21	17,65	28	18,42
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 217 – Com que frequência lê jornais impressos alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	8	24,24	28	23,73	36	23,84
<b>Às vezes</b>	12	36,36	64	54,24	76	50,33
<b>Frequentemente</b>	13	39,39	26	22,03	39	25,83
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 218 – Com que frequência lê revistas semanais alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	2	6,06	31	26,05	33	21,71
<b>Às vezes</b>	26	78,79	64	53,78	90	59,21
<b>Frequentemente</b>	5	15,15	24	20,17	29	19,08
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 221 – Com que frequência lê revistas culturais alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	18	24,00
<b>Às vezes</b>	41	54,67
<b>Frequentemente</b>	16	21,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 222– Com que frequência lê jornais impressos alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	23	31,08
<b>Às vezes</b>	39	52,70
<b>Frequentemente</b>	12	16,22

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 223 – Com que frequência lê revistas semanais alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	29	39,19
<b>Às vezes</b>	38	51,35
<b>Frequentemente</b>	7	9,46

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 226 – Com que frequência lê revistas culturais alunos da particular

	N	%
<b>Nunca</b>	13	81,25
<b>Às vezes</b>	2	12,50
<b>Frequentemente</b>	1	6,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 227 – Com que frequência lê jornais impressos alunos da particular

	N	%
<b>Nunca</b>	5	31,25
<b>Às vezes</b>	10	62,50
<b>Frequentemente</b>	1	6,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 228 – Com que frequência lê revistas semanais alunos da particular

	N	%
<b>Nunca</b>	6	37,50
<b>Às vezes</b>	9	56,25
<b>Frequentemente</b>	1	6,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 229 – Com que frequência vai ao teatro alunos UFSCar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	9	27,27	52	43,70	61	40,13
<b>Às vezes</b>	21	63,64	63	52,94	84	55,26
<b>Frequentemente</b>	3	9,09	4	3,36	7	4,61
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 230 – Com que frequência vai ao teatro alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	30	40,00
<b>Às vezes</b>	42	56,00
<b>Frequentemente</b>	3	4,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 231 – Com que frequência vai ao teatro alunos da particular

	N	%
<b>Nunca</b>	11	68,75
<b>Às vezes</b>	5	31,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 234 – Que tipo de peças assiste alunos da particular

	N	%
<b>Broadway/internacionais</b>	1	6,25
<b>Brasileiras</b>	1	6,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 235 – Se faz artes plásticas, pintura, escultura alunos UFSCar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	30	90,91	110	92,44	140	92,11
<b>Às vezes</b>	2	6,06	9	7,56	11	7,24
<b>Frequentemente</b>	1	3,03	.	.	1	0,66
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela 236 – Se faz artes plásticas, pintura, escultura alunos Usp

	N	%
<b>Nunca</b>	68	90,67
<b>Às vezes</b>	7	9,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

**Tabelas não usadas na tese, porém citadas:**<sup>195</sup>

#### **FAIXA\_IDADE ALUNOS USP**

<sup>195</sup> Como essas tabelas não foram usadas na tese, não atribuímos a elas uma numeração.

N	%
176	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### ESTADO\_CIVIL ALUNOS USP

N	%
176	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### FILHOS ALUNOS USP

N	%
276	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### AUTOMOVEIS ALUNOS USP

	N	%
<b>Sim</b>	72	94,74
<b>Não</b>	4	5,26

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### PAIS\_ESTUDOS\_EXT ALUNOS USP

	N	%
<b>Sim</b>	8	10,67
<b>Não</b>	67	89,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### CENTROS CULT MUSEUS EXPOS ALUNOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	8	10,67
<b>Às vezes</b>	52	69,33
<b>Frequentemente</b>	15	20,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### VIAGEM\_EXT ANULOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	14	18,92
<b>Às vezes</b>	50	67,57
<b>Frequentemente</b>	10	13,51



Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **CAMINHADAS ALUNOS USP**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	18	24,32
<b>Às vezes</b>	32	43,24
<b>Frequentemente</b>	24	32,43

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **INST\_MUSICAL ALUNOS USP**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	43	57,33
<b>Às vezes</b>	16	21,33
<b>Frequentemente</b>	16	21,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **LE\_REVISTAS\_TRIVIAIS ALUNOS USP**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	70	93,33
<b>Às vezes</b>	5	6,67

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **\_JORNAL\_IMPRESSO ALUNOS USP**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	23	31,08
<b>Às vezes</b>	39	52,70
<b>Frequentemente</b>	12	16,22

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **REVISTAS\_SEMANAIS ALUNOS USP**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	29	39,19
<b>Às vezes</b>	38	51,35
<b>Frequentemente</b>	7	9,46

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **LE\_LIVROS ALUNOS USP**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	6	8,22
<b>Às vezes</b>	27	36,99
<b>Frequentemente</b>	40	54,79

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### LE LITERATURA ALUNOS USP

	N	%
<b>Outros</b>	64	85,33
<b>Escolheu a opção literatura</b>	11	14,67

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### RADIO ALUNOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	14	19,18
<b>Às vezes</b>	28	38,36
<b>Frequentemente</b>	31	42,47

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### ESCUTA NOTICIAIROS ALUNOS USP

	N	%
<b>Não escuta</b>	33	71,74
<b>Prática</b>	13	28,26

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### MUSICA ALUNOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	1	1,39
<b>Às vezes</b>	11	15,28
<b>Frequentemente</b>	60	83,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### INTERNET ALUNOS USP

	N	%
<b>1</b>	1	1,35
<b>2</b>	2	2,70
<b>3</b>	71	95,95

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### TIPOS DE SITE ALUNOS USP

	N	%
<b>Redes sociais, e-mails, lazer, jogos</b>	40	67,80
<b>Site de bussiness, informações, bolsa de valores</b>	19	32,20

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### VEST\_CHIQUE\_DISTINTA ALUNOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	35	47,30
<b>Às vezes</b>	33	44,59
<b>Frequentemente</b>	6	8,11

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### VEST\_AUDACIOSA\_REBUSCADA ALUNOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	60	84,51
<b>Às vezes</b>	9	12,68
<b>Frequentemente</b>	2	2,82

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### VEST\_MODA ALUNOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	40	57,97
<b>Às vezes</b>	23	33,33
<b>Frequentemente</b>	6	8,70

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### TRAB\_DOMESTICO ALUNOS USP

	N	%
<b>Nunca</b>	25	37,31
<b>Às vezes</b>	15	22,39
<b>Frequentemente</b>	27	40,30

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### QUANTOS\_TRABA ALUNOS USP

	N	%
<b>1</b>	39	90,70
<b>2</b>	3	6,98
<b>4</b>	1	2,33

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### EMPRESA ALUNOS USP

	N	%
Diagma I Brasil	1	2,00
Egis	1	2,00

GM	1 2,00
HSBC	1 2,00
Hypermarcas S\A	1 2,00
Ambev	1 2,00
at kearning	1 2,00
bain&company	4 8,00
banco do brasil	1 2,00
banco safra	1 2,00
bank of tokyo	1 2,00
bcg consulting	2 4,00
booz&coo	1 2,00
Cielo	1 2,00
Citi	1 2,00
credit suisse	1 2,00
Danone	1 2,00
digital summit	1 2,00
Economart	1 2,00
Evobooks	1 2,00
goldman sachs	1 2,00
ilos suply chain	2 4,00
Itau	1 2,00
itau BBA	1 2,00
itau bba	1 2,00
itau unibanco	2 4,00
itau-bba	1 2,00
itau-unibanco	1 2,00
jp investiments	1 2,00
logit engenharia consultiva	1 2,00
mackinsey co	1 2,00
melhor taxa	1 2,00
morgan stanley	1 2,00
Nielsen	1 2,00
Poli	1 2,00
Pwc	1 2,00
skipper investimentos	1 2,00
Tam	1 2,00
the Boston	1 2,00
the boston consulting group	1 2,00
Unilever	2 4,00
venture capital	1 2,00
westwing casa e decoraçã	1 2,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Se os pais possuem/possuíam automóveis alunos ufscar

Grupo		Total
Alunos antigos	Recém-formados	

	N	%	N	%	N	%
<b>Sim</b>	33	100,00	116	97,48	149	98,03
<b>Não</b>	.	.	3	2,52	3	1,97
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência costuma viajar alunos ufscar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	.	.	8	6,78	8	5,30
<b>Às vezes</b>	19	57,58	80	67,80	99	65,56
<b>Frequentemente</b>	14	42,42	30	25,42	44	29,14
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência vai a centros culturais alunos ufscar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	.	.	4	3,36	4	2,65
<b>Às vezes</b>	20	62,50	85	71,43	105	69,54
<b>Frequentemente</b>	12	37,50	30	25,21	42	27,81
<b>Total</b>	32	100,00	119	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência viaja para o exterior a passeio alunos ufscar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		
<b>Nunca</b>	3	9,09	63	52,94	66	43,42
<b>Às vezes</b>	26	78,79	51	42,86	77	50,66
<b>Frequentemente</b>	4	12,12	5	4,20	9	5,92
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência costuma fazer caminhadas alunos ufscar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%		

<b>Nunca</b>	3	9,09	17	14,29	20	13,16
<b>Às vezes</b>	13	39,39	61	51,26	74	48,68
<b>Frequentemente</b>	17	51,52	41	34,45	58	38,16
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Se pratica algum instrumento musical alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	21	63,64	79	66,39	100	65,79
<b>Às vezes</b>	8	24,24	26	21,85	34	22,37
<b>Frequentemente</b>	4	12,12	14	11,76	18	11,84
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência lê revistas triviais alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	26	78,79	101	84,87	127	83,55
<b>Às vezes</b>	7	21,21	17	14,29	24	15,79
<b>Frequentemente</b>	.	.	1	0,84	1	0,66
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência lê livros alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	2	6,06	7	5,93	9	5,96
<b>Às vezes</b>	16	48,48	57	48,31	73	48,34
<b>Frequentemente</b>	15	45,45	54	45,76	69	45,70
<b>Total</b>	33	100,00	118	100,00	151	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Se costuma ler livros de literatura alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		

<b>Outros</b>	30	90,91	105	88,24	135	88,82
<b>Escolheu a opção literatura</b>	3	9,09	14	11,76	17	11,18
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Se costuma ler livros de negócios alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Outros</b>	27	81,82	.	.	27	56,25
<b>Negócios, bussiness</b>	6	18,18	15	100,00	21	43,75
<b>Total</b>	33	100,00	15	100,00	48	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência escuta radio alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	.	.	31	26,27	31	22,96
<b>Às vezes</b>	4	23,53	69	58,47	73	54,07
<b>Frequentemente</b>	13	76,47	18	15,25	31	22,96
<b>Total</b>	17	100,00	118	100,00	135	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Escuta noticiários no radio alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Não escuta</b>	16	51,61	55	87,30	71	75,53
<b>Prática</b>	15	48,39	8	12,70	23	24,47
<b>Total</b>	31	100,00	63	100,00	94	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência escuta música alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		

<b>Nunca</b>	2	6,06	1	0,84	3	1,97
<b>Às vezes</b>	6	18,18	20	16,81	26	17,11
<b>Frequentemente</b>	25	75,76	98	82,35	123	80,92
<b>Total</b>	33	100,00	119	100,00	152	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Que sites mais acessa na internet alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Redes sociais, e-mails, lazer, jogos</b>	19	61,29	68	67,33	87	65,91
<b>Site de bussiness, informações, bolsa de valores</b>	12	38,71	33	32,67	45	34,09
<b>Total</b>	31	100,00	101	100,00	132	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência utiliza vestimenta chique e distinta alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	9	29,03	46	40,00	55	37,67
<b>Às vezes</b>	20	64,52	63	54,78	83	56,85
<b>Frequentemente</b>	2	6,45	6	5,22	8	5,48
<b>Total</b>	31	100,00	115	100,00	146	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência utilizada vestimenta audaciosa e rebuscada alunos ufscar

	<b>Grupo</b>				<b>Total</b>	
	<b>Alunos antigos</b>		<b>Recém-formados</b>		<b>N</b>	<b>%</b>
	<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>		
<b>Nunca</b>	25	80,65	96	84,21	121	83,45
<b>Às vezes</b>	6	19,35	18	15,79	24	16,55
<b>Total</b>	31	100,00	114	100,00	145	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Com que frequência possui trabalhadores domésticos em casa alunos ufscar

	<b>Grupo</b>		<b>Total</b>
	<b>Alunos antigos</b>	<b>Recém-formados</b>	



	N	%	N	%	N	%
<b>Nunca</b>	6	18,18	47	42,34	53	36,81
<b>Às vezes</b>	10	30,30	29	26,13	39	27,08
<b>Frequentemente</b>	17	51,52	35	31,53	52	36,11
<b>Total</b>	33	100,00	111	100,00	144	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Quantos trabalhadores domésticos possui em casa alunos ufscar

	Grupo				Total	
	Alunos antigos		Recém-formados		N	%
	N	%	N	%	N	%
<b>0</b>	6	18,18	1	1,52	7	7,07
<b>1</b>	22	66,67	56	84,85	78	78,79
<b>2</b>	5	15,15	8	12,12	13	13,13
<b>3</b>	.	.	1	1,52	1	1,01
<b>Total</b>	33	100,00	66	100,00	99	100,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Se possui casa própria alunos antigos ufscar

	N	%
<b>Sim</b>	14	42,42
<b>Não</b>	19	57,58

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Se possui automóveis alunos antigos ufscar

	N	%
<b>Sim</b>	30	90,91
<b>Não</b>	3	9,09

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Se acha que as políticas do estado têm influência alunos antigos ufscar

	N	%
<b>Sim, têm influência</b>	29	90,63
<b>Não têm influência</b>	3	9,38

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

#### Se a governança corporativa está presente em seu trabalho alunos antigos ufscar

	N	%
<b>Sim</b>	29	90,63

Não	2	6,25
<b>Trabalho com governança</b>	1	3,13

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### Não respostas dos alunos para todas as variáveis da UFSCar

Tabela X– Número de observações faltantes considerando antigos e recém-formados

Variável	Missing	%
ESTADO	1	0,66
SEXO	1	0,66
COR	2	1,32
OPCAO_SEXUAL	0	0,00
ANO_CONCLUSAO_ENS_SUP	7	4,61
Q1_CASA_PROPRIA	0	0,00
Q2_CASA_VERANEIO	0	0,00
Q3_ENDERECO_INFANCIA	0	0,00
Q4_ENDERECO_ADOLESCENCIA	0	0,00
Q5_ENDERECO_GRADUACAO	0	0,00
Q6_AUTOMOVEIS	0	0,00
Q6_1_QUANTOS	3	1,97
Q7_AREA_LAZER	0	0,00
Q8_TRAB PAI	27	17,76
Q8_TRAB PAI	27	17,76
Q8_TIPO_TRAB PAI	5	3,29
Q9_TRAB MAE	30	19,74
Q9_TRAB MAE	30	19,74
Q9_TIPO_TRAB MAE	7	4,61
Q10_RENDA_PAI	1	0,66
Q11_RENDA_MAE	11	7,24
Q15_BANDEIRA_BANCO	4	2,63
Q16_CLASSE_SOCIAL_PAIS	0	0,00
Q17_ESCOLARIDADE_PAI	0	0,00
Q17_RECOD1	0	0,00
Q17_1_ESCOL MAE	1	0,66
Q18_1 ENS MED PAI	104	68,42
Q18_2_ENS UNIV PAI	62	40,79
Q18_3_POS GRAD PAI	124	81,58

Q18_4_ENS MED MAE	104	68,42
Q18_5_ENS UNIV MAE	68	44,74
Q18_6_POS GRAD MAE	134	88,16
Q19_PAIS_ESTUDOS_EXT	1	0,66
Q20_TITULAÇÃO AVO	112	73,68
Q20_PROF AVO	122	80,26
Q20_1_RECOD1 TIT	54	35,53
Q20_1_RECOD2 PROF	54	35,53
Q21_TRAJ_FINANC_PAI	2	1,32
Q22_ESTUDOS_PESSOAIS	0	0,00
Q23_ESPEC_ESTAGIO	0	0,00
ESCOLHA PROFISSIONAL	0	0,00
ENGEN. OPERAÇÕES	0	0,00
LOGISTICA	0	0,00
PESQUISA OP	0	0,00
ENG QUALIDADE	0	0,00
ENG PRODUTO	0	0,00
ENG ORGANIZACIONAL	0	0,00
ENG. ECONOMICA	0	0,00
ENG SUSTENTABILIDADE	0	0,00
EDUCAÇÃO ENG.	0	0,00
CONSULTORIAS	0	0,00
Q25	85	55,92
Q26_POLITICA	1	0,66
Q27_ORIG_RECURSOS	1	0,66
Q28_1_VIAGENS	1	0,66
Q28_2_SOCIO_CLUBE	2	1,32
Q28_3_CULTURA	1	0,66
Q28_4_VIAGEM_EXT	0	0,00
Q28_5_FESTAS	0	0,00
Q28_6_CAMINHADAS	0	0,00
Q28_7_ASSISTE_TV	0	0,00
Q28_8_INST_MUSICAL	0	0,00
Q28_8_RECOD1	105	69,08
Q28_9_ARTES	0	0,00
Q28_10_FREQ_TEATRO	0	0,00

Q28_10_RECOD1	95	62,50
Q28_11_LE_REVISTAS_CULT	0	0,00
Q28_12_LE_REVISTAS_TRIVIAIS	0	0,00
Q28_13_JORNAL_IMPRESSO	1	0,66
Q28_14_REVISTAS_SEMANAIS	0	0,00
Q28_15_LE_LIVROS	1	0,66
Q28_15_LITERA	0	0,00
Q28_15_TECNIC	0	0,00
Q28_15_COTIDIANO	69	45,39
Q28_15_NEGOCIOS	104	68,42
Q28_16_ESPORTE	39	25,66
Q28_17_ACADEMIA	1	0,66
Q28_18_DOCUMENTARIOS	2	1,32
Q28_18_TIPO DOC	78	51,32
Q28_19_ASSISTE_VARIEDADES	0	0,00
Q28_20_RADIO	17	11,18
Q28_20_TIPOS RADIO	67	44,08
Q28_20_NOTICIARIO	58	38,16
Q28_21_MUSICA	0	0,00
Q28_21_TIPO MUSICA	26	17,11
Q28_21_OUVE CLASSICAS	22	14,47
Q28_22_INTERNET	20	13,16
Q28_23_ALIMENTO_SAUDAVEL	0	0,00
Q28_24_ALIM_GORDUROSO	0	0,00
Q28_25_VESTIM_GRIFE	9	5,92
Q28_25_VEST_SOBRIA_ADEQUADA	6	3,95
Q28_25_VEST_A_VONTADE	3	1,97
Q28_25_VEST_CHIQUE_DISTINTA	6	3,95
Q28_25_VEST_AUDACIOSA_REBUSCADA	7	4,61
Q28_25_VEST_MODA	8	5,26
Q29_TRAB_DOMESTICO	8	5,26
Q29_QUANTOS_TRAB	53	34,87
Q30_MOVEIS PAIS	2	1,32
Q31_ESCOLHE_TIPO_MOVEIS	4	2,63
Q32_PINTOR	65	42,76
Q33_ACERTOU_QTOS_COMPOSITORES	115	75,66

Q34_OBRAS DE PREFERENCIA	102	67,11
ALUNOS	0	0,00

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela X – Número de observações faltantes considerando apenas alunos antigos

Variável	Missing	%
Q27RECOD	0	0,00
Q29RECOD	0	0,00
QTOS AUTOMOVEIS	2	6,06
Q31RECOD	0	0,00
Q32RECOD	0	0,00
Q33RECOD	0	0,00
Q35RECOD	0	0,00
Q36RECOD	0	0,00
Q37RECOD	0	0,00
RAMO TRAB, POS FORMAÇÃO	1	3,03
DEPOIS DE 5 ANOS	7	21,21
RAMO TRAB ATUAL	1	3,03
RECONHECIMENTO NO TRAB	2	6,06
QUAL EMPRESA TRAB	3	9,09
MULTI NACIONAL	2	6,06
Q47RECOD	1	3,03
Q48RECOD	1	3,03
Q49RECOD	2	6,06

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **Não respostas dos alunos para todas as variáveis da Poli**

Tabela Y – Número de observações faltantes considerando antigos e recém-formados

	N	%
UNIVERSIDADE	1	1,30
ENDERECO_ATUAL	13	16,88

ENDERECO_FAMILIAR	31	40,26
NOME_PAI	20	25,97
NOME_MAE	22	28,57
CIDADE_ORIGEM	6	7,79
CIDADE_ATUAL	5	6,49
ESTADO	4	5,20
SEXO	3	3,90
FAIXA_IDADE	1	1,30
ESTADO_CIVIL	1	1,30
FILHOS	1	1,30
NUMERO_FILHOS	77	100,00
COR	7	9,09
OPCAO_SEXUAL	2	2,60
ANO_CONCLUSAO_ENS_MED	4	5,20
ANO_CONCLUSAO_ENS_SUP	1	1,30
Q1_CASA_PROPRIA	1	1,30
Q2_CASA_VERANEIO	1	1,30
Q3_ENDERECO_INFANCIA	2	2,60
Q4_ENDERECO_ADOLESCENCIA	2	2,60
Q5_ENDERECO_GRADUACAO	2	2,60
Q6_AUTOMOVEIS	1	1,30
Q6_1_QUANTOS	2	2,60
Q7_AREA_LAZER	2	2,60
Q8_RECOD1	32	41,56
Q8_RECOD2	32	41,56
Q8_TIPO_TRAB	2	2,60
Q9_RECOD1	34	44,16
Q9_RECOD2	34	44,16
Q9_TIPO_TRAB	13	16,88
Q10_RENDA_PAI	6	7,79
Q11_RENDA_MAE	14	18,18
Q12_APLICACAO_ACOES	3	3,90
Q13_TIPO_ACAO	70	90,91
Q14_REND_POUPANCA	4	5,20
Q15_BANDEIRA_BANCO	6	7,79
Q16_CLASSE_SOCIAL_PAIS	2	2,60
Q17_ESCOL PAI	4	5,20
Q17_1_ESCOL MAE	1	1,30

Q18_1_ENSI MED PAI	52	67,53
Q18_2_GRAD PAI	30	38,96
Q18_3_POS GRAD PAI	60	77,92
Q18_4_ENS MED MAE	55	71,43
Q18_5_GRAD MAE	32	41,56
Q18_6_POS GRAD MAE	63	81,82
Q19_PAIS_ESTUDOS_EXT	2	2,60
Q20_TITULAÇÃO AVO	55	71,43
Q20_PROF AVO	56	72,73
Q20_1_TIT	25	32,47
Q20_1_PROF	25	32,47
Q21_TRAJ_FINANC_PAI	4	5,20
Q22_ESTUDOS_PESSOAIS	1	1,30
Q23_ESPEC_ESTAGIO	1	1,30
ESCOLHA PROFISSIONAL	7	9,09
ENGEN. OPERAÇÕES	1	1,30
LOGISTICA	4	5,20
PESQUISA OP	1	1,30
ENG QUALIDADE	3	3,90
ENG PRODUTO	1	1,30
ENG ORGANIZACIONAL	2	2,60
ENG. ECONOMICA	2	2,60
ENG SUSTENTABILIDADE	2	2,60
EDUCAÇÃO ENG.	2	2,60
CONSULTORIAS	3	3,90
PARTIDOS	37	48,05
Q26_POLITICA	3	3,90
Q27_ORIG_RECURSOS	2	2,60
Q28_1_VIAGENS	2	2,60
Q28_2_SOCIO_CLUBE	3	3,90
Q28_3_CULTURA	2	2,60
Q28_4_VIAGEM_EXT	3	3,90
Q28_5_FESTAS	2	2,60
Q28_6_CAMINHADAS	3	3,90
Q28_7_ASSISTE_TV	2	2,60
Q28_8_INST_MUSICAL	2	2,60
C28_8_RECOD1	46	59,74
Q28_9_ARTES	2	2,60

Q28_10_FREQ_TEATRO	2	2,60
Q28_10_RECOD1	52	67,53
Q28_11_LE_REVISTAS_CULT	2	2,60
Q28_12_LE_REVISTAS_TRIVIAIS	2	2,60
Q28_13_JORNAL_IMPRESSO	3	3,90
Q28_14_REVISTAS_SEMANAIS	3	3,90
Q28_15_LE_LIVROS	4	5,20
Q28_15_LITERA	33	42,86
Q28_15_TECNIC	2	2,60
Q28_15_COTIDIANO	1	1,30
Q28_15_NEGOCIOS	1	1,30
Q28_16_ESPORTE	1	1,30
Q28_16_PRAT_ESPORTE	2	2,60
Q28_16_RECOD1	24	31,17
Q28_17_ACADEMIA	2	2,60
Q28_18_DOCUMENTARIOS	3	3,90
Q28_18_TIPO DOC	60	77,92
Q28_19_ASSISTE_VARIEDADES	2	2,60
Q28_20_RADIO	4	5,20
Q28_20_TIPO RADIO	32	41,56
Q28_20_NOTICIA	31	40,26
Q28_21_MUSICA	5	6,49
Q28_21_TIPO MUSICA	28	36,36
Q28_21_MUS CLASSICA	5	6,49
Q28_22_INTERNET	3	3,90
Q28_22_SITES INTERNET	18	23,38
Q28_23_ALIMENTO_SAUDAVEL	2	2,60
Q28_24 ALIM_GORDUROSO	2	2,60
Q28_25_VESTIM_GRIFE	12	15,58
Q28_25_VEST_SOBRIA_ADEQUADA	6	7,79
Q28_25_VEST_A_VONTADE	5	6,49
Q28_25_VEST_CHIQUE_DISTINTA	3	3,90
Q28_25_VEST_AUDACIOSA_REBUSCADA	6	7,79
Q28_25_VEST_MODA	8	10,39
Q29_TRAB_DOMESTICO	10	12,99
Q29_QUANTOS_TRAB	34	44,16
Q30_MOVEIS PAIS	7	9,09
Q31_ESCOLHE_TIPO_MOVEIS	4	5,20



Q32_PINTOR	31	40,26
Q33_ACERTOU_QTOS_COMPOSITORES	51	66,23
Q34_RECOD1	51	66,23
LOCAL_TRABALHO	17	22,08
LOCAL_TRABALHO_RECOD	24	31,17
LOCAL_TRABALHO_GRANDE_AREA	23	29,87
EMPRESA	27	35,06
EMPRESA_MULT\NACIONAL	56	72,73

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

### **Não respostas dos alunos para todas as variáveis da Universidade Particular**

Tabela Z – Número de observações faltantes considerando antigos e recém-formados

	N	%
UNIVERSIDADE	3	18,75
ENDERECO_ATUAL	0	0,00
ENDERECO_FAMILIAR	3	18,75
NOME_PAI	0	0,00
NOME_MAE	0	0,00
CIDADE_ORIGEM	0	0,00
CIDADE_ATUAL	3	18,75
ESTADO	2	12,50
SEXO	1	6,25
FAIXA_IDADE	0	0,00
ESTADO_CIVIL	1	6,25
FILHOS	0	0,00
NUMERO_FILHOS	16	100,00
COR	0	0,00
OPCAO_SEXUAL	1	6,25
ANO_CONCLUSAO_ENS_SUP	0	0,00
Q1_CASA_PROPRIA	0	0,00
Q2_CASA_VERANEIO	0	0,00
Q3_ENDERECO_INFANCIA	1	6,25
Q4_ENDERECO_ADOLESCENCIA	0	0,00
Q5_ENDERECO_GRADUACAO	0	0,00
Q6_AUTOMOVEIS	0	0,00

Q6_1_QUANTOS	0	0,00
Q7_AREA_LAZER	0	0,00
Q8_RECOD1	5	31,25
Q8_RECOD2	5	31,25
Q8_TIPO_TRAB	3	18,75
Q9_RECOD1	7	43,75
Q9_RECOD2	7	43,75
Q9_TIPO_TRAB	9	56,25
Q10_RENDA_PAI	2	12,50
Q11_RENDA_MAE	2	12,50
Q12_APLICACAO_ACOES	0	0,00
Q13_TIPO_ACAO	16	100,00
Q14_REND_POUPANCA	1	6,25
Q15_BANDEIRA_BANCO	4	25,00
Q16_CLASSE_SOCIAL_PAIS	0	0,00
Q17_ESCOL PAI	1	6,25
Q17_1_ESCOLA MAE	1	6,25
Q18_1_ENS MED PAI	12	75,00
Q18_2_GRAD PAI	16	100,00
Q18_3_POS GRAD PAI	16	100,00
Q18_4_ENS MED MAE	12	75,00
Q18_5 GRAD MAE	16	100,00
Q18_6_POS GRAD MAE	16	100,00
Q19_PAIS_ESTUDOS_EXT	6	37,50
Q20_TITULAÇÃO AVO	16	100,00
Q20_PROF AVO	16	100,00
Q20_1_TIT	11	68,75
Q20_1_PROF	11	68,75
Q21_TRAJ_FINANC_PAI	0	0,00
Q22_ESTUDOS_PESSOAIS	0	0,00
Q23_ESPEC_ESTAGIO	0	0,00
ESCOLHA PROFISSIONAL	0	0,00
ENGEN. OPERAÇÕES	0	0,00
LOGISTICA	0	0,00
PESQUISA OP	0	0,00
ENG QUALIDADE	0	0,00

ENG PRODUTO	0	0,00
ENG ORGANIZACIONAL	0	0,00
ENG. ECONOMICA	0	0,00
ENG SUSTENTABILIDADE	0	0,00
EDUCAÇÃO ENG.	0	0,00
CONSULTORIAS	0	0,00
Q25 PARTIDOS	13	81,25
Q26_POLITICA	0	0,00
Q27_ORIG_RECursos	4	25,00
Q28_1_VIAGENS	0	0,00
Q28_2_SOCIO_CLUBE	0	0,00
Q28_3_CULTURA	0	0,00
Q28_4_VIAGEM_EXT	0	0,00
Q28_5_FESTAS	0	0,00
Q28_6_CAMINHADAS	0	0,00
Q28_7_ASSISTE_TV	0	0,00
Q28_8_INST_MUSICAL	0	0,00
C28_8_RECOD1	13	81,25
Q28_9_ARTES	0	0,00
Q28_10_FREQ_TEATRO	0	0,00
Q28_10_RECOD1	14	87,50
Q28_11_LE_REVISTAS_CULT	0	0,00
Q28_12_LE_REVISTAS_TRIVIAIS	0	0,00
Q28_13_JORNAL_IMPRESSO	0	0,00
Q28_14_REVISTAS_SEMANAIS	0	0,00
Q28_15_LE_LIVROS	0	0,00
Q28_15_LITERA	10	62,50
Q28_15_TECNIC	0	0,00
Q28_15_COTIDIANO	0	0,00
Q28_15_NEGOCIOS	0	0,00
Q28_16_ESPORTE	0	0,00
Q28_16_PRAT_ESPORTE	1	6,25
Q28_16_RECOD1	6	37,50
Q28_17_ACADEMIA	0	0,00
Q28_18_DOCUMENTARIOS	0	0,00
Q28_18_RECOD1	10	62,50

Q28_19_ASSISTE_VARIEDADES	0	0,00
Q28_20_RADIO	1	6,25
Q28_20_TIPO MUSICA	10	62,50
Q28_20_DOCUMENT	0	0,00
Q28_21_MUSICA	1	6,25
Q28_21_TIPO MUSC	4	25,00
Q28_21_CLASSICA	0	0,00
Q28_22_INTERNET	2	12,50
Q28_22_SITES INTERNET	8	50,00
Q28_23_ALIMENTO_SAUDAVEL	0	0,00
Q28_24 ALIM_GORDUROSO	0	0,00
Q28_25_VESTIM_GRIFE	0	0,00
Q28_25_VEST_SOBRIA_ADEQUADA	2	12,50
Q28_25_VEST_A_VONTADE	2	12,50
Q28_25_VEST_CHIQUE_DISTINTA	2	12,50
Q28_25_VEST_AUDACIOSA_REBUSCADA	2	12,50
Q28_25_VEST_MODA	2	12,50
Q29_TRAB_DOMESTICO	0	0,00
Q29_QUANTOS_TRAB	14	87,50
Q30_MOVEIS PAIS	1	6,25
Q31_ESCOLHE_TIPO_MOVEIS	3	18,75
Q32_PINTOR	11	68,75
Q33_ACERTOU_QTOS_COMPOSITORES	16	100,00
Q34_RECODI ACERTOS	16	100,00
LOCAL_TRABALHO	0	0,00
LOCAL_TRABALHO_RECOD	1	6,25
LOCAL_TRABALHO_GRANDE_AREA	1	6,25
EMPRESA	2	12,50
EMPRESA_MULT\ NACIONAL	1	6,25

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

## APÊNDICE 2

Tabela A - Decomposição da inércia e Qui-Quadrado

Valor Singular	Inércia Principal	Qui-Quadrado	Porcentagem	
0,38589	0,14891	1889,7	8,17	*****
0,32962	0,10865	1378,8	5,96	*****
0,28767	0,08276	1050,2	4,54	*****
0,26606	0,07079	898,3	3,88	*****
0,24768	0,06135	778,5	3,37	*****
0,24239	0,05875	745,6	3,22	*****
0,23493	0,05519	700,4	3,03	*****
0,22647	0,05129	650,9	2,81	*****
0,22191	0,04924	624,9	2,70	*****
0,21892	0,04792	608,2	2,63	*****
0,21370	0,04567	579,5	2,51	*****
0,21120	0,04460	566,0	2,45	*****
0,20663	0,04270	541,8	2,34	*****
0,20102	0,04041	512,8	2,22	*****
0,19361	0,03748	475,7	2,06	*****
0,19251	0,03706	470,3	2,03	*****
0,18817	0,03541	449,3	1,94	*****
0,18550	0,03441	436,7	1,89	*****
0,18397	0,03385	429,5	1,86	*****
0,18325	0,03358	426,1	1,84	*****
0,17800	0,03168	402,1	1,74	****
0,17321	0,03000	380,7	1,65	****
0,17078	0,02917	370,1	1,60	****
0,16872	0,02847	361,2	1,56	****
0,16397	0,02688	341,2	1,48	****
0,16331	0,02667	338,5	1,46	****
0,15936	0,02540	322,3	1,39	***
0,15578	0,02427	308,0	1,33	***
0,15250	0,02326	295,1	1,28	***
0,15031	0,02259	286,7	1,24	***
0,14735	0,02171	275,5	1,19	***
0,14283	0,02040	258,9	1,12	***
0,14107	0,01990	252,6	1,09	***
0,13946	0,01945	246,8	1,07	***
0,13733	0,01886	239,4	1,04	***
0,13447	0,01808	229,5	0,99	**
0,13054	0,01704	216,3	0,94	**
0,12959	0,01679	213,1	0,92	**
0,12436	0,01547	196,3	0,85	**
0,12362	0,01528	193,9	0,84	**
0,12224	0,01494	189,6	0,82	**

---

0,11832	0,01400	177,7	0,77	**
0,11604	0,01346	170,9	0,74	**
0,11386	0,01296	164,5	0,71	**
0,10865	0,01180	149,8	0,65	**
0,10595	0,01123	142,5	0,62	**
0,10531	0,01109	140,7	0,61	**
0,10326	0,01066	135,3	0,59	*
0,10024	0,01005	127,5	0,55	*
0,09769	0,00954	121,1	0,52	*
0,09644	0,00930	118,0	0,51	*
0,09340	0,00872	110,7	0,48	*
0,09079	0,00824	104,6	0,45	*
0,08995	0,00809	102,7	0,44	*
0,08562	0,00733	93,0	0,40	*
0,08460	0,00716	90,8	0,39	*
0,08117	0,00659	83,6	0,36	*
0,07911	0,00626	79,4	0,34	*
0,07771	0,00604	76,6	0,33	*
0,07510	0,00564	71,6	0,31	*
0,07287	0,00531	67,4	0,29	*
0,06997	0,00490	62,1	0,27	*
0,06966	0,00485	61,6	0,27	*
0,06943	0,00482	61,2	0,26	*
0,06518	0,00425	53,9	0,23	*
0,06052	0,00366	46,5	0,20	*
0,05657	0,00320	40,6	0,18	
0,05568	0,00310	39,3	0,17	
0,05475	0,00300	38,0	0,16	
0,05264	0,00277	35,2	0,15	
0,05083	0,00258	32,8	0,14	
0,04877	0,00238	30,2	0,13	
0,04568	0,00209	26,5	0,11	
0,04446	0,00198	25,1	0,11	
0,04205	0,00177	22,4	0,10	
0,04120	0,00170	21,5	0,09	
0,03788	0,00144	18,2	0,08	
0,03741	0,00140	17,8	0,08	
0,03040	0,00092	11,7	0,05	
0,02916	0,00085	10,8	0,05	
0,02017	0,00041	5,2	0,02	
0,01894	0,00036	4,6	0,02	
Total	1,82222	23125,2	100,00	

G. L. = 15876

---

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela B - Qualidade, massa e inércia para cada categoria – Variáveis ativas- UFSCAR

Variável	Categoria	Qualidade	Massa	Inércia
ALUNOS	ANT	0,7524	0,0053	0,0093
ALUNOS	RF	0,7524	0,0169	0,0029
RENDA_PAI	+10	0,3005	0,0080	0,0078
RENDA_PAI	5e10	0,0179	0,0069	0,0084
RENDA_PAI	<5	0,3141	0,0073	0,0082
RENDA_MAE	+10	0,1644	0,0064	0,0087
RENDA_MAE	2e5	0,0410	0,0075	0,0081
RENDA_MAE	<2	0,3250	0,0071	0,0083
RENDA_MAE	NR	0,0041	0,0012	0,0115
BANDEIRA_BANCO	CC	0,2545	0,0098	0,0068
BANDEIRA_BANCO	CD	0,2545	0,0124	0,0054
CLASSE_SOCIAL_PAIS	ALTA OU MÉDIA/ALTA	0,2787	0,0094	0,0070
CLASSE_SOCIAL_PAIS	BAIXA OU MÉDIA/BAIXA	0,3052	0,0025	0,0108
CLASSE_SOCIAL_PAIS	MÉDIA	0,0357	0,0103	0,0065
ESCOLARIDADE_MAE	FEM	0,6254	0,0055	0,0092
ESCOLARIDADE_MAE	U	0,6254	0,0167	0,0030
ESCOLARIDADE_PAI	FEM	0,4960	0,0050	0,0095
ESCOLARIDADE_PAI	U	0,4960	0,0172	0,0027
INST_GRAD_PAI	ESTADUAL SP	0,0740	0,0041	0,0100
INST_GRAD_PAI	NR	0,4492	0,0092	0,0071
INST_GRAD_PAI	O	0,1037	0,0032	0,0104
INST_GRAD_PAI	PARTICULAR SP	0,0742	0,0057	0,0091
INST_GRAD_MAE	ESTADUAL SP	0,0363	0,0032	0,0104
INST_GRAD_MAE	NR	0,4203	0,0100	0,0067
INST_GRAD_MAE	O	0,1428	0,0028	0,0106
INST_GRAD_MAE	PARTICULAR SP	0,0891	0,0062	0,0088
PAIS_ESTUDOS_EXT	N	0,1165	0,0199	0,0013
PAIS_ESTUDOS_EXT	S	0,1165	0,0023	0,0109
CASA_VERANEIO	N	0,0399	0,0151	0,0039
CASA_VERANEIO	S	0,0399	0,0071	0,0083
PROF_AVO	FP	0,0327	0,0025	0,0108
PROF_AVO	NR	0,1571	0,0078	0,0079
PROF_AVO	PL	0,1437	0,0044	0,0098

PROF_AVO	PATRÕES	0,0170	0,0025	0,0108
PROF_AVO	TEC	0,0338	0,0050	0,0095
ESCOLARIDADE_AVO	ENS_BAS	0,0860	0,0027	0,0107
ESCOLARIDADE_AVO	NR	0,2062	0,0172	0,0027
ESCOLARIDADE_AVO	U	0,1775	0,0023	0,0109
ESTUDOS_PESSOAIS	PRIVADO	0,4610	0,0160	0,0034
ESTUDOS_PESSOAIS	PÚBLICO	0,4610	0,0062	0,0088
ESPEC_ESTAGIO	N	0,0747	0,0135	0,0048
ESPEC_ESTAGIO	S	0,0747	0,0087	0,0074
OPCAO_PARTIDARIA	DIREITA	0,0227	0,0050	0,0095
OPCAO_PARTIDARIA	NR	0,0140	0,0124	0,0054
OPCAO_PARTIDARIA	O	0,0871	0,0048	0,0096
TIPO_PEÇAS	BROADWAY/INTERNACIONAIS	0,2090	0,0048	0,0096
TIPO_PEÇAS	NR	0,2387	0,0139	0,0046
TIPO_PEÇAS	O	0,0190	0,0036	0,0102
LE_REVISTAS_CULT	F	0,0486	0,0037	0,0101
LE_REVISTAS_CULT	N	0,1121	0,0094	0,0070
LE_REVISTAS_CULT	ÀS VEZES	0,0538	0,0091	0,0072
LE_REVISTAS_TRIVIAIS	N	0,0136	0,0183	0,0021
LE_REVISTAS_TRIVIAIS	ÀS	0,0136	0,0039	0,0100
JORNAL_IMPRESSO	F	0,0949	0,0068	0,0085
JORNAL_IMPRESSO	N	0,0290	0,0046	0,0097
JORNAL_IMPRESSO	ÀS VEZES	0,0432	0,0108	0,0062
REVISTAS_SEMANAIS	F	0,0073	0,0043	0,0099
REVISTAS_SEMANAIS	N	0,0845	0,0044	0,0098
REVISTAS_SEMANAIS	ÀS VEZES	0,0581	0,0135	0,0048
LIVROS_LITERATURA	S	0,0054	0,0023	0,0109
LIVROS_LITERATURA	N	0,0054	0,0199	0,0013
LIVROS_TECNICOS	N	0,0459	0,0169	0,0029
LIVROS_TECNICOS	S	0,0459	0,0053	0,0093
LIVROS_COTIDIANOS	S	0,0257	0,0098	0,0068
LIVROS_COTIDIANOS	NR	0,2290	0,0091	0,0072
LIVROS_COTIDIANOS	N	0,4621	0,0034	0,0103
LIVROS_NEGOCIOS	S	0,0484	0,0032	0,0104
LIVROS_NEGOCIOS	NR	0,5719	0,0148	0,0041
LIVROS_NEGOCIOS	N	0,5781	0,0043	0,0099
ESPORTES	ACAD_NAT_ETC	0,0352	0,0053	0,0093



ESPORTES	AR_LIVRE	0,0514	0,0034	0,0103
ESPORTES	BÁSICOS	0,0482	0,0048	0,0096
ESPORTES	EQUIPAMENTOS	0,0665	0,0034	0,0103
ESPORTES	NR	0,1474	0,0053	0,0093
TIPO_DOCUMENTARIO	DOC	0,0333	0,0050	0,0095
TIPO_DOCUMENTARIO	NR	0,2084	0,0108	0,0062
TIPO_DOCUMENTARIO	N_DOC	0,1808	0,0064	0,0087
SOCIO_CLUBE	F	0,2219	0,0078	0,0079
SOCIO_CLUBE	N	0,1135	0,0062	0,0088
SOCIO_CLUBE	ÀS VEZES	0,0363	0,0082	0,0077
TIPO_MUSICA_RADIO	MODERNAS	0,0761	0,0103	0,0065
TIPO_MUSICA_RADIO	NR	0,1402	0,0092	0,0071
TIPO_MUSICA_RADIO	O	0,5975	0,0027	0,0107
ESCUA_NOTICIARIOS	N	0,2962	0,0183	0,0021
ESCUA_NOTICIARIOS	S	0,2962	0,0039	0,0100
TIPO_MUSICA	IC	0,0289	0,0028	0,0106
TIPO_MUSICA	NR	0,0377	0,0037	0,0101
TIPO_MUSICA	O	0,1006	0,0021	0,0110
TIPO_MUSICA	U	0,0458	0,0135	0,0048
ALIMENTO_SAUDAVEL	F	0,1204	0,0148	0,0041
ALIMENTO_SAUDAVEL	ÀS VEZES	0,1204	0,0075	0,0081
CAMINHADAS	F	0,1011	0,0085	0,0075
CAMINHADAS	N	0,0237	0,0030	0,0105
CAMINHADAS	ÀS VEZES	0,0523	0,0107	0,0063
TRAB_DOMESTICO	F	0,1837	0,0084	0,0076
TRAB_DOMESTICO	N	0,2775	0,0078	0,0079
TRAB_DOMESTICO	ÀS VEZES	0,0115	0,0060	0,0089
TIPO_MOVEIS	POP	0,0521	0,0025	0,0108
TIPO_MOVEIS	REQ	0,0521	0,0197	0,0014
TIPO_PINTORES	IMPR	0,0906	0,0050	0,0095
TIPO_PINTORES	MIST	0,0545	0,0036	0,0102
TIPO_PINTORES	NR	0,0540	0,0094	0,0070
TIPO_PINTORES	O	0,0814	0,0043	0,0099
QUANTOS_CARROS	+2	0,2185	0,0108	0,0062
QUANTOS_CARROS	1	0,1310	0,0046	0,0097
QUANTOS_CARROS	2	0,0572	0,0068	0,0085
AREA_LAZER	N	0,0461	0,0075	0,0081

AREA_LAZER	S	0,0461	0,0148	0,0041
TRABALHO_PAI	FP	0,0075	0,0036	0,0102
TRABALHO_PAI	NR	0,0435	0,0041	0,0100
TRABALHO_PAI	O	0,2202	0,0059	0,0090
TRABALHO_PAI	PL	0,2508	0,0087	0,0074
PRIVADO_PAI	N	0,0047	0,0052	0,0094
PRIVADO_PAI	S	0,0047	0,0171	0,0028
PUBLICO_PAI	N	0,0387	0,0171	0,0028
PUBLICO_PAI	S	0,0387	0,0052	0,0094
TRABALHO_MAE	FP	0,0908	0,0050	0,0095
TRABALHO_MAE	NR	0,0341	0,0048	0,0096
TRABALHO_MAE	O	0,0613	0,0037	0,0101
TRABALHO_MAE	PL	0,1010	0,0066	0,0086
TRABALHO_MAE	TC	0,1901	0,0021	0,0110
PRIVADO_MAE	N	0,0767	0,0087	0,0074
PRIVADO_MAE	S	0,0767	0,0135	0,0048
PUBLICO_MAE	N	0,1636	0,0144	0,0043
PUBLICO_MAE	S	0,1636	0,0078	0,0079
SEXO	F	0,0070	0,0064	0,0087
SEXO	M	0,0070	0,0158	0,0035

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela C- Contribuição à inércia em cada dimensão – Variáveis ativas- UFSCar

Variável	Categoria	Dim1	Dim2
ALUNOS	ANT	0,0063	0,1083
ALUNOS	RF	0,0020	0,0342
RENDA_PAI	+10	0,0256	0,0042
RENDA_PAI	5e10	0,0001	0,0024
RENDA_PAI	<5	0,0312	0,0004
RENDA_MAE	+10	0,0170	0,0006
RENDA_MAE	2e5	0,0040	0,0001
RENDA_MAE	<2	0,0325	0,0006
RENDA_MAE	NR	0,0004	0,0002
BANDEIRA_BANCO	CC	0,0213	0,0000
BANDEIRA_BANCO	CD	0,0167	0,0000
CLASSE_SOCIAL_PAIS	ALTA OU MÉDIA/ALTA	0,0238	0,0003
CLASSE_SOCIAL_PAIS	BAIXA OU MÉDIA/BAIXA	0,0402	0,0004

CLASSE_SOCIAL_PAIS	MÉDIA	0,0024	0,0006
ESCOLARIDADE_MAE	FEM	0,0695	0,0009
ESCOLARIDADE_MAE	U	0,0229	0,0003
ESCOLARIDADE_PAI	FEM	0,0574	0,0001
ESCOLARIDADE_PAI	U	0,0166	0,0000
INST_GRAD_PAI	ESTADUAL SP	0,0071	0,0027
INST_GRAD_PAI	NR	0,0376	0,0021
INST_GRAD_PAI	O	0,0129	0,0004
INST_GRAD_PAI	PARTICULAR SP	0,0082	0,0000
INST_GRAD_MAE	ESTADUAL SP	0,0046	0,0001
INST_GRAD_MAE	NR	0,0339	0,0010
INST_GRAD_MAE	O	0,0167	0,0026
INST_GRAD_MAE	PARTICULAR SP	0,0095	0,0002
PAIS_ESTUDOS_EXT	N	0,0017	0,0001
PAIS_ESTUDOS_EXT	S	0,0150	0,0008
CASA_VERANEIO	N	0,0018	0,0002
CASA_VERANEIO	S	0,0037	0,0004
PROF_AVO	FP	0,0038	0,0008
PROF_AVO	NR	0,0014	0,0189
PROF_AVO	PL	0,0058	0,0155
PROF_AVO	PATRÕES	0,0001	0,0030
PROF_AVO	TEC	0,0039	0,0000
ESCOLARIDADE_AVO	ENS_BAS	0,0032	0,0110
ESCOLARIDADE_AVO	NR	0,0001	0,0094
ESCOLARIDADE_AVO	U	0,0070	0,0229
ESTUDOS_PESSOAIS	PRIVADO	0,0185	0,0010
ESTUDOS_PESSOAIS	PÚBLICO	0,0477	0,0025
ESPEC_ESTAGIO	N	0,0042	0,0003
ESPEC_ESTAGIO	S	0,0065	0,0004
OPCAO_PARTIDARIA	DIREITA	0,0017	0,0012
OPCAO_PARTIDARIA	NR	0,0005	0,0005
OPCAO_PARTIDARIA	O	0,0063	0,0053
TIPO_PEÇAS	BROADWAY/INTERNACIONAIS	0,0078	0,0229
TIPO_PEÇAS	NR	0,0034	0,0136
TIPO_PEÇAS	O	0,0002	0,0030
LE_REVISTAS_CULT	F	0,0026	0,0047
LE_REVISTAS_CULT	N	0,0000	0,0132

LE_REVISTAS_CULT	ÀS VEZES	0,0009	0,0053
LE_REVISTAS_TRIVIAIS	N	0,0000	0,0005
LE_REVISTAS_TRIVIAIS	ÀS	0,0001	0,0021
JORNAL_IMPRESSO	F	0,0004	0,0129
JORNAL_IMPRESSO	N	0,0024	0,0014
JORNAL_IMPRESSO	ÀS VEZES	0,0002	0,0042
REVISTAS_SEMANAIS	F	0,0007	0,0002
REVISTAS_SEMANAIS	N	0,0012	0,0122
REVISTAS_SEMANAIS	ÀS VEZES	0,0012	0,0030
LIVROS_LITERATURA	S	0,0006	0,0001
LIVROS_LITERATURA	N	0,0001	0,0000
LIVROS_TECNICOS	N	0,0000	0,0022
LIVROS_TECNICOS	S	0,0001	0,0070
LIVROS_COTIDIANOS	S	0,0021	0,0000
LIVROS_COTIDIANOS	NR	0,0000	0,0277
LIVROS_COTIDIANOS	N	0,0045	0,0739
LIVROS_NEGOCIOS	S	0,0014	0,0066
LIVROS_NEGOCIOS	NR	0,0007	0,0383
LIVROS_NEGOCIOS	N	0,0066	0,0865
ESPORTES	ACAD_NAT_ETC	0,0010	0,0041
ESPORTES	AR_LIVRE	0,0009	0,0076
ESPORTES	BÁSICOS	0,0006	0,0068
ESPORTES	EQUIPAMENTOS	0,0037	0,0065
ESPORTES	NR	0,0063	0,0142
TIPO_DOCUMENTARIO	DOC	0,0019	0,0026
TIPO_DOCUMENTARIO	NR	0,0003	0,0214
TIPO_DOCUMENTARIO	N_DOC	0,0038	0,0211
SOCIO_CLUBE	F	0,0188	0,0037
SOCIO_CLUBE	N	0,0076	0,0063
SOCIO_CLUBE	ÀS VEZES	0,0033	0,0001
TIPO_MUSICA_RADIO	MODERNAS	0,0059	0,0003
TIPO_MUSICA_RADIO	NR	0,0000	0,0167
TIPO_MUSICA_RADIO	O	0,0240	0,0746
ESCUTA_NOTICIARIOS	N	0,0006	0,0099
ESCUTA_NOTICIARIOS	S	0,0027	0,0462
TIPO_MUSICA	IC	0,0010	0,0039
TIPO_MUSICA	NR	0,0023	0,0033

TIPO_MUSICA	O	0,0035	0,0139
TIPO_MUSICA	U	0,0012	0,0020
ALIMENTO_SAUDAVEL	F	0,0001	0,0081
ALIMENTO_SAUDAVEL	ÀS VEZES	0,0002	0,0160
CAMINHADAS	F	0,0000	0,0127
CAMINHADAS	N	0,0010	0,0028
CAMINHADAS	ÀS VEZES	0,0002	0,0053
TRAB_DOMESTICO	F	0,0049	0,0167
TRAB_DOMESTICO	N	0,0097	0,0234
TRAB_DOMESTICO	ÀS VEZES	0,0009	0,0005
TIPO_MOVEIS	POP	0,0048	0,0029
TIPO_MOVEIS	REQ	0,0006	0,0004
TIPO_PINTORES	IMPR	0,0078	0,0037
TIPO_PINTORES	MIST	0,0057	0,0016
TIPO_PINTORES	NR	0,0019	0,0037
TIPO_PINTORES	O	0,0097	0,0001
QUANTOS_CARROS	+2	0,0166	0,0001
QUANTOS_CARROS	1	0,0142	0,0018
QUANTOS_CARROS	2	0,0042	0,0024
AREA_LAZER	N	0,0044	0,0002
AREA_LAZER	S	0,0022	0,0001
TRABALHO_PAI	FP	0,0006	0,0005
TRABALHO_PAI	NR	0,0019	0,0047
TRABALHO_PAI	O	0,0223	0,0025
TRABALHO_PAI	PL	0,0187	0,0055
PRIVADO_PAI	N	0,0004	0,0002
PRIVADO_PAI	S	0,0001	0,0001
PUBLICO_PAI	N	0,0013	0,0001
PUBLICO_PAI	S	0,0043	0,0002
TRABALHO_MAE	FP	0,0069	0,0049
TRABALHO_MAE	NR	0,0009	0,0042
TRABALHO_MAE	O	0,0061	0,0020
TRABALHO_MAE	PL	0,0105	0,0001
TRABALHO_MAE	TC	0,0250	0,0009
PRIVADO_MAE	N	0,0056	0,0018
PRIVADO_MAE	S	0,0036	0,0012
PUBLICO_MAE	N	0,0074	0,0017

PUBLICICO_MAE	S	0,0136	0,0031
SEXO	F	0,0007	0,0000
SEXO	M	0,0003	0,0000

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela D- Qualidade – Variáveis suplementares

Variável	Categoria	Qualidade
VIAGENS	F	0,1424
VIAGENS	N	0,0921
VIAGENS	ÀS VEZES	0,0607
CULTURA	F	0,0623
CULTURA	N	0,0055
CULTURA	ÀS VEZES	0,0515
VIAGEM_EXT	F	0,0643
VIAGEM_EXT	N	0,4126
VIAGEM_EXT	ÀS VEZES	0,2889
FESTAS	F	0,1086
FESTAS	N	0,0135
FESTAS	ÀS	0,0933
ARTES	N	0,0002
ARTES	ÀS VEZES	0,0002
CASA_PROPRIA	N	0,0093
CASA_PROPRIA	S	0,0093
INST_ENS_MED_PAI	NR	0,0161
INST_ENS_MED_PAI	PARTICULAR	0,0368
INST_ENS_MED_PAI	PÚBLICA	0,0732
INST_POS_PAI	ESTADUAL SP	0,0811
INST_POS_PAI	FEDERAL SP	0,0326
INST_POS_PAI	NR	0,1413
INST_POS_PAI	PARTICULAR SP	0,0561
INST_ENS_MED_MAE	NR	0,0248
INST_ENS_MED_MAE	PARTICULAR	0,0210
INST_ENS_MED_MAE	PÚBLICA	0,0638
N	Q24_1	0,0140
S	Q24_1	0,0140
N	Q24_10	0,0436
S	Q24_10	0,0436

N	Q24_11	0,0324
S	Q24_11	0,0324
N	Q24_2	0,0702
S	Q24_2	0,0702
N	Q24_3	0,0053
S	Q24_3	0,0053
N	Q24_4	0,0112
S	Q24_4	0,0112
N	Q24_5	0,0173
S	Q24_5	0,0173
N	Q24_6	0,0028
S	Q24_6	0,0028
N	Q24_7	0,0200
S	Q24_7	0,0200
MUSICA_CLASSICA	NR	0,0960
MUSICA_CLASSICA	C	0,0766
MUSICA_CLASSICA	O	0,0393
TIPO_INST_MUSICAL	CLÁSSICOS	0,0754
TIPO_INST_MUSICAL	MODERNOS	0,0015
TIPO_INST_MUSICAL	NR	0,0222
MUSICA_PREFERENCIA	CM	0,0201
MUSICA_PREFERENCIA	CP	0,1213
MUSICA_PREFERENCIA	CS	0,0725
MUSICA_PREFERENCIA	NR	0,2550

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

## Segunda análise de correspondência múltipla da UFSCar

Tabela E - Decomposição da inércia e Qui-Quadrado

Valor Singular	Inércia Principal	Qui-Quadrado	Porcentagem	
0,47258	0,22333	772,47	8,31	*****
0,40039	0,16031	554,49	5,96	*****
0,36626	0,13415	464,00	4,99	*****
0,35586	0,12664	438,03	4,71	*****
0,33929	0,11512	398,18	4,28	*****
0,33074	0,10939	378,36	4,07	*****
0,32555	0,10598	366,59	3,94	*****
0,32082	0,10293	356,01	3,83	*****
0,31428	0,09877	341,63	3,68	*****

0,30959	0,09585	331,52	3,57	*****
0,29393	0,08640	298,84	3,21	*****
0,29255	0,08559	296,03	3,18	*****
0,28731	0,08255	285,52	3,07	*****
0,27576	0,07604	263,02	2,83	*****
0,27094	0,07341	253,90	2,73	*****
0,26672	0,07114	246,06	2,65	*****
0,26358	0,06947	240,30	2,59	*****
0,25458	0,06481	224,17	2,41	*****
0,24337	0,05923	204,86	2,20	*****
0,23915	0,05719	197,82	2,13	*****
0,23116	0,05344	184,83	1,99	*****
0,22763	0,05182	179,23	1,93	*****
0,21844	0,04772	165,05	1,78	****
0,21429	0,04592	158,84	1,71	****
0,21141	0,04470	154,60	1,66	****
0,20473	0,04191	144,97	1,56	****
0,19742	0,03898	134,81	1,45	****
0,19111	0,03652	126,33	1,36	***
0,18559	0,03444	119,14	1,28	***
0,18243	0,03328	115,11	1,24	***
0,18132	0,03288	113,71	1,22	***
0,16960	0,02876	99,49	1,07	***
0,16536	0,02735	94,58	1,02	***
0,15822	0,02503	86,58	0,93	**
0,15023	0,02257	78,06	0,84	**
0,14837	0,02201	76,14	0,82	**
0,13706	0,01879	64,98	0,70	**
0,13543	0,01834	63,44	0,68	**
0,12699	0,01613	55,78	0,60	**
0,12467	0,01554	53,76	0,58	*
0,12199	0,01488	51,47	0,55	*
0,10463	0,01095	37,87	0,41	*
0,08525	0,00727	25,14	0,27	*
Total	2,68750	9295,70	100,00	

G.L. = 3364

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela F - Qualidade, massa e inércia para cada categoria

Variável	Categoria	Qualidade	Massa	Inércia
TRABALHO_PAI	C/G	0,0137	0,0039	0,0218
TRABALHO_PAI	FP	0,0075	0,0101	0,0195
TRABALHO_PAI	NR	0,1610	0,0109	0,0192
TRABALHO_PAI	PAT	0,0802	0,0074	0,0205
TRABALHO_PAI	PL	0,3238	0,0240	0,0143



TRABALHO_PAI	TEC	0,2620	0,0061	0,0210
TRABALHO_MAE	CASA	0,3466	0,0079	0,0203
TRABALHO_MAE	FP	0,0890	0,0135	0,0182
TRABALHO_MAE	NR	0,1578	0,0122	0,0187
TRABALHO_MAE	PAT	0,0015	0,0039	0,0218
TRABALHO_MAE	PL	0,1864	0,0214	0,0153
TRABALHO_MAE	TEC	0,1449	0,0035	0,0220
RENDA_PAI	+10	0,2579	0,0249	0,0140
RENDA_PAI	2e5	0,1316	0,0135	0,0182
RENDA_PAI	5e10	0,0034	0,0175	0,0168
RENDA_PAI	<2	0,1916	0,0066	0,0208
RENDA_MAE	+10	0,0715	0,0044	0,0216
RENDA_MAE	2e5	0,0522	0,0205	0,0156
RENDA_MAE	5e10	0,1202	0,0135	0,0182
RENDA_MAE	<2	0,4077	0,0205	0,0156
RENDA_MAE	NR	0,0402	0,0035	0,0220
ESCOLARIDADE_PAI	F_M	0,4540	0,0131	0,0184
ESCOLARIDADE_PAI	U	0,4540	0,0494	0,0049
ESCOLARIDADE_MAE	F_M	0,5706	0,0153	0,0176
ESCOLARIDADE_MAE	U	0,5706	0,0472	0,0057
TITULACAO_AVO	ENS_BAS	0,1834	0,0070	0,0207
TITULACAO_AVO	NR	0,2459	0,0494	0,0049
TITULACAO_AVO	U	0,1087	0,0061	0,0210
PROF_AVO	FP	0,0333	0,0066	0,0208
PROF_AVO	NR	0,2601	0,0223	0,0150
PROF_AVO	PAT	0,1437	0,0070	0,0207
PROF_AVO	PL	0,0685	0,0122	0,0187
PROF_AVO	TEC	0,0401	0,0144	0,0179
TIPO_PEÇAS	BRASILEIRAS	0,0010	0,0048	0,0215
TIPO_PEÇAS	BROADWAY/INTER	0,3221	0,0140	0,0181
TIPO_PEÇAS	NR	0,2770	0,0385	0,0089
TIPO_PEÇAS	STAND_UP	0,0132	0,0052	0,0213
LE_REVISTAS_CULT	AS_VEZES	0,1077	0,0236	0,0145
LE_REVISTAS_CULT	F	0,0442	0,0109	0,0192
LE_REVISTAS_CULT	N	0,2206	0,0280	0,0128
LIVROS_LITERATURA	NÃO	0,0068	0,0559	0,0024
LIVROS_LITERATURA	SIM	0,0068	0,0066	0,0208

ESPORTES	ACAD_NAT_ETC	0,0629	0,0135	0,0182
ESPORTES	AR_LIVRE	0,1113	0,0087	0,0200
ESPORTES	BASICOS	0,0547	0,0140	0,0181
ESPORTES	EQUIPAMENTOS	0,0752	0,0105	0,0194
ESPORTES	NR	0,1793	0,0157	0,0174
MUSICA_CLASSICA	NÃO	0,0590	0,0494	0,0049
MUSICA_CLASSICA	NR	0,0128	0,0087	0,0200
MUSICA_CLASSICA	SIM	0,2070	0,0044	0,0216
ALIMENTO_SAUDAVEL	AS_VEZES	0,2097	0,0210	0,0154
ALIMENTO_SAUDAVEL	F	0,2097	0,0415	0,0078
GRANDE_GRUPO	ACADEMIA	0,0680	0,0026	0,0223
GRANDE_GRUPO	BANCOS_FINANCAS	0,0128	0,0070	0,0207
GRANDE_GRUPO	CONSULTORIA	0,0974	0,0157	0,0174
GRANDE_GRUPO	INDUSTRIA	0,0178	0,0253	0,0138
GRANDE_GRUPO	NR	0,1289	0,0118	0,0189
ALUNOS	ANT	0,3561	0,0140	0,0181
ALUNOS	RF	0,3561	0,0485	0,0052

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela G – Contribuição à inércia em cada dimensão

Variável	Categoria	Dim1	Dim2
TRABALHO_PAI	C/G	0,0028	0,0010
TRABALHO_PAI	FP	0,0016	0,0003
TRABALHO_PAI	NR	0,0167	0,0285
TRABALHO_PAI	PAT	0,0113	0,0119
TRABALHO_PAI	PL	0,0514	0,0061
TRABALHO_PAI	TEC	0,0640	0,0030
TRABALHO_MAE	CASA	0,0531	0,0442
TRABALHO_MAE	FP	0,0180	0,0021
TRABALHO_MAE	NR	0,0110	0,0341
TRABALHO_MAE	PAT	0,0001	0,0004
TRABALHO_MAE	PL	0,0343	0,0000
TRABALHO_MAE	TEC	0,0367	0,0023
RENDA_PAI	+10	0,0409	0,0035
RENDA_PAI	2e5	0,0202	0,0121
RENDA_PAI	5e10	0,0003	0,0005
RENDA_PAI	<2	0,0480	0,0000

RENDA_MAE	+10	0,0070	0,0161
RENDA_MAE	2e5	0,0086	0,0016
RENDA_MAE	5e10	0,0260	0,0005
RENDA_MAE	<2	0,0758	0,0012
RENDA_MAE	NR	0,0010	0,0135
ESCOLARIDADE_PAI	F_M	0,0867	0,0191
ESCOLARIDADE_PAI	U	0,0230	0,0051
ESCOLARIDADE_MAE	F_M	0,1012	0,0271
ESCOLARIDADE_MAE	U	0,0328	0,0088
TITULACAO_AVO	ENS_BAS	0,0009	0,0623
TITULACAO_AVO	NR	0,0013	0,0184
TITULACAO_AVO	U	0,0174	0,0139
PROF_AVO	FP	0,0083	0,0000
PROF_AVO	NR	0,0102	0,0510
PROF_AVO	PAT	0,0000	0,0497
PROF_AVO	PL	0,0148	0,0009
PROF_AVO	TEC	0,0021	0,0092
TIPO_PEÇAS	BRASILEIRAS	0,0002	0,0001
TIPO_PEÇAS	BROADWAY/INTER	0,0490	0,0292
TIPO_PEÇAS	NR	0,0187	0,0155
TIPO_PEÇAS	STAND_UP	0,0000	0,0047
LE_REVISTAS_CULT	AS_VEZES	0,0011	0,0246
LE_REVISTAS_CULT	F	0,0042	0,0083
LE_REVISTAS_CULT	N	0,0051	0,0404
LIVROS_LITERATURA	NÃO	0,0002	0,0000
LIVROS_LITERATURA	SIM	0,0015	0,0004
ESPORTES	ACAD_NAT_ETC	0,0083	0,0076
ESPORTES	AR_LIVRE	0,0016	0,0352
ESPORTES	BASICOS	0,0002	0,0163
ESPORTES	EQUIPAMENTOS	0,0175	0,0000
ESPORTES	NR	0,0308	0,0094
MUSICA_CLASSICA	NÃO	0,0013	0,0030
MUSICA_CLASSICA	NR	0,0011	0,0028
MUSICA_CLASSICA	SIM	0,0054	0,0675
ALIMENTO_SAUDAVEL	AS_VEZES	0,0033	0,0498
ALIMENTO_SAUDAVEL	F	0,0016	0,0251
GRANDE_GRUPO	ACADEMIA	0,0033	0,0208

GRANDE_GRUPO	BANCOS_FINANCAS	0,0001	0,0042
GRANDE_GRUPO	CONSULTORIA	0,0133	0,0099
GRANDE_GRUPO	INDUSTRIA	0,0018	0,0016
GRANDE_GRUPO	NR	0,0028	0,0369
ALUNOS	ANT	0,0003	0,1074
ALUNOS	RF	0,0001	0,0310

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

## Análise de correspondência múltipla da Poli

Tabela H - Decomposição da inércia e Qui-Quadrado

Valor Singular	Inércia Principal	Qui-Quadrado	Porcentagem	
0,40107	0,16086	467,51	7,28	*****
0,37685	0,14202	412,75	6,43	*****
0,36670	0,13447	390,81	6,09	*****
0,35497	0,12600	366,21	5,71	*****
0,34010	0,11567	336,18	5,24	*****
0,32505	0,10566	307,08	4,78	*****
0,30706	0,09429	274,03	4,27	*****
0,30256	0,09154	266,05	4,15	*****
0,29079	0,08456	245,76	3,83	*****
0,28613	0,08187	237,95	3,71	*****
0,27792	0,07724	224,48	3,50	*****
0,27008	0,07294	212,00	3,30	*****
0,26599	0,07075	205,63	3,20	*****
0,26392	0,06966	202,44	3,15	*****
0,25249	0,06375	185,28	2,89	*****
0,24864	0,06182	179,67	2,80	*****
0,22653	0,05131	149,14	2,32	*****
0,22458	0,05044	146,59	2,28	*****
0,21843	0,04771	138,67	2,16	*****
0,21561	0,04649	135,11	2,11	*****
0,20367	0,04148	120,56	1,88	*****
0,19463	0,03788	110,09	1,72	****
0,18911	0,03576	103,94	1,62	****
0,18147	0,03293	95,71	1,49	****
0,17481	0,03056	88,81	1,38	***
0,17065	0,02912	84,64	1,32	***
0,16982	0,02884	83,82	1,31	***
0,15470	0,02393	69,55	1,08	***
0,14750	0,02176	63,23	0,99	**
0,14275	0,02038	59,22	0,92	**
0,13515	0,01827	53,08	0,83	**
0,13259	0,01758	51,10	0,80	**

0,12579	0,01582	45,99	0,72	**
0,11837	0,01401	40,72	0,63	**
0,10997	0,01209	35,15	0,55	*
0,10556	0,01114	32,38	0,50	*
0,10205	0,01041	30,27	0,47	*
0,09993	0,00999	29,02	0,45	*
0,08984	0,00807	23,46	0,37	*
0,08123	0,00660	19,18	0,30	*
0,07719	0,00596	17,32	0,27	*
0,07086	0,00502	14,59	0,23	*
0,06697	0,00449	13,04	0,20	*
0,06154	0,00379	11,01	0,17	
0,05896	0,00348	10,10	0,16	
0,05217	0,00272	7,91	0,12	
0,04735	0,00224	6,52	0,10	
0,04220	0,00178	5,18	0,08	
0,03886	0,00151	4,39	0,07	
0,02889	0,00083	2,43	0,04	
0,02418	0,00058	1,70	0,03	
0,01480	0,00022	0,64	0,01	
0,00659	0,00004	0,13	0,00	
Total	2,20833	6418,17	100,00	
		G.L. = 5776		

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela I - Qualidade, massa e inércia para cada categoria

Variável	Categoria	Qualidade	Massa	Inércia
SEXO	F	0,2605	0,0097	0,0145
SEXO	M	0,2605	0,0319	0,0044
CASA_DE_VERANEIO	NAO	0,0855	0,0264	0,0069
CASA_DE_VERANEIO	SIM	0,0855	0,0153	0,0119
QUANTOS_AUTOMOVEIS	+2	0,1757	0,0236	0,0082
QUANTOS_AUTOMOVEIS	DOIS	0,0066	0,0132	0,0129
QUANTOS_AUTOMOVEIS	UM	0,2951	0,0049	0,0167
TRABALHO_PAI	C/G	0,0076	0,0035	0,0173
TRABALHO_PAI	FP	0,2053	0,0028	0,0176
TRABALHO_PAI	NR	0,0126	0,0181	0,0107
TRABALHO_PAI	PAT	0,2595	0,0063	0,0160
TRABALHO_PAI	PL	0,1036	0,0111	0,0138
TRABALHO_MAE	CASA	0,1731	0,0056	0,0164
TRABALHO_MAE	FP	0,0886	0,0028	0,0176
TRABALHO_MAE	NR	0,0329	0,0187	0,0104
TRABALHO_MAE	O	0,2286	0,0028	0,0176

TRABALHO_MAE	PL	0,1739	0,0118	0,0135
RENDA_PAI	+10	0,1698	0,0229	0,0085
RENDA_PAI	2e5	0,2748	0,0056	0,0164
RENDA_PAI	5e10	0,0143	0,0111	0,0138
RENDA_PAI	NR	0,0880	0,0021	0,0179
RENDA_MAE	+10	0,0383	0,0076	0,0154
RENDA_MAE	2e5	0,0375	0,0146	0,0123
RENDA_MAE	5e10	0,1396	0,0063	0,0160
RENDA_MAE	<2	0,0647	0,0063	0,0160
RENDA_MAE	NR	0,1991	0,0069	0,0157
CLASSE_SOCIAL_PAIS	ALTA_MEDIA/ALTA	0,4193	0,0215	0,0091
CLASSE_SOCIAL_PAIS	MEDIA	0,4193	0,0201	0,0097
ESCOLARIDADE_PAI	F_M	0,3433	0,0028	0,0176
ESCOLARIDADE_PAI	U	0,3433	0,0389	0,0013
ESCOLARIDADE_MAE	F_M	0,4134	0,0042	0,0170
ESCOLARIDADE_MAE	U	0,4134	0,0375	0,0019
TITULACAO_AVO	ENS_BAS	0,0745	0,0021	0,0179
TITULACAO_AVO	NR	0,2936	0,0319	0,0044
TITULACAO_AVO	U	0,2403	0,0076	0,0154
PROF_AVO	FP	0,1348	0,0063	0,0160
PROF_AVO	NR	0,0956	0,0125	0,0132
PROF_AVO	PAT	0,0157	0,0056	0,0164
PROF_AVO	PL	0,1793	0,0056	0,0164
PROF_AVO	TEC	0,2150	0,0118	0,0135
OPCAO_PARTIDARIA	CENTRO	0,0198	0,0056	0,0164
OPCAO_PARTIDARIA	DIREITA	0,0660	0,0132	0,0129
OPCAO_PARTIDARIA	ESQUERDA	0,2302	0,0028	0,0176
OPCAO_PARTIDARIA	NR	0,0254	0,0201	0,0097
SOCIO_CLUBE	AS_VEZES	0,1114	0,0139	0,0126
SOCIO_CLUBE	F	0,1972	0,0069	0,0157
SOCIO_CLUBE	N	0,1364	0,0208	0,0094
CAMINHADAS	AS_VEZES	0,0274	0,0201	0,0097
CAMINHADAS	F	0,0098	0,0111	0,0138
CAMINHADAS	N	0,0540	0,0104	0,0142
TIPO_PEÇAS	BRASILEIRAS	0,1360	0,0028	0,0176
TIPO_PEÇAS	BRODWAY/INTER	0,0349	0,0097	0,0145
TIPO_PEÇAS	NR	0,1392	0,0292	0,0057
LE_REVISTAS_CULT	AS_VEZES	0,0797	0,0243	0,0079
LE_REVISTAS_CULT	F	0,2443	0,0076	0,0154

LE_REVISTAS_CULT	N	0,0262	0,0097	0,0145
LIVROS_LITERATURA	NAO	0,1116	0,0361	0,0025
LIVROS_LITERATURA	SIM	0,1116	0,0056	0,0164
LIVROS_TECNICOS	NAO	0,0344	0,0368	0,0022
LIVROS_TECNICOS	SIM	0,0344	0,0049	0,0167
LIVROS_COTIDIANOS	NAO	0,2287	0,0313	0,0047
LIVROS_COTIDIANOS	SIM	0,2287	0,0104	0,0142
LIVROS_NEGOCIOS_BUSINESS	NAO	0,2199	0,0326	0,0041
LIVROS_NEGOCIOS_BUSINESS	SIM	0,2199	0,0090	0,0148
ESPORTES	ACAD_NAT_ETC	0,0153	0,0063	0,0160
ESPORTES	AR_LIVRE	0,0102	0,0049	0,0167
ESPORTES	BASICOS	0,0021	0,0118	0,0135
ESPORTES	EQUIPAMENTOS	0,1254	0,0049	0,0167
ESPORTES	NR	0,0306	0,0139	0,0126
MUSICA	BRASILEIRA	0,4051	0,0021	0,0179
MUSICA	INTERNACIONAL_CLASSICO	0,1040	0,0118	0,0135
MUSICA	NR	0,1536	0,0139	0,0126
MUSICA	UNIVERSITARIAS	0,0036	0,0139	0,0126
GRANDE_AREA	BANCOS_FINANCAS	0,0301	0,0132	0,0129
GRANDE_AREA	CONSULTORIA	0,0856	0,0111	0,0138
GRANDE_AREA	INDUSTRIA	0,0955	0,0063	0,0160
GRANDE_AREA	NR	0,1168	0,0111	0,0138

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela J – Contribuição à inércia em cada dimensão

Variável	Categoria	Dim1	Dim2
SEXO	F	0,0288	0,0260
SEXO	M	0,0088	0,0079
CASA_DE_VERANEIO	NAO	0,0062	0,0022
CASA_DE_VERANEIO	SIM	0,0106	0,0038
QUANTOS_AUTOMOVEIS	+2	0,0072	0,0141
QUANTOS_AUTOMOVEIS	DOIS	0,0000	0,0013
QUANTOS_AUTOMOVEIS	UM	0,0310	0,0413
TRABALHO_PAI	C/G	0,0001	0,0019
TRABALHO_PAI	FP	0,0128	0,0417
TRABALHO_PAI	NR	0,0012	0,0007
TRABALHO_PAI	PAT	0,0303	0,0304
TRABALHO_PAI	PL	0,0184	0,0014

TRABALHO_MAE	CASA	0,0203	0,0210
TRABALHO_MAE	FP	0,0084	0,0148
TRABALHO_MAE	NR	0,0022	0,0028
TRABALHO_MAE	O	0,0385	0,0190
TRABALHO_MAE	PL	0,0317	0,0006
RENDA_PAI	+10	0,0109	0,0101
RENDA_PAI	2e5	0,0602	0,0016
RENDA_PAI	5e10	0,0007	0,0023
RENDA_PAI	NR	0,0000	0,0245
RENDA_MAE	+10	0,0018	0,0071
RENDA_MAE	2e5	0,0061	0,0002
RENDA_MAE	5e10	0,0198	0,0124
RENDA_MAE	<2	0,0124	0,0021
RENDA_MAE	NR	0,0017	0,0468
CLASSE_SOCIAL_PAIS	ALTA_MEDIA/ALTA	0,0456	0,0079
CLASSE_SOCIAL_PAIS	MEDIA	0,0487	0,0084
ESCOLARIDADE_PAI	F_M	0,0435	0,0448
ESCOLARIDADE_PAI	U	0,0031	0,0032
ESCOLARIDADE_MAE	F_M	0,0724	0,0272
ESCOLARIDADE_MAE	U	0,0080	0,0030
TITULACAO_AVO	ENS_BAS	0,0156	0,0031
TITULACAO_AVO	NR	0,0157	0,0023
TITULACAO_AVO	U	0,0365	0,0163
PROF_AVO	FP	0,0121	0,0199
PROF_AVO	NR	0,0170	0,0003
PROF_AVO	PAT	0,0028	0,0009
PROF_AVO	PL	0,0237	0,0187
PROF_AVO	TEC	0,0053	0,0393
OPCAO_PARTIDARIA	CENTRO	0,0002	0,0048
OPCAO_PARTIDARIA	DIREITA	0,0084	0,0038
OPCAO_PARTIDARIA	ESQUERDA	0,0039	0,0587
OPCAO_PARTIDARIA	NR	0,0034	0,0000
SOCIO_CLUBE	AS_VEZES	0,0050	0,0161
SOCIO_CLUBE	F	0,0412	0,0016
SOCIO_CLUBE	N	0,0035	0,0160
CAMINHADAS	AS_VEZES	0,0009	0,0031
CAMINHADAS	F	0,0017	0,0002
CAMINHADAS	N	0,0070	0,0039



TIPO_PEÇAS	BRASILEIRAS	0,0016	0,0354
TIPO_PEÇAS	BRODWAY/INTER	0,0004	0,0074
TIPO_PEÇAS	NR	0,0006	0,0116
LE_REVISTAS_CULT	AS_VEZES	0,0018	0,0077
LE_REVISTAS_CULT	F	0,0239	0,0315
LE_REVISTAS_CULT	N	0,0049	0,0003
LIVROS_LITERATURA	NAO	0,0010	0,0033
LIVROS_LITERATURA	SIM	0,0063	0,0212
LIVROS_TECNICOS	NAO	0,0001	0,0010
LIVROS_TECNICOS	SIM	0,0010	0,0078
LIVROS_COTIDIANOS	NAO	0,0024	0,0141
LIVROS_COTIDIANOS	SIM	0,0071	0,0422
LIVROS_NEGOCIOS_BUSINESS	NAO	0,0118	0,0006
LIVROS_NEGOCIOS_BUSINESS	SIM	0,0426	0,0023
ESPORTES	ACAD_NAT_ETC	0,0016	0,0020
ESPORTES	AR_LIVRE	0,0008	0,0018
ESPORTES	BASICOS	0,0003	0,0000
ESPORTES	EQUIPAMENTOS	0,0286	0,0001
ESPORTES	NR	0,0053	0,0000
MUSICA	BRASILEIRA	0,0028	0,1097
MUSICA	INTERNACIONAL_CLASSICO	0,0182	0,0012
MUSICA	NR	0,0107	0,0180
MUSICA	UNIVERSITARIAS	0,0000	0,0007
GRANDE_AREA	BANCOS_FINANCAS	0,0048	0,0006
GRANDE_AREA	CONSULTORIA	0,0041	0,0137
GRANDE_AREA	INDUSTRIA	0,0208	0,0002
GRANDE_AREA	NR	0,0010	0,0240

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

Tabela K – Coordenada de cada classe em cada dimensão

Variável	Categoria	Dim1	Dim2
SEXO	F	0,6898	0,6166
SEXO	M	-0,2099	-0,1876

CASA_DE_VERANEIO	NÃO	0,1938	-0,1092
CASA_DE_VERANEIO	SIM	-0,3347	0,1887
QUANTOS_AUTOMOVEIS	+2	-0,2222	-0,2915
QUANTOS_AUTOMOVEIS	DOIS	0,0243	0,1168
QUANTOS_AUTOMOVEIS	UM	1,0130	1,0991
TRABALHO_PAI	C/G	-0,0818	0,2773
TRABALHO_PAI	FP	0,8623	1,4596
TRABALHO_PAI	NR	-0,1051	-0,0740
TRABALHO_PAI	PAT	0,8835	-0,8305
TRABALHO_PAI	PL	-0,5162	0,1358
TRABALHO_MAE	CASA	0,7669	0,7328
TRABALHO_MAE	FP	0,6957	0,8700
TRABALHO_MAE	NR	-0,1376	-0,1459
TRABALHO_MAE	O	1,4936	-0,9846
TRABALHO_MAE	PL	-0,6575	-0,0862
RENDA_PAI	+10	-0,2765	-0,2500
RENDA_PAI	2e5	1,3207	0,2046
RENDA_PAI	5e10	-0,1006	0,1711
RENDA_PAI	NR	0,0564	1,2916
RENDA_MAE	+10	-0,1945	-0,3644
RENDA_MAE	2e5	0,2599	0,0451
RENDA_MAE	5e10	-0,7141	-0,5301
RENDA_MAE	<2	0,5656	-0,2161
RENDA_MAE	NR	-0,1983	0,9778
CLASSE_SOCIAL_PAIS	ALTA_MEDIA/ALTA	-0,5835	-0,2277
CLASSE_SOCIAL_PAIS	MEDIA	0,6237	0,2434
ESCOLARIDADE_PAI	F_M	1,5869	-1,5127
ESCOLARIDADE_PAI	U	-0,1133	0,1081
ESCOLARIDADE_MAE	F_M	1,6717	-0,9620
ESCOLARIDADE_MAE	U	-0,1857	0,1069
TITULACAO_AVO	ENS_BAS	-1,0975	0,4588

TITULACAO_AVO	NR	0,2811	0,1017
TITULACAO_AVO	U	-0,8763	-0,5502
PROF_AVO	FP	0,5577	-0,6730
PROF_AVO	NR	0,4683	0,0604
PROF_AVO	PAT	-0,2837	-0,1476
PROF_AVO	PL	-0,8290	-0,6914
PROF_AVO	TEC	-0,2675	0,6872
OPCAO_PARTIDARIA	CENTRO	-0,0744	-0,3512
OPCAO_PARTIDARIA	DIREITA	-0,3192	-0,2016
OPCAO_PARTIDARIA	ESQUERDA	0,4734	1,7317
OPCAO_PARTIDARIA	NR	0,1643	-0,0099
SOCIO_CLUBE	AS_VEZES	0,2416	-0,4056
SOCIO_CLUBE	F	-0,9763	-0,1810
SOCIO_CLUBE	N	0,1643	0,3307
CAMINHADAS	AS_VEZES	0,0846	-0,1487
CAMINHADAS	F	0,1552	0,0525
CAMINHADAS	N	-0,3291	0,2315
TIPO_PEÇAS	BRASILEIRAS	-0,3079	1,3453
TIPO_PEÇAS	BROADWAY/INTER	-0,0794	0,3290
TIPO_PEÇAS	NR	0,0558	-0,2378
LE_REVISTAS_CULT	AS_VEZES	0,1091	-0,2121
LE_REVISTAS_CULT	F	-0,7092	0,7652
LE_REVISTAS_CULT	N	0,2845	-0,0709
LIVROS_LITERATURA	NÃO	-0,0657	-0,1134
LIVROS_LITERATURA	SIM	0,4273	0,7369
LIVROS_TECNICOS	NÃO	-0,0239	-0,0630
LIVROS_TECNICOS	SIM	0,1810	0,4774
LIVROS_COTIDIANOS	NÃO	0,1106	-0,2529
LIVROS_COTIDIANOS	SIM	-0,3318	0,7588
LIVROS_NEGOCIOS_BUSINESS	NÃO	0,2411	-0,0521
LIVROS_NEGOCIOS_BUSINESS	SIM	-0,8715	0,1885

ESPORTES	ACAD_NAT_ETC	0,2050	-0,2118
ESPORTES	AR_LIVRE	-0,1617	0,2261
ESPORTES	BASICOS	0,0683	-0,0230
ESPORTES	EQUIPAMENTOS	-0,9728	0,0574
ESPORTES	NR	0,2468	0,0156
MUSICA	BRASILEIRA	0,4675	2,7345
MUSICA	INTERNACIONAL_CLASSICO	-0,4984	0,1211
MUSICA	NR	0,3513	-0,4287
MUSICA	UNIVERSITARIAS	0,0022	-0,0844
GRANDE_AREA	BANCOS_FINANCAS	-0,2420	0,0798
GRANDE_AREA	CONSULTORIA	-0,2445	0,4191
GRANDE_AREA	INDUSTRIA	0,7321	0,0714
GRANDE_AREA	NR	0,1200	-0,5540

Fonte: elaboração com dados da pesquisa.

## ANEXO

### GRADE CURRICULAR DO CURSO DE ENGENHARIA DA POLI USP

#### 1° semestre ideal

Disciplina Obrigatória	Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
FEP2196 Física para Engenharia II	4	0	60
FEP2198 Laboratório de Física para Engenharia II	2	0	30
MAP2121 Cálculo Numérico	4	0	60
MAT2454 Cálculo Diferencial e Integral para Engenharia II	4	0	60
MAT2458 Álgebra Linear para Engenharia II	4	0	60
PCC2122 Representação Gráfica para Engenharia	2	1	30
PME2100 Mecânica A	4	0	60
PMT2100 Introdução à Ciência dos Materiais para Engenharia	4	0	60
subtotal:	28	1	420

#### 3° semestre ideal

Disciplina Obrigatória	Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
FGE2203 Física para Engenharia III	6	0	90
MAT2455 Cálculo Diferencial e Integral para Engenharia III	4	0	60

Disciplina Obrigatória		Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
PEF2202	Introdução à Mecânica dos Sólidos	4	0	60
PME2200	Mecânica B	4	0	60
PMR2201	Introdução ao Projeto de Sistemas Mecânicos	6	0	90
PRO2208	Introdução à Economia	4	0	60
subtotal:		28	0	420

#### 4º semestre ideal

Disciplina Obrigatória		Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
FAP2204	Física para Engenharia IV	6	0	90
MAT2456	Cálculo Diferencial e Integral para Engenharia IV	4	0	60
PEA2288	Eletricidade Geral	4	0	60
PME2230	Mecânica dos Fluidos I	6	0	90
PMR2202	Introdução à Manufatura Mecânica	4	0	60
PRO2201	Estatística I	4	0	60
PRO2722	Probabilidades	4	0	60
subtotal:		32	0	480

#### 5º semestre ideal

Disciplina Obrigatória		Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
------------------------	--	-----------------	---------------------	------------------

Disciplina Obrigatória	Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
PEA2397 Laboratório de Eletricidade Geral II	2	0	30
PME2398 Termodinâmica e Suas Aplicações	4	0	60
PRO2310 Engenharia e Sociedade	4	0	60
PRO2411 Modelagem e Otimização de Sistemas de Produção	4	0	60
PRO2511 Laboratório de Sistemas de Informação	4	1	90
PRO2611 Contabilidade e Custos	4	0	60
PRO2723 Estatística	4	0	60
subtotal:	26	1	420

### 6° semestre ideal

Disciplina Obrigatória	Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
PHD2218 Introdução à Engenharia Ambiental	2	0	30
PQI2310 Processos Químicos	4	0	60
PRO2311 Administração e Organização	4	1	60
PRO2412 Modelagem Probabilística e Simulação de Sistemas de Produção	4	0	60
PRO2512 Automação e Controle	4	0	60
PRO2612 Engenharia Econômica e Finanças	4	0	60
PRO2712 Controle da Qualidade	4	0	60
subtotal:	26	1	390

### 7º semestre ideal

Disciplina Obrigatória	Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
PRO2312 Organização do Trabalho na Produção	4	1	90
PRO2415 Planejamento, Programação e Controle da Produção	4	0	60
PRO2420 Projeto da Fábrica	4	1	60
PRO2613 Economia de Empresas	4	0	60
PRO2713 Gestão da Qualidade de Produtos e Processos	4	0	60
PRO2715 Projeto do Produto e Processo	4	1	90
subtotal:	24	3	420

### 8º semestre ideal

Disciplina Obrigatória	Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
PRO2313 Ergonomia, Saúde e Segurança no Trabalho	4	1	90
PRO2416 Logística e Cadeias de Suprimento	4	0	60
PRO2421 Técnicas de Gerenciamento de Operações Industriais	4	0	60
PRO2513 Gestão da Tecnologia da Informação	4	1	90
PRO2801 Gestão de Projetos	4	1	90
PRO2814 Produção e Sustentabilidade	4	0	60
subtotal:	24	3	450

### 9º semestre ideal

Disciplina Obrigatória	Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
PRO2314 Gestão de Operações em Serviços	2	0	30
PRO2614 Princípios de Marketing para a Engenharia de Produção	2	0	30
PRO2802 Projeto Integrado de Sistemas de Produção	4	0	60
PRO2804 Projeto, Processo e Gestão da Inovação	2	0	30



Disciplina Obrigatória		Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
PRO2901	Trabalho de Formatura e Estágio Supervisionado I	2	8	270
subtotal:		12	8	420

### 10º semestre ideal

Disciplina Obrigatória		Crédito Aula	Crédito Trabalho	Carga Horária
DFD0451	Instituições de Direito	2	0	30
PRO2803	Gestão Estratégica da Produção	4	0	60
PRO2805	Prática de Formulação e de Projetos para Problemas Estruturais do Desenvolvimento Brasileiro	2	0	30
PRO2902	Trabalho de Formatura e Estágio Supervisionado II	2	8	270
subtotal:		10	8	390

## GRADE CURRICULAR DO CURSO DE ENGENHARIA DA UFSCAR

### 1o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Introdução à Engenharia de Produção	2	30
Química 2 Geral	4	60
Cálculo 1	4	60
Desenho Técnico para Engenharia	4	60
Introdução à Economia	4	60
Português	2	30
Geometria Analítica	4	60
Introdução à Programação e ao Uso de Bancos de Dados	4	60
<b>Total de créditos</b>	<b>28</b>	<b>420</b>

### 2o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga
------------	---------	-------

		Horária
Física 1	4	60
Química tecnológica Geral	6	90
Séries e Equações Diferenciais	4	60
Cálculo 2	4	60
Tecnologia Mecânica aplicada a Engenharia de Produção	2	30
Microeconomia	4	60
Modelos Probabilísticos Aplicados à Engenharia de Produção	4	60
<b>Total de créditos</b>	<b>28</b>	<b>420</b>

### 3o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Física 3	4	60
Física Experimental B	4	60
Princípios dos Processos Químicos	4	60
Ciências do Ambiente	4	60
Organização do Trabalho	4	60
Mecânica dos Sólidos 1	4	60
Mercadologia	2	30
Pesquisa Operacional para a Engenharia de Produção 1	4	60
<b>Total de créditos</b>	<b>30</b>	<b>450</b>

### 4o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Física 3	4	60
Física Experimental B	4	60
Princípios dos Processos Químicos	4	60
Ciências do Ambiente	4	60
Organização do Trabalho	4	60
Mecânica dos Sólidos 1	4	60
Mercadologia	2	30
Pesquisa Operacional para a Engenharia de Produção 1	4	60

<b>Total de créditos 30 450</b>	<b>30</b>	<b>450</b>
---------------------------------	-----------	------------

### 5o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Processos de Produção Agropecuária	4	60
Projeto e Desenvolvimento de Produto	4	60
Fenômenos dos Transporte	4	60
Sistemas de Informações Gerenciais	4	60
Automação Industrial	4	60
Teoria das Organizações	4	60
Pesquisa Operacional para a Engenharia de Produção	4	60
<b>Total de créditos</b>	<b>28</b>	<b>420</b>

### 6o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Introdução à Ciência e Tecnologia dos Materiais 4 60	4	60
Processos de Construção de Edificações 4 60	4	60
Operações Unitárias 4 60	4	60
Eletricidade para Engenharia de Produção 4 60	4	60
Planejamento e Controle da Produção 1 4 60	4	60
Projeto do Trabalho 4 60	4	60
Simulação de Sistemas 4 60	4	60
Contabilidade Básica 2 30	2	30
<b>Total de créditos 30 450</b>	<b>30</b>	<b>450</b>

### 7o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Processamento de Materiais Cerâmicos 4 60	4	60
Laboratório de Processos Químicos 4 60	4	60
Processamento de Materiais Poliméricos 4 60	4	60
Engenharia Econômica 4 60	4	60
Gestão da Qualidade 1 4 60	4	60

Gerenciamento de Projetos 2 30	2	30
Ergonomia 4 60	4	60
Custos Gerenciais 2 30	2	30
<b>Total de créditos 28 420</b>	<b>28</b>	<b>420</b>

### 8o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Processamento de Materiais Metálicos	6	90
Ensaio e Caracterização de Materiais	4	60
Processos da Indústria Química	4	60
Projeto de Unidades Produtivas	4	60
Métodos para Controle e Melhoria da Qualidade	4	60
Planejamento e Controle da Produção 2	4	60
Logística Empresarial	2	30
<b>Total de créditos</b>	<b>28</b>	<b>420</b>

### 9o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Projeto de Monografia em Engenharia de Produção	4	60
Administração Financeira	2	30
Planejamento e Controle da Produção 3	4	60
Novos Empreendimentos	2	30
Gestão de Operações de Serviços	2	30
<b>Total de créditos</b>	<b>14</b>	<b>210</b>

### 10o Semestre

Disciplina	Crédito	Carga Horária
Monografia em Engenharia de Produção	6	90
Projeto de Empresas	2	30
Gestão da Cadeia de Suprimento	2	30
Estágio Supervisionado para Engenharia de Produção	12	180
Optativa	2	30

**Total Geral do Curso 264 3960****GRADE CURRICULAR DO CURSO DE ENGENHARIA E PRODUÇÃO DA  
UNIVERSIDADE PARTICULAR**

Administração  
Atividades Complementares  
Atividades Práticas Supervisionadas  
Cálculo com Geometria Analítica  
Cálculo de Funções de Várias Variáveis  
Ciência dos Materiais  
Ciências Sociais  
Cinemática dos Sólidos  
Complementos de Física  
Complementos de Química Aplicada  
Comunicação e Expressão  
Contabilidade e Custos Industriais  
Desenho Técnico  
Desenvolvimento Sustentável  
Dinâmica dos Sólidos  
Distribuição e Armazenagem  
Economia  
Educação Ambiental (Optativa)  
Eletricidade Básica  
Engenharia da Qualidade  
Engenharia de Produção Mecânica Integrada  
Engenharia de Produção Mecânica Interdisciplinar  
Engenharia e Meio Ambiente  
Engenharia Econômica  
Equações Diferenciais  
Ergonomia e Manutenção Industrial  
Estágio Supervisionado  
Estágio Supervisionado (orientação)  
Estática dos Fluidos  
Estática nas Estruturas  
Estatística Descritiva  
Estatística Indutiva  
Estudos Disciplinares  
Ética e Legislação Profissional

Fabricação Mecânica  
Fabricação Mecânica e Metrologia Aplicadas  
Fenômenos de Transporte  
Fundamentos da Engenharia Econômica  
Fundamentos de Circuitos Elétricos  
Fundamentos de Termodinâmica  
Gestão da Produção e Administração de Materiais  
Higiene e Segurança Industrial  
Homem e Sociedade  
Interpretação e Produção de Textos  
Língua Brasileira de Sinais (Optativa)  
Logística Integrada  
Marketing do Produto  
Materiais de Construção Mecânica Aplicada  
Mecânica da Partícula  
Mecânica dos Fluidos  
Mecânica dos Fluidos Aplicada  
Metodologia do Trabalho Acadêmico  
Métodos de Pesquisa  
Modelagem de Negócios e Estudo de Mercado  
Noções de Direito  
Pesquisa Operacional  
Planejamento e Controle da Produção  
Processos de Fabricação  
Programação de Computadores  
Programação Linear  
Projetos de Elementos de Máquinas  
Projetos de Máquinas  
Química Aplicada  
Química Básica  
Racionalização do Trabalho  
Relações Étnico-Raciais e Afrodescendência (Optativa)  
Resistência dos Materiais  
Sistemas Avançados de Gestão de Produção  
Termodinâmica Aplicada  
Termodinâmica Básica  
Tópicos de Atuação Profissional  
Tópicos de Física Geral e Experimental  
Tópicos de Informática  
Tópicos de Matemática  
Trabalho de Curso I - Projeto do Produto  
Trabalho de Curso II - Projeto da Fábrica  
Carga Horária Mínima: **3.600 Horas**